



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS - UFNT
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA -
PPGLIT**

**ANÁLISE SEMIÓTICA DE NARRATIVAS DE MULHERES-PROFESSORAS-
APOSENTADAS DO NORTE DO TOCANTINS: sujeitas da/na história**

Aprovado pelo Conselho de Ética, Parecer n. 5.825.970

ÉRICA DE CÁSSIA MAIA FERREIRA

Araguaína, TO

2023

ÉRICA DE CÁSSIA MAIA FERREIRA

**ANÁLISE SEMIÓTICA DE NARRATIVAS DE MULHERES-PROFESSORAS-
APOSENTADAS DO NORTE DO TOCANTINS: sujeitas da/na história**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura – PPGLIT, da Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT, *Campus* de Araguaína, como requisito para exame de qualificação, sob a orientação da profa. Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva e coorientação da profa. Dra. Ana Crélia Penha Dias.

Araguaína, TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

F383a Ferreira, Érica de Cássia Maia .
ANÁLISE SEMIÓTICA DE NARRATIVAS DE MULHERES-
PROFESSORAS-APOSENTADAS DO NORTE DO TOCANTINS: : sujeitas
da/na história . / Érica de Cássia Maia Ferreira. – Araguaína, TO, 2023.
378 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Doutorado) em Letras
Ensino de Língua e Literatura, 2023.

Orientadora : Luiza Helena Oliveira da Silva

Coorientadora : Ana Crélia Penha Dias

1. Mulheres-professoras-aposentadas. 2. Histórias de vida. 3. Memória. 4.
Semiótica discursiva. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

ÉRICA DE CÁSSIA MAIA FERREIRA

**ANÁLISE SEMIÓTICA DE NARRATIVAS DE MULHERES-PROFESSORAS-
APOSENTADAS DO NORTE DO TOCANTINS: sujeitas da/na história**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura – PPGLIT, da Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT, *Campus* de Araguaína, como requisito para exame de qualificação, sob a orientação da profa. Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva e coorientação da profa. Dra. Ana Crélia Penha Dias.

Banca de Defesa em 30 de março de 2023.



Documento assinado digitalmente
LUIZA HELENA OLIVEIRA DA SILVA
Data: 13/04/2023 16:30:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva – Orientadora (UFNT)

Dra. Ana Crélia Penha Dias – Coorientadora (URRJ/UFNT)

Dra. Naiane Vieira dos Reis Silva – avaliadora externa (IFCE)

Dra. Eliane Aparecida Miqueletti – avaliadora externa (UFGD)

Dra. Janete Silva dos Santos – avaliadora interna (UFNT)

Dra. Nilsa Brito Ribeiro - avaliadora externa (UNIFESSPA)

Dr. Dernival Venâncio Ramos Júnior – suplente (UFNT)

Documento assinado digitalmente



ANA CRELIA PENHA DIAS
Data: 27/04/2023 13:01:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente



NAIANE VIEIRA DOS REIS SILVA
Data: 13/04/2023 11:32:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente



ELIANE APARECIDA MIQUELETTI
Data: 13/04/2023 10:55:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente

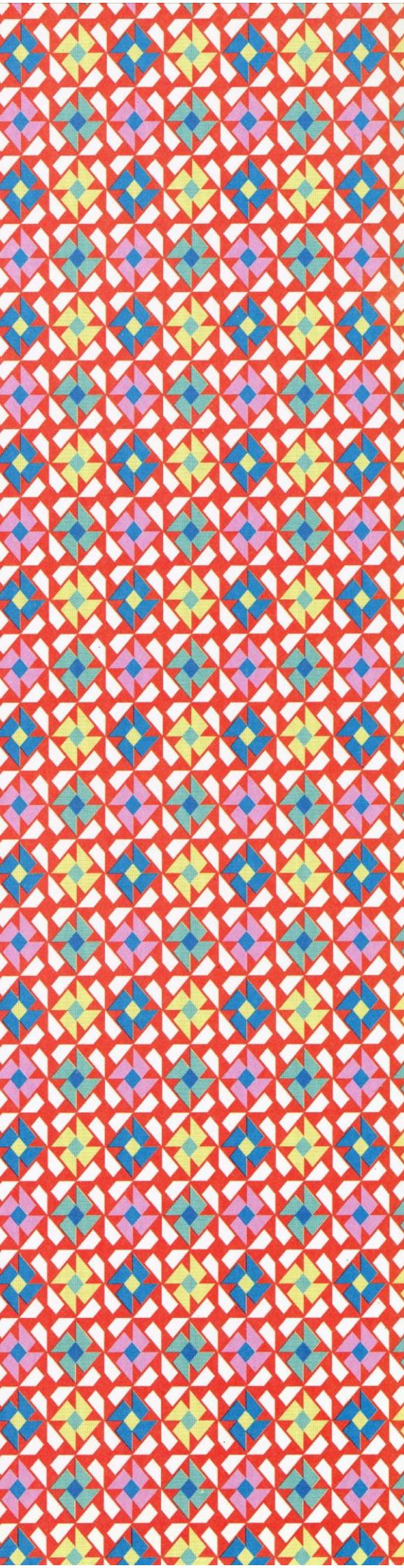


JANETE SILVA DOS SANTOS
Data: 13/04/2023 22:39:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente



NILSA BRITO RIBEIRO
Data: 27/04/2023 13:46:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



Dedico esta tese a todas as professoras e professores que lutam, todos os dias, para promover seus estudantes. Às professoras Ana, Antônia, Cidinha, Diná, Eliana, Ester, Marta, Nama, Solange, Valdeci, por terem confiado a mim suas histórias de vida. Em especial, à professora Valdeci (em memória) que fez a passagem antes que eu pudesse ver aqui o quanto foi e sempre será importante para mim; pela vida dedicada à educação e a promover os seus sujeitos; por ter me ensinado não só conteúdos, mas generosidades. À minha avó Edla Maria Maia, que foi colo, voz leitora afetiva, uma inspiração. À minha mãe, que me permitiu crescer entre livros, em condições tão desfavoráveis à leitura, e por me inspirar em tudo. Ao meu pai, que sempre rememora as narrativas da família, os nossos começos e nutre minha alma com memórias e afetos. Ao meu tio Chiquita (em memória), um fascinante contador de histórias, que alimentou a minha alma, foi afeto, me apresentou o mundo da imaginação, a palavra narrada e me ensinou a escuta. À escola e universidade pública que me formou para formar outros sujeitos.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) pelo financiamento do presente trabalho – Código de Financiamento 001.

À Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) pela oferta dos cursos de pós-graduação e pelo seu compromisso com o desenvolvimento regional e a formação de sujeitos e sujeitas sociais.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLLIT) por reunir profissionais competentes e desenvolver estudos comprometidos com o ensino.

À Dra. Luiza Helena de Oliveira Silva, minha orientadora, pela parceria acadêmica e fazer conjunto; por apontar caminhos e viver comigo cada etapa desse estudo; À Luiza, minha amiga, que está sempre comigo “na alegria e na dor”.

À Dra. Ana Crélia Penha Dias, minha coorientadora, pelas experiências de leitura e interlocuções, em especial, no grupo *Mulheres na formação*; À Ana Crélia, minha amiga, por me escutar sempre, pela leveza e boniteza de nossa amizade.

Aos técnicos da UFNT, em especial ao Aloísio Orione, secretário acadêmico do PPGLLIT, por cuidarem da infraestrutura educacional necessária a todos nós.

Aos professores e professoras do PPGLLIT (Janete, João de Deus, Márcio Melo, Betina Cunha, Ana Crélia Dias e Luiza Helena) por pensarem as disciplinas a partir de nossas pesquisas.

Às mulheres-professoras-aposentadas Ana, Cidinha, Diná, Eliana, Solange e Valdeci por tudo que me ensinaram na educação básica, por serem sempre abraço e boas palavras, por serem mulheres engajadas com lugar onde vivem e os sujeitos que nele habitam; pelas histórias de vida partilhadas.

Às mulheres-professoras-aposentadas Antônia, Ester, Marta e Nama, por dedicarem suas vidas à educação pública e à promoção dos estudantes; por partilharem suas vidas comigo, sem nem me conhecerem; pela amizade construída a partir da pesquisa.

Às professoras Dra. Eliane Aparecida Miqueletti, Dra. Janete Santos e Dra. Naiane Vieira Reis, e ao professor Dr. Dernival pelas contribuições na banca de qualificação; pela leitura cuidadosa e apontamentos que me fizeram seguir mais confiante.

À professora Dra. Nilsa Brito (UNIFESSPA) pela oportunidade da comunicação no simpósio *Práticas Discursivas em Contexto de Formação* (SETEPC – UFNT/UNIFESSPA/UFRGS) pelas sugestões de leitura e apontamentos para a escrita.

Ao Grupo de Estudos do Sentido (GESTO) e ao Coletivas Raimundas pelos encontros, estudos e escritas; pelas amizades, em especial, de Jaciele, Olívia Medeiros e Kênia Costa.

Ao meu pai Sebastião (Laudi) e à minha mãe Edlacyr por terem lutado para que eu e meus irmãos estudássemos; por terem nos ensinado a ser amor; por estarem comigo em tudo; por acreditarem em mim sempre; por alimentarem o meu corpo e a minha alma; pelo sentido que dão à minha vida; por me ensinarem a coletividade e serem exemplos de trabalho, honestidade, humildade, fé etc.

Aos meus irmãos Elaine, Manoel, Eneila de Cássia, Evandro e Elinne de Cássia por cuidarem de mim, serem as vozes que sempre quero escutar; por nunca me deixarem só; por dedicarem todo os dias um tempo para uma mensagem, uma *Web* chamada para conferir meu riso ou a ausência dele; por acharem que podem me proteger das dores do mundo e serem também razão do meu existir; por compreender as minhas ausências (“só que não”).

Ao Joao Arthur, José Henrique e Luiz Otávio, meus sobrinhos-afilhados e filhos afetivos, por trazerem leveza para a minha vida, me convocarem a brincar, a dar colo, a olhar tudo como eles e me ensinarem que tudo pode ser simples e divertido; por me ensinarem que amar não tem limites; por serem o meu motivo diário e acender o melhor em mim.

Ao Márcio Melo, por ter sido a minha primeira escuta do projeto de pesquisa; por estar comigo e me compreender, sobretudo, nos momentos de conclusão desta tese; por parar sempre para me ouvir e ter sempre uma palavra boa para dizer; pela vida juntos.

À dona Mercedes, Taine, Héliida, Maria Lúcia, Roseli e Wendel e a todos da família Araújo Melo por me acolherem com amor, pela convivência e pelas orações. Em especial à Maria Lúcia pelas mensagens diárias que sempre dizem “Estamos rezando por você. Maria passa na frente”.

À Luiza Klinke de Melo por compor comigo esta tese, olhar sensivelmente cada narradora e ilustrá-las tão “bonitamente”; pela nossa amizade, parceria e cuidados mútuos.

Aos amigos Nilza, Hosana e Mendanha que, nos dias mais obscuros dos últimos 4 anos, me ajudarem a seguir caminhando; pelas longas conversas, pela amizade.

À minha prima-irmã Ediclea (Dicla) por me inspirar a ser livre e a não temer a vida; por ser amor inteiro e estar comigo desde que nasci.

À Francisca Verônica, minha amiga-irmã, por ser minha família em Araguaína e me permitir a sua família; pelas leituras partilhadas; por me ensinar que a vida pode ser leve.

À Betina Cunha pelo privilégio da nossa amizade, pelo convívio sempre regado a muitos abraços e emoções indescritíveis; pelas mensagens carregadas de afeto e credibilidade; por me permitir aprender melhor o texto literário.

Às amigas Naiane, Jane, Edna e Tania Rosa que deram a mão ainda no MEL, em 2011, e de lá para cá serem escuta e partilharem leituras; pela amizade, respeito e companheirismo.

Ao Adailton Silva, meu parceiro de trabalho e amigo muito amado, por ser afetuoso e confiar em mim; por ser um exemplo de professor-doutor pelo PPGLLIT atuando na rede pública, na formação professores e professoras da rede; pelos “sins” aos projetos que empreendemos juntos.

Às transcritoras Morgana Sabina da Silva e Glayce Martins Carvalho pelo cuidado com os dados e a sensibilidade na escuta.

RESUMO

Esta tese analisa as histórias de vida e de formação de professoras aposentadas residentes no Tocantins. Consiste num estudo interdisciplinar que se orienta pela História Oral, pela Semiótica discursiva e por estudos da história de mulheres. Objetivou investigar a história de vida de professoras aposentadas que atuaram no Norte Tocantinense com vistas a registrar as suas experiências estudantis e acadêmicas, bem como da docência e aposentadoria, pelo fato de compreendermos que suas histórias colaboram para a história educacional da região. Entrevistamos dez mulheres-professoras-aposentadas, sendo seis docentes que atuaram no município de Araguatins e quatro de Araguaína. O fato de termos desenvolvido um estudo interdisciplinar nos permitiu compreender a memória em suas acepções, as transformações vividas pelas sujeitas mulheres-professoras-aposentadas na relação com outros sujeitos e dos sujeitos com o objeto. Adotamos a entrevista semiestruturada como instrumento de produção de dados, utilizando dois recursos: áudio e vídeo-áudio. Considerando que o percurso gerativo do sentido permite-nos identificar a relação entre os sujeitos e dos sujeitos com o objeto (BERTRAND, 2003, p. 286), e suas transformações implicadas pelos acontecimentos vividos, relacionamos as categorias estruturantes das entrevistas às categorias semióticas de competência, performance e sanção, para compor as seções de análise. Para as análises, entrecruzamos as histórias de vida das narradoras considerando as regularidades e singularidades presentes nas narrativas que revelam as mulheres-professoras-aposentadas ora como destinadoras de seus próprios destinos ora como sujeitas manipuladas que foram levadas a um *fazer-ser* visando um *fazer-fazer* (GREIMAS; COURTÈS, 2008, p. 300). Ainda, apresentamos o processo de competencialização e performance à luz da sintaxe narrativa que inscreve cada uma das mulheres-professoras-aposentadas como sujeitas do “saber-fazer” e do “fazer-ser” (GREIMAS; COURTÈS, 2008, p. 74-77; 362-363), e o “absoluto de competência”, a *sanção* (GREIMAS; COURTÈS, 2008, p. 426), na perspectiva da sintaxe do percurso narrativo canônico. As análises são permeadas de sentidos construídos a partir do que também somos constituídas como mulheres-professoras-pesquisadoras e que, muitas vezes, nos identificamos e/ou nos vemos refletidas no que enunciaram as narradoras. Para tanto, recorreremos aos estudos sobre a memória em Agostinho (2015), Benjamin (2012), Bosi (2003), Gagnebin (2009), Portelli (2016), Ramos Jr. (2011, 2016, 2019, 2020), Ricouer (2007), Silva (2016, 2019, 2021) e Thompson (1992); sobre a história das mulheres em Anzaldúa (2000), Federici (2019, 2017), Hooks (2017) e Perrot (2019, 2020); e semiótica discursiva em Bertrand (2003), Fiorin (1996, 2015), Fontanille (2016, 2011), Greimas e Courtés (2007), Landowski (2014, 2022), Silva (2021, 2016) e Zilberberg (2011); e Freire (2019; 2011; 2021), que trata sobre o professor/a como sujeito do saber que se constitui na relação com o mundo e da nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente. As narrativas revelaram as sujeitas do *querer, dever, saber e fazer* que são as mulheres-professoras-aposentadas e o quanto, a partir de uma prática educativa engajada e humana (FREIRE, 2021), contribuíram com a formação de sujeitos sociais durante 25 ou mais anos na escola pública.

Palavras-chave: mulheres-professoras-aposentadas; histórias de vida; memória; semiótica discursiva.

ABSTRACT

This thesis analyzes the life stories and formation of retired female teachers residing in Tocantins. It's an interdisciplinary study guided by Oral History, Discursive Semiotics, and studies on women's history. The objective was to investigate the life histories of retired teachers who worked in the northern part of Tocantins in order to record their academic and teaching experiences, as well as retirement, as their stories contribute to the educational history of the region. We interviewed ten retired female teachers, six of whom worked in the municipality of Araguaínas and four in Araguaína. The fact that we developed an interdisciplinary study allowed us to understand memory in its various meanings, the transformations experienced by female teacher subjects in relation to other subjects and objects. We adopted the semi-structured interview as a data production instrument, using two resources: audio and video-audio. Considering that the generative path of meaning allows us to identify the relationship between subjects and between subjects and objects (BERTRAND, 2003, p. 286), and their transformations implied by lived events, we related the structuring categories of the interviews to the semiotic categories of competence, performance, and sanction, to compose the analysis sections. For the analysis, we intertwined the life stories of the narrators, considering the regularities and singularities present in the narratives that reveal the retired female teachers as either the creators of their own destinies or as manipulated subjects who were led to a *being-doing* aiming at a *doing-being* (GREIMAS; COURTÈS, 2008, p. 300). We also present the process of competency and performance in the light of the narrative syntax that inscribes each of the retired female teachers as subjects of "knowing-doing" and "being-doing" (GREIMAS; COURTÈS, 2008, p. 74-77; 362-363), and the "absolute of competence", and *sanction* (GREIMAS; COURTÈS, 2008, p. 426), from the perspective of the syntax of the canonical narrative path. The analyses are permeated with meanings constructed from what we also constitute as female teacher-researchers and which, often, we identify and/or see reflected in what the narrators stated. To do so, we rely on studies on memory in Agostinho (2015), Benjamin (2012), Bosi (2003), Gagnebin (2009), Portelli (2016), Ramos Jr. (2011, 2016, 2019, 2020), Ricoeur (2007), Silva (2016, 2019, 2021) and Thompson (1992); on women's history in Anzaldúa (2000), Federici (2019, 2017), Hooks (2017) and Perrot (2019, 2020); and discursive semiotics in Bertrand (2003), Fiorin (1996, 2015), Fontanille (2016, 2011), Greimas and Courtés (2007), Landowski (2014, 2022), Silva (2021, 2016) and Zilberberg (2011); and Freire (2019; 2011; 2021), which deals with the teacher as a subject of knowledge who is constituted in relation to the world and our ethical responsibility in the exercise of our teaching task. The narratives revealed the subjects of wanting, duty, knowledge, and action that are the retired female teachers and how, from an engaged and humane educational practice (FREIRE, 2021), they contributed to the formation of social subjects for 25 or more years in public schools.

Keywords: retired women teachers; life stories; memory; discursive semiotics.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Categorias e Questões Norteadoras	27
Quadro 2 - Apresentação inicial - Narradoras, Araguatins/TO	32
Quadro 3 - Narradoras de Araguaína – TO	36-37
Quadro 4 - Cronograma das Entrevistas	39
Quadro 5 - Dom e Docência	127-128
Quadro 6 - Professoras Nível Magistério	135

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1- Narradora Diná	43
Ilustração 2- Narradora Ana	46
Ilustração 3- Narradora Solange (Sol)	49
Ilustração 4 - Narradora Eliana	51
Ilustração 5- Narradora Valdeci	54
Ilustração 6- Narradora Aparecida (Cidinha)	57
Ilustração 7- Narradora Antônia	60
Ilustração 8- Narradora Ester	63
Ilustração 9- Narradora Nama	66
Ilustração 10- Narradora Marta	68

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Manifesto da Escola Nova	104
Figura 2 - Pedagogia do castigo	124

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DRE	Diretoria Regional de Ensino
EAFA	Escola Agrotécnica Federal de Araguatins
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FACILA	Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Araguaína
FNDE	Fundo Nacional da Educação Básica
GESTO	Grupo de Estudos do Sentido – Tocantins
HO	História Oral
IBECC	Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura
IGEPREV	Instituto de Gestão Previdenciária do Tocantins
INEP	Instituto Nacional Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LRF	Lei de Responsabilidade Fiscal
MEC	Ministério da Educação
MOBRAL	O Movimento Brasileiro de Alfabetização
NURG/RJ	Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro
PARFOR	Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
PNA	Política Nacional de Alfabetização
PNATE	Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar
PNE	Plano Nacional de Educação
PNTE	Programa Nacional de Transporte Escolar
PROFLETRAS	Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional
SASE	Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino
SEDUC	Secretaria Estadual de Educação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFNT	Universidade Federal do Norte do Tocantins
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UFT	Universidade Federal do Tocantins

UnirG

Universidade de Gurupi

UNITINS

Fundação Universidade do Tocantins



...nessa época eu já tinha, já tinha o primeiro filho. Tinha dezenove anos já, lá no município né? de Ceres. Aí deixava os meninos nas casas das vizinhas pra ir trabalhar. Aí naquela época era () tinha menino do primeiro aninho, do abczinho, primeiro, segundo, tudo misturado. O local de chão batido, uma escolinha assim antiga e os bancos eram um pedaço de madeira grande, e uma mesa e eles ficavam ali sentados ao redor daquela mesa. Eram poucos alunos. Eram dez, doze. Era assim, nesse local. Aí quando tinha no povoado, tinha as escolinhas melhores, mas tinham pais que não tinham como levar. Não era muito pertinho assim. As coisas eram mais difíceis... (SOUZA, Ana Feitosa de, 2019, p. 2).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 VOZES RESSOANTES DE MULHERES: da metodologia do trabalho	27
2.1. Das sujeitas da pesquisa	29
2.1.1 Motivações do estudo e breve perfil das sujeitas narradoras.....	34
2.2 Escolhas teórico-metodológicas	42
2.3 Em cena, as narradoras: encontros e escutas	45
3 ENSINANDO E APRENDENDO, AS MULHERES TECEM SUAS HISTÓRIAS: MEMÓRIA E DOCÊNCIA	80
3.1 Memória como narrativa	84
3.2 “Ninguém empata de eu estudar, não quero nem saber”	87
3.3 Histórias de vida: recordação e significação.....	94
3.4 Acontecimento e memória	100
4 A ESCOLA COMO ESPAÇO SIGNIFICATIVO DA VIDA ESTUDANTIL E PROFISSIONAL: imagens de si e da escola	106
4.1 “Numa escola multisseriada, num único salão que uma Associação Espírita organizou”: a ausência da escola pública e a presença da escola confessional	109
4.1 A minha mãe desmanchava e fazia uniforme e nós usamos os quatro anos esses uniformes: a mulher-mãe-trabalhadora como destinadora da escolarização de seus filhos	119
4.2 “Técnico não tinha mulheres, eu era a primeira”: a diferença entre os gêneros	123
4.3 A pedagogia do castigo e a imagem positiva do/a professor/a e da escola: "Eu fui alfabetizada era no abc onde tinha um professor que, quando a gente errava, ele vinha com a palmatória na mão"	126
4.4 A docência como destino programado e o discurso do dom: “a minha escolha ela foi nata”.....	135
5 ENSINAR PARA CONTINUAR A APRENDER: competencialização e performance	140
5.1 Competencialização.....	141
5.1.1 “Eu nunca na minha vida imaginei que eu ia ser professora”	143
5.1.2 “Ia dando aula sem saber se era certo, mas querendo acertar”	146
5.1.3 “Tinha nem terminado ainda o curso do Magistério”	148
5. 2 Mulheres-professoras em ação (Performance).....	157

5.2.1 “... houve momentos difíceis porque toda teoria é um pouco distante da prática”.....	157
5.2.2 <i>Fazer-ser</i> professora “Você aprende na prática mesmo”	163
5.2.3 “Nós não tínhamos nada, nada, nada, nada a não ser o lápis, o caderno”	168
6 AVALIAÇÃO DO FAZER E DA APOSENTADORIA: imagem de si e da docência	173
6.1 “Eu achei horrível aposentar”	174
6.2 “Eu não me cansei ainda de ‘tá’ aposentada”	178
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	188
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	192
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	202
APÊNDICE B - ENTREVISTAS	205
ANEXO - NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE TEXTOS ORAIS	378

1 INTRODUÇÃO

Comecei a escrita desta tese num momento de extremos, do ponto de vista da saúde coletiva mundial em função da pandemia da COVID-19, do retorno à miséria no Brasil em função de medidas de cunho neoliberal empreendidas pelo governo federal nos últimos quatro anos e, mais recentemente, pelo assombro trazido por imagens da guerra entre russos e ucranianos. Impactada por todos esses acontecimentos, e ainda pela perda de uma das narradoras, a professora Valdeci, escrever nesse contexto foi, por vezes, angústia, ainda que também matriz para mobilizar as forças do encorajamento para enfrentar as mazelas de nosso tempo e resistir com esperança e alegria, como bem ensina-nos Paulo Freire em *Pedagogia da autonomia* (FREIRE, 2021).

Escrever sobre trajetórias de vida de mulheres-professoras-aposentadas que me formaram quando estudante da educação básica e, ainda, sobre mulheres-professoras-aposentadas que formaram tantos outros sujeitos e sujeitas sociais, em Araguaína, parece-me um dos modos políticos de enfrentar esse momento, organizando sentidos necessários para interpretar dinâmicas educacionais de nossa região e, nessa direção, também agir como atriz social a partir dos saberes produzidos e de muitas vozes.

Introduzo a tese com uma epígrafe capturada da entrevista com Ana Feitosa Souza, minha professora no 3º ano do Ensino Fundamental, possivelmente no ano de 1986, que, ao narrar o seu percurso de professora iniciante, aos 19 anos, em Goiás, revela as condições de vida e trabalho que veremos, a despeito de momentos e locais distintos, como recorrente nas histórias das diferentes narradoras que têm voz neste trabalho. Ana deixava o filho com a vizinha para ensinar o *ABC*, numa turma multisseriada, numa escola improvisada assim descrita: "O local era de chão batido, uma escolinha assim antiga e os bancos eram um pedaço de madeira grande e uma mesa. E eles [os estudantes] ficavam ali sentados ao redor daquela mesa" (SOUZA [Ana], 2019).

Vivendo no campo e diante da ausência de escolas com infraestrutura, Ana comprometeu-se com a comunidade, educando os filhos daquele lugar. Tecia ela com as outras mulheres uma rede de apoio importante. Havia quem cuidasse de seu filho para que ela ensinasse aos filhos da comunidade, seguindo essa cultura do cuidado, em geral, nutrido pelas mulheres. O conhecimento que tinha Ana fez continuar nas crianças, numa sala multisseriada, onde ensinar tornava-se ainda mais desafiador.

Ao longo da história, tem sido esse o percurso de mulheres que se tornam e se formam professoras no Brasil. Aprender para ensinar, afinal, é um compromisso político e social assumido por inúmeras mulheres. Aprender para ensinar os filhos, os parentes, os vizinhos, as crianças da rua, da comunidade. Anos a fio, mulheres, em especial das camadas populares, têm se dedicado à docência e, após permanecerem vinte e cinco anos ou mais dedicadas a esse fazer, deparam-se com a aposentadoria, o envelhecimento e o conseqüente silenciamento sobre sua atividade profissional. Embora tenham almejado sua aposentadoria e esta seja um direito constitucional, essas docentes aposentadas sofrem uma mudança abrupta e passam de uma rotina frenética de interação e interlocução para outra doméstica, restrita ao seio familiar, com dura quebra das relações sociais.

Nessa linha temática de trabalho com a memória de sujeitos da classe trabalhadora, há poucos estudos que fazem o recorte de gênero. De modo geral, as pesquisas majoritariamente se interessam pelos feitos de homens pertencentes à elite econômica e política, enquanto o interesse por operários emerge bem posteriormente (THOMPSON, 1992). Pesquisas voltadas para mulheres surgem de modo mais sistemático em 1960 e estão ligados à resistência feminina, no período da ditadura militar. Outros estudos registram e estão ligados à memória, ao trabalho e à identidade de mulheres. Daí, promover estudos sobre histórias de vida de mulheres-professoras-aposentadas é uma tentativa no sentido de fazer ecoar as vozes desse público, desfazendo séculos de silenciamento e esquecimento. Nessa direção, partimos das seguintes perguntas: Como mulheres-professoras-aposentadas que atuaram no norte tocantinense significam as suas experiências estudantis, acadêmicas, docentes e da aposentadoria? Como as histórias dessas mulheres podem contribuir com a história da educação da região? Para tanto, buscamos fazer um recorte de classe, de raça e gênero por acreditarmos que são dados que podem servir para traçar um perfil, colaborando para um desenho que descortine as imagens de quem faz educação no Tocantins.

Nessa direção, este estudo reconhece que mulheres-professoras-aposentadas constituem um grupo particular de atores sociais e testemunhas de um passado atualizado, como diria Agostinho (2015), pelo olhar do presente. Em seus relatos de memória, compartilham suas experiências e ajudam a elucidar meandros da história, sob perspectivas outras, obscurecidas pelas relações de gênero. Cada narrativa carrega sentidos outros que podem contribuir tanto para a comunidade local na qual mais diretamente se inserem quanto para uma história maior, constituindo-se por outras vozes sociais. Daí, reunir e analisar as histórias de vida de professoras aposentadas que atuaram no Norte Tocantinense fez-se como um compromisso pessoal e

acadêmico, na medida em que nos interessa a ação protagonista dessas profissionais na história da educação nessa região. Ademais, suas narrativas elucidam a respeito da história de outros sujeitos e sujeitas da educação, sobretudo relativos a um dado momento histórico e situados em diferentes localidades do interior do Brasil, inscrevendo-nos também num estudo etnográfico.

Por tudo isso, investigar a história de vida de professoras aposentadas que atuaram no Norte Tocantinense com vistas a registrar as suas experiências estudantis e acadêmicas, bem como da docência e aposentadoria que, de certa forma, colaboram para a história educacional da região, consistiu no objetivo principal deste estudo. Objetivamos ainda:

- i. Analisar o modo como as mulheres-professoras-aposentadas narram os acontecimentos vividos na escola durante o seu processo de formação básica e de atuação docente.
- ii. Analisar as transformações das professoras reveladas na/pela memória.
- iii. Analisar como as mulheres-professoras-aposentadas aprenderam a ensinar e como ensinavam;
- iv. Analisar que imagens têm as professoras de si e o modo como cada uma constrói sentidos para a sua carreira docente depois de aposentadas.
- v. Mapear os percursos e deslocamentos feitos pelas narradoras para se formarem professoras;

Todas essas questões foram ponto de partida e chegada para nós, pois, antes pressupostas, agora, como veremos nas análises, ficam evidenciadas no que enuncia cada narradora.

No contexto brasileiro, inicialmente o magistério era exercido por homens. Só no final do século XIX é que ocorre a feminização do magistério, que está também vinculada ao desenvolvimento econômico do país. No contexto de desenvolvimento da industrialização e emergência de novos modos de vida e urbanização da sociedade, surgiu uma demanda escolar tanto para profissionalização de trabalhadores quanto para o atendimento dos filhos dessa classe. Como consequência desse processo social e econômico, tem-se a crescente inserção da mulher no magistério. Absorvidas, a princípio, para atuar na formação inicial de crianças, mais especificamente na alfabetização, as mulheres assumem essa etapa de ensino, sobretudo pela capacidade cuidadora que, estigmatizada, julgam natural ao gênero (FEITOSA, 2017). A docência na educação básica acaba, por fim, a formar um dos guetos de ocupação profissional das mulheres.

Essa feminização do magistério leva-nos a considerar, então, questões como a consequente precarização da remuneração, a problemática da jornada de trabalho, os desafios da formação inicial e continuada. O magistério configurou-se para as mulheres como uma possibilidade de trabalho fora do lar e que, além de socialmente aceito, constitui um lugar de atuação pública onde puderam assumir suas vozes e iniciaram lutas históricas em prol da coletividade (LOURO, 1989).

Como em outras localidades do interior brasileiro, principalmente nas regiões mais distantes dos grandes centros econômicos, no Norte do Tocantins, a educação foi feita, inicialmente, por professoras leigas, mulheres que, embora sem formação básica, em virtude da ausência de uma política de formação e de investimentos na infraestrutura educacional ao longo do tempo, ensinaram. Tal percepção, inicialmente, pressupunha que era ausente a formação inicial para o exercício do Magistério. Porém, como veremos nas análises apresentadas nas seções 3, 4 e 5, as histórias de vida das narradoras confirmam essa ausência de formação e revelam a precarização da formação, da remuneração e das condições de trabalho das educadoras.

Como dado comum, as mulheres precisaram migrar em busca de formação e estabilidade profissional para cidades ou estados circunvizinhos, conciliando maternidade, formação e atuação profissional. Foram elas que promoveram a educação em lugares considerados remotos, exercendo a docência por longos anos e hoje, na condição de aposentadas, veem-se como peças descartadas, na medida em que não seriam mais produtivas para a lógica do mercado.

O cenário educacional do Tocantins tem um histórico de precarização. Ao longo do tempo, seja pela voz de estudantes, seja pela voz de profissionais, temos que a educação se deu num processo complexo permeado pela falta de investimento que, agravada pelas dimensões geográficas quando estado de Goiás, impunha outras distâncias quanto à gestão educacional. Assim, ensinar e estudar foi e ainda é um ato de resistência e perspectiva de promoção social para os filhos do Norte.

Em 1988, criado o estado do Tocantins, teve início um novo processo tanto político quanto pedagógico. Toda essa conjuntura criou um cenário atípico para os servidores públicos que, efetivados pelo estado de Goiás e residentes no norte do recém-criado estado do Tocantins, se tornaram “remanescentes”, passando por um processo de incorporação administrativa.

Segundo Fontana,

Na trama das relações sociais de seu tempo, os indivíduos que se fazem professores vão se apropriando das vivências práticas e intelectuais, de valores éticos e das normas

que regem o cotidiano educativo e as relações no interior e exterior do corpo docente. Nesse processo, vão constituindo seu “ser profissional”, na adesão a um projeto histórico de escolarização. Somente o distanciamento da experiência imediata e o confronto com outras perspectivas emergentes na prática social tornam possível a esse indivíduo perceber-se no contexto em que foi se constituindo professor/professora, analisar a emergência, a articulação e a superação das muitas vozes e das categorias por elas produzidas, para significar os processos culturais e então criticar-se (ou não) e rever-se (ou não), aderindo (ou não) a um projeto de escolarização. (FONTANA, 2005, p. 48)

Viver o momento histórico da criação do estado do Tocantins e ainda as mudanças na prática docente e na política de valorização dos profissionais do magistério torna as narrativas memórias que registram e permitem compreender melhor o presente. Por isso, foi realizada a opção pela História Oral como método de produção de dados e a semiótica discursiva como teoria de análise, que foram aqui mobilizadas para construir sentidos que dizem respeito a singularidades e regularidades constituídas pelas narrativas de seis professoras residentes em Araguatins e quatro residentes em Araguaína, atuantes na docência no período de 1964 a 2019.

A escolha das narradoras considerou, inicialmente, as professoras que atuaram na formação de estudantes da educação básica em Araguatins, nesse período. No caso das narradoras de Araguatins, fizemos um levantamento junto à Diretoria Regional de Educação (DRE) e, quanto às narradoras de Araguaína, a escolha se deu em função da representatividade da cidade, situada no centro-norte do estado, hoje centro de formação de professores através da universidade federal que oferta cursos de licenciatura. Adotamos a entrevista semiestruturada como instrumento de produção de dados, que foram gravados em áudio e vídeo. As entrevistas foram transcritas fidedignamente, obedecendo as Normas para Transcrição de Textos Oraís (NURC/RJ), uma vez que nos interessa aqui as memórias do vivido respeitando o modo como as mulheres-professoras-aposentadas enunciaram suas experiências. Somadas, as entrevistas geraram um acervo de 181 páginas.

Após a transcrição, as entrevistas foram submetidas à apreciação e aprovação das participantes, e as deixamos livres para alterar ou suprimir o que desejassem. Depois disso, sentimos a necessidade de adaptar os excertos retirados das transcrições, substituindo parte das normas NURC/RJ pelas regras da gramática (pontuação) da Língua Portuguesa. Apesar disso, mantivemos as marcas da oralidade. Sublinhamos que as normas NURC/RJ foram importantes para a captura do que enunciavam as narradoras, por isso, transitamos entre as duas normas considerando que se complementam nesse percurso de transcrição e produção de sentidos.

O compartilhamento das narrativas segue o acordado com as professoras-narradoras e obedece aos princípios éticos constitucionais, em especial, da *dignidade humana* e da

valorização profissional (BRASIL, 1988). Realizamos um trabalho que buscou ser sensível, cientes da dimensão social dessas mulheres, respeitando ao máximo o seu direito à fala e consequentes digressões, no percurso não linear de dar sentido ao vivido.

Pretendemos uma tese que registre a história de mulheres que assumiram o compromisso político de ensinar, num contexto complexo no qual a ausência de formação inicial e continuada impunha outros desafios à escola. Historicizar o percurso dessas mulheres reconhecendo as suas performances e compor um documento consistente, fundado na discussão de gênero e, através disso, homenagear essas mulheres, foi a nossa principal motivação. Por tudo isso, defendemos a tese de que os processos de formação de professores e professoras são desiguais no país, demandando compreensão sobre dinâmicas sociais e históricas que se revelam de modo especial pelo próprio dizer desses atores sociais.

O trabalho está organizado em cinco seções, além da Introdução, Considerações Finais e Referências. Na seção intitulada *Vozes Ressoantes de Mulheres: da metodologia do trabalho* contextualizamos a origem do estudo. Nas seções secundárias, numa tabela, apresentamos as categorias em torno das quais as entrevistas foram estruturadas para melhor ilustrar a sequência e o modo como estão articuladas. Trazemos ainda as motivações do estudo e apresentamos as sujeitas da pesquisa, mobilizando informações ligadas à formação, ao ingresso na docência e à aposentadoria. Na seção secundária desdobramos a escolha da História Oral como metodologia de produção de dados. Apresentamos as narradoras, uma a uma, a partir de textos produzidos após as entrevistas e de ilustrações feitas a partir de fotografias capturadas das redes sociais ou perfis de *WhatsApp*. Os textos foram uma forma de fazer afluir, externar a experiência vivenciada com cada narradora. Dentro desta primeira seção, brevemente, apresentamos a Semiótica de linha francesa como teoria de análise. Para as discussões mobilizamos, basicamente, Bosi (2003), Gagnebin (2009), Portelli (2016), Thompson (1992) que tratam da História Oral; Landowski (2014) e Silva (2016) que tratam da Semiótica; Vêrges (2020), Piedade (2017), Federici (2019) do estudo de gênero; e Brandão (2004), Fontana (2005) e Hooks (2017) que tratam de histórias de vida, formação e atuação de mulheres na escola.

Na seção nomeada *Ensinando e Aprendendo, as Mulheres Tecem suas Histórias: memória e docência* adotamos um caráter interdisciplinar orientados por estudos da História Oral, da semiótica discursiva e estudos sobre a história de mulheres. Focalizamos os conceitos de memória, história e esquecimento e discutimos os modos como as mulheres têm sido invisibilizadas, ao longo da história. Na primeira seção, aprofundamos na discussão em torno da memória e da História Oral, mobilizando alguns objetos-enunciados produzidos nas

entrevistas. Nesta seção, trazemos as vozes das narradoras para ilustrar a emergência de registrar histórias de vida das mulheres-professoras-aposentadas e dar visibilidade a elas. Em seguida, tratamos da memória e da história de vida em Ricoeur (2007), Agostinho (2015), Benjamin (2012), Federici (2019), Gagnebin (2009), Perrot (2020[2019]), buscando na Semiótica Tensiva compreender a memória-acontecimento, baseadas em Barros (2019) e Zilberberg (2011), entre outros.

Na seção *A Escola como Espaço Significativo da Vida Estudantil e Profissional: imagens de si e figurativização da escola* entrecruzamos as histórias de vida considerando as regularidades e singularidades manifestas nos objetos-enunciados resultantes das entrevistas. Focalizamos as dimensões narrativa, passional, figurativa e enunciativa próprias do método semiótico com vistas a análise do percurso realizado pelas narradoras durante período de escolarização básica. Fizemos um recorte voltado para o período de escolarização inicial, a alfabetização e a iniciação na atuação docente pelas narradoras que revelam tanto a desigualdade entre os sexos quanto as relações de poder a que foram submetidas. Atrelada a essas etapas de vida das narradoras, emerge a presença da escola confessional e o castigo como metodologia disciplinar, bem como o impacto disso na dimensão emocional de quem vivenciou esse período. Mobilizamos dados que mostram uma imagem positiva das mulheres-professoras e suas avós, mães, tias e outras mulheres que agiam como destinadoras de suas vidas e lutavam para garantir a escolarização de seus filhos e dos filhos do lugar onde viviam. Por fim, discutimos a feminilização do magistério e tratamos do discurso do dom e o modo como a moral cristã orienta a práxis docente.

Na seção *Ensinar para Continuar a Aprender: competencialização e performance* voltamos a nossa atenção para a análise dos dados que mostram as mulheres como sujeitas do “saber-fazer” e do “fazer-ser”. Para tanto, buscamos compreender as suas histórias e as transformações vividas por cada uma delas durante o processo de competencialização e os sentidos que constroem para a ação docente. Veremos ainda as condições adversas de formação e trabalho a que foram submetidas e que as mulheres-professoras-aposentadas promoveram uma prática educativa engajada e humana. As formas de educação e a aquisição da competência pelas narradoras que ensinavam mesmo quando não tinham formação, a escolha da profissão e o modo como concebem a prática em sala de aula também serão discutidos nesta seção. As análises fundamentam-se, basicamente, em *Interações Arriscadas* (2014), de Eric Landowski, e estudos recentes que também lançam luz sobre a análise das narrativas. Como temáticas

recorrentes, emergem ainda das narrativas os sacrifícios impostos às mulheres em suas múltiplas performances para conciliar estudo-casa-docência.

Na última seção de análise intitulada *Avaliação do Fazer e da Aposentadoria: imagens de si e da docência* analisamos a categoria aposentadoria. Voltamos a nossa atenção para o “absoluto de competência” (GREIMAS; COURTÉS, 2008) sob a perspectiva da sintaxe do percurso narrativo canônico. Para tanto, mobilizamos objetos-enunciados que mostram, pela voz das narradoras, o que a aposentadoria tem demandado para cada uma, seja no sentido emocional ou sob o ponto de vista do cotidiano. A disjunção com a tecnologia, a exclusão escolar e social, a ruptura das relações sociais, entre outras questões, também são temáticas ligadas às histórias de vida das narradoras e foco da discussão nesta seção. Os recortes revelam que ao entrecruzarmos as histórias, construímos uma *macronarrativa* (RAMOS JÚNIOR; SILVA, 2011) sobre a história de vida de mulheres-professoras que atuaram no Norte do país.

2 VOZES RESSOANTES DE MULHERES: da metodologia do trabalho

Somente através do estudo biográfico perceberíamos a pessoa historicamente [...] A própria pessoa vê sua vida – ou procura vê-la - como uma configuração, com um sentido.
(ECLÉA BOSI, 2003, p. 56)

Esta tese envolve a análise de histórias de vida e de formação de professoras residentes no Tocantins, hoje aposentadas. Seus relatos trazem elementos para a compreensão de como, na década de 50, quando não havia oferta de cursos de graduação no Tocantins (então ainda pertencente a Goiás), jovens mulheres decidiram aprender para ensinar e traçaram os possíveis percursos que desejavam seguir. Como se reiteram em suas falas, não imaginavam o quanto, do ponto de vista do corpo e dos afetos, isso lhes custaria.

Em “O feminismo e a política dos comuns” que compõe o livro *Pensamento feminista: conceitos fundamentais* (2019), Silvia Federici compreende que os “sujeitos primários do trabalho reprodutivo”, no caso as mulheres, foram e ainda são assujeitadas aos bens comuns através dos quais lutam para sobreviver e serem reconhecidas como sujeitas de direitos. A exemplo disso, as mulheres-professoras-aposentadas, ao decidirem estudar para aprender e formar outros sujeitos, assumem esse lugar de trabalho reprodutivo.

Nascidas em contextos de ordem patriarcal, lutar para romper com as castrações históricas era uma condição do sonhar ser professora. Partimos do pressuposto trazido pela pesquisadora Ecléa Bosi (2003) que, ao tratar da teoria do tempo e a *Gestalt*¹, considera que as autobiografias representam para o(a)s depoentes a oportunidade de registrar sua vida e atribuir sentido para ela. Tal fazer permite que as sujeitas se vejam historicamente a partir do vivido, no exercício de rememoração e produção de sentidos.

Nessa direção, as professoras, ao narrativizarem seus percursos, podem compreender no exercício sua condição de sujeitas históricas, pois, de modo mais sistemático, ao enunciar o vivido, reconhecem a importância de seus feitos, encontros, lutas e legados, no movimento que vai de encontro ao do silenciamento e apagamento das mulheres na história, principalmente das mulheres da classe trabalhadora. Para Paul Thompson, em *A voz do passado* (1992), o enfoque das pesquisas de história desenvolvidas até o século 20 era voltado para pesquisas de caráter político e documental e pouca importância era dada à história das comunidades e dos

¹ *Gestalt* é a “Percepção absorvida como uma totalidade pelo indivíduo, mais do que como uma justaposição de partes” (Grande Enciclopédia Larousse Cultural, 1995/1998, p. 2703).

trabalhadores. Nesse contexto, as mulheres seguiam apagadas historicamente quanto a sua participação social e política, ganhando eventualmente destaque apenas na “luta política pela igualdade civil e, sobretudo, pelo voto” (THOMPSON, 1992, p. 24).

Apesar de as mulheres exercerem papéis importantes na história das comunidades, como trabalhadoras e como mulheres que atuam no contexto de suas famílias, suas experiências não interessavam até então como dados de pesquisa. Ressaltamos que a discussão sobre a mulher-professora já nos inquietava desde 2011, quando a pós-graduação passou a ser empreendida como projeto pessoal de formação e a temática da história de vida/memória de professoras passou a ser perseguida. Elaboramos naquele momento um projeto submetido ao processo de seleção do então Mestrado em Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins (MEL/UFT). O ingresso não ocorreu nesse ano e tampouco, em função da obrigatoriedade da pesquisa-ação demandada pelo programa, a pesquisa foi desenvolvida no Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS/UFT), dois anos depois.

No período do ingresso no mestrado, o contexto de atuação profissional e formativo a que estava submetida demandou uma pesquisa² voltada para os múltiplos sujeitos e sujeitas da escola (estudantes, professores e professoras) e os usos da tecnologia como estratégia de ensino, um estudo também importante e necessário de ser empreendido naquele momento. Como proposta de projeto para ingresso no doutorado, foi apresentado um projeto voltado para a representação da carreira docente pelos diferentes sujeitos da educação. Consistia numa pesquisa participante sobre a formação de comissões municipais no norte tocantinense, que reunia experiências vivenciadas no período de 2016 a 2018 como Avaliadora Educacional vinculada à Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (SASE) do Ministério da Educação (MEC). Em função da extinção da SASE, tornou-se inviável ter acesso aos 49 municípios pertencentes aos Polos Araguaatins, Tocantinópolis, Colinas, Araguaína e que consistiam no recorte geográfico da pesquisa.

Rememorar esse percurso fez-se necessário por ser uma forma de ilustrar como pesquisar mulheres e suas histórias de vida foi sempre uma temática latente, fortalecida, anos depois, no âmbito do Grupo de Estudos do Sentido – Tocantins (GESTO/CNPq/UFT) e do *Coletivas Raimundas*, grupo de mulheres professoras, pesquisadoras e escritoras de diferentes formações e campos de atuação na educação, majoritariamente composto por mulheres do norte do Tocantins. Ademais, empreender uma pesquisa voltada para a história de vida de mulheres-professoras-aposentadas que vivem no norte tocantinense conjuga questões afetivas e a

² Cf. RODRIGUES, 2011.

dimensão social e política, pelo que pode propiciar no âmbito local e regional, não “...uma reconstrução mais realista do passado” (THOMPSON, 1992, p. 25), na medida em que nos fundamentamos por uma teoria do discurso, a semiótica, mas trazer sentidos outros que traduzam, pelo viés da subjetividade, outros sentidos sobre a escolarização.

À medida que aprofundávamos nas leituras sobre fontes orais e sentíamos os efeitos das políticas de precarização de investimentos públicos na educação, iniciadas em meados do ano de 2016, tornava ainda mais urgente que professoras e professores tomassem a palavra.

2.1. Das sujeitas da pesquisa

Definido o caminho da investigação, voltamo-nos à definição dos contornos que desejávamos alcançar e chegamos a dez nomes de mulheres-professoras-aposentadas, sendo seis docentes que atuaram no município de Araguatins e quatro de Araguaína, duas cidades situadas no norte do Tocantins.

Esse recorte se deu a partir de convites e negociações com aquelas que se disponibilizaram a participar como colaboradores da pesquisa. Passamos então a organização das categorias e questões norteadoras das entrevistas que seguiram todas o mesmo roteiro, porém, flexibilizando e respeitando, sempre que houve necessidade, a sequência narrativa traçada por cada narradora, bem como as digressões próprias do ato de narrar num exercício de ruptura com a “cegueira epistêmica” (RAMOS JÚNIOR, 2019).

Mesmo havendo uma relação pessoal ou profissional com as entrevistadas, a cada entrevista procedíamos uma apresentação formal da pesquisadora e dos objetivos da pesquisa. Na sequência, decorrida a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), as entrevistadas eram convidadas a apresentarem-se dizendo o seu nome completo, formação acadêmica, idade, tempo de exercício na docência, instituição de formação, tempo de aposentadoria, entre outros dados de identificação. As entrevistas foram divididas em quatro momentos temáticos, conforme ilustra o quadro apresentado a seguir:

Quadro 1: Categorias e Questões Norteadoras

<p>Categoria I Formação Escolar Básica</p>	<p>Como aprendeu a ler? Onde estudou? Que recordações tem da escola? E dos professores? Como se sentia na escola? O que gostava de fazer na escola? Teve dificuldades para frequentar a escola? Que experiências vividas na escola lhe influenciaram ou influenciam até hoje? O que representa esse período da escola básica para a sua vida?</p>
<p>Categoria II Formação Acadêmica</p>	<p>Qual o curso no qual se graduou? Em qual instituição? Como se deu a escolha do curso? Qual foi a sua motivação para a escolha desse curso? Em qual instituição e local cursou a graduação? Como foi a sua experiência na graduação? A senhora contou com apoio da família (pais, esposo, filhos) para estudar? O que representa/ou para a senhora ter concluído a graduação? Qual a importância da sua formação para a sua vida e atuação profissional?</p>
<p>Categoria III Atuação Profissional/Docência</p>	<p>Como se deu a escolha da profissão professora? A senhora se lembra do seu primeiro dia em sala de aula? Pode me descrever como e onde foi esse dia? Lembra-se do que sentiu quando se reconheceu professora? A senhora atuava em que séries/anos? Que imagens tem dessa escola, a escola onde começou a exercer a docência? E dos alunos? Havia um currículo? Os professores participavam da elaboração desse currículo? Como era organizado o planejamento das aulas? Contavam com o suporte pedagógico? Que recursos a escola disponibilizava para os professores (livros, recursos tecnológicos etc.)? Havia programa de formação continuada? Quais? Onde aconteciam? Quem organizava? Pode me descrever algumas práticas que desenvolvia em sala de aula e que caminhos teóricos ou intuitivos seguiu para desenvolver as práticas de ensino? As práticas que a senhora desenvolvia em sala de aula priorizavam a leitura? O que liam? Onde e como liam? A senhora se considera leitora? O que lia e ou ainda lê? Como a senhora vê a escola pública aqui em Araguatins/Araguaína? E os alunos? A senhora considera que aprendeu com os alunos? Tendo aprendido que aprendizagens carrega consigo? O que significou para a senhora ser professora de escola pública em Araguatins/Araguaína? Como os alunos respondiam às práticas propostas? A senhora atuou por quantos anos na docência?</p>
<p>Categoria IV Aposentadoria</p>	<p>Aposentou-se quando? Professora, como a senhora se vê hoje, na aposentadoria?</p>

Fonte: A autora, 2020

Ao longo do estudo, o roteiro de entrevista foi sendo modificado, uma ou outra questão sendo acrescentada, pois as histórias de vida são sempre únicas e apresentam exploração de distintos caminhos. Por isso mesmo, as entrevistas foram semiestruturadas, partindo de categorias que explicitassem momentos distintos da trajetória de formação e atuação profissional. Observando a natureza do contexto e a proximidade das vivências do ponto de

vista da historicidade, partimos do pressuposto de entrecruzamento das histórias, iluminando percursos comuns ao de docentes na região.

Através das evidências orais transcritas, resultantes das entrevistas, fomos percebendo nos depoimentos de cada professora tanto as regularidades quanto as singularidades circunscritas, bem como os modos como as professoras narram e significam a sua história de vida e profissional. Com isso, vimos ainda que esse entrecruzamento nos permite reconstruir, "uma história que não é só mais rica, mais viva e mais comovente, mas também *mais verdadeira*" (THOMPSON, 1992, p. 137) sobre a escola pública no norte tocantinense.

As entrevistas foram determinantes para aclarar os caminhos e nos situar como pesquisadoras de histórias de vida. Embora sabedoras do poder que registrar memórias tem, somente a partir das primeiras entrevistas é que fomos enxergando que as narrativas se constituíam como um lugar de visibilidade, sobretudo, para as narradoras que parecem, na medida em que narravam, reconhecer o valor da sua história. Isso porque: "A memória se faz como exercício para o autoconhecimento e construção da noção de pertencimento, aquisição de consciência histórica e política, ferramenta que orienta para a luta" (SILVA, 2021).

Ver isso na prática, esse exercício de olhar para si e compreender o poder do que empreendeu, passado tanto tempo, permitiu maior clareza quanto à relevância do que estávamos realizando. cremos que, ao tomar consciência disso, quando foram reconhecendo-se *sujeitas reais*, a maioria das narradoras solicitaram que rompêssemos com o sigilo quanto à suas identidades e adotássemos os seus nomes próprios. Esse fato nos fez pensar, dentre outras coisas, sobre os conceitos de "'objetos' e 'sujeitos' de estudo" (THOMPSON, 1992, p. 137), e de autoria e coautoria. Ora, além de assumir as suas identidades, não seriam essas mulheres também coautoras quando nos emprestam suas narrativas e são sujeitas delas porque constituem o corpo em torno do qual tecemos a tese?

Em *História oral como arte da escuta* (2016), Alessandro Portelli trata dos estudos com fontes orais como estudos de "*cocriação*". Isso se dá porque o trabalho com fontes orais se constrói através da "troca dialógica" entre historiador/pesquisador e sujeitos/sujeitas da pesquisa, no trabalho de campo (PORTELLI, 2016, p. 10). Dá-se aí, pois, um trabalho de coautoria e essa abordagem respalda-nos a legitimar as vozes narradoras reunidas neste estudo. Dernival Venâncio Ramos Junior, em "Encontros epistêmicos e a formação do pesquisador em História Oral" (2019), traz a 'noção encontros epistêmicos' que trata dessa relação historiador/pesquisador e sujeitos/as da pesquisa, compreendendo todos esses sujeitos/as como sujeitos epistêmicos, aqueles que, conjuntamente, reúnem saberes e constroem sentidos para o

narrado/vivido, no contexto em que vivem (RAMOS JÚNIOR, 2019). Ou seja, trata da importância de descolonizarmos os estudos e de pensarmos em pesquisas com HO que se fundem num diálogo epistêmico onde “devemos *pensar com* todos os sujeitos implicados os problemas que se pretende pesquisar: os sentidos do deslocamento, suas práticas narrativas e seus saberes” (RAMOS JÚNIOR, 2019, p. 368)

A invisibilidade nas pesquisas tem, recorrentemente, implicado na “resistência” de comunidades e grupos quando solicitados a participar ou autorizar o desenvolvimento de pesquisas pela universidade. Isso tem se dado pelo fato de, nem sempre, haver retorno da pesquisa empreendida, seja no sentido da visibilidade ou de contribuições práticas quanto à realidade dos envolvidos, sobretudo porque a pesquisa em história oral “não diz respeito só ao evento. Diz respeito ao lugar e ao significado do evento dentro da vida dos narradores” (PORTELLI, 2016, p. 12). Prevalece, pois, uma biogeografia da razão em detrimento da “encantaria” (GOLDMAN, 2006) ou “biografias da razão” (RAMOS JUNIOR *apud* ROY, 2016). Esse fato é agravado quando pesquisadores se apropriam de dados e outros documentos, comprometendo a integridade ou mesmo destruindo-os.

Ecléa Bosi, ao tratar de orientações para jovens pesquisadores em *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social* (2003), é enfática quanto à necessidade de devolvermos aos informantes o seu depoimento. A publicação das teses ou outros escritos acadêmicos não garante que os sujeitos e sujeitas que colaboram com esses estudos tenham acesso a eles. Por isso, devolver os depoimentos na forma de transcrição ou gravação deve ser o primeiro ato do pesquisador. Para nós, além de ético, é político passar às mãos de quem narra a sua história, aquilo que confiou a nós como pesquisadoras. É também uma forma de as narradoras legitimarem a sua narrativa e autorizar o seu uso ou mesmo vetá-lo, pois, mais detidamente, podem reconhecer incômodos ou lacunas, ou, ainda, não estarem dispostas a expor o que disseram no momento da entrevista, tomadas de sentimentos de toda ordem. Alessandro Portelli também considera que a nossa contribuição como pesquisadores/as “está na elaboração e na articulação dos conhecimentos da comunidade e na disseminação desse conhecimento para além de sua fronteira” (PORTELLI, 2016, p. 23)

Reconhecemos que é preciso respeitar os princípios do gênero tese quanto a autoria. Em contrapartida, julgamos coerente a solicitação das narradoras quanto a nominá-las aqui e, portanto, as inscrevemos como vozes de “*sujeitas reais*” que ressoam em toda a tese, dando-lhe materialidade e buscando manter aspectos das subjetividades abstraídas nas singularidades e regularidades de cada narrativa. Embora receosas quanto às questões éticas, vivemos o conflito

entre atendê-las ou não, porém, ganhamos força considerando o que Ecléa Bosi (2003, p. 56) afirma: “A própria pessoa vê sua vida – ou procura vê-la - como uma configuração, com um sentido”. As narradoras viram na pesquisa uma oportunidade de verem suas vidas registradas e reconheceram-se como sujeitas que podem, através dos seus depoimentos, contribuir para o fortalecimento de outras mulheres. A esse respeito, a professora Antônia, em entrevista pela plataforma digital *Google Meet*, declarou: “Não tem problema não. Se quiser usar meu nome, tudo ao meu respeito, pode usar. Eu não tenho nenhum problema. O que eu falo ou escrevo, eu assino embaixo. Então, você tá liberada se quiser utilizar” (SANTOS [Antônia], 2020, p.1).

Assim como Antônia, outras cinco narradoras manifestaram o desejo – lexicalização da modalidade do querer (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 130) - de serem referenciadas aqui pelos seus nomes próprios. Com base nisso, foi criado um grupo no *WhatsApp* que reuniu todas as narradoras do estudo para discutirmos essa questão que, no primeiro TCLE, nem havia sido cogitada. Após consulta a cada uma delas, o termo foi reescrito e coletadas novas assinaturas, quando todas as narradoras requereram o uso do seu nome próprio.

Outra questão está ligada ao uso da primeira pessoa que marca a inscrição da pesquisadora no texto, rompendo com uma fronteira prescrita pelas normas técnicas do trabalho acadêmico. Esse modo de escrever nasceu da relação estabelecida entre narradoras e pesquisadora, construída, sobretudo, pela confiança que advém do vínculo afetivo e/ou profissional, sobrevivendo de uma relação intergeracional (relação entre professoras e ex-aluna, esta, hoje, na condição de pesquisadora), ou mesmo pela confiabilidade estabelecida pela exposição dos objetivos do trabalho e suas implicações ideológicas.

Para tanto, buscamos ancoragem em Larrosa (2003) que trata da autoria nos ensaios e as fronteiras existentes entre a ciência e a arte, a racionalidade e a subjetividade a partir das experiências de Nietzsche, por Foucault, por Benjamin, que foram reprovados quanto ao padrão de escrita que adotaram. Ciente dos riscos que navegar nessa fronteira pode imputar quanto ao uso da primeira pessoa, assim como a adoção dos nomes próprios, essa linha será seguida sustentada ainda em Paulo Freire (2011), que nos ensina que juntos construímos saberes, o que nos leva a considerar que nossas experiências de vida são importantes para a compreensão do lugar político que ocupamos como sujeitas da ação docente, logo devem ser registradas. Além disso, a prática docente exige respeito aos saberes dos estudantes e que nossas experiências (professores e estudantes) devem ser corporificadas em palavras pelo exemplo, num exercício de reconhecimento de nossas identidades culturais e apreensão da realidade na qual vivemos (FREIRE, 2021).

2.1.1 Motivações do estudo e breve perfil das sujeitas narradoras

No início da pesquisa, pretendíamos entrevistar professoras que atuaram na formação de estudantes da educação básica em Araguatins, na década de 1980 a 1990. Solicitamos um levantamento junto à Secretaria Estadual de Educação (SEDUC), porém, dada a dificuldade para obtenção dos dados, o tempo transcorrido sem retorno do órgão e a necessidade de avançarmos com a pesquisa, consideramos, então, o princípio das relações afetivas. Antes de iniciarmos a articulação com as colaboradoras, questionamo-nos: Que professoras marcaram o processo de escolarização de estudantes dessa época? Chegar a uma resposta não foi uma tarefa difícil, uma vez que, nas décadas de 60 até o início do ano 2000, o Colégio Estadual Leônidas Gonçalves Duarte foi responsável pela formação escolar básica dos estudantes em Araguatins. A teia se formou quando uma foi indicando a outra a partir dos primeiros contatos telefônicos, *WhatsApp* ou visita informal, auxiliando-nos na localização das narradoras pretendidas. Porém, prevaleceu o princípio da identificação da pesquisadora, somado à representatividade de cada mulher-professora que atuou na educação básica no período de 1985 a 2019.

Depois de dois meses de interação via telefone e visitas informais, definimos quem seriam as sujeitas da pesquisa de Araguatins, descritas no quadro de apresentação inicial ilustrado a seguir que está organizado em ordem alfabética:

Quadro 2: Apresentação inicial - Narradoras, Araguatins/TO

	Nome	Ano de nascimento	Início na Docência	Ingresso Permanente	Formação		Aposentadoria
					Inicial	Aposentadoria	
1.	Ana Feitosa de Souza	1949	14 anos	1993	Leiga	Especialização	2010
2.	Aparecida Alves de Almeida e Silva (Cidinha)	1947	17 anos	1969	Magistério	Magistério/ Especialista	1993/ 2022
3.	Eliana Ferreira Santana da Silva	1968	18 anos	1993	Leiga (cursando o Magistério)	Licenciatura Plena	2019
4.	Diná Aparecida da Silva Parente	1962	17 anos	1979	Leiga (cursando o Magistério)	Especialização	2013
5.	Solange Rodrigues da Silva	1968	19 anos	2002	Licenciatura Plena	Especialização	2020
6.	Maria Valdeci Ribeiro de Souza	1953	26 anos	1979	Ensino Médio/Leiga	Especialização	2009

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Como aposentadas recentemente, com idade entre 53 e 74 anos, esse quadro antecipa alguns dados, a exemplo, o ingresso precoce de seis mulheres na docência. Ainda jovens assumiram a função social de professoras, todas sem licenciatura, em contextos precarizados de ensino, nas cidades onde viviam, como veremos mais detalhadamente nas seções de análise.

Concomitante com a docência, essas mulheres ingressaram no Ensino Médio, modalidade Normal, à época, chamado curso Magistério. A formação superior, para Maria Valdeci, por exemplo, veio pelo convênio SEDUC/UNITINS³, no período de 2000 a 2004, em Regime Especial, na cidade de Araguatins, estado do Tocantins.

O Regime Especial consistiu num programa de formação de professores e professoras em exercício que possuíam apenas o Magistério ou eram leigos⁴. Surgiu da parceria da SEDUC com a Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS) que implantou, ofertou, acompanhou e concedeu título de licenciatura a professores da Rede Pública Estadual de Ensino. Essa modalidade emergiu da necessidade de atender às exigências do Ministério da Educação, preconizadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (BRASIL, 1996), que passou a exigir o título de licenciatura para atuar na Educação Básica. Essa temática será retomada na seção 4, que tratará do percurso formativo das narradoras.

Era distante ou improvável que professoras já em exercício ou outros sujeitos que buscassem a licenciatura, em condições iguais, no que diz respeito ao acesso, por exemplo, chegassem à formação superior no Tocantins, pois a primeira instituição foi o Centro Universitário (UnirG), em Gurupi, implantada no ano de 1985 (LIMA; CARNIELLO; SANTOS, 2012). Embora pública-municipal, para os residentes nas microrregiões no extremo-norte, onde o percurso varia de 1445 km (Esperantina) a 768 km (Araguaína), a distância inviabilizava conciliar estudo e trabalho, por exemplo. No mesmo ano, data a autorização de funcionamento da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Araguaína (FACILA) ofertando os cursos de Licenciatura plena em Letras, História e Geografia, Licenciatura curta em Ciências, e tinha como mantedor o Estado de Goiás (Cf. <https://ww2.uft.edu.br/index.php/letras-araguaina/historico>). Em Araguatins, só em 2008 através da Lei n° 11.892, que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e

³ Em fevereiro de 1990, pelo Decreto 252, foi criada a Universidade do Tocantins; a Lei 326, de outubro de 1991, estruturou a Instituição de Ensino Superior em forma de autarquia; a Lei 872, de novembro de 1996, determinou o processo de extinção da autarquia, e, no mesmo ano, pela Lei 874, de novembro de 1996, foi autorizada a criação da então Fundação Universidade do Tocantins – UNITINS. A Fundação Universidade do Tocantins foi constituída como uma Fundação Pública de Direito Privado, mantida por entidades públicas e particulares, com apoio do Governo do Estado, tendo sede e foro em Palmas, Capital do Estado, e atuação em todo território nacional.

⁴ Nomenclatura adotada para referir-se ao professor sem habilitação (Magistério ou Licenciaturas) para a docência.

Tecnológica e criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, a Escola Agrotécnica Federal de Araguatins (EAFA) passou a integrar o Instituto Federal do Tocantins e ofertar cursos superiores na área rural e licenciatura em Ciências Biológicas e Computação. A ênfase em Araguatins e Araguaína é em função do recorte do estudo.

Araguatins é a sexta maior cidade do estado do Tocantins, uma vez que possui uma população de 36.573 pessoas, segundo estimativa do ano 2021, e área territorial [2020] de 2.633,278 km². No que diz respeito ao território, Araguatins pertence à microrregião chamada Bico do Papagaio e foi importante rota comercial no século XVIII quando ainda se chamava São Vicente. Abrigou, desde a sua fundação, caminhantes, quilombolas, ribeirinhos, sertanejos e indígenas.

Com relação a quilombolas, destaca-se a comunidade da Ilha de São Vicente, que, conforme Sousa,

descendem de escravos trazidos por Vicente Bernardino, fundador da cidade no ano de 1868, que recebeu os negros como pagamento por uma dívida em Caxias-Maranhão, um total de 8 escravos, sendo duas famílias com dois filhos cada uma. Vinte anos mais tarde após a abolição, eles foram libertos e fixaram moradia numa ilha em frente a cidade de Araguatins. (SOUSA, 2018, p. 294).

Ainda hoje esses povos e seus múltiplos saberes e experiências colaboram para a manutenção da história do lugar. Araguatins inspira poetas e músicos que a fazem palco de manifestações culturais. Até hoje, Araguatins é berço da formação básica e pública para cada uma das gerações que a habitam e que, geralmente, regressam para atuar e viver e, é nesse contexto que se entrecruzam as histórias de seis (6) mulheres-professoras-aposentadas.

As histórias de vida individuais das mulheres de Araguatins passam a se entretecer a partir do momento em que se encontram no colégio em que estudavam, no caso de Eliana, Diná, Solange e Maria Valdeci, ou porque ingressaram como docentes, no caso de Ana e Cidinha. O fato é que todas elas, com o passar do tempo, tornaram-se colegas de trabalho e passaram a aprender juntas e a viver novas experiências de formação e docência. No caso de Cidinha, vale destacar que sua participação neste estudo se deu pelo fato de ter sido mencionada como referência de profissional pelas cinco outras narradoras.

Convidamos outras quatro professoras para fazerem parte da pesquisa em Araguatins, porém não aceitaram participar pelo fato de, segundo elas, estarem aposentadas e nada mais poderem contribuir. Disseram não ter nada para contar e uma delas insistiu que já ter se cansado do mundo da escola, sem mais querer falar dela. Poderíamos, caso compartilhassem conosco um pouco dessas razões de desencanto, orientarmo-nos por uma pesquisa que tratasse das paixões na docência, como no trabalho de Lima (2016), ao analisar relatos de docentes que

deixaram a profissão. Os desencantos podem advir ainda do pouco reconhecimento econômico ou, mesmo, da exaustão. De todo modo, nem tudo é narrável, pelo excedente passional que envolve o (re)viver (GAGNEBIN, 2009). Em respeito à posição dessas docentes, não insistimos.

Revisitar a memória inviabilizada e partilhá-la pode despertar sentimentos diversos e constitui-se uma oportunidade de rompimento/libertação com o passado ou mero prazer de dizer sobre suas experiências pessoais e profissionais, afinal, “Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade” (THOMPSON, 1992, p. 197). Mas é a subjetividade que pode trazer, de modo dolorido também, aquilo que se buscou esquecer e/ou "apaziguar na memória" (RICOUER, 2007, p. 432).

Definidas as colaboradoras de Araguatins, pensamos na possibilidade de um contraponto com docentes de outra cidade e decidimos por Araguaína. Vimos uma reportagem nas redes sociais que tratava da professora Antônia (Cf. <https://araguainanoticias.com.br/noticia/professora-de-araguaina-e-surpreendida-com-homenagem-no-ultimo-dia-de-aula/17039>. Acesso em 28 fev, 2022). Ao se aposentar, estudantes e profissionais da escola na qual atuava fizeram um corredor de aplausos e abraços para homenageá-la. Nesse momento, passamos a considerar esse fato como representativo, pois, na atual conjuntura política, a educação tem sido alvo de ataques veementes que promovem a desqualificação de seus profissionais e consequente destruição da escola pública. A imagem da cena, contudo, traduzia uma sanção positiva por parte de alunos e colegas de trabalho. Parecia-nos vitoriosa nessa despedida, como quem “combateu o bom combate, encerrou a carreira, guardou a fé” (II Timóteo, 4), no caso, a da educação.

Pareceu-nos, portanto, oportuno e necessário expandir a pesquisa e mobilizar mulheres-professoras-aposentadas que atuaram em Araguaína. Além disso, dada a responsabilidade social que assumimos como pesquisadoras, reconhecemos que Araguaína, cidade também situada no norte tocantinense, é há alguns anos centro de formação de professores e professoras em função dos cursos de licenciatura que oferta, além de ser onde residem muitas professoras aposentadas e que poderiam nos permitir suas memórias e tudo que abrigam.

Araguaína tornou-se um centro de formação importante para a região Norte por sediar a Universidade Federal do Tocantins (UFT), hoje UFNT⁵, que tem como foco a formação de professores e profissionais voltados para a produção animal, mais recentemente com cursos de

⁵ A UFT encontra-se em processo de migração para a UFNT, Universidade Federal do Norte do Tocantins, o que representa um avanço para o norte tocantinense em função da autonomia da universidade e possibilidade de expansão dos câmpus e oferta de cursos e vagas para os estudantes.

gestão e Medicina. A cidade sedia ainda faculdades isoladas e dois centros universitários da rede privada que ofertam cursos como Direito, Odontologia, Enfermagem, Psicologia e Medicina. Na lista de cidades tocantinenses, Araguaína é a segunda maior cidade, pois possui uma população estimada 186.245 pessoas [2021], e no último censo [2010], 150.484 pessoas.

Seguindo o mesmo recorte temporal das narradoras de Araguatins, tomamos como fonte para seleção das colaboradoras de Araguaína o grupo de professoras aposentadas. Encaminhamos uma breve apresentação da pesquisa para a coordenadora do grupo que, após compreender a proposta, sugeriu 6 nomes. Contatamos uma a uma e, mediante interesse das professoras, estabelecemos o contato via telefone e *WhatsApp*, o que nos levou a quatro (4) mulheres-professoras-aposentadas, fechando assim o quadro de narradoras.

A pandemia da COVID-19⁶, principiada em 2020, impôs limites à produção dos dados, fazendo reduzir o número de colaboradoras. Não sabíamos se estas aceitariam ou teriam facilidade para se utilizarem dos suportes digitais para a entrevista. Conseguimos mobilizar quatro (4) professoras que prontamente aceitaram o convite em participar do estudo. Desde o primeiro contato, estabelecemos conversas informais diárias, em geral, iniciadas pelas narradoras, via *WhatsApp*, as quais acabaram antecipando aspectos já estruturados no roteiro de entrevista e que serviram como pré-entrevista. No quadro abaixo, apresentamos as narradoras de Araguaína:

Quadro 3: Narradoras de Araguaína – TO

Nome	Ano de Nasc	Início na Docência	Ingresso Permanente	Formação		Aposentadoria
				Inicial	Aposentadoria	
1. Antônia Alves dos Santos	1963	17 anos	2000	Leiga	Licenciatura Plena	2019
2. Ester Vieira Lima	1953	23 anos	1976	Leiga		2011
3. Marta Francisca Silva Monteiro Leite	1966	19 anos	1994	Leiga	Licenciatura Plena	2019
4. Nama Mendes Brito	1968	20 anos	1992	Licenciatura	Licenciatura	2018

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

⁶ Segundo dados divulgados pelo consórcio de imprensa, até o presente momento, no Brasil, mais de 292.752 pessoas morreram acometidas pela Covid-19 e pela ausência do Estado. Além de vítimas do vírus, temos sido vítimas de um governo negligente e que, até o presente momento, não elaborou uma política de enfrentamento da pandemia (novembro de 2022).

Os dados do quadro acima, excetuando os referentes à professora Nama, apontam regularidades em relação aos dados do “Quadro I”, como o fato de as professoras terem iniciado na docência ainda jovens e sem formação para o Magistério.

Quanto ao nível de formação das professoras ao ingressarem para o quadro permanente da SEDUC/TO, temos que as professoras de Araguaína já possuíam formação em nível superior na área da docência. Esse fato está relacionado às cidades e estados de origem de cada uma delas.

O curso das entrevistas deu-se em duas etapas: a primeira foi pensada como um pré-teste para estabelecer um contato inicial com as narradoras e subsidiar a definição das demais questões e categorias da pesquisa. Porém, os depoimentos fluíram significativamente, tornando desnecessárias as entrevistas de aprofundamento. Iniciamos as entrevistas pelas narradoras de Araguatins, na residência de cada uma, excetuando o caso da professora Eliana, que estava com a casa em reforma e preferiu que nos encontrássemos noutro ambiente também familiar, optando pela casa da entrevistadora.

As entrevistas duraram entre quarenta minutos (40’) e três horas e meia. A professora Ana também foi entrevistada em sua residência, porém em Araguaína, onde reside hoje. Antes de cada entrevista foi lido o TCLE, conforme o anexo B.

Ecléa Bosi, ao tratar de aspectos importantes a serem seguidos por pesquisadores de memórias, estabelece como importante a escolha do local do encontro com o colaborador. Afirma que “Se o local for a casa do depoente, estaremos mergulhados na sua atmosfera familiar e beneficiados pela sua hospitalidade” (BOSI, 2003, p. 59).

Como estudo interdisciplinar, nos inscrevemos também num estudo etnográfico pelo fato de “aspirar[mos] explicar razoavelmente (no sentido de explicitar) um número relativamente grande de coisas” (GOLDMAN, 2006, p. 170). Isso porque, para Goldman, a teoria etnográfica não está circunscrita num ou noutro “contexto particular”. Ao contrário disso, os estudos etnográficos devem se concentrar nos dados produzidos durante o estudo de campo que, somados a outras fontes e meios, podem constituir um material concreto. Nesse sentido, o nosso papel deve ser o de “articulá-los em proposições um pouco mais abstratas, capazes de conferir inteligibilidade aos acontecimentos e ao mundo” (GOLDMAN, 2006, p. 171).

Nessa direção, compreendemos que os encontros realizados na casa das narradoras favoreceram as entrevistas, pois se mostraram mais confortáveis para falar. Ao final das entrevistas pré-testes, avaliamos que os depoimentos prestados pelas quatro (4) primeiras

narradoras (Diná, Ana, Valdeci e Eliana) eram indispensáveis e os consideramos dados conclusivos.

Contudo, passados mais de três anos da realização das primeiras entrevistas, durante a escrita da última seção, verificamos que não dispúnhamos de dados referentes à aposentadoria de Ana, Eliana e Solange. Dado isso, retomamos o contato com as narradoras que atenderam prontamente a solicitação de mais relatos. As três mulheres-professoras-aposentadas enviaram via *WhatsApp* em texto ou áudio breves avaliações de suas experiências como aposentadas. Optamos por copiar e colar os dados enviados pelas narradoras, inclusive os *emoticons*. No caso do relato da narradora Ana que utilizou áudio, foi feita a transcrição com mediações na pontuação, conforme feito em todos os objetos-enunciados mobilizados nas seções.

Iluminadas pelas entrevistas pré-testes, reformulamos o roteiro de entrevistas para a etapa que chamamos de entrevista de aprofundamento, aplicada às demais colaboradoras. Afinal, o “estudo exploratório” é essencial, não só porque ele nos ensina a fazer e realizar o futuro roteiro da entrevista [...] A pré-entrevista abre caminhos insuspeitados para a investigação” (BOSI, 2003, p. 60). Cientes disso, mantivemos a opção pela entrevista semiestruturada, mas reformulamos algumas perguntas e inserimos outras. Foi necessário repensar também os suportes para a realização das entrevistas, dado o contexto da pandemia da Covid-19. Damos início, então, a uma segunda etapa de entrevistas, que foram realizadas via plataforma digital *Google Meet*, gravadas em áudio e vídeo, mas que seguiu o roteiro com questões semiestruturadas. O uso da tecnologia digital como estratégia de produção de dados está em conformidade com o que orienta a pesquisa sobre histórias de vida e história oral (VENERA; GONÇALVES, 2021) e exigiu conhecimento sobre o manuseio da plataforma digital *Google Meet* e do *WhatsApp* (aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas) tanto por parte da pesquisadora quanto das entrevistadas. As narradoras demonstraram tranquilidade quanto ao uso da plataforma de videoconferência, embora algumas tenham necessitado de auxílio de um familiar para o manuseio dos suportes tecnológicos (celular ou computador).

Do ponto de vista da interação, a realização das entrevistas via ambiente virtual (*Meet* e *WhatsApp*) impediu uma relação mais sensível durante a escuta. Todas as entrevistadas, em algum momento, ficaram emocionadas ao narrarem experiências traumáticas ou, mesmo, relembrem amigos e estudantes que contribuíram para a sua trajetória e formação como sujeitas da ação. A impossibilidade do contato pode ter tornado a entrevista mais pragmática ou técnica, comprometendo o acolhimento e a adesão à entrevista a cada fala, de ambas as

partes. Além disso, a impossibilidade do contato físico, ou de uma expressão corporal mais rígida, imposta pela relação virtual, pode ter afetado as narradoras. As categorias definidas para as entrevistas, tanto as pré-testes quanto as entrevistas de aprofundamento, foram: o período de escolarização básica, a formação acadêmica, a docência e a aposentadoria.

Pretendemos, através dessas categorias que remetem a diferentes momentos de vida e formação, elaborar um percurso que se apresenta mais ou menos linear, simplificação metodológica para o que, no vivido, se mostra sempre complexo e multidirecional. Evitamos, porém, seguir rigidamente o roteiro, a fim que fluíssem lembranças do que naquele momento se apresentava às narradoras em sua maior tonicidade (SILVA, 2016), considerando ainda que pudessem nos trazer elementos para ampliar nossa compreensão sobre as histórias de formação docente.

Os encontros ocorreram de acordo com a disponibilidade de cada colaboradora, conforme ilustra o quadro abaixo:

Quadro 4: Cronograma de Entrevistas

Entrevistada	Data do Encontro	Horário de início	Local	Duração da entrevista
1. Diná	22 de Out/2019	9h30min	Residência da Entrevistada	40min
2. Ana	3 de Dez/2019	18h30min	Residência da Entrevistada	44min47s
3. Solange	12 de Dez/2019	10h00min	Col. Leônidas	50min
4. Eliana	7 de Jan/2020	15h00min	Residência da Entrevistada	52min55s
5. Maria Valdeci	7 de Jan/2020	16h30min	Residência da Entrevistada	1h09min
6. Cidinha ⁷	20 de Abril a 3 de Maio/2020	17h15min.	WhatsApp	1h12min.
7. Antônia	22 de Jun/2020	14h08min	Meet	3h24min
8. Ester	12 de Jul/2020	15h57min	Meet	1h14min
9. Nama	21 de Jul/2020	14h30min	Meet	55min41s
10. Marta	25 de Ago/2020	14h28min	Meet	2h14min

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Após conclusão das entrevistas, obtivemos resposta da SEDUC ao ofício no qual solicitáramos dados quanto ao número de professoras aposentadas, regional de lotação,

⁷ Entrevista com a professora Cidinha, conforme solicitação da narração, se deu tanto por áudio quanto por mensagem escrita. As respostas escritas foram sempre breves e mais pontuais, a exemplo, o informe de uma data ou de nomes. A entrevista durou 28 dias, com início no dia 20 de abril e conclusão no dia 18 de maio de 2020.

escolaridade de ingresso e aposentadoria, entre outras informações. Julgamos importantes tais dados que colaboraram para a composição dos quadros apresentados e análises a serem apresentadas aqui.

2.2 Escolhas teórico-metodológicas

Cumprir à ciência a compreensão da realidade (DEMO, 1985). Sabedoras disso, como pesquisadoras, além de definirmos o tipo de pesquisa e de entrevista, elegemos os métodos dedutivo e indutivo com vistas a alcançar os objetivos da pesquisa através de uma análise que contemplasse tanto os dados particulares, numa compreensão mais ampla, quanto os dados gerais, numa compreensão mais particularizada (LAKATOS; MARCONI, 2003).

A necessidade de interação com as colaboradoras da pesquisa exigiu uma investigação de caráter qualitativo que, fundamentada no paradigma interpretativista, compreendeu o "reconhecimento e a análise de diferentes perspectivas" (FLICK, 2009, p. 23) das narrativas e contextos em que foram produzidas, respeitando o estudo e considerando-o como parte de um percurso de produção de conjunto que reúne conhecimentos. Dentre os aspectos da pesquisa qualitativa, importa-nos, principalmente, a "perspectiva do participante e sua diversidade", ou seja, o estudo do conhecimento e das práticas das narradoras, os seus pontos de vista, bem como a "reflexibilidade do pesquisador e pesquisado", que considera que

As subjetividades do pesquisador e daqueles que estão sendo estudados são parte do processo de pesquisa. As reflexões dos pesquisadores sobre suas ações e observações de campo, suas impressões, irritações, sentimentos, e assim por diante, tornam-se dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação, sendo documentados em diários de pesquisa ou em protocolos de contexto (FLICK, 2009, p. 22).

Como metodologia de produção de dados para esta pesquisa, consideramos que “a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história [...] pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras” (THOMPSON, 1992, p. 22).

Elegemos a História Oral (HO), sobretudo, pelo fato de nos permitir uma imersão mais profunda na história individual das narradoras e no entrecruzamento de suas histórias, a fim de construir as regularidades da historicidade que as atravessa e constitui. A abordagem é cooperativa, permite a criatividade, o compartilhamento de experiências e, obviamente, demanda uma escuta atenta (THOMPSON, 1992).

Pensamos que as histórias individuais das mulheres-professoras-aposentadas colaboram para a compreensão da história da educação no norte tocantinense e suas narrativas lançam luz

sobre a época e as condições de trabalho, entre outros aspectos que precisam ser considerados nesse processo de entender o papel social da escola e da profissão professora. As narrativas são para nós modos de conhecer as suas experiências como mulheres, estudantes, professoras e aposentadas, o que nos permite compreender o presente, ou seja, as conformações que hoje adquire a educação na região. Isso porque “devemos considerar que o ser humano está irremediavelmente condenado a *dar* sentido, a construí-lo. Atribuir sentidos ao mundo que se apresenta a nós como um significante; atribuir sentido às nossas experiências, ao nosso modo de estar no mundo” (SILVA, 2011, p. 51).

O fato de elegermos mulheres-professoras-aposentadas situou a pesquisa num estudo de gênero, o que nos levou a fazer escolhas teóricas também privilegiando mulheres autoras tanto da literatura quanto de estudos teóricos relativos à questão do gênero. Michele Perrot (2019; 2020), que trata da mulher e outros grupos sociais postos à margem pelas relações de poder e supremacia masculina, mobiliza pesquisas feministas e, de modo sensível e comprometido, traz a grandeza da luta pelo trabalho, participação social e política, e outras formas de (re)existência feminina. Françoise Vergès (2020) é precisa quanto à sociedade colonial e todo o processo histórico que continua marginalizando os corpos femininos, e problematiza o modo como as mulheres "se ocupam incansavelmente da tarefa de limpar o mundo" (VERGÈS, 2020, p. 24). Vilma Piedade (2017) reúne conceitos e aponta caminhos quanto a branquitude, privilégios, opressão, racismo e outras violências, e nos faz refletir e problematizar, sobre cada uma de nós mulheres, a dimensão e a luta ético-política do feminismo e do antirracismo. Silvia Federici (2017, 2019), tanto em sua obra individual quanto reunida a outras mulheres, trata do pensamento feminista, orienta e situa quanto às questões históricas da guerra contra as mulheres e, depois, da política dos comuns, a formação de uma identidade coletiva como contrapoder no processo de "autovalorização e autodeterminação" (FEDERICI, 2019, p. 386) das/por mulheres.

Somam-se a essas leituras Ruth Silviano Brandão (2004), Roseli A. Canção Fontana (2005) e bell hooks (2017), que reúnem histórias de vida, formação e atuação de mulheres para/na docência, refletindo acerca dos processos histórico-social, político e educacional, em especial, vivenciados no Brasil.

Como teoria de análise, elegemos a semiótica discursiva, tida como teoria da significação, que nos leva a considerar os sentidos produzidos pelos sujeitos na relação com os objetos, como também na relação entre sujeitos (LANDOWSKI, 2014, 2015; FONTANILLE, 2013), servindo-nos aqui como artefato teórico e analítico no estudo dos textos produzidos pelas narradoras. Ao analisar o que um texto (verbal, não-verbal ou sincrético) diz, pelo plano do

conteúdo, e como faz para dizer o que diz, através do plano da expressão, a semiótica observa desde o nível mais abstrato até o mais concreto na construção de sentido.

Os semioticistas, na teoria *Standard*, inicialmente, debruçaram-se sobre o modelo de análise do plano do conteúdo que se organiza em três níveis de construção de sentido (fundamental, narrativo e discursivo), sendo que para cada um há uma sintaxe e uma semântica. Se o nível fundamental é o mais abstrato e o discursivo é o mais concreto de análise dos objetos semióticos, elegemos o nível narrativo, tendo em vista a análise das interações e transformações das sujeitas reveladas em narrativas. É na sintaxe do nível narrativo, em que são observadas as transformações dos sujeitos da interação, que são estabelecidas as reflexões landowskianas a respeito dos regimes de interação. Para o sociosemiótico (LANDOWSKI, 2014), além do regime de manipulação (o destinador manipula – faz fazer – um destinatário na busca por um objeto-valor, dotando-o de competência e sancionando positiva ou negativamente a performance) e de programação (quando não há transformação na interação entre os sujeitos e objetos, geralmente dessemantizada), há também o ajustamento e o acidente. Seguindo essa perspectiva, para a semiótica discursiva, há a figura do manipulador, um sujeito que *faz fazer*, que age sobre um outro mediante diferentes estratégias de “manipulação”, *intimidação* ou *provocação*, que fazem com que o sujeito manipulado – denominado pela teoria como *destinatário* – seja levado a fazer por um *dever fazer*; *sedução* ou *tentação*, quando o destinatário é levado a fazer um por *querer fazer* (LANDOWSKI, 2014).

Além disso, mobilizamos o regime da programação, já previsto por Greimas, que se assenta na previsibilidade de papéis (para usar os exemplos de Landowski, temos os contos tradicionais em que o pescador pesca, o rei reina, o professor ensina, o estudante aprende, o estado ordena etc.), isto é, cada sujeito tem prevista a sua ação com tal rigidez que não há possibilidade de ação de um sobre o outro a incidir numa transformação. Compreende as interações excessivamente reguladas que, pelo grau de previsibilidade, acabam por esvaziar o sentido das práticas. Aplicada às narrativas que tratam do fazer docente e do percurso de formação, analisadas nas seções 3, 4, 5 e 6, essa perspectiva pode representar a previsibilidade das práticas que se repetem a ponto de o/a professor/a e o/a estudante serem levados ao fastio (SILVA, 2014), prendendo-se a uma função repetitiva, sem conseguir dar sentido ao seu próprio fazer.

Já o regime do *ajustamento* designa o “processo interativo do qual as relações com o mundo natural, assim como com o outro, nos oferecem diariamente a experiência e frequentemente, um excelente conhecimento intuitivo” (LANDOWSKI, 2014, p. 47). Não há

no ajustamento a assimetria entre um destinador e um destinatário, mas uma relação mais simétrica de um fazer junto. Não há um ponto de chegada pré-determinado, como na manipulação, mas um fazer em processo, a depender daquilo que se edifica quando se age conjuntamente. Do ponto de vista dos riscos, esse é mais fluido que nos regimes anteriores, porque está a depender das relações que vão sendo constituídas e cujo resultado não pode ser previsto.

O último regime, o *assentimento*, representa uma antítese da programação. Pela imprevisibilidade máxima, resulta de um acidente, algo inesperado, imprevisível, cabendo ao sujeito apenas aceitar seus efeitos. No exemplo de Eric Landowski, seria o tipo de interação que acontece entre o tijolo (que despenca do alto de uma construção) e o desprevenido pedestre que o recebe sobre a cabeça quando caminhava na calçada. O destino põe esses dois actantes em interação de modo acidental (LANDOWSKI, 2015).

Enfim, as mulheres fizeram e ainda fazem inúmeras performances, uma conjunção de papéis (ser mãe e profissional) e que podem ser conflitantes. Analisar, à luz da semiótica, as regularidades e singularidades presentes nas narrativas pode ser uma oportunidade de compreender a dimensão da feminização do magistério, as performances realizadas pelas mulheres, os sentidos que produzem para isso, entre outras questões políticas e pedagógicas, importantes para a compreensão da educação no norte tocantinense.

2.3 Em cena, as narradoras: encontros e escutas

Durante o primeiro semestre de 2019, até redefinir a pesquisa e iniciar a etapa de produção de dados, vivemos a tensão de começar logo ou não as entrevistas. O roteiro parecia insuficiente, embora consistente e claro, devidamente alinhado aos objetivos da pesquisa, mas as colaboradoras, ainda incertas. Tudo era apreensão. Aceites obtidos, iniciamos as entrevistas no mês de outubro do ano de 2019. Durante e após a primeira entrevista, muitas lembranças e sentimentos se manifestaram. Daí nasceu a escrita do que estamos qualificando como narrativas afetivas que pretendeu registrar esse momento.

A intenção foi unicamente dar vazão às percepções e registrá-las no caderno de anotações da pesquisa. Embora provida das histórias já compartilhadas, brotava sempre um desejo particular de também registrar o vivido ali, naquele momento em que as narradoras se abriam para mim. Julgamos importante incorporá-las aqui. Desde então, registrar as impressões vivenciadas durante as entrevistas configurou-se uma demanda do dizer. Por tudo isso,

dedicamos esta seção para essas narrativas afetivas, que também servem de apresentação, menos formal, das narradoras.

No dia 22 de outubro, às 9h30min, realizamos a primeira entrevista na residência da colaboradora, conforme acordado antecipadamente. Foi numa terça-feira pela manhã e o dia estava nublado. Nesse dia, entrevistamos a professora Diná Aparecida da Silva Parente que iniciou na docência ainda jovem, depois de cursar o Magistério em Tocantinópolis, cidade distante 151 km de Araguatins. Diná, como prefere ser chamada, continua residindo em Araguatins e tem visibilidade política, embora sem cargo eletivo, e contribui sugerindo ações e projetos voltados para a melhoria da educação municipal. Atuou na docência e em funções técnicas-pedagógicas na escola, na Diretoria Regional de Ensino (DRE/SEDUC) e na rede municipal de ensino, por possuir dois vínculos efetivos.





Figura 1: Ilustração – Narradora Professora Diná
Fonte: KLINKE, 2023

1. Diná:

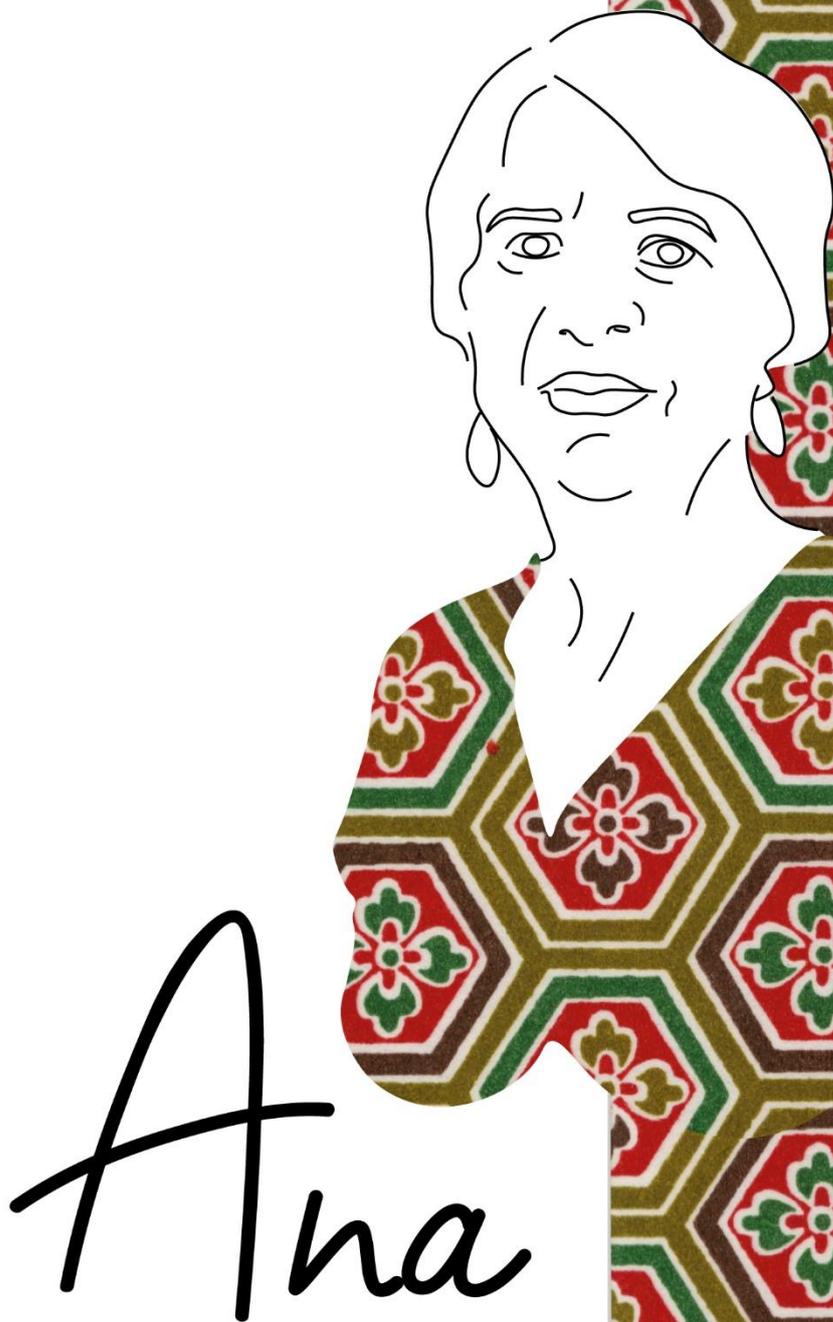
Cabelos curtos e ondulados em tom castanho claro. Olhos miúdos cor de mel, pele branca. Riso discreto e duradouro. Descontraída se permite gargalhar, contidamente. Estatura baixa faz dos saltos um adereço necessário. As roupas sempre festivas e a cor vermelha, predominante. Parece ser a cor preferida. As unhas denunciam isso porque sempre vermelhas, sempre vermelhas. Fala baixo, num tom acolhedor, meigo, mas que também sabe ser autoritário e imponente, se necessário. Vaidosa, sempre maquiada. Levemente maquiada. Diná dava aulas assim, todo dia. Assim ela concedeu a entrevista. Ambientou a casa zelosamente com música de fundo e água servida. Na entrada apresentou as flores e nas paredes, revivemos afetos em fotos do esposo, falecido anos atrás. Na entrevista, ao rememorar seu percurso de vida, concluiu que se fez professora na escola quando, ainda sem formação, já atuava na prática pedagógica. Até o Magistério, atuava intuitivamente e comprometida com a aprendizagem dos estudantes. Nutriu em si o desejo de se formar em Letras, mas a Pedagogia surgiu como possibilidade mais imediata. Formou-se pedagoga sem nunca descolar da literatura e da leitura e da escrita como necessidades de aprendizagem sempre urgente. Criativa fez da sala de aula um lugar de experiências: “se não aprendia de um jeito, tinha que ensinar de outro jeito”. Autodidata, partiu do flanelógrafo à leitura em voz alta com textos reproduzidos numa cartolina porque era ausente o livro. Era preciso ensinar na escassez. Era preciso que seus estudantes aprendessem. Durante a carreira, passou de professora leiga a especialista. Durante a vida profissional, assumiu todas as funções possíveis: sala de aula, coordenação pedagógica, diretora de unidade escolar e diretora regional de ensino. Remanescente de Goiás, aos 58 anos, aposentada há cinco anos, retoma o círculo de leitura com amigas e é engajada politicamente (Diário de Campo, 2019).



O segundo encontro ocorreu numa sexta-feira, dia 3 de dezembro de 2019, às 18h30min, na residência da entrevistada, em Araguaína. Foi num final de tarde e antes de começar a entrevista, a professora Ana Feitosa de Souza me apresentou a sua casa, mostrou cômodo por cômodo e disse da saudade dos netos que moraram alguns anos com ela. Em seguida, sentamos na área externa da casa e, entre café e bolos, ela me concedeu a entrevista. Embora a professora Ana componha o quadro de entrevistadas de Araguatins, atualmente vive em Araguaína, onde continua atuando na escola, em função de um segundo concurso, na rede municipal de Araguaína, desempenhando a função de bibliotecária escolar. Ana é natural de Porto Alegre, Rio Grande do Norte e, ao longo da vida, migrou para Araguatins acompanhando o seu cônjuge, na época. Em Araguatins ingressou no curso Magistério, concomitantemente com a atuação docente e na mesma escola. Hoje vive sozinha em Araguaína, pois os filhos estabeleceram-se profissionalmente em Araguatins.



Figura 2: Ilustração – Narradora Professora Ana
Fonte: KLINKE, 2023



2. Ana:

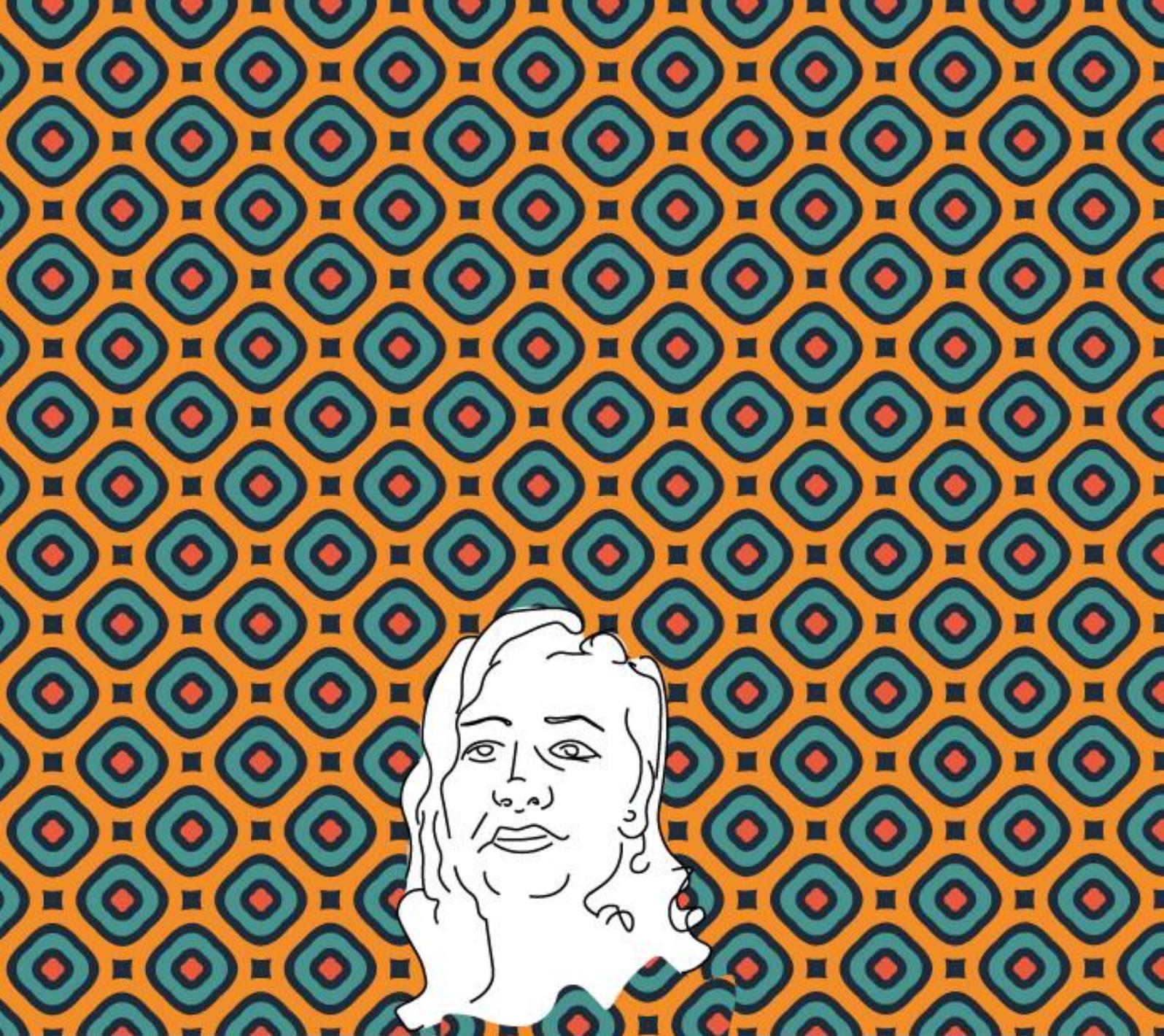
Era ano eleitoral e do palanque o filho reverenciou a mãe. Tomada de emoção, no meio da multidão, olhei do alto e a avistei sentada. Emocionada, ela acenou para o filho. Tomada de memórias que se entrechocavam, tomei para mim o aceno e balancei a mão para ela. Ela correspondeu. Nos reconectamos ali, mas nos contivemos e, protocolarmente, esperamos cumprir nosso dever naquela noite. Desavisada, me pronunciei e inevitavelmente falei sobre filho pelo que havia recebido de sua mãe: “Eu recomendo elegê-lo porque foi educado no afeto, com honestidade e dignidade. Tendo aprendido tudo, ele será um bom gestor”. Terminados os atos, descí eufórica por um abraço. Encontradas em abraço, fomos tomadas de emoção e alimentei ainda mais o desejo e o dever de contar a história dessa mulher e sobre como ela me forma, até hoje. Selamos ali um pacto de mais vezes nos encontrarmos. O tempo passou e fui nutrindo em mim o compromisso de fazer ecoar os afetos em educação que recebi. Depois do reencontro, cuidamos de mais convivência pelo WhatsApp ou em caronas para Araguatins. A viagem era sempre regada de memórias do tempo da escola, dela e meu. Vinda do Nordeste e tendo se casado cedo, a vida lhe impôs desafios. Educar os filhos era um deles, pois, dadas as circunstâncias, não havia escola. Aí assumiu ela mesma a educação dos filhos e, considerando o lugar onde vivia, achou injusto não contemplar os filhos da comunidade. Começou ela uma escolinha, como ela mesma diz. Mal sabia a grandiosidade do que fazia. E começamos por aí, no segundo semestre de 2019, quando ela aceitou confiar a mim suas memórias. Marcamos nosso encontro num final de tarde em Araguaína. Café e bolos sobre a mesa evocaram tantas lembranças do meu tempo de escola. Era assim, vez ou outra ela reunia alguns de seus alunos para atividades de leitura e escrita, embaixo da árvore em sua casa. Eram encontros para encontrar mesmo. Para lermos porque gostávamos de ler e escrever. Mas, antes disso, preciso revelar um pouco da grandiosidade da professora Ana. Se bem me lembro, cursava a terceira série quando ela percebeu minha timidez que tinha profundas e dolorosas raízes na exclusão. Vinda do campo, encontrei dificuldades para ser incluída. Havia mais coisas, mas o texto não é sobre mim. O fato é que eu não lia em voz alta e pouco acreditava que podia escrever. Na primeira aula conosco, a professora Ana solicitou que falássemos de nós, sobre o que gostávamos, onde vivíamos ou coisas do tipo. Enfileirados, escrevemos. A professora Ana andava pela sala quando parou ao meu lado. Leu um pouco e, ao concluirmos a atividade, pediu que eu lesse. Eu nunca havia sido contemplada para ler. Trêmula, engasguei-me e não conseguia ler. Ela se aproximou, pediu que eu me sentasse e colocou o braço no meu ombro e acordou que lia comigo. Juntas começamos e, quando vi, lia sozinha e entusiasmada. Superei

ali muitas inseguranças. Mas continua não sendo sobre mim. É sobre Ana que hoje, aos 72 anos de idade, após já ter se aposentado do primeiro concurso, continua trabalhando e educando pelo afeto. Cabelos sempre curtos do tipo bem curto e arrumado. Tenho a impressão que ela coloca fio por fio no seu devido lugar e vive impecável. Pequenininha e vaidosa, sempre maquiada com delicadeza e sapatos fechados com ar de conforto e bom gosto. Assim ela se arrumou para a entrevista. Enquanto apresentava cada cômodo da casa, contou sobre o tempo que cada neto viveu com ela. Agora sozinha, segue sua rotina de ir para a escola e se entusiasmar com as crianças e tentar entusiasmar as colegas. Sentadas para a entrevista, receio tê-la constrangido com a câmera. Ainda assim, contou a mim sua infância, sobre como se fez professora e o quanto isso significa para ela. Foram 44 minutos de conversa encerrados em fotos do tempo da escola (Diário de Campo, 2019).



O terceiro encontro, pensado também como etapa pré-teste para a realização de mais uma entrevista exploratória, ocorreu no Colégio Estadual Leônidas Gonçalves Duarte, numa quinta-feira, dia 12 de dezembro de 2019, no período matutino. O local foi definido pela entrevistada e, embora nem tivesse pensado nessa possibilidade, foi uma escolha muito feliz e significativa. Revisitar o colégio onde estudei toda a educação básica criou um efeito de que não era apenas imergir na rotina da professora Solange Rodrigues da Silva, que aguardava a aposentadoria em exercício, mas na história de muitos de nós que ali estudamos, na minha própria história. Iniciamos a entrevista às 10h00min, tendo como pano de fundo as muitas vozes de estudantes pelos corredores e salas, professoras e professores na sala ao lado, o sino que tocava, paredes repletas de memórias em quadros e outros objetos biográficos. Solange formou-se professora e atuou, a maior parte de sua vida, no Colégio Estadual Leônidas Gonçalves Duarte, que está localizado no centro da cidade. Filha e irmã de professoras, Solange iniciou no quadro administrativo e, depois, antes mesmo de concluir o Magistério, passou a atuar na docência. A formação em Pedagogia só foi possível em função do Regime Especial, política de formação de professores de que trataremos no decorrer deste estudo.





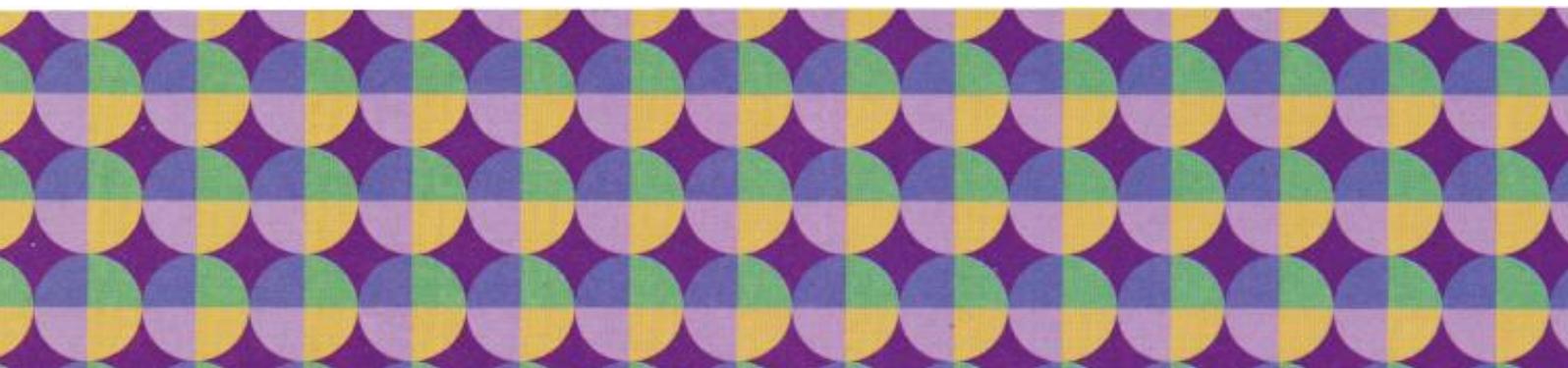
Solange

Figura 3: Ilustração – Narradora Professora Solange
Fonte: KLINKE, 2023

3. Solange (Sol):

Passos firmes, ombros e cabeça erguida em atitude de afirmação de uma filha e irmã de professora que sabia bem que lugar assumia. Era assim que, todos os dias, Solange entrava pelo portão da escola. Cabelos ondulados e sempre abaixo do ombro, maquiagem discreta e estilo que mistura o conforto e a vaidade. Assim reencontrei Solange para a entrevista, na escola. Antes, marcamos via WhatsApp o nosso encontro e a escolha do local tiveram a ver, a princípio, com o fato de ela aguardar em exercício a aposentadoria. Tomada de emoção entrei na escola, olhei cada pedaço e percebi as mudanças. Percebi também o que permaneceu. Nem imaginei ser arrebatada de memórias que vieram misturadas a um turbilhão de sensações. Solange me recebeu na sala da gestão e lá, sozinhas, nos reencontramos e nos deixamos tomar por memórias e expectativas sobre a vida. Realizar a entrevista ali, na escola, foi simbólico para mim, pois revisei o lugar onde estudei toda minha educação básica, e para Solange porque o Leônidas, literalmente, é para ela uma casa. Ainda jovem frequentava a escola em que sua mãe trabalhava e geria como filha e como estudante. Foi ali que ela estudou toda a educação básica também, e se fez professora. Quase toda a sua atuação profissional está ligada ao Leônidas e, com isso, ligada a todos que ali estudaram e atuaram. No início dos anos 90, Solange foi para nós uma figura curiosa. Rigorosa e focada em manter a disciplina, pouco ria. Em contrapartida, era zelosa com todos. Chamava a todos pelo nome, conhecia cada pai e mãe. Sabia das dificuldades de cada um e se preocupava com a aprendizagem. Nos discursos disciplinares havia sempre uma postura de fazer cada um se sentir e assumir suas responsabilidades. Misturada à postura disciplinar rígida havia muito zelo maternal. Cada estudante era para ela um sujeito do aprender. Hoje, aguardando sua aposentadoria, Solange não parece querer romper com a escola porque segue engajada e ativa na escola. (Diário de Campo, 2019).

A quarta entrevista foi concedida pela aposentada Eliana Ferreira Santana da Silva, dia 7 de janeiro, quarta-feira, às 15h00min, na residência da entrevistadora, em Araguatins, lugar elegido pela entrevistada. Antes de começar a entrevista, apresentei a casa e a professora Eliana reencontrou outras duas ex-alunas, minhas irmãs. Houve um breve momento de descontração e, em seguida, iniciamos a entrevista. Embora promovido um ambiente acolhedor, a opção pela entrevista fora do ambiente privado da entrevistada. A professora Eliana iniciou na docência ainda leiga, pois não havia cursado o Magistério. Cursou o Magistério na Colégio Estadual Leônidas Gonçalves Duarte, assim como Solange e Ana. Atuou essencialmente na docência, mas contribuiu noutras funções da escola e na Diretoria Regional de Ensino (DRE/SEDUC).





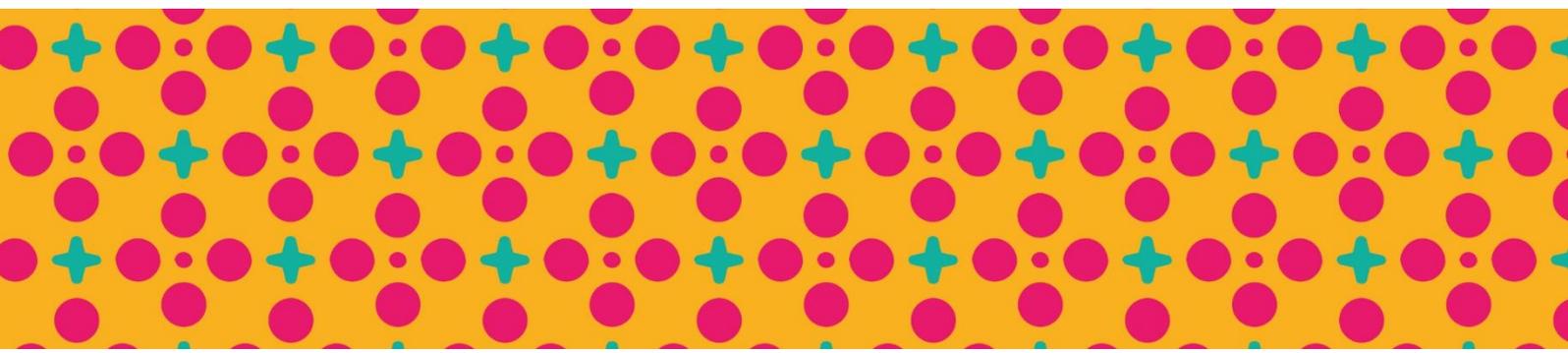
Eliana

Figura 4: Ilustração – Narradora Professora Eliana
Fonte: KLINKE, 2023

4. Eliana:

Aprensiva, Eliana chegou à minha casa. Apesar de ter antecipado o motivo do encontro, ainda assim se mostrava cautelosa ou receosa para falar. Em virtude de estar reformando a casa, optou por me encontrar em minha casa. Pediu um ambiente tranquilo e o que nos ocorreu é que seria um bom lugar. Nem me dei conta de que seria, além de acolhedor, um lugar de encontro. Professora minha e de minhas irmãs, nas décadas de 80 e 90, foi acolhida em muitos abraços. E foi um tal de “Oi minha professora querida”, abraços apertados e risos contagiantes. Isso contribuiu para a descontração. Iniciamos a entrevista ali mesmo na sala, e uma irmã quis fotografar, a outra participar um pouco e dizer “A senhora me inspirou a estudar matemática”. Diga-se de passagem, inspirou tanto que ela optou pela licenciatura em Matemática. Como em todas as entrevistas, apresentei o objetivo da pesquisa, comentei um pouco sobre o percurso já realizado e iniciamos mais descontraídas. Nascida em Nazaré, uma cidade próxima a Araguatins, Eliana foi sempre estudiosa. Muito cedo, com quase 19 anos, se descobriu professora quando, ainda leiga, começou a ensinar. Cabelos pretos e estatura mediana, em sala, Eliana tinha uma presença imponente. Sempre séria e o silêncio era uma condição que impunha para que mantivéssemos a concentração em sala. Ao narrar seu percurso se avalia como autoritária e fiquei buscando na memória momentos que evidenciassem isso. Me lembrei de momentos de organização, cumprimento de tarefas, disciplina. Me lembrei do silêncio para que nos concentrássemos em nossas tarefas também. Me lembrei, sobretudo, que Eliana sempre foi acolhedora e o quanto se preocupava com nossa aprendizagem. Exigia aprendizagem, mas criava condições para isso. Afinal, não era isso a ser feito? Ao rememorar a vida parece ter suscitado uma consciência de si como filha, mulher e professora. Nos despedimos e dissemos uma para a outra o quanto nos admiramos. Eu pela profissional que muito me ensinou e construiu uma carreira séria e comprometida. Ela pela aluna que ajudou a formar e que hoje ocupa lugares e se dedica à educação: “Eu sempre tive muito carinho por você e, hoje, fico orgulhosa lhe acompanhando em tudo que faz. Isso é uma realização para mim”, disse Elaina. Hoje, aposentada, é avó e tem se desdobrado em amor e cuidados aos netos. Esposa dedicada, mãe devota e avó entusiasmada, vive a leveza de ter cumprido sua função social de professora e se orgulha quando olha e vê a dimensão do que realizou. Parece que descobre agora que o seu trabalho não se encerrou com a aposentadoria. Ela continua em cada estudante que se promove como sujeito social na sua humanidade do ser e quando se forma profissional ético e competente (Diário de Campo, 2020).

Dia 7 de janeiro às 16h30min, realizamos também a quinta entrevista. Dessa vez fomos ao encontro da professora Maria Valdeci Ribeiro de Souza, em sua residência, localizada próxima à escola onde trabalhou boa parte de sua vida na cidade de Araguatins. Maria Valdeci concedeu sua entrevista na sala de casa e declarou ter passado a semana ansiosa, preocupada com o que deveria dizer ou não, isso porque sua história é marcada pelo racismo e efeitos da desigualdade social que assola o país. Nessa direção, Edna Sousa Cruz (2015), em *Eu era a única professora negra na escola de Inglês: histórias de de professoras negras de Imperatriz – MA*, diz que é “indispensável estudar as memórias, as vivências e experiências para se conhecer a trajetória dessas docentes negras que conseguiram romper barreiras, como a do racismo, da discriminação e exclusão” (CRUZ, 2015, p. 39). Para Valdeci, a docência foi o lugar que elegeu para atuar no sentido de enfrentar tais desigualdades e romper com os preconceitos perpetrados na sociedade, e que matam emocionalmente, fisicamente, socialmente etc.





Valdeci

Figura 5: Ilustração – Narradora Professora Valdeci
Fonte: KLINKE, 2023

5. Maria Valdeci:

Menina negra e pobre sonhava ser psicóloga. Sonhava cuidar de crianças ou velhos. Nascida em Santo Hilário quando Araguatins ainda pertencia a Goiás, desde sempre empreendeu estudar. Migrou do campo para a cidade para ingressar na escola. Mas nada disso foi simples, pois muito cedo descobriu o preconceito de classe, gênero e racial. Subestimada e vivendo à margem, foi submetida ao trabalho doméstico ainda criança e fora do seio familiar. Migrou mais uma vez e foi levada para Goiânia e viveu duras experiências. Convicta do que queria e podia, assumiu para si não se deixar oprimir, embora os traumas já estivessem instaurados na alma. Tempos depois, ainda vivendo fora de casa, encontrou acolhimento e dignidade no lar de um casal de idosos. Emocionada, Maria Valdeci rememorou e confidenciou a mim sua história e as recorrentes posturas racistas que enfrentou ainda menina. Os anos se passaram e depois regressou para Araguatins e assumiu a docência ainda leiga. No convívio diário com as crianças e adultos se descobriu professora e percebeu que ali era feliz, e foi quando o sonho da Psicologia deu lugar para a docência e, através do projeto LUMEN, formou-se professora. Ao assumir a docência elegeu para si algumas prioridades: não repetir o preconceito, não marginalizar os seus estudantes, não oprimir. Elegeu superar o “Você tem que ficar na lama de onde veio” quando não conseguiu bom desempenho na escola. Elegeu olhar e ver cada estudante e não reproduzir “Ela não sabe ler” quando a professora nem havia lido com ela. Convicta do ser professora que passou a nutri-la, Maria Valdeci decidiu ensinar fundada no afeto e no zelo para com cada aluno. Perceber as dificuldades, se inquietar com as ausências, ouvir atentamente e acolher em escuta e afeto foram escolhas sensíveis e que sempre priorizou enquanto professora. Metodologicamente e empiricamente, escolheu colocar os estudantes no centro do processo de aprendizagem, uma opção que dava visibilidade para todos e que foi determinante para o seu próprio fortalecimento. Instaurou-se um aprender conjunto onde, ao ensinar, aprendia mais sobre si mesma, os seus limites e traumas a superar. E assim, em sala e com os estudantes, superou a timidez e se reconheceu sujeita de possibilidades e que promovia outros sujeitos. Aos 67 anos, aposentada, Maria Valdeci me recebeu em sua casa e disse o quanto está feliz por ter tempo para si, para os netos, para o esposo, para as plantas (Diário de Campo, 2020).

A sexta entrevista, em função da pandemia do Coronavírus (Covid-19), foi realizada via *WhatsApp*. Antes, fizemos uma tentativa de entrevista presencial, porém, as rotinas de trabalho impediram-nos do encontro. Reprogramamos outras vezes e depois acordamos de realizar via *WhatsApp*, o que otimizaria para todas nós, pois a colaboradora reside em Palmas. A entrevistada optou por responder as perguntas, progressivamente, a princípio porque estava submetida a uma rotina exaustiva de trabalho remoto, depois pelo fato de a entrevista ter mobilizado memórias ora traumáticas, ora eufóricas, ora felizes. A professora Cidinha (Aparecida), assim chamada por todos, compõe o quadro de entrevistadas, em especial, pelo fato de ter sido professora das professoras entrevistadas de Araguatins e mencionada por todas elas. Além disso, a professora Cidinha prestou relevantes serviços como docente no curso Magistério, por anos, no Colégio Estadual Leônidas Gonçalves Duarte, contribuindo com a formação de toda uma geração de professoras, em sua maioria. Atuou como gestora da Secretaria Municipal de Educação e Cultural de Araguatins, na gestão 2000-2004. Destacou-se por empreender a gestão democrática e investir na parte diversificada do currículo.





Cidinha

Figura 6: Ilustração – Narradora Professora Cidinha
Fonte: KLINKE, 2023

6. Aparecida (Cidinha)

Todas as mulheres-professoras-aposentadas entrevistadas de Araguatins, uma a uma, sem saber o que as colegas haviam dito, citaram Dona Cidinha como a professora mais representativa enquanto estudantes do Magistério. Todas, com brilho nos olhos, a mencionaram com afeto e admiração. Elas construíram um elo entre si que depois reverberou na atuação profissional de cada uma. Antes eram estudantes supervisionadas pela professora de Estágio. Depois, colegas de trabalho que não encerraram o elo, pelo contrário, o fortaleceram e seguiram aprendendo juntas, no colégio. Munida de cinco entrevistas, passei a articular a entrevista com a professora Cidinha que hoje vive em Palmas. Minha memória quanto a ela estava ligada a outras experiências fora da escola e de caráter mais pessoal e familiar. Busquei me despir um pouco da visão que tinha para não comprometer a escuta. Mas o fato é que, ouvindo-a, tudo se confirma e ganha ainda mais valor. Cidinha é uma mulher pequenina na estatura, mas grandiosa da alma. Ela tem um ar divinal e aura sempre acolhedora. Olha a todos com afeto e exerce a bondade em tudo. Desde quando a conheci suas roupas são sempre serenas, bem compostas e alinhadas. Simples e vaidosa, adora batom com cores vibrantes. Os cabelos arrumados, louros e lisos, parecem não ficar fora do lugar nunca. Assim Cidinha é na escola, na rua, em casa. Durante os dias de entrevista, via Whatsapp, sua doçura e disponibilidade eram contagiantes. Muitas vezes se emocionou rememorando o seu percurso e a importância dos estudantes em sua vida. Quando disse sobre como cheguei até ela, lisonjeada agradeceu a oportunidade e a cada uma das mulheres-professoras-aposentadas narradoras que a mencionaram como exemplo de mulher e professora. Cidinha mudou-se para Palmas com a família, ingressou na universidade e cursou Pedagogia. Aposentou-se do vínculo com o Estado e fez novo concurso. Atuando até hoje na educação básica estadual, narrou os contentamentos e descontentamentos diante da crise humana. Reiteradamente disse do quanto é importante o afeto na escola. E, assim, caminhamos para um fim na entrevista, pois estava difícil conciliar o trabalho remoto, o trabalho doméstico, os cuidados com a mãe também idosa, os netos. Encerramos a entrevista, mas, nitidamente, Cidinha tem tanto a nos contar e ensinar!

(Diário de Campo, 2020)

Seguindo o fluxo de entrevistas, após ampliação do roteiro demanda pela escuta atenta das primeiras colaboradoras, iniciamos o percurso com as professoras de Araguaína. A primeira entrevistada foi a professora Antônia Alves dos Santos que via *Meet*, no dia 22 de julho de 2020, abriu uma janela virtual e deu-me permissão para entrar em sua casa, em sua vida. Antônia é paraibana e migrou para o Tocantins em busca de trabalho, ainda jovem. Estabeleceu-se em Araguaína e iniciou sua atuação junto a SEDUC como contrato temporário, tendo se tornado efetiva posteriormente, via concurso público.

Figura 7: Ilustração – Narradora Professora Antonia
Fonte: KLINKE, 2023



7. Antônia:

Não foram mais que dois encontros. Na DRE sempre comprometida em ouvir para então questionar e sugerir. Na escola, falava com voz alta porque característico, parecia liderar os colegas com palavras encorajadoras. Nem notou minha presença. Me impressionou o entusiasmo. O tempo passou e veio a aposentadoria. Os estudantes da escola para a qual ela se dedicou por anos a fio fizeram um corredor de aplausos acalorado de abraços e um coro de gritos que até podia parecer desarmônico, mas que, de tão eufórico e afetivo, parecia sinfonia. Aí marcamos uma entrevista. Uma entrevista virtual. Uma sujeita intrigante, não é mesmo? Ela topou já contando histórias de si; “Não dá para ser hoje porque, menina, estou fazendo três cursos on-line. Mas, depois, na hora que você quiser”. Pensativa me questionava sobre se aposentar e continuar estudando. Por instantes me imaginei no futuro. Afinal, era eu falando. O meu eu falando. Agendamos para as 14 horas. Ela não se conectou, nem enviou mensagem. Liguei. Ao atender: “Érica, esqueci a hora. Estava ali cuidando do quintal. Me dê cinco minutos”. Conectadas via Meet, nos reencontramos e relembramos momentos. Para mim, ela já era um rosto, um nome, uma trajetória. Eu, para ela, um nome e uma meia trajetória. Com o cabelo grisalho e cacheado, preso em rabo de cavalo, sentou-se diante de mim na tela. Vestia uma blusa em preto e branco bem sóbria. Reclamou dos óculos que quebrou em plena pandemia. Disse da alegria de falar de si. E foi contando, contando a vida. A vida na Paraíba, entre Remigio e Areia, sempre com destaques do tipo: “A minha terra é muito linda. Você sabe, não é? Lá é uma cidade de muitos poetas famosos da literatura. Muitos escritores, na verdade”. Misturado a isso, a infância, a escola, a juventude, as transgressões, a luta. Tudo isso confiado a mim como em cascata que como água escorria para dentro de mim e me impactava e transbordava em lágrimas de admiração. Mas essa história não é sobre mim. É sobre ela, Antônia, uma menina que se fez mulher e professora transgredindo regras agressivas lançadas sobre o corpo, sobre a voz. Punida, muitas vezes, fez disso aprendizagens, nutriu expectativas e se lançou para a vida, para o Tocantins, penso eu que com o entusiasmo de que fala de si, do seu agora, professora aposentada. Antônia, além de se tornar uma “sujeita histórica real” para a nós, fez substancial para que alcançássemos outras vozes. Foi quem nos conectou às outras mulheres-professoras-aposentadas de Araguaína. (Diário de Campo, 2020)



No dia 12 de julho de 2020, a pandemia já havia matado 32.912 cidadãos brasileiros, conforme noticiou o G1⁸, uma média de 1.086 mortes diárias, e era ausente uma política nacional de enfrentamento do vírus e de preservação da vida dos brasileiros. Cientes da importância do isolamento social dentre outras medidas de cuidado individual e coletivo, optamos por realizar a entrevista via *Meet*. Nesse dia, entrevistamos a professora Ester Vieira Lima que nasceu em Ananás, município localizado a 118 Km de Araguaína. Iniciou na docência quando ainda nem havia cursado os anos finais do ensino fundamental. O Magistério veio através do LUMEN, programa de formação de profissionais leigos, empreendido pelo Ministério da Educação (MEC), sobretudo para atender a demanda de profissionais das regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Era ausente ou mesmo insuficiente o número de instituições ofertantes do ensino superior nessas regiões.

⁸ Portal de notícias da Globo. Disponível em:
<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/07/28/covid-mortes-julho-de-2021-julho-de-2020.ghtml>



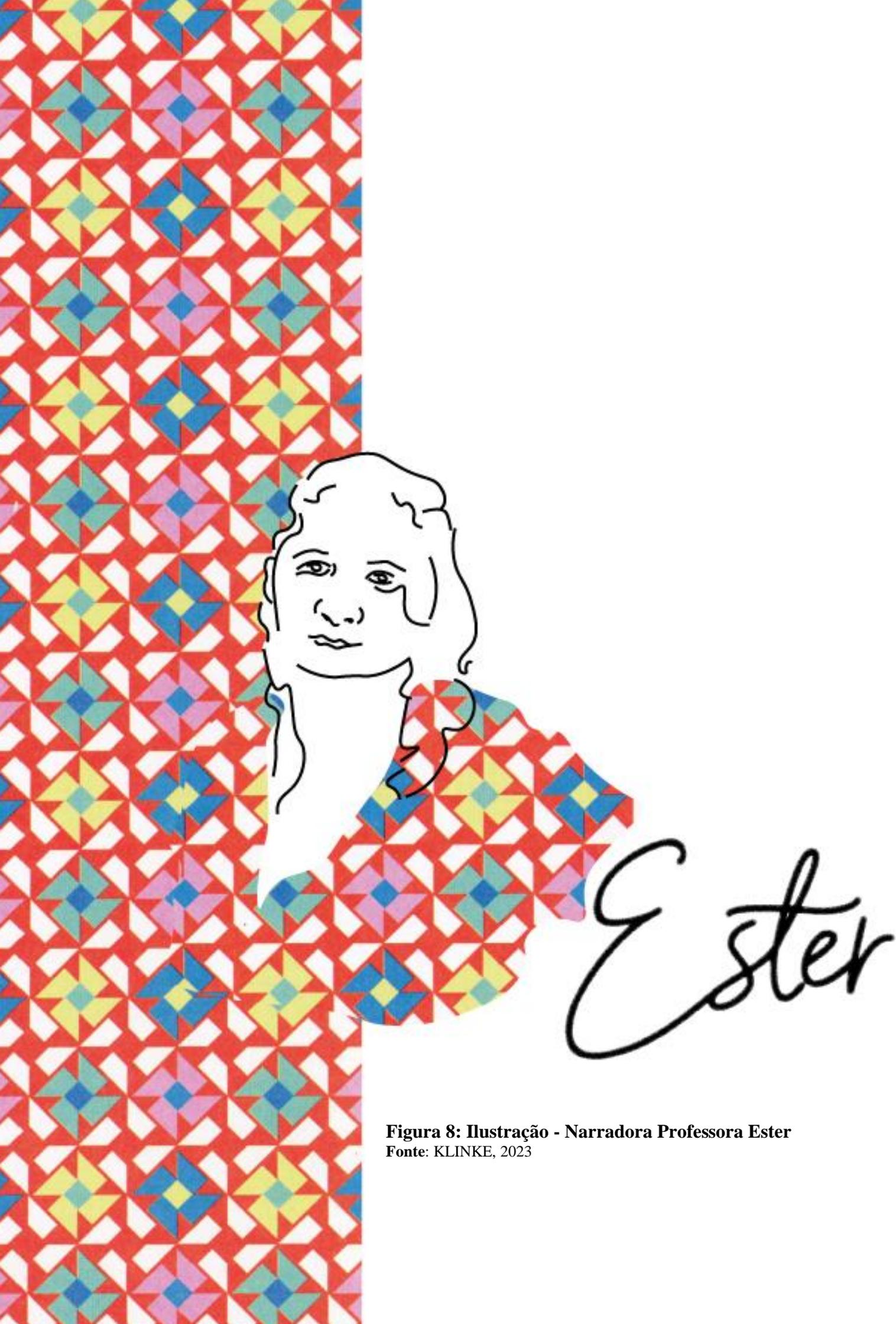
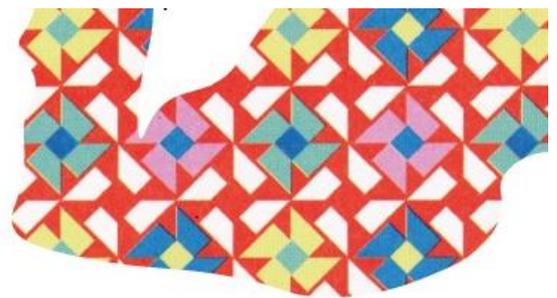


Figura 8: Ilustração - Narradora Professora Ester
Fonte: KLINKE, 2023

8. Ester:

Marcamos e desmarcamos. Não havia e-mail. Não havia computador. Protelamos enquanto mantínhamos contato pelo celular. Lembrou que podia pedir ajuda. Pediu à neta auxílio e, então, marcamos pelo Meet o nosso encontro. Afinal, havia um grande interesse em falar e ser ouvida. Havia muito desejo de escuta. Queria escutar uma mulher, mãe e professora que soube, tinha uma história de luta. Começamos e, entre uma fala e outra, ao fundo, ora a neta, as filhas, ora o marido. Virou um acontecimento, um momento festivo. Eles queriam saber quem era essa mulher curiosa e porque se interessava pela vida de uma professora aposentada. O marido, ao fundo, disse: “Boa tarde, doutora. Sucesso aí no seu estudo. Deus abençoe a senhora”. Benção recebida, seguimos. “Minha vida não foi fácil. Criei 4 filhos com deficiência”. Ester então conta sobre a filha genética e os outros filhos da filha, netos que, sendo uma mãe incondicional, assumiu para si a responsabilidade de cuidar de todos. Amar a todos. Nasceu em Ananás, uma cidade pequena e pacata. Lá estudou até a terceira série. Ao concluir a quinta série, já morando em Araguaína e casada, passou num concurso público para a docência na rede municipal. Tornou-se professora antes de concluir o ensino fundamental. Teve dez filhos e, só depois, voltou a estudar. Kursou o LUMEN, um projeto de formação de professores. Ester não se sentia segura, apta. Tinha experiência, era competente, mas tinha dúvidas. Era inquieta. Queria aprender mais para ensinar melhor. Ingressou no Magistério e diz ter, enfim, aprendido a docência com uma de suas professoras. O tom da fala, a desenvoltura, a sensibilidade. Não foi fácil esse percurso, pois enfrentou o machismo do esposo. Enfrentou a dura jornada de dar conta dos serviços domésticos, educar os filhos, ser profissional e, ainda, mulher. Muitas vezes dormiu sem sequer comer. Eram muitas as obrigações e a comida, segundo o marido, só era boa se feita por ela. Caso contrário, dispensava e reclamava. Ao longo dos anos, isso foi mudando e houve mais solidariedade. A universidade veio na meia idade. Foi um tempo de reencontrar a si mesma e de estabelecer novas relações ou mesmo fortalecer as já existentes. Estudar a língua, ler e produzir conhecimentos, melhorar a prática em sala soavam desafio e realização. Concluiu essa etapa e descobriu mais força em si mesma. Comprou um carro e ganhou mais autonomia e isso facilitou gerir melhor o tempo. Agora conseguia até parar para comer melhor. Mas havia uma inquietação sempre latente: compreender as deficiências dos filhos e ajudá-los a viver melhor. Ester também precisava viver melhor. Então, se dedicou a estudar e estudou. Aprendeu a ensinar pelas limitações e promoveu inclusão. Inclusão dos filhos de pais que nem sabiam quem ela era. Incluiu os filhos na própria casa. Ester conseguiu. Ela implantou o atendimento

especial que até hoje é referência em Araguaína. Ester é uma das mulheres que têm mudado o mundo. Hoje, aposentada, Ester persiste inculcando solidariedade, amor e cuidado, cuidando dos filhos, da comunidade (Diário de Campo, 2020).



Após inúmeras tentativas e conversas, no dia 21 de julho de 2020 conseguimos realizar a entrevista com a professora Nama Mendes Brito. Utilizamos o *Meet* em função do agravamento da pandemia da Covid-19, e ser esse o meio mais seguro para todas nós. Nama estava em casa, acompanhada pela mãe, com quem vive. Nasceu em Araguaína, local onde estudou toda a educação básica, cursou licenciatura e atuou na docência. Assim como Antônia e Ester, Nama compõe o quadro de mulheres-professoras-aposentadas de Araguaína.



Figura 9 - Narradora Professora Nama
Fonte: KLINKE, 2023



Nama

9. Nama:

A pandemia impôs limites à pesquisa. Planejamos um encontro em casa, mas cientes dos riscos, o meet foi um suporte importante. Nama era um rosto desconhecido, porém figura solícita. Desde o primeiro contato se dispôs a colaborar com a entrevista e, em casa, no seu quarto, me recebeu. Havia ruídos porque a internet oscilou bastante. Alfabetizada pela mãe e em casa, Nama começou rememorando as primeiras vivências na escola. Para ela, a escola era um lugar feliz, pois gostava de estudar. Competente que era, aprendia com facilidade e se promovia ano a ano. A mãe foi grande empreendedora da sua educação e parece ser suporte emocional fundamental. Logo soube que queria cursar Letras e ser professora. E assim foi. Formou-se e começou a atuar na docência. Nama demonstra paixão pelo curso e tudo que ele lhe permitiu ter. A profissão foi para ela a oportunidade de estabilidade e qualidade de vida. Sempre apoiada pela mãe, se dedicou a ser excelente e fez da docência, lugar de realizações. A mãe é uma figura representativa e, enquanto fazíamos a entrevista, fizemos uma pausa para atender a um chamado e verificar se o leite estava bom. Nama e a mãe vivem juntas e demonstram muita cumplicidade e amor. Enquanto professora, viveu a autonomia e a perda dela em virtude das relações de poder abusivas. Tenaz, contravertia. Nama se debruçava em livros e se formou leitora. Lia que esquecia dos afazeres e passou a ser controlada pelo pai, que dizia: “Essa menina está incutida demais”. Em sala atuou para formar leitores. Hoje, aposentada, se descobriu com problemas renais e dependente da hemodiálise. Rigorosamente cuida da saúde e da mãe, e juntas cuidam das plantas (Diário de Campo, 2020)

Movidas pelas histórias de nove narradoras e depois de onze meses em contato com elas, avançamos para o fechamento do ciclo de entrevistas. Deste modo, no dia 25 de agosto de 2020, também via *Meet*, entrevistamos a professora Marta, uma mulher nordestina, que migrou para Araguaína em busca de estabelecer-se profissionalmente, via concurso público. Marta narra sua história de vida carregada de pertencimento ao lugar onde nasceu, Caxias, no Maranhão, e as sujeitas mulheres, a tia, a mãe e avó, que a constituíram pelas experiências de aprender a docência e a vida. Marta cursou o Magistério e depois Letras, mas antes da licenciatura já atuava. Tem experiências importantes como a atuação na APAE e no ensino de língua portuguesa, uma vez que sua formação é em Letras. Mesmo depois de aposentada permanece em Araguaína, mas mantendo estreita relação com suas origens.





Figura 10 - Narradora Professora Marta
Fonte: KLINKE, 2023

10. Marta:

No quarto, dois espelhos. Moldura branca em posição vertical, o espelho grande, ora ou outra mostrava um corpo entusiasmado falando de si. O outro, moldura azul, pequeno, na parte lateral superior ao lado do branco era só adereço. Neles nada vi refletir que não o prazer de si mesma, de olhar e ver a si mesma. Os espelhos delatavam a mulher ali diante de mim. Havia ainda um chapéu de palha denunciando identidade. Nos encontramos via WhatsApp. Primeira resposta foi um silêncio, para mim, longo. Depois, o aceite entusiasmado. Disponibilidade e desejo de falar de si abreviados em pequenos indícios em mensagens sem rosto, sem encontro. Nos encontramos, às 14h30min do dia 25 de junho de 2020, um dia de nuvens brancas bailando no céu azul tão azul, tão azul, anunciava o verão. Ela usava batom e óculos lilases. Olhos delineados em preto ou também lilás. A internet ruim e visibilidade comprometida, me impediu de precisar os olhos. Cabelos pretos e partidos ao meio que vaidosamente passava a mão para manter a bonita aparência. E assim, a voz de Marta se fez materialidade em corpo, memórias, emoção e voz. Começamos pela motivação desse momento, a tese, as memórias. Acolhida a ideia, assim, como quem lança uma granada, ela começa: “Fui alfabetizada pela tia que é grande exemplo para mim. Nasceu com hidrocefalia. Naquele tempo nem se sabia o que era. Tirou o líquido, ficaram as sequelas. Começou a andar com nove anos e só aí foi para a escola. Cursou Magistério e, depois, alfabetizou a mim, meus cinco irmãos, onze primos e os meninos da rua, lá em Caxias, Maranhão. Trabalhou vinte e cinco anos. Se aposentou e hoje é acamada, tem lapsos de memória que se misturam a momentos de lucidez”. Impactada, por instantes, eu não soube o que dizer, retomar ou continuar. Como professora sensível que se revelou a mim, Marta retomou a fala e seguiu dizendo da grande menina, mulher e professora que tia Maria da Graça foi e ainda é para ela, para a história educacional e social daquele lugar. Entrecruzando histórias para construir a sua, me revela a mãe viúva e sua avó destemida que juntas tinham um grande e inalienável propósito, garantir formação aos filhos e netos. Para isso, conseguiram bolsas e, enquanto não recebiam, driblavam o controle de entrada na escola para não perderem as aulas. As crianças comungavam do mesmo propósito e se debruçavam sobre os estudos para valorizar cada esforço, cada sacrifício feito pela mãe e avó. A escola pública sempre foi o sonho, mas, na inexistência dessa política para os Anos Finais do Ensino Fundamental, a escola privada era a única opção e exigiu muitos ajustes e desdobramentos. Dentre eles não se sentir excluída quando a exclusão se impunha. Não renunciar aos princípios aprendidos como herança para não se esquecer do que os movia e ainda move. Concluído o ensino fundamental começa de novo a saga por vagas, bolsas, uma

escola. O Médio Científico não ensinou a docência, mas aprendeu na prática quando professora de filhos dos operários de uma fábrica. Causou espanto uma escola com infraestrutura impecável como lugar de formação de pobres. Desafiadora experiência, mas também lugar de formação enquanto sujeita mulher e professora. Encarou os próprios medos. Definiu metas. Mudou de cidade. Veio para Araguaína, Tocantins, e cursou Letras. Casou e teve três filhos, uma gestão de gêmeos. Abandonada pelo marido durante a última gestação, a travessia do rio Tocantins no percurso Imperatriz-São Miguel, feita sempre de balsa, foi também travessia da alma, lugar de aconchego e força. Obstinação a transformar vidas, atuou 35 anos na docência, sempre na escola pública, e disseminou afetos através de cada aula ministrada, cada projeto empreendido. Aposentada, se diz realizada, mantém vínculo com os estudantes, colegas professores e com a escola (Diário de Campo, 2020).



Precisamos escutar as palavras que ressoam em cada uma de nós, em nossos corpos, afirma Anzaldúa (2000). No início desta seção, dissemos sobre o nascimento da pesquisa. Foi mesmo uma ideia perseguida por anos e, às vezes, até esquecida, não por importância, mas viabilidade e condições de ordem profissional. Porém, assim como Paulo Freire (2019) que ao viajar para o Chile, mesmo em dias frios, buscava a sombra das árvores pelo significado que tinham para ele como memória do lugar onde nasceu e cresceu, saudade do Brasil, em nossas vivências de estudantes e professoras, sempre desejamos registrar histórias de vida de mulheres-professoras, fosse por revisitar nossas próprias histórias ou por reconstruir histórias outras que pudessem fortalecer e encorajar outras mulheres.

Ademais, pesquisar histórias de vida de mulheres-professoras-aposentadas tem revelado a urgência de que escrevamos as nossas histórias de mulheres-professoras-pesquisadoras do Norte. Precisamos desconstruir estereótipos que imprimem o sofrer como único lugar do ser professora e defender o nosso lugar político e ético enquanto sujeitas sociais. Precisamos revelar a precarização da nossa profissão e a ausência de uma política de valorização, mas sem desacreditar na profissão. Assim, cremos que colaboraremos para combater, de certa forma, o atentado iminente que tem sido empreendido nos últimos seis anos contra a escola e a universidade pública. Por isso, também, trazemos vozes do Norte pelo desejo de registrarmos por nós mesmas a nossa prática, nossas vidas.

Nas demais seções, trataremos, pois, do percurso formativo e das condições de vida e trabalho de mulheres-professoras-aposentadas do Norte, em especial das cidades Araguatins e Araguaína, sob a ótica de cada uma, pois são elas as vozes às quais desejamos dar visibilidade.

3 ENSINANDO E APRENDENDO, AS MULHERES TECEM SUAS HISTÓRIAS: MEMÓRIA E DOCÊNCIA

Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra. A história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios.

(Ecléa Bosi, 2003, p. 15)

Nesta seção, buscamos dar a dimensão mais interdisciplinar de nossa pesquisa, trazendo elementos fundantes de nosso trabalho, que se orienta pela História Oral, semiótica discursiva e estudos da história de mulheres. Já discorreremos mais detidamente sobre a História Oral porque foi a matriz que guiou na produção das entrevistas e orientou a perspectiva de classe pelo recorte que constitui a escolha das sujeitas de pesquisa, todas professoras, hoje na condição de aposentadas. Aqui, no entanto, costuramos sentidos sobre a memória, constituídos a partir dessas diferentes formulações teóricas, tendo em comum que a memória vai ser concebida como construção de ordem discursiva, que dá contornos narrativos ao vivido a partir da perspectiva do presente de sua enunciação (AGOSTINHO, 2015; FIORIN, 1996).

Embora complexa a discussão da memória, dedicamo-nos a compreender os conceitos basilares: lembrança, memória e reminiscência. Para tanto, recorreremos aos estudos de Paul Ricoeur (2007), Santo Agostinho (2015) e Claude Zilberberg (2011), essencialmente.

Paul Ricoeur (2007) em *A memória, a história e o esquecimento* discute amplamente a memória e a reminiscência, e permite-nos refletir sobre o lembrar e a quem pode pertencer a memória. Apontamentos que nos conduzem, pois, a pensar sobre a quem serve a memória e se consiste a memória em algo individual ou coletivo, privado ou público, e ainda: "Se nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel de conceito analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória" (RICOUER, 2007, p. 23). As discussões tratam ainda dos *usos e abusos da memória*, ou seja, das implicações quanto ao *exercício da memória* que pode oportunizar o abuso, por excesso ou insuficiência de memória ((RICOUER, 2007, p. 72; 94).

O pragmatismo atribuído à memória em Paul Ricoeur (2007) aponta, pois, para a necessidade de um *fazer memória*, dando sentido a essa *memória natural* resultante da junção entre a "ausência de coisa lembrada e sua presença na forma de representação" (RICOUER,

2007, p. 72), uma vez que "lembrar-se não é somente acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la, 'fazer alguma coisa'. O verbo 'lembrar-se' faz par com o substantivo 'lembrança'. O que esse verbo designa é o fato de que a memória é 'exercitada'" (RICOUER, 2007, p. 71).

No que diz respeito à memória natural, é importante compreendermos as suas variações. Há, pois, três tipos de memória: a *memória impedida*, a *memória manipulada* e a *memória obrigada*. A primeira consiste numa memória que está voltada para as questões patológicas e terapêuticas e dentre suas características tem-se o trauma. Quanto à *memória manipulada* está ligada ao fazer prático sobre o qual incide o esquecimento. Há ainda a *memória obrigada*, também discutida sob o viés dos usos e abusos da memória, problematizando a tarefa do lembrar como obrigatoriedade. Ricouer (2007) mobiliza Freud, a exemplo, e discorre sobre as possibilidades de trabalho com a memória, enfatizando o dever da memória como recurso do trabalho terapêutico, do trabalho de luto e projeto de justiça. Em síntese, Ricouer estabelece três possíveis respostas/elementos ao dever da memória, quais sejam: o dever de fazer justiça, a ideia de dívida e de endividamento (RICOEUR, 2007, p. 82-102).

Importam-nos todos esses conceitos, pois inculcadas de tais concepções, da consciência e do desejo de *fazer memória* a partir do lembrado ou do esquecido, dentre outras motivações, é que compreendemos a importância de estudar e registrar histórias de vida de mulheres-professoras-aposentadas, com vista a visibilidade à memória de cada uma delas, como um dever moral e de modo consciente quanto ao que representam tanto nas suas individualidades quanto na coletividade.

Em *Confissões*, Santo Agostinho, em tom poético e reflexivo, enuncia "cada gota do tempo me é preciosa" (AGOSTINHO, 2015, p. 292). Temos em Santo Agostinho o amor à vida, a consciência da brevidade do tempo e da existência. Daí, potencializar esse tempo, gota a gota, porque passa e é imutável. Tudo isso parece levar Santo Agostinho a narrar a vida, ora como forma de descobrir-se espiritualmente, ora como forma de dar sentido para o vivido e à sua existência. Mesmo quando diz não lembrar, constrói uma narrativa de si confessando os medos, as dúvidas, a esperança etc.

Ao recordar e/ou elaborar o passado, "segundo o que foi possível lembrar" ou "segundo os desejos de sua alma" (AGOSTINHO, 2015, p. 291), interpela Deus, ao que parece, buscando aprovação. Ele sempre quer recordar e exprime: "É por amor do vosso amor que, amargamente, chamo à memória os caminhos viciosos para que me dulcifiqueis" (AGOSTINHO, 2015, p. 51). Assim, seção a seção, constrói uma memória pelos sentidos tendo o corpo como filtro. Se é que

é possível dissociar, parece que constrói memórias distintas: uma memória do corpo, ou seja, se de alguma forma sentiu/tocou ou foi tocado fisicamente, esse registro parece constituir uma memória sensível. Da mesma forma, revela os seus estados de espírito e cria aí uma outra memória.

Todo esse percurso que Santo Agostinho perfaz demonstra a capacidade de armazenamento da memória, que, mesmo quando não recorda os fatos em si, permite a partir do que é possível lembrar, elaborar o seu passado, num exercício de fazer memória. No capítulo X intitulado *O Encontro de Deus*, Santo Agostinho enuncia: "Não vos faço esta confissão com palavras e vozes da carne, mas com palavras da alma e gritos do pensamento que vossos ouvidos já conhecem" (AGOSTINHO, 2015, p. 238). *Confissões* registra o tempo, a fé, a vida e parece que a constante busca pela verdade que possa estar por trás ou em cada palavra divina.

Ao narrar a vida, Santo Agostinho enuncia subjetividades que perpassam da infância à vida adulta e ilustram a regularidade de sentimentos e o modo sensível de olhar a vida e tudo em torno de si, demonstrando sua permanente preocupação com o que confessava: "que eu não me engane e nem engane aos outros" (AGOSTINHO, 2015, p. 292). Nesse percurso de reunir memórias acumuladas, Santo Agostinho parece produzir sentidos para tudo que viveu e vivia, no instante em que registrava o cotidiano.

Santo Agostinho ao refletir sobre o que havia dele antes do instante em que escrevia suas primeiras *Confissões*, manifesta: " Não tenho quem me responda, nem meu pai nem minha mãe, nem a experiência dos outros, nem a minha memória" (AGOSTINHO, 2015, p. 32). Emerge daí a falta/presença e o esquecimento reiterados na sequência quando reafirma a infância da qual não se lembra. Reinventa, pois, o que o corpo recorda como lembrança do passado a partir de suas experiências (amamentação, colo etc.). Nesse sentido, Mariana Luz Pessoa de Barros (2019), em *Pequena semiótica da memória*, numa referência à obra de Borges (1999; 1994), postula: "Logo, não são simplesmente os fatos do passado que retornam – ainda que sob a forma da reinvenção –, mas a lembrança de estar corporalmente presente nesse passado, as percepções experimentadas no/do que se acredita ter sido esse outro tempo. (BARROS, 2019, p. 123).

Mariana Barros analisa *As pequenas memórias* de José Saramago e discute a relação entre memória e presença. Nessa direção, afirma:

Entre a busca por compreender suas fontes e a invasão sensível das reminiscências, o narrador reconstrói o que acredita ter sido o seu passado. Não pretendemos examinar essa obra de forma exaustiva, nosso interesse é depreender as questões que ela suscita a respeito das relações entre memória e presença. (BARROS, 2019, p. 123)

Nesse sentido, tudo o que Santo Agostinho narra da infância esquecida inscreve-se no processo de reconstrução de um passado imaginável, numa busca de compreender-se no aqui de sua cotidianidade.

Por isso, Senhor, envergonho-me de contar na minha vida terrena esta idade que não me lembro de ter vivido, somente acredito nela pelo testemunho alheio e pelas conjecturas que formei ao observar as outras crianças, conjecturas estas aliás muito fidedignas. Tudo quanto se oculta nas trevas do meu esquecimento é para mim igual ao tempo que vivi no seio materno. (AGOSTINHO, 2015, p. 34)

Santo Agostinho, ao elaborar memórias da infância, reconstrói esse passado imaginado pelas interações com outras crianças. O convívio com as crianças parece aclarar impressões sensíveis advindas das experiências como ser colocado no colo, alimentar-se do leite materno etc., ganhando, assim, força de testemunho daquilo que não se lembra.

Ester, uma das narradoras residentes em Araguaína, já no encerramento de sua entrevista, contou-nos sobre o projeto de escrever uma obra autobiográfica, iniciado e não concluído por questões não mencionadas.

Objeto-enunciado 1:

Deixa eu te contar uma coisa. Ainda não terminei ainda. Uma vez eu propus fazer uma biografia, contar a minha história. Aí eu passei um ano escrevendo, fazendo os rascunhos. Quando eu fui olhar já tava com () eu digo "não, eu não vou mexer com isso não. Vou é/aí eu/ eu relatei desde o dia que eu nasci, da hora que eu nasci. Tava tudo 'relatadinho', mas eu não tive paciência mais de terminar. Mas eu contei a minha vida assim, quase toda. Eu escrevi um livro, mas acho que não passou da hora ainda não (...) Eu queira agradecer por você ter me escolhido também e que Deus possa nos dar oportunidade de mais vezes nos encontrar () e no que você precisar de mim, estou as ordens (LIMA [Ester], 2020, p. 21).

Escrever, parece ser, tanto para Santo Agostinho quanto para Ester, para legitimar o modo como desejam ser vistos ou lembrados, como desejam contar as suas histórias, embora tendo vivido em tempos muito distantes um do outro e pertencido a contextos de vida também distintos. Ainda, escrevem para registrar os percursos e o contexto adverso a que foram submetidos servindo como um registro não tradicional da profissão e da vida, tornando pública suas experiências. No caso de *Confissões*, Santo Agostinho narra não apenas o passado, mas tinha a pretensão de ser memória da vida, da sua cotidianidade. Santo Agostinho esperava que se orgulhassem dele, aprovassem-no ou desaprovassem-no, mas por amor: "O fruto das minhas *Confissões* é ver não o que fui, mas o que sou. Confesso-vos isto com íntima exultação e temor, com secreta tristeza e esperança, não só diante de Vós, mas também diante de todos os que creem em Vós". (AGOSTINHO, 2015, p. 240). Ester, por sua vez, parece querer registrar sua vida pela consciência de que sua história não representa uma narrativa individual, mas a história da maioria das mulheres-professoras do Norte do Brasil.

Como narrativa, entram em cena categorias da semiótica que, do ponto de vista de uma estrutura mais profunda do texto identifica actantes, analisa estados dos sujeitos e suas transformações. Chegamos a essa sintaxe de base a partir da análise de recorrências, daquilo que, a despeito do que é particular em cada depoimento, ecoa como comum e dá, por isso mesmo, mostras da historicidade que nos atravessa.

3.1 Memória como narrativa

No intuito de analisar narrativas que registram a história de vida de professoras-aposentadas, recorreremos à semiótica em seu nível narrativo interessadas em compreender as transformações pelas quais passaram os actantes, ou seja, os sujeitos e objetos semióticos inscritos em cada texto apresentado aqui.

O conceito de narrativa que orienta as análises parte da concepção de narrativa como termo designador do "discurso narrativo de caráter figurativo (que comporta personagens que realizam ações)" e de narratividade como "princípio organizador de qualquer discurso" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 327, 330). As duas concepções nos orientam nesta tese: primeiro porque se trata efetivamente de narrativas produzidas pelo relato da memória, correspondente, portanto, à primeira acepção do termo; e narrativa pela compreensão de uma estrutura mais profunda, que pressupõe uma sintaxe composta por diferentes actantes, estados e transformações. Neste último caso, estamos diante da narrativa compreendida como um dos patamares do percurso gerativo de sentido, que concebe que o sentido de todo texto se constitui a partir de diferentes patamares de abstração, indo dos mais complexos e concretos ao mais simples e abstrato.

O percurso gerativo do sentido permite-nos identificar a relação entre os sujeitos e dos sujeitos com o objeto (BERTRAND, 2003, p. 286), e suas transformações implicadas pelos acontecimentos vividos, uma vez que parte do nível mais simples/abstrato ao mais complexo/concreto das narrativas. Voltamo-nos ainda para a dimensão narrativa dos textos, pela necessidade de compreender os sujeitos do dizer que ali se evidenciam como modalizados pelo *querer* ou pelo *dever* adquiriram competências e desempenharam suas performances de sujeito em conjunção com os valores da docência.

Para a semiótica, papel "tem um caráter mais formal e vem a ser sinônimo de "função" (no sentido corrente do termo): parcialmente dessemantizados, ele não é jamais empregado a não ser com um determinante" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 327 e 357). Nesse sentido, é importante destacar que, para a semiótica, há dois tipos de papéis: o papel actancial e o papel

temático. Porém, interessa-nos aqui, o papel actancial que "constitui o paradigma das posições sintáticas modais, que os actantes podem assumir ao longo do percurso narrativo" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 357), a exemplo, os papéis podem ser de destinador, de destinatário, de adjuvante, de antissujeito ou de objeto valor.

As narrativas de mulheres-professoras-aposentadas ressoam várias frentes. Todas precisaram conciliar as demandas do trabalho doméstico, do trabalho externo e estudo, condição que se coloca àquelas que nascem na classe trabalhadora no Brasil. Além da precariedade da oferta de cursos de graduação para as mulheres que seriam professoras precisaram enfrentar, como dissemos na seção anterior, deveriam multiplicar-se em diferentes papéis actanciais e performances, e respectivos fazeres. Mais uma vez acentuamos que a opção pela docência nem sempre se mostrou motivada por um querer, mas como único horizonte possível de profissionalização, como mostram os trabalhos de Silva e Ramos Júnior (2012), Ramos Júnior e Silva (2016), Cruz (2015) e Reis Silva (2020).

Como ainda acontece com mulheres que são também mães da classe trabalhadora, prevalecia (ou prevalece) a necessidade de subsistência e/ou cuidados com os filhos, o que, entre outras consequências, adiaria a formação acadêmica (REIS SILVA, 2020). Uma estratégia foi conciliar as multitarefas e, quanto mais isso se dava, menos encontraram condições de reconhecimento de sua condição de sujeitas *históricas e biográficas* (FREIRE, 2001). Ademais, por muito tempo, nós mulheres não encontramos lugar na narrativa histórica, sendo invisibilizadas ou tratadas como atores menores quanto a nossa participação social, política e econômica (FEDERICI, 2017). Isso tudo se deu – ou ainda se dá – a despeito da centralidade da mulher nas decisões familiares, do trabalho do cuidado que garante a sobrevivência familiar ou ainda os ganhos advindos de outras formas de trabalho indo bem mais que apenas auxílio a ser dispensado, num insistente apagamento mesmo quando protagonizamos lutas e revoluções, como vemos no papel da liderança de Domitila Barrios de Chungara no contexto boliviano:

Tem companheiras que participam quando acontece algo muito especial. Por exemplo, quando convocamos a manifestação para pedir aumento em 1973, participaram cinco mil mulheres. E quando elas voltaram para casa, muitas apanharam de seus maridos que lhes disseram que elas eram donas de casa e que não tinham nada a ver com a política e que sua obrigação era estar na casa. (VIEZZER, 2003).

Michelle Perrot, em *Os excluídos da história* (2020), trata dessas questões e faz um percurso que explica desde a imagem de uma mulher sedutora na criação do mundo (Eva que, segundo a narrativa bíblica, seduziu Adão e o fez cometer o pecado original), à diferença dos sexos, o matriarcado como um impasse, ao fato de o feminismo ainda ser tratado como “um fato social, não político” (PERROT, 2020, p. 192). Reduz-se o poder da mulher ao poder do

corpo como lugar de realização dos desejos masculinos e perpetuação da espécie humana, atrelada à ideia da mulher como sexo frágil pelo fato de uma suposta sensibilidade que nos distancia da razão. Perrot, ao mobilizar filósofos que tratam da constituição dos espaços políticos, cita Fiche que considera que um país, se governado por uma mulher, corre perigo. Nas suas reflexões, cita ainda Auguste Comte que, posicionando-se como supremo destinador sancionador, julgava-nos inaptas até mesmo para a gestão do trabalho doméstico (PERROT, 2020).

No Brasil, temos um exemplo recente que tem suas raízes na ideia de diferença dos sexos. Dilma Rousseff, eleita democraticamente pelo voto direto para a presidência da república, foi alvo da misoginia alimentada e difundida por grupos conservadores e alinhados à direita, que empreendeu uma espécie de caça às bruxas da modernidade, concorrendo para a fragilização de sua imagem até a conquista de um fraudulento processo de *impeachment*, sob alegações já julgadas pela justiça como improcedentes. Dilma foi acusada de manobras fiscais, até então ação realizada por todos os seus antecessores respaldados por interpretações da Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), mas que, ao serem adotadas pela presidenta, foram julgadas como prática criminosa. Apesar de inocentada, nenhuma reparação foi feita que não a publicação da sanção, o que não lhe devolveu o poder ou curou os danos políticos, emocionais, morais etc., que, afinal, são irreparáveis, mas que soou uma opção possível.

Apesar de tudo e há tanto excluídas da história, as mulheres, pouco a pouco, “tomam” o poder atuando persistentemente nas diversas camadas da sociedade. Ecléa Bosi (2003, p. 15), citada como epígrafe desta seção, trata da supressão histórica de “velhos, mulheres, negros e trabalhadores manuais” nas pesquisas e na sociedade, e ressalta o que consideramos um movimento de ocupação de determinados espaços, dentre eles, o acadêmico, que tem se dado nas últimas décadas, por esses sujeitos e sujeitas. Nas palavras da autora, esses sujeitos e sujeitas “tomam a palavra” e assumem o seu lugar de fala, usando a sua voz para fazer ecoar suas lutas que foram sempre coletivas porque engajadas política e socialmente, ainda que timidamente ou “restrita” ao ambiente escolar pelo ato de ensinar ou estudar. Trata ainda dos documentos oficiais e da ausência da inscrição desta parcela da sociedade que é, inclusive, a sua força motriz. Manipulados pelo capital, aqueles que ocupam lugares privilegiados, atuam invisibilizando a classe trabalhadora, recortada ainda por hierarquizações de raça e de gênero. Por isso, evocamos as muitas vozes femininas que têm operado para a construção coletiva de um mundo favorável à vida e aos direitos humanos no Norte do Brasil.

Torna-se imperativo para nós, portanto, tomar o lugar de sujeitas epistêmicas como mulheres professoras e pesquisadoras, e registrar memórias de mulheres-professoras-aposentadas, sobretudo, por reconhecermos a força de suas narrativas nesse processo de construção de uma história não oficial, que soa-nos uma tentativa de compreender o presente e encorajar para um futuro onde as mulheres sejam tratadas e vistas pelo que realizam, afinal: “Só existimos no presente, na sua fugacidade, diante de um passado que já não é mais, de um futuro que não é ainda [...] A memória é, assim, resultante de um modo presente de interpretar, de olhar para os acontecimentos passados” (SILVA, 2011, p. 52). A possibilidade de olhar o passado construindo sentidos para ele, no aqui e agora, e a capacidade de interpretar e dar sentido ao vivido, constitui-se um modo de existir quando, depois de 25 ou 30 anos dedicadas a uma mesma ocupação, a exemplo, as sujeitas mulheres-professoras-aposentadas rompem com a rotina de trabalho e, conseqüentemente, afastam-se das relações profissionais que, em geral, tornaram-se pessoais e dão sentido em grande parte à sua própria identidade de ser no mundo.

3.2 “Ninguém empata de eu estudar, não quero nem saber”

Nesta seção, focalizaremos as narrativas de professoras-aposentadas porque são elas o elã substancial para as reflexões propostas neste estudo. Mas, antes, buscamos refletir teoricamente sobre os conceitos de memória e de docência, para, então, imergirmos nas histórias de vida com vistas a compreender as singularidades e regularidades que constituem as redes tecidas por elas e como, aqui e ali, suas histórias se entrecruzam e passam a constituir uma história do lugar, uma vez que “A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos” (THOMPSON, 1992, 17). Singular e coletivo, portanto, cruzam-se e se explicam.

Re-ler a própria história de vida, recordar acontecimentos ora bons, ora complexos, não parece um movimento fácil considerando que exige, daquele ou daquela que narra, mobilizar sentimentos que podem estar bem guardados ou, mesmo, silenciados. O silêncio pode nem estar ligado a algum trauma, mas à falta de clarificação do vivido. O modo como cada sujeito ou sujeita sente a vida é subjetivo e acessar as “camadas de memória” (THOMPSON, 1992, p. 197) exige sensibilidade e respeito durante a escuta, e ainda, trato na transcrição das narrativas que não devem sofrer adaptações ou serem modificadas, mas servir como registro do narrado. Afinal, adentramos densamente na intimidade das narradoras e elas, por sua vez, partilham suas experiências e emoções por confiarem em quem está aí diante de si, em função de um vínculo

afetivo ou profissional sobrevividos de uma relação intergeracional (relação entre professoras e ex-aluna), ou mesmo, pela confiabilidade estabelecida entre entrevistadas e entrevistadora.

Paul Thompson apoia-se na psicanálise para tratar da importância da fonte oral e do papel daquele que ouve, em nosso caso, pesquisadoras mulheres, com vistas a “acessar” a memória de outras mulheres. É imprescindível a solidariedade, a escuta sensível, o “ouvido perspicaz [...] estar atento àquilo que não está sendo dito, e a considerar o que significam os silêncios” (THOMPSON, 1992, p. 204-205). O fato de sermos professoras registrando a história de vida de professoras parece, de fato, ter nos autorizado à escuta e determinado um tom de conversa mais informal e intimista. Notamos isso, sobretudo, quando ensaiávamos encerrar a conversa e elas pareciam querer falar mais. Falaram, em alguns casos, inclusive. Angústias, perdas, conquistas, lutas, rupturas, mudanças, grandes e pequenos feitos, tudo vinha à tona. Tudo isso foi sendo dito e determinando o rumo da conversa. Nessa direção, em *Memórias, narrativas e saberes da docência*, Nilsa Brito Ribeiro e Hadson José Gomes de Souza concebem as análises de histórias de vida numa perspectiva discursiva e tratam sobre as posições de escuta que os pesquisadores e as professoras produzem. Para os autores,

[os] pesquisadores se situam em posição de interpretação de diferentes sentidos e saberes produzidos nos discursos das professoras que narram suas histórias de vida e formação, e a escuta que as professoras, sujeit[as] das narrativas produzem de si mesmas enquanto lugar de experiência e de produção de saberes, ou seja, ao narrarem, colocam-se numa posição ativa e respondente de seu próprio discurso, de sua própria história. (RIBEIRO; SOUZA, 2015, p. 174).

Ester, narradora que compõe o quadro de professoras-aposentadas de Araguaína, ao rememorar a sua trajetória de vida, retoma o momento em que se desdobrava entre filhos-casa-trabalho e estudo, e narra a pouca ou nenhuma solidariedade de seu companheiro, que exigia, dentre os afazeres doméstico, a obrigação de cozinhar, dificultando que estudasse e trabalhasse:

Objeto-enunciado 2:

... às vezes sim, às vezes não porque era muito ciumento e brigava demais. Não queria comer () às vezes não dava tempo de terminar e as meninas terminavam. Tinha dia que saía cozido, tinha dias que saía cru e ele brigava. E o povo dele todinho brigava pra mim não estudar porque disse que era vaidade, que eu ia só namorar e não sei o quê. Aquela coisa de gente quadrada. Eu digo: "mas eu vou estudar e ninguém me empata. Ninguém empata de eu estudar, não quero nem saber. Dormi muito as vezes sem comer ((inaudível)) e cuidava de menino e cuidava da casa, e da escola. Eu sei que Deus me deu forças que eu venci... (LIMA [Ester], 2020, p. 4).

Ester teve que lidar com as cobranças do companheiro e o machismo de sua família, imposições tácitas que a sociedade conferia à sua condição de mulher, em meados do século XX, um tempo pouco distante. Do ponto de vista de uma sintaxe narrativa, Ester exterioriza “mas eu vou estudar e ninguém me empata...”, rompendo assim com o seu destino programado,

atuando como destinadora da própria vida. O marido de Ester agia como super-destinador, pois dificultava a ação de Ester como estudante e docente, receando, cremos, o seu empoderamento, a sua autonomia e a independência financeira. Desde jovem, Ester trazia em si um desejo e a consciência de que tinha direito a estudar. Além de direito, parecia saber que estudar era o modo mais concreto de se significar no mundo. Embora vivendo em contextos desfavoráveis à sua promoção, buscou romper com as relações opressoras que são históricas, como: esposo *versus* esposa que fixava como obrigações cuidar de servi-lo e servir aos filhos; e sociedade *versus* o feminino que autorizava o homem a ser proprietário do corpo da mulher, logo, suas vontades eram anuladas, entre outras punições. Essas instâncias de significação social filiam-se ao patriarcado e a uma política capitalista excludente, opressora e agressiva que ainda vê a mulher como “sexo frágil” e determinam os espaços de atuação feminina.

De um lado, há demandas econômicas que direcionam a mulher para o mercado de trabalho, condicionando essa entrada à sua competência e formação; de outro, há uma insistente naturalização da mulher que a confina ao espaço doméstico, regulado pelos maridos proprietários. Essa contradição faz com que a mulher se mova entre discursos contraditórios, que ora a modalizam para o *querer* estudar e trabalhar, *ser* também profissional e reconhecida por sua performance e competência, ora a invisibilizam e restringem seus passos.

O marido de Ester atua, assim, como destinador, ecoando o discurso patriarcal e uma imagem fossilizada de imagem de mulher, e antissujeito, se considerada a vida social como destinadora que exige da mulher sua ação no mundo do trabalho. Como antissujeito, age o esposo como um elemento que dificulta a ação de Ester como estudante e docente, uma pedra no meio do caminho, diante de muitas outras pedras que nós mulheres ainda deveremos enfrentar.

Ciente de seu esforço, em seu dizer, Ester enuncia que, mais do que o não *poder-fazer* imposto pelo destinador/antissujeito, estava o seu *querer*, dada a dimensão passional de um querer intenso que se sobrepôs aos que visavam impedir o destino que tomara para si.

Ester vivia a tensão de obedecer ou controverter/transgredir, mas, sobretudo, assumiu as funções actanciais de sujeita e destinadora da própria história quando se revestiu de *poder* e do *saber* para formar-se professora e ensinar, concomitantemente, pois tinha um projeto de vida para si e seus filhos. Ou seja, Ester tomou para si o papel de ser sua própria destinadora.

Ainda sobre o desejo de falar, Eliana, narradora residente em Araguatins, ao rememorar o seu percurso formativo, narra a angústia quanto à escolha do curso de formação superior:

Objeto-enunciado 3:

...pra mim, assim, eu não queria Pedagogia. Na verdade, eu nunca nem tinha pensado. Pedagogia eu não queria. Assim, meu foco era matemática. Aí quando veio o curso, somente um, eu lembro que eu e o Beto, né? apaixonados pela Matemática, a gente ficava lamentando. Nós dois fomos pra Pedagogia porque era a opção. Foi a opção que nós tivemos aqui, de fazer uma faculdade. Eu comecei sem muita vontade. Eu comecei porque eu queria um curso superior, mas sem muita vontade, primeiro, segundo período. Mas aí depois eu fui despertando. Aquelas disciplinas, elas assim, motivavam de uma forma que você/ eu fiquei apaixonada pelo curso de Pedagogia ... (SILVA [Eliana], 2020, p. 9).

Em “Dom e docência em relatos de vida e formação de professores de História e de Letras do norte do Tocantins” (2016), Luiza Silva e Ramos Junior e em *Entre Estudos Maternidade e Trabalho: análise semiótica das histórias de vida de estudantes da área de Letras da UFT* (2020), de Naiane Vieira dos Reis, é possível compreender o modo como as mulheres, no norte do Tocantins, em especial, têm organizado e administrado a sua formação profissional, as lutas que empreendem como mulheres-mães-estudantes e profissionais. Assim como as narradoras dos referidos estudos, a narrativa de Eliana representa a maioria das mulheres que, até hoje, nem sempre escolhem a profissão por identificação, conforme apontam esses dois trabalhos, mas por demanda do mercado ou única possibilidade de acesso. Optar significa escolher entre alguns caminhos. Opção, no contexto de pequenas cidades e poucas possibilidades de empregabilidade, resulta, antes, em determinação que prevê, mesmo no caso da docência, o atendimento aos anos iniciais da educação básica e, portanto, a Pedagogia como estratégica para qualificação. Cursar Matemática seria um luxo de uma formação mais especializada, atendendo à escolarização de um outro segmento da Educação Básica.

Eliana nesse fragmento de sua narrativa explicita uma não-conformidade entre o *querer* e o *poder*. Seu querer apontava para outra formação, mas as condições imediatas a confinam ao gueto do gueto pedagógico, destinação prevista para a formação de mulheres no interior do país. O gosto surge aos poucos, como uma espécie de resignação que a leva, por fim, a ver mais euforicamente o caminho que lhe fora destinado e, então, reconhecer em si a emergência da paixão pelo curso.

Não há, portanto, a enunciação de uma insubordinação como lemos em Ester, mas submissão a um *dever ser* dadas as condições contextuais que definem um único caminho possível. O que há, por parte desse enunciador, é a resignificação do assujeitamento, na medida em que Eliana constrói sentidos para si e sua prática profissional tornada possível.

Michelle Perrot (2019), no capítulo intitulado *Escrever a história das mulheres*, trata da invisibilidade e sobre os silêncios das mulheres. A obra versa sobre *os silêncios das fontes* [sujeitas da pesquisa], a exemplo, sobre as mulheres não deixarem "vestígios diretos, escritos

ou materiais", pelo fato de, "Afiml, elas s[erem] apenas mulheres, cuja vida não conta muito" (PERROT, 2019, p. 17).

O discurso de que nossas histórias não têm relevância, embora não verbalizado, aparece na receptividade, disponibilidade e surpresa diante do convite para as entrevistas, que embora não transcritas do contato telefônico, vieram atreladas às perguntas: *Mas, por que eu?* ou *Você quer escrever sobre a minha vida?* Para Darnival Venância Ramos Júnior ⁹(2021), a surpresa "tem a ver com as hierarquias patriarcais, de classe e raça. Elas são, ao longo da vida, desumanizadas a tal ponto que questionam a própria relevância e, às vezes, direitos e humanidade" (RAMOS JÚNIOR, 2021, *online*). Nesse sentido, por que esses relatos atravessados pela perspectiva passional e pela subjetividade de percepções interessam à história?

Marta, narradora residente em Araguaína, nasceu e viveu até o início de sua vida adulta em Caxias, sul do Maranhão, estado do Nordeste. Ao recordar sua infância, narrou o percurso formativo de sua mãe que, apoiada pela mãe (avó materna de Marta) e pela irmã (tia de Marta), conciliou a criação dos filhos, o trabalho e o estudo. Os filhos, segundo recorda Marta, pediam à mãe para acompanhá-la enquanto estudava, no período da noite, para terem mais tempo com ela:

Objeto-enunciado 4:

... eu lembro que a minha mãe ficava numa sala do Mobral e na outra sala era do supletivo. Aí tinha um rádio. Eu nunca esqueci aquele rádio. Na hora da aula no rádio, não sei se ainda tem o supletivo do rádio à noite, não sei se ainda existe, aí dona Maria Nunes que era professora do supletivo, ela ligava o rádio. Todo mundo abria aqui o caderno, os adultos. Eu ficava lá olhando "gente, mas que bom. Olha o rádio () um rádio". A professora com o livro lá aberto e eles ouvindo. Eu nunca esqueci aquele rádio e aquela turma do supletivo. Aí na turma de cá, na sala da frente, a minha mãe ficava com o Mobral. Aí nós íamos com a mãe à noite. Nós ficávamos lá na sala do Mobral. Ficava brincando lá no pátio. Tudo pra voltar com a minha mãe. Então, aquela escola, aquele pé de Tamarindo, aquele rádio, tudo ali naquela escola ali, toda vez que eu vou em Caxias, eu vou visitar as pessoas que ainda existem né? ((inaudível)) às vezes eu até entro, entro lá, a mesa ainda continua a mesma, a janela sabe? A memória continua lá.... (LEITE [Marta], 2020, p. 3).

Rememorar a própria vida parece ser sempre um lembrar sobre a vida de quem, direta ou indiretamente, está ligado à nossa vida. A história de vida individual de todas elas, as narradoras, enseja um registro da história coletiva das mulheres, compondo assim uma "macronarrativa" (RAMOS JÚNIOR; SILVA, 2011). Lembrar o passado, quando ainda criança, para narrar suas experiências, e situar-nos no tempo e no espaço em que viveram, serve-nos aqui para exemplificar, no campo da semiótica tensiva, que esse lembrar o passado versa

⁹ Citação retirada das contribuições da banca de qualificação.

sobre a *memória-acontecimento*, discutida a seguir. O fato é que cada uma das narradoras imprimiu um ritmo e deu um tom para o vivido, testemunhando experiências da infância à aposentadoria. Havia uma necessidade de dizer e, nesse movimento, foram elas dando sentido para o que partilhavam e, aí, enunciam reconhecerem-se como sujeitas da ação e a importância do que desenvolveram ao longo de suas vidas.

Assim, ao recordar a sua história de vida, Marta também elabora o passado de sua mãe. Para dizer de si, rememorando a infância, enuncia o contexto educacional da época e os desdobramentos de sua mãe, que também desempenhava o papel de dona de casa, mantenedora da família e estudante.

Embutidos em sua história, Marta traz o ensino a distância via rádio, o supletivo e o MOBREAL como perspectivas de formação dos adultos, à época. No Brasil, o rádio assumiu função educativa em 1923, tendo como marco a iniciativa de Roquette-Pinto que foi um dos fundadores da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Daí nasceu o sistema de Rádios Educativas no Brasil, primeira emissora regular. Em 1933, Anísio Teixeira, educador e personagem que se destacou na história da educação nacional, como sugestão de Roquette-Pinto, coordenou a Rádio Escola Municipal do Distrito Federal. Os estudantes dessa modalidade recebiam folhetos pelo correio e podiam retornar as atividades via carta, contato telefônico ou visitas. A rádio-escola oportunizou a escolarização para mais de 10 mil estudantes brasileiros. Anos depois, através da Rádio Nacional, foi lançada a *Universidade no Ar*, com cursos gratuitos pela Fundação Getúlio Vargas (ANDRELO, 2012).

Já o supletivo surgiu a partir da Constituição de 1934 e da Conferência da ONU (1945), ampliado e consolidado a partir da Lei 5692/71 como política educacional no âmbito federal. Embora iniciada com ações pontuais e locais, a educação de jovens e adultos foi sendo fomentada e fortalecida pelo Fundo Nacional do Ensino Primário através do Decreto-Lei N. 4.958, de 14 de novembro de 1942, que possibilitou o projeto de alfabetização em massa pela modalidade supletiva. Tal iniciativa contribuiu para o desenvolvimento do país, pois gerou mão de obra mais qualificada para atender as demandas do mercado de trabalho. Em 1946, temos outro momento importante no cenário da educação nacional, a criação do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), que culminou na instalação da Comissão de Educação Popular (ARAÚJO, 2015).

Em 1970, o Censo registrou o número de 17.936.887 analfabetos de quinze anos ou mais, o que correspondia a 33% da população brasileira adulta. Nesse contexto, surgiu o Mobral e teve início uma mobilização em favor da superação do analfabetismo. O programa Mobral

oportunizou a escolarização de inúmeros jovens e adultos que não tinham, à época, acesso à escola, na idade certa e no lugar onde viviam. Também, na década 70, o Mobral chegou a ser expandido, ofertando às quatro primeiras séries do Ensino Fundamental. O Mobral foi um programa importante porque possibilitava a autonomia pela leitura e escrita, e formava os sujeitos e sujeitas para uma compreensão da realidade. E, por isso mesmo, configurou-se uma ameaça, numa conjuntura em que operava o regime militar, sendo extinto em 1985 e substituído pelo Projeto Educar (BRASIL, 1970).

Apresentar cada um desses programas, embora brevemente, fez-se indispensável por ser também uma memória do processo de democratização da escola. Marta narra a sua infância vivida em Caxias, Estado do Maranhão, região Nordeste. Era distante para essa região, assim como para o Norte, a formação básica. A educação via rádio, o supletivo e o Mobral foram mesmo uma possibilidade real de romper com a invisibilidade dos sujeitos e consequente marginalização pela falta de formação. Apesar disso, constitui um retrato da precariedade do ensino nessas regiões, num tempo não tão distante. Transcorridos mais de quatro séculos, a educação básica ainda não se configura uma política pública como um direito de todos. Ainda hoje há crianças, jovens e adultos fora da escola por circunstâncias diversas: o difícil acesso, a migração em busca de trabalho e sobrevivência, o trabalho infantil etc.

Marta também revela as condições em que sua mãe trabalhadora estudava. A mãe levava os filhos para a escola como possibilidade de conciliar o estudo e o cuidado dos filhos. Nessa direção, temos um estudo recente e já mencionado aqui, que tratou de histórias de vida de estudantes de Letras da UFNT, que se dividem entre estudos, maternidade e trabalho, desenvolvido pela professora-pesquisadora Naiane Vieira dos Reis:

Nas experiências como docente de universidades públicas no estado do Tocantins, observamos a frequente presença de estudantes com seus filhos, sempre justificada como resultado de um acaso que desarranja a dinâmica diária e da necessidade de cuidar dos filhos e estudar na instituição de ensino superior. Recordo-me precisamente de uma ocasião em 8 especial, quando atuava como docente de Literatura Portuguesa em uma universidade pública no extremo norte do Tocantins, em que numa aula no período noturno no sábado, com uma turma de 42 alunos, uma aluna chega na sala de aula com seus 3 filhos, com idades entre 3 e 5 anos. (REIS, 2020, p. 16).

O estudo é recente, porém, as circunstâncias das mães-trabalhadoras e estudantes, não. A experiência narrada acima atualiza, de certa forma, essa lógica imposta às mulheres que imprimem o dever do cuidado dos filhos. Passados mais de cinquenta anos entre a experiência de Marta e a experiência das narradoras mobilizadas por Naiane Vieira dos Reis, vemos que a infraestrutura das instituições mudou, as modalidades ofertadas e as possibilidades de acesso à

escola/universidade também, mas continuam desigual as condições de permanência das mulheres, ainda submetidas à privação de seus direitos e reduzidas à condição de não sujeito.

Ainda no excerto da narrativa de Marta temos a possibilidade de construir imagens do ambiente da sala de aula, pelas figuras que recorta. A mesa e a janela, figuras que remetem não só a um tempo, mas ao lugar e às pessoas, também, aos acontecimentos vividos. Subtende-se a estaticidade de Marta, como sujeita da recordação, que para diante das figuras que rememora em comunhão com tudo que emerge ali. Era feliz ir à escola com a mãe e os irmãos. Era criança e não podia problematizar todas as questões que implicavam esse *querer* estar ali em detrimento do *dever* cuidar dos filhos e o *querer* estudar de sua mãe.

3.3 Histórias de vida: recordação e significação

O reconhecimento por pesquisadores de áreas diversas quanto às contribuições da história oral e benefícios da entrevista quando transformada numa conversa informal, tem sido um caminho importante rumo ao registro do passado através de histórias de vida. Tem sido um aprender a ouvir solidariamente, sobretudo,

[Pel]o fato de cada vez mais se darem conta, não só de que as pessoas eram úteis à história, mas que também a história podia ser útil para as pessoas, foi uma das origens principais do movimento de terapia da reminiscência que se tem difundido tão surpreendentemente nos últimos anos. (THOMPSON, 1992, p. 209).

Ancorado nos estudos de Robert Butler, Thompson versa sobre a força organizadora e reintegradora que exprimem os velhos quando ouvidos, seja individual ou coletivamente, durante estudos acerca de suas histórias de vida. Isso porque: “Recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade; continuar lidando com essa lembrança pode fortalecer, ou recapturar, a autoconfiança. A dimensão terapêutica do trabalho de história de vida tem sido uma descoberta que sempre se repete” (THOMPSON, 1992, p. 208-210). A apreensão quanto ao que dizer e como dizer, em resposta ao que estava posto como roteiro de entrevista, a ambientação do lugar, a formalidade inicial, entre outros aspectos, sugere a importância do que foi, para cada uma, recordar e ser lembrada. Acrescentamos a isso o deslumbramento diante do convite para a entrevista. Acreditamos que esse fato pode estar ligado a vários fatores, a exemplo do movimento de desqualificação ocorrido nos últimos anos quanto à figura do profissional do Magistério ou à simplicidade e a humildade dessas mulheres, pois cremos saberem elas sobre a importância do trabalho que realizam. Como vimos nos objetos-enunciados 1 e 6, respectivamente, Ester e Cidinha manifestam o desejo de escrever, recitar, “desencobrir” as suas histórias. Consideramos importante destacar ainda que a

entrevista seria uma forma de “não deixar o passado cair no esquecimento” (GAGNEBIN, 2009, p. 52) e que a escolha de cada uma não fora arbitrária, pelo contrário, considerou aspectos como o profissionalismo, o tempo de serviço prestado, a influência que exerceram sobre a formação dos/as estudantes e a relação escola-comunidade.

No norte tocantinense, a figura do narrador-ribeirinho, o narrador-velho e o narrador-familiar exerceu sempre um papel importante. Além de sujeitos sociais que colaboraram para a manutenção da história local, foram essenciais para a formação da identidade individual e coletiva do lugar. Com o passar do tempo, a lógica de vida das comunidades foi sendo modificada em função do desenvolvimento (abertura de estradas, expansão das cidades etc.). Daí, o acesso a outras formas de memória, ligadas, em geral, ao acesso à escola, gerou um silenciamento ou distanciamento desses sujeitos, memórias vivas do lugar. Casas e espaços públicos, memórias arquitetônicas do lugar, foram sendo demolidas e as gerações vindouras, privadas de sua história. Consequentemente: “Ficamos pobres. Abandonados, uma a uma, todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo de seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do ‘atual’” (BENJAMIN, 2012, p. 128).

Seguindo os estudos de Martins (2009), as terras da chamada fronteira passam a ser ocupadas por não indígenas a partir de duas frentes, a de expansão e a pioneira. Do ponto de vista da região tocantina, a frente de expansão feita pelo movimento de posseiros se inicia no século XIX, partindo do Maranhão e adentrando o então norte de Goiás, entre os rios Tocantins e Araguaia (NEGREIROS DA SILVA, 2017). Já a frente chamada pioneira remete a um projeto político de ocupação territorial pensado a partir da lógica propriamente capitalista. Conforme Martins, a frente pioneira “exprime um movimento social cujo resultado imediato é a incorporação de novas regiões pela economia de mercado. Ela se apresenta como fronteira econômica” (MARTINS, 1975, p. 45).

A partir de um trabalho também situado na história oral, Negreiros da Silva (2017) evidencia as transformações culturais e econômicas na comunidade Ribeira, município de Darcinópolis, situado às margens da rodovia federal Belém-Brasília e entre as cidades de Araguaína e Araguatins. Ouvindo os filhos da geração dos primeiros posseiros, registra o impacto da ocupação capitalista incidindo sobre os modos de ser e viver na relação com a terra. Como grande parte das localidades do estado, essas terras da fronteira seguem o ritmo de uma nova frente, representada pelo projeto neoliberal do MATOPIBA¹⁰.

¹⁰ A sigla é um acrônimo formado pelas iniciais dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. Designa uma extensão geográfica que recobre parcialmente os territórios desses quatro estados e respectivos projetos de expansão capitalista relativo ao agronegócio.

Na impossibilidade de contemplar todos as dimensões do lugar e todas as vozes, a memória de mulheres-professoras-aposentadas pareceu-nos um caminho possível e sensível, por abrigar muitos sujeitos e sujeitas em si mesmas. Testemunhar o tempo e suas transformações, lutando contra o empobrecimento cultural de que trata Benjamin – que submete a cultura à lógica do capital - atuando como sujeitas que formaram outros sujeitos, recaptura a autoconfiança, mas, sobretudo, aclara a identidade destas mulheres que narram pelas filiações discursivizadas, fruto de sua experiência de vida. Descubrem o poder da sua atuação e parecem purificar-se daquilo que pensavam não ter sido bom ou suficiente, como a criança doente de Walter Benjamin e que Jean Marie Gagnebin (1985, p. 11) retoma em *Narrar e curar*, que é curado pela história que a mãe conta. As narrativas rememorativas são, portanto, purificadoras, curativas, como veremos no caso de Valdeci que narrou a sua história de vida e a experiência do racismo, tema enunciado pela primeira vez pela narradora ao conceder a entrevista. Veremos o efeito que narrar teve para ela.

Para Ecléa Bosi,

Quando se trata da história recente, feliz do pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstruir comportamentos e sensibilidades de uma época! O que se dá se o pesquisador for atento às tensões implícitas, aos subentendidos, ao que foi só sugerido e encoberto pelo medo. (BOSI, 2003, p. 16).

Rememorar o que viveu e viu, como testemunhas diretas (GAGNEBIN, 2009), selecionando e organizando os acontecimentos de uma vida, pode revelar tanto o sofrimento quanto as alegrias advindas da experiência de cada uma. Entrar na intimidade das narradoras colocou-nos em contato com acontecimentos de toda ordem, seus silêncios e fugas. Assim como o jardineiro de Fraser¹¹ citado por Thompson (1992), na medida em que as professoras rememoravam o vivido por elas, foi-se manifestando, parece que inconscientemente, o “caminho político” que definiram como projeto empreendido na escola e para suas vidas. Imersas no aprender para ensinar, parecem não ter se dado conta, no instante em que atuavam, que assumiam ali, em sala de aula, dia após dia, um lugar político onde empreenderam, por anos, uma educação próxima a educação libertadora freiriana.

Imbricadas, a história de vida e a “memória do trabalho” (BOSI, 2003) constituem um tecido carregado de sentidos, sobretudo, pelo que oferecem como resgate da memória nacional. Por isso, “É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem” (THOMPSON, 1992, p. 17). Nesse sentido, a história oral, como experiência de reminiscência, motiva-nos ainda, “pelo desejo de não deixar nada se perder [...]

¹¹ Exemplo citado por Thompson no capítulo "A MEMÓRIA E O EU" de "A voz do passado".

[a] apanhar tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que parece não ter importância nem sentido, algo com que a história oficial não sabe o que fazer” (GAGNEBIN, 2009, p. 54). Afinal, “Toda história depende, basicamente, de sua finalidade social. Por isso é que, no passado, ela se transmitia de uma geração para outra pela tradição oral e pela crônica escrita” (THOMPSON, 1992, p. 20).

Em meados dos anos 70, num processo aqui de reminiscência pessoal, alguns de nós, nascidas na zona rural no norte tocantinense, antes de ir à escola, já conhecíamos um pouco sobre os povos indígenas, as guerras, o desenvolvimento do país através de narrativas orais contadas pelos velhos (avôs, tios, pais). Contudo, essas histórias não tinham lugar nos livros elaborados nas regiões Sul e Sudeste do país.

A história do Norte, cenário de massacres e disputas pela terra e outras formas de poder foi silenciada e só recentemente tem ganhado visibilidade. Isso se deu porque: “Antes deste século, o enfoque da história era essencialmente político: uma documentação da luta pelo poder, onde pouca atenção mereceram as vidas das pessoas comuns, ou as realizações da economia ou da religião, a não ser em tempos de crise” (THOMPSON, 1992, p. 22). Outro exemplo disso versa sobre a documentação “oficial” produzida acerca da Guerrilha do Araguaia, que teve como um de seus cenários o município de Xambioá, Estado do Tocantins, que registra os acontecimentos pela perspectiva do governo militar que transformou a imagem dos militantes em terroristas e a dos militares em salvadores da pátria e restauradores da ordem, e apagaram o horror instaurado e a realidade de tortura, abusos de toda ordem e massacre de inúmeros militantes e apoiadores. Apagaram ainda os camponeses que foram submetidos a situações também cruéis, que vão desde a desapropriação de suas terras e casas a outras violências. No caso das mulheres, a violência sexual, e que só ganharam visibilidade recentemente, em função de ações de Irene Gomes¹², da Comissão da Verdade, e pesquisas de jornalistas e pesquisadores da UFT/UFNT. Nos excertos a seguir, Luiza Helena de Oliveira Silva (2016) reúne outros pesquisadores e trata da Guerrilha,

Xambioá não foi propriamente o foco de atuação dos guerrilheiros, concentrados em localidades no sul do Pará, mas serviu principalmente como base de apoio aos milhares de militares que se dirigiram para a região com o objetivo de combater os militantes do PCdo B envolvidos com a luta armada contra a ditadura militar (1964-1985). Apesar disso, muitos moradores sofreram de perto com as prisões e torturas, sob a acusação de acobertarem os comunistas ou simpatizarem com seus ideais. No cemitério da cidade, foram encontradas também ossadas de alguns dos militantes desaparecidos no confronto. Os 69 militantes de esquerda organizaram-se a partir de 1967 para a guerrilha rural na região que cobre o hoje norte do Tocantins e o sul do

¹² Advogada e pesquisadora vinculada ao PPGE/UFT, Campus Palmas, que atua com ênfase nos direitos dos camponeses vítima da Guerrilha do Araguaia. Membro da Comissão da Verdade.

Pará, inspirados pelos princípios da revolução maoísta (AMORIM, 2014; MORAIS; SILVA, 2005).

(...)

Terminado o confronto pela aniquilação dos guerrilheiros resultante da acentuada assimetria de forças e intenção de não fazer prisioneiros, a estratégia do governo militar é a do silenciamento e do esquecimento: não se pode falar; não se deve lembrar a insurgência à ordem nascida nas regiões remotas do país. A guerrilha, como acentua Gorender (2014, p. 240), deveria ser “abafada e escondida como vício nefando”, sem gerar repercussões ou mesmo demandas judiciais: (SILVA, 2016, p. 2-3).

O recorte que trazemos ilustra a importância de estudos sobre a memória que busquem, nas pessoas adjetivadas como “comuns”, o registro do vivido e, através disso, a (re)construção da história pela perspectiva daqueles que testemunharam os acontecimentos e que, em geral, são esquecidos, riscados ou silenciados. Tudo isso pelo fato de, tradicionalmente, a história privilegiar mais aqueles que estavam no poder - o governo, e o que desejam incutir no povo, pois: “Quanto mais um documento fosse pessoal, local ou não-oficial, menor a probabilidade de que continuasse a existir” (THOMPSON, 1992, p. 23). As pessoas comuns, nesse contexto, não importavam e os registros que pudessem revelar as faces camufladas dos acontecimentos, a barbárie institucionalizada ou retratar o seu modo de vida, pouco foram perseverados. Quanto às mulheres, a história voltou a sua atenção para o que empreendiam no campo da luta política por direitos civis (voto, igualdade salarial etc.), não reconhecendo os outros campos também importantes, como política dos comuns - “luta contra a discriminação sexual e melhor entendimento do trabalho reprodutivo” - (FEDERICI, 2019, p. 379-394), o uso dos bens comuns e o fato de serem uma força de trabalho no âmbito do lar que cria condições para o homem atuar fora desse ambiente (FEDERICI, 2019).

A história oral, mais que registrar o trabalho da classe operária, a memória de velhos e mulheres, registra a história de vida desses sujeitos e sujeitas, o que dá nova dimensão à história em si mesma, quando foca na experiência de vida e tudo que esta pode crescer, uma que vez “a memória não pode atualizar o passado, mas, pelo discurso, algo do vivido pode ser quase revivido, tendo em vista os efeitos produzidos pelo dizer” (SILVA, 2014, p. 147). Atrelado a isso, tem-se o fato de a história oral ser democrática, ou seja, deixar livre a quem entrevistar e abrir caminho para outras vozes também serem ouvidas e, através delas, corroborar para legitimar o passado invalidado e, de modo mais realista, reconstruir o passado. A emergência dos subalternos e desprivilegiados falarem, entre outros aspectos, tem se dado pela falta de um passado imparcial e realista, além de poder permitir uma compreensão do presente. (THOMPSON, 1992, p. 25-26).

No campo educacional, a história oral abre caminhos para investigações voltadas para a experiência de estudantes, professores e demais sujeitos e sujeitas desse processo como “uma tarefa ética”, o que exige assumir um compromisso de “preservar a memória, salvar o desaparecido, o passado, em resgatar, como se diz, tradições, vidas, falas e imagens” (GAGNEBIN, 2009, p. 97). Partindo desses pressupostos, crê-se que foi gerando um engajamento social substancial de pesquisas que, cada vez mais, voltam-se para a história de vida e, a partir disso: “A utilização da evidência oral rompe as barreiras entre os cronistas e seu público; entre a instituição educacional e o mundo exterior” (THOMPSON, 1992, p. 28).

A história oral irrompe os muros chamados por Paul Thompson (1992) de “os refúgios institucionais”, construídos em função de situações antagônicas, entre pesquisadores e pesquisados, e se lança ao campo, propriamente dito, e se abre a interlocuções mais descerimoniosas ou ainda para novas formas de produção de dados, promovendo interações na lógica do corpo-a-corpo, ou seja, “compartilhando experiências em nível humano”, necessárias para trabalhos junto às comunidades ou inserções em grupos plurais. As relações sociais estreitam-se aí e o mundo imediato do pesquisado parece permitir “uma percepção mais viva do passado” (THOMPSON, 1992, p. 29-30).

As reminiscências, como já dito, ganham caráter terapêutico e podem operar como restauradoras do sentimento de identidade ou da confiança em si, nas suas narrativas, na própria fala e no poder que elas têm. Colaborar com estudos sobre a memória individual, coletiva e local, parece desfraldar a consciência daquilo que cada sujeito ou sujeita tem acerca da própria história e da sua influência sobre aqueles com quem tem compartilhado suas experiências.

No caso das mulheres-professoras-aposentadas, sempre que citam os seus ex-alunos como exemplo de sujeitos e sujeitas que formaram e atuam socialmente de forma exemplar, narram a surpresa ou satisfação quando estes atribuem o seu sucesso ao que aprenderam com elas na educação básica. Essa experiência social de sucesso, como é comumente considerada, até ser narrada como algo da memória autobiográfica de cada uma das professoras, parecia não ser da dimensão do consciente. Deste modo, narrar permite uma consciência do passado vivificado pela memória.

Lembrar não é um percurso sempre contínuo. Muitas vezes é reticente, um movimento de ir e vir que se dá sempre que a memória convoca outras memórias. Isso implica lembranças que podem, ao passo que são mobilizadas, dar mais unidade ao vivido, construindo uma teia da memória. Os efeitos da reminiscência para o sujeito ou sujeita que narra pode gerar sofrimento, despertar alegrias e consciência do poder de suas ações e como estas implicaram na vida em

coletividade. Não obstante, a memória nos permite “compreender mais daquilo que não é dito” (THOMPSON, 1992, p. 204) e a história oral configura-se um caminho para que recapturemos o passado, nem sempre contado de modo linear e organizado, mas um passado que importa, sobretudo, “porque não estamos mais inseridos em uma tradição de memória viva, oral, comunitária e coletiva [...] que precisamos inventar estratégias de conservação e mecanismos de lembrança” (GAGNEBIN, 2009, p. 97).

O surgimento das grandes metrópoles, a transformação de comunidades em cidades e todo o processo de desenvolvimento refletiu sobre os modos de conservar a memória. Antes as histórias eram repassadas e mantidas vivas, em especial, pela tradição oral, pelo alcance que tinha. Eram comuns as rodas de conversas, a contação de histórias, hoje ressignificadas. Com o avanço das tecnologias, surgiram outros modos de conservar e organizar a memória, tanto a memória individual quanto a coletiva. Tudo isso aponta para a emergência de registrar o passado, mantendo-o vivo e, a partir dele, compreender melhor o presente.

3.4 Acontecimento e memória

Considerando a relação entre acontecimento e memória, podemos depreender que, na medida em que memória se faz mediante o esquecimento, resta ao sujeito como pregnante aquilo que guarda ainda alguma tonicidade frente ao vivido, daí o lugar conferido ao acontecimento (SILVA, 2016). Para a semiótica de matriz tensiva, o acontecimento consiste numa *brusquidão eficaz* (ZILBERBERG, 2011, p. 170). Ou seja, o acontecimento é da ordem do inesperado, algo para o qual nunca estamos preparados tampouco podemos prever e que “deve ser compreendido como aquilo que surpreende o sujeito, que satura seu campo de presença, e que, num primeiro momento, é inteligível. Pode apenas ser sentido” (BARROS, 2016, p. 362).

Além disso, é na/pela memória que podemos retomar os acontecimentos, reinterpretá-los, conhecê-los melhor e dar sentido para eles. Não se trata de um sentido atribuído ao fato em si mesmo, mas ao sentimento mediante ao depois do vivido. Valdeci, uma das professoras-narradoras, passados mais de 40 anos, ainda se emociona ao narrar a sua experiência como estudante:

Objeto-enunciado 5:

(...) eu já fiz o ginásio lá [Goiânia]. Eu fiz aqui a 5ª série. Eu fui pra lá em setenta e um (71). A gente pobre, a minha mãe sempre dizia assim: "minha filha, cê tem que estudar" porque ela não estudou. Ela não sabia ler nem escrever, nem ela nem meu pai. Então, o sonho deles era que a gente estudasse "porque minha filha é pobre, minha filha é feia, minha filha é preta". Minha mãe dizia essas coisas assim pra gente. Aí eu

acho que isso foi enraizando né. Quando eu fui pra Goiânia, eu fui morar nas casas alheias, e lá eu sofri muito. E as vezes as senhoras diziam pra mim que eu tinha que ficar na lama de onde eu tinha vindo... ((pausa prolongada)) (RIBEIRO DE SOUZA [Valdeci], 2020, p. 3).

Relembrar a infância fez sobrevir a experiência do racismo, um acontecimento que teve papel determinante na vida da professora Valdeci, pois influenciou o seu modo de ser professora. Embora a mulher-professora-aposentada Valdeci tenha feito do trauma uma espécie de lembrete sobre quem ela jamais deveria ser, ao narrar o acontecimento, nesse depois tão distante do presente, a dor, sentimento que parece persistir, atrelado à consciência da exclusão racial e social, é o sentido mais cognoscível. Claude Zilberberg (2011) explica que: "O acontecimento é antes um *não-sei-o-quê* que deixa o sujeito 'sem voz'" (ZILBERBERG, 2011, p. 190).

Quando criança, Valdeci não soube significar o vivido porque fora afetante, mas, com o tempo, assimilou o sofrimento. Por imaturidade ou desconhecimento, à época, parece não ter dado conta de nomear tampouco narrar, mas sentiu e sofreu no corpo a exclusão. No momento em que recordou a infância e toda sua experiência longe da família, num lugar também distante, Valdeci chorou por um momento longo, tendo sido acolhida com um abraço e escuta, e retomado a entrevista quando sinalizou estar pronta novamente. Isso porque: "do ponto de vista enuncivo, o *antes* explica ou leva a compreender o *depois*, na exata medida em que, do ponto de vista enunciativo, o *depois* constatado explica ou faz compreender o *antes* suposto." (ZILBERBERG, 2011, p. 190).

Zilberberg (2011) explica ainda que

O acontecimento não pode ser *apreendido* senão como algo afetante, perturbador, que suspende momentaneamente o curso do tempo. Mas nada nem ninguém conseguiria impedir que o tempo logo retorne seu curso e que o acontecimento entre pouco a pouco nas vias da potencialização, isto é, primeiramente, na memória, depois, com o tempo, na história, de maneira que, *grosso modo*, tal acontecimento ganhe em legibilidade, em inteligibilidade, o que perde paulatinamente em agudeza. (ZILBERBERG, 2011, p. 169).

O sofrimento, atitude modal da sujeita narradora Valdeci, à luz do que estabelece Zilberberg (2011), diz respeito à intensidade do acontecimento. Ao recordar, o vivido foi potencializado, ganhando mais legibilidade ou não, pois ainda se configura um lugar sensível para a narradora. Aquilo que, no momento do acontecimento, não pode ser dimensionado, é considerado nulo. Com o tempo, no caso das narradoras, estimuladas a recordarem ou elaborarem o seu passado, ocorreu que *reconfiguraram o conteúdo semântico do acontecimento* (ZILBERBERG, 2011, p. 168). Ou seja, construíram sentido para o vivido. Assim como

Valdeci não pode antecipar a experiência do racismo em questão, não pode antecipar o choro durante a entrevista, pois representam o inesperado: " É, superei. Acho que externamente. No meu interior eu vejo que eu sofro muito por isso ainda... (RIBEIRO DE SOUZA [Valdeci], 2020, p. 4)". Tal compreensão consiste no fato de o acontecimento se dar pela articulação da intensidade que diz respeito ao sensível, aos "estados de alma" e ao quanto "somos afetados pelas grandezas que penetram nosso campo de presença", e a extensidade que diz respeito ao inteligível, aos "estados de coisas", "à extensão temporal e espacial do campo" (ZILBERBERG, 2011).

O trabalho com fontes orais, entendidas aqui como sujeitas da pesquisa, mais especificamente as narradoras mulheres-professoras-aposentadas, permite-nos conjugar as dimensões da significação, a relação sensível de cada uma delas com o mundo, atentando-nos ao ato de elaborar ou recordar o passado e o modo como enunciam-no no presente. Isso leva-nos, pois, a compreender a memória e a percepção, conceitos amplamente discutidos por Maria Luz Pessoa de Barros (2019) que, mobilizando "Funes, o memorioso" de Jorge Luís Borges, trata da memória e da percepção não como conceitos semelhantes, mas indissociáveis.

Retemos em nossa memória aquilo que foi marcante, ou *percebido* de forma viva, já que não guardamos – à exceção de Funes – a totalidade do passado. No caso do nosso personagem, uma vez que tudo é percebido com intensidade, é a integralidade dos eventos pretéritos que permanece em sua memória, e, como sua atenção se volta a cada mínimo detalhe, Funes é incapaz de generalizações. Outro aspecto de sua memória que também remete à percepção é que as imagens visuais que formam suas lembranças são sempre acompanhadas por sensações corporais, como sensações térmicas, musculares etc. (BARROS, 2019, p. 122).

Santo Agostinho, em *Confissões* (2015), serve-nos como exemplo da complexidade da memória em suas diversas manifestações. Embora elaborado a infância a partir da experiência com outras crianças e das sensações que ao lembrar sentia, teceu suas memórias. No caso das narradoras do estudo em questão, após o agendamento das entrevistas, dedicaram-se a recordar as suas histórias, elaborando em silêncio, o que viveram em cada etapa da vida.

A narradora Antônia, em dois momentos distintos, na fala inicial diz: " Eu espero que eu possa lhe ajudar naquilo que você precisar, que eu tenha condições ... Sim, sim. Tenho muito em mente na minha cabeça, embora eu fosse pequena" e, depois, no encerramento da entrevista, manifesta o temor em falar e aponta as memórias acumuladas: "Muito Obrigada! Relembrar algumas coisas da minha vida foi muito legal, porque elas fazem parte de mim. Da mais tenra idade até agora, os pontinhos de detalhes..." (SANTOS [Antônia], 2020, p. 38).

Zilberberg (2011), didaticamente, busca, através de *As Paixões da Alma* de Descartes, explicar o acontecimento sublinhando que esse estudo não é novo para a linguística e para a

semiótica. Tomando o enunciado supracitado, um recorte da entrevista com a narradora Antônia, vemos a sua apreensão quanto a dar conta de contribuir com o estudo e, depois, o arrebatamento dado a possibilidade de rememorar a sua história, reafirmado no enunciado: "Relembrar algumas coisas da minha vida foi muito legal, porque elas fazem parte de mim" (SANTOS [Antônia], 2020, p. 38). Parece que ao narrar, foi possível sentir e reconhecer-se na sua importância enquanto *sujeita biográfica, epistêmica e histórica*. Trata-se, pois, de ver/sentir, num depois, em conjunção com o objeto-acontecimento, a própria experiência de vida e a profissão docente, como sujeito da "admiração" (ZILBERBERG, 2011, p. 164).

Em *Descobrir o sul* (2020), Dernival Venâncio Ramos Junior relata a sua experiência de vida pessoal e formativa a partir da qual discute a "biografia da razão" – o olhar sempre de fora - e o processo de "descobrir", baseado em suas pesquisas, o sujeito epistêmico que é e que são os outros (RAMOS JUNIOR, 2020). Isso nos leva, pois, a reforçar a ideia discutida na seção 2 que, ao narrar as suas histórias, as mulheres-professoras-aposentadas assumiram também a autoria desta tese. Nesse sentido, os encontros que a pesquisa com histórias de vida permitiu, penso que tanto para as narradoras quanto para mim também mulher-professora, representa esse movimento de "não tirar o pé do chão" ou retornar a ele atribuindo sentido para o vivido por elas, com elas e por mim.

Uma memória total é impraticável, embora sejamos dotados de uma capacidade de armazenar experiências e sentimentos e ainda contemos com depoimentos alheios sobre nós. Nessa direção o esquecimento relaciona-se com a memória pelo fato de ser um modo de selecionar o que queremos ou podemos lembrar. Cientes disso é que precisamos combater os abusos da memória e do esquecimento, ou ultrapassaremos a linha tênue que pesquisar histórias de vida estabelece, uma vez que consiste num trabalho que exige ética e postura moral.

A narradora Cidinha, professora que atuou na formação das narradoras de Araguatins, todas as vezes que sentiu necessidade, retomou partes de sua vida. Isso foi possível pelo fato de sua entrevista ter sido realizada via *WhatsApp* e durado 13 dias. Cidinha, aos 74 anos, aposentou-se pela segunda vez como professora. Logo, toda sua experiência exige maior dedicação para registrá-la, um trabalho mais detido e a ser desenvolvido presencialmente, incluindo-se na rotina de vida da narradora, como buscamos fazer só de modo mais pontual, regido pela entrevista semiestruturada. Depois de encerrada a entrevista pela própria narradora, justificando não poder esticar mais a conversa em função das atividades domésticas e do trabalho no qual ainda se encontrava em exercício, retomou a fala e disse: "Érica, eu prolonguei

muito. Mas, eu me esqueci e achei pertinente ainda acrescentar que eu fiz a pós-graduação *lato sensu* em administração educacional (ALMEIDA E SILVA [Cidinha], 2019, p. 7).

Cidinha parece tentar ser fiel ao passado, buscando cada lembrança, receando deixar algo para trás. Nessa direção, Paul Ricouer pontua que "A lembrança, alternadamente encontrada e buscada, situa-se, assim, no cruzamento de uma semântica com uma pragmática. Lembrar-se é ter uma lembrança ou ir em busca de uma lembrança" (RICOUER, 2007, p. 24).

O exercício da memória situa-se nesse percurso de lembrar e construir sentidos. Afinal, é pela memória que temos condições de recuperar o vivido, aclarando-o enquanto sujeitos e sujeitas do lembrar. Ao lembrar, mobilizamos sentimentos e, assim, temos a possibilidade de significar os acontecimentos. (ZILBERBERG, 2011). Cidinha (2020), assim como suas ex-alunas, e aqui também narradoras, parece mesmo construir sentido para a docência exercida por elas, ao narrar suas experiências:

Objeto-enunciado 6:

(...) boa tarde querida, tudo bem, Érica? Hoje estou prazerosamente bem arrumadinha. Tomei banho, me aprontei pra a gente começar a nossa conversa a respeito da minha história falada, escrita, vivenciada, experimentada e hoje recordando as grandes lembranças. Isso me faz ser mais professora, mais pessoa, mais cristã. Enfim, sou apaixonada pela minha profissional. Érica, nós paramos ontem, é em quando eu ganhei a bolsa de estudos, né? (...) estou muito feliz nesta oportunidade de contar a minha história sonhada, recitada, cantada e não está adormecida porque sempre ela é resgatada com/ no bom sentido porque grandes memórias não poderão ficar adormecidas. Boa noite, querida. (ALMEIDA E SILVA [Cidinha], 2020, p. 7).

Cidinha arrumou-se para a entrevista como quem se arruma para o trabalho ou uma festa significou, como ela mesma diz “nossa conversa”, como uma oportunidade de produzir sua autobiografia. Para Silva e Ramos Júnior (2012),

o exercício autobiográfico potencializa a possibilidade de refletir sobre a experiência; é efetivamente trabalho que engaja o sujeito no presente. Ao escrever [narrar] sobre o seu passado, organizando no papel [enunciando] suas memórias, o sujeito se põe, portanto, efetivamente em movimento, produzindo gestos de significação. (SILVA, 2012, p. 128).

A narradora enfatizou que é preciso não deixar que sua história “adormeça”. Para isso, é importante contar, recordar, lembrar, resgatar, termos usados pela narradora para representar o momento em que partilhou suas histórias de vida.

Paul Ricouer (2007) trata do dever da memória, um dever de fazer justiça, "pela lembrança, a um outro que não o si", e ainda ao fato de sermos "devedores de parte do que somos aos que nos precederam" (RICOUER, 2007, p. 101). Sendo professora e tendo sido formadora de cinco das narradoras reunidas nesse estudo (Ana, Diná, Eliana, Solange, Valdeci), “desencobrir” as suas histórias de vida é também “desencobrir” a minha história, por identificação e representatividade e, assim, assumirmos o nosso lugar de “epistemólog[a]s da

vida real” – mulheres-professoras-aposentadas e mulheres-professoras-pesquisadoras, todas sujeitas da ação docente, “sujeit[a]s do pensamento e de sua história” que teorizam e produzem conhecimentos (RAMOS JUNIOR, 2020). Somado a isso, permite o *resgate* do vivido, como bem disse a professora Cidinha, dando visibilidade e não permitindo que suas memórias fiquem *adormecidas*. A memória é que dá, então, a configuração da tonicidade ao que poderia vir a ser silêncio e anestesia.



4 A ESCOLA COMO ESPAÇO SIGNIFICATIVO DA VIDA ESTUDANTIL E PROFISSIONAL: imagens de si e da escola

A semiótica de linha francesa tem como objeto o sentido (BERTRAND, 2003, p. 11) e assenta-se na produção e compreensão dos discursos. Buscando apreender os sentidos a partir do que manifestam os discursos das narradoras - concebidas aqui como actantes do enunciado ou da narração (GREIMAS; COURTÈS, 2008), passamos à análise dos enunciados-objetos (BERTRAND, 2003, p. 82) produzidos durante as entrevistas (os textos), mais especificamente, ao recorte que trata do período de escolarização básica de cada uma delas.

Nesta seção, entrecruzamos as histórias de vida considerando as regularidades e singularidades presentes nas narrativas que revelam as mulheres-professoras-aposentadas ora como destinadoras de seus próprios destinos, logo, “sujeitas do fazer” (GREIMAS; COURTÈS, 2008) que foram delineando os seus caminhos e constituindo-se personagens importantes da história educacional de Araguatins e Araguaína, ora como sujeitas manipuladas que, de acordo com o percurso gerativo de sentido, consiste na “ação do homem sobre as coisas” caracterizando-se como “uma ação do homem sobre outros homens [*fazer-ser*] visando fazê-los executar um programa dado [*fazer-fazer*]” (GREIMAS; COURTÈS, 2008, p. 300).

Nesta análise, consideramos as dimensões próprias do método semiótico (a dimensão narrativa, a dimensão passional, a dimensão figurativa e a dimensão enunciativa) pelo fato de articularem-se no processo de produção de sentidos. Privilegiamos a dimensão narrativa levando em conta que cada narradora se constitui uma “sujeit[a] de desejo ou de medo, adquirindo competências, agindo, lutando, fracassando ou obtendo vitórias” (BERTRAND, 2003, p. 27). Para tanto, tomamos o conceito de percurso como “progressão de um ponto a outro, graças a instâncias intermediárias” (GREIMAS; COURTÈS, 2008, p. 362) e focalizamos tanto a semiótica discursiva em seu nível fundamental quanto o nível narrativo (os sujeitos e suas transformações).

Veremos a partir dos percursos das narradoras as estruturas modais (querer, dever, saber, poder, ser ou fazer) como indicadores das transformações “da relação sujeito com objetos de valor e com outros sujeitos na mesma cena narrativa” (BERTRAND, 2003, p. 27). Em termos gerais, para a semiótica, o objeto-valor é entendido como “lugar de investimento dos valores (ou das determinações) com as quais o sujeito está em conjunção ou em disjunção” (GREIMAS; COURTÈS, 2008, p. 347).

Ainda na dimensão narrativa, recorreremos à dimensão passional que diz respeito aos “estados de coisas” e “estados de alma” manifestos pelas transformações narrativas

(BERTRAND, 2003, p. 27). Por “estado das coisas” a semiótica concebe como transformações vividas pelo sujeito, a exemplo, a passagem do não saber (leigas) para o saber (formação Magistério e/ou licenciatura), tomando como referência as próprias histórias de vida das mulheres-professoras-aposentadas. Além disso, considera a ruptura com o destino já dado para as mulheres da geração das narradoras, acordos tácitos perpetrados até os dias de hoje, que prevê a vida do lar como lugar ideal, ou a desigualdade de gênero prevalente no trabalho formal. Nesta dimensão, temos também os “estados de alma” que se traduz nas transformações que continuam no sujeito, modulando os seus próprios estados, a exemplo do “lamento”, da “nostalgia”, “obstinação”, “ambição” (BERTRAND, 2003, p. 28). Ganham ênfase, nesta dimensão, as paixões que podem ser simples ou complexas. As paixões simples dizem respeito ao “efeito de sentido de uma única relação modal do sujeito com o objeto”, ou complexas que “resultam do encadeamento de vários percursos passionais” (FIORIN, 2007; FONTANILLE, 2019), bem como as emoções, sentimentos discursivizados pelas sujeitas mulheres-professoras-aposentadas, em cada discurso-enunciado. Assim, ao narrar o seu percurso de vida e suas experiências estudantis e profissionais, as narradoras constroem figuras “manifestas e operacionalizadas no interior do texto”, chamada enunciação-enunciada (GREIMAS; COURTÈS, 2008, p. 83).

Para a semiótica o termo “narrativa” é utilizado para “designar o discurso narrativo de caráter figurativo (que comporta personagens* que realizam ações*)” (GREIMAS; COURTÈS, 2008, p. 166). Compreendida como o narrado ou como modo de contar a narrativa, o termo narrativa, no nível narrativo, representa ao que se pode chamar de “enunciado” (GREIMAS; COURTÈS, 2008, p. 166). Nesse sentido, buscamos na dimensão enunciativa, compreendida como instância última no percurso gerativo de sentido, tomar cada objeto-enunciado como um todo significativo, pois cada texto é singular e dotado de complexidade. Partindo de tais compreensões e concebendo a leitura prescrita pela dimensão figurativa do método semiótico de leitura, voltamos a nossa atenção para o modo como as sujeitas mulheres-professoras-aposentadas narram, veem e sentem o vivido.

Para tanto, estabelecemos uma sequência de textos orientada pelas histórias de vida das professoras. Prevalecerá não a sequência das perguntas apresentada no *Quadro II*, mas os temas manifestos e que revelam os percursos e percalços vividos por cada narradora. Sem a intenção de hierarquizar, mas partindo de uma regularidade que julgamos importante destacar, traçamos como ponto de partida, mediante a imensidão dos dados que *amontoam* histórias tão extraordinárias, mobilizar a história de vida daquela que contribuiu com a formação das cinco

narradoras de Araguatins. Chegamos a isso através do que enunciam as narradoras Ana, Diná, Eliana, Solange e Valdeci, as primeiras entrevistadas, que referenciaram a professora Cidinha em suas entrevistas e atribuíram a ela uma parcela importante no estímulo à docência. Nas palavras das narradoras, “a professora Cidinha eu tenho uma recordação muito forte dela” (RODRIGUES DA SILVA [Solange], 2019, p. 7), “Dona Cidinha, que pessoa maravilhosa! Me ajudou demais também e foi tão bom que eu não esqueço de jeito nenhum, apesar da dificuldade né (SOUZA [Ana], 2019, p. 3)”; “E a professora de didática era a professora Cidinha. Então, assim, ela dava aquela [aula] sabe? Ela era uma super professora. Ela, a gente aprendia muito com ela.” ((SILVA [Eliana], 2020, p. 2). Cidinha foi grande entusiasta, base didática e metodológica para as mulheres-professoras-aposentadas que ressaltaram o profissionalismo e a afetividade na assistência a todas elas quando estudantes e, depois, como colegas de trabalho. Entrecruzadas, as histórias de Antônia, Ester, Marta e Nama, de igual modo, compõem esta análise. Isso porque a “história oral é uma arte da escuta, uma arte baseada em um conjunto de relações”, a saber: o diálogo, a memória, o público e o privado, a oralidade e a escrita – (PORTELLI, 2016, p. 12), pois as histórias dialogam entre si e, nesse dialogismo (BAKHTIN, 2011), todas as narrativas se coadunam.

Como veremos, as histórias de vida se entrelaçam de muitos modos: por pertencerem à mesma geração, por serem todas mulheres-professoras no Norte e por lutarem pela sua autonomia; pelo compromisso político, ético e social de ensinar, pelo protagonismo etc. Ou seja, voltamo-nos agora para os excertos (textos-objetos) organizados a partir dos sentidos que foram possíveis articular.

No *Quadro I* (p. 22 e 23), apresentamos as categorias e questões norteadoras das entrevistas a partir das quais chegamos aos objetos-enunciados apresentados a seguir. A *categoria I* trata da formação escolar básica e a *categoria II* trata da formação acadêmica das mulheres-professoras-aposentadas. Reunidas, essas categorias formam um quadro importante da vida das narradoras. O nosso compromisso consiste em focalizar, à luz do que enunciam as narradoras, as imagens que constroem de si e da escola como espaço significativo. Para tanto, vale lembrar que as narradoras narram suas histórias organizando-as de acordo com suas experiências (RIBEIRO; SOUZA, 2015), uma vez que “o real é descontínuo” (BOURDIEU, 2006, p. 185).

Nesse sentido, veremos que digressões serão comuns nos enunciados-objetos revelando ora as regularidades, ora as singularidades que constituem a vida de cada mulher-professora-aposentada e narradora. Isso revela que as narradoras não são vozes individuais, mas um

coletivo de mulheres que têm a docência como conjunção, entre outras questões. Ou seja, seguiremos as narrativas e serão elas que definirão o nosso percurso de análise, pressupondo que, assim como nós, todas desejam ouvir o que dizem todas elas.

Enfim, esta seção assume a responsabilidade de mobilizar, com maior dedicação e sensibilidade, as histórias de vida das mulheres-professoras-aposentadas. Isso exigiu um esforço no sentido de ser mais pragmática, o que se configurou um dos maiores desafios para mim, vale dizer. Afinal, mesmo as mulheres-professoras-aposentadas que não atuaram na minha formação escolar básica passaram a me constituir afetivamente quando confiaram a mim as suas histórias. Daí, enquanto lia os dados, ora por identificação, ora por representatividade, minha história misturou-se as histórias delas e foi difícil entender e definir o meu papel nesta escrita.

Ao longo dos anos, muitas discussões sobre o ensino e o contexto educacional como um todo foram nutrindo o desejo de pesquisar histórias de vida. Muitas foram as especulações sobre o ser professora nos últimos 50, 60 anos. Porém, foi através das narrativas de Ana, Antônia, Cidinha, Diná, Eliana, Ester, Solange, Maria Valdeci, Marta e Nama que as especulações deram lugar à clareza e pudemos, então, compreender os acontecimentos e o contexto de vida dessas mulheres, e significar muito de nós mesmas, mulheres-professoras-pesquisadoras.

Para tanto, buscamos articular as narrativas, o que nos levou às seguintes recorrências: i. A ausência da escola pública e a presença da escola confessional; ii. A diferença entre os sexos; iii. A mulher como destinadora da escolarização de seus filhos; iv. A pedagogia do castigo e a imagem positiva do/a professor/a e da escola; v. A docência como destino programado e o discurso do dom.

4.1 “Numa escola multisseriada, num único salão que uma Associação Espírita organizou”: a ausência da escola pública e a presença da escola confessional

Para Bertrand (2003, p. 83), “o sujeito do discurso é uma instância em construção, sempre parcial, incompleta, e transformável, que aprendemos a partir dos fragmentos do discurso realizado”. Nessas primeiras histórias que apresentamos aqui, voltamo-nos aos discursos e enunciados que significam o ser estudante e ser professora que constitui cada uma das narradoras, manifestos em suas experiências articuladas aos saberes e subjetividades sobrevindas da formação escolar básica e superior.

Partimos, então, da narrativa de Cidinha, mulher-professora-aposentada, pela segunda vez em meados do primeiro semestre do ano 2022, aos 74 anos de idade, que hoje reside em

Palmas, estado do Tocantins, e que atuou na educação básica, mais expressivamente, na formação de professores e professoras em Araguatins, no curso básico Magistério. Reconhecida e admirada pelas suas ex-alunas, hoje também professoras-aposentadas e minhas ex-professoras, será trazida aqui como primeira história dado esse reconhecimento conjunto pelas suas contribuições no exercício de suas diferentes performances: mulher, professora, formadora de professores e parceira de trabalho.

Objeto-enunciado 7:

Eu me esqueci de falar que eu nasci em Inhumas, estado de Goiás. Eu comecei a estudar em mil novecentos e cinquenta e quatro (1954) com 7 anos de idade, numa escola multisseriada, num único salão que uma Associação Espírita organizou perto de onde eu morava. E lá nós tivemos como professor Nercídio Marciano. Ele era aquele tipo bem tradicional que levava as varinhas de marmelo para cuidar de quase cem alunos porque nós éramos do primeiro ano, segundo, terceiro e quarto ano. E aqueles que já sabiam ler e escrever, que já chegaram com essa habilidade, ensinavam pra quem ainda não sabia. Por Deus, eu aprendi muito rápido e passei também a ensinar os meus próprios irmãos, nessa própria escola, a ler e escrever. E interessante que nesta escola nós tínhamos uma disciplina total, um único professor. Ele, enquanto estava na Cartilha do Povo, ensinando os aluninhos que ainda estavam iniciando. As outras turmas estavam fazendo alguns tipos de tarefas, na maior disciplina, até porque nós éramos separados, os homens se sentavam separados das meninas naqueles bancos cumpridos. Cada banco cabia quatro, até cinco alunos. Assim que começamos. Fui muito feliz porque quando cheguei na 3ª série, meus pais me matricularam num grupo escolar que era na praça da cidade, Grupo Escolar Dezenove de Março. Foi um sonho na minha vida, eu estar na 3ª série, no terceiro ano primário, com uma turma só do terceiro ano. Ah! Mas foi um encanto na minha vida. Lá eu tive a professora Maria Pereira. Ela de uma sabedoria muito maternal. Ela nos ensinou muito, tanto os estudos formais quanto espiritual. Foi um encantamento! Depois na quarta série eu tive uma brava professora. Excelente em português e matemática. Geralda Farias. Ela nos colocava de castigo. Colocava no sol e colocava de joelhos. Mas, menininho aprendeu os nomes das capitais do país inteiro e a tabuada na ponta da língua, e adição, subtração, multiplicação, divisão e as frações. Em primeiro lugar, ela me deixou grandes saudades porque fui muito promovida por ela porque ganhei uma bolsa de estudos, que era o meu verdadeiro sonho de fazer o curso de admissão. Depois do quarto ano a gente fazia o curso de admissão. E eu ganhei a bolsa de estudos para o Educandário Nossa Senhora do Rosário. Era o educandário elitizado, um colégio pago que a minha possibilidade financeira não daria. Mas eu fui promovida pela dona Geralda como uma aluna que mereceu. Juntamente com a diretora da época, Tereza Brandão, elas mandaram o meu boletim e por Deus, a Irmã Tomazina, a diretora geral, me convidou pra fazer o curso de admissão que era o meu sonho e a minha realização. Lá, o meu uniforme, meus livros, eu ganhei de uma colega de infância, Maria Helena Soyer, que estava acabando de sair de lá. Como nós não tínhamos condições pra que eu permanecesse enquanto estudante do educandário, ela me passou todos os livros e dois uniformes, o diário e o de educação física. Minha mãezinha virou o uniforme do avesso, pintou novamente até a boina, e assim foram meus anos felizes e encantadores que Deus me deu enquanto estudante. Amanhã continuaremos. Obrigada. (ALMEIDA E SILVA [Cidinha], 2019, p. 1).

No objeto-enunciado supracitado, Cidinha relata a sua experiência nos anos iniciais de sua escolarização. Foi logo no primeiro momento da entrevista, mais precisamente o quarto áudio produzido pela narradora, no qual retoma o lugar em que vivia, Inhumas, estado de Goiás, e rememora e atribui valor à escola em que estudou e aos professores dos quais se lembra.

Cidinha traz duas características importantes do tipo de escola desse período. A primeira é a presença da escola confessional espírita, o que ilustra o tipo de ensino e escola ofertada no Brasil em 1957. Do ponto de vista histórico, Cidinha ingressa na escola num período chamado “A Quarta República” ou “República Populista” e que antecede a Ditadura Militar no Brasil de 1964. Foi um período de tensões políticas marcado pela eleição democrática de Eurico Gaspar Dutra, que elegeu o ensino primário e o combate ao analfabetismo como prioridade. Nesse período, entre os anos 1947 e 1948, o Ministério da Educação fomentou a “construção de mais de 6 mil prédios escolares em todo o país, especialmente em zonas rurais, e de mais de 25.000 classes de educação para adultos” (BRASIL, *online*). Lourenço Filho (ex-diretor-geral do Inep) e Anísio Teixeira foram determinantes para o aumento de investimentos na educação nesse período¹³.

Inhumas pertence ao estado de Goiás e faz parte da região Centro-Oeste do país. Embora mais próxima dos grandes centros e pertencente a uma região mais desenvolvida do país, na narrativa de Cidinha temos um cenário da educação, nesse período e desse lugar, que revela a ausência de políticas educacionais voltadas tanto para a infraestrutura quanto para a formação dos sujeitos-professores/as. Era ausente a escola pública, gratuita. Era ausente o livro como política pública. Como exemplo disso, Cidinha ingressou aos 7 anos numa escola organizada por uma Associação Espírita e só na 5ª série (hoje 6º ano) é que conseguiu bolsa noutra escola que também era confessional e paga. Apesar dos esforços para a bolsa, Cidinha só teve condições de permanência na escola por contar com a solidariedade da amiga Maria Helena Soyer: “ela me passou todos os livros e dois uniformes, o diário e o de educação física. Minha mãezinha virou o uniforme do avesso, pintou novamente até a boina”. Mesmo diante de tantas adversidades, em tom nostálgico e com um sentimento de gratidão, Cidinha concluiu sobre sua escolarização dizendo: “e assim foram meus anos felizes e encantadores que Deus me deu enquanto estudante” (ALMEIDA E SILVA (Cidinha), 2019, p. 2).

Outro dado trazido por Cidinha e que ilustra o tipo de ensino e escola de 1957 é a classe multisseriada. Esse tipo de classe existe até hoje e tem como característica ser formada por estudantes que se encontram com idade e níveis (ano/série) diferentes, geralmente localizada na área rural ou pequenas comunidades. Ao narrar a sua experiência estudantil, Cidinha ilustra bem o contexto das salas multisseriadas, tendo como diferença apenas o número de estudantes em sala. Cidinha estudou numa sala composta por mais de cem estudantes. Em Araguatins,

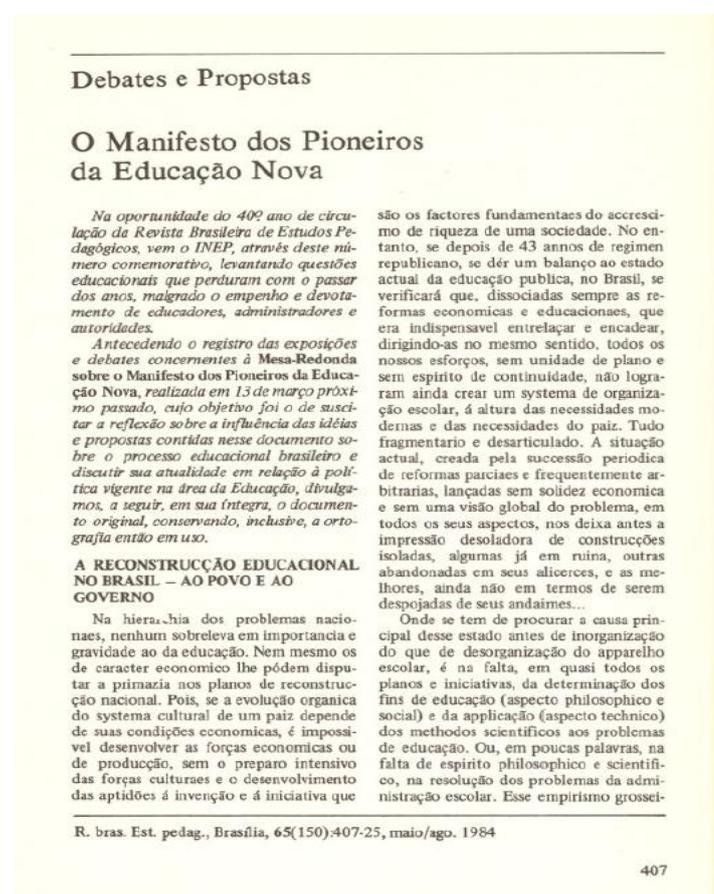
¹³ Dados obtidos na página <http://inep80anos.inep.gov.br/inep80anos/passado/construcao-de-escolas-1946/94#:~:text=Com%20a%20deposi%C3%A7%C3%A3o%20de%20Get%C3%BAlio,escolas%20em%20todo%20o%20pa%C3%ADs>.

partindo aqui de minhas experiências profissionais, o perfil das turmas multisseriadas modificou-se consideravelmente em função do êxodo rural. Hoje as turmas possuem entre 10 e 30 estudantes.

Os problemas vivenciados por Cidinha estão relacionados ao fato de a educação como política pública ter ganhado importância só em 1930, momento em que Getúlio Vargas publica o Decreto nº 19.402, de 14 de novembro de 1930, criando a Secretária de Estado com a denominação de Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública. Como pode ser visto no preâmbulo do decreto, a educação surge vinculada à saúde e são concebidas como um negócio. A educação avança, mais especificamente em 1932, com o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, que propunha um “sistema escolar público, gratuito, obrigatório e leigo para todos os brasileiros até os 18 anos”.

A título de ilustração, segue a primeira página do Manifesto:

Figura 1– Manifesto da Escola Nova



Fonte: BRASIL (INEP), 2022. ¹⁴

¹⁴ https://download.inep.gov.br/download/70Anos/Manifesto_dos_Pioneiros_Educacao_Nova.pdf

Dentre os nomes que atuaram na redação do manifesto está Fernando de Azevedo. Assinam o documento 24 educadores e intelectuais de destaque no país: Anísio Teixeira, Cecília Meirelles, Nobrega da Cunha, entre outros que defendiam a “reconstrução do sistema educacional menos elitista e aberto à interpenetração das classes sociais com vistas às necessidades de um Brasil que se industrializava” (BRASIL, *online*). Trazemos aqui esse recorte para destacar a importância desse manifesto para a construção da escola totalmente pública que, até então, ficava a serviço das instituições confessionais e pagas. O movimento escolanovista defendia também uma escola laica, uma educação comum a todos, sem distinção de gênero e com possibilidades iguais de aprendizagem.

Entre o manifesto escolanovista e a experiência escolar básica de Cidinha passaram-se 27 anos. Passado todo esse tempo, as classes multisseriadas continuam sendo um desafio pelos seguintes motivos: a carência de professores e professoras para atuar na zona rural, a precarização da formação desses profissionais somadas à distância e infraestrutura educacional (física, tecnológica etc.). Políticas públicas mais efetivas como o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), entre outros programas locais ou regionais, foram importantes para o enfrentamento desse problema, pois, segundo dados do MEC (BRASIL, *online*),

De maio de 2009, quando foi criado, a dezembro de 2012, o Parfor colocou em salas de aula 54,8 mil professores em turmas especiais, segundo balanço publicado pela Capes. No período, foram implantadas 1.920 turmas em 397 municípios. Professores das regiões Norte e Nordeste foram os que mais procuraram formação. Até 2012, o Parfor atendeu 28.073 educadores da região Norte e 20.781 do Nordeste. Na sequência, aparecem as regiões Sul (3.422 professores), Sudeste (1.847) e Centro-Oeste (753). (BRASIL, *online*).

Retomando à questão primeira desta subseção que consiste na ausência da escola pública durante o período de escolarização de algumas narradoras, passamos à narrativa de Marta que, embora tenha vivido na zona urbana de Caxias, Maranhão, também enuncia o desafio que foi frequentar a escola. Em Caxias havia uma escola pública que ofertava parte dos anos iniciais do ensino fundamental, porém era distante. Somada aos fatores socioeconômicos, a distância foi desfavorável para o acesso e a permanência na escola.

Objeto-enunciado 8:

...eu fui pra escola particular porque a minha cidade não oferecia escola pública de quinta a oitava série (...) O Gonçalves Dias era bom porque era bem centralizado, né? ... Era longe () morávamos próximos ao Gonçalves Dias. Íamos pra lá. Era carente tanto que quando nós acabamos, fizemos a quarta série lá no Gonçalves Dias ficou a pergunta: “Vamos pra onde agora?”. Não tinha de sexta/ de quinta a oitava, né. E aí a solução foi uma estratégia que hoje tem, só que de outra forma, mas quando eu vejo hoje falar em bolsa de estudos lembro da gente. Aí tinha aquela bolsa de estudos do MEC que eu não sei como era que funcionava nesse tempo. Aí minha avó que sempre foi guerreira, amarrava aquele cabelo dela assim [representou a avó prendendo o

cabelo], vestia aquela saia de sair pra resolver as coisas. De vez em quando eu faço isso também porque eu sou muito a minha avó. Me deixei levar muito pelas atitudes dela: "Vou já resolver isso aqui. Vou já falar () e vou pedir uma bolsa pra vocês(...) Aí a gente pagava ((inaudível)). Aliás, março, abril, maio, lá pra julho vinha o dinheiro da bolsa. Esse dinheiro que eu não sei bem qual era o critério. Aí como a gente fazia? Quitava os meses de junho até dezembro ((inaudível)) mas muitas vezes nós atrasávamos a mensalidade, claro né. Seis filhos, uma mãe viúva e tanto problema. E aí nós entrávamos na escola e aí era um problema porque tínhamos que apresentar o carnê. (...) Então, muitas vezes eu chegava primeiro e já sabia que não ia entrar porque não tinha pagado a escola e não tinha chegado a bolsa, né. E aí eu ficava na janela, né. (...) Não sei qual era o critério. Aí pronto, quitava todinho. aí nós respirávamos e estudávamos o ano todinho. Isso sem falar que o uniforme também era tudo doado, né. E meu pai morreu eu tava/ eu ia pra quinta série. Meu pai morreu de acidente e deixou seis (6) filhos. (...) E aí elas [tias] iam deixando o uniforme e ia passando para nós, né. Então eu usava o uniforme dos meus primos. Aí minha mãe ia em Teresina, na casa de minha outra tia que tinha onze (11) filhos também. Olha só, tudo com onze. Trazia uns kichute, as meias, sabe? As compras, as coisas. A gente/ nós fizemos o fundamental maior foi assim. (...) Naquele tempo da ditadura eram pregas. Tinha o cós e tinha as preguinhas. Era blusa de () e o bolso aqui [representa com as mãos o bolso sobre o peito] porque eu era meio branca, né. ((inaudível)) e aí ela conseguia com as irmãs do hospital (LEITE [Marta], 2020, p. 4-5).

Marta narra uma escola pública restrita a oferta de apenas os anos iniciais (1º ao 4º), nas décadas de 70 e 80, em Caxias. Os anos finais competia às escolas privadas e eram pouco acessíveis, considerando o exemplo de Marta, órfã de pai e que tinha mais 5 irmãos. Sua mãe, as tias e avós, a exemplo da mãe de Cidinha e das mães narradas por Ana, é que se desdobraram construindo uma rede de solidariedade que compartilhava uniformes, material escolar, sapatos e roupas usadas para serem reformadas.

Chama a atenção o dado produzido por Marta que trata de uma bolsa de estudos concedida a estudantes da educação básica pelo MEC. Tomando a data de ingresso de Marta no primeiro ano de escola datado de 1979, embora a narradora tenha elaborado outras datas e não parecer exato o ano informado, localizamos a lei nº 7.091, de 18 abril de 1983 que “Altera a denominação da Fundação Nacional de Material Escolar, a que se refere a Lei nº 5.327, de 2 de outubro de 1967, amplia suas finalidades e dá outras providências”. Dentre as finalidades desta lei, temos:

Art. 3º A Fundação de Assistência ao Estudante, terá por finalidade assegurar os instrumentos e condições de assistência educacional nos níveis de formação pré-escolar e de 1º e 2º Graus, constituindo seus objetivos básicos: I - a melhoria de qualidade, a diminuição dos custos e a criação de melhores condições de acesso dos usuários ao material escolar e didático, à alimentação escolar e **às bolsas de estudo** [grifo nosso] e manutenção. (BRASIL, 1983).

No objeto-enunciado 8, Marta enuncia a tensão vivida (privação do direito à escola), semestre a semestre, dada a incerteza da bolsa. Ainda criança, Marta não compreendia os critérios e o cronograma da bolsa, mas compreendia a sua necessidade. Temos, nesse exemplo, uma escola sancionadora que operava contra a programação de Marta, pois condicionava a sua

entrada na escola ao pagamento da mensalidade. O que parecia claro para Marta era a força da avó, a quem narra com admiração, e o modo como se organizavam as mulheres da família e mesmo da comunidade para garantir a escola aos filhos. Cidinha também se refere a uma bolsa de estudos (objeto-enunciado 7), mas, segundo informações da própria narradora, consistia numa bolsa concedida pela própria unidade escolar, diferentemente de Marta.

Giovanni Levi (2006) em “Usos da biografia” discute, a partir da atuação de historiadores, a ambiguidade e a pluralidade próprias desse gênero. Transpondo às narrativas produzidas pelas mulheres-professoras-aposentadas, parece inevitável mesmo, entre tantas outras coisas, que o trabalho com histórias de vida sirva-nos de campo dialógico onde o contexto histórico vivido por aqueles que elaboram o seu passado também ganhe visibilidade. À medida que seguimos o que enunciam as professoras, vemos o modo como suas histórias estão ligadas, seja pela experiência mesma ou pelo contexto histórico do tempo vivido.

Cientes disso, trazemos o enunciado de Ana que também nos permite refletir acerca da ausência da escola pública. Ana nasceu na cidade de Portalegre, Rio Grande do Norte, onde estudou os primeiros anos da escola básica:

Objeto-enunciado 9:

Nós somos uma família com dez filhos, né? Seis mulheres. Tinha que estudar um pouquinho, né. Era muito difícil na época, mas eles tinham esse cuidado. A gente andava muito pra ir pra essa escola. Andava assim, eu acho que era bem uns 4 km quilômetros de mundo a fora, de pé pra ir estudar, mas foi muito bom. [Estudei] até a quarta série porque naquela época era quarta série, né. Hoje é o quinto ano lá no Rio Grande do Norte. Essa história aí é do Rio Grande do Norte. Aí vim com essa mesma quarta série quando ia já pra fazer o curso de admissão que era o quinto ano, naquela época. 5ª série, né? Aí foi onde eu casei e vim embora, né. Não estudei. Não continuei. (SOUZA [Ana], 2019, p. 2).

Estudar para Ana foi uma prioridade estabelecida pelos pais que parecem ter compreendido desde cedo a educação como um direito. Portalegre possui hoje uma população estimada de 7.944 habitantes, distribuídos em área urbana e rural, o que pode justificar o fato de Ana ter precisado andar por mais de 4 quilômetros para chegar à escola. Nascida em 1949, Ana ingressa na escola em 1952 ou 1953. Nesse período, há registros de uma iniciativa com vistas a subsidiar os estudantes com transporte escolar, se considerarmos o artigo 157 da Constituição Federal (CF) de 1934.

Transcorridos quase 40 anos do ingresso de Ana na escola, a nova Constituição Federal estabeleceu, em seu artigo 208, a “garantia de atendimento ao educando no ensino fundamental através de programas suplementares de material didático-escolar, **transporte** [grifo nosso], alimentação e assistência à saúde” (BRASIL, 1988). A partir daí, em 1994 surge o Programa Nacional de Transporte Escolar (PNTE), criado por meio da Portaria Ministerial nº 955, de 21

de junho de 1994. O PNTE foi modificado em 2004, mas só em 2007 chegamos ao “Caminho da Escola” pelo Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar (PNATE).

Andar cerca de 4 quilômetros para chegar à escola, durante décadas, foi um desafio para crianças e jovens brasileiros residentes tanto na zona rural quanto na zona urbana. As políticas tardias de acesso e permanência à escola tirou o direito à educação de nossos pais, tios, avós e, até hoje, dificulta que crianças e jovens frequentem regularmente a escola, impactando severamente no desenvolvimento da aprendizagem destes sujeitos. No Brasil, segundo dados reunidos pelo Fundo Nacional da Educação Básica (FNDE), cerca de 4,8 milhões de estudantes da educação básica da rede pública residentes em área rural dependem do transporte escolar para chegar à escola.

Através da história de vida da mulher-professora-aposentada Antônia, temos uma primeira manifestação do efeito que opera uma política com vistas ao acesso e à permanência de estudantes na escola:

Objeto-enunciado 10:

E a gente ia de Remigio de ônibus escolar. O nosso ônibus era tipo o ônibus dos Estados Unidos, aqueles amarelão e preto com aquelas caronas, daquele jeito. Eu me sentia! E a gente ia nesse ônibus pra Areia, cheio de gente. De Remigio pra Areia são 12 km, é perto. Foi um tempo maravilhoso, sabe? Uma “estudantada” boa, de gente muito boa, meus melhores amigos que até hoje a gente convive. Um tempo muito bom. Mas a gente começou a brigar pra ter o ensino médio em Remigio. Então eu já era meio rebelde, né. Eu e meus amigos fomos os primeiros a gritar mesmo. E a gente conseguiu. O prefeito de tanto ouvir a gente na porta, porque o ônibus quebrava muito e a gente ficava na estrada. Então, a gente conseguiu. Mas antes da gente conseguir, nós fomos para o colégio das freiras porque caiu o teto do Colégio José Américo e a gente teve que ir pro colégio das freiras. (...) E a gente só entrava se a farda estivesse perfeita. Perfeita, significava nenhum vinco. Agora, você viajar 12 km, dentro de um ônibus com um buraco no meio deste tamanho, como você ia chegar arrumada na escola (...) E a tarde, a gente tinha que ir pra lá, 12 km de novo pra Educação Física, que não era no mesmo horário de manhã, entende? Então, a gente ia as 6 horas da manhã pra Areia, voltava as 11, almoçava, e 1 hora [13 horas] da tarde tinha que tá lá novamente porque tinha aula de Educação Física. Entendeu? E detalhe, a tarde não tinha ônibus pra nós. Você tinha que ir no ônibus da rua, de passageiros. Então, ficava economicamente falando, bem pesado. Mesmo assim, a gente ia. E naquela época existia muita carona, e a gente adorava carona, meu esporte favorito era pedir carona ((risos)) ou quando a educação física era na quarta-feira que não tinha aula, tinha quarta no mês que não tinha aula porque eles precisavam se reunir e fazer não sei o quê lá. Então, eles marcavam a educação física pra de manhã. Aí, a gente ia a pé 12 km. (SANTOS [Antônia], 2020, p. 4-5).

No enunciado-objeto acima, Antônia narra os enfrentamentos e deslocamentos que viveu para poder estudar. Em sua cidade não era ofertado o ensino médio, mas apenas na cidade vizinha que ficava a 12 quilômetros era ofertada essa etapa do ensino, o que demandava mais tempo fora de casa e colocava os estudantes em situação de vulnerabilidade, pois Antônia e seus colegas saíam às 6 horas da manhã de casa, logo, precisavam acordar antes, demandando mais tempo. Soma-se a isso a precariedade do ônibus, o que gerou insatisfação entre os

estudantes e virou pauta de reivindicações junto ao prefeito de Remigio. No contraturno, os estudantes ficavam desassistidos de transportes. Vemos ainda a forte presença das escolas confessionais que mantinham o rigor (o uniforme era chamado de farda). Esse cenário educacional narrado por Antônia representa um Brasil da década de 70.

Todas essas primeiras histórias nos permitem refletir sobre as condições de vida e formação das narradoras. Pensamos que tais narrativas contribuem ainda para a elaboração de uma macro-história das mulheres-professoras não só da região Norte, mas das regiões Nordeste e Centro-Oeste também, e que não se esgotam aqui.

No caso de Ana, o direito à escola foi atravessado ainda pelo casamento quando jovem. Destino programado para as mulheres, o casamento impôs para Ana romper com a escola e migrar de seu território (município, estado) pensando aqui não apenas como lugar de nascimento, mas de identidade cultural e pertencimento afetivo: “Aí vim com essa mesma quarta série quando ia já pra fazer o curso de admissão que era o quinto ano, naquela época. 5ª série, né? Aí foi onde eu casei e vim embora, né. Não estudei. Não continuei” (SOUZA [Ana] 2019, p. 2).

No Brasil, o casamento antes da maioridade configurava-se uma escolha dos pais e contava com a validação das igrejas. Compreendiam que as mulheres cumpriam o seu destino: casar-se, ter filhos etc. Mesmo com a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990 e a reformulação do Código Civil em 2002, meninas de todas as idades encontram-se vulneráveis ao abuso sexual e outras formas de violência, e a efetividade das políticas de proteção se depara com as profundas desigualdades.

No campo educacional, em 1942 foi implementada a Lei Orgânica do Ensino Secundário que o organizou em dois ciclos: o ginásial - com duração de quatro anos e o colegial - com três anos estabelecendo em seu Título III - *Do ensino secundário feminino*, Art. 25, as seguintes prescrições:

3. Incluir-se-á, na terceira e na quarta série do curso ginásial e em todas as séries dos cursos clássico e científico, a disciplina de economia doméstica. 4. A orientação metodológica dos programas terá em mira a natureza da personalidade feminina e bem assim a missão da mulher dentro do lar. (BRASIL, 1942).

Além das raízes confessionais, a escola cumpria o papel de destinadora-manipuladora que concebia a mulher como reprodutora e “sujeita” do lar, aquela que edifica a casa e serve ao marido. A inclusão das disciplinas “Economia doméstica” e “Educação para o lar” marcam esse lugar e, embora admitissem meninos, eram voltadas para as meninas. Temos aí a escola como um espaço institucionalizado de manipulação que incutia nas meninas um *querer* vislumbrando o cumprimento de um *dever*. Ou seja, era papel da menina casar-se, ter filhos e saber cuidar do

lar. A partir das leis de proteção e dos direitos humanos é que a educação assume o papel de criar condições de os sujeitos compreenderem criticamente a realidade, atuando, assim, em favor de seus direitos e da coletividade. É recente, pois, a escola como espaço de formação democrática e de protagonismos.

Notamos na narrativa de Ana dados que nos remetem à narrativa de Cidinha, mobilizada no início desta subseção. É recorrente entre as narrativas o fato de as mulheres-professoras terem migrado depois de casadas e terem conciliado a sua escolarização básica com a atuação profissional e a vida do lar:

Objeto-enunciado 11:

[O Ensino Médio] foi no Colégio Leônidas Duarte, Magistério. E estudando e trabalhando lá, agora imagina. Logo arrumei uma escolinha e podia estudar e trabalhar ao mesmo tempo, imagina né? No Leônidas trabalhando lá e estudando lá. (...) A finada Djanira¹⁵ ne ajudou muito. Dona Cidinha, que pessoa maravilhosa! Me ajudou demais também e foi tão bom que eu não esqueço de jeito nenhum, apesar da dificuldade né. Mas foi muito bom mesmo. (...) e de lá [Araguatins] quando vim pra cá [Araguaína] continuei. E fui fazer faculdade e tudo. É benção (SOUZA [Ana], 2019, p. 3-4).

Iniciamos esta tese com um enunciado de Ana, na epígrafe, no qual são mobilizadas figuras sêmicas (a escola de chão batido, os bancos eram pedaços de madeira e os alunos ao redor de uma mesa), através das quais é possível construir alguns sentidos para o que Greimas e Courtés (2008) chamam de isotopia. Dentre os possíveis sentidos, entendemos que era adverso o contexto de vida e trabalho de Ana. Além disso, o modo como se organizaram as mulheres-mães no interior de Ceres, Goiás, em prol da educação de seus filhos, demonstra que compreendiam a importância da escola. No excerto em questão, Ana descreve o momento em que decide ensinar seus filhos e sua inquietação diante da ausência de uma escola que pudesse atender àquelas crianças. Tal acontecimento subscreve a luta de Ana e outras mulheres e o momento em que se torna professora quando ainda nem tinha o Ensino Médio.

Retomamos esse dado em função do objeto-enunciado 9, no qual Ana segue narrando o seu percurso formativo iniciado em Portalegre, que fora interrompido em função do casamento e, depois, da migração para Ceres. Em busca de melhores condições de vida, Ana migra novamente, agora para o interior de Araguatins, estado do Tocantins, e depois para a zona urbana de Araguatins, onde retoma os estudos e segue exercendo a docência como professora leiga.

¹⁵ Djanira Rodrigues da Silva nasceu em 11 de agosto de 1948 em Araguatins. Com apenas o Ensino Médio atuou na educação como professora efetiva no período de 1965 a novembro de 1992. Exerceu mais expressivamente a função de docente de Língua Portuguesa e Literatura, disciplinas nas quais se destacava. Exerceu ainda as funções de secretária escolar e diretora de unidade escolar. Djanira desempenhou suas funções em escolas municipais e estaduais: Ginásio Nossa Senhora da Paz, Escola Darci Marinho (Colégio Estadual Osvaldo Franco) e Colégio Estadual Leônidas Gonçalves Duarte.

4.1 A minha mãe desmanchava e fazia uniforme e nós usamos os quatro anos esses uniformes: a mulher-mãe-trabalhadora como destinadora da escolarização de seus filhos

Até aqui, percepções reunidas a partir do que enunciam Cidinha, Marta, Ana e Antônia quanto às suas experiências estudantis colaboram para uma imagem da mulher como sujeitas destinadoras da escolarização de seus filhos ou da educação no lugar onde viviam. Na primeira parte desta análise, Cidinha enuncia a atuação da mãe e seus esforços para que a filha estudasse. Assim como fez a mãe de Cidinha, parece próprio das mães em geral decidirem onde o/a filho/a estudará, irem à escola fazer a matrícula, saberem quem é o/a professor/a, organizarem o material e acompanhar os filhos na escola. Tudo isso parece prevalecer até hoje como uma atribuição própria das mulheres. Nas reuniões de pais/mães e professores/as é comum vermos um público majoritariamente feminino.

Na narrativa de Marta, que ao construir sentidos para o seu período de escolarização básica produz dados que nos levam ao encontro do que narram Cidinha e Ana, é possível vermos essa representatividade feminina:

Objeto-enunciado 12:

Eu comecei em casa com a minha tia Maria das Graças Silva. Ela tem uma história de vida maravilhosa. Não quero fugir da minha pra dela, mas ela nasceu com hidrocefalia que naquele tempo, não tinha diagnóstico. Ela ficou nove anos sem andar. Depois de nove anos ela passou a andar (...) Aí fez o antigo Magistério né, o bem mais antigo, o tradicional mesmo. (...) Ela venceu seus vinte e cinco anos de sala de aula. Então lá na rua, ela alfabetizou não só a mim quanto a todos os meninos da rua. Todos os meninos da rua iam lá pra fazer aula particular () particular né, com ela. E se ela soubesse de algum aluno, de algum menino que chegou na rua que não tava matriculado, que não tinha cartilha de ABC, que não tinha caderno, que não tinha uniforme, ela ia atrás e encaminhava pra escola. Então, tem muitas histórias de ex-alunos, de pessoas da nossa rua que ela encantou com a história que ela () durante vinte e cinco anos. E eu também fui uma dessas que ela comprou a cartilha de ABC, caderno e lápis, ia mostrando as letras, chamando de um por um "que letra é essa?" Cortava o papelzinho ali redondinho colocava uma letra pra a gente dizer. (...) A minha tia não tinha palmatória não. E assim, quando eu fui pra escola, em mil novecentos e setenta e seis (1976), eu já sabia de um a cinquenta, já conhecia as letras, né? () Aí fomos pra escola pública, fizemos/foi no ginásio Gonçalves Dias (...) Eu fui pra escola já alfabetizada né. (...) Maria das Graças [a tia], na minha rua e no meu bairro, todo mundo: "Ah, a professora Graça? Já estudei com ela. (...) Da minha rua tem ainda a União Feminina de Assistência Social. É como se fosse uma ONG hoje, né? (...) É de umas irmãs/uma família de etnia negra que sempre/abriram essa união feminina de assistência social formada só por mulheres negras, né. E elas alfabetizaram, abriram essa escola ... mas o foco era a alfabetização de crianças e adultos. (LEITE [Marta], 2020, p. 1-3).

Marta é iniciada na cultura da leitura e da escrita pela tia a quem atribui uma "história de vida maravilhosa". Trata-se de uma mulher que mesmo acometida por hidrocefalia dedicou-

se a superar os próprios limites e atuar em benefício do desenvolvimento da aprendizagem de seus sobrinhos e de outros sujeitos da rua onde vivia. A história de Marta está tão justaposta à história da tia que por vezes precisamos ler e reler para compreender o percurso dessas duas mulheres-professoras e as paixões aí manifestas. Vemos no objeto-enunciado 12 um pouco sobre o método de ensino da época que focalizava o domínio do sistema alfabético/ortográfico: “eu já sabia de um a cinquenta, já conhecia as letras, né”. Vemos também a presença da escola pública numa cidade que compõe a região Nordeste, Caxias, localizada no estado do Maranhão.

O método de ensino apresentado por Marta inscreve-se na pedagogia tradicional que promovia a alfabetização pelo sistema silábico. Vale ressaltar que esse método não contemplava as experiências dos sujeitos tampouco promovia uma leitura de mundo na qual fosse possível que a “linguagem e a realidade se prende[ssem] dinamicamente” (FREIRE, 2011, p. 19-20). Porém, era o método adotado na época e a tia de Marta parecia atuar com competência na alfabetização das crianças, promovendo-as na leitura e na escrita. Isso permitiu a Marta o bom desempenho na escola.

Desde o “golpe parlamentar” (ADRIÃO; PERONI, 2018, p. 50) de 2018, temos visto o retorno desse tipo de ensino através da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da Política Nacional de Alfabetização (PNA), políticas curriculares aprovadas num contexto antidemocrático que desconsiderou a participação social e os encaminhamentos fruto de amplas discussões e anos de estudo pelos profissionais da educação e movimentos sociais de todo o país.

Seguindo a lógica social prevalecente no Brasil, a mulher foi sempre empurrada para uma posição de coadjuvante, embora sempre atuasse para criar condições de os homens exercerem suas funções. Porém, nós mulheres temos reescrito a nossa história, não admitindo a invisibilidade como destino programado. Na história de Antônia vemos um exemplo disso: sua mãe, embora em condições desfavoráveis de vida e saúde, deseja ser uma mulher competente dentro de suas possibilidades físicas.

Objeto-enunciado 13:

Meus pais eram alfabetizados. Meu pai foi alfabetizado até a quarta série, a minha mãe também, mas ela teve um tempo, um probleminha, e esquecia das coisas. Então ela, ela não me acompanhava (...) As dificuldades financeiras sempre tivemos por que lá em casa era assim, éramos 4 estudando, fazendo universidade e meu pai era feirante, minha mãe costurava pra poder ajudar, e a gente tinha que pagar transporte no início, né (SANTOS [Antônia], 2020, p. 2; 11).

Atuar fora do lar ou em atividades remuneradas tem rompido com o *status* do homem como único mantenedor da casa e merecedor do reconhecimento pela ascensão dos filhos etc. O exemplo da mãe de Antônia mostra isso. Mesmo na impossibilidade, ela desejou ser uma

mulher-mãe-trabalhadora que atuava em favor da educação de seus filhos. Para tanto, rompeu com as próprias limitações, não aceitando a condição de sujeita incapaz e, movida por um *dever-fazer*, costurava. Ao investir na sua competencialização como costureira, tornou-se uma sujeita do fazer e operou em favor da escolarização de seus filhos junto com o pai.

Rita Terezinha Schimidt, em *Na literatura, mulheres que reescrevem a nação* (2019), trata da luta das mulheres para romper com o monólogo masculino. Aproprio-me de suas ideias e transponho-as para os outros campos de atuação feminina pelo fato de estarmos ressignificando a nossa relação inclusive com o lar e os afazeres domésticos. A realidade das mulheres brasileiras é marcada pela luta. Sozinhas por viuvez ou abandono de seus companheiros, sempre foi uma tarefa complexa criar os filhos. Isso impôs às mulheres jornadas duplas (emprego e trabalho doméstico) ou triplas (estudo, trabalho, lar). Daí, a autonomia tem sido uma palavra de ordem e isso tem nos conduzido à ocupação cada vez mais expressiva de espaços e posições ditas de poder. Produzidas pelas desigualdades, a história das mulheres tem sido construída em contexto de lutas pela sobrevivência.

Nessa direção, através do que enuncia Marta, podemos compreender na prática como as mulheres em condições tão adversas se organizam ao longo da vida para prover o seu lar e a educação de seus filhos, num *dever-ser* mãe-trabalhadora ou mãe-estudante-trabalhadora, como vimos no estudo desenvolvido por Naiane Vieira dos Reis (2020) já referenciado aqui.

Objeto-enunciado 14:

Aí minha mãe ia em Teresina, na casa de minha outra tia que tinha onze (11) filhos também. Olha só, tudo com onze. Trazia uns kichute, as meias, sabe? As compras, as coisas. A gente/ nós fizemos o fundamental maior foi assim. Os uniformes que eu usava lá no Gonçalves Dias, no primário, a minha avó falava assim: "_Esse tecido é mescla". Não sei se ainda existe esse tecido. Parece uma viscose só que é pesadão, né. era cheio de preguinhas, né. Naquele tempo da ditadura eram pregas. Tinha o cós e tinha as preguinhas. Era blusa de () e o bolso aqui [representa com as mãos o bolso sobre o peito] porque eu era meio branca, né. ((inaudível)) e aí ela conseguia com as irmãs do hospital. Aí quando os vestidos das irmãs já estavam mesmo () trocar de roupa, né. Elas davam pra minha avó. A minha mãe desmanchava e fazia uniforme e nós usamos os quatro anos esses uniformes (LEITE [Marta], 2020, p. 5)

As relações sociais desiguais têm sido tematizadas pelas narradoras deste estudo como situação recorrente e que representam uma realidade presente nas diversas regiões do país. A pobreza não é uma temática nova tampouco a situação e vulnerabilidade das mães que sozinhas têm assumido a responsabilidade da manutenção do lar e educação de seus filhos. Nesse contexto caótico, vemos sobressaírem-se as mulheres que conseguem construir ou ser incluídas numa rede de solidariedade com vistas ao apoio e à proteção de suas famílias (AZEREDO, 2010).

A mãe de Marta contava com o apoio da irmã que doava as roupas e sapatos usados pelos seus filhos e ainda ajudava na aquisição de mantimentos. A avó colaborava com a filha e reformava as roupas para que servissem nos netos. Faziam parecer novas as peças, construindo uma aceitação, e agregavam valor. Além das mulheres construírem essa rede no âmbito das relações parentais, havia ainda a rede externa representada na narrativa de Marta pelas mulheres religiosas, as “irmãs”. Tudo isso se dava em meio ao contexto da ditadura militar, que controlava os corpos, definia padrões, “era cheio de preguinhas, né. Naquele tempo da ditadura eram pregas”, e tornava a rotina mais dura para todos.

Passemos, agora, a uma última história sobre o modo como as mulheres-mães das narradoras deste estudo protagonizaram a escolarização de seus filhos.

Objeto-enunciado 15:

Assim, quando eu fui pra escola eu já tinha sido basicamente alfabetizada em casa, minha mãe me ensinou o ABC. Lembra daquela cartilha do ABC antiga? Então, eu fui pra escola com seis anos. Até não podia naquele tempo, mas aí minha mãe tinha uma amiga ali no estadual, aí ela me colocou, me matriculou, disse que era para ser ouvinte. Mas aí disse que eu me saí muito bem, já me matriculou e eu fiz a primeira série naquele tempo. Mas quando eu fui, eu já sabia praticamente as letras tudo, o bê-à-bá. E quando eu tava na segunda série, a minha professora veio conversar com minha mãe pra eu fazer as provas da terceira série, se eu passasse, eu iria para a quarta série. Se eu não passasse, eu iria pra terceira série de qualquer jeito, né. Aí, minha mãe não concordou ((risos)), não deixou eu fazer as provas. Ela disse que eu dava conta. Pois é, eu e meus dois irmãos, minha mãe ensinou a gente em casa. Aí, quando foi pra escola já sabia (...) minha mãe sempre fez questão da gente ir pra escola, ter o estudo. Ela disse que ela não tinha, então ela queria dar pra gente. Então, nunca tive dificuldade para ir pra escola, nenhum problema, nadinha. (...) Meu pai apoiava, mas não era muito não. Minha mãe que sempre apoiou. Ela sempre quis que a gente estudasse (...). (BRITO [Nama], 2020, p. 2;5).

O atendimento educacional de crianças na creche e escolas é uma política recente, o que justifica o fato de Marta, aos seis anos de idade, não ter tido direito à escola. A CF/88, em seu Art. 208, estabelece que “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de (...) IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade” (BRASIL, 1988, *online*). Avança no Brasil o atendimento de crianças em creches e pré-escolas a partir de 2003, com investimentos realizados na construção de unidades específicas para essa etapa e na formação de profissionais. Dada a importância da primeira infância, a Lei n. 13055/2014 que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) estabeleceu na meta 1 “Universalizar, até 2016, a educação infantil na pré-escola para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade e ampliar a oferta de educação infantil em creches [grifo nosso] de forma a atender, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das crianças de até 3 (três) anos até o final da vigência deste PNE” (BRASIL, *online*). Em 2019 o Observatório do PNE registrou que 94,1%

das crianças de 4 e 5 anos estavam na escola. Durante a pandemia da COVID-19 esse dado não foi atualizado.

Nos enunciados “minha mãe me ensinou o ABC”, “minha mãe sempre fez questão da gente ir pra escola, ter o estudo. Ela disse que ela não tinha, então ela queria dar pra gente” e “Minha mãe que sempre apoiou. Ela sempre quis que a gente estudasse (...)”, Nama expressa a admiração, o respeito e o reconhecimento diante do papel exercido pela mãe ao longo de sua vida. Tais enunciados representam todas as mulheres-mães das narradoras, pois todas assumiram esse compromisso social e político que era a educação de seus filhos. Essas mulheres-mães performaram tais papéis não só pelo *dever-fazer* (obrigação), mas pelo *querer* (desejo de uma vida diferente para os filhos), e pelo *poder* (criar condições pela sua força de trabalho) que reverberaram num *dever-ser* (romper com a exclusão operando como destinadoras da escolarização de seus filhos).

4.2 “Técnico não tinha mulheres, eu era a primeira”: a diferença entre os gêneros

No objeto-enunciado 7 surge como temática a diferenciação entre os sexos. No enunciado de Cidinha, temos: “até porque nós éramos separados, os homens se sentavam separados das meninas naqueles bancos cumpridos. Cada banco cabia quatro, até cinco alunos” (ALMEIDA E SILVA [Cidinha], 2019, p. 1). Essa prática não dizia apenas respeito ao controle ligado à sexualidade. Segundo concepções da época, separar meninos e meninas tinha a ver com o tipo de formação pretendia para ambos os gêneros. Porém, os meninos eram os predestinados às ciências e as meninas a aprender ler e escrever. Do ponto de vista do nascimento, os meninos eram desejados e as mães oprimidas caso não gerassem um filho do sexo masculino. Tinha valor a mulher que dava à luz ao filho homem (PERROT, 2019, p. 42).

Cidinha narra a diferença entre os sexos como modo de organização dos estudantes em sala. De forma diferente, porém com a mesma raiz patriarcal e sexista, Marta e Antônia também viveram essa experiência. Para Marta a diferença entre os sexos parece ganhar mais sentido quando iniciou o ensino médio na modalidade Magistério, curso destinado à formação de professores e professoras, mas que tinha como características a absorção da figura feminina, conforme apontamentos já feitos na seção 2 desta tese: “Bem interessante quando foi pro Magistério, só mulheres né, pra variar, né” (LEITE [Marta], 2020, p. 8). Semelhante à experiência de Marta, Antônia que se reconhece feminista desde jovem, narrando a intimidação pelo pai quando ingressou no curso Técnico Agrícola:

Objeto-enunciado 16:

Até me matriculei, mas quando meu pai soube, ele me ameaçou de uma surra. Ele nunca tinha me batido ((risos)). Porque o Técnico não tinha mulheres, eu era a primeira, entende? Da turma. Depois, chegou outra, mas eu era a primeira da turma. Aí quando papai soube, foi lá e me tirou mesmo, entende? Não me bateu, mas ameaçou. E então, eu fui pra Areia estudar na escola José Américo de Almeida, é um prédio divino, sabe? Lindo! (SANTOS [Antônia], 2020, p. 4).

Diante do acontecimento narrado no objeto-enunciado acima, a princípio, Antônia parece ser a destinadora de seu próprio destino, pois matricula-se no curso desejado e, levada pelo *querer*, inicia os estudos. Depois, o pai de Antônia age como antissujeito atrapalhando a sua programação, sancionando-a com uma ameaça de uma surra, levando-a um *dever fazer* pela obediência. Ou seja, é possível depreender uma relação de contrariedade: liberdade e opressão. Antônia queria ser técnica agrícola, mas o pai não permitiu. Na sequência, mesmo frustrada com a imposição do pai, Antônia é seduzida pela beleza da escola e passa a *querer* estudar ali, entrando em conjunção com a decisão do pai.

Conforme os dados apresentados nos quadros 2 e 3 da seção 2, Cidinha nasceu em 1947, na região Centro-Oeste; Antônia nasceu em 1963 e Marta nasceu em 1966, ambas na região Nordeste do país. Ou seja, transcorridos cerca de 16 anos e pertencentes a regiões distintas, separar meninos e meninas em sala de aula ainda se configurava uma política escolar. Temos nesses acontecimentos evidências da diferença entre os sexos e a segregação histórica que prevalece em algumas escolas particulares no Brasil e na vida social, de outros modos: diferença/defasagem salarial, condições de acesso e permanência em empregos etc. Pauta da militância feminista, essas questões têm ganhado maior visibilidade e força, mas persiste a desigualdade entre homens e mulheres.

Aproprio-me do que diz Silvia Federici (2019) ao tratar do feminismo e a política dos comuns, para afirmar que, apesar do sexismo e toda a política patriarcal tentarem nos manter à margem da sociedade em todas as suas instâncias, nós mulheres estamos “construindo uma nova realidade, moldando uma identidade coletiva, formando um contrapoder em [nossas] casas”, no trabalho, na academia etc. (FEDERICI, 2019, p. 386).

Os papéis previstos para as mulheres na sociedade parecem sempre ter implicado uma relação de subordinação. Embora tenhamos registros da atuação feminina no campo educacional e na medicina no século XIV (FEDERICI, 2019, p. 63-64), veremos que ainda nos anos de 1970 e 80 havia uma programação para a formação superior que refletia na escolha restrita do curso.

Objeto-enunciado 17:

Então, por exemplo, talvez por causa disso, eu não sou uma moça muito comportada ((risos)). Tipo, sentar. Sentar, sabe? Eu cruzo as pernas mas é muito difícil pra mim fazê-lo, entendeu? Eu não sei explicar, eu sempre coloco a perna pra cima, coloco um

pé pra lá, entendeu? A cadeira era daquela madeira, sempre foi em todos os lugares, então, era muito isso, assim, entendeu? Você colocava o pé no chão mesmo a cadeira sendo mais alta e as costas no espaldar da cadeira, entendeu? Então, era uma rigidez no corpo o tempo inteiro, sabe? Seus braços não podia. Tinha uma mesinha aqui, duas crianças em cada mesa daquela, mas os braços você não podia ficar à vontade. Os braços teriam que ficar assim, certo? O caderno, tudo tinha que ser muito dentro das regras, e eu sempre fui meio avessa a regra, sei que a culpa é dos meus pais e dos meus avós. (...) Com certeza [pensava em ir para a universidade]. Aí o ensino médio já foi outra coisa. Outro mundo totalmente diferente, como eu te falei, o primeiro ano foi em Remígio, o segundo eu fui andando pra Areia. Mas já era os anos 80, entende? Os anos 70 já tinha passado, então, houve uma abertura, teve aquela efervescência da abertura da democratização, redemocratização. (...) E nesse sentindo, eu cheguei em 76 de volta, já era efervescente a ideia da universidade, certo? Mesmo pras mulheres. Na Paraíba já era assim, pra mulheres era mais fechado, mas já tinha sim, minha tia já era universitária. Só que pras mulheres era Pedagogia, Serviço Social. Agora, vai dizer que tu queria fazer direito...hum...hum...Eu não fui porque eu pensava em fazer Direito, mas aí eu tinha que pagar porque não tinha na federal. E aí meus pais não podiam, de jeito nenhum. E não tinha crédito educativo, depois foi que chegou. Então, quando eu pensei em fazer Direito, meu pai rosnou e alto ((risos)), da mesma maneira que ele não me deixou o técnico. E aí, mas por quê? “_Direito é coisa pra homem, que que uma mulher vai fazer no Direito? Uma mulher não tem a menor condição.” E assim foi, né. Mas não foi por isso que eu deixei, não. Eu deixei de fazer direito porque eu não tinha dinheiro pra pagar, eu teria que fazer um curso na federal. E na federal, em Campina Grande, só tinha História, Sociologia, Administração e Economia dentro da área de Humanas, o resto era só as engenharias, aí, Medicina e Educação Física, mas essas eu não tinha a menor vontade, né. Não é que eu não teria chance, no meu vestibular eu tive pontuação para passar em Medicina, ficou todo mundo: “Por que você não fez?”. Eu: “Porque eu não quero ser médica”. Aí eu fiz História. (SANTOS [Antônia], 2020, p. 8-9).

A narrativa de Antônia revela a jovem transgressora que foi sendo constituída pelos incômodos diante da autoridade exercida pelo pai, pela escola e pela sociedade. Primeiro, o pai não permitiu que Antônia estudasse o curso técnico escolhido porque era uma formação programada para homens, logo, não admitia mulheres. Depois, prevalece a lógica social que institui cargos, formação e outros espaços restritivos à mulher. Nos enunciados “eu não sou uma moça muito comportada” e “sempre fui meio avessa à regra”, Antônia parece compreender as implicações da sociedade patriarcal e capitalista que determina os comportamentos e define os espaços de atuação da mulher.

O discurso de Antônia nos fez lembrar a reportagem veiculada pela Revista Veja, em 2016, intitulada “Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”” e que no *lead* é possível compreender a filiação patriarcal da reportagem que explicitamente reflete uma concepção conservadora da mulher: “A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice”. Esse episódio que consideramos recente, embora não seja objetivo a sua análise aqui, serve-nos para exemplificar os retrocessos quanto à luta pelos direitos iguais, revelando a vulnerabilidade dos direitos adquiridos, sobretudo em governos sexistas e que produzem discursos misóginos.

Ao contrário da ideia discursivizada no título da reportagem em questão que edifica uma imagem idealizada da mulher, Antônia sempre buscou a liberdade de escolha, definir o caminho que desejava seguir, ser protagonista de sua própria vida. Embora tenha se ajustado à escolha do pai, sempre lutou pelo direito de estudar o curso que desejava. O programa construído por Antônia sofreu sanções pelo pai e, na ausência de liberdade, a narradora parece ter renegociado as suas escolhas e resignificado o gosto. Vale lembrar que Antônia narra suas experiências transcorridas no final dos “Anos de Chumbo”, um período marcado por revoluções e conflitos, e cruelmente impactado pelas guerras e golpes militares.

A sequência enunciativa apresentada no objeto-enunciado 17 mostra também a importante conquista de a mulher ingressar na universidade, apesar de ainda serem escolhas previsíveis: a Pedagogia, o Serviço Social. Não obstante, prevalecia o Direito como formação para homens, resultante de uma espécie de coerção velada. Isso pode ser visto no discurso do pai de Antônia: “Direito é coisa pra homem, que que uma mulher vai fazer no Direito? Uma mulher não tem a menor condição.” (SANTOS [Antônia], 2020, p. 9). A diferenciação entre os sexos não considera a competência das sujeitas mulheres, pois não importa se a mulher é dotada de um *saber-fazer*, se é capaz de desenvolver as performances exigidas pelas profissões.

Nessa direção, embora Antônia enuncie a aceitação pela escola sancionada pelo pai e depois assinta o curso programado, o Magistério, no enunciado “Então, quando eu pensei em fazer Direito, meu pai rosnou e alto ((risos)), da mesma maneira que ele não me deixou o técnico” parece que temos aí o que Greimas e Courtés (2008, p. 52-53) conceituam de *camuflagem*, uma operação “lógica de negação” que está situada no “eixo dos contraditórios *parecer/não parecer*”. Ou seja, compreendemos que a sanção do pai constitui um trauma para Antônia, embora a narradora não manifeste a dor ou fale com rancor e expresse a conjunção com a formação em Magistério e, depois, em História.

4.3 A pedagogia do castigo e a imagem positiva do/a professor/a e da escola: "Eu fui alfabetizada era no abc onde tinha um professor que, quando a gente errava, ele vinha com a palmatória na mão"

No título desta seção antecipamos um recorte do que narra Ester (2020) sobre o período de sua escolarização básica, logo na alfabetização. Ao ser perguntada sobre quando e como iniciou o seu processo de escolarização formal, Ester rememora o uso da Cartilha ABC como suporte didático e o castigo como metodologia pedagógica para disciplinar os corpos, um método que estamos chamando de pedagogia do castigo:

Objeto-enunciado 18:

(...) quando eu fui alfabetizada era no abc. Era sistema silábico. Era o sistema silábico. Era soletrando. Era soletração, né? Onde tinha um professor que, quando a gente errava, ele vinha com a palmatória na mão (...) aham, ainda/ não peguei não porque eu era inteligente. Era considerada a mais inteligente da sala, então, eu nunca peguei, mas meus irmãos pegaram muito... (LIMA [Ester], 2020, p. 2).

O método de alfabetização pelo sistema silábico teve origem na Antiguidade (MENDONÇA, *online*). No Brasil, esse método é popularmente conhecido como ABC. Conforme apresentado no objeto-enunciado 12, vimos que Marta, assim como Ester, Nama e Cidinha, foi alfabetizada pelo ABC. As referidas narradoras ingressaram na escola em períodos diferentes, porém próximos: Ester ingressa em 1960 ou 1961 e Marta em 1973, possivelmente. Segundo estudos sobre a história da educação, só em 1980 é que avançamos a partir da teoria da *Psicogênese da Língua Escrita* desenvolvida por Piaget. Ana Teberosky e Emília Ferrero, psicolinguistas argentinas, ganham destaque no desenvolvimento desses estudos compreendendo o processo de aquisição da escrita nos níveis pré-silábico, intermediário, hipótese silábica, hipótese silábico-alfabética e hipótese alfabética.

As contribuições da teoria piagetiana consistem essencialmente na compreensão de que “o método utilizado e o estado de ‘maturidade ou de “prontidão’ da criança”, logo “quem aprende e quem ensina” e a relação desses sujeitos e a natureza do objeto de conhecimento são indispensáveis para o desenvolvimento das aprendizagens da escrita (FERRERO, 2011). Porém, não é nosso objetivo estender uma discussão acerca da referida teoria em seus níveis, mas apenas referenciá-los com vistas a situarmos-nos melhor no tempo e no espaço em que Ester e Marta narram suas histórias.

Ester traz outro dado que veremos também recorrentemente na narrativa de Antônia, Cidinha e Marta: o castigo. No objeto-enunciado 18, Ester parece oscilar quando perguntada se no período de sua escolarização básica havia sido submetida à palmatória. Ao responder "ainda/não", Ester afirma e, em seguida, nega justificando que era *inteligente*, logo não fora submetida ao castigo por ser dotada do saber pretendido pelo professor. Entretanto, atribuiu o castigo aos irmãos e se elege testemunha do ciclo de violência institucionalizado que perdurou mesmo depois de extinto em 1867. Ester parece ressignificar a experiência construindo uma narrativa para os irmãos, fazendo crer que o castigo não foi uma experiência vivenciada por ela. Talvez pelo fato de ser afetante recordar a dor ou mesmo por não dar conta de dimensionar o acontecimento dada a complexidade do vivido, Ester não quer lembrar.

Parece que o castigo era pouco problematizado, nesse contexto, pois os pais concordavam ou não questionavam tal prática na/pela escola. A exemplo disso, temos o que narra Cidinha:

Objeto-enunciado 19:

Na minha época de estudante era a respeito do aprender, duma maneira bem violenta porque os professores acreditavam que com o castigo o aluno temeria e aprendia. É o nosso professor nos colocava em roda, ele ficava também, e perguntava as tarefas do dia(...) se nós errássemos, aí as varadas seriam dadas por ele nas nossas pernas e no bumbum. Eu achava horrível porque não é desta maneira, né? Não me agradava desde pequenina (...) enquanto professora, eu pratiquei de forma completamente oposta. Eu dava como exemplo a escuta (...) expostos ao sol Érica, não me agradava. Eu me sentia muito humilhada, apesar de que os pais achavam certo, que o professor também poderia castigar assim (...) acredito que no amor, no diálogo, na escuta. É a melhor maneira de ensinar, entre aspas, né? (ALMEIDA E SILVA (Cidinha), 2019, p. 2)

Talvez dada a dimensão afetante de rememorar o castigo, no primeiro momento da entrevista Cidinha mencionou o castigo, mas de modo superficial. Passados alguns dias, Cidinha sentiu a necessidade de retomar essa temática e parecia incomodada e nos fez crer que necessitava falar. Depois de ouvi-la ficou a impressão de uma fala há tempos silenciada que agora encontrava lugar e um propósito.

Ao acessar suas memórias, Cidinha lembrou-se dos nomes e sobrenomes dos professores e professoras (Objeto-enunciado 7, subseção 4.1), e caracterizou-os segundo suas experiências: *Nercídio Marciano*, “tipo bem tradicional que levava as varinhas de marmelo para cuidar de quase cem alunos”. Chama a atenção a escolha lexical que Cidinha faz do verbo *cuidar* que parece ressignificar o autoritarismo do professor, justificado pelo fato de ser uma turma multisseriada e superlotada. *Maria Pereira*: “Ela de uma sabedoria muito maternal. Ela nos ensinou muito, tanto os estudos formais quanto espiritual”. Aqui temos a professora como figura maternal e orientadora religiosa, reforçando a absorção das mulheres para a atuação nos anos iniciais de escolarização das crianças, já abordada na introdução desta tese, como extensão do lar. *Geralda Farias*: “uma brava professora. Excelente em português e matemática”. Cidinha lembra que a professora adotava o castigo como método: “Colocava no sol e colocava de joelhos”, mas ameniza ao modalizar “Mas menininho aprendeu”, e faz parecer justificável o modo como eram tratados, considerando as condições de trabalho. Cidinha lembra ainda que fora a professora *Geralda* que a promoveu “como uma aluna que mereceu” ao criar possibilidades de matrícula numa escola com turmas regulares junto com os esforços da professora *Tereza Brandão*. Por fim, lembra-se da Irmã *Tomazina*, à época, diretora geral do Educandário 19 de Março, que a aceitou para o curso de admissão. Cidinha, dotada de um querer (cursar o Magistério) para aprender a ser professora e o fazer docente, enuncia: “era o meu sonho e a minha realização” (ALMEIDA E SILVA (Cidinha), 2019, p. 2).

Em conjunção com a escola e dotada de sentimentos (afeto e gratidão), Cidinha constrói uma imagem positiva de seus professores, mesmo quando pareciam não questionar o método e refletir sobre a sua prática docente. A narradora parece, então, ressignificar a relação dura com o ambiente escolar e narrar uma escola como espaço significante, talvez por reconhecer a precariedade da infraestrutura (prédio, ausência de formação dos profissionais, acesso e permanência) e o modo como isso operava condicionando a prática do professor ou pela importância mesma que atribui à escola.

Na literatura, o castigo também é narrado na obra de Santo Agostinho, em *Confissões* (2015), no Livro I, na seção 8, *Como aprendi a falar*. Santo Agostinho narra a sua trajetória na escola e lembra as dolorosas experiências do castigo como estratégia de disciplinar os corpos e impor respeito: “Fui mandado à escola para aprender as primeiras letras cuja utilidade eu, infeliz, ignorava [...] Todavia batiam-me se no estudo me deixava levar pela preguiça” (AGOSTINHO, 2015, p. 37). Em *O Ateneu*, Raul Pompeia (2013) também recorda a vida e narra a sua experiência no Colégio Abílio através do personagem Sérgio. Raul Pompeia narra uma escola de 1873 a 1877, quando tinha 11 anos, e menciona a palmatória como instrumento de disciplina por Aristarco (POMPEIA, 2013, p. 44).

Na história da educação¹⁶ há muitos registros que tratam do castigo como pedagogia que formava para a docilidade. Rigor, disciplina e obediência funcionavam como tripé da educação. Nesse sentido, Michel Foucault, em *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, trata do cárcere, dos *corpos condenados* (2014). No capítulo I, *Os corpos dóceis*, compreende que “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado (FOUCAULT, 2014, p. 134). Ou seja, Foucault trata dos sujeitos manipuláveis que respondiam mediante comandos. Transposto para o contexto escolar, consiste na disciplina rigorosa dos corpos enfileirados, no falar quando autorizados, no obedecer sem questionar, entre outras práticas que persistem. Foucault, Santo Agostinho e Raul Pompeia servem-nos aqui para ilustrar o castigo como uma prática antiga e que prevaleceu por um longo tempo como método de fazer obedecer os corpos dos estudantes nas escolas confessionais, particulares e públicas, como bem narra Cidinha, noutro tempo e contexto. Esse modelo pretendia modelar os corpos para que obedecessem e contava com a validação dos pais porque compreendiam que aprender pela dor parecia profícuo. Nas palavras de Cidinha: “Eu me sentia muito humilhada,

¹⁶ Em “História da educação e método de aprendizagem em ensino de história”, obra organizada por Vasni de Almeida é possível compreender esse percurso da educação, em especial no Norte do país, e suas raízes profundas.

apesar de que os pais achavam certo, que o professor também poderia castigar assim” (ALMEIDA E SILVA (Cidinha), 2019, p. 2)

Nessa direção, Cidinha discursiviza também a autoridade da escola na figura do diretor, o rigor e a disciplina em regras punitivas e excludentes que pareciam se sobrepor ao sujeito, anulando assim o seu contexto, o ser histórico, biográfico e epistêmico que é cada um: “os professores acreditavam que com o castigo o aluno temeria e aprendia” (ALMEIDA E SILVA [Cidinha], 2019, p. 2).

Ciente do desserviço e o quão danoso foi o castigo como método pedagógico na escola, ao formar-se professora, Cidinha desejou ser uma professora diferente: “enquanto professora, eu pratiquei de forma completamente oposta. Eu dava como exemplo a escuta (...) acredito que no amor, no diálogo, na escuta é a melhor maneira de ensinar, entre aspas, né?” (ALMEIDA E SILVA (Cidinha), 2019, p. 2). Querer aprender para ser professora parece ter sido um ponto determinante na história da narradora. Parece ainda ter sido uma forma de resistência ao modelo ao qual foi submetida a aprender. Então, vemos que Cidinha adquiriu um saber para fazer diferente, rompendo assim com a pedagogia do castigo.

A análise das histórias de vida é uma prática complexa porque exige um olhar sensível para o modo como narram o que narram. Por isso, é imprescindível para nós considerarmos sempre a junção das sujeitas-narradoras com o objeto/acontecimento narrados tanto em seu eixo semântico quanto sintático. Tal apreensão nos ajuda a melhor compreender a enunciação-enunciada pelas mulheres-professoras-aposentadas e narradoras mobilizadas aqui e os sentidos que vão sendo produzidos. Marta, por exemplo, narra de modo descontraído a sua experiência com o castigo na escola:

Objeto-enunciado 20:

Tinha castigo, tinha palmatória. Tinha uma professora lá que todo mundo rezava na terceira série pra na quarta série não ir pra sala da dona Jesus, que além de ela ser muito rígida na palmatória, doía mesmo, caía era com vontade. Aí todo ano a gente passava e via os meninos todos chorando, já assim roendo a unha ((inaudível)), aquela coisa. Quando ela chegava na sala todo mundo aquietava. Ainda bem que eu não fui pra sala da dona Jesus. Deus me livrou dessa ((risos)). Deixa eu ver. Setenta e seis, sete, oito. Foi em setenta e nove (1979) que eu comecei em setenta e seis, né. Foi em setenta e nove. Eu comecei em setenta e seis a primeira série. Aí terminei, seis, sete e oito. Foi. (LEITE [Marta], 2020, p. 6).

Apesar do tom descontraído, Marta enuncia a tensão diante da crueldade da professora que “caía era com vontade” na hora da palmatória. Os índices *reza*, *choro*, *roer as unhas* significam o castigo como algo próximo à tortura, pois parece haver certa crueldade no ato, e a escola como espaço de violências tanto psicológicas quanto físicas. Nessa direção, a maneira como Marta narra a sua experiência indica o modo de presença da narradora, o seu ponto de

vista (BERTRAND, 2003, p. 113). Para Marta os anos iniciais de sua formação foram tensos, marcados especialmente pela incerteza de ser ou não ser aluna da professora Jesus. O fato de Marta e os demais estudantes terem medo de serem alunos da professora Jesus nos faz crer que o castigo não era uma política dos professores/as, mas autorizado pela escola e pelos pais, como vimos na narrativa de Cidinha, apresentada anteriormente, e ainda veremos na narrativa de Antônia.

Em 2019 a jornalista Alessandra Corrêa de Winston-Salem (EUA) publicou na BBC News Brasil uma reportagem intitulada *Por que o uso da palmatória ainda é legal em escolas públicas de 19 Estados americanos* que revela, dentre outras coisas:

Muitas vezes os estudantes podem escolher entre a palmatória ou outro tipo de punição, como suspensão ou notas mais baixas. Dependendo do distrito escolar, os pais podem se recusar a permitir que seus filhos recebam castigos físicos (...) Em outros, os castigos são norma, e os pais que se opuserem precisam tomar a iniciativa de enviar uma carta à escola. Há ainda distritos em que, caso o estudante cometa uma infração, os pais são consultados antes que o castigo seja administrado. (...) É difícil encontrar números precisos, já que muitos incidentes não são relatados, mas segundo o Departamento de Educação dos Estados Unidos, quase 110 mil alunos de escolas públicas receberam castigos físicos no ano letivo de 2013-2014. O número é bem menor do que os mais de 342 mil registrados em 2000-2001, e vem caindo gradualmente. (CORRÊA, 2019, *online*).

Chegamos a essa reportagem buscando ilustrações ou outros referencias que pudessem subsidiar as nossas reflexões. Não supúnhamos que o castigo ainda prevalecesse como prática em escolas de qualquer lugar desse mundo. Temos vistos casos de violência institucionalizada, como o caso dos maus tratos de bebês numa creche em São Paulo, ocorrido neste ano de 2022. Mas, depois de tantos estudos que tratam do comportamento humano e que teorizam estratégias que podem favorecer o desenvolvimento dos sujeitos e os modos como podem aprender, é inadmissível que tanto os profissionais quanto os pais de crianças e jovens admitam a palmatória como meio de disciplinar os corpos e de levar o sujeito a aprender. Segundo apresenta a jornalista, em algumas escolas que adotam a palmatória, os pais podem recusar o método. Noutras, os pais devem manifestar por escrito a permissão para o castigo. De toda forma, “110 mil alunos de escolas públicas receberam castigos físicos no ano letivo de 2013-2014” nos Estados Unidos (CORRÊA, 2019).

Alessandra Corrêa mobiliza algumas imagens que ilustram o uso do castigo na escola, dentre elas, recortamos a seguinte:

Figura 2: Pedagogia do castigo

GETTY IMAGES

| O tipo mais comum de castigo é a aplicação de golpes de palmatória nas nádegas

Fonte: BBC News Brasil, 2019.

A violência é sempre arbitrária, opressora. Mas a violência cometida por adultos contra crianças e jovens parece ainda mais tirana. Na imagem, um homem adulto que figura um professor, com uma espécie de vara de madeira ou outro material rígido em uma de suas mãos, manipula tal objeto violentamente contra uma criança, que figurativiza um estudante. Duas outras crianças testemunham o acontecimento, cremos, para disseminarem a prática aos demais estudantes, temerem a experiência e assim serem corpos dóceis em sala. Experiências assim foram narradas por Ester, Cidinha e Marta, e agora por Antônia:

Objeto-enunciado 21:

E era boa aluna, sempre fui boa aluna. Nunca fui aluna relapsa, mas eu queria mais, então, eu levei muito castigo por isso, porque eu queria saber mais do que a professora dizia, porque tudo tinha mais lá fora, entendeu? Então, eu queria saber mais, e aí era só dentro daquilo, daquela regrinha básica (...) Então, eu levei muito castigo por conta disso, porque eu sempre fazia perguntas quando não perguntar. Na verdade, você não podia perguntar nunca, né. E eu era castigada. Eu era colocada no cantinho da parede. Naquele cantinho né, com um chapeuzinho na minha cabeça escrito burra. No início sim, na primeira fase muito, muito [autoritários] (...) Olha, os professores, apesar de ter os castigos, eles eram rígidos mas eles eram meigos também, entende? Era uma relação onde o respeito era acima de tudo, o respeito com o professor (...) As cadeiras eram uma atrás da outra, sem nem uma mais, de um lado ou de outro. (...) Como eu te falei a gente não podia fazer perguntas, se ele perguntasse a você, você responderia. E aí, quando você não sabia responder! Primeiro você tinha que decorar a tabuada de ponta a ponta. Era uma das coisas que eu odiava e eu sempre levava castigo. E os castigos eram, além de ficar depois da aula, se terminasse 11h, você ficava, por exemplo, 30 min a mais estudando a tabuada, sozinha na sala de aula, trancada a chave, viu? Ou você quando errava ia pro carço de milho, 15 e 20 min. E como eu reclamo, que não era como eu tivesse errado a tabuada inteira, entendeu? Era uma ou duas, mas eu ia pro castigo. Então, a rigidez era muito grande. E Palmatória não

peguei, embora na roça tivesse, mas a professora nunca deu na gente. No ensino fundamental também não. Mas o castigo de colocar na parede de costas com o cone na cabeça com as orelhinhas de burro, esse tinha, que era uma humilhação. O do milho, de botar o joelho no milho. Se você reclamava, você desrespeitou. Então, eu sempre reclamava, sempre fui muito de/a coisa tava injusta e eu não aguentava, minha língua coçou muito, nesse sentido, aí eu ia pro castigo. Então, tinha o milho, o cone e ficar de castigo turmas inteiras no corredor, por exemplo, se acabou o recreio e um da turma chegava atrasado, a formação já tava feita, era motivo pra turma inteira ficar de castigo, inclusive, no segundo grau. (...) Ah, deixa eu te dizer, a aula de Sociologia nossa de OSPB, era gravada nos anos 80, no primeiro ano, no segundo e no terceiro. Gravada. A professora botava um gravador pra gente ouvir a aula dela e não fazer bagunça porque a gente não podia fazer perguntas que não tivesse dentro do conteúdo, mesmo sendo de OSPB. Então, o mundo lá fora estava pegando fogo, revolucionando, mas a gente não podia perguntar nas aulas de Sociologia. Então, por dois anos a gente teve essa aula gravada, era só ela que gravava, entendeu? E a escola era rígida. Quanto essa parte dos castigos, lá, né/quando tinha castigo pra um, era a turma inteira, no corredor, todo mundo em pé. Uma aula, duas aulas, dependia do que tinha aprontado. Ficar fora de hora de castigo também era válido. Assim, se a aula acabou às 11h, se a turma tivesse feito bagunça na aula de um professor, tinha 8 aulas, mas de um, a gente ficava de castigo também. O interessante é que ia todo mundo embora, todo mundo, e a turma tinha que ficar lá de castigo. Aí, quando a servente, a pessoa que limpava, chegava e abria o portão, aí ela podia dispensar a gente pra ir pra casa. O pai da gente nem adiantava. Mas depois, mandava chamar os pais ou a gente era suspenso por 15 dias e se perdesse prova, era zerado. Então, os castigos nessa época, eram esses. (...) (SANTOS [Antônia], 2020, p. 3-6; 9-10).

Ao tematizar o castigo como experiência dos anos iniciais de sua formação na educação básica, Antônia significa a escola como espaço tradicional e opressor. Constrói uma imagem positiva de si dizendo que “era boa aluna”. Porém, para a escola da época, ser boa aluna exigia, além de ser “boa”, ser obediente e não contestar ou arguir o professor. O estudante não podia interferir na programação do professor e fazer parecer que também sabia. Isso nos leva a crer que era um modo de nutrir a ideia de o professor como autoridade, único detentor do saber. Nas palavras de Antônia, “Na verdade, você não podia perguntar nunca, né”, mesmo compreendendo que “tudo tinha mais lá fora, entendeu? Então, eu queria saber mais, e aí era só dentro daquilo, daquela regrinha básica”. A formação crítica e a compreensão da realidade não eram focalizadas no currículo tampouco uma prática do professor. Como vimos, a escola narrada pelas mulheres-professoras-aposentadas era tradicional e o estudante um coadjuvante.

Antônia parecia compreender desde cedo as implicações da escola tradicional. Apesar disso, ameniza ao enunciar que “Olha, os professores, apesar de ter os castigos, eles eram rígidos, mas eles eram meigos também, entende? Era uma relação onde o respeito era acima de tudo, o respeito com o professor” (SANTOS [Antônia], 2020, p. 6). Podemos compreender os sentidos produzidos por Antônia como uma leitura ética do sujeito professor/a e desse período de sua vida, fazendo prevalecer uma espécie de divinização da escola, a escola como lugar privilegiado, instituição que a formou e criou condições para a sua ascensão social.

Mas é importante observar o percurso que Antônia faz ao longo do objeto-enunciado, em seu nível narrativo, e o modo como passa de um estado a outro: ora está em conjunção com a escola, ora em disjunção. Antônia era boa aluna, mas questionava e arguia o/a professor/a, era provocada pela curiosidade, logo intimidada com castigos. Antônia ao enunciar as práticas de castigo explica para nós o contexto no qual estudou, representando tal realidade a partir de escolhas discursivas que faz ao inscrever-se no discurso, e eleger figuras como o chapéu e orelhas de burro, as cadeiras enfileiradas, ficar sozinha estudando trancada na sala, ficar com rosto na parede e de joelhos no milho. Isso nos permite depreender as transformações e os sentidos que Antônia vai construindo para o vivido.

Tais práticas expunham as estudantes ao ridículo, “era uma humilhação”, como enuncia Antônia. Em *História da Educação e métodos de aprendizagem em ensino de História* organizado por Vasni de Almeida (2018), o castigo configurava-se uma didática baseada em “castigos severos, advertências constantes, repreensões públicas” (ALMEIDA, 2018, p. 28), seguindo um modelo de educação medieval que prevaleceu por séculos, inclusive aqui no Norte (DOURADO, 2018), mesmo depois de reformas educacionais com vistas a uma educação consciente de seu papel social.

Vale lembrar que, assim como as demais narradoras já mencionadas, a história de vida de Antônia transcorre no período da ditadura, o que determinou de muitas formas a prática docente. Antônia descreve a aula de Organização Social e Política Brasileira (OSP), destacando que a aula era gravada pela professora que não admitia perguntas. Caso o/a estudante insistisse em perguntar e contextualizar os fatos, eram manipulados por intimidação na forma de castigos físicos e psicológicos. Segundo Antônia, o castigo foi uma prática vivenciada em toda a educação básica: “por exemplo, se acabou o recreio e um da turma chegava atrasado, a formação [fila] já tava feita, era motivo pra turma inteira ficar de castigo, inclusive, no segundo grau” (SANTOS [Antônia], 2020, p. 7).

Estas histórias de vida dão maior tonicidade à democratização da educação e reafirmam a importância de uma escola que focalize a formação de sujeitos críticos, que considere as demandas individuais e as subjetividades de seus sujeitos. Uma educação de fato principiada na igualdade, na diversidade e na equidade com vistas à superação das profundas desigualdades e a ruptura com todas as formas de preconceito. Essa educação prevista pela Constituição Federal de 1988, definida pela LDB de 1996 e reafirmada pela Lei 13.005/2014 precisa ser retomada e ressignificada, dadas as fraturas que sofreu nos últimos seis anos.

4.4 A docência como destino programado e o discurso do dom: “a minha escolha ela foi nata”

Os objetos-enunciados apresentados nesta subseção estão relacionados à categoria *I Formação Escolar Básica* e foram produzidos pelas narradoras motivadas pelas perguntas sobre onde e quando estudaram. A última pergunta desta categoria versou sobre o que representava o período de escolarização básica para as narradoras. Todas elas, de algum modo, rememoraram esse período e a sua relação complexa com a escola, fosse pela dificuldade financeira, fosse pelo modo severo e abusivo com que a escola se utilizava da autoridade da qual era constituída ou outras questões já discutidas.

Ainda sobre a formação básica que para algumas das narradoras concomita com o ingresso na docência, focalizamos as regularidades presentes nas narrativas e reconhecemos nas histórias de vida de Cidinha, Ester e Valdeci o discurso da docência como dom. No quadro a seguir, apresentamos de modo mais sucinto alguns recortes das histórias de vida dessas mulheres-professoras-aposentadas que tratam desse tema, mas sem comprometer a textualidade dos enunciados.

Quadro 5: Dom e Docência

Narradora	Objetos-enunciados
(ALMEIDA E SILVA [Cidinha], 2019, p. 3)	<p>Objeto-enunciado 22: Querida, a minha escolha ela foi nata porque desde pequenina eu fazia meus altares, rezava, pregava para os meus irmãozinhos, brincávamos de escolinha. E o irmão da minha mãe (...) falava assim: "Você vai ser uma professora porque toda professora casa e eu quero que a minha sobrinha seja professora e se case". Acredita, Érica? Mas isso aí foi só uma brincadeira. Eu acredito que eu nasci mesmo para ser professora. Eu não tive nenhuma dúvida de escolha. Eu escolhi mesmo ser professora. Tanto é Érica que até hoje, só eu pensar que daqui no máximo um ano e poucos meses eu me aposentarei definitivamente, isso já me dá um calafrio porque eu amo a profissão.</p>
RIBEIRO DE SOUZA [Valdeci], 2020, p. 1)	<p>Objeto-enunciado 23: Procurei ingressar em outros serviços, mas não foi possível. Aí terminei indo pra sala de aula, mas acredito que o meu lugar realmente era a sala de aula, pois meu sonho era fazer Psicologia. Quando eu vim de Goiânia, cheguei aqui no dia trinta e um de outubro de setenta e oito com intenção de voltar pra fazer vestibular em janeiro, de Psicologia que era o meu sonho trabalhar em orfanato ou então uma escolinha, em coisa pra crianças, né? Ou então de velhinhos, mas aí vim pra cá, minha mãe doente. comecei a assumir a responsabilidade da casa. Minha mãe, meu pai, sou filha de Araguatins, não aqui da cidade, mas do município que antigamente era chamado () Santo Hilário. Sabe? Nasci por aquelas bandas de lá e aí minha mãe doente, eu chorava dia e noite querendo voltar pra fazer meu vestibular de Psicologia que era meu sonho, mas não foi possível voltar, não tinha como deixar minha mãe, né? Aí fiquei, comecei trabalhar ainda na época do colégio que era Darcy Marinho, lá no Osvaldo Franco, no curso intermediário.</p>
	<p>Objeto-enunciado 24:</p>

(LIMA [Ester], 2020, p. 1)

Desde a minha infância que eu queria ser professora. Eu já dava aula para os colegas, para os meus irmãos. Eu tinha o prazer de dar aula e de andar com os cadernos pra cima e pra baixo. Aí casei (...) Ah, então! Eu primeiro estudei em escola municipal onde tinha um colégio pintado de verde lembra? Que nem hoje. Professores, a maioria evangélicos e a gente estudava, brincava, mas respeitávamos os professores. Muito respeito. Aí quando eu fiz o terceiro ano, terceira série, aí eu estudei na Escola Batista onde lá nós tinha a professora (Eldimir). Aí eu fiz o terceiro ano, o quarto e o quinto na Escola Batista. Lá eu aprendi muito. A gente aprendia em forma de teatro, fazia muita dramatização, fazia aula de canto e isso me chamava muito atenção, né? Aí eu terminei de estudar e depois eu disse ((inaudível)) eu tinha que me formar para dar aula. Enquanto eu não me formasse eu não sossegava. Aí casei, o marido tinha o maior ciúmes, não queria deixar eu estudar (...)

Fonte: Entrevistas – Acervo da Tese

No enunciado-objeto 21, Cidinha retoma à sua formação básica e elabora a escolha do Magistério como algo para o qual nasceu para exercer, reforçando a ideia da docência como vocação, um dom. De igual modo Ester (enunciado-objeto 24) significa a docência enunciando que fora uma escolha feita ainda na infância quando já ensinava os próprios irmãos e alguns de seus colegas. Nas palavras de Ester: “Eu tinha o prazer de dar aula e de andar com os cadernos pra cima e pra baixo”. Já Valdeci, conforme apresentamos no objeto-enunciado 23, antes de aceitar o magistério como destino programado, narra as suas expectativas com o curso de Psicologia. Mas, diante do adoecimento da mãe e das condições de vida de sua família, Valdeci passa a reconhecer a docência como algo que nasceu para fazer: “Aí terminei indo pra sala de aula, mas acredito que o meu lugar realmente era a sala de aula” (RIBEIRO DE SOUZA [Valdeci], 2020, p. 1). Valdeci fora impelida a cursar o Magistério dada a sua condição financeira, a ausência de oportunidades e condições de acesso e permanência no curso que acreditava ser a melhor perspectiva de formação profissional para si.

Em “Dom e docência em relatos de vida e formação de professores de História e de Letras” (2016), Luiza Helena Oliveira da Sila e Darnival Venâncio Ramos Junior desenvolveram um estudo sobre o discurso do dom. O recorte consistiu na análise da história de vida e formação de professoras-aposentadas da área de História e no relato de professoras em exercício matriculadas no curso de Letras pelo PARFOR. Dentre outras contribuições, esse estudo colabora no sentido de reconhecermos o modo como o discurso religioso perpassa o discurso pedagógico. Tal compreensão serve-nos aqui como subsídio na apreensão do discurso das mulheres-professoras-aposentadas que consideram que a docência lhes é “um talento natural” (RAMOS JÚNIOR; SILVA, 2016), uma escolha divina. A exemplo disso, no objeto-enunciado apresentado a seguir, Cidinha enuncia: “Como eu já era professora dos meus irmãos, eu que alfabetizei todos, a minha vocação era pra ser professora de verdade” (ALMEIDA E

SILVA (Cidinha), 2019, p. 7). Temos, no que enuncia a narradora, mais um conceito de docência, ou seja, ensinar aos irmãos fora a sua primeira experiência, compreendendo que ensinar informalmente já lhe constituía professora.

Objeto-enunciado 25:

Na minha cidade nós tínhamos a opção para o curso normal, científico e contabilidade. Como eu já era professora dos meus irmãos, eu que alfabetizei todos, a minha vocação era pra ser professora de verdade. Bem, na nossa época Érica é, os professores eram respeitadíssimos. O diretor era autoridade máxima da cidade, os pais. Então, o ensino, ele era numa certa forma moralista, sabe? Nós tínhamos vergonha de tirar uma nota abaixo de cinco. A gente gostaria de tirar era nove, nove e meio e dez. Os meninos, os mais estudiosos como eu. Era muito pobrezinha, lavava, passava, cozinhava. Eu estudava a lamparina até duas, duas e meia da manhã. Por quê? Porque minhas colegas eram ricas(...) E pra eu seguir essas minhas colegas eu estudava muito (...) porque a cultura dos pais era o jovem, até mesmo criança, trabalhava pra depois estudar. Tanto é que o meu diretor Eurico Alves e também professor de Latim e Português, uma vez ele visitou meus pais porque eu chegava correndo antes do portão fechar todos os dias. Tínhamos que chegar seis e quarenta porque sete hora/ seis e quarenta a gente já fazia a fila, cantávamos o hino nacional e entrávamos pra sala. Por que que eu chegava correndo? era um pouco distante o ginásio de Inhumas da minha casa. Eu tinha que botar feijão no fogo, acender o fogo, cuidar dos meus irmãos. Enfim., era um laboro, mas tudo a contento. E como Deus é generoso, justo e fiel, sempre ele me conduziu no melhor caminho e ele me deu o talento caído dos céus. Eu agradeço muito. (ALMEIDA E SILVA (Cidinha), 2019, p. 7).

Cidinha retoma aí o magistério como vocação, “tendência ou inclinação natural” (AURÉLIO, *online*), um “talento caído dos céus” (ALMEIDA E SILVA [Cidinha], 2020). Retoma também questões já discutidas: a autoridade do diretor, a educação moralista e confessional, a desigualdade de classe, as condições desfavoráveis ao estudo (era criança e tinha que trabalhar).

Os sentidos atribuídos à docência expressa nas enunciações-enunciadas pelas narradoras parece desconsiderar o determinismo social que sempre empurrou as mulheres para formações que não representavam o seu interesse pessoal, mas uma necessidade ou única perspectiva de absorção profissional. As narradoras parecem crer ter escolhido a docência quando ainda crianças. Consideram um dom pelo fato de ensinarem intuitivamente e desde cedo terem assumido a responsabilidade de ensinar aos irmãos.

No caso de Cidinha, em função de sua formação religiosa e da educação familiar, destaca-se a fala do tio: “Você vai ser uma professora porque toda professora casa e eu quero que a minha sobrinha seja professora e se case”. Se considerarmos o que exprime a narradora em seguida, ao enunciar “Acredita?!”, nos faz crer que compreende bem o que estava posto como destino para ela, dado o estranhamento aí manifesto. Ou seja, o tio agiu como superdestinador social utilizando-se da autoridade conferida a ele por ser homem, determinando Cidinha a casar-se e ser professora. Para a sintaxe narrativa o tio age como destinador de Cidinha levando-a *fazer* ou *querer* ser professora e casar-se, modalizando-a pelo *querer* ou

dever (FERNANDES; SILVA, 2021, p. 55). Embora Cidinha suavize o discurso do tio, a história revela o poder dos homens sobre a vida/as e as escolhas das mulheres, isso porque tal discurso tem origem na organização social na qual os homens eram os destinadores das mulheres.

Em termos semióticos, o discurso do tio tem um efeito que opera sobre Cidinha levando-a a um dever-fazer. O tio age como destinador de Cidinha que exerce sobre ela o seu “fazer persuasivo apoiando-se na modalidade do poder” (GREIMAS; COURTÈS, 2008, p. 301), na “hierarquia do masculino e do feminino” (PERROT, 2020, p. 83) que concebe a mulher numa condição de obediência e submissão aos homens, discurso fruto de interpretações dos textos bíblicos orientado nas/pelas igrejas. Nesse sentido, como destinatária do dever-fazer, Cidinha é manipulada pelos “objetos positivos”, os valores culturais/religiosos.

Assim como Cidinha, mas com motivações diferentes, Valdeci também é levada pelo *dever-fazer* a voltar para casa e cuidar de sua mãe: “Nasci por aquelas bandas de lá e aí minha mãe doente, eu chorava dia e noite querendo voltar pra fazer meu vestibular de Psicologia que era meu sonho, mas não foi possível voltar, não tinha como deixar minha mãe, né? Aí fiquei, comecei trabalhar...” (RIBEIRO DE SOUZA [Valdeci], p. 2020, p. 1). Valdeci queria cursar Psicologia e havia definido, como programa para si, atuar em orfanatos ou cuidar de idosos. Porém, compreendendo que o seu dever, naquele momento, consistia em cuidar da mãe, Valdeci renuncia ao “sonho” e enuncia essa experiência com certo ressentimento.

Os enunciados das mulheres-professoras-aposentadas, destacando aqui o que narram Cidinha, Valdeci e Ester, respectivamente nos objetos-enunciados 22, 23 e 24, estão estreitamente ligados ao tempo e espaço em que viveram, e que veladamente determinaram suas vidas/suas escolhas. Embora Cidinha e Ester acreditem ter nascido para serem professoras e Valdeci que a sala de aula era o seu lugar, suas escolas refletem as imposições tácitas que a sociedade institui sobre as mulheres. Daí identificarem-se com o Magistério e representarem a docência como dom parece resultar do modo como foram empurradas para esta profissão e levadas a crer que nasceram para serem professoras.

As histórias de vida das mulheres-professoras-aposentadas fizeram emergir temas sensíveis que tocam em questões de caráter familiar, religioso e educacionais. Buscamos, então, a partir dos processos históricos, discuti-los fundadas em estudos aos quais estamos filiadas. Ou seja, ao refletirmos sobre o percurso de vida das mulheres-professoras-aposentadas mobilizadas nesta seção, elaboramos compreensões acerca do que enunciam. Porém, é importante considerar que são sentidos construídos com base no que também somos constituídas como mulheres-professoras-pesquisadoras e que, muitas vezes, nos identificamos

e/ou nos vemos refletidas no que enunciam as narradoras. Por isso, escutar cada narradora e produzir dados conjuntamente que tratam sobre os modos como se formavam os sujeitos e sujeitas no Norte e, por consequência das narrativas, no Nordeste e Centro-Oeste do Brasil, em especial, como se formaram as mulheres-professoras-aposentadas que atuaram 25 a 30 anos na educação básica do Estado do Tocantins, revela as múltiplas faces de suas histórias, das histórias de todos nós.



5 ENSINAR PARA CONTINUAR A APRENDER: competencialização e performance

Podíamos casar, podíamos trabalhar como empregadas e podíamos nos tornar professoras de escola. (bell hooks, 2017, p. 10).

Esta seção continua a análise dos dados produzidos através da categoria II “Formação Escolar Básica” e mobiliza os dados referentes à categoria III “Atuação Profissional/Docência” (Quadro 1, p. 30), focalizando o processo de competencialização e performance à luz da sintaxe narrativa que inscreve cada uma das mulheres-professoras-aposentadas como sujeitas do “saber-fazer” e do “fazer-ser”, respectivamente (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 74-77; 362-363). Pretendemos discutir o contexto de formação educacional/profissional ao qual foram submetidas e no qual atuaram ao longo da vida, suas atitudes e o modo como pensaram e exerceram a prática docente como professoras da educação básica pública (SILVA, 2017), buscando compreender as histórias de vida em suas previsibilidades e paixões, e a docência como prática social.

Na epígrafe, bell hooks em *Ensinado a Transgredir: a educação como prática da liberdade* (2017) trata do destino programado para as meninas negras na época do *apartheid* que se resumia em casamento, trabalho doméstico do lar (dona de casa ou empregada doméstica) ou docência. Os estudos e vivências de bell hooks servem-nos aqui para reafirmar sobre a história das mulheres noutros contextos, e para lembrar que esses fatos são indicadores da longa luta por igualdade de gênero e liberdade de escolhas pelas mulheres. Servem ainda para explicar, de algum modo, os processos vividos por cada uma das narradoras, sem a pretensão de restringir suas histórias a um fato ou ao tempo vivido, interessando-nos compreender “aquilo que fez [grifo nosso] ser” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 75) uma professora cada mulher-narradora e que tornou possível a docência mesmo em face à ausência de formação básica e superior, o que as inscreve num quadro de professoras leigas.

Compõe esta tese a ideia de que a educação no estado do Tocantins tenha sido construída e sustentada, por um longo período, pelo trabalho de mulheres-professoras leigas. Segundo o Dicionário Aurélio (*online*), o vocábulo “leigo” pode significar a ausência de conhecimento “que expressa certa ignorância acerca de alguma coisa” ou do ponto de vista da religião, diz respeito àquele “que não obteve as ordens sacras; que não pertence nem diz respeito à Igreja”. (AURÉLIO, *online*, 2023). Porém, orientadas pela semiótica greimasiana, que concebe a *competência* como “aptidão e capacidade de compreensão”, que leva o sujeito a um fazer por saber, o termo “leigo” não significa “a falta de saberes” (SANTOS; HAIASHIDA, 2017, p. 1),

tampouco está ligado à religião. O uso deste vocábulo significa apenas que trataremos do fato de as mulheres-professoras-aposentadas terem exercido a docência quando ainda não possuíam formação básica para tal (MANKE, 2006).

Por isso, fez-se importante compreender os modos como as narradoras significaram as suas experiências estudantis, em especial nos anos iniciais e finais do ensino fundamental, segunda etapa da educação básica, apresentados na seção 4, para agora compreendermos como e quando as mulheres-professoras-aposentadas passam do não saber (leigas) para o saber (docência e profissionalização/formação). Ou seja, focalizaremos agora a aquisição da competência pelas mulheres-professoras-aposentadas, consideradas aqui como “sujeitas [grifo nosso] competentes e em ação (por si mesmo)” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 364-367), observando o que tornou possível a elas o exercício da docência e as condições para realizar a ação pretendida (ensinar) uma vez que o sujeito actante “deve não apenas dever e/ou querer fazer, mas também saber e/ou poder fazer” (SILVA 2014, p. 19).

5.1 Competencialização

Na seção quinária 4.5 *A docência como destino programado e o discurso do dom: “a minha escolha ela foi nata”* que compõe a seção 4 desta tese, ao tratarmos do discurso do dom considerando os objetos-enunciados de Cidinha, Ester e Valdeci, antecipamos um pouco sobre o percurso formativo destas narradoras que revelam o ingresso na docência quando ainda não tinham formação para tal, entre outras questões.

Embora a formação de professores tenha raízes no século XIX e desde o princípio tenha sido pautada a instrução popular, só após a Revolução Francesa é que surgem as Escolas Normais responsáveis pela preparação de professores (SAVIANI, 2009). No Brasil, a história da formação de professores/as começa a ser construída logo após a independência do país ocorrida em 1822. Saviani destaca, em *Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro*, seis marcos importantes sobre a história da formação de professores:

1. Ensaios intermitentes de formação de professores (1827-1890). Esse período se inicia com o dispositivo da Lei das Escolas de Primeiras Letras, que obrigava os professores a se instruir no método do ensino mútuo, às próprias expensas; estende-se até 1890, quando prevalece o modelo das Escolas Normais.
2. Estabelecimento e expansão do padrão das Escolas Normais (1890-1932), cujo marco inicial é a reforma paulista da Escola Normal tendo como anexo a escola-modelo.
3. Organização dos Institutos de Educação (1932- 1939), cujos marcos são as reformas de Anísio Teixeira no Distrito Federal, em 1932, e de Fernando de Azevedo em São Paulo, em 1933.
4. Organização e implantação dos Cursos de Pedagogia e de Licenciatura e consolidação do modelo das Escolas Normais (1939-1971).
5. Substituição da Escola Normal pela

Habilitação Específica de Magistério (1971-1996). 6. Advento dos Institutos Superiores de Educação, Escolas Normais Superiores e o novo perfil do Curso de Pedagogia (1996-2006). (SAVIANI, 2009, p. 143-144)

Já mencionamos aqui o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* de 1932 e as reformas de Anísio Teixeira que, somadas aos esforços de Fernando de Azevedo, fizeram ascender os investimentos em educação pública básica e superior. Além disso, Saviani destaca a organização e a implantação dos cursos de licenciatura, e a consolidação das escolas normalistas ocorridas entre os anos 1939 e 1971.

Sobre isso, destacamos aqui as seguintes leis:

- i. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961 (Lei Nº 4.024, de 20 de Dezembro de 1961) que tratou “Da Formação do Magistério para o Ensino Primário e Médio” e estabeleceu, em seu Artigo 52, o ensino normal com a finalidade de formar professores, orientadores, supervisores e administradores escolares, destinados ao ensino primário, e o desenvolvimento dos conhecimentos técnicos relativos à educação da infância (BRASIL, 1961);
- ii. Lei Nº 5.692, de 11 de Agosto de 1971 que fixou as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, entre outras providências, em seu Art. 30, Capítulo V, definiu como formação mínima para o exercício do magistério habilitação específica de 2º grau para atuar no anos iniciais (1º grau, da 1ª à 4ª séries), curso de graduação/licenciatura de 1º grau obtida em curso de curta duração para atuar no Ensino Fundamental (da 1ª à 8ª séries), e curso superior de graduação/licenciatura plena para atuar no Ensino Fundamental e Médio.

Embora as leis supracitadas tenham estabelecido os critérios para o magistério, somente a partir da LDB 9394/96 é que os entes federados começaram a investir em formação de professores e a exigir o curso de licenciatura como critério mínimo de ingresso na carreira docente. Porém, até hoje, municípios com dificuldade de acesso e que não oferecem uma carreira interessante admitem o Magistério como critério de ingresso.

Apesar dos avanços na organização e implantação do curso Normal e das licenciaturas, as histórias de vida das mulheres-professoras-aposentadas revelam que o acesso estes cursos, na região Norte do país, foi tardio para elas, o que nos leva para o seguinte cenário: (i) Cidinha, Nama e Solange iniciaram na docência com formação (básica ou superior); (ii) Eliana iniciou na docência cursando o Magistério; (iii) Ana, Antônia, Diná, Ester, Marta e Valdeci iniciaram leigas na docência.

5.1.1 “Eu nunca na minha vida imaginei que eu ia ser professora”

Neste primeiro quadro apresentamos excertos das histórias de vida de Cidinha, Nama e Solange, considerando o fato de as três narradoras terem em comum a docência após a conclusão do curso Normal ou licenciatura. Vale lembrar que o Magistério, segundo o artigo 62 da LDB 9394/96 versa sobre a formação mínima exigida para atuar na docência na educação infantil e, conforme alteração pela Lei 13.415, de 2017, nos cinco primeiros anos do Ensino Fundamental (BRASIL, 1996; 2017).

Quadro 6: Professoras Nível Magistério

Narradora	Objetos-enunciados
(ALMEIDA E SILVA [Cidinha], 2019, p. 3; 10)	<p>Objeto-enunciado 26: ... e fui fazer o curso de admissão, Érica. A estrutura curricular da minha época, ela era composta/as quatro/ os quatro primeiros anos a gente falava primário. Então o exame de admissão era como se fosse aquele ano de estudo para um vestibular pra a gente ingressar no quinto ano, ou seja, no ginásio. A gente saia do primário e ia pro ginásio. O ginásio seria o quinto, o sexto, o sétimo e o oitavo ano, certo? Então isso aí a gente chamava de primeiro grau. Bem, é fiz a admissão, passei. A prova era prova escrita e depois a prova oral. Érica era um verdadeiro vestibular. Quem passava, Érica, nossa! era falado no microfone, no alto-falante da cidade, o nome dos alunos que passavam. Era o vestibular famoso. Tudo bem, nós ficamos muito satisfeitos. Meus pais também. (...) no oitavo que a gente terminava o ginásio, aí nós passamos automaticamente, nós passamos para o segundo grau que seria, na minha cidade nós tínhamos a opção para o curso normal, científico e contabilidade. Como eu já era professora dos meus irmãos, eu que alfabetizei todos, a minha vocação era pra ser professora de verdade (...) quando eu terminei o curso normal, todas as minhas colegas foram pra Goiânia fazer Pedagogia. Meus pais não me deixaram ir, Érica, fazer. Porque moça virgem, santa e imaculada não podia é/ir de madrugada ou ir à noite estudar em Goiânia que era tão pertinho da minha cidade Inhumas. Aquilo Érica, me oprimiu, me frustrou porque eu fui a única que não fez curso superior naquela época. Só depois, em noventa e dois, quando eu me aposentei [primeira aposentadoria], que eu fiz pedagogia na ULBRA.</p>
(BRITO [Nama], 2020, p. 2;4)	<p>Objeto-enunciado 27: Eu nunca na minha vida imaginei que eu ia ser professora. Quando eu entrei no ensino médio eu queria fazer ciência da computação. Tava começando a surgir naquele tempo, foi em 84, 85, né? Aí, meu pai tava arrumando pra eu ir pra fora, já tinha arrumado que eu ia pra São Luís, parece. Aí, veio a a faculdade pra cá, a FACILA. Aí não, decidi que vamos ficar aqui. Aí, era História, Matemática, Geografia e Letras. Aí, como eu gostava muito de inglês, eu me identifiquei muito com inglês. Então, vai ser Letras (...) A universidade eu comecei muito novinha, eu terminei com 15 anos, então tem o quê? Eu faço aniversário em março e aí eu completei 16, né. Naquele tempo, quem começou a fazer a faculdade FACILA, era muito os professores que já estavam perto de aposentar. Então na minha turma eu era a caçulinha. Aí na minha turma já tinha professoras com 20 anos, 15 anos, 25 anos de experiência de sala de aula, já tinha vivência de vida. Então eu era a caçulinha, não tinha vivido praticamente nada ainda. Então foi uma aprendizagem, tanto do sentido da escola quanto do sentido da vida, né? Aprender com elas. Aí, teve uma época que eu estudei um semestre em Goiânia, mas aí esse semestre ficou perdido lá e o ano ficou perdido aqui. Tanto que era pra eu terminar a faculdade em 88 e eu terminei em 89. Quando eu voltei, eu fiquei em outra turma, mas era a mesma coisa, eu era a caçulinha. Essa, era as mulheres casadas, separadas, as que já tinham sido traídas. E aí, menina, uma aprendizagem só também. ((risos)) Elas: “ vai ouvindo aí pra aprender” ((risos)).</p>

(RODRIGUES DA **Objeto-enunciado 28:**

SILVA [Solange],
2019, p. 1; 3),

... fiz Pedagogia. Inclusive depois de alguns anos já concluído o médio. É assim, tivemos a possibilidade, na época, a gente determinou ou decidi fazer o Magistério porque, eu vou dizer assim, que era uma opção. Até então, a gente não sabia () então, a gente fazia o Magistério. E, depois, fizemos o/ eu fiz Pedagogia, né? É fizemos na Unitins naqueles encontros de férias porque a gente já trabalhava, então tinha que fazer no período de férias (...) Quando eu terminei o Magistério eu já trabalhava. Eu trabalhava só que eu trabalhava na secretaria. Era administrativo. Depois que eu terminei que eu fiz o concurso, né. Concurso do Estado. Aí, eu trabalhei na regência.

Fonte: Acervo da Pesquisa, 2019/2020.

No objeto-enunciado 26, apresentamos um recorte da narrativa de Cidinha na qual rememora as etapas do ensino e a estrutura curricular de sua época. Através do que enuncia a narradora, temos a possibilidade de compreender o contexto educacional das décadas de 50 e 60, período de escolarização básica da narradora. A educação nesse período era regida pela chamada Lei Geral de 1946 que instituiu as Diretrizes e Bases para o ensino primário e para os cursos de formação de professores primários. Só em 1961 são fixadas as Diretrizes e Bases da Educação Nacional que estabelece o ingresso da criança com sete anos na etapa pré-primária e o exame de admissão como requisito para a entrada no primeiro ciclo do ensino médio, com idade mínima de onze anos ou a completar durante o ano letivo (BRASIL, 1946; 1961).

Cidinha rememora o exame de admissão e explica o nível de exigência comparando-o ao vestibular. Instituído em 1911, o vestibular foi o critério para ingresso nos cursos superiores em todo o Brasil durante décadas, reconfigurado em 1998 pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), política atual de ingresso nas instituições públicas. O ENEM também foi adotado por várias instituições privadas que, apesar desta adesão, mantém o vestibular, assim como as instituições públicas. Além da Admissão, vemos outra característica do tempo narrado por Cidinha que perdura no tempo atual: a meritocracia. Até hoje configura-se uma prática de instituições de ensino, sejam elas públicas ou privadas, primar pelo ranqueamento dos sujeitos e publicidade de lista de aprovados em faixas e outros suportes com vistas a destacar os considerados melhores, mais competentes etc., aprovados no Enem e vestibulares. Curiosamente ganham visibilidade aqueles aprovados nos cursos: Medicina, Direito, Engenharias.

Outra questão apreendida do que enuncia Cidinha é a perspectiva de profissionalização através do ensino técnico profissionalizante. Os estudantes podiam ingressar em apenas três cursos: Magistério, Contabilidade e Científico. Em 1996 a LDB passou a regular o curso Médio Básico como etapa do 2º grau e, em 2022, através da Lei n. 13.415/2017, foi instituída a Política

de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, o Novo Ensino Médio (BRASIL, 1996; 2017). O período de aprovação desta nova lei é assinalado pelo golpe parlamentar e apagamento dos profissionais da educação no processo de discussão e validação das diretrizes e sistemática do Novo Ensino Médio. Muito tem sido discutido quanto às implicações do modelo do Novo Ensino Médio pelo fato de percebermos o seu alinhamento aos interesses puramente capitalistas, divergindo do que defendemos como escola pública que deve formar integralmente os seus sujeitos sem que pese sobre eles a sua profissionalização.

Nessa direção, temos que foi inculcada nos jovens a ideia de profissionalização ainda na educação básica, como ocorreu com Cidinha que elabora o seu percurso formativo como dom/vocação, quando foi levada a crer que tivera nascido para isso. Assujeitada pelos pais e outros sujeitos, Cidinha cursa o Magistério e, embora creia que tivera nascido para ser “professora de verdade” (ver objeto-enunciado 25), adia o ingresso na licenciatura pelo fato de “moça virgem, santa e imaculada não podia é/ir de madrugada ou ir à noite estudar em Goiânia que era tão pertinho da minha cidade Inhumas” (ALMEIDA E SILVA [Cidinha], 2019, p. 10).

Impelida a adiar o sonho de cursar Pedagogia, Cidinha apropria-se da formação no curso Magistério e torna-se uma sujeita do saber-fazer exercendo a docência na formação de crianças, jovens e adultos, ao longo de sua carreira docente. A licenciatura concretizou-se só em 1992, o momento em que a narradora tem a concessão de sua primeira aposentadoria como professora nível I (Magistério) pela Secretaria Estadual de Educação do Estado do Tocantins (SEDUC).

Embora por motivos distintos, o percurso formativo de Solange também foi interrompido por anos. A narradora enuncia o Magistério como única opção e, residindo em Araguatins que não dispunha de instituição de ensino superior, à época, a licenciatura em Pedagogia exigiu desdobramentos. Ou seja, foi necessário conciliar estudo e trabalho e renunciar às férias, pois Solange cursou Pedagogia em Regime Especial (SEDUC/UNITINS), já mencionado na subseção *2.1.1 Motivações do estudo e breve perfil das sujeitas narradoras*, página 34. Apesar de o Magistério ter sido uma formação forçada pela ausência de possibilidades, Solange parece ter se constituído uma sujeita do saber-fazer durante o seu processo formativo, pois atuava na área administrativa da escola e opta pela sala de aula ingressando via concurso público como professora de nível I (Magistério).

Por outro lado, Nama ingressou na educação quando cursava o último ano da licenciatura em Letras na FACILA, em Araguaína, Tocantins. A narradora enuncia a docência como algo imprevisto, dado o seu interesse na área da computação. Ao narrar o modo como se tornou professora e sua experiência na universidade, Nama sinaliza a presença do pai como

sujeito adjuvante (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 24) de seu projeto de formação. O pai coopera organizando para que Nama realize o seu desejo de morar em São Luís e cursar Ciências da Computação. A postura do pai dissona dos pais das demais narradoras que atuavam como manipuladores do destino das filhas, figurando o papel de antissujeitos.

Nama reconhece o privilégio de ingressar na universidade ainda bem jovem, aos 15 anos, e destaca o fato de os cursos de licenciatura terem sido uma possibilidade formativa tardia para os colegas de sua turma: “eram muitos os professores que já estavam perto de aposentar (...) minha turma já tinha professoras com 20 anos, 15 anos, 25 anos de experiência de sala de aula” (BRITO [Nama], 2020, p. 2;4).

5.1.2 “Ia dando aula sem saber se era certo, mas querendo acertar”

O curso Magistério foi para a maioria das narradoras a perspectiva mais real de habilitação para a docência, embora os cursos de licenciatura já tivessem sido implantados no país. Ocorre que os cursos de licenciatura ou bacharelados eram ofertados nos grandes centros, sendo distantes geograficamente e inviáveis financeiramente para as narradoras o acesso e a permanência nestes lugares. No objeto-enunciado 5 (página 99), ao discutirmos os conceitos de memória e acontecimento, mobilizamos parte da história de vida de Valdeci que enunciou as traumáticas implicações de sair ainda criança de casa para estudar em Goiânia. Sabemos que a história de Valdeci é também a história de inúmeros filhos/as do Norte e do Nordeste, regiões marcadas pela migração e condições de escolarização precarizadas pela ausência do Estado, durante décadas.

Valdeci saiu em busca de qualificação, pois pretendia exercer a Psicologia. Porém, as condições de vida adversas a impediram de realizar o seu desejo e a empurraram para a docência que, embora fosse critério o Magistério como habilitação mínima, o contexto da região admitia sujeitos leigos com aparente competência para ensinar.

O processo de competencialização do sujeito, na perspectiva semiótica greimasiana, compreende a modalização do fazer, pelo *fazer-fazer* ou pelo *saber-fazer*. No caso de Valdeci e das demais mulheres-professoras-aposentadas, ao assumirem a docência sem a formação mínima exigida, partiram de conhecimentos que tinham (leitura, escrita, conhecimentos matemáticos etc.) e que as instauravam como sujeitas do *saber-fazer* que incidia sobre o *dever-ser* (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 74-76).

A seguir, apresentamos um excerto da história de Eliana que iniciou na docência durante o processo de qualificação no Magistério. Vejamos o que enuncia a narradora quanto ao seu

processo de competencialização e o modo como foi se instaurando sujeita do *saber-fazer* pelo *querer-fazer*:

Objeto-enunciado 29:

Eu comecei a dar aula né, a ministrar aula no Ensino Fundamental. No primeiro ano [cursando o Magistério] foi a minha primeira experiência. Eu, na verdade, eu iniciei assim, com dezoito, dezenove anos. Eu não tinha, eu tinha terminado/ estava começando o ensino médio e tinha vontade de trabalhar. Então, eu e uma colega fomos atrás de emprego, numa escola do estado. Foi a Escola Paroquial. (...) Eu ‘tava’ na terceira série (...) Nessa época a minha professora, eu ‘tava’ concluindo o Magistério, terceira série né. (...) no Magistério eu não fiz estágio porque como eu já estava dando aula. O meu estágio era aquele. E ela [Cidinha] nunca foi na minha sala. Eu morria de vontade de ela ir na minha sala pra saber se eu ‘tava’ fazendo certo. E ela não ia. Professora eu: “_Não, é assim mesmo”. Então assim, ela me conhecia porque eu discutia muito com ela, tirava as dúvidas, né. Tá, mudamos porque foi construída a escola aqui [Araguatins], que lá era uma sala pequena. Foi construída a escola. Eu dei aula até a terceira série. Fiquei com a EJA um período. No início da EJA a gente, acredito que nem os diretores, nem coordenadores não sabiam exatamente como que a EJA era pra funcionar. Ia dando aula sem saber se era certo, mas querendo acertar (...) eu ministrei aula no ensino médio com ensino médio. E assim, depois da faculdade, eu percebi como a gente precisava aprender. Tinha, na minha época tinha, a partir daquele curso de Pedagogia, o primeiro curso que teve aqui em Araguatins, a partir dele, os professores começaram a se despertarem pra estudar (...) eu fiz com vários outros professores [Regime Especial SEDUC/UNITINS] foi muito bom. Muito bom mesmo. A partir daquele ano, os professores começaram a se formar. De lá pra cá, dificilmente você tem um professor com o ensino médio, né? Às vezes até tem, mas numa outra função. Mas na sala de aula, eu nem acredito que ainda tenha... (SILVA [Eliana], 2020, p. 1-2; 8)

Decorrem da enunciação-enunciada de Eliana a iniciação na docência antes da conclusão do curso Magistério, o modo como eram estabelecidas a contratação de profissionais e a emergência dos cursos de licenciatura para a qualificação de professores/as. A narradora inicia na docência aos 18/19 anos de idade e enuncia essa experiência como etapa convertida em estágio pela professora do curso. O estágio é um componente curricular que tem por finalidade a preparação do sujeito em formação para a prática docente, configurando-se um espaço de construção da identidade profissional que exige o exercício de reflexão teórica e prática. Ou seja, o estágio configura-se uma etapa imprescindível na qual o sujeito/a em formação tem a possibilidade de conscientizar-se quanto ao trabalho docente e à sua identidade de professor em construção (NÓVOA, 2009, p. 182).

Eliana enuncia que a sua iniciação na docência se deu antes da experiência do estágio, dada a sua “vontade de trabalhar”. Enuncia ainda que a conversão da docência em estágio intercorreu devido ao fato de sua supervisora/professora do curso considerar que ela já “‘tava’ fazendo certo” (SILVA [Eliana], 2020, p. 1-2). Temos aí duas questões: primeiro, Eliana movida pelo *querer-fazer* foi tentada pela necessidade de remuneração; depois, embora cursando o primeiro ano do Magistério, ocorre a seguinte transformação: Eliana queria trabalhar, estudou para aprender e, na medida em que foi aprendendo, assumiu a docência

validada por um contrato implícito com a sua professora, tida aqui como sujeita adjuvante, pois cooperou para a validação do saber-fazer de Eliana. Apesar disso, a narradora significa esse momento de sua vida ajuizando, por exemplo, que “Ia dando aula sem saber se era certo, mas querendo acertar” (SILVA [Eliana], 2020, p. 8), o que a levou a querer ingressar na licenciatura ofertada em regime Especial pelo convênio SEDUC/UNITINS. Solange e Eliana cursaram Pedagogia juntas, na primeira turma ofertada nesta modalidade em Araguatins. No final do objeto-enunciado 3, Eliana enuncia a importância da licenciatura para a capacitação dos sujeitos/as professoras que atuavam, por exemplo, no início da Educação de Jovens e Adultos (EJA): “a gente, acredito que nem os diretores, nem coordenadores não sabiam exatamente como que a EJA era pra funcionar” (SILVA [Eliana], 2020, p. 8).

5.1.3 “Tinha nem terminado ainda o curso do Magistério”

No início desta seção, discutimos tanto o conceito de competência quanto o conceito de professora leiga com vistas a subsidiar as reflexões em torno do processo formativo e da performance das mulheres-professoras-aposentadas Ana, Antônia, Diná, Ester, Marta e Valdeci, que iniciariam na docência sem a formação mínima exigida pela legislação da educação nacional. Apresentamos, a seguir, os objetos-enunciados que reúnem os dados produzidos por cada narradora durante as entrevistas para que possamos compreender como cada uma delas significa esse período de suas vidas, atentas ao modo como foram se constituindo sujeitas do *saber-fazer* (ser professora), logo do *fazer-ser* (ensinar):

Objeto-enunciado 30:

Eu casei com dezessete anos e de lá viemos pra Goiânia. E de Goiânia para Araguatins. Moramos no Novo Sítio um tempo, antes de ir pra Araguatins. (...) Pra mim era uma aventura sair pelo mundo, como diz o nordestino, e viemos de pau de arara. (...) Chegamos no Novo Sítio, ficamos lá com o comércio e eu não voltei mais a trabalhar porque eu trabalhava numa escolinha na zona rural lá em Ceres, no município de Ceres. (...) Aí fui fazer o Magistério. Já comecei a trabalhar também. Tinha nem terminado ainda o curso do Magistério, mas voltei a trabalhar. (...) eu comecei pelo município [Ceres], mas dá aulinha nas casas de família aos quatorze anos, era alfabetizando as crianças naquele tempo com a Cartilha do Abc. Tinha aquele Abc tradicional e aquelas famílias chamavam a gente pra ajudar os filhos, né? Porque escola era difícil na época. Não tinha muita escola assim e a gente ia porque nós éramos alfabetizadas (...) Aí quando cheguei lá em Ceres, aí eu fui dar aula também, apenas com a metade do fundamental. Imagina o quanto eram carentes na época, de professor? (...) aí a noite eu dei aula no () ainda e era mais no sentido também de aprender mais e de ajudar, né? Aí foi onde eu fui estudar e aqueles projetos que vinha, né pras pessoas estudar. Projeto () né? os projetos que vinham pra educação. Aí foi onde eu terminei o fundamental. Fiquei só nisso aí até quando eu cheguei em Araguatins foi que eu fui fazer o ensino médio [Magistério] (...) Trabalhei lá [Leônidas] e estudando também. Aí hoje, na época de hoje já não podia né? Tem que terminar, né? Mas isso era carência de professor. Foi sorte de arrumarem pra mim e eu achei muito bom (...) e de lá quando vim pra cá [Araguaína] continuei e fui fazer

faculdade, e tudo é benção... quando nós mudamos pro município de Araguatins foi que eu deixei lá, mas com muita saudade, viu? Lá era bom demais. Nós tínhamos uma chácara, eu plantava muita cana, dava de tudo lá. Muito bom. Nos córregos, a gente plantava as hortas era no córrego, não era em casa. Córrego bem pertinho assim, plantava e ninguém mexia. Era incrível. Muito bom, as terras boas na época também... (SOUZA [Ana], 2019, p. 1-3).

A dinâmica discursiva estabelecida durante as entrevistas permitiu às narradoras certa fluidez. Isso favoreceu que as mulheres-professoras-aposentadas pudessem, espontaneamente, detalhar com tranquilidade as suas experiências. Ana, por exemplo, para narrar o seu percurso formativo rememora antes o casamento, depois a migração de Portoalegre para Ceres, Ceres para Goiânia, e de Goiânia para Novo Sítio/ Araguatins. O casamento ainda jovem parece estar ligado à cultura patriarcal que determina que a mulher se case, tenha filhos e dedique-se à vida doméstica. Já a migração parece ser determinada pelas questões sociais e econômicas que demandavam aos sujeitos/as deixarem os seus lugares de origem em busca de melhores condições e vida e trabalho.

Em *Histórias de vida em formação: autopoiesis e práxis coletiva* (2014), Idelma Santiago da Silva trata da história de vida de camponeses migrantes que se estabeleceram no sul e sudeste do Pará, e traz contribuições importantes a respeito da memória camponesa, individual e coletiva, num contexto marcado pela violência e barbárie contra famílias e trabalhadores que lutam pela terra. Ao tratar do processo de migração para o Norte, a autora lança luz sobre as histórias de vida de sujeitos/as que saíram em busca de condições melhores de vida e trabalho e se estabeleceram na fronteira Tocantins-Pará. No final do objeto-enunciado 30, Ana enuncia a sua experiência com a terra numa Colônia, inscrevendo-se também como camponesa: “eu plantava muita cana, dava de tudo lá” (SOUZA [Ana], 2019, p. 1-3). Do ponto de vista do nível narrativo, Ana manifesta aí a saudade, uma paixão voltada para o tempo no qual trabalhou na terra cedida pelo cunhado, enunciando o tempo em que podia plantar e colher, um tempo com o qual rompeu em função da necessidade de atuar noutra esfera (na educação como professora leiga) e, depois, a migração para o Tocantins.

A história de vida de Ana é também um registro do compromisso político e social com os lugares onde viveu. Na colônia na zona rural de Ceres, Ana significa o seu ingresso na docência através de sua experiência com os filhos dos camponeses: “eu comecei pelo município (...) mas dá aulinha nas casas de família aos quatorze anos, era alfabetizando as crianças naquele tempo com a Cartilha do Abc (...) aquelas famílias chamavam a gente pra ajudar os filhos, né?” (SOUZA, [Ana], 2019, p. 3). Abrimos esta tese com um excerto da história de vida de Ana que faz referência a essa experiência como professora leiga em Ceres, em condições adversas,

através das figuras sêmicas: escola de chão batido, um banco como carteira, professora e merendeira ao mesmo tempo.

Ana aprende a docência atuando na alfabetização de crianças da Colônia. Na escassez de material, sem formação mínima e sem infraestrutura, Ana ensinava tendo o ensino fundamental incompleto. Tempos depois, ao migrar para Araguatins e se instalar no povoado Novo Sítio é que Ana vê a possibilidade de retomar os estudos e numa espécie de autoavaliação ou por consciência das implicações do casamento ainda jovem, das migrações e da ausência do Estado que não ofertava escola pública e para todos, pondera: “Imagina o quanto eram carentes na época, de professor?” (SOUZA [Ana], 2019, p. 2).

Em “Os sentidos da escola e da escolha da profissão docente” (2012), Luiza Helena de Oliveira Silva e Dernival Venâncio Ramos Júnior mobilizam relatos autobiográficos e refletem sobre o processo de formação de professores de História, cursistas do PARFOR/UFT, e contribuem para a compreensão de que “ao significar seu passado e seu presente, os sujeitos buscam significar a si mesmos, a suas experiências” (SILVA; RAMOS JÚNIOR, 2012, p. 124). Partindo desses pressupostos, vemos que Ana questiona a sua admissão quando nem tinha o ensino fundamental completo e considera sorte ter sido contratada nessas condições.

Ademais, ciente da necessidade de estudar e mesmo depois de ter rompido com o estigma da professora leiga por ter cursado Magistério e ingressado via concurso público na rede estadual de ensino (SEDUC/TO), onde atuou por anos como professora leiga contratada, Ana migra mais uma vez (Araguaína), cursa a licenciatura e ingressa através de concurso público também no sistema municipal de ensino de Araguaína, onde atua até hoje como professora de nível II. Dentre outras questões, observamos que Ana compreende a sala de aula como um espaço tanto de ensinar quanto de aprender, sendo, pois, a sala de aula também formativa do professor. E foi nesse contexto (estudo, trabalho, maternidade/lar) que a narradora se constituiu professora, uma sujeita do saber-fazer, ao longo de sua atuação.

Trazemos agora o que enuncia Diná quanto à sua formação:

Objeto-enunciado 31:

Eu tenho aquele antigo Técnico em Magistério em Tocantinópolis que eu fiz. Formação que tinha um programa do governo do estado de Goiás ainda. A gente ficava no internato. Eu fiz o complemento do primeiro pro segundo e depois eu fiz licenciatura curta lá também. Então é chamado Técnico de Magistério na época, né? Na década de oitenta 80 (...) e à noite estudava no antigo Mobral. Então quando terminou, aí eu/ alguém falou que tinha esse curso em Tocantinópolis. E eu fui sozinha pra lá. Quando mamãe percebeu, eu já tava lá, me informando como é que eu poderia entrar. Já com a pouca experiência na regência né [faz referência à experiência na Caiçara em 1978]. (...) É, em Tocantinópolis. Eu fui pra Tocantinópolis. De lá mesmo eu fui me informar como é que eu chegava pra me matricular ser uma aluna. Ai ela falou assim: “_Ah! Mais muito novo a gente não gosta de receber”. Falei: “Eu não vou dar trabalho. Eu quero estudar”. Até que enfim essa diretora me aceitou. Aí eu fui.

Fiquei um ano internada. Concluí o Ensino Fundamental. Conclui o fundamental e quando terminei já ingressei no ensino/Técnico Magistério, nesse internato lá no Centro de Formação. Eram oito horas por dia (8h), a gente ficava no internato. Não pagava nada. Era só dedicação exclusiva. Então lá eu fiquei dois anos em formação, concluindo o ensino fundamental e partindo pra o ensino médio. Quando terminou eu voltei pra Araguatins (...) aí quando surgiu o vestibular aqui pra fazer na UNITINS, aí eu fui assumindo, assumi a direção da escola. Eu muito atarefada com a direção e tinha primeiro pra Pedagogia ((inaudível)) e teve o vestibular, e eu não consegui a nota suficiente pra entrar lá. Tinha poucos alunos, poucas vagas e eu não consegui entrar. Aí eu fiquei aborrecida e o Nemésio me incentivava. Surgiu outra oportunidade depois de seis meses, outro vestibular. Aí eu disse: "agora que eu vou entrar" de novo Pedagogia. Mas na verdade, meu coração era pra fazer Letras. Eu não queria Pedagogia, mas como essa oportunidade que tinha aqui na época pra fazer um curso superior, não poderia dispensar né. Aí nos juntamos, um grupinho de quinze professoras, pagamos professores de Português, pagamos outro de Letras particular (...) e o resto eu me formava/ia sozinha. Classifiquei no vestibular, uma das primeiras notas. Fui bem classificada. Entrei no curso, não era o que eu queria Pedagogia, mas sempre me identifiquei porque a minha vida foi trabalhar com o ensino fundamental com experiência no ensino médio e Magistério em Estágio Supervisionado, mas eu fui me identificando, natural pra mim... (PARENTE [Diná], 2019, p. 2,-4)

Migrar não foi uma condição social imposta apenas para Ana. Objetivando ingressar no Magistério, depois de reconhecer a necessidade de formação, Diná agiu como destinadora de seu próprio destino - “Quando mamãe percebeu, eu já tava lá” (PARENTE [Diná, 2019, p. 2) - e migrou para Tocantinópolis, que ainda pertencia ao Estado de Goiás, onde ingressou no curso Técnico Magistério ofertado pelo Centro de Formação de Professores. A narradora destaca que só foi possível permanecer no Centro de Formação porque era gratuito e possuía internato.

Mas, assim como Ana, Diná ingressou na docência como professora leiga e ainda atuou numa comunidade rural de Araguatins (Caiçara), como regente de sala em turmas dos anos iniciais. Antes mesmo da formação mínima, Diná adquiriu a competência de ensinar. Porém, não bastava *saber-fazer*, era necessária legitimação através do estudo formal, fosse o técnico profissionalizante ou a licenciatura. Ciente disso, Diná concluiu o Magistério, ingressou via concurso público primeiro na Rede Estadual de Ensino (SEDUC/TO) e, tempos depois, no Sistema Municipal de Ensino de Araguatins. Tal como Solange, Eliane e Valdeci, a mulher-professora-aposentada Diná também cursou Pedagogia em Regime Especial, através do convênio SEDUC/UNITINS, no final dos anos 90. Embora tenha desejado o curso de Letras, Diná só teve acesso e, tardiamente, ao curso de Pedagogia. Apesar disso, significa essa experiência enunciando que “não era o que eu queria Pedagogia, mas sempre me identifiquei porque a minha vida foi trabalhar com o ensino fundamental...” (PARENTE [Diná], 2019, p. 4).

Valdeci também não queria Pedagogia. Como já mencionado nos objetos-enunciado 5 (p. 99) e 26 (p. 141), a narradora migrou para Goiânia para estudar e lá cursou parte de sua

educação básica, depois retornando para Araguatins em função da saúde frágil da mãe. Em Araguatins, Valdeci assume a docência como professora leiga. Vejamos o que enuncia Valdeci quanto a esse percurso:

Objeto-enunciado 32:

Eu comecei trabalhar como professora em mil novecentos e setenta e nove (1979) recém-chegada de Goiânia, formada apenas com o Ensino Médio no curso de Contabilidade. (...) eu só tinha o ensino médio Contabilidade. No começo, Contabilidade. Mas aí logo veio/ naquela época tinha um, como se fosse um supletivo. Mas era chamado projeto (LUMEN). O projeto (LUMEN) que a gente fazia o Magistério. Daí eu aproveitei várias disciplinas do ensino médio de Contabilidade, eu só fui pros/ pras disciplinas de Psicologia, de Filosofia, Didática. Essas coisas do (LUME). Eu fiz duas vezes, a primeira etapa que eh, fiz/passei em umas disciplinas, fiquei devendo outra. Aí eu fiz novamente, passei, recebi o diploma direitinho, de professora normalista. E como eu já trabalhava com Psicologia e Filosofia, foi muito bom pra mim, certo? (...) eu só tinha o ensino médio. Ah! O ensino superior já praticamente vim fazer já quase no final já da minha () como professora. Foi quando veio é/ que veio da UNITINS/que veio a UNITINS. Veio a primeira vez que foi uma turma que inclusive o Danilo fez, que não sei o que foi, se foi dois mil, não sei quanto que foi não. Dois mil () parece/foi sei que veio aquela turma e eu. Fiz a inscrição/ eu vou fazer vestibular não. Eu já tava lutando pra aposentar ... (RIBEIRO DE SOUZA [Valdeci], 2020, p. 1-2; 6-7)

Tendo cursado Contabilidade, um curso técnico profissionalizante no ensino médio, Valdeci atuava como professora leiga e encontrou no Programa LUMEN (programa de formação de professores que teve início nos anos 70, fomentado e mantido pelo estado de Goiás, que tinha como foco a formação de professores leigos), a oportunidade de legitimação do saber. Vemos na narrativa de Valdeci a recorrência temática da formação de professores em exercício, ou seja, uma formação promovida no período de férias dos professores, tal como o Regime Especial que Solange, Eliana, Diná e Valdeci cursaram. Apesar de determinantes para o processo de capacitação formal e valorização profissional, essas políticas de formação exigiram desdobramentos e sacrifícios dessas mulheres-professoras.

As narrativas revelam as transformações vivenciadas por cada narradora, isto é, do ponto de vista individual, narram a passagem de professoras leigas para profissionais do Magistério (normalistas e/ou licenciadas) e, do ponto de vista da história coletiva, narram as transformações históricas, a admissão de professoras leigas para o investimento em formação e cumprimento da legislação. Isso porque,

De fato, entre o que, “de dentro”, faz que um discurso *tenha sentido*, e aquilo que, “afora”, ele *dá sentido*, as relações só podem ser da ordem da determinação recíproca e dialética: um discurso só adquire sentido enquanto reconstrói significativamente, como situação de interlocução, o próprio contexto no interior do qual se inscreve empiricamente sua produção ou sua apreensão. (LANDOWSKI, 2012, p. 166)

Nessa direção, trazemos excertos da história de vida de Ester que, à medida que rememorava o seu percurso formativo, parece ter construído sentidos para as suas experiências. Ao lembrar, Ester enuncia os acontecimentos de sua vida que exigiram dela dedicação e

resistência para conciliar lar-maternidade-estudo-trabalho e todas as implicações impostas a ela como mulher-mãe-estudante-professora:

Objeto-enunciado 33:

... consegui terminar o meu ginásio através do supletivo onde ele/ os professores de São Paulo/de Goiânia, não sei de onde era, que todas as férias eles vinham porque nós trabalhávamos. Era uma equipe de professores, não era só eu, e aí nas férias a gente estudava, fazia as provas por correspondência, enviava. E assim terminei meu primeiro grau (...) porque quando eu voltei estudar o segundo grau seriado/porque o (LUMEN) não me deu base. Aí eu voltei estudar lá no Colégio Guilherme Dourado. Aí, na época a minha menina, a terceira filha tinha um problema e ela não falava. E eu não sabia como lidar com a menina porque ela tem problema. E aí eu fui trabalhar na APAE pra ganhar experiência pra trabalhar com ela. Aí eu trabalhava um horário, no município de manhã, de tarde eu trabalhava na APAE e estudava a noite. O certo é que a gente foi levando com muita luta, mas nada sem sacrifício não presta, ninguém dá valor. Eu não queria nem fazer o vestibular/quando eu fiz o vestibular/quando eu fiz o vestibular tinha seis anos que eu tinha parado de estudar, que eu tinha terminado o segundo grau (...) no Guilherme Dourado, eu fiz o (Lume). Com dois anos que eu fiz o (Lume), aí não me deu base, aí eu fui estudar no Guilherme Dourado o Magistério (...) onde a minha professora de didática era muito legal, me deu uma base muito profunda e sempre que eu tinha dúvida, mesmo em sala de aula/ quando eu tinha dúvida, eu ia até lá e ela me ajudava. (...) eu trabalhava e estudava, então eu fui estudando e colocando em prática, estudando e colocando em prática. Aquela época que professor trabalhava e não tinha preguiça de preparar material. Eu fazia figurinhas, fazia letras, fazia quadro (flanelógrafo), fazia joguinho, fazia bingo e sempre meus alunos gostavam. Graças a Deus! Eu tenho orgulho dos meus alunos porque quem estudou comigo aprendeu (...) tava com seis anos que eu tinha parado o Magistério (...) bem aqui na UNITINS/FACILA. (...) O meu () seria Psicologia, mas na época não tinha, não oferecia (...) fiz Letras. Então, eu passei em segundo lugar na faculdade, no curso de Letras, graças a Deus. Eu nunca repeti nenhum ano... (LIMA [Ester], 2020, p. 4-6)

No momento da entrevista, Ester encontrava-se em casa e tinha como público alguns de seus filhos e o companheiro, que assistiram ao nosso diálogo como uma espécie de testemunhas do vivido. Embora a luta pelo direito à formação e as dificuldades para conciliar o estudo, a vida doméstica e o trabalho já tenham sido discutidas de alguma forma nesta tese, por serem temáticas recorrentes nas narrativas de todas as narradoras, o modo singular como cada uma narra nos dá sempre novos elementos. Nas palavras da narradora, tudo isso é assim resumido: “sem sacrifício não presta”.

No Objeto-enunciado 33, ao narrar o ginásio na modalidade supletivo e o Magistério em regime de férias pelo Programa Lumen, Ester desvela o contexto adverso no qual se formou. Ester desejava estudar, mas teve que interromper os estudos para se casar, depois para ter filhos. A licenciatura, por exemplo, só foi possível depois de seis (6) anos da conclusão do Magistério. Emergem daí estados difusos: o sacrifício (estudar nas férias, conciliar a vida doméstica, o cuidado com os filhos (em especial a filha deficiente), trabalhar três turnos em duas instituições,

produzir o próprio material didático; o cansaço e o sofrimento (pouco dormia, tinha que cozinhar à noite para deixar comida pronta para o esposo exigente e ciumento).

Considerando a expressão “Graças a Deus”, que aparece duas vezes no excerto em questão, temos a ideia do sacrifício como condição para se atribuir valor às “coisas”, algo que faz valer à pena. Tal compreensão parece estar ligada à fé, ao divino a quem a narradora atribui as suas conquistas e que opera como força motriz que encorajava a narradora à persistência: “Com dois anos que eu fiz o Lumen, aí não me deu base, aí eu fui estudar no Guilherme Dourado o Magistério” (LIMA [Ester], 2019, p. 5). Neste excerto, Ester menciona o LUMEN, e expõe as fragilidades do curso que, segundo a narradora, pouco contribuiu com a sua formação no sentido da prática.

O esforço para se formar professora circunscreve a história de vida de todas as narradoras. Apresentamos, na seção anterior, os sacrifícios feitos pela mãe e pela avó de Marta para que os filhos e netos tivessem direito à escola. Frequentar a escola foi um esforço individual e coletivo: a tia e as freiras doavam as roupas, a avó reformava as roupas e buscava apoio político para o benefício das bolsas, a mãe trabalhava para suprir a família e criar condições para que estudassem. As crianças colaboravam com os afazeres e pareciam compreender a escola como um espaço político-formativo. Nessa direção, Marta cresceu comprometida com a sua formação, como veremos no excerto apresentado a seguir:

Objeto-enunciado 34:

... eu fiz/ a gente fazia o básico primeiro, né? O científico, né? O básico. Depois que ia pro Magistério. Aí eu fui pro Magistério, né? O Básico foi bom demais. Todo mundo junto, né? que era todo mundo, aquela animação, né? Muitos casos, muitas coisas, mas era uma sala animada (...) aí no Magistério era aquela coisa pesada, tradicionalzona mesmo. Nossa professora de Currículo era a mesma de Didática, que era a mesma de Metodologia. Um bocado de coisa numa pessoa altamente (...) Altamente que você não podia nem se virar de lado que ela já tava brigando (...) antes de ir pra Aldeias Altas eu tive uma experiência lá em Caxias [aos 14 anos de idade], assim nessas escolas particulares: maternal, jardim um e dois, sabe? Particulares assim mesmo (...) quando eu vim pra cá ((inaudível)) eu comecei FACILA e terminei UNITINS (risos). Eu vim pra cá no começo de tudo. Comecei FACILA foi em oitenta e oito (88). Fiz vestibular em oitenta e oito, final de oitenta e sete, né? Aí comecei estudar em oitenta e oito (...) fiz Letras. Fiz Letras. Eu prestei vestibular em dezembro de oitenta e sete, né? Eu voltei pra cá em oitenta e sete, né? Fiz logo o vestibular e passei, e cursei de oitenta e oito a noventa e um (...) olha, eu diria/eu sempre digo que eu fiz um curso superior pela metade. Eu fiz assim/hoje em dia, como diria o povo "Eu fiz um curso superior torto". Estava no começo de tudo. Nós começamos na FACILA que já estava quase morrendo, já no finalzinho tornou-se UNITINS, né? Então nós tínhamos muitas disciplinas sem professores (...) foi tudo assim, muito difícil. Por isso que eu digo que eu fiz pela metade (...) muitas disciplinas não tivemos. Tivemos assim, muito fragmentado (...) hoje quando eu vejo a UFT e tudo mais, eu digo "É, realmente, essas pessoas que estão saindo, estão fazendo universidade!" (LEITE [Marta], 2020, p. 8-10).

A recorrência temática manifesta nas narrativas são indícios importantes que reforçam a ideia da *macronarrativa* de mulheres-professoras-aposentadas no Norte do país. Nessa direção, temos o ingresso de Marta na docência aos quatorze anos (14 anos) e a necessidade de migrar para Araguaína para continuar estudando e ter melhores possibilidades de trabalho. Iniciar na docência ainda bem jovem parece ter levado Marta a reconhecer a importância do curso Magistério, mesmo enunciando não ter aparente aptidão didática “eu nunca me identifiquei com essa questão de fazer () reta, de pintura de colagem. Eu detesto isso. Sempre a minha irmã fazia o meu e o dela (LEITE [Marta], 2020, p. 9). Parecia agravar a situação, o fato de a professora das disciplinas pedagógicas ser a mesma, narrada no objeto-enunciado 34 por Marta como uma figura rígida e autoritária e que tornava o curso uma “coisa pesada, tradicionalzona”.

Assim como Ester, Marta cursou Letras na FACILA, em 1988, que coincide com o momento de transição da instituição para a UNITINS. Marta enuncia que essa mudança refletiu negativamente sobre a sua formação, “fiz um curso superior pela metade”, pois foi marcada pela falta de professores para ministrar as disciplinas. No ano 2000, a infraestrutura da UNITINS foi transferida para a UFT, campus Araguaína, por força da Lei n. 10.032/2000, fato ao qual Marta atribui grande importância, “hoje, quando eu vejo a UFT e tudo mais, eu digo: ‘É, realmente, essas pessoas que estão saindo, estão fazendo universidade!’” (LEITE [Marta], 2020, p. 10).

Concluimos esta seção com o excerto que traz parte do processo de competencialização formal de Antônia:

Objeto-enunciado 35:

Quando a gente foi pro internato, pro Santa Rita, que eu também estudei lá um ano, eu odiei. Só estudei lá porque tinha que estudar, mas eu odiei. Tanto que eu não fui fazer magistério por causa dessa época. A gente era muito presa, tinha que tá impecável. Entrou dentro da sala de aula, a igreja dentro da escola, aula de religião, aula de corte e costura, aula de crochê e tricô. Até hoje eu não sei fazer ((risos)). Travei, não consegui aprender, porque era a régua de madeira na mão se você errasse, entendeu? Ela só olhava pra você e dizia: “pega as duas agulhas, no tricô” e eu odiava tricô, eu sempre fui muito ruim, sabe? De coordenação e só vim aprender depois, mas eu não sei crochê, nem tricô e nem bordado, nada! Não sei, acho que eu não quis, na verdade (...) Ah, eu esqueci de falar uma coisa, eu trabalho em escola desde os 17 anos, então, nesse período eu já era professora. Eu estudava no primeiro ano, eu já era professora ... Tá bom. (...)eu não ia pra casa, eu ia dar aula. Que eu trabalhava nesse período, eu chegava e ia pra sala de aula, pra quarta serie do ensino fundamental até 11 horas da noite. Isso que pesava. E trabalhei ao mesmo tempo, embora contra a vontade de meu pai, vale salientar. Mas eu já era meio de querer minhas próprias coisas, né. Não ganhava bem, 50 reais ((risos)). Você consegue imaginar? Mas 50 reais naquela época era alguma coisa. Equivale ao que hoje (...) Olha, passar no vestibular já foi um marco, tanto pra mim quanto pros meus pais ((emocionada)). E terminar uma universidade, lembrando que eu fiz dois cursos ao mesmo tempo porque no terceiro ano da universidade, a gente fazia bacharelado e eu já dava aula, precisava de trabalhar. Então, a licenciatura [História] é que dava o direito a você de ser professor,

e eu era bacharel. Então no terceiro ano chegou a licenciatura e eu já tava bem adiantada no bacharelado. E aí, você pode fazer os dois cursos, vais ser mais difícil, mas você pode. Aí eu fui fazer os dois cursos, entrei na licenciatura, ganhei um semestre porque no início as duas, as disciplinas eram iguais (...) eu venho pro Tocantins. Eu venho pro Tocantins quando eu terminei a universidade em 92. Lembra que eu passei dez anos? (SANTOS [Antônia], 2020, p. 7; 10-12; 19)

O percurso formativo de Antônia revelou a forte presença das escolas confessionais que marcadamente instituíam uma política de formação desigual para meninos e meninas. Antônia foi levada a fazer escolhas que não representavam o seu querer tanto no ensino médio quanto na graduação. Educada na cultura patriarcal, a formação escolar básica de Antônia impôs a ela experiências complexas: “Travei, não consegui aprender”. Antônia queria aprender e atuar na parte agrícola, mas, ao invés disso, foi matriculada no internato que primava a educação para o lar e a doutrinação religiosa. Nas palavras da narradora: “Entrou dentro da sala de aula, a igreja dentro da escola, aula de religião, aula de corte e costura, aula de crochê e tricô. Até hoje eu não sei fazer”. Ser forçada a ingressar no internato gerou em Antônia um *não querer aprender* refletido na evasão do curso. Ainda assim, devido à necessidade do trabalho enunciada por Antônia como um tempo de “querer minhas próprias coisas”, e mesmo contra a vontade do pai, começou a atuar na docência, aos 17 anos, como professora leiga.

A abordagem inicial nas entrevistas objetivou a construção de uma identificação das narradoras. Na entrevista de Antônia, a narradora fez a sua apresentação iniciando pelo seu nome completo e, em seguida, disse: “Hoje moro em Araguaína, Tocantins. Agora, eu sou paraibana, eu sou da Paraíba, de uma cidade chamada Remígio, no interior da Paraíba, e estudei em Campina Grande depois. Mas isso é quando eu fui pra academia, né. Hoje, moro em Araguaína” (SANTOS [Antônia], 2020, p. 2).

Logo no início Antônia enuncia o seu pertencimento a Remígio, o orgulho de ser nordestina e, com isso, revela o seu percurso migratório durante a vida de estudante e, depois, profissional. Em Remígio (PB) a narradora viveu toda a sua experiência estudantil durante a educação básica, em Campina Grande (PB) cursou História e em Araguaína (TO) ingressou no serviço público. Antônia decidiu continuar vivendo em Araguaína mesmo depois da aposentadoria e enfatiza o tempo: “Faz 27 anos que eu tô em Araguaína, eu vim com 32 anos” (SANTOS [Antônia], 2020, p. 2).

5. 2 Mulheres-professoras em ação (Performance)

Para Tardif (2014), em *Saberes docentes e Formação Profissional*, o/a professor/a se constitui na/pela experiência somada ao tempo de serviço e à formação, sendo nessa relação que esse/a sujeito/a consegue atribuir sentido à sua vida profissional.

Partindo dessa perspectiva e depois de termos analisado o modo como se tornaram professoras as mulheres-narradoras reunidas nesta tese, passamos agora às transformações (mudanças de um estado a outro) vivenciadas por elas, com especial atenção à performance pelo viés da sintaxe em seu nível narrativo, ou seja, ao modo como exerceram a docência, tanto como professoras leigas quanto como professoras normalistas/licenciadas.

Para a semiótica há dois tipos de enunciados elementares na sintaxe de nível narrativo: os enunciados de estado referem-se aos enunciados “que estabelecem uma relação de junção (disjunção ou conjunção) entre um sujeito e um objeto”, e os enunciados de fazer que referem-se aos enunciados que “mostram as transformações, os que correspondem à passagem de um enunciado de estado a outro” (FIORIN, 2014, p. 28).

Vale ressaltar que a performance aqui deve ser compreendida não como um *fazer-ser* posterior à formação, mas como processo de certa forma síncrono *competencialização/performance*. Isso não significa dizer que a docência tenha se dado aliada à formação formal, mas que a formação sempre foi aliada à prática, excetuando Nama, que ingressou na docência já licenciada.

Os objetos-enunciados que apresentaremos ao longo desta seção combinam recortes e pretendem tecer uma sequência que mostra algumas transformações vividas ao longo de suas carreiras docentes e de formação. Para tanto, nesta seção, focalizaremos a *Categoria III - Atuação Profissional/Docência* do roteiro de entrevistas e de análise.

5.2.1 “... houve momentos difíceis porque toda teoria é um pouco distante da prática”

Eleger dados que fossem capazes de mostrar o modo como cada mulher-professora-aposentada agiu em sala de aula foi um grande desafio. Porém, cientes de que as histórias de vidas são fontes inesgotáveis, mobilizamos os dados que pudessem representar o comprometimento e a seriedade com que cada uma delas performou uma professora. Isto posto, evocamos Cidinha que enuncia, entre outras coisas, a formação em Magistério como período de aquisição de um saber que a possibilitou atuar em sala de aula:

Objeto-enunciado 36:

Quanto ao meu primeiro dia de aula, eu estava muito bem-preparada porque no GED - o Grupo Escolar de Demonstração do Centro de Treinamento de Magistério de Inhumas. Lá já tínhamos a supervisora por área que já monitorava o nosso trabalho. Então, todos os planos é/eram feitos com antecedência. Confecção de material com antecedência. Nós trabalhávamos o dia todo, um período pela manhã, no meu caso eram aulas/ministrar aulas. E à tarde o planejamento. (...) e pra dizer pra você, nesse grupo de demonstração não era classe ... era classe média da cidade que conseguia fazer a matrícula. Eram crianças bem-vestidas, os cabelos bem penteados, cheirosinhas. Não foi aquela realidade depois de alguns anos que nos deparamos, né, com a verdadeira escola brasileira que eu admiro e defendo. A escola pública estadual, eu fiquei muito satisfeita, muito feliz e emocionada porque a sala toda/ e naquela época os alunos ficavam de pé pra receber a professora (...) Eu garanto a você que houve momentos difíceis porque toda teoria é um pouco distante da prática. Até que a gente dê conta de sentir as dificuldades individuais de cada aluno e trabalhar continuamente naqueles aluninhos com mais defasagem na aprendizagem! (...) Eu fui muito feliz. E sou muito feliz na escolha que Deus me deu enquanto talento e eu obedeci e até hoje eu amo o que eu faço (...) Érica, você sabe que eu estou falando da escola pública de cinquenta/cinquenta e cinco anos atrás. Érica, a escola pública, para o meu pensamento é o melhor lugar da educação porque lá a gente vê o brasileiro real, as crianças, os jovens, os adolescentes, o que retrata nosso Brasil. Com relação a afetividade, eu acredito que por mais tecnologia, orientadora educacional, supervisão escolar, direção, enfim, uma equipe voltada para o aprendizado cognitivo. É muita razão, é muita ciência. No meu pensar está faltando eu ouvir o sonho do meu aluno (...) Érica, às vezes estão longe da educação enquanto profissionais da educação. O que eu quero dizer com isso? Por exemplo, os melhores profissionais deveriam estar na alfabetização. Os profissionais dedicados a escrita e leitura, interpretação (...) Érica: "Será, meu Deus, que eu estou tão fora da realidade?". Será que os nossos profissionais não estão tão voltados para a pessoa? Só o cognitivo? Só as questões formais? E o ser humano? E o coração humano? E o olhar sedento, carente dos nossos estudantes? Ficam de lado? Eu não acredito Érica que a aprendizagem está só no intelecto. Sabe por que minha filha? Hoje nós estamos fazendo um trabalho sozinhos em casa. Eu estou aqui na nossa biblioteca com o computador aberto lendo "Breve histórico da unidade escolar". Cadê esse calor? Cadê esse esse olhar pedagógico no olhar do outro? (ALMEIDA E SILVA (Cidinha), 2019, p. 2).

Na seção 4, tratamos do castigo com base no que enunciaram as mulheres-professoras-aposentadas como experiência do período de sua escolarização básica. Para tanto, mobilizamos o Objeto-enunciado 19 (p. 126) no qual Cidinha narra o trauma vivido e o modo como tal experiência operou sobre ela. Ainda, refletimos sobre o modo como a experiência narrada contribuiu para a construção de sua identidade de professora, afirmando uma prática diferente da vivenciada como aluna que reverberou em seu compromisso com a escuta sensível de seus estudantes.

Nessa direção, Cidinha rememora a sua primeira experiência como professora e vemos que o GED marca duas importantes etapas de sua vida: a formação no curso Técnico em Magistério; depois, representa o local onde exerceu pela primeira vez a docência como prática formal. A narradora fala com respeito e manifesta gratidão ao GED, mas também se mostrou consciente de que a instituição não era para todos, pois “era classe média da cidade que conseguia fazer a matrícula”, reafirmando a ausência do Estado nesse período.

Naiane Vieira Reis (2020), ao discutir a modalização do sujeito mulher, considera que “Há um super-destinador impessoal, das coerções sócio-históricas, que determina a performance da participante [mães-estudantes-trabalhadoras], mesmo quando está ciente das relações de poder sob as quais se insere e opera” (REIS SILVA, 2020, p. 55). Cidinha compreendia o que representava a escola (GED) como instituição de poder e o seu papel como professora, mas, sobretudo, parecia reconhecer a exclusão subjacente a esse modelo de escola e de sociedade da época.

Embora enuncie a gratidão pelo GED, vemos que as transformações do ser e do fazer de Cidinha estão ligadas à sua experiência na escola básica pública enunciada como espaço de realização profissional: “a escola pública, para o meu pensamento é o melhor lugar da educação porque lá a gente vê o brasileiro real, as crianças, os jovens, os adolescentes, o que retrata nosso Brasil” (ALMEIDA E SILVA (Cidinha), 2019, p. 6). Considerando as “relações contratuais ou polêmicas na relação sujeito com o objeto” (BARROS, 2005, p. 16), ao enunciar a emoção por ser reverenciada e a docência como profecia/destino programado, percebemos a mudança de estado e a conjunção da narradora com o ser professora ao destacar que fora feliz e que obedeceu a Deus que lhe concedeu o talento para performar a mulher-professora-aposentada que é.

Como forma de organizar a narrativa do ponto de vista da “temporalidade” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 497), Cidinha contextualiza o seu discurso-enunciado sublinhando “eu estou falando da escola pública de cinquenta/cinquenta e cinco anos atrás” (ALMEIDA E SILVA (Cidinha), 2019, p. 6). Educada numa escola que tinha o castigo como método, a narradora enunciou a sua performance como professora através de questionamentos que nos levaram a compreender que fora sempre guiada pela empatia, pelo modo sensível e altruísta de olhar o estudante. Dentre os questionamentos feitos pela narradora, temos “Será, meu Deus, que eu estou tão fora da realidade?”, que expressa o seu estado passional de descontentamento com o modo como a escola olha e trabalha o estudante hoje. Em outras palavras, “ouvir o sonho” foi uma prática constante de Cidinha e parece ter sido esta uma característica preeminente na sua história de vida.

Como já dito anteriormente, Cidinha atuava na educação no momento da entrevista, em função de seu segundo vínculo efetivo com a SEDUC (Concurso de nível II). Ao refletir sobre a importância da afetividade e da escuta, a narradora expressa a solidão do *fazer-ser* professora formadora trabalhando no modelo *home office*, imposto pela pandemia da Covid-19, o que acentuou a importância e a necessidade das interações na escola e como estas são formativas dos sujeitos e suas emocionalidades. Ou seja, embora seja papel da escola focalizar a cognição,

não podemos mais, como professores e professoras que somos, não voltarmos a nossa atenção para as subjetividades dos sujeitos.

A solidariedade e empatia são temas recorrentes nos discursos-enunciados das mulheres-professoras-aposentadas. Isso pode ser visto ainda na história de vida e no modo como Ester performou a professora em sala. Vejamos:

Objeto-enunciado 37:

... quando eu não tinha, eu fazia de sucata, de plástico, de papelão, de tudo quanto era coisa. Eu aproveitava. Sabe aquela professora sucateira? E até hoje eu guardo sucata. Tenho muita coisa lá em casa. Joguei um bocado no mato. Aí a menina disse assim: "Mãe joga isso aí no mato, ninguém não usa mais essas coisas não". Eu digo: "não, mas deixa aí. É meu. É só pra mim olhar e lembrar do tempo que eu sofri/ do quê que eu já fui na vida. O quê que eu tive" (...) olha, sinceramente, eu tenho orgulho dos meus alunos porque todos os que passaram por mim, sempre que eu encontro com eles: "Professora, eu me formei em coisa tal, me formei em Ciências, me formei em Ciências Biológicas, me formei () advogados, médicos, aviadores, contador. Então, meus alunos eu tenho orgulho deles. Às vezes eu 'tô' na rua e eu escuto/ () nas costas, no que eu olho, ex-alunos. Um dia eu ia lá na frente do Regional aí encontrei com um ex-aluno meu. Me deu trabalho demais. Ele era "afeminado" e a família queria desistir. Mas eu disse: "Não vai desistir". Aí fui trabalhar com ele, trabalhar com a família dele. Aí a família dele voltou a aceitar ele. Estudou. Hoje ele é formado, né? Tem um bom emprego () ele me pegou, me abraçou, me sacudi no meio da rua (...) [Na escola] tinha o livro didático. Mas agora, nos últimos anos que eu trabalhei já tinha computação. Computador pra a gente planejar, pra tirar a dúvida. Já tinha, mas no início não tinha não. Era só o livro mesmo e quem quisesse que cuidasse de si. É cada um por si e Deus por todos (...) olha, eu tive um aluno, primeiro ano que eu trabalhei. Dava trabalho de demais. Era discriminado. Os outros alunos discriminavam porque ele era bem moreninho. Aí um dia, uns três dias, ele vinha, chorava. Chegava e chorava. Ele não conseguia aprender a ler nada porque os pais dele não sabia ensinar. (...) e eu comecei trabalhar com ele individual. Quando os outros iam pro recreio, eu ficava com ele na sala para desenvolver. Fui desenvolvendo, quando ele já tava bem estimulado, aí eu digo: "Agora você já dá conta de andar com suas próprias pernas, agora". Certo que eu trabalhei dois anos com ele (...) Quatro anos atrás, no ano que foi pra mim aposentar, ele chegou na escola perguntando que queria falar com a professora Ester. Eu vi261209 ele, ainda era criança ainda, nessa fase. Aí ele cresceu, casou. Era representante de uma empresa. Morava em Gurupi e vinha de vez em quando no trabalho aqui na Araguaína e queria encontrar comigo (...) "Professora, sou aquele fulano de tal, sou aquele filho seu que você disse que me adotou. Eu vim aqui só pra te dar um abraço" (...) e eu não tenho o que reclamar da minha vida de professora não... (LIMA [Ester], 2020, p. 14)

Embora norteadas por questões semiestruturadas, Ester organizou a sua narrativa a partir de sua memória. Com isso, tivemos acesso a experiências sensíveis do ponto de vista social e político. Performando a professora, Ester assumiu múltiplos papéis na escola. Além de ministrar as aulas, produzia o próprio material didático e o material não estruturado (lúdico), além de orientar e assistir aos estudantes dentro e fora da escola.

As escolhas enunciativas feitas pela narradora, a exemplo de "eu não tinha", "eu fazia de sucata", "eu sofri", "eu já fui", "eu tive", indicam as mudanças de estado vivenciadas no fazer docente. Os enunciados indicam a disjunção de Ester na relação com os objetos-memórias

(“joguei um bocado no mato”, “mas deixa aí. É só pra mim olhar e lembrar do tempo que eu sofri”).

Outro aspecto que observamos na narrativa de Ester é o modo como articula a sua prática pedagógica à relação com a família. Ao identificar os motivos que afligiam dois de seus estudantes, Ester cria estratégias para resolução dos problemas: ao estudante que sofria discriminação e, como consequência, dificuldades de aprendizagem, a narradora faz o atendimento individualizado; ao estudante referido como “afeminado”, a narradora age dialogando com a família e medeia a aceitação do filho e o respeito à sua sexualidade pelos pais.

Destacamos aqui que as questões de raça, cor e gênero ainda não são problematizadas e tratadas de modo efetivo na/pela escola, pouco colaborando para a visibilidade desses sujeitos e sujeitas e o enfretamento de todas as formas de discriminação. Vemos na enunciação-enunciada de Ester e na história de vida de Valdeci (mencionada no objeto-enunciado 5) que acontecimentos como estes são recorrentes dentro da escola, o que favorece a evasão entre outras formas de exclusão.

Vale lembrar que Ester ingressou na educação e trabalhou por longos anos sem formação pedagógica. Porém, sua performance é marcadamente altruísta e os acontecimentos narrados revelam uma “pedagogia engajada” (HOOKS, 2017), comprometida tanto do ponto de vista educacional quanto social e político. No último período do excerto supracitado, Ester enuncia “e eu não tenho o que reclamar da minha vida de professora não”, o que parece negar os estados passionais enunciados anteriormente que revelam o sacrifício e o sofrimento vividos no exercício da docência, e a ruptura com essa prática ao aposentar-se. Ao narrar suas experiências, Ester revela o seu *fazer-ser* professora, sinalizando as mudanças de estado de disjunção para o estado de conjunção com a prática docente, pois enuncia o orgulho diante da constatação de sua performance.

Assim como Cidinha e Ester, a mulher-professora-aposentada Solange tem uma concepção de escola que vai ao encontro do que Paulo Freire defendia, tendo em vista uma educação que considere o “homem-sujeito”, o “homem como um ser de relações” que “não apenas está no mundo, mas com o mundo” (FREIRE, 2021, p. 56):

Objeto-enunciado 38:

... trabalhei na secretaria. Eu já fui regente sala de ensino fundamental das séries iniciais, ensino fundamental das séries finais. Hoje né, que a gente/ (que) na nomenclatura é essa, regência no ensino médio. E inspetora né, na Diretoria Regional. Trabalhei na Inspeção também na secretaria de educação em Palmas né, na época (...) trabalhei também nos Pioneiros Mirins (...) era um programa, um programa que tinha proposta interessantíssima considerando as problemáticas que a gente percebe dentro

do sistema de educação. Então, lá a gente tinha possibilidade de trabalhar essas problemáticas que é leitura, que é escrita, que é a dificuldade de matemática nas operações. Então, assim, a gente conseguia fazer esse trabalho. E, além disso, a gente conseguia trabalhar essas questões sociais que é um/ no meu ponto de vista, é o eixo, é a ponta da meada pra gente conseguir resolver esses problemas que identificava, tanto dentro das escolas, famílias e sociedade né? E essa é a minha história. Depois eu retornei pra secretaria né, também trabalhei na/um ano, por um ano na direção da escola. É, na Diretoria Regional trabalhei no/é Recursos Humanos, trabalhei no pedagógico, no ensino pedagógico e retornei aqui pra escola. Supervisão, Orientação, não. Tenho uma histórico de funções de experiência em várias funções né (...) enquanto secretária da escola eu elaborei um outro projeto chama Correio na Escola. Então, eu tinha uma geladeira velha lá no depósito. Eu peguei a geladeira vim aqui no final da semana, encapei a geladeira. Depois vou te mostrar. Coloquei o nome “Correio”. Fiz a caixinha do carteiro. Fiz a roupa. Botei o nome tudo direitinho. Montei o projeto, entreguei pra as professoras de Letras/de linguagem pra elas, através do projeto, elas estarem trabalhando essa questão da escrita, da leitura e ao mesmo tempo a gente trabalhar essa relação entre os meninos. Essa relação entre funcionários e alunos, alunos/funcionários. É, entre pais e filhos porque eu divulguei na reunião. Pedi para os pais que trouxessem cartinhas porque (inaudível) carteiro entregar (...) teve pais que trouxeram cartas lindas pra entregar pros filhos... (RODRIGUES DA SILVA [Solange], 2019, p. 2; 4- 5).

A mulher-professora-aposentada Solange, ao dizer sobre o seu fazer pedagógico, mencionou os múltiplos papéis assumidos como profissional da educação. Nessa direção, vale ressaltar que o profissional do magistério que atua na educação básica pode desempenhar funções técnico-pedagógicas, conforme estabelece a Lei n. 11.738/2008. Assim, compete aos profissionais do magistério desempenhar, além da docência, as atividades de suporte à docência: administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional (BRASIL, 2008). Isso explica o percurso profissional da narradora que atuou como Inspetora, Secretária Escolar e Diretora de Unidade Escolar. Quanto ao fazer na função de suporte à docência, Solange rememora duas experiências que considerou notáveis: o Programa Pioneiros Mirins e o Projeto Correio na Escola.

Implantado em 1989 no governo de José Wilson Siqueira Campos, o programa Pioneiros Mirins tinha como objetivo atender crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e risco social com atividades educativas em centros municipais, ofertando uma bolsa-auxílio (TOCANTINS, 2021, *online*). Sobre a sua experiência com este programa, Solange atribuiu valor às ações desenvolvidas junto aos estudantes, em especial o trabalho voltado para a leitura e a escrita. Também sublinha o trabalho com a família e a atenção dada às questões sociais, que classifica “a ponta da meada”. Depois, a narradora fez referência à sua performance com o Projeto Correio na Escola que também vislumbrava o desenvolvimento da leitura e da escrita pelos estudantes e a relação entre pais e filhos e da família com a escola. A proposta do projeto parece ter sido uma forma de a mulher-professora-aposentada Solange que atuava na secretaria da escola, naquele momento, manter-se com o pé na sala de aula, ou mesmo

parece ser um exemplo de seu compromisso político e social como professora que não ficou alheia às demandas da escola.

Cidinha, Ester e Solange ao enunciarem as suas experiências produziram para nós evidências de uma prática consciente e sensível, focada no sujeito e nas suas relações com o mundo, conforme nos orienta Paulo Freire (2021). Veremos que todas as narradoras seguiram, pois, tal orientação, ainda que Paulo Freire não consistisse um nome, um referencial, uma prática na qual se espelharam, uma vez que, como vimos, a maioria delas ainda não havia cursado o Magistério tampouco uma licenciatura. Atuavam intuitivamente, mas parece terem sido orientadas pelo contexto e as subjetividades de cada uma, suas percepções sobre o que demandavam os sujeitos-estudantes pertencentes àquele lugar, naquele momento.

5.2.2 *Fazer-ser* professora “Você aprende na prática mesmo”

As entrevistas revelam os limites e as possibilidades da prática docente. Revelam o quanto cada mulher-professora-aposentada mobilizada aqui protagonizou a educação no Norte e Nordeste do país, em condições tão desfavoráveis à prática, à formação, ao ensino e à aprendizagem.

No título desta seção terciária, apropriamo-nos de um enunciado produzido pela mulher-professora-aposentada Nama, “Você aprende na prática mesmo”, que antecipa para nós um pouco de sua experiência no início de sua atuação em sala de aula como professora regente.

Objeto-enunciado 39:

Inexperiência ((risos)). Tava terminando a faculdade, foi no último ano da faculdade. Não sabia nada da sala de aula porque o estágio não prepara a gente pra sala de aula, né? Você aprende na prática mesmo, no estágio não prepara não. E como era à noite, era até mais tranquilo os alunos. Aí você imagina, eu com 20 anos pegando aula à noite (...) A dificuldade foi no manejo da sala de aula. A questão não era o conteúdo, porque o conteúdo de inglês eu sabia, mas a questão foi o manejo da sala de aula. De dar aula mesmo, de preparar com os alunos, essa foi a dificuldade (...) Eu me sentia nervosa, ficava nervosa ((risos)). Aí, ia correndo atrás pra ver o que eu ia fazer, ficava procurando coisas pra apresentar, dar, elaborar atividades (BRITO [Nama], 2020, p.6)

O estágio supervisionado faz parte do programa de formação de todas as licenciaturas e tem como finalidade a inserção desses estudantes na escola. Dentro disso, o estágio deve possibilitar a vivência de experiências no contexto da sala de aula orientadas por reflexões teóricas e práticas. A partir do que enuncia Nama e de nossas próprias experiências, o estágio não contempla mesmo toda a dinâmica do processo de ensino e aprendizagem, tampouco as subjetividades dos sujeitos na sua relação com o mundo que emergem na sala de aula como demandas diárias. Porém, minimamente, deve apontar caminhos para que, diante das múltiplas e

urgentes questões educacionais, os sujeitos/as em formação possam ser capazes de criar estratégias e encontrar caminhos para que a sua prática seja libertadora (FREIRE, 2021; HOOKS, 2017), logo, forme sujeitos/as conscientes e críticos/as.

A in experiência de Nama, como a narradora mesma nomeia, aponta para outra questão: a formação continuada de professores/as. Além disso, aponta para a importância do acompanhamento pedagógico, em especial dos professores iniciantes com vistas a auxiliá-los no período de iniciação. Nama manifesta o seu estado passional de insegurança gerador do nervosismo ao se deparar com os estudantes em sala. A narradora enuncia o preparo teórico, mas se vê insegura no fazer-ser professora: ensinar ali, para aqueles estudantes, e produzir resultados de aprendizagens.

Algo semelhante foi vivenciado pela mulher-professora-aposentada Ana que, ao performar a professora no início de suas atividades docentes, numa escola precária e sem a formação mínima exigida pela LDB, porém dotada de saberes e experiências, descobre as demandas educacionais e o que estas exigiriam dela: “Eu não sabia como era dar aula” (FEITOSA [Ana], 2019 p. 4), entre outras questões. Vejamos:

Objeto-enunciado 40:

Numa mesa. Aí explicava pra eles a importância de estudar, de aprender aquelas letras pra aprender ler, escrever, pra ser alguém na vida. Os meninos ficavam todos alegres, felizes: "Ah! Lá vem a tia". Chamavam de tia naquela época () tinha que tomar banho... pra depois do almoço que eu chegava 'tava' tudo ali. Tinha uma casa que eram cinco meninas, todas - até faleceu uma esses dias. Eu soube agora - mas todas, a escadinha, sabe? Eu não fazia plano não. Eu não sabia como era dar aula. Era só () e logo aprendiam ler. Ai da tinha essa facilidade, eles depois daquela Cartilha de Abc, aí vinha o livro, né? Vinha os livros: "Já sei lê", né? O nome dos livros, diferentes, bem pequenos até. Aí comprava aqueles livros. Já ia/já passou pro primeiro livro. Quer dizer, já 'tava' no primeiro ano. Aí a gente/eu fazia as tarefas era de acordo com os livros porque eu não sabia o que era planejar nem nada. Eu nunca tive orientação de ninguém porque quando eu estudava, a minha professora, ela dava aula na casa dela. Ela fez um cômodo grande, tipo um galpão e botava a mesa com esses, era umas tábuas pra a gente sentar ao redor dessa mesa e ela dava aula era assim. Então, eu achava que o certo era daquele jeito... (FEITOSA [Ana], 2019, p. 4)

Crescemos ouvindo que deveríamos estudar “pra ser alguém na vida”, conforme enuncia Ana. E, talvez, alguns de nós, na ação docente, tenhamos também reproduzido tal discurso. Porém, considerando o que nos ensina Paulo Freire (2001), somos sujeitos/as epistêmicos/as, históricos/as e biográficos/as, logo, já nascemos alguém. Possivelmente esse discurso tenha sido perpetrado pelo fato de a educação ser o meio mais concreto de ascensão social ou pode ser uma expectativa dos professores/as que cada estudante tenha o direito à formação e ao trabalho, a uma vida condigna.

Ana, assim como as demais narradoras já mobilizadas nesta seção, revela uma performance voltada para a relação dos estudantes com a família e da família com a escola. Os elos construídos durante a convivência na escola perduram estendendo-se à vida, como pode ser visto nos exemplos: o estudante que retorna para agradecer a Ester (Objeto-enunciado 1), e Ana que manteve contato com familiares e recebe notícias: “até faleceu uma [estudante] esses dias”.

Vemos na performance de Ana iniciativas importantes do ponto de vista de seu engajamento social e consciência política a partir do ato de ensinar, o que nos faz refletir sobre: Em favor de quem e contra o que as mulheres-professoras-aposentadas fizeram educação? Em favor de quem e contra o que as mulheres-professoras-aposentadas ensinaram? Tais questões nascem da leitura de *A Importância do Ato de Ler*, Paulo Freire (2011), e apontam possíveis leituras quanto à ação de ensinar considerando o contexto local, as demandas educacionais de aprendizagem e as subjetividades de cada sujeito/a estudante, o que explica usar os saberes e os conhecimentos “mínimos” como instrumento de combate ao analfabetismo local. Ana não fazia plano (“Eu não sabia como era dar aula”), porém, assumiu um compromisso com a comunidade, sacrificou o tempo com os filhos, comprometeu as suas atividades domésticas e assim constituiu-se uma professora. A narradora reconhece as suas limitações e se orgulha dos resultados alcançados enunciando “e logo aprendiam a ler”. Para chegar a esse resultado, Ana reunia-se com os pais e compravam os livros (Cartilha do ABC), fato esse que entusiasmava os estudantes que, ao se depararem com o objeto livro e se reconhecerem alfabetizados, manifestavam alegria.

A experiência de Ana, como ela mesma rememora, é um reflexo de sua experiência de estudante que ia estudar na casa de sua professora ao redor uma mesa improvisada. Na ausência de uma formação e suporte pedagógico que orientasse à prática, a narradora ensinava a partir de suas vivências, compreendendo que “o certo era daquele jeito” (FEITOSA [Ana], 2019, p. 4).

Nessa direção, vemos o fazer docente da mulher-professora-aposentada Valdeci também como reflexo do que aprendeu ou esperava ter aprendido na escola como estudante:

Objeto-enunciado 41:

Eu trabalhava e eu gostava muito. Eu me sentia melhor trabalhar com adultos no ginásio do que com crianças (...) eles participavam, mas um pouco muito acanhados porque naquela época os professores passavam muita coisa: questionário e decorar. E eu cheguei com uma certa inovação. Eu não dava questionário. A gente passava conteúdo no quadro, a gente explicava, fazia trabalho em grupo, eles apresentavam e a gente discutia o assunto. Tanto é que umas colegas minhas diziam assim pra mim que eu não nasci pra consertar a educação, que desse jeito “O quê que eu ia fazer se

os alunos eram acostumados a decorar?”. Eu dizia: "Eu não quero que vocês decorem porque vocês vão ficar parecendo aqueles animais que usam aquelas viseiras, que não pode olhar de lado, é só na frente, só naquilo que tá bitolado pelo professor". Então, minha linha de trabalho foi assim (...) outra coisa também que eu sempre carreguei pra sala de aula, que o professor não é santo. A gente erra também e quando eu errava que depois eu percebia o meu erro, eu me retratava diante da minha turma. Digo: "Olha, aconteceu isso e isso, assim e assim e quero pedir desculpas pra vocês ou pra você porque eu deveria ter falado aqui, mas não da forma como eu falei" porque machuca as pessoas. Não é o que ela fala, é como ela fala. Então, sempre procurei, do jeitinho que eu tratava os meus filhos em casa (...) eu lembro que quando eu comecei, eu não fiz magistério, eu não sabia preparar aula, eu não sabia planejar aula, eu não sabia o quê que era um planejamento. Então, eu lembro que a finada Dejanira, MEU DEUS, ela ia lá pra minha casa me ensinar como era que fazia/planejar, preparar as aulas. Ela me ensinou muito, muito, muito mesmo. (RIBEIRO DE SOUZA [Valdeci], 2020, p. 11).

No início do objeto-enunciado supracitado, vemos que Valdeci está em conjunção com a escola ao manifestar o trabalho como algo que gostava de fazer. Percebemos ainda certa euforia – termo entendido aqui como “termo positivo da categoria tímica que serve para valorizar os microuniversos semânticos, transformando-os em axiologias” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 192) -, quando a narradora enuncia que inovou em sala de aula: “A gente passava conteúdo no quadro, a gente explicava, fazia trabalho em grupo, eles apresentavam e a gente discutia o assunto” (RIBEIRO DE SOUZA [Valdeci], 2020, p. 3). Escolarizada num contexto tradicional, mas movida pelo *querer* e pelo *dever*, a narradora viu a sala de aula como um espaço de transformação pedagógica. Nesse sentido, desejou romper com o tradicionalismo (decorar e responder a questionários estruturados) e implementou novas práticas as quais avalia como eficazes (o trabalho em grupo, o debate etc.).

Valdeci sofreu violência racial e foi subestimada pela sua cor e sua condição socioeconômica, o que fez prevalecer na narradora um *querer-fazer* diferente. Ao enunciar que não queria que seus estudantes usassem viseiras e seguissem sem olhar para os lados, parece que a narradora faz aí uma referência ao termo pejorativo “burro”, negando-se a reproduzi-lo. Ao explicar a sua performance, nas palavras da narradora sua “linha de trabalhado”, Valdeci representa o seu fazer docente como uma prática consciente e crítica, pois reconhecia quando errada e pedia desculpas sempre que necessário. Isso vai ao encontro do processo de ressignificação da figura do professor autoritário - detentor do conhecimento -, para um professor mediador – que focalizava a relação com os sujeitos e com o mundo.

Ingressar na docência como professora leiga impôs a Valdeci um *aprender a fazer* na prática. Planejar e ministrar aulas foram aprendizagens desenvolvidas no dia a dia da ação docente, revelando que o *fazer-ser* professora foi algo construído por Valdeci, que contava com

o apoio de duas professoras experientes, Djanira e Cidinha, a quem se refere com saudosismo, admiração, afeto e respeito.

Somada à ideia de aprender na prática, presente no discurso das narradoras supracitadas, Eliana enuncia a sua ação docente também como uma experiência de competencialização de si como sujeita do saber:

Objeto-enunciado 42:

... era assim, nesse primeiro aninho, eu percebi que nem todos, nem todos conseguiram. E aí eu reconheci que de fato eu não estava né / eu a precisava realmente aprender mais né. E só que assim, esse aprendizado era lento também, até mesmo pro professor né. Até porque o professor ele aprende muito com aluno. É muito fazendo também. Ele aprende muito dando a aula porque eu acho que ele aprender mais do que o próprio aluno. Ele se preparar né, nos trabalhos. E eu percebia. Nesse final de () eu percebi por que alguns alunos, eles conseguiram nas séries seguintes porque os pais vinham até mim e diziam obrigado porque realmente eles já sabem. Então assim foi o que me aliviou um pouco né? Porque eu era muito preocupada em meus alunos aprenderem as coisas, na verdade é uma avaliação escrita mesmo né? Naquela época passava no mimeógrafo né? E também aquela verbal que a gente perguntava, pedia pra o menino ir ao quadro escrevia, se ele conseguisse é porque aprendeu né? (...) Na prefeitura tinha biblioteca (...) não tinha na escola. Tinha bem poucos livros, de repente o livro didático que auxiliava na pesquisa (...) nós tínhamos um tempo de planejar na escola, mas não da forma sistemática que acontece hoje né? Você era mais livre. Você podia ficar na escola ou ir pra casa. Planejar em casa que rende muito mais. Planejar em casa rende, né? Então assim, era melhor. Mas eu trabalhei também com quarenta horas na sala de aula. O tempo fica muito restrito e aquele período de você planejar na escola termina que você não planeja. Você vai terminar de planejar em casa, ultrapassando as quarenta horas. Não é bom (...) as carteiras elas eram enfileiradas. Mas isso não era uma regra, sabe? Nós tínhamos essa autonomia de colocar da forma que nós queríamos, mas assim, o fato da sala ser muito cheia impossibilitava essa dinâmica de organização das cadeiras/carteiras. Mas de vez em quando a gente fazia assim essas mudanças, né?(...) porque hoje você dá aula de matemática diferente de antes. Hoje tá bem melhor e às vezes eu até me envergonho por isso porque/e não/como eu não sabia outra forma, eu não tinha passado por uma faculdade, eu não tinha passado por uma capacitação () fazia como sabia. Quando eu/depois da faculdade, isso mudou... (SILVA [Eliana], 2020, p. 3; 10-11).

Compreendendo que havia saberes necessários à prática docente, ao enunciar a sua experiência em sala de aula, Eliana reconheceu que precisava “aprender mais” para ensinar, indo ao encontro do que diz Paulo Freire ao sublinhar sobre a “nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente” (FREIRE, 2021, p. 14). Embora sem a formação mínima exigida para o Magistério, Eliana parece ter compreendido que a prática educativa tanto era formadora do/a professor/a quanto do/a estudante, logo, a sala de aula se constituía um espaço que conjugava ensinar e aprender como uma experiência durativa. Para Paulo Freire,

Não há docência sem discência, as duas se explicam, e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. É por isso que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo relativo. (...) Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa, e foi *aprendendo* socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. (FREIRE, 2021, p. 23-24).

Assim como as demais mulheres-professoras-aposentadas mobilizadas nesta seção, Eliana dedicou-se ao fazer docente e investiu no acompanhamento da aprendizagem e na relação com a família dos estudantes, o que resultava numa espécie de avaliação de seu trabalho. Ao enunciar “os pais vinham até mim e diziam obrigado” e “foi o que me aliviou um pouco”, vemos o compromisso da narradora com o ensino e o cuidado em avaliar a própria prática. Eliana vivia a tensão saber e não-saber o que parece tê-la levado a *querer-saber* para *poder-fazer*.

Dispondo apenas de mimeógrafo, do livro didático e trabalhando 40 (quarenta) horas aulas, Eliana definiu algumas estratégias (avaliação escrita, avaliação verbal), reconheceu a necessidade de formação pedagógica (“às vezes eu até me envergonho por isso porque/e não/como eu não sabia outra forma, eu não tinha passado por uma faculdade”) e buscou apoio nas demais colegas e professoras para pensar a sua prática e promover o desenvolvimento de seus estudantes. Vemos aí a sua transformação de *sujeita do querer*, que “não tinha passado por uma capacitação () fazia como sabia”, para uma *sujeita do saber*: “depois da faculdade, isso mudou”.

5.2.3 “Nós não tínhamos nada, nada, nada, nada a não ser o lápis, o caderno”

Quanto mais mobilizamos as histórias de vida das mulheres-professoras-aposentadas, mais reconhecemos os desdobramentos (estratégias para ensinar e aprender, conciliar trabalho-estudo-lar) e deslocamentos (apropriação teórica, migração para estudar ou trabalhar, condições indignas de trabalho) que precisaram fazer para promoverem uma ação docente engajada pedagogicamente. Iniciamos esta seção com um enunciado da mulher-professora-aposentada Diná que, ao rememorar a sua atuação docente, aponta para tais questões, como veremos a seguir:

Objeto-enunciado 43:

Setenta e 78 (setenta e oito), por aí. Aí a Sueli foi embora e aí eu fiquei de setembro até dezembro trabalhando com o nome da Sueli (...) na primeira experiência já iniciando multisseriada e a noite trabalhava na antiga Mobral. (...) olha, era tudo difícil, mas tinha aprendizagem. Eu alfabetizei no tempo do flanelógrafo ainda, que hoje se falar é uma gozação. Mas eu alfabetizei com o flanelógrafo. Eu, quando nós éramos uma turma de alfabetizadores no Leônidas, então a turma chegava no final do ano, outubro, eu tinha quatro alunos que não tava ainda aprendendo ler. Eu ficava: “Meu Deus! Como é que eu vou finalizar?”. Chegando já final do ano tem quatro alunos que não desenvolveu, de repente desenvolvia dentro de uma semana porque a criança tem ((inaudível)) rápido. E outras vezes tinha um ou dois que não conseguia, mas no geral era um ou dois que não conseguia. Mas naquele tempo que eu era ainda muito jovem, eu dava aula era sentada no chão, cruzava as pernas, ficava o período todo sentada com eles no chão () então era muito dinâmica. Hoje se for fazer isso eu não consigo ter a mesma dinâmica não porque se for pra sentar no chão e cruzar as

pernas, eu teria dificuldade. Aquele tempo era todo diferente e os alunos aprendiam longe da tecnologia. (...) nós não tínhamos um ventilador dentro da sala de aula, climatização zero, mas, não sei o porquê, assim, mas hoje, os alunos têm de tudo, as vezes, mas deixa a desejar (...) e tinha aprendizagem (...) foi luta pra conseguir fazer o Ednam escrever sem rasgar o caderno e aprendi (...) comprava lápis e quebrava no meio. Fazia a ponta, o aluno que não tinha eu dava ((risos)) eu carregava uma bolsa cheia de lápis quebrado, de borracha pra mostrar pra eles que eles não iam me enrolar. Eles não tinham lápis, mas não iam me enrolar. E o caderno tinha que tá cem por cento de organização (...) eu fazia duas coisas à moda antiga: a fileira, as vezes eu fazia círculo, ou as vezes chão. Eu sentava muito no chão com os pequenos, né? Os grandes () quando tava meio difícil, as vezes eu fazia uma técnica de bater palmas. Então, quando eu fazia uma técnica "vamos bater palmas?", era pra eles baterem e silenciar, entendeu? (...) nós não tínhamos uma sala de vídeo para levar, não tinha calculadora. Nós não tínhamos nada, nada, nada, nada a não ser o lápis, o caderno (...) e as atividades de escrita de escrita era copiando do quadro. Era copia, copia... (PARENTE [Diná], 2019, p. 2-7).

Vimos anteriormente que Diná compõe o quadro de mulheres-professoras que ingressaram na docência como professora leiga. No objeto-enunciado acima, além de reafirmar esse dado, a narradora acrescenta o fato de ter assumido o serviço público sem nenhum tipo de vínculo empregatício com a secretaria/prefeitura, compondo um quadro de “substituição branca”. Embora não tenhamos dados oficiais que fundamentem o uso do termo, esse é o modo capturado de escutas e da minha experiência como professora em início de carreira em 1998.

Performar a professora numa escola com pouca infraestrutura (não tinha nem ventilador, por exemplo), sem suporte pedagógico, nem didático, e ainda numa turma multisseriada que tem por característica reunir turmas (anos/séries) distintas numa mesma sala sob regência de uma mesma professora, parece ter exigido maiores esforços de Diná. Porém, focalizando o desenvolvimento dos estudantes e como forma de produzir resultados, além de uma realização profissional, a narradora foi se apropriando dos recursos disponíveis (o flanelógrafo, por exemplo) e adotando estratégias (sentar-se no chão) aprendidas na sua relação de estudante com a escola e na relação professora leiga com colegas professoras em exercício.

Consideramos importante reconhecer na performance de Diná o seu engajamento pedagógico que pode ser visto, por exemplo, no caso do estudante que tinha dificuldades em escrever sem rasgar o caderno. Como estratégia para suprir os estudantes que não dispunham de material, Diná carregava na bolsa lápis que partia ao meio, fazia a ponta e entregava ao estudante para que fizesse a tarefa, isso tanto com os estudantes que tentavam burlar a tarefa quanto com aquele que de fato não possuía material. Ainda, chama a atenção o modelo de educação ofertado na época, na região Norte do país, que aponta para uma ausência do Estado que não subsidiava as redes de ensino com infraestrutura educacional (espaço físico adequado, suporte didático, suporte pedagógico etc.): “Nós não tínhamos nada, nada, nada, nada a não ser o lápis, o caderno (...) e as atividades de escrita de escrita era copiando do quadro. Era copia,

copia”. Em outras palavras, Diná atuou na docência movida por um *querer-ser* professora e ao assumir a sala de aula foi constituindo-se sujeita do saber e do fazer.

As temáticas que perpassam a atuação docente de Diná, de modo semelhante, também aparecem na experiência de Marta. Vejamos:

Objeto-enunciado 44:

Eu trabalhava o dia todo. Era complicado. Era difícil porque eu trabalhava o dia todo. Trabalhei um tempo, já no final do (contrato) no Estado, então, ia pra APAE seis da manhã, pegava o ônibus né, pra ir pra APAE. Ficava o dia todo lá perto da rodoviária, pro final da Cônego João Lima. Aqui em frente a Presbiteriana. É complicado, né? (...) Ficava o dia todo lá. Eu lembro que eu só/Eu nem tomava banho. Eu só/acho que trocava a sandália () usava um mais confortável e ia pra faculdade. Aí quando eu chegava, dez e meia, onze horas, eu tomava banho, comia um lanche e ia estudar. Até/às vezes eu ficava até três da manhã, duas da manhã pra seis horas eu estar na parada de ônibus (...) oitenta e nove foi município. Esqueci de te falar. Minha pior experiência como professora, eu acho que ainda hoje, uma turma. Nós começamos trabalhar no galpão da ()... ()... as máquinas, os homens, toda aquela ferramenta e quatro salinhas. Lá, assim, embutida ali, entre as máquinas, os tratores e os homens. A Escola Casemiro Ferreira Soares começou assim. Eram quatro salas (...) então, nós entrávamos pelo mesmo portão que entrava o carro do lixo () lá fica esse tipo de coisa, né? Ainda hoje fica. Nós entrávamos também. Aí nos apertávamos nas salinhas ali. Aí era a primeira ((inaudível)) no município/oitenta/ final de oitenta e sete/oitenta e oito. Aí dali, né, quando chegou um tempo que não tinha como ficar (...) não tinha a mínima [infraestrutura]. Eu tinha aluno de sete a quinze anos e meus alunos vinham sabe de onde? Tiúba. Nesse tempo o Tiúba pra lá vila Ribeiro era só mato, quando eles chegavam na escola, na parte da tarde, chega o suor descia. A distância. Tinha água gelada pra beber? Não tinha água gelada pra beber (...) e chegar numa sala lotada, sem ventilador com quarenta e cinco alunos. Ele de sete anos junto com o de quatorze, com o de treze. Nam, era horrível. Foi minha pior experiência. Marcou, viu? (...) Eu fiquei na escola Alfredo Nasser/ eu tenho um jeito romântico mesmo de trabalhar. Eu apaixonei por aquela escola. Ainda hoje eu lembro daquela escola, daqueles pássaros, uma coisa que acompanhou toda a minha história foram os pássaros. E lá que as salas são amplas, grandes, ventiladas. Eles vinham fazer ninho assim perto da mesa do professor (...) eu trabalhei até noventa e nove... eu acho... até noventa e nove... aí fui pro Guilherme Dourado... (LEITE [Marta], 2020, p. 11-16).

A sala multisseriada também foi um acontecimento marcante para Marta dada a heterogeneidade acentuada pela faixa-etária e conteúdos distintos, a precariedade da infraestrutura do local onde funcionava a unidade escolar (um galpão), as condições indignas de trabalho e estudo, entre outros aspectos. Além do esforço de Marta para chegar à escola e conciliar o trabalho e o estudo, os estudantes também percorriam longas distâncias para chegarem à escola. Marta nem podia tomar banho entre um afazer e outro e ao chegar em casa “tomava banho, comia um lanche e ia estudar”. Os estudantes andavam a pé sob o sol forte, chegavam à escola e não havia água gelada e nem ventilador nas salas que pudessem refrescá-los. Suados e cansados, buscavam atenção da professora e criavam condições para aprender numa sala superlotada.

Considerando o termo “horrível” enunciado por Marta para qualificar a sua primeira experiência como sujeita da ação docente, temos aí a disforia – “categoria tímica, que serve

para valorizar os microuniversos semânticos – instituindo valores negativos” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 149) – e que está vinculada ao sofrimento vivenciado tanto pela professora quanto pelos estudantes que estudaram entre máquinas, trabalhadores e o lixo. Depois, ao narrar as experiências vividas, em especial na Escola Estadual Alfredo Nasser, Marta usa o termo “apaixonei” que está vinculado à satisfação por atuar como professora numa escola onde há pássaros que cantam todos os dias, salas grandes e ventiladas. Marta recorre a essas figuras para atribuir sentido à sua performance e às transformações vividas ao longo de sua ação docente, nomeada pela própria narradora de “jeito romântico” e parece tecer uma metáfora de uma escola ideal.

Para concluir esta seção, mobilizamos parte da história de vida da mulher-professora-aposentada Antônia que narra algumas de suas experiências como sujeita do *saber* e do *fazer-ser* docente:

Objeto-enunciado 45:

Nós estamos precisando de um professor bom naquela escola. Um professor pelo menos seja falante. Eu: “Caramba! Um professor que seja falante!”. (...) Cheguei na escola (...) Eu fui pra primeira série, que eu disse a ela: “Não me bote pro menino aprender a ler, me bote numa sala que o menino já sabe escrever”. Até hoje eu não consigo, se for pra pegar na mão de criança, nem o meu filho eu consegui orientar ((risos)). Eu não sei, eu não tenho paciência. Entendeu? Se tem uma coisa que eu não tenho é essa paciência. Aí, eu fui professora de primeira série, era uma turma mista. (...) Tipo, do A forte, do A fraco, do A caldo de batata e do A que não sabia absolutamente nada. Nem pegava na caneta. Entendeu? Era um universo muito misturado. Beleza, 40 crianças, não tinha uma janela na sala de aula, mas lá também é fresquinho não é calor como aqui, então, dava pra aguentar. A única janela que tinha era pra dentro da escola que dava no corredor e que você tinha que fechar pros meninos não...Entendeu? Lá vamos nós! (...) E a gente resolveu que nossa escola ia ser uma escola a partir do momento que a gente entrou lá. Só um detalhe, a gente que fazia merenda, a gente que limpava quando terminava e a diretora era a primeira que pegava a vassoura e a primeira que pegava o balde. (...) A gente fez a biblioteca da escola, fizemos festa de São João. Primeira festa. Os alunos não sabiam o que era uma festa de São João numa escola. Todos eram do sítio. Todos chegavam com uma peixeira do lado, do tamanho do monge. Minha primeira experiência ruim na sala de aula foi um aluno que fez a ponta do lápis, nessa época só usava lápis, não tinha caneta. Fez a ponta desse tamanho e enfiou na mão do coleguinha, bem aqui no meio. (...) Com certeza e a biblioteca eu sempre usei muito. E a interdisciplinaridade principalmente. Por quê? Uma coisa que eu gostava muito era de trabalhar com a literatura, sempre trabalhei com a literatura e eu tive, depois que eu fui conhecer Paulo Freire em 95, eu tive colegas de Letras, né. (...) Então a gente trabalhou muito juntas. Nossos projetos eram juntos, história e português eram sempre juntas. E eu trabalhava com o pessoal da matemática. Em filosofia, como o estudante não gosta de filosofia, eu tinha que arrumar um jeito. (SANTOS [Antônia], 2020, p. 16).

De modo descontraído Antônia narra a sua atuação docente iniciada ainda jovem no interior da Paraíba. Entre risos, recordou o momento em que foi convidada para assumir uma sala de aula como professora sob o argumento de ser “falante”. Embora tenha causado estranheza tal argumento, Antônia sentiu-se tentada pela possibilidade da remuneração, mas deixou clara a sua inabilidade com crianças pequenas da etapa de alfabetização.

Assim como Marta e Diná, Antônia iniciou numa turma multisseriada e teve que lidar com os estereótipos que classificavam os estudantes como bons ou ruins. Diante disso e da ausência de infraestrutura física, aliada a outras professoras e professores, Antônia inicia um movimento de ressignificação da escola. Ao invés de armas, festas. As dificuldades pedagógicas e didáticas deram lugar para o fazer conjunto (planejamento e prática interdisciplinar). Para tanto, Antônia precisou assumir outros papéis na escola: merendeira, zeladora, professora. Ainda hoje, realizar multitarefas na escola parece ser uma condição do ser-professora em salas/escolas multisseriadas no interior do Norte do país.

Antônia narra o contexto de violência no qual os estudantes estavam inseridos e o modo como isso foi sendo naturalizado pela comunidade, ao ponto de os estudantes portarem armas na escola. Diante desse contexto, Antônia sente-se provocada a promover uma prática que rompesse com a violência institucionalizada, e passa a reimaginar a escola junto com outros professores e professoras que compreendiam a escola como um espaço de resistência, logo, de promoção de seus sujeitos. Nesse sentido, vemos que acontece tanto a transformação da mulher-professora-leiga em sujeita da ação docente quanto da escola, que antes reproduzia conhecimentos e passa a uma prática engajada em todas as esferas: social, política, ética etc.

Um último dado que desejamos destacar é a referência a Paulo Freire. Antônia enuncia ter conhecido Paulo Freire apenas em 1995. Porém, ao enunciar o vivido na escola como professora, vemos que Antônia, embora sem a formação mínima exigida e atuando numa escola tão precária, performou uma professora comprometida com o desenvolvimento da aprendizagem de seus estudantes e da comunidade local. Isso porque Antônia parece ter compreendido, naquele momento, que a escola deve se constituir um espaço de formação que olha e compreende cada sujeito na sua humanidade.

No decorrer de cada seção mobilizamos enunciados retirados das histórias de vida das dez (10) mulheres-professoras-aposentadas que apresentavam temas comuns. Vimos que as experiências vividas por cada uma das narradoras revelam uma “prática educativa humana” concentrada no “respeito aos outros” e na “capacidade de viver e aprender com o diferente” (FREIRE, 2021, p. 16).



6 AVALIAÇÃO DO FAZER E DA APOSENTADORIA: imagem de si e da docência

No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você” (ANZALDÚA, 2020, p. 53).

Nesta seção analisamos os dados produzidos através da categoria IV que trata da Aposentadoria (Quadro 1, p. 30), focalizando o “absoluto de competência” que segundo Algirdas Julius Greimas e J. Courtés (2008) configura a *sanção* – “figura descritiva correlata à manipulação” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 426), na perspectiva da sintaxe do percurso narrativo canônico. Voltamos a nossa atenção para o que enunciam as narradoras quanto à aposentadoria e às imagens que constroem de si como mulheres-professoras-aposentadas.

Na epígrafe, Glória Anzaldúa (2020) fala sobre a escrita como lugar de significação de si e de mulheres que não escrevem ou escreveram ainda as suas histórias, que escrevendo contribuem para que as histórias sobre mulheres constituam um registro mais legítimo sobre nós. Nessa direção, reafirmamos um dos objetivos desta tese que se filia à ideia de registrar e, assim, colaborar para a construção de uma *macronarrativa* sobre a vida de mulheres-professoras-aposentadas que atuaram no estado do Tocantins, Norte do país.

Lembramos que para a semiótica interessa a *veridicção* e não a verdade. Importa, pois, “o dizer verdadeiro” (GREIMAS; COURTÈS, 2008, p. 530) que corresponde ao efeito de verdade que as mulheres-professoras-aposentadas atribuem ao que dizem a respeito de suas performances. Nesse sentido, cumpre a esta seção uma *reflexão dialética* que consiste num *fazer interpretativo* tecido na relação entre os dois esquemas da categoria da veridicção - a manifestação (*o parecer/não parecer*) e a imanência (*ser/não-ser*) - que condizem à sanção (GREIMAS; COURTÈS, 2008, p. 533).

Portanto, ganham destaque aqui a celebração e a negação da aposentadoria, a avaliação do seu *saber-fazer* e do *ser* professora, a ruptura com o trabalho formal e com as relações sociais tecidas a partir do espaço escolar, a ressignificação da rotina, o autocuidado como prioridade, a desvalorização dos profissionais pelo ente federado, o reconhecimento da prática do professor pelos estudantes egressos, entre outras questões.

6.1 “Eu achei horrível aposentar”

No título desta seção primária, trazemos um enunciado da mulher-professora Cidinha que, ao avaliar o seu fazer e dizer sobre a experiência de sua aposentadoria, revela o estado passional da tristeza ao se ver compelida pelas regras previdenciárias.

Cidinha reúne a experiência de dois concursos e cerca de cinquenta (50) anos de efetivo exercício na docência dedicados à educação básica, no estado do Tocantins. Ao avaliar a sua performance, Cidinha enunciou:

Objeto-enunciado 46:

Érica, coisa de vovozinha, só agora que eu observei. Eu/ depois/ quando eu aposentei, Érica, eu só tinha quarenta e três anos e o concurso/ o último concurso que eu fiz, do Estado, foi em dois mil, e eu falei em dois mil e vinte. Coisa de vovó, me desculpe. (...) Érica gostaria também de falar que fui agora nesse momento assim, inspirada é, eu aposentei, Érica, com vinte e cinco anos de professora porque a lei era uma outra e na época, é ... Érica, eu estava só com quarenta e cinco anos. Eu achei horrível aposentar. Eu continuei trabalhando em escola particular até que eu fizesse Pedagogia e em dois mil e vinte, um novo concurso do Estado. Eu fiz, passei e estou até hoje. Fui ao IGEPREV que estou com setenta e três anos de idade e o IGEPREV me aconselhou eu ficar até setenta e cinco anos porque, com a nova lei, quase não terei nenhuma perda salarial, já que eu não vou conseguir ficar trinta anos. Porque o máximo da idade é setenta e cinco e gosto muito do meu trabalho e estou a contribuir com as escolas enquanto supervisora aqui em Palmas (p.1) Érica que até hoje, só eu pensar/ só eu pensando que daqui, no máximo um ano e poucos meses eu me aposentarei definitivamente, isso já me dá um calafrio porque eu amo a profissão. Então Érica, eu admiro todos os professores e os respeito porque o que eu amo, eu acredito que todos os professores amam também... (ALMEIDA E SILVA [Cidinha], 2020, p. 3).

Como já dito na seção 2, a urgência da pesquisa nos fez “combinar metodologias” (SANTHIAGO, 2022) para a produção dos dados durante a pandemia de Covid-19. Além de permitir o avanço da pesquisa, o uso da tecnologia criou condições para que Cidinha que ainda estava atuando como profissional do Magistério na Diretoria Regional de Ensino de Palmas (DRE-Palmas) pudesse organizar melhor o seu tempo, o que possivelmente permitiu a ela conferir as suas respostas produzidas via *WhatsApp*, e retomá-las sempre que necessário. Isso pode ser visto através do enunciado “só agora que eu observei” no qual a narradora retoma o que havia dito e percebe que havia se equivocado com o ano da primeira aposentadoria. Nesse momento, a narradora recupera e atualiza a memória.

Cidinha atribuiu o esquecimento ao fato de ser “vovozinha”, como ela mesma diz, quando já se passaram quase 25 anos de seu ingresso. Também, ao enunciar que estava “inspirada”, vemos aí o desejo de falar. Cidinha queria falar mais sobre a sua experiência e o modo como se sentia naquele momento.

Sancionada pela previdência à aposentadoria, Cidinha passou a exercer a docência numa escola privada para que pudesse se manter no curso de Pedagogia, o que durou pouco tempo,

pois logo ingressou novamente via concurso público para a rede estadual de ensino com nível superior. No momento da entrevista, a narradora ainda estava em exercício, mas já sentia “calafrio” por saber que logo deveria aposentar-se pela segunda vez. Cidinha queria continuar trabalhando, pois amava o que fazia, mas não pode porque não depende de *querer* ou *não-querer* permanecer atuando. Depende, pois, da política previdenciária que, do ponto de vista do direito do servidor público, configura-se um reconhecimento pelo serviço prestado durante 25 ou 30 anos. Porém, neste caso, a legislação parece operar como uma sanção negativa, uma punição.

Para José Luiz Fiorin (2008, p. 31), “É na fase da sanção que ocorrem as descobertas e revelações”. Considerando essa abordagem, vemos que Cidinha nega a aposentadoria como algo positivo pelo fato de reconhecer em si a competência para continuar trabalhando, como exprime ao dizer: “estou a contribuir com as escolas”. Cidinha se vê dotada de saberes e atribui valor ao *saber-fazer* aprendido na experiência em sala e com a formação acadêmica. Reforça essa compreensão quando consideramos o que diz a narradora ao explicar o percurso feito junto ao Instituto de Gestão Previdenciária do Tocantins (IGEPREV): “**o IGEPREV me aconselhou** eu ficar até setenta e cinco anos porque, com a nova lei, quase não terei nenhuma perda salarial, **já que eu não vou conseguir ficar trinta anos** [grifos nossos]”. Ou seja, Cidinha constata que a aposentadoria será inevitável.

Observemos agora o que diz Ester:

Objeto-enunciado 47:

Tenho (oito) anos [tempo de aposentadoria], mas tenho saudades. Sonho dando aula de novo, de vez em quando eu sonho (...) eu fiquei mais foi na sala de aula mesmo. Eu digo: "eu gosto da minha sala de aula", tanto é que quando eu aposentei, eu tava na coordenação. Aí quando chegou a aposentadoria não deixaram eu sair porque não achava professor pra colocar. Não sei o que/sei que eu ainda fiquei três meses ainda trabalhando de graça ainda, na coordenação, ajudando o coordenador. O coordenador doente, eu fiquei com dó de deixar ele sozinho. Fiquei ajudando, mas eu sempre tenho saudades da sala de aula (...) sempre. Pra te contar um segredo, até hoje eu tenho o quê? Eu vou fazer oito anos que eu me aposentei, eu nunca aprendi dormir cedo. Nunca porque eu ia pro colégio, eu dava aula de manhã, de tarde e de noite. Eu dava aula de manhã e à noite no Estado, a tarde era município. Aí eu chegava em casa, às vezes, onze e meia, doze que as aulas eram até dez e meia né? () quando eu tava na sala de aula eu chegava mais cedo, quando eu tava na coordenação eu chegava lá pras doze horas. Aí, antes eu ia tomar banho, jantar. Às vezes ia corrigir alguma coisa, ia estudar ou às vezes eu ia () lá pra duas da madrugada. No outro dia cedo eu tinha que levantar cinco horas. Eu quase não dormia. Passava pela vida (...) então eu aprendi que a gente tem que valorizar aquilo que você tem (...) o único que dos meus irmãos formado sou eu. O único formado. E eu só não fiz doutorado também porque me aposentaram logo. Mas o meu objetivo era fazer mestrado e doutorado (...) mas eu tenho vontade de fazer, mas agora eu ‘tô’ estudando ainda. Eu tenho vontade de fazer direito, mas eu ‘tô’ fazendo teologia agora. Mas quando eu terminar teologia, eu vou fazer direito (...) as vezes é bom você ficar em casa, você tá vendo tudo o que tá acontecendo. Tá com a família. Mas as vezes se torna uma prisão porque você fica ali e não tem pra onde ir. Você não tem novas amizades, novos conhecimentos, novas experiências. E eu vou te contar o seguinte, quando eu aposentei eu sofri. Passei uma

semana muito bem, na segunda semana eu digo: "não aguento ficar em casa mais. Eu quero ir pra escola" porque a gente aprende a conviver com pessoas diferentes, diferentes aprendizagens, diferentes níveis de sociedade, né? (...) quando você aposenta, todo mundo te taxa de quê? "ah, ali é aposentado, velho. Aposentou não presta mais pra nada" Muitas vezes se torna uma pessoa inválida é porque muita gente aposenta, "ai porque eu aposentei e não vou fazer mais nada?" (...) eu aposentei e passei cinco anos sem estudar, mas voltei a estudar, 'tô' fazendo Teologia (...) como eu sou evangélica, eu gosto muito de ir pra igreja, frequentar, de participar. E eu não trabalho em escola, mas eu trabalho na igreja (LIMA [Ester], 2020, p. 16, 20-21).

Ester avaliou a aposentadoria pela constatação da saudade, o que a fez adiar por três meses o afastamento da escola justificando que a instituição precisava dela. Ester queria se aposentar, mas temia as implicações dessa ruptura. Sonhar dando aulas, não conseguir dormir cedo e sentir saudades da escola indicam a obstinação pelo trabalho, emitindo uma sanção negativa da aposentadoria.

Ser professora confere um *status* social à sujeita em ação. Já a aposentadoria, segundo enuncia Ester, inscreve-a na velhice e como sujeita que “não presta mais pra nada”. Ester quer entrar em conjunção com a aposentadoria compreendendo que “passou pela vida” em função da rotina exaustiva e das inúmeras implicações da docência (planejamento, correção de atividades) que comprometiam o seu tempo em casa, mas sentia-se presa pela ociosidade e pela dificuldade de construir novas relações e viver novas experiências. Daí, a Teologia e as atividades da igreja passaram a configurar um novo espaço de atuação e confeririam à Ester um novo *status* de sujeita do *aprender* e do *saber-fazer*, levando-a ressignificar a aposentadoria.

Para Maurice Tardif (2014), o/a professor/a não deve ser considerado apenas ator competente, nem só sujeito do conhecimento, mas um sujeito de subjetividades “que assume a sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir das quais ele a estrutura e orienta” (TARDIF, 2014, p. 227-228). Cidinha, Ester e, como veremos a seguir, Antônia compreenderam isso e, por essa razão, talvez, temeram a ruptura. É recorrente uma menção aos novos professores para dizer sobre sentirem-se deslocados na escola, nos últimos anos da ação docente, o que parece configurar um processo de desidentificação com a instituição e, sobretudo, por considerarem que as suas experiências são indispensáveis.

A mulher-professora-aposentada Eliana também avalia a sua aposentadoria como algo que “não foi bom” para ela:

Objeto-enunciado 48:

Como comecei a trabalhar cedo, não sabia como saberia ficar em casa por muito tempo sem "fazer nada", por isso tinha medo de não adaptar à nova realidade que estaria me aguardando. Medo da solidão, da falta do aconchego dos colegas e até mesmo das divergências de ideias para chegar a um consenso 😊. Minha aposentadoria saiu no mês de julho, eu estava de férias e por isso demorou um certo tempo para eu sentir que não era mais férias, foi quando caiu a ficha kkkkkk, fiquei

aflita 🙄. Confesso que não foi bom para mim. Tive momentos de solidão, de tristeza, de vazio e muitas saudades (SILVA [Eliana], 2020, p. 14).

Eliana recorda o seu ingresso na docência antes ou próximo a maioridade e enuncia que dedicava todo o seu tempo ao trabalho, o que a faz considerar que “ficar em casa” configuraria “fazer nada”, sancionando negativamente a aposentadoria. Compreendemos que, ao reproduzir o estereótipo do sujeito inábil em função de aposentar-se, significa para Eliana que o trabalho é para ela uma parte essencial de sua identidade como sujeita social. Ao aposentar-se, Eliana constata a solidão, sente-se aflita e triste, lamentando a “falta de aconchego dos colegas e até mesmo das divergências”. Tais sentimentos figuram a ruptura abrupta que a aposentadoria impôs e evidencia a ausência de ações que possam apoiar os profissionais da educação nessa etapa transitória de suas vidas.

Como dito na metodologia, recorremos a Eliana via *WhatsApp* para que falasse sobre sua experiência de mulher-professora-aposentada. Como resposta, mantivemos no objeto-enunciado acima os *emoticons* por considerarmos um índice importante que ilustra os sentimentos da narradora ao enunciar o modo como tem vivido a sua aposentadoria. Observamos que, ao contextualizar o período em que se aposentou, a narradora usa a expressão “kkkkkk” que pode indicar risos e, em seguida, diz que sentiu-se “aflita” ao se dar conta que após as férias não retornaria mais para a escola, e usa um *emoticon* “🙄” que pode indicar, paradoxalmente, choro, tristeza, desapontamento ou outro sentimento nesse sentido.

Atentemos agora para o que enuncia a mulher-professora-aposentada Antônia:

Objeto-enunciado 49:

Antes eu tinha maior medo de fazer avaliação sobre mim mesma. Acho que a gente tem isso, né? Trava na avaliação sobre você. Hoje eu estou aposentada e pelas coisas que eu já passei, eu não sinto esse receio, né. Eu hoje sou mais tranquila pra isso, eu já me eduquei, digamos assim, pra essa questão. (...) É mérito! Na verdade é mérito quanto profissional. Você cumpriu determinado tempo, chegou seu momento, tá aí sua aposentadoria. E enquanto pessoa eu não devia estar aposentada. (...) Não devia estar aposentada, na verdade eu nem queria me aposentar agora. Eu me aposentei no ano retrasado por causa dos meus pais porque chegou um momento que eu pensei: “Meu Deus, tanto tempo, 38 anos de sala de aula!” Aí, meus pais estavam precisando tanto, mesmo com a enfermeira, mesmo com a cuidadora. Mas minha mãe tava precisando de alguém pra conversar porque tem meu irmão, mas é diferente, entende? (...) Mas eu não consegui. Quando eu pedi a aposentadoria, passou um ano e meio pra sair a aposentadoria. Quando chegou, minha mãe morreu. Eu me aposentei dia 8 de março e a mamãe morreu dia 2 de abril. Aí não deu tempo da gente ficar juntas. Aí eu fui pra lá ficar com papai e ele foi embora em agosto. ((Inaudível)) Ele não me reconheceu, mas eu fiquei com ele, foi o bastante. Mas eu te digo, como profissional, mérito. Sabe? Você já cumpriu seu tempo. Tudo belezinha. Tá aí seu diploma que é a aposentadoria. Como pessoa, não. Como gente, como professora te digo que não. Eu, minha cabeça ainda tá lá no ensino médio, lá com os alunos. É tanto que eu volto pra lá pra fazer trilha. Novembro passado eu fiz trilha. Ia fazer agora alguns trabalhos ((inaudível)). E agora mesmo eles me convidaram pra fazer uma reunião com os terceiros anos que eu sempre tive terceiro ano. (...) Aí, quando os colegas me precisam tô aí pra ajudar. Agora eu tô só ajudando. (...) Eu achei lindo aquele gesto deles [homenagem que

viralizou nas redes sociais e jornal local]. Não porque foi a mim, mas porque eram professores saindo (SANTOS [Antônia], 2020, p. 29, 35-36)

Analizamos aqui o todo de sentido que os objetos-enunciados constituem, considerando os sentidos que vão sendo produzidos pelas mulheres-professoras-aposentadas para as suas vivências. Assim sendo, vemos que Antônia revela os seguintes estados passionais: lamentação, dor, culpa e medo. O processo de aposentadoria de Antônia durou um ano e meio e vemos aí o estado passional da lamentação. A mãe estava doente e exigia cuidados. Antônia ainda estava em exercício, requereu a aposentadoria, mas a burocracia fez o processo durar um ano e meio. Quando concluído o processo, a mãe de Antônia falecera. O sofrimento pela perda e a culpa por não ter podido cuidar de sua mãe concomitam com a dor pela perda da memória do pai em virtude de uma enfermidade.

Paradoxalmente, Antônia compreende a aposentadoria como “mérito” do ponto de vista profissional, mas se vê sancionada negativamente ao aposentar-se depois de já ter contribuído por 38 anos com a educação. Segundo Antônia, pelo viés humano, ainda pode contribuir com a escola e o desenvolvimento dos estudantes. Isso nos faz crer que Antônia não queria se aposentar, sobretudo considerando o que diz sobre sua rotina de aposentada: “minha cabeça ainda tá lá no ensino médio, lá com os alunos. É tanto que eu volto pra lá pra fazer trilha. Novembro passado eu fiz trilha. Ia fazer agora alguns trabalhos”.

Diante da menção à homenagem recebida pelos alunos como uma avaliação positiva de seu trabalho, Antônia manifesta emoção, embarga a voz e diz: “Eu achei lindo aquele gesto deles. Não porque foi a mim, mas porque eram professores saindo”. Vale ressaltar que Antônia atuou como representante da classe como membra do sindicato dos profissionais da educação, o que demonstra uma consciência política, ética e social sobre a figura do professor. Isso implica o reconhecimento da homenagem como algo que se estende a todos os profissionais do Magistério.

6.2 “Eu não me cansei ainda de ‘tá’ aposentada”

Em *Cartografia de Professoras Migrantes: formação Docente na Construção de Identidades*, Ilca Pena Baia Sarraf (2017) trata de histórias de vida de mulheres-professoras que atuaram em Melgaço, no Pará. Dentre outras questões, a obra versa sobre a (re)construção da identidade dessas mulheres-professoras e o modo como significam a sua prática, servindo-nos como importante referência. Baia Sarraf (2017) diz que mobilizar as histórias de mulheres-professoras que migraram para exercer a docência revelou “o imbricamento das relações

profissionais” e a necessidade de negociações constantes com o local e os sujeitos das comunidades para que pudessem assumir o papel de sujeitas do *saber-fazer*, figurando um contexto desafiador e que exigiu uma prática engajada de cada uma delas. Como consequência disso, as narradoras elaboraram os seus percursos e revelaram “uma movente tessitura de representação de si e (re)construção das identidades” (BAIA SARRAF, 2017, p. 242-266).

Com objetivos semelhantes, trazemos os objetos-enunciados produzidos por Marta, Nama, Valdeci, Diná, Solange e Ana que tematizam a aposentadoria e revelam o modo como têm vivido esse momento. Veremos que as narradoras sancionam positivamente a aposentadoria ao enunciarem o prazer diante da não obrigatoriedade de cumprir horários figurada na ideia de tempo livre, na autonomia de leitura, no sonho de viajar para relaxar, no autocuidado, entre outras questões.

A rotina da escola e o modo como o/a professor/a se dedica ao processo educacional são representações comuns para nós, assim como as implicações de uma vida dedicada às exigências do *fazer-ser* professora/a na educação básica. Ainda assim, as histórias aqui reunidas surpreendem por se constituírem representações importantes e sensíveis quanto à prática docente por sujeitas mulheres-professoras-aposentadas e por desvelarem o discurso romantizado quanto à profissão do Magistério. À vista disso, vejamos o enunciado da mulher-professora-aposentada Marta:

Objeto-enunciado 50:

(Fui lá pegar um documento) quando fui aposentar. eu senti uma alegria tão grande assim (inaudível)) quadra de esportes, né? Toda dividida, tudo arrumadinho, toda estrutura excelente. Eu digo "é, ainda bem que eu não morri sem ver a escola Casemiro com cara de escola, com estrutura de escola" (...) 'tô' aposentada, mas acredita que eu não fui na escola ainda? Eu não fui lá ainda. Vejo os alunos na rua, converso no *WhatsApp*, alguma coisa assim. Mas eu não fui na escola. Agora quando passar a pandemia eu vou porque eu sei que eu vou sair assim/ vou passar a tarde todinha lá conversando com meus meninos, meus meninos que eu falo é meus meninos. Claro que eu aposentei, é muito bom cuidar dos meus filhos (...) eu, no momento, estou me redescobrando né? () de aposentada. E aí, eu estou descobrindo a questão da desvalorização que a gente fala em sala o tempo todo, né? Eu tô percebendo agora, depois de aposentada porque eu descobri que eu tenho um PASEP que durante a vida toda, enquanto profissional, foi depositado em um banco e pra mim receber eu tenho que ir pra justiça. Eu descobri que eu fiz um caixa um, caixa dois, caixa três, caixa quatro pra eu receber. Eu não sei nem se eu vou ter essa vida pra mim receber ainda. Eu estava lá batalhando, lutando, fazendo/ tentando fazer o dia a dia se tornar mais/ se tornar possível, né? Mas o desafio ((inaudível)) aí depois quando você aposenta, que você sai da rotina, que você vai ver que você depositou tanto em alguém que você não sabe nem quem é. Aí você tem que lutar pela progressão, pelo PASEP. Você tem que fazer - como eu estou fazendo há um ano, né? A sua revisão/ o *check-up*, né? Da saúde. O quê que sobrou da educação, então, aí vai. Alguns sonhos que você tenha pra realizar, às vezes você não realiza por conta da saúde, da alimentação e da saúde, né? Porque você, nesse longo tempo, você se desgasta, né? Psicologicamente, fisicamente e tudo. Eu não tô conseguindo mais ler muito. Eu começo a leitura e tenho que parar, amanhã talvez eu leia mais uns dois parágrafos por conta do problema que eu tive né, adquirido no percurso da história né (...) O meu sonho de escrever meu livro vai ser bem lentinho por conta das minhas limitações. Não tô reclamando

((inaudível)) trágico né? Uma das coisas que ficam que a gente perde né? Eu acredito que o que eu perdi foi por uma boa causa né? Os gritos com os meninos, aquela coisa toda, mas eu tava acreditando né? ((inaudível)) O dia que eu não acreditar! Eu não vou sair antes porque eu não quero perder a aposentadoria. (...) as vezes eu desanimava mais com o administrativo, aquela coisa toda, essas picuinhas, as perseguições. Quando veem que você consegue ir além, alguma coisa parece que pega no seu pé. Eu digo: "não tô nem aí. Vamos lá. Vamos lá. Vamos fazer isso aqui e a coisa vai" (...) Em todo caso, se eu falecer antes, meu esposo recebe né? Espero que sim porque a última nossa progressão foi em dois mil e catorze e nós estamos em dois mil e vinte. Olha só né? Que coisa! (...) quem foi escolhido pra tá ali naquele palco (...) eu chamo de palco. Eu me arrumava. Eu sempre fui muito vaidosa, passava batom e tudo: "mulher pra onde tu vai assim?" "vou pro meu palco. Eu não sei o que vai acontecer hoje né? Que ato, o quê que vai acontecer, qual será o ato de hoje. Então eu tenho que ir bem. Tenho que estar banhada, tenho que tá bem, ir sorridente porque lá, só Deus sabe né?" (...) ele [o estudante] vê que você faz parte do mundo dele, que você é igual a ele, entendeu? (...) eu sempre tive um pé na família um pé na escola (...) agora nesse primeiro momento, eu ia viajar em abril e voltar em junho. Eu digo: "é o meu primeiro estágio de estar realmente aposentada" porque eu ia passar uns quatro ou três meses fora de todo mundo aqui viajando. Aí veio a pandemia né? (...) um dos meus sonhos de aposentado é subir o Morro do Estrondo lá em Axixá... (LEITE [Marta], 2020, p. 14, 27, 29-31, 33).

Marta rememora o percurso realizado durante o seu processo de aposentadoria e volta a mencionar a Escola Municipal Casemiro onde viveu a sua primeira experiência na docência em Araguaína. Consideramos esse dado importante visto que se constitui um índice que aponta para o modo como tal experiência marcou a vida de Marta, o que, de certa forma, ao enunciar “ainda bem que eu não morri sem ver a escola Casemiro com cara de escola”, demonstra compreender a escola como um espaço que deve permitir experiências de aprendizagem e interações com foco no desenvolvimento de seus sujeitos, respeitando a dignidade humana etc.

Ao enunciar uma avaliação de sua aposentadoria, a narradora simboliza aspectos da vida pessoal e profissional. Durante o período de efetivo exercício, Marta focou no trabalho buscando sempre um equilíbrio entre as demandas pessoais e profissionais. Porém, ao aposentar-se, a narradora constatou que negligenciou a si – descobriu que tinha direito a um abono salarial, o PIS-PASEP, acumulado por anos e que agora demanda uma ação judicial; iniciou uma luta para ter direito às progressões não pagas pelo governo do Estado; passou a cuidar de sua saúde ou, como diz a narradora, “o que sobrou dela”.

Embora a narradora sancione positivamente a sua aposentadoria, constatou os sacrifícios feitos durante os anos que dedicou à educação e justifica: “foi por uma boa causa”. Sonhos não realizados, o desgaste psicológico e físico, a desvalorização profissional dada a ausência de manutenção da carreira do profissional do Magistério, o trabalho em condições indignas (ausência de infraestrutura física e de suportes didáticos e pedagógicos) traduzem isso.

Marta nomeia como “primeiro estágio” esse momento de sua aposentadoria e passa a construir outros significados para a vida – deseja viajar, “subir o Morro do Estrondo” que fica

apenas a 231 km de Araguaína e é um dos pontos turísticos mais visitados na região. Isto é, dedicada ao exercício da docência, Marta descobre que fora assujeitada pelo tempo e pelas condições de trabalho a privações tidas como realizáveis. Merecem atenção a saudade e o desejo, estados passionais que revelam a vontade de voltar à escola e reencontrar os amigos e estudantes. Embora a narradora diga que depois de aposentada ainda não fora à escola, na sequência, justifica que a pandemia impôs esse distanciamento.

Assim como Marta, a mulher-professora-aposentada Nama também diz sentir falta da convivência com os colegas:

Objeto-enunciado 51:

Até hoje. Assim, nos últimos 2, 3 anos eu estava indo a escola por obrigação, não tava indo porque eu gostava. Eu tava indo por obrigação. Só aguardando mesmo aposentar. ((risos)) (...) Foi [desidentificou com a escola?] (...) A questão de mudança de diretor que ia fazer coisas que a gente não gostava, a questão de mudança de professor também, a questão do aluno sempre ter razão, você não tinha razão. Então, o aluno sempre tava certo, você nunca tava certa. Você não podia, de uns tempos pra cá, você não pode mostrar a realidade das notas, você tem que maquiar. Porque se você mostrar a realidade, quem é ruim é você, não o aluno. Aí, isso vai desgastando a gente, vai te colocando pra baixo. (...) porque você não podia mostrar a realidade. Até hoje, você não pode mostrar a realidade das suas notas. No dia que saía as notas lá, saía todo mundo da DREA pra conversar com o professor, porque o errado é o professor. (...) Foi com 28 anos de docência, aí eu usei só os 25 anos do estado, né. Aposentei certinho com 50 anos mesmo. Já tinha o tempo certinho antes, mas preferi esperar a idade. Aí fevereiro de 2018 eu completei os 25 anos de estado, né, que eu tomei posse. Aí em março, quando eu completei 50 anos eu comecei a dar entrada nos papéis que precisou, os 25 anos de frequência. Eu tinha que tirar xerox de tudo. Aí, só teve um lado ruim né, porque em 2015 eu apresentei problemas nos rins, aí fiquei fazendo tratamento, tinha muita pedra, aí quando foi em abril de 2018 eu fiquei muito ruim. Aí eu tive que ir pra Palmas pra fazer hemodiálise. Aí, foi isso, aposentei, fiquei sem trabalhar mas to tendo que fazer hemodiálise 3 vezes por semana. (...) Eu não sinto falta de dar aula, mexer com diário. Eu sinto falta da convivência com os colegas. Assim, de ir pra escola, conversar e viver junto com os colegas. Mas de dar aula, corrigir prova, de tá em sala de aula, eu não sinto falta não. No início, você sente muita falta da convivência junto dos colegas. Agora é em casa direito, só saio pra ir na clínica. Porque com a pandemia. Mas antes da pandemia eu saía com uma amiga minha, a gente saía todo sábado pra chácara. Quando saía o pagamento a gente ia bater perna na Cônego, Aí saía à noite pra comer um espetinho, uma pizza. Agora, por enquanto é só em casa. Às vezes eu saio pra levar mamãe em algum lugar, que ela diz que é mais cuidadosa do que eu, aí, ela entra eu fico esperando no carro. Ela não deixa eu ir (BRITO [Nama], 2020, p. 9; 13).

Para Nama a aposentadoria veio quando já se via num processo de desidentificação com a escola. Insatisfeita com a ausência de uma política de valorização voltada para o profissional do Magistério e para a qualidade do ensino e desenvolvimento das aprendizagens, a narradora entrou em disjunção com a escola, pois enunciou que estava indo trabalhar por obrigação. Segundo a Nama, a troca de gestores e o autoritarismo que impunha aos professores a manipulação de notas implicaram a perda de sua identidade como professora. Vemos ainda que a professora traz o discurso da não-reprovação ao qual atribui à DRE-Araguaína/SEDUC, configurando-se outro motivo que a fez se sentir desautorizada em sala.

Segundo Cipriano Luckesi, em *Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições* (2011), aprender e ensinar implicam assumir a avaliação como resultante de uma prática reflexiva a partir da qual possamos compreender os processos, “fazer diferente do que já foi feito” e “investir cotidianamente” na avaliação (LUCKESI, 2011, p. 30).

Trazemos Luckesi (2011) para esta análise por compreendermos que as profundas desigualdades e o desinvestimento em educação constituem-se fatores agravantes que desfavorecem tanto ensinar quanto aprender. Isso significa que é necessário que problematizemos a reprovação e a consideremos como um importante indicador social e econômico, e não a reduzamos a uma política meritocrata que prima pelo ranqueamento e *status* ilegítimo do estudante. O discurso da não-reprovação tem ganhado eco em função de uma leitura atrelada à perda da autonomia e seu efeito parece afetante para a autoestima do/a professor/a.

Nama decidiu aposentar-se com exatos 25 anos de docência e 50 anos de idade, compreendendo os seus direitos adquiridos e a necessidade de cuidados mais efetivos com a sua saúde. Acometida por problemas renais, Nama lamenta estar doente e a sua rotina médica em Palmas que exige o deslocamento constante em função da hemodiálise. Além do adoecimento, a pandemia também impôs novas regras para a sua vida: o encontro com a amiga e as saídas para lazer foram vetadas pela mãe em função do risco iminente de contágio pela Covid-19.

A saudade contraposta ao desapego com o *saber-fazer* docente revela os estados passionais da narradora na experiência da aposentadoria, como vimos no objeto-enunciado acima: “Eu não sinto falta de dar aula, mexer com diário. Eu sinto falta da convivência com os colegas. Assim, de ir pra escola, conversar e viver junto com os colegas”.

Veremos que a saudade é um tema presente em todas as narrativas, assim como os desdobramentos para conciliar a rotina doméstica com o trabalho e o autocuidado. Analisamos, agora, a história de vida de Valdeci, mulher-professora-aposentada remanescente de Goiás¹⁷:

Objeto-enunciado 52:

Vai fazer onze anos agora de aposentada. (...) eu nunca tirei licença Premium pra contar pra aposentadoria. E tinha aquela, os pioneiros que contava como dois anos. (...) quando foi em dois mil e nove eu me aposentei (...) quando criou o estado do Tocantins, o nosso governador Siqueira Campos achou por lei que todos os funcionários que não era concursado no Goiás, passava a ser da previdência. (...) efetivada sem concurso. Eu, Diná, Shirley, muitos professores, muitos funcionários. Só que quando chegou a hora da gente aposentar, cadê? Não podia ser aposentado como professor do Tocantins e sim como contribuição do INSS. (...) Aí eu já estava doente já, em 2016 (...) “eu não sei mexer em computador para olhar” (...) quando foi

¹⁷ Em 2013 constavam 1.106 servidores remanescentes em efetivo exercício no Estado do Tocantins, incorporados em 1º de janeiro de 1989. (TOCANTINS, 2013, *online*)

janeiro de 2017 eu voltei pra o IGEPREV e não sei o mais e que nós que já estávamos aposentados. eles iam lutar também pra voltar pro IGEPREV. (...) Aí hoje eu sou aposentada, recebo pelo IGEPREV. (...) Não [recebeu o retroativo] dizendo eles que tão lutando () é/é injusto, mas como o povo diz () eu recebo desde dois mil e dezessete que eu recebo direitinho como professora normalmente. Um salário bom. Bom, não. Mas em vista do que tava. É porque quando eu aposentei eu recebo dois mil e quinhentos, sabe quanto que chegou? Mil e onze reais pra mim, em dois mil e nove/mil e onze eu quase morri. Os meninos fazendo faculdade ainda. E não entrou a minha progressão. Eu não tinha cinco anos de curso superior ainda, mas aí graças a Deus as coisas voltaram ao normal (...) como nível superior (...) eu já tava aposentada quando a aluna mandou um cartãozinho dos professores pra mim: "... que nas nossas aulas, ela não aprendia só história. Ela aprendia também a viver. (...) eu acho talvez pelo fato de ter às vezes aqui acolá sentida desvalorizada por alguém, e aí eu jamais/eu tinha essa grande preocupação de não reproduzir isso. Sempre reproduzi coisas boas na vida dos meu alunos (...) o que eu sinto falta é da minha sala de aula, do convívio com meus alunos. É assim porque era uma troca de aprendizado. Eu aprendia tanto com eles. Eles aprendiam comigo, sabe. Então era uma aconchego muito gostoso a sala de aula, às vezes a relação com os colegas agente lembra, mas não é tão marcante até porque quando aposentei, praticamente só tinha gente nova na escola (...) não tinha raiz mais com a gente. Tá entendendo? (...) Então, eu lembro quando aposentei, tinha pouquinho, tivesse umas cinco colegas de trabalho. Era pouco. Agora meus alunos, eles fizeram muita falta pra mim (...) eu não me cansei ainda de tá aposentada. Eu não me cansei de jeito nenhum. Não tem hora pra nada. Acordo/ todo/ assim que aposentei, na hora que a sirene tocava lá, eu digo: "oh meu Deus, graças a Deus eu não preciso ir pra escola. Não preciso ir pra escola". Então, eu passei a cozinhar melhor pra mim. Passei a fazer as minhas dietinhas, bonitinhas. Como bastante saudável porque nas salas de aula não tem como. Você chega correndo, come engolindo. Aí volta de novo, né? E aí, eu aproveito meu tempo pra isso, pra ler. Ler ultimamente não tô lendo (...) o que fez eu fugir e me aposentar mais rápido, meu amor, a tecnologia, porque eu num acompanhei a tecnologia. (...) Aí o diário já tava se tornando eletrônico. Eu tinha que ficar pedindo alguém pra me ajudar (...) e isso foi se tornando um fardo pra mim... RIBEIRO DE SOUZA [Valdeci], 2020, p. 7, 9-10, 13-14).

O fato de recair sobre o/a professor/a a responsabilidade de “o tempo inteiro, reajustar seus objetivos em função da tarefa que está realizando e de todas as suas limitações temporais, sociais e materiais” (TARDIF, 2014, p. 126), parece ter impetrado a Valdeci renunciar ao benefício da licença prêmio - direito a três meses de licença a cada cinco anos de efetivo e ininterrupto exercício, sem perda salarial. A mulher-professora-aposentada Valdeci se considera uma “pioneira” da educação em Araguatins pelo fato de ser remanescente de Goiás, incorporada como professora efetiva pelo então governador do Estado José Wilson Siqueira Campos, após a criação do estado do Tocantins. A efetivação da professora a beneficiou com a estabilidade, porém, passados mais de 25 anos, Valdeci e outras colegas professoras, na mesma condição de remanescente, descobriram que se aposentariam com a regra do INSS por contribuição, com perdas do cargo de professora da educação básica.

Doente e em disjunção com a tecnologia figurativizada como “um fardo”, Valdeci desejou se aposentar. O *não-saber* usar o computador para preencher diários, inserir o plano de ensino e notas, demandas rotineiras de sua função de professora depois da incorporação da tecnologia como suporte pedagógico, ou mesmo para requerer revisão de seu cadastro junto ao

IGEPREV, levou Valdeci a *não-querer* permanecer na docência. Isso nos leva a refletir sobre a precarização do trabalho docente e sobre a importância de investimentos em formação continuada, com vistas a subsidiar o professor naquilo que emerge da prática e escapa à sua formação. Somou-se a essas questões o sentimento de injustiça dada as condições da aposentadoria (o prejuízo salarial e o não reconhecimento como professora pelo IGEPREV), mas que foi logo sobreposto pela satisfação diante do reconhecimento da aluna que enviou um cartão à Valdeci dizendo que, em suas aulas, “Ela aprendia também a viver”. Valdeci também se via deslocada na escola diante da mudança do quadro de professores/as (“só tinha gente nova na escola (...) não tinha raiz mais com a gente”), o que parece configurar um processo de desidentificação com a escola.

Embora em conjunção com a aposentadoria, Valdeci enuncia a sala de aula como um espaço de “aconchego”, “convívio”, “troca de aprendizado”. Para a narradora, a sala de aula configurava-se um espaço tanto de ensinar quanto de aprender, por isso a saudade figurativizada pela falta. Valdeci diz não ter se cansado ainda de estar aposentada e destaca o fato de não ter “hora pra nada”, porém, por residir próximo à escola, vemos que a sirene, por exemplo, ainda operava sobre ela como uma espécie de sensor que convocava ao trabalho.

Vemos que Valdeci foi ressignificando a própria vida ao eleger o ato de cozinhar e a leitura como novas rotinas. Tais atividades, embora tradicionalmente atribuídas às mulheres e tidas como obrigatoriedades do fazer doméstico, soam como novidades prazerosas dada a rotina exaustiva de trabalho que Valdeci tivera quando professora em exercício.

Veremos agora que a mulher-professora-aposentada Diná também significa a sua experiência com a aposentadoria, enunciando euforicamente a sua autonomia e disforicamente a saudade e o medo:

Objeto-enunciado 53:

Eu aposentei em 2010 (dois mil e dez), ou não? Treze que eu aposentei. Mas eu continuo assim, bastante dinâmica. Talvez se eu fosse para a sala de aula hoje teria bastante dificuldade com esse ritmo que as crianças de hoje estão. As crianças tudo () a dificuldade dos alunos com uso de celular em sala de aula. O professor tá lá falando, falando e eles tão aqui acessando outras coisas. Então, eu não sei, eu não vivi a era do celular na sala de aula (...) Ah! Eu ‘tô’ achando bom, né () eu gosto, eu gosto da minha vida de aposentada. Eu tenho tempo para mim () eu faço meu horário. Uma coisa que eu sinto da aposentadoria é o lado humano dos colegas, das confraternizações, das risadas, da preocupação, do contexto com o meu dia a dia. E aquele laço a gente cria muito forte com um e outro. Então, quando eu saí, eu ‘tava’ na diretoria (...) eu senti muita falta da Edineide, a questão do colega, do ser humano. Dessa questão de compromisso. de horário, não () as amigadas, eu vou te falar. O contexto atual de professor, eu quase não conheço esses novos eu quase não conheço. Eu conheço daquela época que os laços continuam. Encontro a Maria dos Santos, hoje nos encontramos ali, aquele grupinho de convivência a gente quando chega o calor é diferente. Mas esse grupo atual agora eu não tenho, a gente se distancia. (...) o que eu mantenho é o meu ritmo de leitura, sem aquele compromisso eu tenho que fechar o

livro que tenho que trabalhar isso em regência (...) eu leio tranquila, ai depois a gente vai troca. Eu tenho hoje troca outro com ela [Dorinha]. A gente continua na troca de livros, não aguento lê no celular porque me dá sono. É muito pequeno e eu me canso de computador. Então prefiro mesmo lê aqui o livro mesmo. (PARENTE [Diná], 2019, p. 8-9).

Diná também trata do uso da tecnologia na escola, mas sob a ótica da sala de aula, como algo que tem interferido na rotina do estudante. A narradora refere-se disforicamente à tecnologia, uma vez que considera cansativo o uso tanto do celular quanto do computador para ler. Em conjugação com a aposentadoria, a narradora aponta o tempo livre para si, a autonomia na gestão de sua rotina e o tempo para a leitura como índices da qualidade de vida, antes impossível. Tendo investido por anos a fio na formação de outros sujeitos, agora Diná discursiviza o modo como tem vivido a aposentadoria, manifesta alegria, mas lamenta o distanciamento com os colegas, assim como Marta, Nama e Valdeci.

Diná e Valdeci, à medida que os/as colegas de profissão saíam da escola, pela aposentadoria ou outro motivo, foram sentindo as mudanças nas relações. Nas palavras de Diná, “o calor é[era] diferente”. A narradora rememora algumas de suas colegas e diz sobre a falta que fazem e como tentam seguir se apoiando no dia a dia, mesmo apartadas da escola, local onde se encontraram por mais de 25 anos.

Para Solange, a aposentadoria tem representado “um turbilhão de sentimentos”:

Objeto-enunciado 54:

Falar dessa experiência de aposentadoria é manifestar um turbilhão de sentimentos: alegria, realização, emoção, conquista, dever cumprido, tristeza, vazios, preocupação, solidão etc, etc, etc. Mas porque essa mistura de sentimentos bons e ruins? Porque na verdade a aposentadoria é mais uma peça na construção de nossa história de vida, como todas as outras situações que vivemos, existe essa onda de contentamento e descontentamento. Para mim, em especial, está sendo uma experiência de aprendizado e adaptação, ainda não me acostumei com o fato de ficar em casa ou na rua o dia todo, kkkk. A princípio eu não queria me aposentar, gostaria de ter continuado (gostava do que fazia e de onde trabalhava). Porém, devido aos projetos de mudanças na previdência, fiquei com medo das perdas. Aposentei e hoje busco ocupar meu tempo com atividades, que me façam bem, feliz e me permitam produzir endorfina kkk. Atualmente, viajo sempre que possível, promovo festas retrô, com amigos da mesma faixa etária, que aliás tem sido um sucesso e surpreendentemente, tem me preenchido e feito muita gente feliz kkk. Além disso, muitas vezes sou convidada a contribuir e organizar eventos pedagógicos e comemorativos no colégio, onde trabalhava (Col. Est. Leônidas G. Duarte). Faço artesanatos, costuro minhas saídas de praia, faço bolos, tortas, saladas, outros (até vendo kkk), toco meu violão, aprendendo um pouquinho mais a cada dia. Enfim, me reinventando a cada dia nessa nova realidade e procurando manter minha felicidade e satisfação de viver. ❤️ Mandeí um jornal, agora você ler e passa na peneira. Kkkk 🤔 (RODRIGUES DA SILVA [Solange], 2019, p. 11).

Aposentada há 4 anos, a mulher-professora-aposentada Solange significa essa experiência como uma parte importante na construção de sua história de vida. Apesar de manifestar diferentes estados passionais, ao enunciar que desejou permanecer trabalhando e que ainda não sabe gerir todo o tempo que dispõe, Solange sanciona positivamente a sua

aposentadoria realizando ações que reverberem em seu bem-estar, lhe geram satisfação e felicidade e que produzem “endorfina”.

Bem-humorada, Solange revela estar em conjunção com a aposentadoria, pois discursiviza euforicamente o modo como tem vivido esse momento: promove festas, contribui e organiza eventos, viaja, costura saídas de praia, toca violão. A narradora também usa os *emoticons* “❤️” e “😊” manifestando afeto, penso que em função de nossa relação ex-professora e aluna.

Para concluirmos esta seção, mobilizamos o relato da mulher-professora-aposentada Ana que também enviou o seu breve relato sobre a experiência de sua aposentadoria via *WhatsApp* utilizando o áudio como recurso:

Objeto-enunciado 55:

Eu amei trabalhar na educação. E amo trabalhar na educação. Me sinto muito realizada e feliz. Aposentei pelo Estado em 2010. E pelo município em 2021. Me sinto feliz e realizada por ter contribuído com a educação durante 28 anos. Não é fácil dizer adeus a uma vida de trabalho prazeroso. Aprendendo e levando a luz do saber a tantas crianças e jovens com sede de aprender. Foram muitos dias e momentos felizes em minha vida. Mas entendo que chegou a hora de parar, descansar para curtir com a família e prosseguir com sonhos antigos que aos poucos estou realizando. Viajando e curtindo a vida com saúde e paz ao lado da minha linda família e amigos (SOUZA [Ana], 2019, p. 13-14).

Embora não planejado porque os dados é que foram dando o tom e definindo o percurso da escrita, é simbólico concluir com a avaliação da mulher-professora-aposentada Ana que exerceu um papel importante na minha formação como sujeita do aprender e do fazer docente.

Ana manifesta a satisfação por ter dedicado cerca de 28 anos de sua vida à educação pública. Considerando os dados produzidos durante a entrevista de Ana, temos que seu ingresso na docência se deu quando tinha 14 anos de idade, logo, sem maioridade e formação mínima para o Magistério. Somada toda a sua experiência, Ana dedicou 56 anos de sua vida ao *fazer* e ao *saber-ser* professora.

Ana se posiciona passionalmente avaliando a sua aposentadoria como uma experiência que amou viver, que lhe deu prazer, proporcionou felicidade e a fez sentir realizada. Apesar disso, a narradora revelou ter sentido certa dificuldade para romper com a rotina de trabalho, logo ressignificada com a oportunidade de dedicar mais tempo à família e realizar alguns sonhos. Em conjunção com a sua aposentadoria, Ana enuncia: “entendo que chegou a hora de parar, descansar”.

Nesta seção as narradoras se mostraram ora em conjunção, ora em disjunção com a aposentadoria. Embora tenhamos organizado os enunciados em duas outras seções (secundária

e terciária), percebemos que mesmo as narradoras enunciando euforicamente a aposentadoria, ao avaliarem tal experiência, revelam momentos disfóricos. O mesmo ocorre nos enunciados que sancionam negativamente a aposentadoria e que, na sequência enunciativa, apresentam aspectos eufóricos da vida de mulher-professora-aposentada.



7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrevo como uma homenagem póstuma a Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória.

(Conceição Evaristo, Becos da Memória, 2017, p. 17)

Durante a qualificação, fui arguida e levada a refletir sobre a motivação deste estudo. Embora tenha definido claramente os objetivos e sustentado o argumento de escrever para registrar as histórias de vida de dez mulheres-professoras-aposentadas, ao final, concluo que, mais que registrar ou contar as suas histórias, escrevi mesmo foi para homenageá-las, assim como faz Conceição Evaristo que escreveu para homenagear a todos que “habitam os becos” (EVARISTO, 2017) de sua memória.

Resisti em ampliar o estudo para as narradoras de Araguaína, o que pode ter parecido “preguiça” ou consciência de mais trabalho e desafios. Mas, hoje, compreendo que era apego com as narradoras de Araguatins e receio de me perder pelo caminho, afinal, não assumidamente, isso feria o meu desejo não enunciado. Eu queria escrever para homenagear as mulheres-professoras que habitam o meu ser-professora porque foram elas que incutiram em mim o saber e o fazer docente. Porém, conhecer, conviver e escutar as histórias de Antônia, Ester, Nama e Marta foi um movimento importante que permitiu compreender que a dinâmica de vida e de trabalho de Ana, Cidinha, Diná, Eliana, Solange e Valdeci não foi exclusividade delas e que suas histórias representam a todas nós, mulheres, em especial a nós mulheres-professoras que atuamos na educação básica aqui no Norte e, como vimos, também de parte do Nordeste e Centro-oeste do país.

Constato ainda que, embora tenha crescido entre as narradoras de Araguatins, me formado profissional do Magistério e atuado junto com elas, em algum momento, “nunca [havia conseguido] ver plenamente” essas mulheres. Por isso, privilegiamos nesta tese as suas vozes, mas vimos que, ainda assim, não foi possível vê-las plenamente - dado os objetivos do estudo - tampouco analisar todos os temas que emergiram de suas múltiplas experiências. Daí, optamos pelas regularidades e buscamos perceber as subjetividades no modo de enunciar as suas histórias e os sentidos que foram construindo para as suas experiências: a formação em escolas confessionais, o castigo como metodologia, os sacrifícios das mães e pais para que os filhos

pudessem estudar, o ingresso na docência ainda jovens e leigas, a sobrecarga de papéis e suas multirefunções, as condições indignas de trabalho, formação precária etc.

Analisar as histórias de vida de mulheres-professoras-aposentadas, termo que elegemos para referenciá-las e que reúne performances e representa as inúmeras performances que assumiram a partir de suas experiências estudantis e acadêmicas, da docência e da aposentadoria, configurou-se uma oportunidade importante para refletirmos sobre temas como a desigualdade de gênero, os preconceitos, as condições indignas de trabalho e formação, a desvalorização profissional, as mulheres como uma rede de apoio própria de uma cultura do cuidado, o autoritarismo da escola e as questões de classe, gênero e da relação de poder. As narrativas ilustraram o processo migratório dessas mulheres, ora em busca de formação, ora em busca de trabalho. Trataram sobre os desdobramentos que ser mulher-professora exigiu de cada uma e o modo como foram negociando consigo mesmas, com a família e a sociedade para exercerem o direito à profissão e à formação, e tornaram-se destinadoras de seus próprios destinos.

As narrativas revelaram as sujeitas do *querer, dever, saber e fazer* que são as mulheres-professoras-aposentadas e o quanto, a partir de uma prática educativa engajada e humana (FREIRE, 2021), contribuíram com a formação de sujeitos sociais durante 25 ou mais anos na escola pública. Destacam-se gestos como a carta que Valdeci recebeu de sua aluna dizendo que não aprendera conteúdos, mas a vida; o estudante que retornou só para abraçar Ester e agradecer-lá por não ter desistido dele; Ana, Diná, Eliana, Solange, Valdeci que trouxeram Cidinha como sujeita do saber que contribuiu e, de certa forma determinou, o *fazer* e o *saber-ser* professora de todas elas. Tudo isso ilustra um pouco do trabalho que realizaram.

Ester desejou escrever a sua biografia. Cidinha, no objeto-enunciado 6 (p. 102), enunciou o seu interesse e a felicidade pela oportunidade de “contar a [sua] história sonhada, recitada, cantada [que] não está adormecida”. A narradora atribuiu tudo isso ao fato de reconhecer a importância de seu trabalho e ainda enfatizou que “grandes memórias não poderão ficar adormecidas” (ALMEIDA E SILVA [Cidinha], 2020, p. 7). Isso se dá porque, segundo Eguimar Felício Chaveiro (2023), “Ao narrarem suas vidas, as experiências eclodirão na consciência social e coletiva para que, ao se situarem no mundo de que fazem parte, elucidem as origens e as causas de seus sofrimentos, bem como o sentido de suas lutas e suas vidas” (CHAVEIRO, 2023, *online*).

Tais constatações validaram para nós a necessidade de escrever ou reescrever as histórias mal escritas sobre nós, as mulheres (ANZALDÚA, 2020, p. 53), num exercício de

buscar “desencobrir” (RAMOS JÚNIOR, 2020), reconhecendo as mulheres-professoras-aposentadas como sujeitas epistemológicas. Ainda revelou os estados passionais, ora disfóricos, ora eufóricos, que mostram a junção das narradoras com a ação de ensinar e com a aposentadoria.

Frei Betto, refletindo sobre o processo educativo e o cárcere, atrelou à transformação do homem a percepção da vida como processo biográfico e histórico (BETTO, 2001). Acessar a memória de mulheres-professoras-aposentadas ganhou ainda mais sentido à medida que foram narrando o vivido e nós as escutamos. A biografia de cada uma dessas mulheres revelou as sujeitas históricas constituídas no fazer docente somado a outras tarefas: o casamento, a vida doméstica e a formação acadêmica. O entusiasmo para conceder as entrevistas, a solicitação para serem referenciadas pelos seus nomes próprios e o processo de reconhecimento e enunciação de seus feitos, ou mesmo o lamento pelo não realizado, podem ter contribuído sobremaneira para a elaboração de uma compreensão do vivido. Contribuiu para isso rememorar todo o percurso de vida, da infância à aposentadoria e, nesse (des)contínuo, compreender os próprios processos.

Possuímos um acervo de narrativas que somam 181 páginas, o que pode parecer muito, porém, o trabalho com histórias de vida requer mais tempo, mais conversa. Em média, as entrevistas duraram 72 minutos e apenas um dia, embora tenhamos, sempre que necessário, retomado a conversa com as narradoras para verificação de informações. Apenas Cidinha requereu mais tempo em função do suporte (*WhatsApp*) e necessidade de conciliação com o trabalho (segundo concurso). Isso significa dizer que os 56 objetos-enunciados são parte das narrativas que fomos costurando com vistas à produção de um conteúdo que consideramos acessível e necessário para a formação das novas gerações de mulheres-professoras, pois se inscreve num estudo de gênero e trata da participação social e política de dez mulheres-professoras-aposentadas que, em contextos adversos, se tornaram sujeitas do saber e do fazer docente.

O nosso papel consistiu em articular essas narrativas e buscamos “conferir inteligibilidade” aos acontecimentos narrados, importando-nos sempre o olhar das narradoras e o modo como se sentiam quando lembravam o vivido. A partir do efeito de verdade construído nos enunciados, trazemos as nossas impressões fundamentadas noutros estudos e experiências.

O fato de termos desenvolvido um estudo interdisciplinar mobilizando a História Oral e os estudos sobre a história de mulheres, tendo a semiótica discursiva como teoria de análise, nos permitiu compreender a memória em suas acepções, as transformações vividas pelas

sujeitas mulheres-professoras-aposentadas na relação com outros sujeitos e dos sujeitos com o objeto. Para tanto, consideramos o modo como agiram as mulheres-professoras para tornarem-se destinadoras de sua própria vida ou como foram manipuladas a cumprir o programa estabelecido para elas pelos seus destinadores. Além dos papéis actanciais, analisamos os percursos e performances de trabalhadora, mãe, docente, esposa, mulher - assumidos por cada uma delas para performarem a professora e para formarem-se professoras.

Nessa direção, o sofrimento, o medo, o sacrifício, a discriminação e a solidão em função da ruptura com o trabalho foram regularidades observadas através dos estados passionais enunciados pelas mulheres-professoras-aposentadas. Porém, não só isso, pois há contrapontos como a urgência em ressignificar a vida e investir em si, fazendo o que gosta, seja dar aulas na igreja, ou viajar, costurar, ler, organizar eventos ou se manter ligada à escola como colaboradoras, dedicando-se aos cuidados com a saúde ou, como disse Marta, “o que sobrou dela”.

Durante as análises, vimos que

A história de trabalho de cada sujeito é, no fundo, o retrato das mazelas do país e de suas possibilidades (...) Ao dizerem a sua história de trabalho, os trabalhadores aprendem o que é, também, a história do outro da mesma classe e da mesma identidade. Transformam a história de vida em fonte de irmandade. Entretanto, cada sujeito, dotado de um corpo e de uma voz peculiar, regado de paixões que lhe são próprias e de lutas irredutíveis ao Outro, possui uma singularidade intraduzível. É com essa singularidade que se vive, cria, sente. O ponto de tensão entre a singularidade, a marca digital de um sujeito no mundo, e a esfera coletiva desdobra-se numa equação paradoxal: nunca o sujeito está só. Mas sempre estará só (CHAVEIRO, 2023).

Sem esgotar as possibilidades, mas cercada de objetos-enunciados que registram e ilustram para nós o percurso de dez mulheres-professoras-aposentadas, reiteramos a tese de que as narradoras aqui reunidas viveram experiências adversas para formaram-se professoras e assumirem os seus papéis como sujeitas da ação na escola/comunidade. Ou seja, pelo próprio dizer das mulheres-professoras-aposentadas, vimos que as dinâmicas sociais e históricas fizeram- crer, algumas delas, na docência como dom e no magistério como única possibilidade de acessão social. Apesar disso, a exemplo de Antônia, todas as mulheres fizeram da docência um lugar de luta e resistência, pois dedicaram-se a não reproduzir o castigo, o autoritarismo, o preconceito e outras formas de opressão. Nessa perspectiva, como último apontamento, nove das mulheres-professoras-aposentadas tiveram que migrar em busca de formação ou trabalho. Todas elas conseguiram, a duras penas, romper com o estigma da professora leiga, ingressaram via concurso público e aposentaram-se como profissionais do magistério pelo estado do Tocantins.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIÃO, Theresa; PERONI, Vera. *A formação das novas gerações como campo para os negócios?*. AGUIAR, Angela da S.; DOURADO, Luiz Fernandes (orgs.). In: **A BNCC na contramão do PNE 2014-2024: avaliação e perspectivas**. Organização: Márcia Angela da S. Aguiar e Luiz Fernandes Dourado [Livro Eletrônico]. Recife: ANPAE, 2018.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira E Ambrósio de Pina. 6. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

ALEMIDA, Vasni (org.). *História da educação e método de aprendizagem em ensino de história*. Palmas/TO: EDUFT, 2018.

ANDRELO, Roseane. **O rádio a serviço da educação brasileira: uma história de nove décadas**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.47, p.139-153, Set.2012. Disponível em: file:///C:/Users/erica/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/UFT/ensino%20via%20r%C3%A1dio.pdf. Acesso em: 15 de Abril de 2022.

ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**. Estudos Feministas, 2000, p. 229-236.

ARAÚJO, Adálcio Carvalho de. **Educação supletiva e ensino supletivo como política nacional: nas trilhas da história da Educação de Adultos - da Constituição de 1891 à Lei nº 5.692/71 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Revista Perspectivas em Políticas Públicas. Belo Horizonte, Vol. VIII, Nº 16, p. 69-100. Jul/dez 2015.

AZEREDO, Verônica Gonçalves. **Entre paredes e redes: o lugar da mulher nas famílias pobres**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 103, p. 576-590, jul./set. 2010, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/ytN3F4Y7zJJG7rn5NBbkHdG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso 5 de março de 2020.

BAIA SARRAF, Ilca Pena. **Cartografia de professores migrantes: formação docente na construção de identidades**. Rio Branco: Nepan, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

BARROS, Mariana Luz Pessoa de. **A memória do acontecido e a memória-acontecimento: um estudo semiótico dos gêneros autobiográficos**. Revista Alfa, São Paulo, 60 (2): 355-383, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/qsSrdPP7YgRYLBN4ZMGs3qy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em Ago. de 2020.

BARROS, Mariana Luz Pessoa de. **Pequena semiótica da memória**. Estudos Semióticos, vol. 15, edição especial. São Paulo: USP, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/155057>. Acesso em: 20 jun. 2020.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jean Marie Gagnebin. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária.** Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios da psicologia social.** São Paulo: Ateliê Editoria, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral.** 8. ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.

BRANDÃO, Ruth Silviano. A mulher escrita. In: BRANCO, Lúcia Castello; BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita.** Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004. (11-94).

BRASIL. **Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/176502/000518632.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 5 de Ago. de 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.032, de 23 de outubro de 2000.** Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade Federal do Tocantins. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110032.htm. Acesso em: 11 de Jun. de 2022.

BRASIL. **LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** LEI Nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O. U. de 23 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008.** Regulamenta a alínea “e” do inciso III do **caput** do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111738.htm. Acesso em: 1 de Jan. de 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.** Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm. Acesso em: 1 de Jan. de 2022.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15692.htm#:~:text=LEI%20No%205.692%2C%20DE%2011%20DE%20AGOSTO%20DE%201971.&text=Fixa%20Diretrizes%20e%20Bases%20para,graus%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias. Acesso em: 1 de Jan. de 2022.

BRASIL. Portaria Ministerial nº 955, de 21 de junho de 1994. Institui o Programa Nacional de Transporte Escolar (PNTE). Disponível em: www.fnde.gov.br. Acesso em: 1 de Jan. de 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].

BRASIL. [Constituição (1934)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1934. Brasília, DF: Presidente da República, [1935]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm. Acesso em: 10 de Out. de 2022.

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 10 de Out. de 2022.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. A prosa do mundo. Disponível em: https://www.multiplicadoresdevisat.com/_files/ugd/15557d_2ef200ad9db344918e11c7c3cc0676e3.pdf. Acesso em: 7 de Março de 2023.

CORRÊA, Alessandra. Por que o uso da palmatória ainda é legal em escolas públicas de 19 Estados americanos. **BBC News Brasil**, 2019. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47622799>. Acesso em: 26, dezembro de 2022.

CRUZ, Edna Sousa. **Eu era a única professora negra na escola de inglês: histórias de vida de professoras negras de Imperatriz-MA**. São Luiz: UEMA, 2015.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

DOURADO, Benvinda Barros. O ensino secundário na antiga região norte de Goiás (atual Tocantins): das aulas avulsas ao Ginásio Estadual de Porto Nacional. In: ALEMIDA, Vasni (org.). **História da educação e método de aprendizagem em ensino de história**. Palmas/TO: EDUFT, 2018.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação**. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. O feminismo e a política dos comuns. In: LODRE, Audre [et al] (org.). **Pensamentos feministas: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 379-394.

FEITOSA, Ana Regina Azevedo. Quando o magistério passa a ser um trabalho de mulher: percursos e impasses. **Jamaxi**, Ufac, v.1, n.1, 2017. Disponível em: periodicos.ufac.br. Acesso em 10 mar. 2020.

FERNANDES, Amanda Rocha. SILVA, Luiza Helena Oliveira da. Nem tão moça, nem tão donzela: análise semiótica de um conto de Dalton Trevisan. **Revista São Luís Orione**, Araguaína, TO, vol.1, nº 16, jan/jul. 2021. (ISSN: 2446-5062- online).

FERRERO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. 26. ed. São apulo: Cortez, 2011 (Coleção questões da nossa época), v. 6). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5342947/mod_resource/content/1/Reflex%C3%B5es%20sobre%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20.pdf. Acesso em: 23 de Maio de 2021.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Ática, 1996.

FIORIN, José Luiz. Semiótica das Paixões: o ressentimento. *Alfa*, São Paulo, 51 (1): 9-22, 2007.

FIORIN. **Elementos de Análise do Discurso**. 15. ed. 2ª reimp. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FONTANILLE, Jacques. **Corpo e sentido**. Tradução: Fernanda Massi e Adail Sobral. Londrina: Eduel, Paris: Presses Universitaires de France, 2016, c. 2011.

FONTANILLE, Jacques. **(2013) Veio de uma contribuição e Luiza**.

FONTANILLE, Jacques. Semiótica do discurso. Trad: Jean Cristus Portela. 2. ed. 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 50ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 1. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2001.

FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria de Araújo (org.). **À sombra desta mangueira**. 12. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GAGNEBIN, Jean Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo, Editoria 34, 2009.

GOLDMAN, **Marcio**. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. Revista *Etnográfica* [Online], vol. 10, 2006, Acesso em: 27 outubro 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/etnografica/3012>.

GREIMAS, A.J; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KRAMER, Sonia. **Por entre as pedras**: arma e sonho na escola. 3. ed. 5. impressão. São Paulo: Editora Ática, 2007.

LACERDA, Lilian de. **Álbum de leitura**: memórias de vida, histórias de leitores. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LANDOWSKI, E. **Interações arriscadas**. Trad. Luiza Helena Oliveira da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2014.

LANDOWSKI, E. Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido. **Galáxia** (São Paulo, Online), n. 27, p. 10-20, jun. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014119609>. Acesso em 28 fev. 2022.

LANDOWSKI, Eric. Presenças do Outro: ensaios de sociosemiótica. Trad.: Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. Trad. Malvina do Amaral Dorneles. **Revista Educação e Realidade**, jul/dez, 2003, p. 101-115.

LEIGO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/leigo/>>. Acesso em: 18 Nov. de 2019.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 167-182.

LIMA, Alessandra Gomes Duarte; CARNIELLO, Mônica Franchi; SANTOS, Moacir José dos. **Um Panorama do Ensino Superior no Estado do Tocantins**. UnirG, Gurupi, TO, Brasil. V. 4, n. 1, jan-abr/2012.

LIMA, Marinalva Dias de. **Não quero mais ser professor**: análise semiótica de depoimentos de docentes que desistiram da profissão. 2016. 188p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína, Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, 2016.

LOURO, G. L. Magistério de 1º grau: um trabalho de mulher. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, 14(2):31-39, jul/dez. 1989.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MANKE, Lisiane Sias. **Docência Leiga: História de vida profissional de professoras Primárias Leigas (Pelotas, 1960-1980)**. Dissertação de Mestrado. Pelotas, 05 dez. 2006. Disponível em:

http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/123456789/1691/1/Lisiane%20Sias%20Manke_Dissertacao.pdf. Acesso em: 21 de Dez. de 2021.

MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e tradicionalismo no Brasil**: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Ed. Pioneira, 1975.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do Outro nos confins do humano. 2. Ed. ver. e atualizada. São Paulo: Contexto, 2009.

MENDONÇA, Onaide Schwartz. **Percurso Histórico dos Métodos de Alfabetização**. UNESPE. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40137/1/01d16t02.pdf>. Acesso em: 21 de Dez. de 2021.

NEGREIROS DA SILVA, Elton. **Memórias de uma territorialização na construção do lugar e da paisagem**: cultura e modos de viver dos narradores da Ribeira. 2017. 119p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território, 2017.

NÓVOA, A. **Professores: imagens do futuro presente**. Porto: Ed. Porto, 2009.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução: Angela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Trad. Denise Bottmann. 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

POMPEIA, Raul. **O Ateneu**: crônicas de saudades. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Tradução: Ricardo Santhiago. Coleção Ideias. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RAMOS JUNIOR, Dernival Venâncio; SILVA, Luiza Helena O. da. A escrita de si em momentos de formação. In: **III Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários da Amazônia**, 2011, Belém. Anais do III CIELLA, Belém: CRV, 2011, v. 1, p. 261-268.

RAMOS JUNIOR, Dernival Venâncio. **Desencobrir o sul, desfeticizar o pensamento**. Revista ENTRELETRAS (Araguaína), v. 11, n. 2, mai./ago. 2020. (ISSN 2179-3948 – online)

RAMOS JÚNIOR, Dernival Venâncio. Encontros epistêmicos e a formação do pesquisador em História Oral. **História Oral**, p. 359–372, 2019. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/871>. Acesso em: 7 de jun. de 2022.

RAMOS JÚNIOR., Dornival Venâncio; SILVA, Luiza Helena Oliveira da. Dom e docência em relatos de vida e formação de professores de História e de Letras do Norte do Tocantins. **Revista História Hoje**, v. 5, p. 255-277, 2016.

REIS SILVA, Naiane Vieira dos. **Entre estudos, leituras, maternidade e trabalho**: análise semiótica de histórias de vida de estudantes da área de Letras da UFT. 2020. 187p. Tese (doutorado). Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína, Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, 2020.

RIBEIRO, Nilsa Brito; SOUZA, Hadson José Gomes. Memórias, narrativas e saberes da docência. SILVA JÚNIOR, Fernando Alves da; FERNANDES, José Guilherme dos. **Interculturalidades e saberes: os diversos na contemporaneidade da Amazônia**. 1. ed. Belém, PA: Paka-Tatu, 2015.

RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Trad. Alain François [et al.]. Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2007.

SANTHIAGO, Ricardo. **De volta ao “para uso futuro”? História oral, pandemia e a documentação urgente do presente**. Scielo Preprints, 2022.

SANTOS, Micelani da Silva; HAIASHIDA, Keila Andrade. Trajetória Docente: a luta pela educação de uma professora leiga. XI Encontro Regional Nordeste de História Oral. Universidade Federal do Ceará? Fortaleza, 9 a 12 maio, 2017. Disponível em: http://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1494021499_ARQUIVO_ARTIGO.KEILAEMICELANI.pdf. Acesso em: 1 nov. 2022. Acesso em: 3 de jun. de 2022.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14 n. 40 jan./abr. 2009.

SCHIMIDT, Rita Terezinha. Na literatura, mulheres que reescrevem a nação. In: ARRUDA, Angela [et al.]. **Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto. Organização: Heloísa Buarque de Hollanda**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

SILVA, Idelma Santiago da. Histórias de vida em formação: autopoiesis e práxis coletiva. In: SILVA, Idelma Santiago da; SOUZA, Haroldo de Souza; RIBEIRO, Nilsa Brito Ribeiro (orgs.). **Práticas contra-hegemônicas na formação de educadores: reflexões a partir do curso de Licenciatura em Educação do Campo do sul e sudeste do Pará**. Brasília: MDA, 2014. 316 p.

SILVA, L. H. O. Memórias da guerrilha: acontecimento e história. In: MENDES, C. M.; LARA, G. M. P. (Org.). **Em torno do acontecimento**: uma homenagem a Claude Zilberberg. Curitiba: Appris, 2016, p. 141-162.

SILVA, Luiza Helena de Oliveira. **Memórias (poéticas) de mulheres**. Comunicação. UFNT, em 21.10.2021.

SILVA, Luiza Helena de Oliveira. O passado que se faz presença: uma leitura de meu primeiro picolé, de José Francisco da Silva Concesso. **Revista Entrelétricas** Revista do Curso de Mestrado em Ensino de Língua e Literatura da UFT, nº 2, 2011 (I ISSN 2179-3948). Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entrelétricas/article/view/863>. Acesso em: 15 de jun. de 2019.

SILVA, Luiza Helena de Oliveira; RAMOS JÚNIOR, Dernival Venâncio. Os sentidos da escola e da escolha da profissão docente. **ENTRELETRAS**, Araguaína/TO, v. 3, n. 2, p. 122-140, ago./dez. 2012 (ISSN 2179-3948 – online).

SILVA, Luiza Helena Oliveira da. Memórias da guerrilha: acontecimento e história. In: MENDES, C. M.; LARA, G. M. P. (Org.). **Em torno do acontecimento: uma homenagem a Claude Zilberberg**. Curitiba: Appris, 2016, p. 141-162.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da; MORAES, Carlos Wiennery Rocha. Estudar para ser feliz: análise semiótica de relatos orais de professores licenciados na modalidade de ensino a distância. **Estudos Semióticos (USP)**, v. 10, p. 37-44, 2014.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da; REIS, Naiane Vieira dos. O PARFOR como *locus* de formação de professores de leitores de literatura. **Educação e Políticas em Debate**, v. 3, p. 87-102, 2014.

SOUSA, Alex Montel. Memória, processos de identificação cultural e desobediência epistêmica na/da comunidade quilombola da Ilha de São Vicente em Araguatins-TO. **Anais do Congresso Internacional da ABRALIC: Circulação, tramas & sentidos**, 2018, p. 2094-2105.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOCANTINS. **Histórico da UNITINS**. Disponível em: <http://www.unitins.br/portal/historico.aspx> Acesso em 5 de jul. 2011.

TOCANTINS. Novo modelo do Pioneiros Mirins é lançado e inicia as atividades na segunda. SEDUC. Palmas, TO, 12 de ago. de 2021. Disponível em: <https://www.to.gov.br/secom/noticias/novo-modelo-do-pioneiros-mirins-e-lancado-e-inicia-as-atividades-na-segunda/5sw4nioffmh4>. Acesso em: 3 de jun. de 2022.

VASCONCELOS, Geni A. Nader (org.). **Como me fiz professora**. Rio de Janeiro: D&P Editora, 2003.

VENERA, Raquel; GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. Desafios metodológicos da pesquisa “histórias de vidas e memórias de pesquisadoras/es do campo do ensino de história”. Encontro Regional Sul de História Oral (11.: 2021: Joinville, SC). Anais do XI Encontro Regional Sul de História Oral [recurso eletrônico]: história oral, sociedade e meio ambiente / organização Fernando, Cesar Sossai. – Joinville, SC: Ed. da Univille, 2021. Disponível em: https://www.sul2021.historiaoral.org.br/resources/anais/12/abhosul2021/1634508190_ARQUIVO_4fa8e292f874d1be35893c8c89052059.pdf. Acesso em: Acesso em: 3 de jun. de 2022.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Trad. Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

VIEZZER, Moema. **Se me deixam falar**: testemunho de Domitila Barrios de Chungara, uma mulher da Bolívia, 25 anos depois. 15. ed. São Paulo: Global, 2003.

VOCAÇÃO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/vocação/>>. Acesso em: 18 Nov. de 2019.

ZILBERBERG, Claude. **Elementos de semiótica tensiva**. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

Narradoras

ALMEIDA E SILVA, [Cidinha] Aparecida Alves de [73 anos]. [mai. 2020]. Entrevistadora: Érica de Cássia Maia Ferreira. Araguatins, TO, 20 de abr. a 3 de mai. 2020.

BRITO, Nama Mendes [52 anos]. [jul. 2020]. Entrevistadora: Érica de Cássia Maia Ferreira. Araguaína, TO, 21 de jul. 2020.

LEITE, Marta Francisca Silva Monteiro [54 anos]. [ago. 2020]. Entrevistadora: Érica de Cássia Maia Ferreira. Araguaína, TO, 25 de ago. 2020.

LIMA, Ester Vieira [67 anos]. [jul. 2020]. Entrevistadora: Érica de Cássia Maia Ferreira. Araguaína, TO, 12 de jul. 2020.

PARENTE, Diná Aparecida da Silva [57 anos]. [out. 2019]. Entrevistadora: Érica de Cássia Maia Ferreira. Araguatins, TO, 22 de out. 2019.

RIBEIRO DE SOUZA, Maria Valdeci [67 anos]. [jan. 2020]. Entrevistadora: Érica de Cássia Maia Ferreira. Araguatins, TO, 7 de jan. 2020.

RODRIGUES DA SILVA, Solange [51 anos]. [dez. 2019]. Entrevistadora: Érica de Cássia Maia Ferreira. Araguatins, TO, 12 de dez. 2019.

SANTOS, Antônia Alves dos [57 anos]. [jun. 2020]. Entrevistadora: Érica de Cássia Maia Ferreira. Araguaína, TO, 22 de jun. 2020.

SILVA, Eliana Ferreira Santana da [52 anos]. [jan. 2020]. Entrevistadora: Érica de Cássia Maia Ferreira. Araguatins, TO, 7 de jan. 2020.

SOUZA, Ana Feitosa de [70 anos]. [dez. 2019]. Entrevistadora: Érica de Cássia Maia Ferreira. Araguaína, TO, 3 dez. 2019.



APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: HISTÓRIA DE VIDA, FORMAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA CARREIRA DOCENTE POR PROFESSORAS APOSENTADAS: uma pesquisa participante no Norte Tocantinense

Nome da Pesquisadora: **Érica de Cássia Maia Ferreira**

Nome da Orientadora: **Luiza Helena Oliveira da Silva**

Nome da Coorientadora: **Ana Crélia Penha Dias**

- i. Você está sendo convidada a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar a história de vida de professoras aposentadas que atuaram no Norte Tocantinense com vistas a registrar as suas experiências estudantis e acadêmicas, bem como, da docência e aposentadoria que, de certa forma, colaboram para a história educacional da região.
- ii. Ao participar desta pesquisa, você contribuirá com a pesquisadora Érica de Cássia Maia Ferreira e concederá entrevistas com o objetivo de compartilhar os acontecimentos vividos na escola durante o seu processo de formação básica e universitária, as aprendizagens advindas da prática docente, o processo de aposentadoria entre outros aspectos da vida privada e pública como mulher-professora-aposentada.
- iii. Fica assegurada a sua plena liberdade de, em qualquer momento, retirar-se da pesquisa ou vetar o uso de de qualquer parte das entrevistas sem nenhuma penalização por parte das pesquisadoras. Afirmando, ainda, que em qualquer fase da pesquisa você poderá retirar seu consentimento sem qualquer prejuízo, ainda garantindo a manutenção do sigilo e da privacidade dos dados. Durante todo o processo da pesquisa e caso você sofra algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, terá direito à indenização. Às participantes fica garantido o acesso aos resultados da pesquisa.
- iv. Fica assegurado ainda o direito da participante em requerer informações, sempre que achar necessário, sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora responsável pelo projeto: celular (63) 99972-5683 e, se necessário, através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa, (63) 3232-8023.
- v. As entrevistas serão transcritas, e posteriormente devolvidas às participantes da pesquisa, para apreciação e anuência ou possíveis mudanças. É certo que toda pesquisa que envolve pessoas dispõe riscos tanto de caráter psicológico quanto físico. Em caso de danos de qualquer natureza, uma vez que a pesquisa em História Oral mobiliza a história de vida dos sujeitos e sujeitas, poderá despertar emoções ou desconfortos. Contudo, para esta pesquisa não adotaremos procedimentos invasivos ou que gerem

constrangimentos. Adotaremos uma postura ética que deverá zelar pelo conforto, segurança, confiabilidade, respeito e escuta sensível. Pretendemos que tudo transcorra tranquilamente. Em caso de riscos, que sejam moderados e sanáveis.

- vi. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. As informações coletadas nesta pesquisa são estritamente confidenciais. Somente a orientadora da pesquisa e eu, como pesquisadora, teremos conhecimento de sua identidade e nos comprometemos em mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa. A participante deverá indicar a forma como deseja ser mencionada ao final deste termo. Você não será exposta em nenhuma publicação resultante deste estudo, sem a devida autorização. A referência à participante será feita através de nome fictício indicado pelos próprios voluntários ou criados pela pesquisadora, exceto se o participante da pesquisa autorizar o uso do seu nome próprio nos dados.
- vii. Uma cópia deste termo de consentimento será arquivada no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL) da UFNT, *Campus* de Araguaína, e a outra será fornecida a você, participante desta pesquisa. Nesta pesquisa, nos dedicaremos à escuta da história de vida e captura das vozes mulheres-professoras-aposentadas que residem nas cidades de Araguatins (TO) e Araguaína (TO) como forma de registrar e dar visibilidade às narrativas dessas mulheres que contribuíram com a formação básica e dedicaram 25 anos ou mais à educação de inúmeros sujeitos e sujeitas do lugar onde vivem. Com isso, pretendemos colaborar para a construção de uma memória coletiva e uma reconstrução da história educacional do extremo norte tocantinense
- viii. Deste modo, pretendemos, a partir dessa pesquisa, registrar o percurso formativo e as condições de vida e trabalho de mulheres-professoras-aposentadas do Norte, em especial das cidades Araguatins e Araguaína e colaborar para que suas vozes ressoem e possam colaborar para práticas e estudos com vistas a uma educação de qualidade para todos, em todos os níveis. A participante não terá nenhum tipo de despesa para colaborar com esta pesquisa, assim como não será remunerada pela sua participação.
- ix. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa, cabendo o preenchimento dos itens que se seguem.

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____,
fui informada dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão, se assim o desejar. A professora orientadora **Luiza Helena Oliveira da Silva** juntamente com a pesquisadora **Érica de Cássia Maia Ferreira** certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais. Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Autorizo o uso do meu nome na divulgação dos dados desta pesquisa, da seguinte forma:

Nome próprio

Nome Fictício Sugestão de nome fictício: _____
_____, ____/____/____.

Assinatura da Participante da Pesquisa

Assinatura da Pesquisadora



Assinatura da Orientadora

CEP- Comitê de Ética em Pesquisa - UFT/TO.

Endereço: **109: Norte, AV. NS 15, ALCNO 14, Prédio do Almoxarifado**

Fone: **(63) 3232-8023** E-mail: **cep-uft@uft.edu.br**

CEP: **77001-090** Palmas/TO.

Pesquisadora Responsável: **Érica de Cássia Maia Ferreira Rodrigues**

Endereço: **Avenida Campos Elísios, 451, setor Noroeste/Jardim Goiás, Araguaína/TO,**
CEP.: 77824-060

Fone: **(63) 9 9972 5683**

E-mail: **ericadecassia@mail.uft.edu.br**

Orientadora: **Luíza Helena Oliveira da Silva**

Endereço: **Rua Mato Grosso, Araguaína/TO**

Fones: **(63) 9 8151 2095**

E-mail: **luiza.to@uft.edu.br**

APÊNDICE B - ENTREVISTAS**TRANSCRIÇÃO – Antônia Alves dos Santos**

E: Érica

A: Antônia

E: Ai, Gente! Mas é sempre assim, né. Sempre quebram quando a gente tá mais precisando (falando dos óculos).

A: Mais precisando... Eu sou ótima, eu tenho dois e os dois estão quebrados. Pois não, querida...

E: Ai! Credo... O meu tá aqui, precisando ser trocado...

A: Eu espero que eu possa lhe ajudar naquilo que você precisar, que eu tenha condições...

E: Com Certeza. E eu tinha um desejo muito grande de pesquisar memórias, meu primeiro projeto, anos atrás, foi sobre memórias quando eu concorri para UFPA. Depois eu acabei me adequando as linhas de pesquisa aqui na UFT no mestrado e agora no doutorado. Agora no doutorado, eu encontrei esse interesse também da minha orientadora e está sendo muito prazeroso pra mim construir esse trabalho, construir essa tese, porque é um assunto e são sujeitas que me interessam muito, que são professoras. Eu começo pelas minhas professoras, porque a ideia, inicialmente, era entrevistar só elas. Mas como a gente foi vendo que não era uma história particular daquele lugar, daquelas mulheres e por estar aqui em Araguaína, a gente decidiu ampliar e fazer essa contextualização aqui do centro norte com extremo norte que são narrativas que vão ao encontro uma da outra. Porque a gente foi vendo as semelhanças entre a história de uma e a história de outra. Então, ao invés da gente contar só a história daquele lugar, daquelas mulheres, a gente quer ampliar, a gente quer dar conta de ampliar esse leque, esse recorte da pesquisa. E é por isso que eu chego até a senhora, muito feliz. Eu acompanhei um pouco enquanto técnica, embora de áreas diferentes, e tenho a dimensão do seu trabalho, o reconhecimento do seu trabalho... e é com muita alegria que eu conto com a senhora hoje. Fique muito honrada...

A: Eu que fico ((risos)).

E: Espero fazer jus a essa confiança, né.((risos)). Na hora de usar a entrevista, eu vou preservar sua identidade, vamos tomar todos os cuidados éticos possíveis.

A: Não tem problema não. Se quiser usar meu nome, tudo ao meu respeito, pode usar. Eu não tenho nenhum problema. O que eu falo ou escrevo, eu assino embaixo. Então, você tá liberada se quiser utilizar.

E: Tá. Eu só dependo do conselho de ética e o que eles orientarem a gente tem que obedecer.

A: É, geralmente pesquisa é assim, né?

E: É. Eu organizei a entrevista mas ela não é rígida, a gente pode voltar pra onde quiser, sempre que quiser. Eu organizei ela em três sessões, a primeira sua formação básica, na escola básica,

enquanto aluna, estudante... desde a sua infância até onde a sua memória nos permitir. Depois, falar da sua experiência acadêmica e por fim falar da sua experiência na docência. Pra começar, eu gostaria que a senhora falasse seu nome completo, sua data de nascimento e o lugar onde vive...

A: Antônia Alves dos Santos, nasci em 15 de janeiro de 1963, 57 anos, né. E hoje moro em Araguaína, Tocantins. Agora, eu sou paraibana, eu sou da Paraíba, de uma cidade chamada Remigio, no interior da Paraíba, e estudei em Campina Grande depois, mas isso é quando eu fui pra academia, né. Hoje, moro em Araguaína.

E: A senhora veio pra Araguaína com quantos anos, professora?

A: Fazem 27 anos que eu tô em Araguaína, eu vim com 32 anos.

E: Ok. E como a senhora aprendeu a ler, a senhora se recorda?

A: Sim, sim. Tenho muito em mente na minha cabeça, embora eu fosse pequena. Eu aprendi a ler na roça. Eu morava na roça. Meu pai, nos anos 60, teve que ir como todo nordestino... Todo nordestino da época ia para o Rio de Janeiro em busca de melhoria de vida, né. Ele era puxador de agave, não sei se você conhece essa profissão?

E: Não.

A: É... mas você sabe o que é sisal?

E: Sei

A: Então, meu pai utilizava o sisal, hoje tem máquinas pra isso... Mas o sisal, nos anos... anteriores, antigos, eles eram fabricados...eram feitos pelas pessoas. Então, colocava as maquinazinhas e ela tinha que ser puxada pelos homens...pelas pessoas, meu pai trabalhava nisso, cortava a palma e puxava, né. Tal qual o pai dele e etc. E também viviam da roça e nós morávamos na roça. E a escolinha que montaram, tinha só uma professora né::, meus pais eram alfabetizados. Meu pai foi alfabetizado até a quarta série, a minha mãe também, mas ela teve tempo...um probleminha e esquecia das coisas, então ela...ela não me acompanhava. Meu pai ele queria que a gente estudasse, a vida toda ele trabalhou pra que a gente estudasse e não trabalhasse como ele. Então, eles e:: eles lutaram na roça pra que tivesse uma escola, porque já tinha uma professora, que era da roça, e que foi pra cidade e que estudou em um internato, que lá tinha um internato né:: das mães, das freiras, que era em Areia, na Paraíba, uma cidade lindíssima, depois você dá uma olhada que as minhas cidades são lindíssimas. Aí...aí... essa professora se formou e voltou para o lugar dela, porque o sonho dela era que as crianças que estavam naquele espaço, pudessem ter a mesma educação que ela teve. Porque ela foi levada pelos donos da terra do pai dela...que o pai dela trabalhava, ela foi pra cidade trabalhar na casa como doméstica né:: pequena, 8 anos de idade, mas lá eles colocaram ela na escola. Por incrível que pareça, naquele tempo também tinha gente decente. Tinha aqueles que jamais colocaria, mas essa foi uma, graças a Deus ela se formou e eu também, né, depois. ((risos)) Então... todos nós ali da região, meus avós, todas as crianças iam para essa escolinha né:: era uma escolhinha na casa da professora. Eu não lembro o nome dela, mas eu lembro a figura dela, entende? Mas o nome eu não lembro. ã:: Ela era bem grande, negra, linda. Eu acho que porque eu gostava muito de estudar, a figura dela me encantava, me encantava. Eu chegava na escola babando por ela. E aí, pronto eu fiz a primeira fase. Depois, a gente foi pra Areia, anos depois. Aí não tinha

mais jeito...fez até a terceira série e ela foi embora do lugar e não teve outra professora pra lá. Então, meus avós resolveram colocar é:: minha Tia, a mais velha de nós, ela tinha terminado é:: e ela ia pra segunda fase, aí não tinha e ela foi pra Areia primeiro, assim, uns 30 km da roça. Aí, ela foi pra Areia primeiro né:: foi estudar na escola de freiras que era magistério, foi estudar o magistério nas escolas das freiras ...que já tinha aberto pra sociedade...porque era só, só entrava lá quem era filho dos senhores do engenho ... a região lá é de cana de açúcar... onde nasceu Pedro Américo, né, eu sou privilegiada ((risos)). Onde nasceu Pedro Américo, José Américo né:: e, inclusive, é uma região bem ...bem...bem notada nacionalmente. Então, minha tia foi, e depois meus avós...Meu pai já tinha ido pro Rio de Janeiro, e aí meus avós resolveram...minha avó tinha filhos pequenos também né:: vovó...minha vó... teve 19 filhos, e mamãe teve 8. Então já viu, né, eu e minhas tias estudamos todo mundo juntos, nos criamos juntos né:: E aí a tia era a mais velha, na época, com 18, 20 anos, vovô comprou uma casa na cidade depois que ela foi para o Internato... então ... ela saiu do internato, vovô comprou uma casa e aí mandou a gente pra lá. E a minha ... a minha ... segunda fase né::, de quinta até o nono ano foi lá em Areia né:: na cidade... não... só um minuto, até a terceira ... até a quarta série... quinta? É:: Porque eu estudei na roça até a terceira série primaria, depois a gente foi pra Areia porque não tinha mais, a professora tinha deixado a gente na metade do ano. Então a gente foi pra Areia e fui estudar no Carlota Barreira (risos) era uma escola é:: ... é:: uma escola primária ... pública... municipal né ... e todas as escolas naquela época eram municipaltinha um prédio... todas existem ainda, todas as escolas que eu estudei são tombadas. A cidade de Areia é toda tombada. Ela é de 1700 né... então você chega lá, parece que você tá dentro ... tá no século XVII e XVIII, por incrível que pareça ... é belíssima! Então, as escolas tombadas, um prédio riquíssimo em arquitetura né:: então assim, eu ficava olhando aquelas paredes... Talvez, desde então, eu quisesse ser professora de história (risos)... porque pra mim, era...Sabe? R Era todos da época colonial. Então eu vivi nesse universo né:: e eu era muito de... sou ainda ... muito observadora... então, aquelas paredes, aquelas casas, aquelas ruas... tudo me chamava atenção. Criança, né.

E eu cresci ali:: na-que-le universo. E:: era boa aluna, sempre fui boa aluna. Nunca fui aluna relapsa, mas eu queria mais então... eu levei muito castigo por isso. Porque eu queria saber mais... do que a professora dizia, porque tudo tinha mais lá fora, entendeu? Então, eu queria saber mais, e aí era só dentro daquilo, daquela regrinha básica... acabou né? Lá tem museus...museus já público naquela época, não era muito porque as pessoas guardavam seus segredos néh ... a cidade guardava seus segredos dentro da cidade... Tudo que era ruim, ficava guardado né... Então...como era uma cidade escravocrata... foi uma cidade escravocrata né...no século XVIII dos engenhos de cana de açúcar ... ainda tem inclusive... você precisa conhecer, tô te convidando pra ir comigo...você vai amar ... A literatura lá é maravilhosa, a parte literária sabe? Tem muito...muito...muito ... tem muito, muito literata lá... dessas épocas e de outras épocas. Então, eu levei muito castigo por conta disso, porque eu sempre fazia perguntas quando não perguntar ... na verdade você não podia perguntar nunca, né. E:: eu era castigada ...eu era colocada no cantinho da parede ... naquele cantinho né? ... com um chapeuzinho na minha cabeça escrito burra.

E: Ai meu Deus! Então me conte como eram os professores? Porque se eles usavam o castigo, eles eram figuras autoritárias?

A: Sim...sim. No início sim, na primeira fase muito...muito... Ao mesmo tempo né... aí quando mudou de professora éh:: aí, veio um anjo ((risos)) que ficou pouquíssimo tempo exatamente pelo que ela era... entendeu? Então, ela passava a levar a gente pra dar uns passeios dentro da escola, sabe? Aquela coisa assim... e aí eu cheguei na quinta série ... e fui para o Rio de Janeiro... porque aí meu pai quis...já tava bem, ele não era mais apenas um ajudante de armazém, ele já

era um dono de armazém né? daquele tipo de armazém que vendia tudo. E ele queria a família dele perto. Então, mamãe resolveu que a gente ia embora pro Rio de Janeiro. Então, a minha segunda fase do ensino fundamental hoje... foi no Rio de Janeiro... e:: a escola não tem...a escola que estudei queimou depois... e a gente voltou pra Paraíba depois, mas em 76 eu volto pra Paraíba. Então, eu fiquei de ses-sen-ta e:: no-ve, 70 a:: 76. Janeiro de 76 eu volto para o Rio de Janeiro ...No Rio de Janeiro as coisas já eram diferentes né? Já era uma cidade mais próspera, embora fosse também interior, porque papai nunca gostou em cidade grande ... morarava também no interior, a cidade chamava Saracuruna. Ma::s de qualquer maneira as coisas diferentes chegavam. O que que era diferente? Um ensinamento diferente, mas lembrando que nesse momento era ... estávamos na ditadura militar, certo? Então, eu era criança... 9 de idade, 9, 10 anos de idade, ma::s como eu falei ... fui sempre observadora, meus professores daquela época, principalmente os de história e geografia, teve um dia que simplesmente a Marinha foi pra nossa escola, porque sempre ia, a Marinha, o Exército e a Aeronáutica, eram perto os quartéis. E ... iam pra lá cantar música ...então... eu sei tudo tá? Por causa dessa época... a gente cantava, achava a coisa mais linda. Mas por trás ...estava o horror, que eu não sabia e só fui saber muito depois.

E: E a senhora também não falava sobre?

A: Absolutamente. Nosso professor de história, que era um dos bons, de repente ele não tava mais na escola. Mas ninguém disse o porquê. A professora de História, Lúcia Marina, uma professora divina, de repente ela não tava mais na escola. E ela morava perto da escola, e a casa dela também tava fechada, porque a gente passava em frente a casa dela pra ir embora pra casa, né. E sempre que a gente passava lá a gente falava com ela e eu era apaixonada por ela. E até hoje eu não tenho notícias, não sei o que aconteceu. Simplesmente ela desapareceu, da escola e da casa. E quando ela desapareceu, veio outro professor de história e ele passou a dar aula mas sempre tinha um policial militar do exército dentro da sala, dentro de todas as salas de aulas. E a gente não entendia, achava interessante.

E: Mas ele acompanhava só os professores de história ou todos os professores?

A: Não, ele ficava as aulas inteiras, não só o professor de história. Ele passou a ficar todas as aulas. Então foi assim, e como a gente não tinha noção, ninguém falava nada. Então passou, passou o tempo, aí, eu mudei de escola porque eu já tinha passado pra outra serie. E na sexta serie primaria, em 76, papai disse que não queria ficar mais no Rio, e não queria mais voltar para o Rio de Janeiro nunca mais. Cumpriu a palavra, faleceu ano passado e não voltou. Então, ((risos)) queria voltar para a terra dele. Todo nordestino é assim, acho que todo ser humano, sai da sua terra mas a vontade é de voltar pra onde ele nasceu e onde ele tem suas raízes, né. Eu acho que eu sou a única doida que não tem essa ideia. Amo a minha terra, vou lá direto, sou apaixonada. Mas voltar, pra mim, eu gosto...A minha filosofia é se eu tô bem nesse espaço, nesse lugar, é aqui que eu vou ficar. Então, eu não tenho essa coisa “minha terra” pela minha terra. A minha terra é o Brasil, então, em qualquer canto eu vou ficar bem.

Então, a gente voltou em 76 e eu quis estudar em Areia. Nós fomos morar novamente na casa da minha tia e eu fui estudar lá em Areia, já no segundo grau. Ah, pra quinta serie eu fiz a aquela prova de admissão.

E: Uhum.

A: Passei em primeiro lugar, inclusive, fiquei na turma A. Porque naquele tempo se dividia A, B e C. A forte, B médio e C fraco. Daí eu fui pro A. Em Areia, quando a gente chegou, em 76,

eu fui morar em Areia mas o papai não queria morar em Areia, então a gente veio pra Remigio. Papai comprou uma casa lá e a gente veio pra Remigio, e aí eu fui estudar lá, primeiro ano, que não era médio básico. Era médio científico, Remigio Paraíba. Então, eu estudei lá o primeiro ano e quando chegou no segundo ano, não tinha mais, a escola era segundo grau, mas o estado só ofereceu o primeiro ano.

E: E era magistério?

A: Era não, era científico, que hoje é médio básico. E eu, porque meu queria que eu fosse pra magistério, e o magistério era em Areia na escola de freiras. E eu não queria de jeito nenhum magistério. Eu achava que eu não tinha vocação para ser professora, por incrível que pareça. E aí, eu queria no Técnico agrícola, até me matriculei, mas quando meu pai soube ele me ameaçou de uma surra. Ele nunca tinha me batido ((risos)). Porque o Técnico não tinha mulheres, eu era a primeira, entende? Da turma. Depois, chegou outra, mas eu era a primeira da turma. Aí quando papai soube, foi lá e me tirou mesmo, entende? Não me bateu mas ameaçou. E então, eu fui pra Areia estudar na escola José Américo de Almeida, é um prédio divino! Sabe? Lindo! E a gente ia de Remigio de ônibus escolar. O nosso ônibus era tipo o ônibus dos Estados Unidos, aqueles amarelão e preto com aquelas caronas, daquele jeito. Eu me sentia, e a gente ia nesse ônibus pra Areia, cheio de gente. De Remigio pra Areia são 12 km, é perto. Foi um tempo maravilhoso, sabe? Uma estudantada boa, de gente muito boa, meus melhores amigos que até hoje a gente convive. Um tempo muito bom. Mas a gente começou a brigar pra ter o ensino médio em Remigio. Então eu já era meio rebelde, né.

E: Revolucionária eu acho que cai melhor. ((risos))

A: eu e meus amigos fomos os primeiros a gritar mesmo, e a gente conseguiu. O prefeito de tanto ouvir a gente na porta, porque o ônibus quebrava muito e a gente ficava na estrada. Então, a gente conseguiu. Mas antes da gente conseguir, nós fomos para o colégio das freira, porque caiu o teto do colégio José Américo e a gente teve que ir pro colégio das freira. Foi um médio, assim, divino! De tanta travessura. O colégio com uma arquitetura belíssima, é lindo até hoje, colégio Santa Rita, só de Freiras. E as Freiras, assim, extremamente rígidas, com uma filosofia ainda do início do século XX, maioria delas alemãs. E a gente só entrava se a farda estivesse perfeita. Perfeita, significava nenhum vinco. Agora, você viajar 12 km, dentro de um ônibus com um buraco no meio deste tamanho, como você ia chegar arrumada na escola? Era meio difícil, mas...Então, tinha os dias das meias, meia branca e meia, o sapato era o sapato Vulcabras, que até hoje eu tenho os calos atrás que nunca sarou ((risos)). E a tarde, a gente tinha que ir pra lá, 12 km de novo pra educação física, que não era no mesmo horário de manhã, entende? Então a gente ia as 6 horas da manhã pra Areia, voltava as 11, almoçava, e uma hora da tarde tinha que tá lá novamente porque tinha aula de educação física, Entendeu? E detalhe, a tarde não tinha ônibus pra nós, você tinha que ir no ônibus da rua, de passageiros. Então, ficava, economicamente falando, bem pesado. Mesmo assim, a gente ia. E naquela época existia muita carona, e a gente adorava carona, meu esporte favorito era pedir carona ((risos)) ou quando a educação física era na quarta feira que não tinha aula, tinha quarta no mês que não tinha aula. Porque eles precisavam se reunir e fazer não sei o quê lá. Então, eles marcavam a educação física pra de manhã. Aí, a gente ia a pé.

E: 12 km...

A: 12 km. Pra gente era o máximo, porque o caminho da ida pra Areia é lindo, parece que você tá na Europa. O caminho é lindo! E mata atlântica, caminho todo fechado, a estrada toda

fechada, as árvores se cruzam, sabe? Então, você vai, assim. Até hoje eu passo lá e fico assim (olhando pra cima), porque é muito bonito. Eu sou louca por natureza, então. E aí, pronto, eu senti uma coisa, a minha infância foi muito feliz! Sabe? Muito feliz mesmo. E relacionado a estudar, muito bom, muito bom! Talvez porque eu gostasse, né. Foi uma infância única, que eu passe assim, talvez por isso o meu gosto de ser professora é maior, sabe?

E: Eu queria voltar um pouquinho lá nos professores, como eram esses professores? Porque a senhora me contou sobre as formas de castigo, né? Então, aquela era a única forma de castigo? Ou eles usavam palmatória e outras formas de castigo? E como eram essas relações dentro da escola, né? Como a senhora via essa relação professor com os alunos?

A: Olha, os professores, apesar de ter os castigos, eles eram rígidos mas eles eram meigos também, entende? Era uma relação onde o respeito era acima de tudo, o respeito com o professor, as cadeiras eram uma atrás da outra, sem nem uma mais de uma lado ou de outro. Então, a sala de aula, começava pela sala de aula, na sala de aula tinha um patamar onde ficava o professor, que era um jeito de dizer: “esse é o professor, e ele precisa ser respeitado”. Como eu te falei a gente não podia fazer perguntas, se ele perguntasse a você, você responderia. E aí, quando você não sabia responder...Primeiro você tinha que decorar a tabuada de ponta a ponta, era uma das coisas que eu odiava, e eu sempre levava castigo. E os castigos eram, além de ficar depois da aula, se terminasse 11h, você ficava, por exemplo, 30 min a mais.

E: Fazendo o quê?

A: Estudando a tabuada, sozinha na sala de aula, trancada a chave, viu? Ou você quando errava ia pro caroço de milho, 15 e 20 min. E como eu reclama, que não era como eu tivesse errado a tabuada inteira, entendeu? Era uma ou duas, mas eu ia pro castigo. Então, a rigidez era muito grande. É Palmatória não peguei, embora na roça tivesse mas a professora nunca deu na gente. No ensino fundamental também não. Mas o castigo de colocar na parede de costas com o cone na cabeça com as orelhinhas de burro, esse tinha, que era uma humilhação. O do milho, de botar o joelho no milho. Se você reclamava, você desrespeitou. Então, eu sempre reclamava, sempre fui muito de...a coisa tava injusta e eu não aguentava, minha língua coçou muito, nesse sentido, aí eu ia pro castigo. Então, tinha o milho, o cone e ficar de castigo turmas inteiras no corredor, por exemplo, se acabou o recreio e um da turma chegava atrasado, a formação já tava feita, era motivo pra turma inteira ficar de castigo, inclusive, no segundo grau. Aí, pronto, tinha os chefes de turma, e esses chefe de turma não era só porque era o melhor da sala só, era porque ele era o entregão de alguém que tava conversando fora de hora, de alguém que não tinha feito o dever, não sei. Era esse o chefe de turma. Logo, lhe dizendo que eu nunca fui chefe de turma ((risos))

E: Que bom! ((risos))

A: Fui cotada, mas nunca fui. As professoras nunca me achavam, assim uma pessoa assim... boa de nota eu sempre, mas eu era muito rebelde, então, já viu, né? Pronto, na infância os professores eram rígidos mas eram meigos.

E: E como a senhora se sentia nessas escolas? Se a senhora fosse me dizer esse sentimento, de estudar nessa escola que tinha um castigo, que tinha essa disciplina... como é que a senhora se sentia?

A: Eu, sempre me sentia bem, porque eu sempre fui tratada bem. Agora, eu só não gostava, e aí eu tinha esse sentimento de raiva, entende? Não tinha isso de não gostar e perceber que aquilo era errado, eu achava que aquilo fazia parte do contexto, eu errei, mesmo eu achando que não

era justo, eu não tinha essa noção que era errado, que a escola poderia fazer diferente. Mesmo eu sendo da roça, eu não sentia a discriminação. Talvez, por conta das minhas notas e pela minha participação na aula quando se perguntava, eu acabava sendo olhada de outra maneira, entende? Eu era tímida mas eu era de responder as coisas quando me perguntavam. Porque os castigos não eram sempre, eram castigos muito esporádicos, e aí então por isso eu não percebia o tamanho dessa forma, rude, grosseira e errada de proceder. Eu não sentia tanto. Eu via, eu não gostava quando fazia com os outros e comigo, mas depois passava, porque os outros dias eram tranquilos, então, era assim.

E: E o que a senhora gostava mais de fazer na escola, o que era mais legal?

A: Jogar vôlei, jogar futebol, brincar de queimada e bater papo em rodas na hora do recreio. Porque ficavam as rodas, meninos pra lá e meninas pra cá, porque tinha que ser. Até mesmo no ensino médio ainda tinha isso lá.

E: Então era meninos para um lado e meninas para o outro. Na sala também era assim?

A: Só na primeira fase do prezinho a quinta serie primária. Três filas de meninos e três de meninas, Só a partir do primeiro ano científico é que não tinha mais essa diferença, era todo mundo junto.

E: Entendi. E que experiências a senhora viveu de escola básica em Areias, depois em Remígio, lá no Rio de Janeiro, que a senhora percebe que lhe influenciaram ou que lhe influencia até hoje? Como pessoa, como mulher, como profissional?

A: A pessoa que mais me influenciou foi a minha professora do primário, aquela que eu falei, aquela da roça. Justamente pela meiguice e pelo que ela enfrentava alí naquele local. Lógico, que ela não dizia pra gente, porque a gente era pequeno, mas nossos pais comentavam, a filha do compadre fulano , todo mundo era compadre na roça, que foi para cidade, negra e domestica e voltou formada”, isso eu nunca esqueci.

E: Fantástico!

A: Principalmente por essa ser negra, você não via de jeito nenhum. Você olha suas professoras do primário, nenhuma era negra. No Santa Rita então, nem pensar. E aí, isso me chamava a atenção, porque tinha, lembrando que era uma cidade que tinha muitos descendentes negros, era uma cidade escravocrata.

E: remanescentes, né? De quilombos...

A: E minha tia, Neva, tinha uma amiga que fazia magistério com ela e ela era negra. Depois a gente foi ver isso no colégio Santa Rita, porque ela era negra, e sofria muito. No colégio Santa Rita, nessa época, a minha tia foi levada pra lá, porque a minha tia foi levada pelo João Barreto que era o dono de muitas terras, e ele era apaixonado pelo meu avô, meu avô cuidava do gado dele, juntos com os vaqueiros meu avô era o administrador da fazenda. Ele não tinha filho, ele só tinha um filho que estava nos Estados Unidos, naquela época já. Estudando lá. Então, ele sentia muita falta, então, ele pegava a gente, carnaval, sabe? E aí, ele adotou uma menina e ela não tinha companhia, então, ele pegava a gente numa caminhonete que ele tinha, e a gente ia. A filha dele estudava com a gente nessa escola, então, pronto. É um período muito interessante e a gente não tinha. Mas o seu João Barreto, João Barreto era o nome dele, ele não tinha

empregadas negras. Ele tinha dois engenhos de açúcar e lá eram sempre pessoas negras trabalhando, mas ele não tinha empregada negra e aí, foi bem interessante esse período. E aí, nós não tínhamos professora. A Rita de Cassia, a melhor amiga da minha tia, que estudou com minha tia, ela dizia sempre pra nós: “mas menina você não sabe, a Rita de Cassia hoje teve que ficar fora do horário porque a Madre exigiu que ele fosse ajudar na limpeza porque ela tinha bolsa de estudo, entendeu? Minha tia tinha bolsa de estudo nessa escola, porque estudava lá quem pagasse e era muito caro ou quem tinha bolsa de estudo. Então, seu João Barreto era dono de engenho e ele podia arranjar. Aí, a minha tia estudava lá com bolsa de estudo e ele deu pra Rita de Cassia também, que era vizinhada minha tinha. Então, quando ele conheceu a Rita, ele deu a bolsa de estudo. Mas as mães não admitiam que ela estudasse lá, mesmo com bolsa de estudo. Ela só não saiu de lá, porque seu João era o “bambambam” da cidade, entendeu? Dono de engenho e ele que pagava a metade. Então, era assim. Quando a gente foi pro internato, pro Santa Rita, que eu também estudei lá um ano, eu odiei. Só estudei lá porque tinha que estudar, mas eu odiei. Tanto que eu não fui fazer magistério por causa dessa época. A gente era muito presa, tinha que tá impecável. Entrou dentro da sala de aula, a igreja dentro da escola, aula de religião, aula de corte e costura, aula de crochê e tricô, até hoje eu não sei fazer ((risos)). Travei, não consegui aprender, porque era a régua de madeira na mão se você errasse, entendeu? Ela só olhava pra você e dizia: “pega as duas agulhas, no tricô” e eu odiava tricô, eu sempre fui muito ruim, sabe? De coordenação e só vim aprender depois, mas eu não sei crochê, nem tricô e nem bordado, nada! Não sei, acho que eu não quis, na verdade...

E: Bloqueou...

A: É, eu não quis. Mas seria bem interessante hoje. Até pensei em aprender esses dias ((risos)), porque achei um negocio muito lindo ali, doida pra fazer e não sei. Aí, então, pronto, são esses professores... São professores que tratavam você com rigidez, muitos mais que o necessário, mas tinham os castigos mas eu não sentia tanto porque... talvez, porque minha mente, minha cabeça era muito livre, independente dessas coisas. Eu hoje analisando, esses dias, eu lembrando desse período

sabe? Dentro da escola. A escola era linda, eu saia pro recreio o que acontecia dentro da sala não interessava mais, então, minha mente era muito livre, muito livre mesmo. Então, eu não ficava traumatizada, eu sabia o que tinha acontecido, eu nunca deixei de saber, mas não para eu ir pro recreio e ficar no canto chorando e chorando, não! Pelo contrário, o que tinha pra brincar era o momento, era tanto que eu voltava pra sala e sempre levava bronca porque eu tava toda desarrumada, certo? Era ((risos)), era... nunca...

E: Esse padrão, né. Esse controle do corpo. Até hoje o nosso corpo é controlado, o nosso corpo e propriedade do estado, mas antes essa educação, era uma educação violadora do corpo, a gente era, na verdade, violado o tempo todo por esses excessivos controles, do como se sentar, né, como se portar, enfim...

A: Então, por exemplo, talvez por causa disso, eu não sou uma moça muito comportada ((risos))...

E: Que bom! ((risos))

A: Tipo, sentar, sentar, sabe? Eu cruzo as pernas mas é muito difícil pra mim fazê-lo, entendeu?

E: Uma forma de resistência, nosso corpo resiste...

A: Eu não sei explicar, eu sempre coloco a perna pra cima, coloco um pé pra lá, entendeu? A cadeira era daquela madeira, sempre foi em todos os lugares, então, era muito isso, assim, entendeu? Você colocava o pé no chão mesmo a cadeira sendo mais alta e as costas no espaldar da cadeira, entendeu? Então, era uma rigidez no corpo o tempo inteiro, sabe? Seus braços não podiam... Tinha uma mesinha aqui, duas crianças em cada mesa daquela, mas os braços você não podia ficar a vontade. Os braços teriam que ficar assim, certo? O caderno, tudo tinha que ser muito dentro das regras, e eu sempre fui meio avessa a regra, sei que a culpa é dos meus pais e dos meus avós. Porque a gente cresceu em cima de burro, em cima de cavalo, entendeu? Minha infância foi correndo pelo mato, subindo nos pés de jaca, pés de manga...Aí você vai pra uma escola onde você tem que ficar quase 5 horas rígida. Era difícil, pra mim era... A tortura maior na escola pra mim, foi essa, entendeu? Não poder se mexer, não poder...Acho que esse tempo eu penei na escola. Bom, mas os professores, assim, era um repeteco a aula, certo? Era muito de: “ A, esse é o A, a perninha assim...”, Entendeu? Era muito de repetir, as lições. As tabuadas eram repetições infinitas, como te falei...

E: Era por memorização, né?

A: Era memorização.

E: Era memorização, repetição. E a senhora tinha, quando a senhora conclui lá o ensino médio, a senhora tinha uma perspectiva de ir pra universidade?

A: Com certeza. Aí o ensino médio já foi outra coisa. Outro mundo totalmente diferente, como eu te falei, o primeiro ano foi em Remígio, o segundo eu fui andando pra Areia. Mas já era os anos 80, entende? Os anos 70 já tinha passado, então, houve uma abertura, teve aquela efervescência da abertura da democratização, redemocratização. E no segundo ano, as escolas lá, tipo, competiam entre as cidades, era diferente daqui do Tocantins que você tem uma cidade à 30 km, lá não, era 12 km que dá poucas horas. E cidades pequenas elas sabe o que a outra, naquele espaço fazia. E nesse sentindo, eu cheguei em 76 de volta, já era efervescente a ideia da universidade, certo?

E: Mesmo pras mulheres?

A: Mesmo pras mulheres. Na Paraíba já era assim, pra mulheres era mais fechado, mas já tinha sim, minha tia já era universitária. Só que pras mulheres era pedagogia, serviço social. Agora, vai dizer que tu queria fazer direito...hum...hum...

E: Não era permitido...

A: Eu não fui, porque eu pensava em fazer direito, mas aí eu tinha que pagar porque não tinha na federal e, aí, meus pais não podiam, de jeito nenhum. E não tinha credito educativo, depois foi que chegou. Então, quando eu pensei em fazer direito, meu pai rosnou, e alto ((risos)), da mesma maneira que ele não me deixou o técnico. E aí, mas por quê? “ Direito é coisa pra homem, que que uma mulher vai fazer no direito? Uma mulher não tem a menor condição.” E assim foi, né. Mas não foi por isso que eu deixei, não. Eu deixei de fazer direito porque eu não tinha dinheiro pra pagar, eu teria que fazer um curso na federal. E na federal, em Campina Grande, só tinha história, sociologia, administração e economia dentro da área de humanas, o resto era só as engenharias, aí, medicina e educação física, mas essas eu não tinha a menor vontade, né. Não é que eu não teria chance, no meu vestibular eu tive pontuação para passar em medicina, ficou todo mundo: “ por que você não fez?” eu : “porque eu não quero ser médica”,

aí eu fiz história. Pra fazer meu curso... Sim, antes disso, as cidades competiam no sentido de quantos alunos da escola passaram no vestibular. Entendeu? Areia e Remigio então, sabe? A competição era acirrada porque Areia tradicionalmente, aí eu vou falar em termos que a gente sofreu preconceito coletivo, nós éramos chamados de batateiros e o pessoal de Areia era a nobre, sabe? Muito tempo eles viveram no passado, na nobreza do passado. Então, pra eles a gente não valia nada. A gente é Remigio. Então, quando a gente chegava no ônibus, já tinha no colégio, você pense, o colégio era dessa cor da minha parede, janelão de cima à baixo. Então, quando o nosso ônibus chegava, nas janelas já tava mostrando: “batateiro! Batateiro!”, porque a nossa terra é de batatinha e eles achavam o fim. Então, a gente não era pra estar na escola em Areia e estudando com eles. E a gente recebia bastante, mas, éramos os melhores alunos, por sinal, da escola. E eles odiavam. ((risos)) A minha turma, aí, depois a gente veio pra Remigio, passou e a gente esqueceu do povo de lá. Lerdo engano, a gente terminou o terceiro ano em Remigio, então, no segundo ano entrou uma professora de história, chamada Glória. Ela tinha feito história e era nova, no sentido da educação formal, e ela veio pra nossa escola. E assim, maravilhosa! Ah, deixa eu te dizer, a aula de sociologia nossa de OSPB, era gravada nos anos 80, no primeiro ano, no segundo e no terceiro...

E: Gravada

A: Gravada. A professora botava um gravador.

E: Com que objetivo?

A: Pra gente ouvir a aula dela e não fazer bagunça. Porque a gente não podia fazer perguntas que não tivesse dentro do conteúdo, mesmo sendo de OSPB. Então, o mundo lá fora estava pegando fogo, revolucionando, mas a gente não podia perguntar nas aulas de sociologia. Então, por dois anos a gente teve essa aula gravada, era só ela que gravava, entendeu? E a escola era rígida. Quanto essa parte dos castigos, lá, né. Quando tinha castigo pra um, era a turma inteira, no corredor, todo mundo em pé. Uma aula, duas aulas, dependia do que tinha aprontado. Ficar fora de hora de castigo também era válido. Assim, se a aula acabou às 11h, se a turma tivesse feito bagunça na aula de um professor, tinha 8 aulas, mas de um, a gente ficava de castigo também. O interessante é que ia todo mundo embora, todo mundo, e a turma tinha que ficar lá de castigo. Aí, quando a servente, a pessoa que limpava, chegava e abria o portão, aí, ela podia dispensar a gente pra ir pra casa.

E: Aham...

A: O pai da gente nem adiantava. Mas depois, mandava chamar os pais ou a gente era suspenso por 15 dias e se perdesse prova, era zerado. Então, os castigos nessa época, eram esses. E aí, a gente já tinha noção do que tava acontecendo lá fora, e a gente reivindicava algumas coisas pra escola. O 7 de setembro, a escola toda marchava porque não podia dizer que não queria. Então a gente marchava, né.

E: As marchas eram obrigatórias...

A: Obrigatoriedade, marcha era obligatoriedade e o hino nacional também era obrigatório. Mas isso aí não fazia coisa em mim, não. Eu não gostava de marchar, mas meu pai sempre dizia que era lindo, que ele queria ver, aí, a família ia toda, sabe? Aí, como eu sempre quis fazer um agrado a meu pai, que era uma pessoa rígida, mas era uma pessoa ótima ((risos)), meu pai era ótimo, muito, muito engraçado. Então ele gostava, ele dia: “quanto é o pelotão tal”, eu: “pai,

tem que gastar”, ele: “minha filha é só uma vez, eu gasto”. Então, era assim, como eu era da equipe de vôlei da cidade e da escola, eu competia, eu era da turma de vôlei que competia fora do estado, inclusive. Então, a gente sempre ia pra turma do esporte e aí eu gostava, porque eu tava representando aquilo que eu gosto. Não gostava de marchar, mas gostava de representar o que eu me sentia livre, né. E foi. E a gente tinha aquela coisa de no final do ano, de quantos passaram. Areia, quantos passaram? Já ia saber quantos tinham passado em Areia. A gente passava mas que eles, 1, mas a gente passava mais. E a gente vibrava, sabe? A questão era, que a turma seguinte tinha a obrigação de ser melhor que a turma anterior. Então, isso também, essa competição entre as cidades, eram um estímulo maior pra gente. Como a gente era muito menosprezado em Areia, quem era do Remígio, tava doida pra chegar no terceiro ano pra turma inteira dar um baile, e nós tínhamos nessa época, em 83 quando eu passei, nós tínhamos 3 turmas de terceiro ano com 40 alunos, a minha tinha 40 alunos. Da minha turma, só não passaram 4 no vestibular. Isso em engenharia, em tudo.

E: A senhora decide fazer história...

A: Por causa de uma professora...

E: Da professora? É assim que você chega no curso de história?

A: É assim que eu chego, porque eu queria fazer biologia.

E: Aham...

A: Eu queria ser bióloga, mas também era pago o curso, aí, eu teria que ir pra outro estado que tinha uma universidade, e eu já estava pensando nisso. Mas aí em agosto, essa professora chegou, no segundo ano. Ela ficou o final do segundo e o terceiro com a gente. Então, eu já gostava de história, entendeu? Mas aí eu me apaixonei...

E: Pela metodologia, pelo jeito de ser?

A: A metodologia, a didática, a maneira de se expressar...E ela foi a primeira professora que levou a gente a sair de sala de aula. Ah, eu esqueci de falar uma coisa, eu trabalho em escola desde os 17 anos, então, nesse período eu já era professora. Eu estudava no primeiro ano, eu já era professora.

E: Depois a senhora vai me dizer onde a senhora dava aula nessa época.

A: Tá bom. Então, essa professora desenhou minha vida acadêmica.

E: Que legal, né?

A: Ela era da nossa cidade, só que eu não a conheci porque ela era... Eu sabia quem era, filha de quem era, mas ela foi muito nova pra João Pessoa, exatamente pra estudar.

E: E a senhora vai pra João Pessoa estudar história também?

A: Campina Grande, 36 km de Remígio.

E: E como foi essa experiência lá na graduação? A senhora teve dificuldade para se manter lá? Dificuldade de se adaptar?

A: As dificuldades financeiras sempre tivemos. Porque lá em casa era assim, eramos 4 estudando, fazendo universidade e meu pai era feirante, minha mãe costurava pra poder ajudar, e a gente tinha que pagar transporte no início, né. Papai não permitia que eu fosse morar lá.

E: Então a senhora ia e voltava. No percurso qual era a distância?

A: Saía 5 horas da manhã e voltava 2 horas da tarde, né. Não, aliás, desculpa, desculpa... Saía as 5 horas da manhã e voltava 5 horas da tarde. Passava o dia inteiro.

E: Quanto tempo de viagem pra Campina Grande?

A: É 46 km.

E: Não era tão longe, né?

A: Não era tão longe, mas é uma BR.

E: Tinha asfalto?

A: Sim, estrada asfaltada. Não é tão longe, mas a questão era que eu estudava manhã e tarde porque lá era integral. Obrigatoriamente, você teria que botar disciplina de manhã e disciplina a tarde, mesmo se fosse uma, mas tinha que ter, e tinha um restaurante universitário. Meu mundo universitário foi ótimo, muito bom, então, eu almoçava lá. O problema é que quando eu chegava, 5 horas da tarde, eu não ia pra casa, eu ia dar aula. Que eu trabalhava nesse período, eu chegava e ia pra sala de aula, pra quarta série do ensino fundamental até 11 horas da noite. Isso que pesava.

E: Pra adultos que a senhora dava aula?

A: Não, não. Pra adolescente. Não tinha aula pra adulto ainda naquela época.

E: Então, a senhora cursou faculdade e trabalhou ao mesmo tempo?

A: E trabalhei ao mesmo tempo, embora contra a vontade de meu pai, vale salientar. Mas eu já era meio de querer minhas próprias coisas, né. Não ganhava bem, 50 reais ((risos)). Você consegue imaginar? Mas 50 reais naquela época era alguma coisa. Equivale ao que hoje...

E: Era escola pública que a senhora trabalhava?

A: Escola municipal, município. Mas assim, eu, gostava bastante.

E: Da vida na universidade... E lá na universidade, o tom era outro em relação a ditadura?

A: O tom era outro, o tom era de enfrentamento, tivemos vários por sinal. E assim, rapidamente eu me envolvi, não teve outro jeito. Eu li Marx, mas não foi por causa de Marx que eu me envolvi. Marx só foi um livro pra eu ler por causa de uma disciplina. Mas eu odiava Marx, por incrível que pareça, ele nunca me entrou. Mas não é o Marx, deixa eu lhe explicar, porque hoje eu consigo até ler Marx e gostar da leitura, sabe? Não era Marx nem o Marxismo. Era a mentalidade da universidade, entendeu? Assim, quando a gente entrou na universidade quem

não tivesse o capital debaixo do braço, não era estudante de humanas, entendeu. Quem não tivesse o capital de Marx. E o livro era caro feito o cão pra começar, então, estudava na biblioteca, mas você tinha que ter o capital debaixo do braço. Então a gente, no início teve uma turma muito rançosa...

E: Elitizada?

A: Fresca. Elitizada no sentido intelectual.

E: Pensamento burguês...

A: Isso.

E: Então Marx foi um objeto de segregação no curso...

A: Foi, segregação, porque a gente tava chegando. A gente era de cidade pequena, também tinha essa questão. Então, no primeiro semestre, foi no primeiro semestre só, porque aí também a gente mostrou a que foi. Aí, coisa interessante, quando eu cheguei na fila pra fazer minha matrícula, a menina gritava “batateira” na janela da escola José Américo contra a gente, estava na fila pra fazer história. E lá, ela estudava primeiro ano e eu também, sala do lado. Então, ela entrava na nossa sala, quando o professor não estava, pra implicar com a gente. Então assim, era uma implicância louca conosco. Então, quando eu chego na fila de história ela tá lá. Ela fez assim pra trás e eu tava atrás, eu olhei pra minha tia e disse: “Tia, aquilo é aquela menina de Areia? Eu não acredito que eu vou ter que suportar essa menina na universidade ((risos)), no mesmo curso?” Ela pensou a mesma coisa. E tinha mais algumas pessoas de Areia também. Nós eramos de cidades pequenas, longe de Campina Grande. Então, logo, logo, tivemos que nos juntar para fazer os trabalhos porque ninguém queria a gente por perto, entendeu?

E: Sim. Então, ela também era excluída.

A: Todo mundo! E tinha outra coisa, a gente não podia ficar, a agente não morava lá, então ficava mais difícil. Partiu dela, inclusive, a ideia de ficar Remigio e Areia juntos, nos grupos. Bom, finalizando a história dela, somos amigas, unha e carne! ((risos))

E: ((risos)) Que legal, né professora?

A: E lá chamavam a gente de unha e a cutícula, na universidade.

E: Ahhh, que legal! E o que representa pra senhora ter concluído uma universidade? Uma filha de Remigio, uma filha de um feirante de uma mãe costureira, ter concluído na universidade federal o curso de história? O que isso representou na época e o que representa hoje?

A: Olha, passar no vestibular já foi um marco, tanto pra mim quanto pros meus pais ((emocionada)). E terminar uma universidade, lembrando que eu fiz dois cursos ao mesmo tempo. Porque no terceiro ano da universidade a gente fazia bacharelado e eu já dava aula, precisava de trabalhar. Então, a licenciatura é que dava o direito a você de ser professor, e eu era bacharel. Então no terceiro ano chegou a licenciatura e eu já tava bem adiantada no bacharelado. E aí, você pode fazer os dois cursos, vais ser mais difícil, mas você pode. Aí eu fui fazer os dois cursos, entrei na licenciatura, ganhei um semestre porque no início as duas, as disciplinas eram iguais. E como no primeiro semestre eu tina 10 de ponta a ponta eu entrei na

licenciatura e fui fazer os dois ao mesmo tempo. Foi mais difícil, mais complicado, mas deu os dois cursos ao mesmo tempo. Não sou bacharela porque não recebi o diploma até hoje.

E: Nooossa!

A: Eu não findei, eu não fiz o protocolo.

E: Ah, o protocolo.

A: Eu fiz o TCC, prontinho, mas não apresentei. Eu não quis. Foi uma, assim, hoje eu sou menos, mas naquela época eu era muito assim, não sei como dizer como eu era, eu não tinha um certo bom senso nas coisas, sabe? Se eu ficasse com raiva, acabou! Sabe o que é acabar mesmo? Eu não pensava no que eu ia perder, eu perdia e pronto! Foi o que aconteceu. Então, a gente teve um problema seríssimo com o nosso D.A. Departamento de história na época. A chefe do departamento de história era minha orientadora e o embate foi muito forte, muito forte mesmo, sabe? Não foi uma besteirinha, e eu me travei de um jeito, e disse que não ia apresentar aquilo que ela disse que tinha me orientado. Ela não era digna que eu apresentasse um trabalho meu mas orientado por ela, com o nome dela. Teve a confusão, mas eu não apresentei. Sabe por quê? Eu não tive tempo de fazer outro. Eu pedi pra que ela me desse um tempo para eu fazer outro com toda...mas não permitiram. E aí, eu só poderia se eu fizesse o vestibular, só pra isso, entendeu? Só no outro semestre, ou então esperasse, trancasse e entrasse no outro semestre. E aí, eu abandonei essa e a de metodologia, eu paguei a de metodologia e abandonei só o TCC. E aí, eu já tava no último ano da licenciatura já, que a licenciatura foi mais rápida. Faltava um semestre e meio, e eu fui me dedicar a licenciatura. Aí, fiz tudo, estágio, não sei o quê, não sei o quê, e tinha outras coisas fazendo também. Na época, não liguei para o bacharelado, fiquei, assim, travei pra ele. Aí terminei a licenciatura e foi assim, magnífico. Sabe? Chegar pro meu pai. Eu fiz em nove anos, porque eu tava com bacharelado e a licenciatura, só que eu...nove anos não, dez anos de curso, porque, só lembrando, em 95, 96, não 94, não 86, foi em 86, eu tive uma embolia sanguínea e eu fiquei paralisada durante um mês. Então, eu fiquei no hospital durante um mês e todo mundo achava que eu não ia retornar, que eu não ia falar, que eu não ia andar...Então, eu tive essa embolia em pleno domingo a noite. Eu ia apresentar um trabalho de manhã na universidade, e eu fui direto pro hospital de madrugada. E eu fiquei um ano afastada da universidade. Então com esse um ano, lá é diferente daqui, os semestres, estão lá é assim, eu não tive...como eu fiquei um ano, eu perdi um ano e meio, entendeu? Aí, eu atrasei meu curso quase dois anos. Foi terrível pra mim. Assim, por isso também, ter concluído o curso de universidade foi um marco na minha vida e na vida de meus pais. Eu fui abençoada e também por ter concluído um curso de professora. Pra ser uma profissional da educação. Então, foi uma emoção impar. Eu representei o curso de humanas, pra receber aquele chapéu e pra fazer o juramento. Por mais que eu fosse rebelde, a mais rebelde da universidade, de C.A., de D.A. de tudo... Mas eu fui convidada a ser representante do curso de humanas. Assim, foi um máximo! E a gente, nós não quisemos festa, aquela festa de formatura, fizemos só pras nossas famílias. E nossa placa que tá lá, até hoje tá lá, tá dentro do D.A. de história, é a única placa que tem lá, não me pergunte porquê, sei que tá lá e foi a única permitida. Ela tem a frase do Raul Seixas: “Metamorfose ambulante”, que é a nossa frase. Realmente ((risos)), porque assim, foi em 83. A gente foi a primeira turma de história, né. A segunda! Já tinha uma já em andamento. A segunda turma de história, mas a turma mais briguenta da universidade e até hoje tem nossos feitos por lá. E a turma que mais se envolveu em tudo.

E: Vocês tinham movimento estudantil, universitário?

A: Sim.

E: A senhora participava?

A: Sim. Eu era do C.A. Centro Acadêmico. E lembrando que no segundo ano de universidade, depois que eu tive embolia, papai permitiu eu morar em Campina pra terminar a universidade, né, no terceiro ano, então eu fui morar. Porque a gente viajava. E chegou o momento em que nós resolvemos, porque em João Pessoa tinha residência universitária para homens e residência para mulheres. A cidade de Campina era enorme e não tinha, entendeu? Não tinha. E aí, muito estudante com necessidade e a gente brigou. Ficamos dois meses acampado literalmente dentro do departamento de Educação física, em cima do restaurante universitário, 60 pessoas, não saía nem com a polícia na porta e não era permitida a entrada da polícia na universidade, até hoje ela não é permitida, só tiver um crime e ela seja chamada, caso contrário ela não entra. A universidade de lá é bem desse jeito. E, nós conseguimos uma residência universitária, eu fui uma das primeiras que fui morei em uma residência universitária, então, eu morei o resto todinho na residência universitária. Lembrando que a nossa residência foi a primeira mista do Brasil, nós tínhamos homens e mulheres dentro da residência. Por quê? Porque quando ficamos as 60 pessoas lá, nós ficamos em 60 pessoas, homens e mulheres, lá, acampado. Quando o reitor nos chamou e foi conversar com a gente: “Vamos fazer uma residência. Vocês vão ter uma residência. Compramos uma casa pra fazer a residência, essa casa cabem 120 pessoas. Não! Ela cabe 90 pessoas e é uma residência pra mulheres.” “Sim, nós somos 90 pessoas, temos 30 homens, pra onde eles vão?” “Não, infelizmente eles vão ter que esperar porque não podemos comprar outra residência agora.” E aí a gente não esperou, se a gente tinha morado dois meses todo mundo lá dentro junto, ia morar todo mundo lá dentro. Foi um caos, pra sociedade, né. É claro que minha mãe soube, meus irmão sabiam, mas meu pai de jeito nenhum!((risos)) Papai não! Papai nunca soube que eu morei numa residência masculina.

E: ((risos))

A: Porque ele não ia em Campina, entendeu? Então eu ficava tranquila. Eu não mentia, ele nunca perguntou...Eu morava com Lúcia, eu morava com outras meninas que iam direto lá em casa, entendeu? Rose, todo mundo. Final de semana...Puff! Pra casa...A gente não tinha o que fazer, ia pra casa comer bem. Porque na residência a gente não comia. Então, era assim, pronto! Foram anos ótimos e de enfrentamento.

E: A casa era mantida pela universidade, e a alimentação, vocês comiam no R.U.?

A: Era. Na semana no R.U., só o café da manhã era na casa. Na casa tinha, o R.U. pagava três cozinheiros para o café da manhã. Porque depois não era mais 90 pessoas, cresceu de uma maneira que dividimos os quartos. Se um salão dava pra dez cama, dez cama, entendeu? Quem chagava a gente nunca jogou fora.

E: Acolhia todo mundo...

A: Isso, isso.

E: E aí então nessa época a senhora acabou deixando o trabalho lá em Remígio?

A: Acabei deixando o trabalho lá em Remígio e acabei arranjando um ((risos))...Eu tinha uma disciplina de sociologia, e o professor exigiu que a gente fosse fazer tipo um estágio, né? Em comunidades. E na época, lembra da guerra das Malvinas?

E: Sim..

A: Lembra? Pronto! Era naquele período. Em Campina Grande surgiu um bairro de pessoas de invasão e se chamou As Malvinas pelo enfrentamento que teve no momento da invasão. E aí o bairro cresceu, cresceu, montaram uma escola. As comunidades mesmo montaram uma escola, e a sociologia tinha que ir a campo, né. E você escolhia pra onde você queria ir. E um grupo nosso escolheu ir para essa escola As Malvinas pra fazer um trabalho lá dentro. E a gente foi, pra lá, né.

Foi um período bem engraçado, mas também meio conturbado, sabe? Ficamos nas Malvinas, lembrando que a nossa residência universitária nunca foi assaltada, tá? Porque todo mundo conhecia a gente nesses lugares mais...

E: Periféricos, né...

A: Aí, a gente ficou nas Malvinas durante dois meses, fazendo um trabalho pra disciplina e depois, eu fiquei voluntária na comunidade. Eu, os cinco que foram, os cinco ficaram voluntário. Porque assim, era um lugar maravilhoso! Aquilo que se dizia das favelas, a gente não via. A gente via ali trabalhadores, a gente via gente tentando buscar um espaço de moradia e o espaço de vivência, né. Então a gente passou a ir lá, fazer o trabalho com eles, trabalho social mas voluntário. E... Aí, eu tive outra disciplina de política, e aí teve outro trabalho, e aí a gente passou a receber uma bolsa. Eu recebia bolsa pra fazer esse trabalho pra universidade. Foi aí que eu deixei a escola, que eu recebia bolsa.

E: Sim...

A: E aí, veio a outra disciplina de política, e também o professore de política e pediu pra gente fazer um trabalho e que a gente escolhesse um espaço. E a gente escolheu as Malvinas, outro trabalho, de outra dimensão, outro foco, outro contexto. E a gente escolheu as Malvinas. Ficamos 3 meses dessa vez, bolsistas 3 meses e nesse momento houve um momento bem conturbado lá dentro. Ah, e lá dentro eu conheci um professor, que tava precisando na escola dele, em outra favela, do outro lado, em uma escola estadual, de uma professora para a noite. E a noite eu não tinha aula, então, eu fui dar aula nessa escola, também. Então, eu passava o dia todo na universidade, nos dias que eu não tinha aula eu ia direto e a noite, quatro noites eu ia dar aula pelo estado, para o estado em Campina Grande.

E: Em que turmas?

A: É... segundo e terceiro anos.

E: Pra adolescente?

A: Sim, todos adolescentes. Mas eram adolescentes de 17, 18 anos, 24 anos, até 25. Que era turmas já mais velhas, lá. Assim, turmas menores de idades menores, 15 e 16, de manhã e a tarde. A noite, 17,18, 24, até 25 anos. Tinha até de 28...

E: E a senhora se lembra do seu primeiro dia de aula? Lá em Remígio que a senhora começa, né? A senhora se lembra desse primeiro dia? A senhora consegue me descrever como é que foi esse primeiro dia de experiência como professora?

A: Totalmente, item por item. Essas são fases marcantes na minha vida. Esquecer não dá, entendeu? Bom, eu fui trabalhar, não por que meu pai quis, meu pai mandou eu entregar o emprego de volta. Eu tava chegando de Areia da aula, 11h da manhã e passei em frente a prefeitura de remígio. E aí, uma senhora que morava duas ruas depois da minha casa, Cícera Fidélis Gonçalves o nome dela. Ela tava descendo a escada da prefeitura e eu tava passando, aí ela me chamou:

- Antônia.

- Oi Cícera, tudo bom?

- Vai pra casa? Quer carona?- carona a pé, sabe?

- Não, preciso falar com você.

Eu digo: “Diga”.

- Eu lhe conheço bem, sei que você é bastante esperta e eu queria saber se você queria trabalhar?

Aí eu: “Trabalhar com o quê?”

Aí ela disse: “ É que nós estamos precisando de professor pro ensino fundamental e eu acho que você dá muito bem pra dar aula. Você é falante, é... E eu já tinha, eu participava de grupos de jovens na igreja, entendeu? Nessa idade. Então a gente tinha um trabalho social, comunitário, um trabalho comunitário muito bom. Então, talvez por isso ela tenha achado que eu seria uma boa professora. Aí eu disse: “E como é que é?” Eu nunca tinha trabalhado na vida, tava com o quê? 20 anos na época. Não, 17 anos. 20 foi quando eu entrei no...17 anos. Aí eu disse: “Mas, meu pai, eu nunca trabalhei Cicera, não sei nem como se faz...Ela disse:” Não tem problema não, você tá com seus documentos aí?”. Naquela época a gente não andava sem documentos. Eu falei: “Estou, carteira de identidade...”. Ela falou: “ Pois então trás aqui, vamos falar com seu Celso. Seu Celso era o prefeito. Lá vai eu falar com o homem que eu nunca tinha visto, tinha visto assim, né...Prefeito naquela época sabe como era, né? Chique, bem!Aí eu fui lá, ele: “ Eu conheço você. Você foi falar comigo sobre o ônibus universitário, né?” Que na época a gente foi pedir ônibus universitário. Eu: “ Sim,que o senhor não deu.” Ele disse: “ É, mas naquela época a prefeitura não podia.” Tá bom, mas não vamos discutir aqui não, que já passou. Ele disse: “Sim, mas você tá querendo um emprego? Eu disse: “ Eu não, eu não!” Eu nem sabia como responder...((risos))Eu disse: “ Eu não, a Cícera que me chamou. Aí, ele olhou pra Cícera e ela disse: “ Não, sabe o que é seu Celso, o senhor conhece ela do grupo jovem, o senhor conhece ela da parte social...Nós estamos precisando de um professor bom naquela escola. Um professor pelo menos seja falante. Eu: “ Caramba! Um professor que seja falante!”Chega eu fiquei assim ó, pra mulher! Aí, ela disse assim: “E eu acho que ela dá certo.” Ele olhou pra mim e disse: “ Você já trabalhou?” Eu disse: “Nunca”. Ele disse: “Pois então tá contratada.” ((risos)) Desse jeito... “Pois então tá contratada”. Olhei prum canto, olhei pro outro e disse: “ Então tá certo,o que eu tenho que fazer? Ele: “ Traga seus documentos.” Eu falei: “ Então tá, mais tarde eu trago.” Fui me embora pra casa. Feliz feito pinto no lixo que tinha conseguido um emprego sem ninguém ir atrás pra mim. Então, era um máximo, né? Só que eu não tinha pensado qual era o emprego. Eu tinha pensado que consegui um emprego, mas não tinha pensado qual era o emprego. Eu sabia que era professora, mas não tinha, entendeu? Não entrou na minha cabeça. Eu falei: “ Pai, consegui um emprego.” Ele disse: “Como? Volte e entregue o emprego de volta. Você não vai trabalhar, até hoje eu lhe dei tudo, você não falta nada...” Aquela história de pai, né. “ E eu quero que você estude!” Eu disse: Não pai. Aí, mãe: “ Mas Geraldo, não vai.” Ele disse: Seus irmãos não trabalham.” Eu: “Mas trabalham com o senhor, na feira!”. Porque no final de semana eles trabalhavam na feira. Ele: “Sim!” Eu: “O senhor nunca me deixou trabalhar na feira.” Ele: “ Feira não é lugar pra mulher.”Olhe... “ Minha mãe vai.” Ele: “ Sua mãe vai fazer compra, é diferente.” ((risos)) Desse jeito. Pronto, aí eu disse: “ Pois pai...”, Foi a vez que eu enfrentei meu pai, enfrentei...E eu acho que foi o enfrentamento melhor da minha vida, sabe? Eu disse: “ pois é, então papai, se o senhor quer que eu entregue o emprego, o senhor vai lá e entregue pra mim, porque eu não vou. Eu não vou me humilhar, ser humilhada não e

principalmente ser irresponsável porque eu já disse sim. E minha palavra é só uma, o senhor que me ensinou isso.” Menina, pense! E ele não ia de jeito nenhum. Aí, acabou-se! Ficou sem falar comigo, zangado. Aí, na segunda feira, isso era na quinta, eu levei os documentos. Na segunda eu fui pra escolinha no sítio, 6 km a pé, não tinha carro, tá? Mas eu fui, cedo, era cedinho, fui pra escola desci a pé e fui pra escola. Descia, subia, tchum! Lá no sítio. Uma escolinha pequena, três salinhas de aula, três salas de aula. Pequena, uma gracinha! Cheguei na escola, a diretora chamava-se Maria José, minha amiga fiel até hoje. O secretário era Valério, amigos de infância dos meus irmãos e meu amigo pra tudo. Eu fui pra primeira serie, que eu disse a ela: “ não me bote pro menino aprender a ler, me bote numa sala que o menino já sabe escrever”. Até hoje eu não consigo, se for pra pegar na mão de criança... Nem o meu filho eu consigo orientar ((risos)). Eu não sei, eu não tenho paciência. Entendeu? Se tem uma coisa que eu não tenho é essa paciência. Aí, eu fui professora de primeira série, era uma turma mista.

E: Multisseriada...

A: Tipo, do A forte, do A fraco, do A caldo de batata e do A que não sabia absolutamente nada. Nem pegava na caneta. Entendeu? Era um universo muito misturado. Beleza, 40 crianças, não tinha uma janela na sala de aula, mas lá também é fresquinho não é calor como aqui, então, dava pra aguentar. A única janela que tinha era pra dentro da escola que dava no corredor e que você tinha que fechar pros meninos não... Entendeu? Lá vamos nós!

E: Tinha biblioteca, livros ou era só livro didático?

A: Essas coisas de biblioteca não tinha. Nós que construímos a biblioteca.

E: Aham...

A: Então, eu cheguei nessa turma, isso era abril de 81, 1981. E no final do ano, de 81, nós já tínhamos uma biblioteca. Porque eu me juntei a pessoas que eram da educação de fato, certo? A diretora maravilhosa, Maria José. O secretário, que era um ótimo secretário, não era burocrata era educador. A professora Amélia e a professora Joana. Eram essas as professoras, Amélia e Joana. E a gente resolveu que nossa escola ia ser uma escola a partir do momento que a gente entrou lá. Só um detalhe, a gente que fazia merenda, a gente que limpava quando terminava e a diretora era a primeira que pegava a vassoura e a primeira que pegava o balde. Então, era um grupo maravilhoso. Eu passei 6 anos nessa escola, porque de seis em seis anos nessa época mudava de prefeito. E quando mudou de prefeito, o prefeito que foi não nos aguentou, falava que a gente queria a escola pra nós. A gente fez a biblioteca da escola, fizemos festa de São João, primeira festa, os alunos não sabiam o que era uma festa de São João numa escola, todos eram do sítio, todos chegavam com um peixeira do lado, do tamanho do monge. Minha primeira experiência ruim na sala de aula foi um aluno que fez a ponta do lápis, nessa época só usava lápis, não tinha caneta. Fez a ponta desse tamanho e enfiou na mão do coleguinha, bem aqui no meio.

E: Eu vivi isso com uma aluna, eu presenciei isso.

A: É terrível, né? Você fica estarecida, não é isso? Então, a primeira experiência minha ruim, foi essa.

E: A biblioteca vocês montaram com o dinheiro de vocês? Conseguiram o espaço físico e adquiriram livros?

A: Sim, sim. Porque a gente fez festas, foi fazendo festas. Lembra que eu era do grupo jovem? Então eu falei com o grupo jovem, que eu era uma das organizadoras. E eu falei que ia trabalhar nas próximas festas, mas eu queria que uma parte fosse de doação pra escola pra fazer uma biblioteca.

E: Sim. Entendi.

A: Porque na nossa escola não tinha biblioteca. Eu levava os livros, eu pegava na biblioteca municipal, porque tinha uma biblioteca na cidade, pegava e levava. Só que não era esse o que a gente precisava, era muito mais. Então a gente montou, tinha um quartinho lá que era de despejo que diz, tiramos todos os despejo, fizemos um quartinho, abrimos a cozinha, fizemos um quartinho na cozinha e fizemos o despejo lá, onde guardava as coisas, as compras e a merenda. E esse quartinho, que era uma sala grandinha, que dava tipo, duas mesinhas, três mesinhas, nós colocamos a biblioteca. E fizemos a biblioteca pequenininha...

E: Legal! Muito Legal! Professora, a senhora que ir ao banheiro ou tomar uma água pra gente continuar?

A: Deixa só eu tomar uma água.

E: Tá, vai lá. (Pausa para água)

A: Pronto.

E: Então...A senhora ia dizer mais alguma coisa?

A: Às vezes, eu contando para os meus colegas as minhas peripécias acadêmicas e principalmente quando eu entrei na docência. Eles falavam: “ Antônia, tu fala pro Florindo sobre educação. Florindo não tem tempo de docência.” Eu disse: “Meu amor, não é Florindo não e não é inventando não. É que quando tu gosta daquilo que você faz, há uma diferença entre você entrar pra dar aula numa sala de aula porque você quer trabalhar, quer um emprego e aquele é o único meio que você conseguiu para trabalhar. E você entrar porque que um emprego, mas quando você entra, você se veste de professor. É bem diferente. E gostar daquilo que faz, faz uma diferença imensa na vida da gente. Se você não gosta, não adianta. E eu lembro de Marx, o coitado do Marx ficou sem eu ler o Capital em minha estante por muitos anos, eu li o que era necessário para a disciplina. Agora, o Capital, eu só fui ler depois que eu terminei a universidade. Por incrível que pareça! Ler pra entender o que tinha todo no livro. Mas, é assim, aí, pronto. Essa escola foi a primeira, né. E depois de 6 anos, eu passei 6 anos lá, e além da biblioteca a gente começou a fazer festas para os pais. Era pais do sítio e as crianças vinham, como eu te falei, com as peixeiras do lado. E às vezes, quando eles saíam ou mesmo recreio se eles não gostassem do outro, eles brigavam pra valer de peixeira. Você imagina isso? Mas era introjetado pelos pais deles que eles teriam que andar armados, entendeu?

E: Sim.

A: Então, a gente foi e teve...Decidimos que na nossa escola não poderiam andar armados. A gente foi conversar com o prefeito sobre essa questão. Falar com os pais, fazer uma reunião com os pais para que o município tomasse essa responsabilidade, né. A coordenação geral e tal, mas eles disseram que não, que não adiantava, que eles já tinham tentado. Aí, a gente resolveu,

da própria escola fazer esse trabalho. Foi um trabalho bem interessante, porquê? Porque a gente começou a fazer a seguinte questão...Os pais nunca tiveram uma festa do dia dos pais, nunca! A escola tinha 4 anos e não tinha festa do dia dos pais. A escola não tinha festa de São João porque o pessoal que tava anteriormente não fazia por medo já das brigas. Se houvesse briga e bábábá...E a gente começou por aí, fazendo essas festinhas para os pais e conversando com os pais, respeito de que uma escola não tinha que ter uma arma. Se eles quisessem eles podiam chegar no portão e aí os filhos deixariam as armas com os pais ou então deixariam no cavalo, que eles viam de cavalo também. Deixariam lá no cavalo. A partir do momento que eles adentrassem a escola eles não poderiam usar a arma ou então eles dariam pra nós e a gente guardaria na cantina, na cozinha. E assim foi, foi devagar e a gente tirou a arma. No segundo ano que eu tava lá os meninos já não vinham armado. E isso foi assim, uma bênção, sabe? Mas a educação ela promove isso!

E: Sim.

A: Faz mudanças. Então assim, aí a gente começou a fazer o São João nessa escolinha e esse São João virou um espetáculo naquele lugar ali. No final das contas, no segundo ano do São João a gente nem precisava ir atrás de milho e fogueira em lugar nenhum, os pais já traziam para nós. Os pais iam pra escola montava a fogueira, traziam era pamonha minha filha! Na própria escola, sabe? As mães: “ Quer que eu vá ajudar?” e vinham ajudar. Então era assim, foram mudanças significativas, né?

E: A escola efetivamente transformando o lugar.

A: Isso. Eles não tinham farda, não tinham o fardamento, sabe? O fardamento, de certa maneira, pra alguns grupos é bom, porque os bichinhos nem tem roupa, mulher. Então as roupinhas que eles tinham, a melhorzinha de sair pra missa, é a que eles vinham pra escola, os que não tinham às vezes vinham com um remendinho e os outros, entendeu? Então isso era motivo. Aí a gente foi no prefeito e falamos: “ Não se dá os livros? Por que não o fardamento?”

E: Sim.

A: Não tem assistência social do município, a gente já não tem isso. E então a gente foi vendo tudo que o município poderia fazer e não fazia. E aí, como prefeito ele ouvia a gente, de certa maneira. E no ano seguinte ele introduziu uma farda pra escola. Todas as escolas ganharam farda e a nossa também. Mas assim, foram momentos muito interessantes, sabe? E a escolinha virou assim, aquele lugar de bem estar, sabe? Aí no terceiro ano eles mandaram fazer mais uma sala de aula na escolinha e a gente ampliou a biblioteca e só ficou com 4 salas. Ampliou a biblioteca e ficamos com 4 salas, não quisemos cinco, até porque não tinha professor pra todo mundo. Aí ficamos com cinco e ela passou a ter aula a tarde também, que não tinha, era só de manhã. Passou a ter aula a tarde. E com seis anos que a gente tinha feito um monte de coisa, o muro da escola fizemos também. Aí, com seis anos mudou de prefeito e ao mudar de prefeito o povo começou a brigar pela nossa escolinha e mudou a gente também. Aí disse que a gente era o dono da escola e que não poderia. A gente era um grupo muito compacto e não poderia, entendeu? Então, botou Maria José pra uma escola, aí eu fui pra (não compreendi o nome da escola).

E: Em Campina Grande?

A: Não, em Remígio mesmo, nessa época era Remígio.

E: E quando que a senhora vem pro Tocantins, professora?

A: Quando eu venho pro Tocantins. Eu venho pro Tocantins quando eu terminei a universidade em 92, Lembra que eu passei dez anos? Aí eu terminei a licenciatura...

E: E o que lhe trouxe pra cá?

A: O que me trouxe pra cá? Um jornal ((risos)). É assim, um jornal! Deixa eu lhe contar... Eu tinha terminado a universidade e aí voltei pra casa porque não tinha como ficar na residência mais, já tinha terminado. Decidi fazer mestrado, não tinha em história, em nenhuma universidade federal não tinha história. Não tinha mestrado ou se tinha, parece que pra banda de Rio Grande e eu não queria ir. Então tinha em sociologia e em serviço social. Mesmo assim eu disse: “vou fazer sociologia rural, mas tinha alguns vínculos que dava pra fazer o mestrado, na minha área de professora, não. Eles lhe davam muito mais com meio ambiente, não sei o quê...e o social mesmo, pessoas, né, e não com a parte de educação. Ainda naquele tempo não mexia com a parte de educação muito. E aí eu resolvi que ia fazer o mestrado, e ia fazer o mestrado de qualquer jeito, tava parada mesmo. E tava de férias do município nessa época. Fiz um concurso pro estado, tava esperando o concurso sair, o concurso pra educação do estado. E fiz a seleção do mestrado, passei na primeira fase, fui pra segunda fase, tava pra sair a segunda fase que eu já tinha passado os documentos que eu precisava e ia ter a entrevista, tava marcada. Aí eu fui pra Campina Grande, eu morei oito anos fora e voltava pra casa, e meio difícil, entendeu? Quando eu era estudante eu ia sempre pra casa, passava férias em casa, e tudo mais. Mas agora, eu voltava pra casa sem nada. Eu não era estudante, né. Eu já estava independente, segundo meu pai e minha mãe...

E: Era solteira?

A: Solteira. E aí, eu passei, e aí você volta pra casa e não pode querer a mesma coisa. Você não pode sair muito. “Mãe vou a Campina Grande”, “O que você vai fazer em Campina Grande? Não tem nada pra você fazer lá, você não é estudante mais”, entendeu? Porque eu também tava trabalhando em Remígio, não tava mais em Campina, então eu não tinha nada o que fazer lá, entendeu?

E: E já era adulta, né?

A: E já era adulta. Vinte poucos anos...24, nada...26...nessa época. Não, era trinta e pouco...Vixi! quase trinta anos já! Mesmo assim morava dentro de casa. Então, assim, as coisas começaram a ficar muito conturbada, sabe? É muito...muito... Aí eu disse: “vou fazer o mestrado que eu vou pra Campina Grande, pápápápápá...tô lá! Vou me embora pra Campina, vou voltar pra Campina. Resultado. Aí eu tinha tido uma discussão braba lá em casa que no domingo tinha tido uma festa e o local chamava-se Casarão. É um casarão imenso, bonito, arquitetura bem linda. Aí, chamava casarão. Tinha tido uma festa, não era festa, era um dance, música ao vivo. Eu amava!Eu fui com as meninas, a tarde não era a noite, vale salientar. A tarde inteira, passei a tarde inteira. Ê, minha amiga!

E: As matinês...

A: Cheguei em casa lá pras sete horas. Na segunda, de tarde...Mamãe não tinha dito nada, ela nunca dizia quando ele ia. Aí, minha vó, mãe da minha mãe chega lá em casa, que nunca tinha

se metido em nada, chega lá em casa e diz: “O Maria, venha cá”, isso comigo junta, né. “Você não acha, minha filha, que você está andando em lugares muito pecaminosos?” Eu: “Hã? Como é vovó? O que a senhora tá querendo dizer?”, “Não, é porque foram me dizer que você tava andando no casarão, é um antro de perdição, aquilo é não sei o quê...” Aí começou...e braba, sabe? E meu pai não sabia dessa história. Porque eu ia pras festas e meu pai não ficava sabendo. Até porque ele nunca perguntou e nem... E ele detestava essas festas, odiava. Resultado, a minha mãe que nunca tinha falado, e não tinha falado nada quando eu disse que eu ia, começou a brigar comigo. Vovó brigou com mamãe, sabe? Como ela permitia? E eu chateada, na terça-feira, a Geldi, uma amiga minha passou lá em casa e também tinha terminado...Ela tinha terminado zootecnia. E tava insatisfeita também “Vamos pra Campina?”, bora pra Campina, pegamos carona, porque a gente só andava de carona. Sem um puto. Sabe quanto eu tinha no bolso? Dois reais. Era muita coisa, dava pra comer um pão doce com caldo de cana que era o que a gente comia quando eu estudava em Campina. ((risos)) Aí, vamos embora pra Campina. Cheguei em Campina, fomos na universidade, eu fui olhar lá se tinha saído as datas pra fazer a entrevista, não tinha. Aí ficamos andando, andando...Aí lá pra umas 3 horas fomos comer o bendito pão com o caldo de cana. Tô lá em pé, porque era na rua, não tinha banquinho. Aí do lado, tinha uma banquinha de revista e assim, tipo um engradado de jornais. Eu aqui, pedimos dois pães e dois caldo de cana, aí olhei assim “Moço, licença!”, peguei o jornal, ele disse: “Só se comprar”, eu disse: “Se me interessar, eu compro, vou olhar só essa mensagem, por favor!”, ele disse: “tá bom, assim que é universitário, não tem dinheiro”. A regra é essa, peguei, tava escrito assim. Isso era abril, início de abril de 94. Aí, tava escrito assim: concurso público, era um jornal azul das letras pretas que tinha todos os concursos do Brasil, sabe? Aí, tinha uma manchete bem grande: Concurso público no Tocantins, né. Mas não era concurso pra professor, era aquele concurso pra administrativo, todos os...

E: Quadro geral...

A: Quadro geral, sabe? Aí eu olhei, olhei pra Geldi e disse: “Olha Geldi.”, Aí o moço disse: “Ei, não pode folhear, não”, eu disse: “Tá! Quanto é o coisa?”, ele disse: “cinquenta centavos”, eu disse: “Dispensa aí um pão e devolve cinquenta centavos.” ((risos)) Peguei e comprei o jornal, partimos o pão nós duas, um caldo e cana e fomos lá pra pracinha da cidade. E fomos ler o bendito jornal, olhamos o jornal e tinha o concurso pra todas as áreas, inclusive pra dela. Aí ela disse: “Eu vou”, eu tinha uma loucura pela Amazônia, era louca. Eu sabia que com dinheiro eu nunca eu ia conhecer esse mundo pra cá. Aí lá dizia : Tocantins pertencente a Amazônia. Aí eu disse: “Geldi eu tenho coragem”, ela disse: “Eu só vou se tu for”, eu disse: “Pois eu vou. Vamos fazer?” Ela disse: “Vamos fazer”. Aí tá bom, ela disse: “Mas não tem pra professor, Antônio.” Eu disse: “Aqui ó, o quadro geral. É bom o salário. Eu vou depois eu arranjo pra professor.” Menina! Me mandei, resolvi. Aí, é incrível a história. Você vai dizer assim: Eita! Mas, são coisas incríveis. A gente pegava carona, a gente pegou o jornal e resolvemos que vinha. “Como que a gente vai fazer?” eu disse: “Aqui tem o número da universidade, disse que pode fazer por lá, então a gente vai ligar pra ver como a gente faz. Termina depois de amanhã, então dá tempo.” Lá fomos nós pra Remígio, era uma 5h30 da tarde, pegamos carona. Aí na carona que a gente pegou, na caminhonete, era um amigo nosso chamado Zezinho. A gente já pegava carona com ele. Ele morava numa cidade vizinha nossa, em Bananeiras. Aí ele pegou e disse: “E aí meninas, o que vocês andam fazendo?” eu disse: “estamos indo embora, estamos indo pro Tocantins.” Ai ele olhou assim: “Pro Tocantins? Vocês vão pra que cidade do Tocantins?” Eu morava em Araguaiana, no Rio de Janeiro, e Araguaína, então era muito parecido, sabe? Eu disse: “Eu escolhi Araguaína pra eu ir, porque esse nome me chamou atenção.” Ele disse: “Araguaína! Que legal! Vocês já fizeram a inscrição?” Eu disse: “Não que a gente ainda vai ver como é que se faz.” Ele disse: “Tem uma

amiga morando em Araguaína, vocês querem fazer? Liga pra ela que ela faz.” Como são as coincidências da vida, Erica do céu! Eu disse: “ Ela faz pra gente?” Ele disse: “ faz, tá aqui o número dela, pode ligar quando chegar em Remígio. Diga que são amigas de Zezinho que ela me conhece muito bem.” Cheguei em Remígio, lá na minha casa ainda não tinha chegado telefone porque era pouca ainda, a gente já tinha pedido, o vizinho que tinha. Lá tinha TELPA, aquela que a gente entrava, pagava e fazia, né. Entramos na TELPA e fizemos a ligação pra essa mulher chamada Mariinha, aí ela atendeu a gente, eu disse: “ Olha, a gente é amiga de Zezinho.” Menina! A mulher quase que...Ficou nossa amiga no ato. “ É amiga de Zezinho é minhas amigas. É o que que é?” Eu disse: “ Não, é que a gente quer fazer a inscrição...” Ela: “ Ah, vocês querem fazer a inscrição? Então me mandem os documentos agora por fax...” Na época não tinha internet, né. “ Por Fax que eu faço pra vocês. Vamos tentar, só não faço hoje porque a universidade é longe, mas amanhã eu faço pra vocês. Dá pra vocês mandarem os documentos?” Eu disse: “Dá sim”. Menina! Lá vamos nós! Eu sei que a gente mandou esses documentos e eu disse a ela: “ Olha, como é que a gente faz pra mandar o dinheiro dessa inscrição pra você? Passa uma conta pra gente botar amanhã...” Ela disse: “ Não, eu tô voltando a Bananeiras dia 8 de abril e aí, vocês vão em Bananeiras, me paga e a gente se conhece pessoalmente.

E: Que legal! ((risos))

A: Eu disse: “ Então tá, mas você confia na gente assim?” ela disse: “ Eu confio em Zezinho e Zezinho confia em vocês, eu confio em vocês com certeza.” Então, ficou aí. Passou, nós fizemos. Cheguei em casa, depois que eu fiz eu cheguei em casa. Bom, só posso te dizer que o chororô começou desde o momento que eu disse que eu tinha feita inscrição pra um concurso público até o momento que eu peguei e vim embora. ((risos)) Rapaz, foi tanto chororô. Que não vai, que não vai, que não vai...Mas eu já tinha decidido e começaram a arrumar minhas coisas pra eu vir embora pro Tocantins. A menina chegou, nós pegamos carona pra Bananeiras. Chegamos lá, no apartamento dela, conversando todo mundo pergunta: “De que família você é?”- Cidade pequena, né. Aí ela: “ De que família você é?” Eu disse: “ Olha, Alves dos Santos e Alves Costa que é meu avô.” Só que assim, lá em Remígio, se você for perguntar Alves costa, ninguém vai te dizer, meu avô tem um apelido engraçado e todo mundo conhece minha família por esse apelido, que eu tô até com um copo aqui: rato ((rissos)). Eu disse: “ Eu sou neta de Zé rato.” Aí ela olhou pra mim assim...

E: Rádio?

A: Rato. Neta de Zé Rato. Aí, ela olhou pra minha cara assim assustada e disse: “ Como?” Eu disse: “ Neta de Zé Rato, você conhece?” Ela disse: “Eu sou casada com seu primo, filho do irmão do seu avô.” ((risos))

E: Nooossa! ((risos))

A: Eu disse: “ Gente do céu! Eu não acredito.” Aí, foi assim, né. E aí, pronto, a gente arrumou as coisas pra vim e a gente foi pra Campina comprar uma mala pra Geldi. Estávamos em Campina Grande, íamos almoçar. Papai tinha dado dinheiro e íamos almoçar. Aí, encontramos o amigo que a gente pegava carona direto. Aí: “ Oi, tudo bom? Pápápá...pápápá... E ele tinha sumido das nossas vidas, assim. A gente não só pegava carona como quando ele ia à Remígio a gente ia nas festas tudo junto. Aí, encontramos ele: “ Ah meninas vocês vão almoçar?Bora almoçar que eu pago, agora sou assistente. O que vocês estão aprontando?” Eu disse: “ Daqui a 4 dias vamos embora pro Tocantins.” Ele: “Vocês vão fazer o quê?” Eu: “ Nós vamos fazer

um concurso público.” Eu já tinha decidido a não voltar, eu, mas Geldi, não. Eu sim, eu sabia que eu não ia voltar, entendeu? Eu tinha decidido que eu ficar, seja lá o que for, eu tinha decidido na minha cabeça. E aproveitar, né. E ficar. Aí ele disse assim: “ E vocês já compraram a passagem?” Eu disse: “ Não.” Na época, comprava em João Pessoa a passagem. Nem em Campina vendia. Tinha que ser comprada em João Pessoa que o ônibus sai de lá. É engraçado que o ônibus passa em Campina, o mesmo ônibus que sai de João Pessoa, passa em Campina.

E: Mas só comprava lá...

A: Só comprava lá e, outra coisa, só pegava lá. Beleza! Lá vamos nós pra João Pessoa. Eu disse: “ nós vamos pra João Pessoa amanhã, depois de amanhã. Dois dias antes que pra gente se organizar.” Ele disse: Ah vocês ainda vão comprar as passagens? Eu disse: “ Vamos”. Ele: “ Vocês não vão comprar as passagens não. Eu dou as passagens.” Aí eu: “ Como?” Ele: “ Eu sou assessor de um deputado. Por que não posso dar duas passagens pra vocês?” Eu disse: “ Olha eu não gosto muito...” Eu sempre fui contra, Sabe? Se era uma coisa que eu não gostava era de político. De ter que, entendeu? Aí ele: “Mas eu não tô mandando vocês pedirem. Eu vou dar, vocês só precisam ir pegar.” Aí Geldi olhou pra mim assim: “Quer saber, o dinheiro que a gente tem que comprar a passagem, que é cara...” Naquela época a passagem era cara, hoje ainda continua ((risos)) e a gente tinha que ir de ônibus. Ela: “Vamos?” Eu : “Vamos! A gente nunca pediu nada a politico, nem vamos pedir.” Ele disse: Pronto, na quinta-feira vocês vão lá no meu gabinete pegar, só pegar? Tá bom, viajei pra despedir a minha família, né, que eles não iam comigo. E fui pra casa de Geldi que o pai dela morava em João Pessoa, fomos pra lá, fomos pegar a passagem no horário que o rapaz falou. Ele nos deu as passagens, beleza. E aí ó, dinheiro pra nós, né, dinheiro no bolso! Mais dinheiro! Aí, pronto fomos pegar as passagens. A gente pegou as passagens e foi marcar as passagens na rodoviária. Chegamos na rodoviária, você não vai acreditar! Chegamos na rodoviária, a gente tinha que comprar pro Maranhão, entendeu? E do Maranhão comprar pra, entendeu? Aí a gente... Até hoje é assim. Aí pedimos: “ Passagem para o Maranhão. Porque a gente vai pro Tocantins, mas parece que só tem passagem para o maranhão, né? Ela disse: “ É. Me diz uma coisa, vocês vão pra fazer o concurso no Tocantins?” Aí a gente: “ Vamos” Aí ela olhou pra gente e disse: “E vocês não querem ir no ônibus fretado só com concurseiros, não?” Eu: “ Como é moça?” Ela: “ Deixa eu explicar. Tem um local que eles estão vendendo, mas eu estou vendendo aqui e só tem duas passagens.” Erica, só tinha duas nesse ônibus. Incrível! O Tocantins tem muita coisa pra me dar, já me deu muita coisa. Só tinha duas passagens, só de concurseiro. Ela: “Mas assim, metade do ônibus é João Pessoa e metade é de Pernambuco. Ele tá vindo de Pernambuco e vai pegar outra metade em João Pessoa. É só de concurseiro, não se preocupe é tranquilo e pápápá...” Aí o pai da Geldi falou também, que ele foi logo saber como era, que ele tava com a gente. A gente foi falar com ele, né, se era legal fazer isso. Ela: “ E vocês não vão parar em lugar nenhum pra pegar outro ônibus, vocês vão direto.” Aí a gente: “ Quer saber, vamos!”. No outro dia... “ Ele sai amanhã seis horas.” Seis horas da noite tamo lá no local, chegou aquele ônibus... Aquele ônibus bom, melhor que tinha no estado. Metade já vinha lotado de pernambucano. E aí, quando a gente chegou lá, o pessoal já era: “ Vai fazer o quê?” Eu: “ Eu vou fazer administrativo”, “ Ah, não é minha concorrente pode entrar. Se for minha concorrente eu mato logo aqui.” Então, o pessoal já foi se integrando, aquela loucura, aquela bagunça, sabe? Eu disse: “ Gente, essa viagem vai ser uó!” Beleza, chegou o ônibus. A gente ia entrando e os pernambucanos lá gritando: “ Se for meu concorrente morre.” E assim foi, sabe? Viajamos. Gente, eu nunca vi tanta aventura na minha vida, tanta coisa engraçada na minha vida. Eu sei que foi um aventura. Viemos estudando. Mais tomando cerveja que estudando. Porque o pessoal levou uma caixa do tamanho dessa minha mesa aqui embaixo, lotada de cerveja e outra em cima, sabe? Aí o local que parava, eles olhava assim se tinha uma cervejaria pra comprar as cervejas. Uma loucura. Eu sei que foi assim, muito bom,

muito bom, uma viagem maravilhosa. Quando a gente chegou no Tocantins, quando a gente chegou no Estreito na passagem, o povo disse que já era o Tocantins. ((risos)) E naquela ponte ninguém pode parar, né? A gente nunca tinha visto um rio daquele, criatura! A gente vê o mar. O mar a gente vê demais, a gente tem mar pra dar e vender. Agora, rio? Só o Paraíba, mas sempre ficava mais seco, nunca cheio igual o do Tocantins. Minha filha! Para em cima da ponte o ônibus, olha a loucura. Ninguém sabia que não podia parar. O motorista parou, era aniversário do motorista do ônibus. Pegamos esse coitado do motorista e penduramos o coitado do homem assim e o homem gritando. E aquela água linda, maravilhosa. Abril, cheio, né? Foi um espetáculo! A visão única pra mim, eu disse: “Meu Deus eu vim pro paraíso!” Aí, pronto. Chegamos, assim, pra mim durou um século a viagem até Araguaína. Chegamos em Araguaína era umas cinco e pouca, quase seis. Um sol, ainda. E eu achando esquisito demais, porque na paraíba 5h já estamos no escuro, né?

E: Sim, por causa da linha do Equador, né?

A: Pois é. Aí eu disse: “Meu Deus que hora é essa? A Terra girou e eu não sei, eu tô no Japão! ((risos)) Aí pronto, fiquei aqui.

E: Então, nesse concurso a senhora foi aprovada?

A: Fui aprovada. Mas só saiu, vixi... Tempo depois. Olha, eu cheguei aqui na sexta-feira o concurso foi no domingo. Eu fui aprovada no primeiro lugar para administrativo, né? Só saiu sabe quando? Setembro de 94.

E: E como a senhora sobreviveu aqui nesse tempo?

A: Deus é pai não é padrasto! Eu era professora, tá lembrada? ((risos)) Já tinha o diploma. Menina! Foi outra coisa maravilhosa na minha vida. A minha vida é cheia de bênçãos, sabe? Você já ouviu dizer que sempre tem um anjo, que Deus manda anjo pra Terra sem asa? Eu encontrei muitos! E muitos pra cá. Então mais um anjo na minha vida. Eu tinha feito o concurso de manhã e era domingo. Então, eu tava na calçada de onde eu fiquei hospedada, uma colega tinha me ajudado. Uma colega que eu tinha estudado na Paraíba. Cinco dias antes de eu viajar, porque eu já tinha visto hotéis por aqui, né. Já sabia que vinha pra um hotel, só não tinha firmado, mas sabia que vinha pra hotel. Eu não tinha onde ficar. Eu ia me virar. Cinco dias antes, eu tava em Campina, liga uma colega minha pra minha casa, a gente já tinha telefone, minha colega ligou. A Fátima, que é professora hoje aqui na federal, né. Ela já tava na universidade daqui. Ela liga lá em casa procurando saber onde eu tava, como é que eu tava, né. Que a gente tinha morado junto. Aí quando eu cheguei mamãe disse: “Olha, tem um número de telefone que a sua amiga Fátima lá de Lagoa Nova...” Ela morava em Lagoa Nova na Paraíba, “que hoje tá morando fora, te ligou.” Só que mamãe não disse que era do Tocantins, “E ela disse pra você ligar pra ela”. Eu ia pro concurso, “Então, vou ligar pra ela.” Liguei, Fátima minha amiga, queria saber onde ela tava, como ela tava. Liguei, ela disse: “Eu moro no Tocantins e sua mãe disse que você vai fazer um concurso público aqui.” Eu disse: “Tu tá morando onde no Tocantins?” Ela: “Araguaína” Eu: Onde? Araguaína? Fátima, tu tá em Araguaína?” Ela: “Estou e a senhorita não vai pra lugar nenhum. Você chega e vai ficar aqui na minha casa.” Aí, pronto, quando eu cheguei fiquei na casa da Fátima. Quando eu terminei o concurso, a vizinha da frente da casa da Fátima, Dona Dáca...Eu só via assim, oi? Tudo bem? Ela atravessou a rua, aí chegou e perguntou: “Oi, tudo bom?” Eu: “tudo bom.” Ela disse: “Você é professora, né? Amiga da Fátima lá da Paraíba.” Eu falei: “Sou, sou lá da Paraíba. A gente estudou junto lá.” Ela: “Pois é, você já tem emprego?” Eu disse: “Não, fiz um concurso público

hoje Dona Dáca, vamos ver! Eu gostei das provas, eu espero que eu passe.” Ela: “ Sim, mas você vai ficar aqui?” Eu disse: “ Tô pretendendo. Depois eu dou um jeito, tento arrumar um emprego aí nas lojas...” Nunca tinha trabalhado em loja na minha vida, mas enquanto o concurso não saísse, até isso eu ia fazer. Aí ela disse: “ Você não é professora?” Eu disse: “Sou.” Ela: “Formada?” Eu: “ Sou.” Porque o concurso público daqui tinha sido em março e eu não tinha sabido, senão desde março eu já tava aqui. Eu vim em abril fazer o concurso do quadro geral e dia 23 de março tinha sido o concurso pra professor. E eu perdi porque eu não tinha ido a Campina pra ver o jornal, entendeu? As coisas tem seu tempo, né? Aí, ela disse assim: “ Professora, na minha escola... Na escola que eu trabalho, eu sou S.G.” Era Serviço Geral, né. “ Na minha escola tá faltando muito professor. A senhora podia ir lá pra trabalhar como professor. A senhora não quer não, trabalhar como professora?” Eu disse: “ Meu sonho se realizando! O que que eu faço?” Ela: “Leve seus documentos.” Eu disse: “ Que horas que eu posso ir?” Ela disse: “ Ah, vai amanhã 8, 9h da manhã. A senhora dorme e amanhã a senhora vai.” Eu disse: “ Que horas a senhora vai trabalhar?” Ela disse: “ 6h da manhã.” Eu disse: “Onde é que fica a escola?” Ela: “Vila aliança.” O Castelo Branco, né?

E: Ah, é o Castelo Branco.

A: Aí, eu morava na rua de trás. Aí ela disse assim: “ Eu saio as 6h que eu sou S.G. e eu tenho que limpar.” Eu falei: “Tá certo.” Ela disse: “ A senhora vai?” Eu falei: “Vou.” Peguei minha pasta de documento que já tava prontinha. Seis horas da manhã eu já tava na porta. ((risos)) Quando a Dáca saiu, ela: Bom dia! A senhora caiu da cama professora?” Eu disse: “ Não. A senhora não vai para a escola?” Ela: “ Tô indo.” Eu: “ Eu vou com a senhora.” ((risos)) Ela: “ Mas não precisa.” Eu: “ Não, eu vou com a senhora é agora. Não vou depois não.” Aí, fui me embora com ela. Fique organizando as salas com ela. Comigo não tem essa também, né. Ela: “Não, não precisa.” Eu: “ deixa eu fazer alguma coisa também, pelo amor de Deus!” Aí, organizei as salas dela com ela. Umas 6h40 o diretor chegou, era o João, super gente fina. Aí o João chegou, eu tava lá na frente. Aí ele chegou, ela: “ Olha seu João, a moça que eu te falei que tinha chegado da Paraíba é essa. Eu perguntei e ela é professora, você não tá precisando de professora?” Ele: “ Tô, só espero que ela queira trabalhar conosco.” Aí eu disse: “ Quero, trabalhar eu quero. Eu só não sei se eu dou certo.” Ele: Já trabalhou em ensino médio?” Eu: “ Já trabalhei.” A experiência de Campina Grande, né. Um ano em Campina Grande me valeu. Eu: “Sim, já trabalhei no ensino médio.” Ele: “ Que turma?” Eu: “ segundo ano e terceiro.” Ele: “ Ótimo, estou precisando. 40 horas.” Eu lá sabia o que era 40 horas na minha vida, eu não entendia, sabe?((risos)) Eu: “Tá.” Deixei , Fátima me explica quando eu chegar. Quarenta horas com cinco disciplinas diferentes. Eu: “Hã?” Ele: “ Cinco disciplinas diferentes, dá conta?” EU: “ Se eu não der, depois o senhor me diz.” Aí , pronto, foi assim que eu comecei aqui.

E: E eram quais as disciplinas?((risos))

A: Sociologia, Filosofia, História, História da Educação, porque lá tinha magistério médio básico. Era História e Filosofia no ensino médio...

E: Era as afins de História, né, pelo menos.

A: Isso era no ensino médio, porque eu nunca ensinei só um grau, entendeu? Era ensino básico, magistério, administração, lembra daqueles cursos? E contabilidade. Quatro cursos.

E: Lembro, lembro!

A: Ainda tinha o ensino Fundamental.

E: E tinha currículo, professora, já naquela época?

A: Tinha.

E: Eles mandavam ou vocês que elaboravam?

A: A Ementa? O Currículo? A grade?

E: Sim.

A: Não, a grade não. O currículo onde estão as disciplinas definidas. Sim. Mas era diferente do que tem hoje.

E: Sim.

A: Ah, eu entendi, espera aí. Não, a disciplina, você só recebia a disciplina.

E: Os conteúdos a serem ensinados não tinha?

A: Não. Ah, tinha já, porque esses cursos eram antigos, né. Só as novas disciplinas que não tinham currículo. Tipo, metodologia da matemática, História política do Brasil não tinha...

E: E quem elaborava, vocês?

A: O próprio professor.

E: E vocês contavam com a colaboração da coordenação? Existia uma parceria, um suporte?

A: “Se vira! Tá aqui, sua carga horária e sua disciplina é essa.”

E: E o planejamento como era?

A: O planejamento era individual. Aí a gente conversava com o coordenador quando precisava. Mas era assim, cada um fazia o seu planejamento. No máximo, colega se juntava com colega, certo? Mas assim a coordenação não dava muito. A coordenação era mais burocrática naquela época.

E: E que recursos vocês tinham pra da aula, professora?

A: No Polivalente nós tínhamos a biblioteca, o Polivalente tinha mais recurso na época, tinha sala de vídeo, uma sala bem grande, bem ampla de vídeo, muito boa por sinal. E se você quisesse dar na sua aula você também podia levar os vídeos pra sua sala, entendeu? Nós tínhamos televisão, vídeo e biblioteca só. E era de giz, na época era de giz.

E: Vocês tinham formação continuada, momento de estudo?

A: Não. A gente tinha reuniões as vezes pra falar. Só pra falar do ano letivo, reuniões de conselho de classe. Na verdade Erica, as reuniões da DREA começaram quando a gente...

Quem começou na verdade fomos nós que começamos a exigir isso. Eu te digo com toda clareza, é claro que hoje eles não vão dizer nunca que foi professores que fizeram isso, certo? Por exemplo, as disciplinas afins... Aí depois começou a ter de Palmas pra cá, mas porquê? Porque tinha reunião primeiro com a gente, certo? Aí passou a pedir um suporte lá da DREA. Não nessa época, eu trabalhei um ano lá no Polivalente e a gente ia em reuniões de questões muito burocráticas, de diário, de turmas com problemas, né, turmas problemáticas que eles achavam que era turma com problema e que na verdade não era, porque em 95, 94 o ensino ainda era muito... Na minha avaliação, é claro! Na minha e na avaliação de outros colegas também. O ensino ainda era muito conteudista e sem a participação muito dos alunos. Então o aluno que participava demais ou que exigia uma determinada postura de algum professor, acabava sendo a turma que não prestava. A turma que dava trabalho. Eu tive uma questão dessa, inclusive no ano seguinte, em 95 embora tenha ficado em todas as minhas disciplinas sem professor até abril de 95, eles não me deram carga horária, eles me deram contrato. Eu passei quatro anos de contrato, viu.

E: Chegou a tomar posse no administrativo?

A: Não. Porque quando veio em outubro de 94 mesmo, eu já tava como professora, 40 horas. Eu perguntei para o diretor... Saiu o meu, eu fiquei muito feliz! Primeiro lugar no concurso! Mas aí eu já era professora e eu perguntei para o João: “João...” Eu teria que abandonar a sala de aula, eu não podia ser professora, não podia. E eu odiava burocracia, ave Maria! Eu trabalhei numa escola quando eu fiquei doente, eu esqueci de falar, eu trabalhei na coordenação fazendo diário, ajeitando diário, fazendo essa parte, sabe? Secretaria! Eu odiava! Todo dia eu me massacrava só pra pegar um negocio daquele pra preencher, entendeu? Preencher coisa de professor, botar falta em professor me mata! É uma coisa que eu não consigo fazer, entendeu?

E: Somos duas! ((risos))

A: Aí, eu cheguei e disse pro João: “João se eu ficar como professora você acha que eu vou conseguir outro contrato pro ano que vem? Ele disse: “Professora, não se preocupe. Professor aqui... Aí ó, tem duas escolas precisando de professor e a senhora não pode porque a senhora já da aula aqui. Senão a senhora ia dar aula em outro lugar.” Isso era...Eu fiz essa consulta com ele em Julho, antes de entrar de férias, né. Aí veio julho, eu tinha uns buracos assim no coisa. Aí o Polivalente...Não, o...

E: Paulo Freire?

A: Não, o Paulo Freire ainda não existia. Tava começando a existir. Paulo Freire naquela época era chamado CEM Araguaína, tinha duas vizinhas que estudavam lá a noite. Aí eu sempre perguntava pra elas, duas vizinhas que você conhece, Cláudia e Ana. Lembra da Ana Cláudia Martins?

E: Lembro...

A: Ela estudou lá. E Iranete, lembra da Iranete?

E: Sim...

A: As duas estudaram lá, minhas amigas. Foram as minhas primeiras amigas aqui. ((risos))

E: Que legal!

A: Me deram um suporte aqui nesse começo, sabe? Aí eu disse: “Iranete me diz uma coisa, como é o trem lá que vocês estudam? Aí ela: “Sem professor, sem carteira e sem educação.”

E: Na escola que a senhora trabalhava tinha essa infraestrutura melhor?

A: Tinha tudo. Sim. Era, que já era antigo, era um Politécnico igual o SENAI. Disse que era uma das escolas...Disse não, era uma das escolas, primeira escola de Araguaína politécnica. Disse que era um show!Depois foi enfraquecendo.

E: É, já ouvi falar. E a senhora se recorda quando que começa a ter formação continuada?

A: Em 95.

E: Era a gestão da Dorinha?

A: Gestão da Dorinha.

E: Ah tá. Eu li um trabalho sobre essa gestão.

A: Foi em 95 ou foi em 96, mas acho que metade de 95, já. Foi na Gestão da Dorinha. E começou porquê? Eu já estava no CEM Paulo Freire que era CEM Araguaína, não tinha nome.

E: Uhum...

A: Bom, então assim, eu trabalhei no Polivalente, e a gente trabalhou juntas. Eu era muito mal olhada pelos colegas porque eu sempre defendi alunos. Não era defender um aluno mal, não era isso. Eu defendia a postura dos alunos, porque quando eu cheguei, principalmente essas turmas, era um terceiro ano e esse terceiro ano que mais mandavam pra casa de castigo, certo? Mas porque toda vez eles questionavam. Esse era o problema deles, entendeu?

E: Essa era a única forma de castigo ou tinha outras formas de castigo aqui?

A: Era suspensão coletiva e a suspensão era de uma semana perdendo todas as provas, não fazia, zerava. Essa era a pior, certo? Chamar os pais sempre, fazer reunião coletiva com os pais. E mandar a turma inteira pra casa mais de dois dias. Era mais dessa forma, não tinha outros castigos, não. Já era só esse. Mas já era uma forma humilhante, né. Você e o aluno... Se você não fosse boa naquela disciplina, você reprovava. Era zero, se tivesse duas avaliações, eram dois zeros, entendeu? Então, era complicado.

E: Então a senhora tinha uma relação com os alunos de confiança e respeito?

A: Quando eu entrei nessa turma, principalmente nessa turma, as outras turmas eram turmas normais, digamos assim, né. Eram turmas que não davam trabalho nesse sentido. Os outros primeiros anos não me davam trabalho. Mas esse terceiro ano era da noite, era um terceiro ano mais velho. E era um terceiro ano que a maioria trabalhava fora, a maioria se prejudicava muito, certo? E eles não admitiam certas coisas e eram pessoas inteligentes. Pra você ter uma ideia hoje, pra você ter uma ideia dessa turma, quando eles fizeram o vestibular, 80% da turma passou no vestibular...

E: Bem expressivo, né? Esse número.

A: Eles eram bons. Hoje eu vejo eles como professores em Araguaína.

E: Uhum...

A: E muitos como engenheiros, todos, né? E eles tem um carinho muito grande por mim. E essa turma...No Tocantins, ninguém tinha saído do estado pra estudar, pra nada. E essa turma eu levei para o Ceará. A primeira excursão de escola do estado, não foi nem de Araguaína...

E: Inovador, né?

A: 52 pessoas na minha responsabilidade, quase caí dura! Mas fui!

E: Como era a professora Antônia na sala de aula? Na questão da metodologia, da disciplina? Como que a senhora se vê em sala de aula.

A: Eu sou... Assim... Antes eu tinha maior medo de fazer avaliação sobre mim mesma. Acho que a gente tem isso, né? Trava na avaliação sobre você. Hoje eu estou aposentada, e pelas coisas que eu já passei eu não sinto esse receio, né. Eu hoje sou mais tranquila pra isso, eu já me eduquei, digamos assim, pra essa questão.

E: Sim.

A: Eu sou... Se for pra levar os alunos pra cima da casa, eu levo! Se isso melhorar no aprendizado. Então, daí me define. Se for pra subir no telhado pra eu dar aula, você pode ter certeza que eu vou. Então eu gosto do que eu faço e eu não sei fazer a mesmice. Eu tive muito problema por causa disso.

E: Que metodologias a senhora usava em sala?

A: Eu sempre trabalhei com tudo que me vinham nas mãos e procurava mais algumas coisas. Então eu sou muito de buscar coisas novas. Metodologias que... eu uso tudo, tudo o que vier. Revistas, filmes, desenhos, tudo.

E: Os alunos falavam na sua aula, debatiam, tinham total liberdade?

A: Muito. Pra mim é primordial, certo? Aluno tem que falar na minha aula, ele tem o direito de perguntar, inclusive de me criticar se ele tiver bem na escola. Se ele tiver nota em História e fora nas disciplinas que eu ensinei. Se ele se interessa, se ele é participativo, ele pode me criticar. O único que não pode me criticar é aquele que jamais quis saber da aula, aí esse não tem o direito porque ele não sabe de nada. Ele tem o direito de me criticar, agora, eu vou ter o direito de responder a altura, né. Você tem o direito de falar se eu tô errada, mas criticar as nossas aulas sem ele participar, entendeu? Criticar pela maldade. Aí ele não tem esse direito. Tipo assim, eu uso muito texto pra discussão em sala. Dava aula teórica, eu acho assim, que o pessoal tem essa coisa de “ Ah, aula teórica é muito coisa”, mas ela precisa e deve ser dada.

E: Erica

A: Antônia

E: A senhora é leitora, se considera leitora, professora?

A: Muito, muito!

E: O que a senhora gosta de ler?

A: Eu leio de tudo. Eu sou eclética em leitura. Tem um livro, eu vou lá ver se é bom mesmo que não seja da minha área.

E: E a senhora levava isso pra sala de aula, pros seus alunos?

A: Com certeza e a biblioteca eu sempre usei muito. E a interdisciplinaridade principalmente. Por quê? Uma coisa que eu gostava muito era de trabalhar com a literatura, sempre trabalhei com a literatura e eu tive, depois que eu fui conhecer Paulo Freire em 95, eu tive colegas de Letras, né. Professores de português que geralmente não gosta muito dos outros professores, infelizmente. Eu digo, porque eu passei por isso. Alguns colegas, outros não. Mas eu tive a sorte de ter colegas de letras, professores de português que trabalharam comigo maravilhosamente bem. Tipo na parte da literatura, eu na história e eles na literatura. Eu dava a parte de historia que eles davam na literatura e os filmes que a gente ia ver a agente combinava. Se eu tivesse passando um filme em história, tipo é, Vidas Secas. Eu passava Vidas Secas na minha sala eu mesmo fazia uma interdisciplinarietà, porque eu era a professora de historia, de sociologia, né? Aí eu fazia a interdisciplinarietà em história e sociologia. Eu já fazia isso nas minhas disciplinas pra que meu aluno entendesse, sabe? E em geografia. Tive colegas da geografia, de filosofia e de letras que trabalhamos juntas. Era muito ligado, até eu e o Marcelo Moreira, eu e a Jandira Medrado. Jandira era uma excelente professora de português. Então a gente trabalhou muito juntas. Nossos projetos eram juntos, história e português eram sempre juntas. E eu trabalhava com o pessoal da matemática. Em filosofia, como o estudante não gosta de filosofia, eu tinha que arrumar um jeito. Qual era o jeito? Quando você chega em filosofia moderna, tem pano pra manga pra trabalhar com professor de química, com professor de matemática, com professor de biologia, entendeu? Eu pegava os caras de física, de química e de matemática e dizia: “Ei, vambora me ajudar! Os caras que vocês citam aí na matemática são os caras que eu uso na filosofia. Então, pelo amor de Deus!” Aí eles: “Tu já vai me fazer ler? Eu não acredito miserável!” Eu: “Pelo amor de Deus, Professor! Se o senhor não lê o que o senhor tá fazendo na sua disciplina, matemática é só número?” Ele: “Não é só número, não.” Eu: “Então pronto, vamos ler!” Ele: “Não professora, mas você vai me fazer ler filosofia.” Eu: “Meu Filho é só você saber o que você tá falando e eu faço o resto.” Então, dentro disso, a gente fazia os alunos irem, sabe? Era mais gostoso dar aula. Quando o professor de matemática falava lá do Filósofo “X” da matemática, ele dizia: “Olha, isso aqui vocês vão fazer isso, mas a professora de filosofia de vocês, a Antônia, ela que tem que falar disso, disso e disso. Esse item aqui tá na filosofia.” Então, assim, os meninos voltavam pra minha aula no outro dia que vou te contar! E eu tinha que tá pronta pra responder, sabe? Então, era assim, mas eu já tinha falado com o professor, sabe? Coias que a gente trabalhou muito junto, e os projetos. Fazia os projetos de filosofia e eles entravam junto na disciplina. Eles orientavam a parte prática e eu orientava a parte da metodologia e das leituras. Então, em história, eu e Jandira fizemos vários projetos juntas. Ela na literatura, ela queria fazer aquele projeto e a minha parte era auxiliar porque eu era da história. Então, aquela parte da literatura toda, historicamente eles tinham que aprender comigo. Então, a gente fazia aquele suporte para o outro professor. E assim foi. Eu acho que a

interdisciplinaridade é muito válida e a ...Com é que chama, aquele que é um monte de disciplina?

E: É a multidisciplinaridade...

A: A multidisciplinaridade. O que acontece, Erica? Dá mais trabalho pro professor e se dá mais trabalho, muitas vezes o professor não quer porque ele tem que ler...

E: Exatamente...

A: Se o professor não for leitor, ele não faz.

E: Tem mais dificuldade... Professora, e o livro didático? Qual é o lugar do livro didático nas suas aulas e qual a importância a senhora vê no livro didático?

A: O livro didático é um instrumento pedagógico bom. Ele é um suporte pedagógico. Ele é um aparato manual, certo? Porque você não tá 100% todo dia e depois quando os alunos vão pra casa eles tem um suporte, um livro pra ler. Eu acho que o livro didático ele é fundamental. Eu acredito no livro didático. Agora, o que o professor tem que ter cuidado? Quando ele adota o livro didático, certo?

E: Sim...

A: Porque o livro didático ele é um livro oficial. Hoje você já tem professores excelentes escrevendo livro didático, você sabe disso. Mas antigamente não. Então o que eu tinha que fazer? O meu livro didático tinha aquela coisa oficializada lá dentro do governo, na minha aula não, entendeu? Aquilo ali é o conteúdo, é o fato histórico, a minha aula é outra coisa.

E: A abordagem é outra...

A: A abordagem é outra. Então, assim, eu tenho muitos livros escritos por professores alternativos de história. Alternativo que eu digo é que não é oficial, do governo. Então eu usava tudo. Você tem ((não compreendi o nome)) você tem Caio Prado Júnior. Os textos desses caras que são economistas, historiadores, jornalistas em livros de história que não tá prescrito quando você vai pegar o livro de história, certo? Então, até hoje a gente senta pra escolher o livro didático, aprendemos no CEM. O CEM tem uma característica e não é botando ele... querendo enaltecer, mas é. Ele tem uma característica diferenciada porque os professores fizeram ser assim. E a gente sempre discutiu livro didático...

E: São bem politizados...

A: Bem politizados, inclusive chamando o pessoal da DREA pra discutir com a gente. Nunca discutia livro de didático, a gente discutia só... E na reunião grande o pessoal tinha que ir. Então assim, as reuniões do DREA começaram acontecer no CEM Paulo Freire, inclusive, eu fui coordenadora uma época, né. E a gente...E no próprio cronograma das disciplinas, no currículo, nós do Paulo Freire...É claro que não foi eles que colocaram Paulo Freire, fomos nós ((risos))...Nem precisava, a gente não foi com esse intuito, sabe Erica? Porque a gente fez muita coisa pra Palmas que a gente não fez pra Palmas colocar nosso nome, nem pra Araguaína nosso nome. SEDUC nem a DREA precisava colocar nosso nome, sabe? Porque a gente é professora, nós somos professores para a educação, pra melhorar a educação. Se melhorar a educação 1%, ,

melhora a nossa vida, entendeu? E não precisa ninguém saber não, a gente sabe que fomos nós, tempo. Quando o currículo de geografia e história mudou, e o currículo de filosofia mudou. O currículo de filosofia não mudou e agora ele mudou pro que era antes. Infelizmente, fazer o quê, né. Quando ele mudou, não mudou porque a SEDUC percebeu os erros não. Mudou porque nós vimos os erro naquelas reuniões, naquelas formações. Aí, nós fomos estudar os currículos e sentamos e discutimos. O CEM Paulo Freire porque os outros não quiseram discuti. Porque assim, o Paulo Freire sempre foi assim, uma coisa o Paulo Freire sempre teve, respeito pelos outros, certo? Então, você pode perguntar as meninas, a Cristina Canhedo, nós sempre ficávamos até o ultimo até o último minuto e não era porque a gente conhecia as meninas, não. Era porque era uma formação, entendeu? E se você tava designado... Eu sempre fui assim, nesse caso eu sou disciplinada. Mesmo que não esteja bom, mas eu estou designada pela escola para aquela formação. Por que que eu tenho que sair pra pegar fulano, pra ir não sei aonde, entendeu? Pra ir no medico no dia de uma formação? Então as maiores desculpas são nas formações.

E: Sim.

A: Não podia, metade vai embora. Então nunca mudava nada, sabe? Nunca muda se você não tiver responsabilidade.

E: Professora, e como você vê essa relação DREA, escola, SEDUC com a escola? Suas interferências políticas? Tudo é uma relação política, né? Porque uma vez sendo escola, sendo uma instituição pública, né? É uma instituição política. Mas a gente sabe que não era só uma política, havia uma politicagem. Como a senhora sentiu, viveu e vê isso?

A: Quanto a questão de politicagem dentro das escolas, eu é ...Sempre teve, claro, e sempre tem e sempre vai ter. A não ser que tenha eleições pra diretor, né. Eu sempre vi com ojeriza e sempre me posicionei totalmente ao contrário. E fui pra linha de frente pra dizer que sou contrária.

E: De que forma ela atrapalhava a escola ou atrapalha, professora?

A: Olha, na nossa escola, no CEM não atrapalhava tanto, Erica. Porque eles sempre respeitavam a gente. Então, mandar passar alguém em época de eleição lá na escola, não. Não passe não, que não vai ser recebido. O pior é que a gente não dizia, a gente mandava já o recado. Eles sabiam que não podiam fazer isso com a gente e não faziam, por incrível que pareça. E se o político fosse, porque tinha uns atrevidos que achava que podiam, né. Na verdade isso começou no Polivalente, viu? Começou no Polivalente. Em 94, vou te contar só um fato, que aí você vai ver. Polivalente também sempre foi meio pesado quanto a isso. Em 94 a gente fez umas reuniões, ia ter eleições pra grêmio estudantil, né. E aí, me chamaram pra participar das eleições, porque não tinha ninguém que queria ir lá, né. ((risos)) Me chamaram pra ir lá: “ Ah, Antônia, você já foi do C.A., você já foi não sei de quê, você conhece essa questão de grêmio estudantil, vamos lá organizar isso. Porque obrigaram a gente a fazer, né? Então a gente tem que fazer.” Eu: “ Tá bom.” Eu fui, se arrependeram, né. Se arrependeram que no ano seguinte não me botaram de volta lá. ((risos)) Aí, fomos lá, né. Dois candidatos. Aí, o povo lá direcionando o negocio lá. Aí eu olhei: “ Ah, espera aí! O grupo de alunos não tem voz nem vez, não? Se são eles que vão pro grêmio estudantil como é que vocês querem os professores aqui? Os colegas aqui estão designando quem vai pra...pra que cargo vai. Que isso minha gente?! Grêmio estudantil é livre. É por isso que se chama grêmio estudantil.” Não, e chegou um paspalho de um vereador lá no dia de fazer os grupos. Eu disse: “ Que isso minha gente?!

Que absurdo é esse?!” Eles: “ Não, Antônia, aqui se é pra fazer, orientaram a gente.” Eu: “ Quem orientou não sabe o que é um grêmio estudantil. Se for pra isso eu tô fora.” Aí, beleza, tudo bem, vamos lá. Aí, chegou um rapaz e disse assim: “ Professora...” Porque até então só tinha um candidato, porque os outros não iam, que não achavam legal, sabe? “ Professora, se eu me candidatar a senhora ajuda a gente?” Eu disse: “ Ajudo a gente em quê?” Ele: “ A senhora dá uns textos pra gente ler o que é um grêmio estudantil.” Nem isso os coitados sabiam o que era, não eram das minhas turmas, claro, né. Porque das minhas turmas todo mundo sabiam o que era. É uma época da história e eu sempre passei por ela com gosto para os estudantes. Até porque é uma época muito interessante da história do Brasil. Aí, pronto, eu disse: “ Sim, eu passo tudo pra vocês.” Beleza, o menino foi pegar os nomes. Resultado, os melhores comícios na escola e esse grupo terminou ganhando e mudou aquela escola. Aí caiu pra cima de mim, né. ((risos)) A escola mandou um relatório pra DREA e a DREA mandou pra SEDUC e eu perdi minhas disciplinas. Claro que eles não disseram que eu tinha perdido por causa disso...

E: Mas a senhora era contrato ainda?

A: Sim, sim. Foi assim que eu fui pro Paulo Freire. Claro que eles não chegaram pra mim e disseram que foi por causa disso, entendeu? Mas gente lá de dentro me disse.

E: A senhora foi exercer a liderança dentro da escola e foi punida.

A: É, isso. Eu exerci liderança na escola. E essa turma que eu te falei que eu levei para o Ceará, eu também fui contra que no final do ano queriam dar uma suspensão de 15 dias neles, onde eles perderiam todas as provas e seriam zerados. Aí, eu, PC, três professores da turma, que tinha que ser unanimidade, nós não assinamos. Nós perdemos nosso contrato. Tanto que PC no outro ano foi pro CEM e eu também.

E: Quando a senhora vai para o Paulo Freire a senhora vai em contrato ainda, né?

A: Sim, eu passei quatro ano de contrato. Só em 2000, porque não teve mais concurso, mas eu nunca fiquei sem contrato, até porque quando eu perdi essas aulas eu ganhei umas aulas no Objetivo, de uma colega que trabalhava comigo. Quando ela me viu sem aula, ela me deu umas aulas dela no Objetivo. Então, eu trabalhava também no Objetivo.

E: Professora, o que representa pra senhora, só mais duas questões e agente encerra que eu sei que a senhora já tá cansada, estamos indo pra três horas de entrevista ((risos))

A: Mas você também tem que me cortar porque eu falo demais ((risos))

E: Não, pra mim tá ótimo, mas por hoje eu vou lhe fazer mais duas perguntas...

A: Pode ficar a vontade... não estou cansada

E: Qual a importância que a senhora vê por ter sido professora da escola pública? A vida toda. Qual a importância disso pra senhora? O que isso representa, ser professora da escola pública?

A: ((Emocionada)) É...Desculpa! Eu me emociono, eu sou muito besta...

E: Se a senhora chorar eu ajudo...((risos))

A: Foi uma dádiva na minha vida. Ser professor de escola pública é ser professor. Porque você não tem material, você não tem apoio dos pais, não tem muitas vezes o apoio da escola. Tem a burocracia que é grande demais. Tem o sufoco de tá cobrando o tempo inteiro. Mas você tem a necessidade dos alunos de aprender. Porque eles vieram com falhas, e falhas, e falhas, sabe? Então é ajudar na própria vida, a conduzir a vida. Não é conduzir do tipo eu sou o máximo e vou levar, não. É você ser... Você sabe que ou você é um professor que faz alguma coisa pra melhorar pra que eles tenham objetivos. Principalmente isso, tenham objetivos. Acho que professor de escola pública ele tem uma responsabilidade muito maior que é chegar numa sala de aula e saber que ele tem que ter objetivos para aquela turma, entendeu? O objetivo que ele tem que ter é que aquela turma tenha objetivo pra seguir em frente. Não há coisa melhor...((emocionada)) que tem acontecido na minha vida do que turmas minhas entrarem numa faculdade. Turmas nossas entrarem numa faculdade. Que a única coisa que um professor de escola pública tem pra si é quando seus alunos saem e entram numa universidade. Aí sim, você cumpriu o seu papel de professor, entendeu? Porque teve objetivo. A escola teve objetivo e a escola fez seu aluno caminhar, sabe? Isso é ...

E: Fantástico! E como tem sido pra senhora estar aposentada, ser aposentada? Como que tem sido isso?

A: Olha, antes disso, posso falar do Pró formação?

E: Pode, claro! Eu participei do Pró Formação. ((risos))

A: O Pró Formação foi uma escola diferenciada pra mim também, né.

E: Era magistério, né?

A: Era magistério que pra quem foi professor lá saiu iluminado.

E: A senhora foi professora ou foi aluna do Pró Formação?

A: Professora no Pró Formação.

E: Ah, eu fui aluna no Pró Formação, mas não terminei porque eu passei na universidade e não deu pra conciliar que era também nas férias.

A: Ó, Jesus!

E: Lá em Araguatins.

A: Era, lá tinha uma coisa. Eu fui professora do Pro Formação. Fomos sete professores, uma coordenação e seis professores. Do CEM Paulo Freire foram todos, só teve uma que veio do Guilherme, a professora Adriana, né. E aí, foi um novo capítulo na minha vida como professora, viu? Era metade do ensino médio, né. Aí ficava... A jornada da gente era dura, viu? Dois anos no ensino médio, 20 horas no ensino médio e as outras no Pró Formação. Se dividia nesses dois universos. E assim, foi a cereja do bolo o Pró Formação. Você já era de ensino médio, né. Já era de ensino médio e foi pro Pró Formação. Os professores que eu peguei pra formar das sete cidades, eram professores da quarta serie primária, Erica. Quarta serie primária.

E: Eu tive alguns colegas assim.

A: Não foi? E que naquele momento era a luz no fim do túnel pra eles. Eles vinham de lá de ônibus pra cá e ficavam com a gente em julho e em janeiro aqui no colégio.

E: Isso nos municípios, né?

A: Isso. Sete municípios. Então eram 178 professores. Chegamos a 200, mas depois alguns desistiram. E vou te contar que nesses dois anos de aula ((risos)) Mulher deixou marido, marido deixou mulher só pelo Pró Formação, foi muito interessante essa parte.((risos)) E a gente viu marido rasgando material da mulher porque não queria que ela estudasse mais. E as histórias de vida desse pessoal, foi assim, formador pra minha vida pessoal, sabe? Eu me senti privilegiada. Eu já sabia que eu era privilegiada, que eu terminei uma universidade, que eu terminei uma pós graduação, eu fiz uma outra pós graduação. Não fiz mestrado porque quando eu me inscrevi de novo, foi no ano que tinha concurso publico, aí, eu não pude fazer o mestrado. Aí eu parei. Mas o mestrado ainda tá na minha vida, tá? Eu vou fazer por satisfação, porque eu quero...

E: Que Maravilha!

A: Quero o mestrado hoje por satisfação. Esse canudo eu quero por satisfação. E porque eu tenho outras coisas pra fazer também, né. E tô estudando porque eu tô pensando em fazê-lo agora. E assim... Aí, o Pró formação foi mais um capítulo na minha vida. E foi um dos capítulos que mais formou a minha vida. Eu me senti privilegiada desde que eu nasci no sítio até o momento que eu passei numa pós graduação, sabe? Meu mundo, meu mundo de professora foi privilegiado em relação a eles, esses alunos que eram professores. Eu senti a discriminação e o preconceito na pele com esses alunos. Eu vi o que era, que até então eu sabia mas não tinha visto. A turma de Cocalinho, sabe onde é Cocalinho, não sabe?

E: Sei.

A: Sabe que lá é um quilombo, né?

E: Quilombola. Sei.

A: Aquela turma de Cocalinho foi rejeitada na cidade deles, na cidade de Santa Fé.

E: Trabalhei com eles em janeiro. O ano passado trabalhei com eles.

A: Quando eles começaram a estudar, hoje mais não, porque era a turma de Cocalinho e os instrutores eram de Santa Fé, Pra começar todos ele pra finalizar...O resultado disso, é que todos eles...Só dois professores, um com 50 anos que já estava se aposentando e outro professor que não quis ir. De 178 alunos, só dois professores não chegaram na universidade. Dessa turma.

E: Fantástico, né?

A: Gente, olha, pense? Não chegaram na universidade. 2001 que tava terminando, que houve três professores. Um que só tinha a serie primária, a outra que tinha a sexta serie primaria e a outra que tinha a oitava série, três passaram na federal, aqui. Na federal. Uma pra letras, que hoje é uma das melhores professoras. Aliás, encontrei com ela, tá fazendo mestrado, não sei aonde. Em Campina, em Campina Grande não, em João Pessoa...Não...Aqui em Palmas. E os

outros dois fizeram pós graduação e são os “bambambam” da sua cidade. Então, assim, eu encontro muito com eles. Cada um tá em um patamar, sabe? Os que antes não conseguiam nem falar, hoje são as referências de suas cidades. E esse grupo de Cocalinho todos se formaram e todos fizeram universidade...

E: Que satisfação, né professora?

A: Mesmo aquela universidade a distância, mas fizeram universidade, são graduados e são os melhores profissionais. A DREA que diz, não sou eu que digo.

E: que maravilhoso, né?

A: E eu sempre pergunto: “ Como é que tá aquele povo lá?” eles: “ Menina, aquele povo do Pró Formação não existe, tem ideias pra dar e vender.” Era só o quê, educar.

E: A minha amiga faz pesquisa lá, a Jane, a tese de doutorado dela é com eles.

A: Ah, que legal!

E: Ela tá registrando e re-textualizando as cantigas, os mitos, se eu não me engano. É um trabalho bem interessante que ela tá fazendo lá. Depois quando ficar pronto eu digo pra ela compartilhar com a senhora.

A: Nossa! Que legal! Eu tenho muitas fotos de lá, deles. Eu fiz um trabalho lá.

E: E pra gente encerrar, o que tem sido pra senhora estar aposentada?

A: É...Mérito! Na verdade é mérito quanto profissional, você cumpriu determinado tempo, chegou seu momento, tá aí sua aposentadoria. E enquanto pessoa eu não devia estar aposentada.

E: ((risos))

A: Não devia estar aposentada, na verdade eu nem queria me aposentar agora. Eu me aposentei no ano retrasado por causa dos meus pais. Porque chegou um momento que eu pensei, meu Deus tanto tempo, 38 anos de sala de aula. Aí, meus pais estavam precisando tanto, mesmo com a enfermeira, mesmo com a cuidadora, mas minha mãe tava precisando de alguém pra conversar. Porque tem meu irmão, mas é diferente, entende? Mesmo eu ido duas vezes por ano na Paraíba não era o suficiente. Deixa eu ficar com eles, deixa eu viver um pouco com eles. Mas eu não consegui. Quando eu pedi a aposentadoria, passou um ano e meio pra sair a aposentadoria. Quando chegou, minha mãe morreu. Eu me aposentei dia 8 de março e a mamãe morreu dia 2 de abril, aí não deu tempo da gente ficar juntas. Aí eu fui pra lá ficar com papai e ele foi embora em agosto. ((Inaudível)) Ele não me reconheceu, mas eu fiquei com ele, foi o bastante. Mas eu te digo, como profissional, mérito. Sabe? Você já cumpriu seu tempo. Tudo belezinha. Tá aí seu diploma que é a aposentadoria. Como pessoa, não. Como gente, como professora te digo que não. Eu... Minha cabeça ainda tá lá no ensino médio, lá com os alunos. É tanto que eu volto pra lá pra fazer trilha. Novembro passado eu fiz trilha. Ia fazer agora alguns trabalhos ((inaudível)). E agora mesmo eles me convidaram pra fazer uma reunião com os terceiros anos. Que eu sempre tive terceiro ano. Só me davam terceiro ano, não sei porquê...E houve agora e eles me pediram pra fazer parte da reunião e eu fiz. Aí, quando os colegas precisam eu tô aí pra ajudar. Agora eu tô só ajudando.

E: Sempre ajudou, né. Professora, muito obrigada! Eu vou encerrar, não por que não tenhamos mais sobre o que conversar, que a gente pode até ir conversando pelo Whats. Mas é que eu não vou lhe explorar mais, já são três horas e vinte minutos de entrevista ((risos))

A: Mas pode falar, eu não tenho problema não, se precisar de mais alguma explicação você pode falar. Pode chamar que eu tô a disposição. E eu espero te ajudado.

E: Demais, pra mim é um presente a sua história, a sua história de vida, esse seu legado profissional que foi se construindo ao longo dos anos e que contribuiu não só com o Tocantins mas com seu estado, com seu lugar, né? E eu espero fazer jus a toda essa narrativa que a senhora me confiou hoje. Tá gravada, depois eu vou lhe mandar o arquivo, tá?

A: Tá bom.

E: Muito Obrigada!

A: Obrigada por confiar a mim pra eu lhe ajudar, e eu estou a disposição pro que precisar, não só agora, mas em outros momento também em que eu puder lhe auxiliar, eu estou disponível, tá bom?

E: Tá bom, muito obrigada!

A: Você viu minha despedida no colégio?

E: Ah sua despedida, eu vi, chorei demais! ((risos))

A: Imagina eu, até hoje eu choro pra variar quando eu vejo aquilo. Me enganaram aquelas pestinhas!

E: É um reconhecimento, né, Um afago na alma. Porque quando a gente vê alunos se mobilizarem para homenagear um professor que se aposenta, isso é de uma gratuidade, isso é de uma grandiosidade tão indescritível...

A: Eu achei lindo aquele gesto deles. Não porque foi a mim, mas porque eram professores saindo. Não era porque era Antônia Alves, era porque eram todos. Só uma turma eu chamei e eles tinham feito com professor assim, de bater palma e levar até o portão, com o Welington antes, porque ele foi um professor maravilhoso. Era um dos professores que eu te digo, é professor. Interdisciplinar, trabalhou comigo com filosofia. O cara foi da filosofia depois, pra poder entender o universo dos matemáticos. Onde é que um cara de matemática vai fazer isso?

E: Genial, né?

A: Ele era diferenciado. Ele tá no Instituto Federal agora.

E: Um Beijo enorme, muito Obrigada!

A: Muito obrigada pelo carinho.

E: Eu que agradeço.

A: Espero ter ajudado e continuo dizendo, precisando pra qualquer outra coisa...Você mora aqui em Araguaína?

E: Tô morando aqui. Eu vim em 2017.

A: Você veio de Araguatins?

E: De Araguatins. E um dia, quando passar tudo isso, a gente vai marcar um café ou uma cerveja, depender da hora...((risos))

A: Não, não é dependendo da hora não, a cerveja eu aceito.

E: Não, é porque eu tenho a outra paixão que é o café, né. Então...((risos))

A: Somos duas. Um calor desse eu vou lá fazer café, não tem jeito!

E: Eu sou apaixonada por café. Mas a gente vai combinar, tá bom?

A: Vamos chamar a Luísa pra gente conversar.

E: Vamos, ela lhe adora. Se eu não te entrevistasse ela ia ficar louca. Ia até me reprovar na tese...

A: Ave Maria! Ela nem me disse, que eu falo muito com ela no face, mas assim, com ela mesmo...Eu acho que ela deve ter me visto lá na universidade em eventos...Eu tenho muito prazer em ajudar.

E: Muito Obrigada.

A: Outra coisa importante que eu esqueci de dizer Erica, é que eu não trabalho se não tiver parceria. Meus projetos que eu fiz só deu certo por isso. Você tem que ter parceria.

E: Sim.

A: A DREA é parceira minha também, então você tem que ter parceria.

E: É muito importante.

A: Então são parceiros. Eu acho que o pessoal da DREA, mesmo que muita gente não gosta que a DREA vai na escola, tem que ir sim. Tem que ir muito mais. Hoje tiraram os coordenadores de currículo, né. Ele só funciona lá dentro. Mas teve uma época que ele ia pra escola e era muito melhor. Então a parceria da DREA tinha que ir mais para a escola. Não a parte burocrática só. Mas a parte pedagógica. Se a DREA for pra escola, a escola produziria mais.

E: Quando eu cheguei aqui em 2017 eu fui pro currículo, aí eu fui pra projeto de formação. Não tinha projeto de formação, aí fui pro currículo. O currículo funcionava como supervisão. E aí, começaram a encher a gente de trabalho. Eu botei o pé no chão, dei o maior “piti” e falei: “ Eu não vou fazer trabalho de supervisão. Nós professores estamos sofrendo na escola e até hoje a

DREA tem chibata na mão pra ir pra escola. Eu não vou me prestar a esse serviço e eu sou formadora. Eu tenho uma formação e preciso ajudar os meus colegas. Que eu sou professora de sala de aula e se não for pra fazer isso eu não vou. Aí comecei esse trabalho. Aí minha primeira escola foi o Adolfo. Isso lá já em agosto de 2017. Comecei, organizei umas formações de redação, de literatura, e chamei Naiane, o Antônio e comecei a escrever projeto. Foi aí, que a DREA recupera, aí eu levo Adailton. Aí a gente foi recuperando isso. Quando eu cheguei...

A: Eu acho que foi por causa de você, porque eu lembro que só tinha essa parte de formação nesse sentido com o pessoal de letras. Aí o pessoal de história gritou também, do CEM, né? Eu, Aninha...Aí, gritou. Aí, mandaram a Ana Luíza que era professora de história e Itamar que é da geografia pra assistir a escola e fazer formação no dia da reunião nossa. Foi aí que as outras disciplinas também...

E: Foi. Foi nesse projeto, inclusive eu estive lá no Castelo Branco era reunião de um projeto interdisciplinar. E eles me receberam meio de ombros porque estavam acostumados com essa relação truncada. E eu fui. Fui eu, me debilhei em afetividade e aí o Sérgio já foi, assim, amolecendo. Eu demonstrei que tinha conhecimento que transitava nas áreas aponte pra eles. Falei pra eles: “Ó, não é interdisciplinar. Ta todo mundo na caixinha, vamos mistura”, illustrei pra eles no quadro. E ganhei esse respeito lá no Castelo Branco. E o Adolfo, na primeira reunião no Adolfo como técnica de Currículo, as professoras de linguagens estavam de costas pra mim sentadas para os balcões. Quando eu comecei a falar, passei uns 15 minutos falando foi que eles começaram a virar, igual The Voice Brasil, que vai virando. Hoje, Ferbenha, a Soraia, as meninas são todas minhas amigas, grandes colegas.

A: Mas você era do Currículo? O Currículo era truncado mesmo... Só ia pra escola pra fiscalizar...

E: Julgar a escola e o professor, e condenar, né. Tanto, a minha relação com o Adolfo foi tão interessante, que no ano passado eles me contrataram pra fazer a formação deles. Eu fiz a formação do ano inteiro pro Adolfo, lá pra eles.

A: Ah , eu fui no Adolfo e eles falaram, inclusive tava em formação e a menina disse: “ Nossa contratada.” Bem assim: “ Vocês são chique.” ((risos))

E: ((risos)) Em um outro momento eu vou lhe contar sobre a minha história. Que eu sou da zona rural e professora formada em região especial. Aí eu venho pro mestrado e hoje tô no doutorado. Então eu sou muito do pé no chão, eu sou muito pelo professor, eu sou muito pelo meu aluno que é de fato o que significa escola. O resto não é escola.

A: O resto é o complemento disso. Agora, o aluno é o foco. Ele não é o mais importante, acho que é uma relação bem...

E: Bem intrínseca mesmo...

A: Não tem o aluno não tem professor mas se não tem professor também não tem o aluno...

E: É verdade...

A: Eu acho que esses dois é o alicerce da escola. É, o que faz a escola? O professor e o aluno. Não é que os outros não sejam importantes. Eu acho que todos dentro da escola são importantes.

Agora, o que temos sentido no tempo que passa, em todos os momentos...É que em uns momentos mais, outros momentos menos é justamente essa coisa de matar o professor. O professor tem que morrer pra surgir um conteudista. Então, mata um professor e ele só vai pra lá e dá os conteúdos, sem nada mais, sem o amor, sem o carinho, sem essa coisa que você precisa. Se todo dia, você não levantar da cama e disser:” Eu tenho aula hoje”, mas é “ eu tenho aula hoje’ e não “ eu vou pra escola hoje”, porque pra escola eu vou todo dia. A diferença é que quando você vai pra sua aula, você vai pra sua aula. Não é que todo dia eu fui eficiente, muito pelo contrário, teve dia que eu sai: “ Mas que merda”, desculpa o palavrão, “ Que porcaria foi essa hoje?”Aí eu olhava pros meninos: “ A aula de hoje foi uma porcaria, né?” Eles: “ Professora, o que a senhora teve?” Eu: “Tudo, menos vontade de dar aula!” ((risos)) Ele: “ Porque a senhora não disse, que a gente ia conversar...” Eu: “É...Muito bonitinho! Igual aquele dia que vocês começaram a conversar e eu entrei de gaiato no navio e só percebi quando a ula tava bem na metade.” Ele: “ Sim. Mas o assunto estava interessante.” Eu: É, mas nem todo dia tem assunto interessante. O assunto interessante é o conteúdo e vocês precisam passar no vestibular. Vambora!”Desse jeito. ((risos))

E: Muito bom, né.

A: Muito Obrigada! Relembrar algumas coisas da minha vida foi muito legal, porque elas fazem parte de mim. Da mais tenra idade até agora, os pontinhos de detalhes...

E: Perfeito. E a senhora agora clica nesse telefoninho vermelho que eu vou concluir a gravação pra gerar o arquivo e mandar..

A: Ta bom...Telefoninho vermelho...

E: Só mexe aí no mouse que ele vai aparecer na tela . Brigada!

A: Tchau! Beijo.

TRANSCRIÇÃO – APARECIDA ALVES DE ALMEIDA E SILVA [Cidinha]

((Questionário escrito.)) ENTREVISTADORA: Quando puder, responda-me, em áudio: Nome completo, data de nascimento e tempo de exercício na docência. Me conte o sobre o seu percurso de estudante. onde estudou? qual a sua formação? Me conte o sobre o seu percurso de estudante. Onde estudou? Qual a sua formação?

ENTREVISTADA: boa noite... Érica... meu nome completo... Aparecida Alves de Almeida e Silva... eu nasci no dia dezessete de fevereiro de mil novecentos e quarenta e sete... o meu tempo de docência... eu tenho cinquenta e um anos de professor da educação básica dos quais quarenta e cinco anos na sala de aula... ultimamente estou enquanto supervisão... que é a minha habilitação... e fortalecimento da gestão escolar na diretoria regional de ensino... de uma forma... eu acredito que é diretamente... porque nós trabalhamos diretamente com as escolas... eu tenho sete escolas pra cuidar com todo carinho e com todo o respeito pelos nossos estudantes e professores...

ENTREVISTADA: Érica... coisa de vovozinha... só agora que eu observei... eu/ depois/ quando eu aposentei... Érica... eu só tinha quarenta e três anos... e o concurso/ o último concurso que eu fiz... do Estado... foi em dois mil... e eu falei em dois mil e vinte... coisa de vovó... me desculpe...

ENTREVISTADA: Érica... gostaria também de falar que fui agora nesse momento assim... inspirada... éhh:: eu aposentei... Érica... com vinte e cinco anos de professora... porque a lei era uma outra... e na época... éhh:: Érica... eu estava só com quarenta e cinco anos... eu achei horrível aposentar... eu continuei trabalhando em escola particular... até que eu fizesse pedagogia e em dois mil e vinte... um novo concurso do Estado... eu fiz... passei e estou até hoje... (fui ao GPREVE) que estou com setenta e três anos de idade... e o GPREVE me aconselhou eu ficar até setenta e cinco anos... porque com a nova lei quase não terei nenhuma perda salarial... já que... eu não vou conseguir ficar trinta anos... porque o máximo da idade é setenta e cinco... e gosto muito do meu trabalho e estou a contribuir com as escolas... enquanto supervisora aqui em Palmas... um abraço querida...

ENTREVISTADA: eu me esqueci de falar que eu nasci em (Inhumas)... estado de Goiás... ee:: a minha história até agora que contei... no curso de admissão... no exame de admissão... eu... também estudei em (Inhumas)... Goiás...

ENTREVISTADA: quanto ao meu percurso estudantil... Érica... eu comecei a estudar em mil novecentos e cinquenta e quatro... com sete anos de idade... numa escola multisseriada... num único salão... que uma associação espírita organizou perto de onde eu morava... e lá... nós tivemos como professor... (Nercídio Marciano)... ele era aquele tipo bem tradicional... que levava as varinhas de marmelo para cuidar de quase cem alunos... porque nós éramos do primeiro ano... segundo... terceiro e quarto ano... ee:: aqueles que já sabiam ler e escrever... que já chegaram com essa habilidade... ensinaram pra quem ainda não sabia... por Deus... eu aprendi muito rápido e passei também a ensinar... os meus próprios irmãos... nessa própria escola... aa:: a ensinar ler e escrever... e interessante que nesta escola nós tínhamos uma disciplina total... um único professor... ele... enquanto estava na cartilha do povo... ensinando os aluninhos que ainda estavam iniciando... as outras turmas estavam fazendo alguns tipos de tarefas... na maior disciplina... até porque nós éramos separados... os homens sentavam separados das meninas... naqueles bancos cumpridos... que cada banco... cabia quatro até cinco alunos... assim que começamos... éhh:: fui muito feliz... porque... quando cheguei na terceira série... meus pais me matricularam num grupo escolar que era na praça da cidade... grupo escolar dezenove de março... foi um sonho na minha vida... eu estar na terceira série... no terceiro ano primário...

com uma turma só do terceiro ano... ahh:: mais foi um encanto na minha vida... lá eu tive a professora Maria Pereira... ela de uma sabedoria muito maternal... ela nos ensinou muito... tanto os estudos formais quanto espiritual... foi um encantamento... depois na quarta série eu tive uma brava professora... excelente em português e matemática... Geralda Farias... ela nos colocava de castigo... colocava no sol... e colocava de joelhos.. mas menininho aprendeu os nomes das capitais do (país) inteiro... e a tabuada na ponta da língua... e adição... e subtração... multiplicação... divisão... e as frações... em primeiro lugar... ela me deixou grandes saudades... porque fui muito promovida por ela... porque ganhei uma bolsa de estudos... que era o meu verdadeiro sonho... de fazer o curso de admissão... que depois do quarto ano a gente fazia o curso de admissão... e eu ganhei a bolsa de estudos para o Educandário nossa senhora do rosário... era o educandário elitizado... um colégio pago... que a minha possibilidade financeira não daria... mas eu fui promovida pela dona Geralda como uma aluna que mereceu... juntamente com a diretora... da época... Tereza Brandão... elas mandaram o meu boletim e por Deus... a irmã (Tomazina)... a diretora geral... me convidou pra fazer o curso de admissão... que era o meu sonho e a minha realização... lá... o meu uniforme... meus livros... eu ganhei... de uma colega de infância... Maria Helena Soyer... que estava acabando de sair de lá... como nós não tínhamos condições pra que eu permanecesse... enquanto estudando do educandário... ela me passou todos os livros... e dois uniformes... o diário e o de educação física... minha mãezinha virou o uniforme do avesso... pintou novamente até a boina... e assim foi... meus anos felizes e encantadores... que Deus me deu... enquanto estudante... amanhã continuaremos... obrigada...

((Questionário escrito.)) ENTREVISTADORA: Na primeira fala, a senhora citou algumas formas de castigo e punição que a escola adotava para disciplinar os alunos. Pode me falar um pouco mais sobre isso?

ENTREVISTADA: Érica... boa tarde... querida... tudo bem com você? na minha época de estudante... era... a respeito do aprender... numa maneira bem violenta... porque os professores acreditavam que com o castigo o aluno temeria e aprendia... éhh:: o nosso professor () colocava nós em roda... ele ficava também... e perguntava as tarefas do dia... éhh:: as leituras... os vocabulários... a tabuada... se nós errássemos... aí as varadas seriam dadas por ele nas nossas pernas e no bumbum... eu achava horrível... porque... não é desta maneira... né? (não) me agradava desde pequenina... no entanto... enquanto professora... eu pratiquei de forma completamente oposta... eu dava como exemplo a escuta... nós sabemos ouvir o nosso aluno... nós... éhh:: acompanhá-lo... monitorá-lo... nas dificuldades... até que a maturidade da aprendizagem chegasse... naquela cabecinha... Érica... na terceira e quarta série... em uma outra escola que nós estudamos... o quê que acontecia? a professora já não levava as varas... mas ela batia com régua e nos colocava também... éhh:: expostos ao sol... Érica... não me agradava... eu me sentia muito humilhada... apesar de que os pais achavam certo... que... o professor também poderia castigar assim... então era completamente normal... porém eu nunca achei que fosse... eu alfabetizei meus três filhos... em casa... em Araguatins... e... com todo respeito... eu acredito que no amor... no diálogo... na escuta... é a melhor maneira de ensinar... entre aspas... né? o que nós achamos e devemos ensinar aos nossos alunos...

((Questionário escrito.)) ENTREVISTADORA: A senhora se lembra do seu primeiro dia em sala de aula como professora? Como se deu a escolha pela profissão professora?

ENTREVISTADA: quanto ao meu primeiro dia de aula... eu estava muito bem preparada... porque no (GED)... o grupo escolar de demonstração do centro de treinamento de magistério de Inhumas... lá já tínhamos a supervisora por área... que já monitorava o nosso trabalho... então... todos os planos... éhh:: eram feitos com antecedência... confecção de material com

antecedência... nós trabalhávamos o dia todo... um período pela manhã... no meu caso... era aulas... ministrar aulas... e à tarde o planejamento... Érica... eu senti muito feliz no meu primeiro dia de aula... porque ao chegar... eu tinha aluna quase do meu tamanho... Érica... porque sempre eu fui baixinha... né? e na alfabetização... alfabetização com sete anos... tinha meninas já bem grandinhas... e pra dizer pra você... nesse grupo de demonstração... não era classe... era classe média da cidade... que conseguia fazer a matrícula... eram crianças bem vestidas... os cabelos bem penteados... cheirosinhas... não foi aquela realidade... depois de alguns anos... nós deparamos... né? com a verdadeira escola brasileira... que eu admiro e defendo... a escola pública estadual... eu fiquei muito satisfeita... muito feliz... e emocionada... porque a sala toda e naquela época os alunos ficavam de pé... pra receber a professora... a diretora me levou até os alunos... pra fazer a apresentação da professora Cidinha... Érica... imediatamente os pais já me procuravam... pra identificar o filho dele na sala de aula... e que... eles lutaram pra conseguir a matrícula no grupo de demonstração... do centro de treinamento do magistério... que naquela época era uma escola bem conceituada... e eu garanto a você que houve momentos difíceis... porque toda teoria é um pouco distante da prática... até que a gente dê conta de sentir as dificuldades individuais de cada aluno e trabalhar... continuamente naqueles aluninhos com mais defasagem na aprendizagem... até que... as meninas supervisoras... por área... a própria diretora... as professoras... de modo geral... com mais experiência... davam testemunhos pra nós iniciantes... que a caminhada é daquele jeito mesmo... a gente nunca daria conta de ter uma sala homogênea... no sentido do desenvolvimento e do desenvolvimento escolar... mas... eu fui muito feliz... e sou muito feliz na escolha que Deus me deu enquanto talento e eu obedeci e até hoje eu amo o que eu faço... muito obrigada querida...

ENTREVISTADA: querida... a minha escolha... ela foi nata... porque... desde pequenina... eu fazia meus altares... rezava... pregava pros meus irmãozinhos... brincávamos de escolinha... e o irmão da minha mãe... filho único... né? só ele de homem... ele falava assim... "você vai ser uma professora... porque toda professora casa... e eu quero que a minha sobrinha seja professora e casar..." acredita... Érica? mas isso aí foi só uma brincadeira... eu acredito que eu nasci mesmo pra ser professora... eu não tive nenhuma dúvida de escolha... eu escolhi mesmo ser professora... ee:: tanto é... Érica... que até hoje... só eu pensar... só eu pensando que daqui... no máximo um ano e poucos meses eu me aposentarei definitivamente... isso já me dá um calafrio... porque... eu amo a profissão... então Érica... eu admiro todos os professores e os respeito... porque o que eu amo... eu acredito que todos professores amam também...

ENTREVISTADA: boa tarde querida... tudo bem com você? graças a Deus... aqui tudo bem... Érica... o castigo na minha época de estudante era com relação a aprendizagem em si... os professores com certeza acreditavam que com o castigo os alunos temeriam... por exemplo o/ o professor (Narcídio Marciano) nos colocava em uma grande roda... e ali ele ia tomar a leitura... a tabuada... éhh:: os alunos que erravam ele pegava uma vara e batia nas pernas e no bumbum dos alunos... assim era quase todos os dias... depois que nós saímos da alfabetização e que a gente já sabia um pouco mais... nós passamos também a ensinar os nossos colegas... mas com um diferencial... a gente fazia a roda... e ele ficava também na roda... e o que nós perguntávamos para os nossos colegas e eles respondiam errado... aí também eram castigados com as varadas de marmelo que ele trazia... nas pernas e no bumbum... bem... na terceira série e quarta série... quando eu fui transferida para a Escola Municipal Dezenove de Março... a professora não batia com vara... ela batia com régua... a dona Geralda de Farias... e também... ela colocava a gente de castigo no sol... bom... eu não acredito... com toda sinceridade... na dor corporal para nenhuma aprendizagem... inclusive eu criei os filhos... eu os alfabetizei... todos os três... e os criei sem bater... porque eu tenho aversão em sentir que alguém pensa desta forma... que com a dor corporal virá a aprendizagem... então Érica... nós vivenciamos há sessenta e três anos atrás... né Érica? oi sessenta e cinco anos atrás... os professores agiam dessa forma... de uma

maneira violenta... no meu pensamento... né? e eu enquanto professora... eu ensinei a praticar o amor... a escuta... o diálogo...

((Questionário escrito.)) ENTREVISTADORA: Pode me relatar um momento no qual sentiu muita dificuldade? Quais dificuldades sentiu?

ENTREVISTADA: quando nós mudamos... quando nós casamos... e mudamos pra Araguatins... nós levávamos os nossos sonhos a serem realizados... de maneira eu continuando sendo professora... e o meu cônjuge trabalhando numa fazendinha que ele havia comprado... quê que acontece... eu muito loirinha... muito branquinha... com um bebê loiríssimo com quatro meses... o meu cônjuge bem jovem também... e a cultura de Goiás do sul era um pouco diferente da cultura do norte goiano... qual a diferença? da aceitação... éhh:: o pessoal falava assim... "ah esse pessoal lá do sul de Goiás vem pra cidade pra tomar a vaga da gente..." e até que eu explicasse que eu não estava tomando vaga nenhuma... porque eu era concursada efetiva... que eu fui removida... isso deixava uma certa estranheza pra quem ouvisse... parecia que não era a verdade... mas eu fui me acostumando com o passar do tempo... eu me adaptei muitíssimo aos costumes do lugar... enquanto escola... as minhas colegas me viam um pouco distante de mim... porque não sabia até que ponto... né? elas poderiam me acolher... eu usava batom vermelho... eu usava sapato de salto... eu fui muito vaidosa com os cabelos... () no cabelo... queira ou não queira... eu parecia ser uma pessoa um pouco diferente das demais... só que eu graças a Deus... com a minha espera... a minha paciência... eu fui entrosando com as minhas coleguinhas... qual foi a dificuldade? eu com muito entusiasmo... tudo o que eu sabia eu queria fazer... na escola São Vicente Ferrer... e o padre que era o diretor... ele era um diretor administrativo... ele não era pedagógico... então a gente fazia os nossos planos em casa... eu planejava as minhas aulas... e com material concreto... e levava pros meus alunos... e mandava bilheteinho pros pais... a primeira reunião de pais... as minhas colegas falavam assim... "ihh professora... deixa de bobeira... os pais não participam não..." Érica... os pais foram à reunião... encheu a sala de aula... por que? porque nos próprios cadernos dos meninos iam tudo o que nós fazíamos... tudo agendadinho... tudo corrigido... éhh:: com a avaliação daquele dia... e o próprio caderno era uma agenda... e os pais... eu incentivava... "olha... vocês vão mostrar pro papai... mostrar pra mamãe... pra vovó... pros irmãozinhos... o que nós estamos trabalhando... o que nós estamos estudando... aí vocês mostram pra eles pra eles verem o que vocês estão aprendendo... o que vocês estão sabendo..." e isso era feito diariamente... Érica... quando a sala de aula encheu de pais... aí eu tive muitos rivais... enquanto colegas... "uai... o quê que a senhora tem de diferente de nós... os pais vieram... Érica... por fim... eu fiz o meu trabalho um pouco diferenciado... e isso deu um certo ciúmes... até que elas confiaram nos meus trabalhos... e eu falava assim... "vamos planejar juntas... vamos trabalhar coletivamente... porque... a experiência de vocês... vocês passam pra mim... as minhas eu passo pra vocês..." então a minha maior dificuldade foi no acolhimento... mas... graças a Deus... hoje... se eu precisar de voltar a trabalhar em Araguatins... com certeza a escola vai me dar uma vaga de trabalho... porque os diretores são meus ex alunos... e não é por isso também... é o legado... de paz... de amor... de dedicação e de sonhos... sonhos realizados... que nós realizamos juntos... éhh:: baseado no que o aluno gostaria de fazer... isso eu falaria hoje nesta tarde pra você... que com esse amor mútuo... professora Cidinha... com os meus alunos... o amor nos elegeu... boa tarde...

((Questionário escrito.)) ENTREVISTADORA: O que significa/representa então, todo esse percurso e vivências na escola pública de Araguatins?

Continuaremos depois. Se estiver cansada, continuamos depois.

As escolas estaduais sem aulas presenciais...está correto. Deixe passar a pandemia. Os jovens têm muito tempo pra estudar.

Estamos bem. Hoje estamos faxinando a casa. Pensa... tiramos a mobília do lugar... Estou querendo rede... os vovôs não têm juízo. Neste momento começo o trabalho remoto da DRE. Análise de PPP.

Realmente o isolamento é a prevenção mais segura.

Você está bem?

Araguaína também está fazendo trabalho em casa?

ENTREVISTADA: Érica... quando você me pergunta sobre o que representa... o que significa a minha vivência na escola pública de Araguatins... eu falaria pra você que é toda a minha história de vida... de experiência e de crescimento profissional... em Araguatins... Érica... eu encontrei... pessoas maravilhosas... pessoas... éhh:: simples... ordeiras... serviçais... eu me lembro bem que o dia do professor... enquanto professora da terceira série... quarta série... primária... os aluninhos... Érica... levava um ovo de presente... um sabonete... Érica... cortadinho ao meio... de presente... uma menina me presenteou com uma "xicrinha"... branquinha... com um pedacinho quebrado... bem usadinha... Érica... é o melhor sentido de amor... uma transmissão do querer bem... não importa... se a xicrinha estava quebrada... mas eu ofereço o presente para você... como meu coração se desmanchava de alegria... de prazer... de ter aqueles alunos que tão bem souberam me amar... Érica... nada compensa a gente amar alguém... e como eu fui amada... como eu fui querida... como eu fui professora... não só para os alunos... mas para os pais... quando me viam na rua... "professora Cidinha..." que respeito... que palavras sinceras... eu olhava para os céus... contemplava a minha juventude... a minha segurança profissional... o meu desempenho juntamente com aquela comunidade... eu me lembro bem que um aluno meu... à noite... quarto ano primário... ele falou assim pra mim... "nossa... a senhora chafurda a minha cabeça... com essa matemática... com essas expressões aritméticas... pra quê isso? olha... a senhora me dá licença que eu vou verter água..." Érica... eu não sabia... Érica... aquele linguajar... eu pensei... "beber água? mas não é beber água... é verter água... ah:: dona Cidinha... fica quietinha..." fui até a porta... observei... ele foi ao banheiro... quando ele voltou... com a cabecinha toda molhada... "ahh:: João Luiz... o quê que aconteceu... meu filho?" "não... esquentei toda a cabeça... vou largar dessa escola... é muito aperreado... é muito apertado..." e eu sentei pertinho dele... botei uma cadeirinha... realmente ele tava chafurdado... ele tinha passado a borracha várias vezes... pra lá e pra cá... não tava dando conta de multiplicar... nem de somar... nem dividir... ao mesmo tempo... naquela expressão... aritmética... meu Deus... que coisa danada... e fui devagarinho com o João Luiz... hoje ele está fazendo doutorado em educação... ele e a esposa dele... eles moram em Araguaína... no município... são professores municipais... estão fazendo doutorado... "que coisa maravilhosa... João Luiz..." "dona Cidinha... como eu me lembro da senhora..." aí eu falei... "e como eu me lembro de você... João Luiz... com aquelas expressões que você usava... meu filho... eu quero te dar um abraço..." ele já é avô também... que coisa maravilhosa Érica... a minha história ela está feita... ela está escrita em poesia... em música... em bailar... em sonho... em realizações... e com a paz... porque eu me sinto feliz... porque o grande legado que meus alunos são os meus grandes amigos... Érica... não tem preço... minha filha... Araguatins escreve até hoje... e continua escrevendo no meu coração... na minha alma... tudo de bom... tudo prazeroso... e com grandes saudades... dos meus grandes momentos... na escola... de Araguatins... obrigada querida... você me está fazendo um bem tão grande... eu recordar do tanto que eu amei... fui amada e querida... e com certeza... é para a vida eterna... fique com Deus...

((Questionário escrito.)) ENTREVISTADORA: A senhora me contou de uma escola pública com sujeitos reais e constituídos de particularidades, heterogêneos. Ainda temos essa escola que é a escola pública. Como via e como vê hoje a escola pública?

Somos então constituídos das histórias dos nossos alunos, não é?! Eles agregam e nos modificamos a partir das experiências com eles.

ENTREVISTADA: Érica... você sabe que eu estou falando da escola pública de cinquenta... cinquenta e cinco anos atrás... Érica... a escola pública... para o meu pensamento... é o melhor lugar da educação... porque lá a gente vê o brasileiro real... as crianças... os jovens... os adolescentes... o que retrata nosso Brasil... com relação a afetividade... eu acredito que... por mais tecnologia... orientadora educacional... supervisão escolar... direção... enfim... uma equipe voltada para o aprendizado... cognitivo.. é muita razão... é muita ciência... no meu pensar está faltando eu ouvir o sonho do meu aluno... eu... tenho... uma caminhada aqui em Palmas... a escola de tempo integral... Jovem em ação... é apaixonante... por que? porque são menos alunos e estão voltados para o sonho do meu aluno e a escola como um todo sonhar os sonhos sonhados pelos estudantes... isso é apaixonante... eu continuo acreditando na escola pública... nos profissionais... porém... sem a politicagem... porque os grandes profissionais... Érica... as vezes estão longe da educação... enquanto profissionais da educação... o que eu quero dizer com isso? por exemplo... os melhores profissionais deveriam estar na alfabetização... os profissionais dedicados a escrita e leitura... interpretação... estão nas primeiras séries... e você observa que isso não é visto aos olhos dos políticos... da política educacional... porque a politicagem atrapalha... é um processo de cima pra baixo... as vezes eu fico assim me perguntando... eu com tanto entusiasmo... com tantos sonhos... nesses últimos momentos antes da pandemia... uma coleguinha minha foi dar uma formação e me pediu que... se eu pudesse fazer parceria com ela... e nós estudamos juntas... nós planejamos juntas... e eu sinto... na minha fala... há momentos em que as pessoas admiram do meu sonhar... enquanto escola... isso me aborrece... Érica... "será... meu Deus? que eu estou tão fora da realidade?" será que os nossos profissionais não estão tão voltados para a pessoa? só o cognitivo... só as questões formais... e o ser humano? e o coração humano? e o olhar sedento? carente dos nossos estudantes? ficam de lado... eu não acredito... Érica... que a aprendizagem está só no intelecto... sabe por que minha filha? hoje nós estamos fazendo um trabalho sozinhos em casa... eu estou aqui na nossa biblioteca... com o computador aberto lendo "Breve histórico da unidade escolar"... cadê esse calor? cadê esse... esse olhar pedagógico no olhar do outro? Érica... está faltando muito amor... está faltando muita fraternidade... na observação do outro... na aproximação... na curiosidade... Érica... "o quê que está passando no seu coração... minha filha? o quê que você hoje tem... meu filho... que está tão aborrecidinho? tá com a cabecinha baixa..." então... Érica... é o que está faltando hoje... porque no nosso tempo... cinquenta e cinco anos atrás... Érica do céu... nós tínhamos aquele giz que quebrava na nossa mãozinha... o quadro era naquela parede antiga que era só um cimentado quebrado... Érica... e a gente ensinava ler e escrever as nossas crianças... os nosso jovens... e dali nós fazíamos desfiles escolares... momentos cívicos... momentos felizes de aniversário da cidade... aniversário da independência do Brasil... aquele amor pelo local... a pátria mais querida que era a sala de aula... hoje eu não vejo esse entusiasmo... eu vejo pessoas reclamando... realmente a gente reclama as vezes... porque também nós somos carne... a gente também é pessoa... mas Érica... cadê esse entusiasmo de gente... gente humana? mas eu vou viver por muitos anos ainda... se Deus quiser... eu quero bater palmas pra vocês novinhos... grandes idealistas... grandes estudiosos... grandes profissionais que vão dar conta de mostrar para o mundo que o melhor lugar de trabalhar é a escola... e o melhor lugar de aprender tudo... das tarefas formais... mas também do mundo que há de vir em volta de cada um de nós... um mundo melhor... um mundo lindo... um mundo com mais equidade... profissional e por que não dizer social? por que não religiosa? boa tarde...

((Questionário escrito.)) ENTREVISTADORA: Até amanhã. Pode responder amanhã. Sei que está cansada. O que pensa ter melhor aprendido com os seus alunos? Que aprendizagens desenvolveu no convívio com eles?

ENTREVISTADA: Érica... eu prolonguei muito... mas eu me esqueci e achei pertinente ainda acrescentar que eu fiz a pós graduação lato senso em administração educacional... éhh:: me serviu bastante... porque aprendi mais uma abertura... no sentido de administração educacional... muito obrigada...

ENTREVISTADA: boa tarde querida... tudo bem... Érica? hoje estou prazerosamente... bem arrumadinha... tomei banho... me aprontei pra a gente começar a nossa conversa... a respeito da minha história falada... escrita... vivenciada... experimentada e hoje recordando as grandes lembranças... isso me faz ser mais professora... mais pessoa... mais cristã... enfim... sou apaixonada pela minha profissional... Érica... nós paramos ontem... éhh:: em quando eu ganhei a bolsa de estudos... né? e fui fazer o curso de admissão... Érica... a estrutura curricular da minha época... ela era composta... as quatro/ os quatro primeiros anos a gente falava primário... então o exame de admissão era como se fosse aquele ano de estudo para um vestibular... pra a gente ingressar no quinto ano... ou seja no ginásio... a gente saia do primário e ia pro ginásio... o ginásio seria o quinto... o sexto... o sétimo e o oitavo ano... certo? então isso aí a gente chamava de primeiro grau... bem... éhh:: fiz a admissão... passei... a prova era prova escrita e depois a prova oral... Érica... era um verdadeiro vestibular... quem passava... Érica... nossa... era falado no microfone... no alto-falante da cidade... o nome dos alunos que passavam... era o vestibular famoso... tudo bem... nós ficamos muito satisfeitos... meus pais também... ao ginásio... no quinto ano... nós tínhamos... a estrutura curricular era português... matemática... história... geografia... educação moral e cívica... OSPB... trabalhos manuais... cantos orfeônico... desenho... educação física... Érica... era pra não deixar menininho parado mesmo... e latim... francês e inglês inicialmente... no quinto ano... depois do sexto ia aprofundando... no sétimo... oitavo que a gente terminava o ginásio... aí nós passamos automaticamente... nós passamos para o segundo grau que seria... na minha cidade nós tínhamos a opção para o curso normal... científico e contabilidade... como eu já era professora dos meus irmãos... eu que alfabetizei todos... a minha vocação era pra ser professora de verdade... bem... na nossa época Érica... éhh:: os professores eram respeitadíssimos... o diretor era autoridade máxima da cidade... os pais... então o ensino... ele era duma certa forma... moralista... sabe? nós tínhamos vergonha de tirar uma nota abaixo de cinco... a gente gostaria de tirar era nove... nove e meio e dez... os meninos... os mais estudiosos... como... eu era muito pobrezinha... lavava... passava... cozinhava... eu estudava a lamparina... até duas... duas e meia da manhã... por que? porque minhas colegas eram ricas... a (Nestorina)... e Maria Cecília ()... a (Nestorina)... a melhor biblioteca da cidade era da casa dela... então ela só tirava dez... hoje ela é psiquiatra... em Brasília... uma pessoa muito conceituada... e pra eu seguir essas minhas colegas eu estudava muito... e as vezes chegava até três da madrugada estudando... porque a cultura dos pais... era o jovem... até mesmo criança... trabalhava pra depo::is estudar... tanto é que o meu diretor... Eurico () Alves... e também professor de latim e português... uma ()... ele visitou meus pais... porque eu chegava correndo antes do portão fechar todos os dias... porque tínhamos que chegar seis e quarenta... porque sete hora/ seis e quarenta a gente já fazia a fila... cantávamos o hino nacional e entrávamos pra sala... porque que eu chegava correndo? era um pouco distante... o ginásio de Inhumas da minha casa... eu tinha que botar feijão no fogo... acender o fogo... cuidar dos meus irmãos... enfim... era um laboro... mas... tudo há contento... e como Deus é generoso... justo e fiel... sempre ele me conduziu no melhor caminho e ele me deu o talento caído dos céus... eu agradeço muito... bem... ao terminar o curso normal... minha diretora (Láides Póvoa Vaz)... éhh:: uma festa maravilhosa... porque a cidade é muito pequenina... a cidade de Inhumas... estado de Goiás... a escola era o centro... todas as festas... e eventos... a cidade toda

fazia parte... o grêmio estudantil Valter Guerra... Ronaldo Corrêa da Silva... foi um dos presidentes do grêmio... Érica... era de uma organização... de tirar o chapéu... alí tínhamos grandes líderes e ao sábados nós tínhamos as primeiras aulas e depois a reunião do grêmio... Grêmio estudantil Valter Guerra... lá eram expostos os melhores trabalhos... os melhores momentos... lá recitávamos poesia... cantávamos... tinha coral... e os discursos com temas atuais... e os rapazes e as moças tinha sonhos e ideais... amavam a pátria... a cidade que nascia... enfim... foi grandes momentos históricos da minha vida... quando eu terminei o curso normal... Érica... teve um concurso do Estado de Goiás para professora... eu terminei com dezessete anos... fiz o concurso... porque ia ser chamado após um ano.. e após um ano eu já tinha idade pra tomar posse... graças a Deus passei no concurso estadual... mas eu tive a felicidade da irmã Tomazina e a irmã Felicita e a irmã Mercedes... do Educandário Nossa Senhora do Rosário que eu fiz a admissão... e com bolsa... elas me convidaram para ser professora na educação infantil três... lá no Educandário... Érica... pra mim foi um sonho... eu não dormi à noite... quando a freira foi na minha casa e me convidou... ela falou "olha... eu te conheço enquanto pessoa..." eu era catequista também... ela era a minha professora de catequese... e eu cantava no coral da igreja... então eu tinha o perfil para ser a professora do Educandário Nossa Senhora do Rosário... e uma escola elitizada... eu fui professora do filhos... netos do prefeito... netas de vereador... que na época era as pessoas mais importantes da cidade... quando começou a chamar para tomar posse quem tinha passado no concurso... eu tomei posse... aí Erica... saí do Educandário Nossa Senhora do Rosário e fui trabalhar no centro de treinamento do magistério de Inhumas... por quê que eu fui trabalhar nesse centro de magistério de Inhumas que era conveniado com a UNICEF... UNESCO... ()...? porque em um dos discursos que eu fui... a candidata a falar... a respeito de um tema... lá no grêmio... Érica... esse discurso foi parar lá na casa do deputado estadual Getúlio Vaz... da cidade... e o Getúlio Vaz gostou imensamente e falou que eu era uma menina de uma família muito humilde... minha mãezinha costureira... o papai barbeiro... que seria a oportunidade que apareceu uma vaga no centro de treinamento... e aí ele mandou uma cartinha para o prefeito... o prefeito conhecia a minha mãe... enfim... Deus abençoou que eu trabalhei no centro de treinamento de magistério de Inhumas... Érica... o meu salário era de noventa e oito mil-réis... e um Fusca era cento e quinze... então... um pouquinho de esforço... um mês e menos de quinze dias do outro mês já daria pra eu comprar um Fusca... Érica... a vida dos meus pais... dos meus irmãos... foi uma benção... porque comprei tudo o que precisava no lar... mandei fazer... sapatinhos... enfim.. foi um espetáculo incrível... eu/ quase que inacreditável... tudo bem... trabalhei também em Inhumas/ lá eu tive/... eu fui agraciada... no centro treinamento de magistério em Inhumas ... formava-se professores que tivesse curso normal... lá eles faziam... éhh:: o Brasil inteiro que poderia fazer... preenche as vagas os pré requisitos seriam três anos de magistério... curso normal... seria um curso superior que formava professor a ser supervisor ou orientador educacional... eu comecei trabalhando lá... com a dona Divina Sebastiana de Jesus que era a coordenadora do curso... e ela gostou muito de mim... por isso que eu falo que tudo por Deus éhh:: ela e ensinou o trabalho... eu trabalhei com ela na coordenação... enquanto apoio e nas horas vagas... ela me deixava assistir as aulas de didática... de currículo... porque era didática especial de linguagem de matemática, estudos sociais e ciências... ela me deixava de artes por que? porque ela me/ trabalhou o meu profissional pra que eu fosse professora de demonstração do GED... o quê que era o GED? o grupo escolar de demonstração do curso... e esse Grupo Escolar de Demonstração... o GED... era famosíssimo na cidade e eu fui privilegiada de ser professora de alfabetização... e a dona Divina Sebastiana e as outras colegas me é/me incentivaram e me ajudaram muito a ser a professora de demonstração... lá Érica... eu tive também a alegria de receber de uma revista de Goiás... revista Goiás Especial e Goiás urgente... como uma professora de destaque... por que? porque no GED era professor é como se fosse o melhor professor como as minhas colegas me ajudavam e eu tinha realmente/ tenho realmente o talento para ser professora... quando eu ganhei esse destaque

eu fiquei muito feliz por que falei eu estou dando conta e eu estou vencendo as barreiras as dificuldades profissionais... muito bem... depois... Érica... em mil novecentos e setenta foi meu último ano lá do GED... de ser professora de demonstração por que foi o nosso casamento eu trabalhei até setenta e dois... porque em setenta e dois a gente mudou pra Araguatins... tudo bem... levei meu filho né? com quatro meses... e lá fui trabalhar na escola paroquial São Vicente Ferrer na terceira série primária anoite no noturno que o padre falou “olha... eu não posso tirar uma professora de manhã nem atarde só tenho a vaga anoite como a senhora é de fora...” Érica... por incrível que pareça... amei trabalha com o padre Carmelo... meu Diretor... os meninos de outra/ da terceira série de outras turmas tava pedindo transferência tudo pra noite e preenchendo... Érica... chegou num momento que não cabia mais carteira... por que? porque foi um contando pro outro... os pais ia no diretor e o diretor foi enchendo... foi enchendo... eu falei... “Padre Carmelo do Céu... o Senhor tá tirando os menino das outras professoras e colocando tudo na minha sala criatura...” ... “não Senhora mulequito... mulequito muito custoso não aprende com outras e vai aprender com a chegante a chegante...” tudo bem... comecei desta forma... Deus me abençoou bastante... da terceira série os pais pediram pra ele que eu continuasse na quarta série.. depois os pais pediam que eu continuasse na quinta... na sexta, sétima e oitava série... lá da escola paroquial... quando a Dona Dejanira ficou é... ficou faltando uma professora de didática no Leônidas Gonçalves do arte... ela me convida pra ser professora das didáticas do curso magistério da época... porque ela acreditava que nós iríamos erguer uma vez que só tínhamos quatorze alunos no curso magistério... Érica... foi a melhor parte da minha vida... nunca me esqueci Érica... cheguei na escola Leônidas... à noite numa salinha só tinha quatro aluno em cada série... no primeiro magistério... no segundo, terceiro... somava tudo dava quatorze... Érica comecei com muito dinamismo... tudo que eu havia aprendido no GED... no Grupo Escolar de Demonstração de Inhumas trabalhei com as minha alunas... e ali Érica outro ano o magistério foi crescendo... crescendo... nós chegamos quase a... termos quatrocentas alunos quando eu me aposentei... nós fizemos um trabalho maravilhoso as meninas e as minhas melhores amigas são meus ex-alunos quando eu digo assim é porque eles me amaram eu os amei e eles continuam me amando e eu continuo velando e cuidando mesmo de longe... por todos... agora com a morte da Loriele minha ex-aluna... eu lembrei do primeiro dia... o caderninho dela a letrelinha dela os afazeres maravilhosos dela e então... e do Weliton... meu aluninho... uma vida toda... que hoje ele é médico... em Goiânia muito conceituado... outros alunos que viraram modelos no Estados Unidos... outros que viraram fazendeiro... outros que virou soldado... outros a maioria... são professores e diretores de escola... porque era muito definido... os diretores das escola perguntava professores... () éhh:: “fulano... fulano... eu posso contratar?” ... “pode...” ... “em qual série?” ... “não esse daqui... é pra alfabetização... esse daqui é pra segunda série...” todos... todos... todos se tornaram grandes profissionais... então Érica... a minha história... é verdadeira... a minha história é tirada do coração... a minha história é de uma trabalho de escuta porque eu escutava muito os meus alunos... e eles eram tão protagonistas... que até os carroceiro paravam e falava assim... “oh professora Cidinha... a minha filha está encantada de ser a sua aluna...” ai eu falava... “oh seu Tiago... que coisa boa que coisa maravilhosa... oh seu benedito que coisa encantadora... isso é que me faz feliz...” e porém Érica... naquela época eu era professora de todas as didáticas especiais... português... matemática... história... geografia e as didáticas geral Érica... não encaixava porque a gente só poderia dar quarenta aulas... o Estado não pagava mais... a vida inteira mais de vinte anos... eu lecionei pra todo magistério... o primeiro magistério tinha a professora Cidinha... e não recebia um centavo mas... na minha alma e no meu coração... eu não poderia deixar uma ou duas turmas... ou até três que nos tínhamos sem um professor... eu me desdobrei e hoje ... eu fico assim analisando... como eu dava conta... esse tanto de aula semanais... e durante o dia era o estágio... pela manhã e o estágio à tarde... Érica... semana da criança era uma semana de atividades que nós fazíamos... para todos os alunos do primário do Colégio Leônidas Duarte...

chegou um ponto - que antigamente chamava a delegada de ensino... a Dona Semira que era a delegada de ensino de Tocantinópolis... ela ficou sabendo né do trabalho dos nossos alunos e foi nos conhecer... - Érica... o salão o auditório do Leônidas G. Duarte ele ficou repleto de todos os tipos de matérias... que nós confeccionávamos... é... quadro de prega... quadro valor de lugar... flanelógrafo... teatro de vara... dominó... jogos pedagógicos... cartilha... Érica... os métodos que nós estudamos... a gente escreveu... a gente fez ilustrado... enfim.. foi... o meu momento máximo da minha história... e eu esqueci de falar também ... que quando eu terminei o curso normal... todas as minha colegas foram pra Goiânia fazer pedagogia... meus pais não me deixaram ir... Érica... fazer... porque moça virgem... santa e imaculada não podia é... ir de madrugada... ou ir à noite estudar em Goiânia que era tão pertinho... da minha cidade Inhumas... aquilo... Érica... me oprimiu me frustrou... porque eu fui a única que não fez curso superior naquela época... só depois... em noventa e dois... quando eu me aposentei... que eu fiz pedagogia... na ULBRA que ()... ser vice presidente do grêmio acadêmico... é minha professoras me respeitavam atentamente... porque elas não tinha experiência de sala de aula... e nem do magistério... elas eram novinhas então elas me deram muita oportunidade... é/ de contribuição... isto me realizou profissionalmente o discurso da minha formatura de pedagogia eu falei com meu coração... com a minha alma... com meus sonhos... de realizações... e estou muito feliz nesta oportunidade de contar a minha história sonhada... recitada... cantada e não está adormecida... porque sempre ela é resgatada com/ no bom sentido... porque grandes memórias... não poderão ficar... amortecidas... boa noite querida...

TRANSCRIÇÃO 3 – Ana Feitosa de Souza

ENTREVISTADORA: ((risos)) é um trabalho... do meu doutorado... onde eu pesquiso memórias de professoras aposentadas... é um prazer estar aqui com a senhora... é um encontro muito feliz... fiquei muito feliz de ter um contato... de responder rapidinho... foi muito bom... já fiquei muito feliz com a nossa conversa na viagem... pena que eu não gravei nada.. e aí é uma conversa... essa é só a primeira entrevista... nós faremos outras... né? eu longo do tempo... porque a ideia é recuperar pela sua memória mesmo... pelas suas histórias... né? então... e aí aquilo que a senhora sentir vontade de falar... a senhora vai contando e tudo pra mim é importante saber... da sua experiência... né? então eu quero que a senhora diga... só pra ficar registrado o seu nome completo... a sua data de nascimento...

ENTREVISTADA: Ana Feitosa de Souza...

ENTREVISTADORA: data de nascimento...

ENTREVISTADA: três do onze de mil novecentos e quarenta e nove...

ENTREVISTADORA: a senhora nasceu onde?

ENTREVISTADA: Porto Alegre... Rio grande do Norte...

ENTREVISTADORA: e como a senhora veio parar no Tocantins?

ENTREVISTADA: eu casei com dezessete anos... e de lá viemos pra Goiânia... Goiânia... ()... () para Araguatins... moramos no novo sítio um tempo... antes de ir pra Araguatins... assim... foi muito bom... porque eu não tinha experiência de nada... naquela época era tudo muito difícil... tudo muito rudimentar... e a gente vivia naquela vida muito pacata... pra mim era uma aventura sair pelo mundo... como diz o nordestino... e viemos de pau de arara... todo mundo naquela tranquilidade... achando bom... e a vida era aquela... não tinha assim... aquele luxo... aquela coisa... era tudo muito... difícil... mas pra mim... era acostumada já naquela vida mais simples... né? mais humilde... pra mim... 'tava' tudo muito bom... eu não tinha dificuldade assim... de conviver com as pessoas... aí chegamos em Goiânia... ficamos na casa do irmão dele... e de lá viemos pra Ceres... e de lá fomos morar na colônia que o compadre 'tava' lá... os irmãos dele... né? e foi muito bom... () chegamos no Novo sítio... ficamos lá com o comércio e eu não voltei mais a trabalhar... porque eu trabalhava numa escolinha... na zona rural lá em Ceres... no município de Ceres... mas como nós fomos trabalhar com o comércio aí não pude continuar... que era o meu sonho continuar... já tinha aposentado... né? já 'tô' com setenta... aposentei só do estado... mas aí... foi uma experiência boa também com o comércio... né? aí mudamos pra Araguatins... aí fui fazer o magistério... já comecei a trabalhar também... tinha nem terminado ainda o curso do magistério... mas voltei a trabalhar... e de lá quando vim pra cá continuei... e fui fazer faculdade... e tudo é benção...

ENTREVISTADORA: e quando foi que a senhora começou a dar aula? ser professora? onde essa história começou?

ENTREVISTADA: lá no município de Ceres... que eu comecei pelo município... mas dá aulinha assim... nas casas de família... aos quatorze anos... eu comecei... era alfabetizando as crianças naquele tempo... com a cartilha do abc... tinha aquele abc tradicional... e aquelas famílias chamavam a gente pra ajudar os filhos... né? porque escola era difícil na época... não tinha muita escola assim... e a gente ia... porque nós éramos alfabetizadas... não tinha nem a quarta série ainda nessa época... mas já sabia ler e escrever... era como se tivesse apta a dar aula também... pra essas criancinhas de sete anos... que nunca tinha ido a escola... nas casas de família... a gente ia em todas as casas da vizinhança ali... um dia na casa de um... outro dia na casa de outro... ganhava um pouquinho só... só pra comprar alguma coisa mesmo... não era assim um emprego... era aquelas famílias de compadres... aí dizia... "olha as suas meninas são muito sabidas... compadres... deixa ela vir dar aula pras minhas filhas..." porque tinha meninas de dez anos que nunca tinham ido na escola... e nós... mamãe e papai eram muito preocupados... nós somos uma família com dez filhos... né? seis mulheres... tinha que estudar um pouquinho... né? era muito difícil na época... mas eles tinham esse cuidado... a gente andava muito pra ir pra essa escola... andava assim... eu acho que era bem uns quatro quilômetros... de mundo a fora... de pé pra ir estudar... mas foi muito bom...

ENTREVISTADORA: e a senhora estudou lá até que série?

ENTREVISTADA: até a quarta série... porque naquela época era quarta série... né? hoje é o quinto ano...

ENTREVISTADORA: lá nessa colônia?

ENTREVISTADA: não... lá no Rio grande do Norte... essa história aí é do Rio grande do Norte... aí vim com essa mesma quarta série... quando ia já pra fazer o curso de admissão... que era o quinto ano naquela época... quinta série... né? aí foi onde eu casei e vim embora... né? não

estudei... não continuei... aí quando cheguei lá em Ceres aí eu fui dar aula também... apenas com a metade do fundamental... imagina o quanto eram carentes na época... de professor... porque não tinha... e aquele pessoal... que tinha os filhos na colônia não tinha onde colocar os filhos... aí ali fazia aquelas reuniões... "chegou ali uma mulher... lá do Rio grande do Norte e ela já é acostumada a dar aula... então vamos em Ceres arrumar pra ela... falar com o prefeito..." aí arrumaram pra mim... eu toda empolgada...

ENTREVISTADORA: com quantos anos nessa época?

ENTREVISTADA: nessa época eu já tinha... já tinha o primeiro filho... tinha dezenove anos já... lá no município... né? de Ceres... aí deixava os meninos nas casas das vizinhas... pra ir trabalhar... aí naquela época era ()... tinha menino do primeiro aninho... do abczinho... primeiro... segundo... tudo misturado... o local de chão batido... uma escolinha assim antiga... e os bancos eram um pedaço de madeira grande... e uma mesa e eles ficavam ali sentados ao redor daquela mesa... eram poucos alunos... eram dez... doze... era assim... nesse local... aí quando tinha no povoado... tinha as escolinhas melhores... mas tinham pais que não tinham como levar... não era muito pertinho assim... as coisas eram mais difíceis... aí veio a merenda também... veio uma mulherzinha pra fazer essa merenda desses meninos... no dia que ela não podia vir... aí eu que tinha que fazer a merenda e dar aula pros meninos... imagina... deixava fazendo a tarefa... e eles faziam... e ninguém se batia ninguém teimava... bastava deixar ali quietinho e eles eram aqueles meninos obedientes... cuidadosos... os pais muito rígidos diziam... "olha... qualquer coisa... vamos na palmatória..." eu digo... "não... não vou usar palmatória... porque eu sofri com essa tal palmatória e isso aí eu vou excluir... não quero nem saber disso aí..." mas eles tinham... assim... muito obedientes aos pais... então assim... não davam trabalho... hoje em dia os meninos não respeitam mais ninguém... naquela época os meninos tinham o maior cuidado com a gente... aquele carinho... umas crianças tão boas que eu sinto saudades... e sério... inclusive... quando eu fui... tem uns três anos atrás... quando eu fui em Goiânia... aí passei lá... porque tenho um cunhado que mora lá... tenho um afilhado... tenho um parentes... tenho pessoas assim... () passei... aí já vi tantos alunos meus... todos casados... lá na colônia... pense... uma graça... eu fiquei assim... "meu Deus... vocês não cresceram pra estudar..." mas ficaram tudo ali... estudaram só um pouco... né? alguns que saíram... os que saíram tem alguns formados em Goiânia... mas se não sai... não tem jeito... né? é difícil...

ENTREVISTADORA: e a senhora trabalhou lá quantos anos?

ENTREVISTADA: lá foi de mil novecentos e setenta e cinco... a oitenta... foi uns cinco anos... foi o tempo que nós viemos pra cá... quando nós mudamos... pra cá que eu digo é Araguatins... quando nós mudamos pro município de Araguatins... foi que eu deixei lá... mas com muita saudade... viu? lá era bom demais... nós tínhamos uma chácara... eu plantava muito cana... dava de tudo lá... muito bom... nos córregos... a gente plantava as hortas era no córrego... não era em casa... córrego bem pertinho assim... plantava e ninguém mexia... era incrível... muito bom... as terras boas na época também...

ENTREVISTADORA: e quando foi que a senhora decidiu ser professora? o quê que levou a senhora a ser professora?

ENTREVISTADA: é vontade de ajudar também... () eu dei aula lá no município de Ceres... na minha casa... quando eu via aquelas pessoas... aqueles adultos que tinha vontade... "eu quero tanto assinar meu nome..." inclusive o Neto... ele não sabia assinar o nome... né? ele copiava o nome... aí eu fui... dei aula no ()... lá na minha casa... porque tinha os meninos pequenos... não

tinha como sair à noite... e de dia eles não tinham tempo... né? aí a noite eu dei aula no () ainda... e era mais no sentido também de aprender mais e de ajudar... né? aí foi onde eu fui estudar... e aqueles projetos que vinha... né? pras pessoas estudar... projeto ()... né? os projetos que vinham da pré educação... aí foi onde eu terminei o fundamental... fiquei só nisso aí até quando eu cheguei em Araguatins foi que eu fui fazer o ensino médio...

ENTREVISTADORA: a senhora fez o ensino médio lá em Araguatins?

ENTREVISTADA: foi... no colégio Leônidas Duarte...

ENTREVISTADORA: magistério?

ENTREVISTADA: magistério... e estudando e trabalhando lá... agora imagina... logo arrumei uma escolinha... e podia estudar e trabalhar ao mesmo tempo... imagina né?

ENTREVISTADORA: qual era a escola?

ENTREVISTADA: no Leônidas... trabalhando lá e estudando lá... trabalhei lá e estudando também... aí hoje... na época de hoje já não podia... né? tem que terminar... né? mas isso era carência de professor... foi sorte de arrumarem pra mim e eu achei muito bom... a finada Dejanira me ajudou muito... dona Cidinha... que pessoa maravilhosa... me ajudou demais também... e foi tão bom que eu não esqueço de jeito nenhum... () apesar da dificuldade... né? mas... foi muito bom mesmo...

ENTREVISTADORA: e a senhora lembra a primeira vez que a senhora deu aula? o quê que a senhora fez? o quê que a senhora pensou... sentiu? no primeiro dia que a senhora deu aula...

ENTREVISTADA: era assim como se não tivesse fazendo nada... era assim... não tinha esse negócio de planejamento... nem de pensar... "será que esses meninos vão aprender?" era assim uma vontade de/ pra mim era uma coisa tão importante que eu 'tava' ali... lá não tinha essa história de plano de aula... nem nada... pegava as cartilha de abc... o caderninho ali e ia copiando pros meninos... ensinava aquelas letras... ia copiando aquele alfabeto... eles fazendo... copiando também... eles fazendo... não tinha noção nenhuma do que era dar aula... e pra mim alí era uma beleza... eles terminavam... eles faziam aquelas liçõezinhas deles...

ENTREVISTADORA: e como era que a senhora dava aula pra eles?

ENTREVISTADA: numa mesa... aí explicava pra eles a importância de estudar... de aprender aquelas letras... pra aprender ler... escrever... pra ser alguém na vida... os meninos ficavam todos alegres... felizes... "ahh... lá vem a tia..." chamavam de tia naquela época... () tinha que tomar banho... pra depois do almoço que eu chegava 'tava' tudo ali... tinha uma casa que eram cinco meninas... todas... - até faleceu uma esses dias... eu soube agora - mas todas... a escadinha... sabe? eu não fazia plano não... eu não sabia como era dá aula... era só ()... e logo aprendiam ler... ai da tinha essa facilidade... eles depois daquela cartilha de abc... aí vinha o livro... né? vinha os livros... "já sei ler" né? o nome dos livros... diferentes... bem pequenos até... aí comprava aqueles livros... já ia... já passou pro primeiro livro... quer dizer... já 'tava' no primeiro ano... aí a gente... eu fazia as tarefas era de acordo com os livros... porque eu não sabia o que era planejar nem nada... eu nunca tive orientação de ninguém... porque quando eu estudava... a minha professora... ela dava aula na casa dela... ela fez um cômodo grande... tipo

um galpão... e botava a mesa com esses... era umas tábuas... pra a gente sentar ao redor dessa mesa... e ela dava aula era assim... então eu achava que o certo era daquele jeito...

ENTREVISTADORA: lá no Rio grande do Norte?

ENTREVISTADA: no Rio grande do Norte... dona Dalzira o nome dela... lembro demais... era um menino atrás do outro... grávida... tudo... dando aula... e uma luta... cuidando dos meninos e dando aula pra nós... aí eu não sabia como era dar aula... mas eu via... digo... "ela faz assim... deve ser assim..." mas muito bom... foi uma época assim... era uma infância tão boa... aquela inocência... a gente achava bom... quando era sete de setembro ela fazia o desfile... todo mundo com aquela roupa de/ saia () com pregas... sapatinho... meias... blusa branca... todo mundo bonito alí pra desfilar...

ENTREVISTADORA: lá na comunidade...

ENTREVISTADA: lá na comunidade... cantando ()... o hino da dependência... o ()... o hino da bandeira... né? e também o hino nacional... esse era os que cantava lá e fazia aquela festa mesmo... dia sete de setembro... aí vinha os vizinhos todos... aquilo ali era como se fosse atração... meu Deus do céu... era bom...

ENTREVISTADORA: e lá em Araguatins... a senhora como professora... como é que a senhora lembra da escola? o quê que senhora mais lembra? como foi trabalhar lá?

ENTREVISTADA: aí eu já aprendi mais... né? foi muito bom... porque eu não sabia o que era dar aula assim... é que nem eu digo... "essa trajetória do início foi tudo muito simples... né?" mas aí com as outras a gente vai aprendendo... a dona Cidinha ajudou muito também... os planejamentos... ela ajudava a gente muito... né? era tudo planejadinho... () já tinha as coordenadoras... já era mais uma vida nova... né? pra mim foi um avanço muito grande... né? apesar que a experiência era pouca... dali da sala de aula mesmo... com muitos alunos... carteira... tudo diferente... mas na medida do possível... oq que elas... o que era proposto eu fazia... "vamos fazer assim... assim... tal." mas foi o começo pra min... foi bom...

ENTREVISTADORA: aí lá já planejava?

ENTREVISTADA: sim... tinha os planos de aula... a gente fazia os planos...

ENTREVISTADORA: que era que acompanhava?

ENTREVISTADA: era... a dona Cidinha que dava aula pra nós... era a responsável por isso aí... mas tinha também as coordenadoras que ajudava... auxiliava... () ... a coordenadora da época era () a...

ENTREVISTADORA: a Dalgisa?

ENTREVISTADA: a Dalgisa... era a Dalgisa?

ENTREVISTADORA: () mas a Dalgisa que era mesmo... acho que ela trabalhava lá no Leônidas...

ENTREVISTADA: éhh:: no Leônidas... é a Dalgisa mesmo... ()

ENTREVISTADORA: () ela deu derrame até esses dias... derrame não... ela tem Parkinson...

ENTREVISTADA: faz um tempão que eu a vi... pois ela mora alí perto do hospital... né? () justamente...

ENTREVISTADORA: é... ela mesmo...

ENTREVISTADA: era a Dalgisa mesmo... agora 'tô lembrada... bem alegre... ligeirinha... ela que ajudava a gente... material... era ela que levava tudo... ela não era assim de orientar igual hoje que já é mais assim... focado alí pra ajudar uns aos outros... porque ela também não tinha tanta estudo... mas ela era assim atuante... muito legal... muito bom mesmo...

ENTREVISTADORA: e os alunos? como eram no seu tempo?

ENTREVISTADA: ah bem melhoras... eram mais comportados... eram assim de ouvir mais... de/ eu acho que aprendia mais do que hoje... não sei se é impressão minha... porque/eu não sei se é porque hoje os meninos são mais rebeldes não sei... eu acho que aprendizagem é bem mais devagar... tem umas crianças aprendem mais tem outros tem uma dificuldade... eu não o que é isso que tá acontecendo... hoje eu estava falando pra a mulher que trabalha na/que mora aqui do lado da minha casa aqui... ela trabalha no terceiro ano com os alunos...e reclamando na hora de estar em provas né? ai a gente ajuda né... eu auxílio a coordenação... ai ela reclamando que... peleja tanto... fala tanto... e explicar tanto se doa tanto... e o resultado ela não tá achando tão bom... e minha irmã você faz o que pode... o milagre só Jesus que faz... né? porque as crianças vem numa rebeldia... vem de uma família assim... não sei... nós não pode culpa a Família... eu culpo assim... eu acho que a família precisava de se doar mais... ajudar mais as crianças... porque vêm e não traz uma tarefa feita e ela agora com esse/ tem as redes sociais... aí ela tem o 'zap' dos pais a maioria tem... e ela manda todo o conteúdo pra eles ajudar... manda orientar... manda tudo... é:: mais não/ é... meio inútil... volta do mesmo os meninos... esquece o material... é difícil... mas naquela época... eu acho que a aprendizagem era melhor... os meninos se concentravam mais...

ENTREVISTADORA: a senhora ainda dava um reforço né?

ENTREVISTADA: dava/ fazia o que podia né?

ENTREVISTADORA: dava um reforço em casa com um "bolim" ...

ENTREVISTADA: ainda tinha um "bolim" é?

ENTREVISTADORA: ainda tinha um "bolim" ...

ENTREVISTADA: pois é... sei que:: foi muito bom...

ENTREVISTADORA: como o que a sala era organizada... em fileiras... círculos?

ENTREVISTADA: é tudo atrás um outro mesmo é... tudo/ não tinha muito círculo não na época... depois foi as mudanças né... que hoje já... tem vários que faz 'u'... faz o círculo... faz né... aula do lado de fora... muitas vezes leva os meninos no pátio... né... aula de campo... naquela época não... era mais entre quatro paredes e nada mais... porque... o ritmo era aquele... e a gente não sabia inovar... porque estava aprendendo... e seguindo o caminho daquele que

‘tava’ orientando... mais hoje os horizonte abre mais pra orientar o professores... né? esses dias é... eu falei pra professora Diva... olha... você é tão inteligente... sabe tanto... traz esses meninos... porque lá a escolinha é pequena... quase não tem como mudar tanto né... aí eu disse... traz esses meninos aqui... nesse corredor... mostra pra ele a dificuldade de morar num lugar apertado e tal... e ver o que eles podem fazer... dá uma aula brincando com eles é... pega uns papeizinhos coloca... tipo numa caixinha... pra ele tirar... aí quem chegar primeiro e responder vai ganhando ponto... mas foi sucesso... tipo uma gincaninha né... uma gincana...e ela disse que foi bom que na prova eles até acertaram... eu digo: pois é vai mudando... porque o lugar é apertado lá não tem assim um pátio...

ENTREVISTADORA: qual é a escola?

ENTREVISTADA: é aqui no Salmão Cardoso...

ENTREVISTADORA: ah sim... aonde a Senhora trabalha hoje né?

ENTREVISTADA: onde eu trabalho é... a escolinha pequenininha... só tem quatro salinhas... uns duzentos e cinco alunos só... manhã e tarde ... nessas quarto salas... mas ela não dá pra inovar muito assim... pouco materiais... a escola é conveniada... é uma escolinha da igreja né... eles são evangélico lá... mas é tão boazinha tão aconchegante... e eu gosto... eu gosto muito das coisa simples... mas dá pra fazer... elas trabalha muito bem... as professoras participam muito de encontros... formação né... esses dias mesmo... teve uma formação... aí ela disse: quem diria eles falam tão bonito... mas vai colocar na prática... que não chega nem/ pra uma escola modelo que tenha mesmo material pra/ espaço... a de lá não tem espaço... o espaço pequenininho..

ENTREVISTADORA: e no seu tempo lá em Araguatins... tinha formação?

ENTREVISTADA: nada tinha não...

ENTREVISTADORA: formação continuada...

ENTREVISTADA: de jeito nenhum... não tinha essas coisas não... eu terminei o magistério... aí logo:: foi eu terminei o magistério em oitenta e:: não... não... em noventa parece.. é... aí eu já vim pra cá em noventa e dois... mas não tinha esse tanto de formação assim não... eram bem... eu vim pra cá em::

ENTREVISTADORA: e como é que vocês estudavam os professores assim pra planejar... pra discutir os problemas da escola... como é que vocês faziam?

ENTREVISTADA: nos livros... era os livros que tinha... a gente sentava ali... por exemplo: terceira série com terceira né... os professores se reunia todos por sério né... as séries é que/ vamos supor que eram três salas de terceira série... na época era série não é ano igual hoje né? aí nós se reuníamos... tinha vez que a professora Eurides ia lá pra casa pra gente planejar juntas... as vezes era assim a gente planejava lá as vezes não dava né...

ENTREVISTADORA: e aí tinha biblioteca na escola pra vocês?

ENTREVISTADA: nada... tinha livrinho assim... mas não era aquela da biblioteca...

ENTREVISTADORA: da escola?

ENTREVISTADA: é... tu lembra né? que não tinha uma biblioteca chique assim boa... não tinha...

ENTREVISTADORA: livros pro alunos era só o didático?

ENTREVISTADA: só o didático...

ENTREVISTADORA: quando a senhora começou a trabalhar lá já o livro didático?

ENTREVISTADA: tinha... tinha livro didático...

ENTREVISTADORA: senhora lembra qual era os livros?

ENTREVISTADA: não lembro... não lembro... tinha não tinha... na época ganhava os livros lá... mas eu não lembro quais eram os livros...

ENTREVISTADORA: também não lembro...

ENTREVISTADA: talvez hoje ainda tenha por lá alguma... mas não tem não eu acho que eles guardaram tanto assim ...

ENTREVISTADORA: eu acho que não...

ENTREVISTADA: mas essas professoras antigas lá devem saber... eu não lembro o nome dos livros...

ENTREVISTADORA: eu acho que só tinha português... matemática... e ciências...

ENTREVISTADA: é justamente...

ENTREVISTADORA: geografia... eu não me lembro... aí quando a senhora trabalhou lá a senhora trabalhou em que séries... em que ano/ era séries né?

ENTREVISTADA: era... eu trabalhei no segundo e no terceiro...

ENTREVISTADORA: o tempo todo a senhora trabalhou lá... a senhora trabalhou quantos anos em Araguatins?

ENTREVISTADA: em Araguatins... eu trabalhei... só uns três anos... quando já no quarto ano foi que eu "vim" pra cá... aí eu fui dá aula ainda também um pouquinho lá na () do arte... a noite... esse lá já era/ quando a gente chamava de ginásio né... dei aula pra sexta série lá...

ENTREVISTADORA: lá em Araguatins a senhora deu aula de mil novecentos e:: de oitenta e nove... quando foi que a senhora começou dar aula lá em Araguatins no Leônidas?

ENTREVISTADA: em oitenta e nove... oitenta e oito né... a noventa e dois né... mas já foi no/ oitenta oito foi só contrato... foi em oitenta e nove que eu comecei direito né? porque eu fui contratada mas já no final do ano...

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADA: aí em noventa e dois "vim" pra cá...

ENTREVISTADORA: sim... a senhora voltou a escola esses últimos tempos... ali que em frente/ a senhora entrou lá?

ENTREVISTADA: entrei uma vez que teve um:: uma festinha lá... tinha alguma coisa assim... tipo (...) essas coisa... mas pra aula mesmo nunca voltei lá pra ver as salas de aula... como estão... o colégio se teve reforma tudo...e eu não voltei mais lá... vou lá mas não...

ENTREVISTADORA: o quê que a senhora observou de diferente do seu tempo lá?

ENTREVISTADA: ah... sim... melhorou bastante... né? tudo mais moderno... tá diferente agora... mas eu nunca entrei nos dias de aulas... nos dias assim... nos dias letivos de aulas... nos dias que eu fui 'tava' tudo fechado... era tipo uma festinha lá... não sei o quê que foi que eles fizeram lá... se era jogos... que eu estava lá nos meninos... e digo... "ah... vou já alí ver...." mas aí não entrei nas salas... não conversei com coordenadora... era festa nessa noite... né? mas não voltei mais lá pra entrar e ver... mas ainda quero ir lá...

ENTREVISTADORA: eu também... tem muitos anos que eu não vou lá... muitos anos...

ENTREVISTADA: e é só lerdeza... porque eu vou sempre lá... meu filho mora em frente...

ENTREVISTADORA: a senhora tem fotos daquele tempo?

ENTREVISTADA: não... tenho não... a única foto que eu tenho é do magistério... () nós formamos um grupo e fomos tirar uma foto hoje onde era a casa do Marcos...

ENTREVISTADORA: que era a casa do 'seu' Luciano...

ENTREVISTADA: não... era o... () que era contador não... trabalhava na... era o... () um filho dele... tem uma filha com ele... ()... ele trabalhava na fiscalização...

ENTREVISTADORA: Manuel contador?

ENTREVISTADA: não... eles mudaram pra Goiânia depois... logo depois... tu não lembra não... mas eu vou lembrar depois...

ENTREVISTADORA: ah... a (Gonçala)... né? a cabeleireira... ah... eu não lembro quem é não...

ENTREVISTADA: pois é... mas quando eu vou lembrar eu vou falar... porque o Marcos comprou deles lá... o Luciano morava lá perto... tinham casa lá perto também...

ENTREVISTADORA: tá ótimo... muito bom... ter as suas memórias...

ENTREVISTADA: () não tinha muitas fotos na época... né? sala de aula... ninguém tinha foto... nada... né? era um povo assim que não se fotografavam tanto... né? eu tenho foto dos meninos naqueles binóculozinho... dos batizados... das coisas... foto nossa mesmo daquela preto e branco tem também... mas foto mesmo da sala de aula do meu tempo... foram muito poucas... só do curso de magistério... num dia que nós fizemos também uma festinha de natal... a dona Cidinha

fez uma apresentação bonita na época de Natal conosco... né? tem essa foto também... mas foto mesmo... aquele monte de foto igual tira hoje... nada... tem não... nem da escola... da frente da escola eu nunca tirei... já pensou... podia ter... pra ver a diferença... né? não sei nem se... tu tem foto dessa época... talvez... né?

ENTREVISTADORA: só tem assim... de turma... assim... fazia aquela pose lá... no dia da formatura... alguma coisa assim... mas não tinha das atividades... dos professores...

ENTREVISTADA: é... não tem não... lá ninguém fotografava... não colocava... fazia assim uma exposição de coisas... né? não... era tudo assim... entre paredes...

ENTREVISTADORA: era caro... foto... né?

ENTREVISTADA: era o () que tirava na época... né? não tirei muita foto não...

ENTREVISTADORA: a senhora considera que aprendia com seus alunos também?

ENTREVISTADA: muito... nossa... demais... e você percebia) vocês mesmo... a inteligência de vocês levavam a nata da roça alí... tudinho aprendendo e buscando... e querendo... lembro demais... era você e?

ENTREVISTADORA: a Lidiane da dona Terezinha... a Patrícia Holanda da Deuzimar... Valéria da Solange...

ENTREVISTADA: na sua casa era você? as meninas já era outra série... né?

ENTREVISTADORA: era... outra série... eu era uma série... a (Ineila) outra e o maninho antes de mim...

ENTREVISTADA: pois é... eu vou buscar alí as fotos pra você... ((pausa na entrevista))
((entrevista retomada))
((entrevistadora e entrevistada vendo e comentando fotografias))

ENTREVISTADORA: aí gente... mesma cor quando eu me formei... aqui é o Marcos... né? o Amilton...

ENTREVISTADA: aqui na formaturinha dele...

ENTREVISTADORA: a dona Ana toda bonita aqui... gente... olha que coisa linda... no tempo eles eram do seu tamanho... hoje são uns rapagão... ((risos)) olha que linda essa foto...

ENTREVISTADA: é quando eu era mocinha... minha filha... toda assanhada...

ENTREVISTADORA: mas até hoje... olha que foto linda... toda charmosa... usava muito esse tipo de roupa... né? casamento...

ENTREVISTADA: () aí tem muito retrato da família... () aí tudo é da família... aí oh... a formatura aí...

ENTREVISTADORA: aí Jesus... deixa eu ver quem eu conheço aqui... peraí... gente... aqui é a... aí Jesus... deixa eu lembrar o nome dela... ()

ENTREVISTADA: olha a roupa aí da formatura...

ENTREVISTADORA: linda... toda de branco...

ENTREVISTADA: as canelas de fora... ((risos))

ENTREVISTADORA: () deixa eu ver quem que eu conheço mais aqui... a dona Dora do Zé Guilherme aqui atrás... conheço pouco gente aqui... aí... a Raimundinha... olha... () aqui a Raimundinha do Idelfonso... esposa do Idelfonso lá da escola agrícola...

ENTREVISTADA: e essa outra aqui atrás... ()

ENTREVISTADORA: essa aqui pequeninha?

ENTREVISTADA: é não... essa aqui é com alunas... ()

ENTREVISTADORA: e essa aqui é aonde?

ENTREVISTADA: essa aí é família... a família era grande... ()

ENTREVISTADORA: essa aqui era a senhora na crisma?

ENTREVISTADA: é...

ENTREVISTADORA: a senhora dava aula de crisma também... era?

ENTREVISTADA: era... minha filha... a gente fazia de tudo um pouco... ((risos)) aí é a família... ()

ENTREVISTADORA: aí... o 'seu' Zé do doce... gente... morou muitos anos lá na fazenda conosco... aí o filho dele... o Zé... que é oficial de justiça... né? a senhora e o seu neto...

ENTREVISTADA: justamente...

ENTREVISTADORA: seu Zequinha mais a dona (Digé)... aí... eu preciso tirar uma foto dessa foto... ((risos)) preciso tirar pra mostrar pra dona ()... eu amo foto... aqui é aonde? lá no Leônidas... lá na frente do Leônidas... eu lembro dessa planta aqui...

ENTREVISTADA: mas é nós no magistério aqui? será?

ENTREVISTADORA: não... a senhora com seus alunos... olha a Poliana...

ENTREVISTADA: mas a Poliana... nós estudava juntas... no magistério...

ENTREVISTADORA: aqui tudo é criança... oh... aí meu Deus... quase que era eu aqui... mas não sou eu não... aí se eu me achasse numa foto dessas... MEU DEUS... OLHA EU AÍ... ((risos)) olha aqui eu... a senhora acredita...

ENTREVISTADA: isso aqui era o sete de setembro...

ENTREVISTADORA: gente do céu... () deixa eu ver quem mais eu lembro... Jesus...

ENTREVISTADA: cadê? em qual? na primeira?

ENTREVISTADORA: é essa aqui... a primeirinha sou eu...

ENTREVISTADA: tu tá lembrada... minha filha... valei me... pois eu não lembro... não conheço ninguém aí...

ENTREVISTADORA: () olha meus coleguinhas... já nem reconheço... () aqui é o da família Lira...

ENTREVISTADA: olha aqui a menina do... éhh:: filha do que tu disse que a casa era dele...

ENTREVISTADORA: do Luciano... si::m... a Luzinete... gente... () aí gente... essa foto... vou ter que tirar uma foto dela... achei... nunca imaginei...

ENTREVISTADA: aí é família também... aí é uma afilhadinha... aí é meu pai... ()

ENTREVISTADORA: olha que coisa linda esse pai... nordestino... quem são esses?

ENTREVISTADA: ()... família.... família também... ()... aí oh... essa aí foi de lá... uma apresentação... () aqui é uma apresentação que eu 'tava' fazendo lá no Leônidas...

ENTREVISTADA: aqui é uma apresentação que eu 'tava' fazendo lá no Leônidas...

ENTREVISTADORA: seus pais?

ENTREVISTADA: é... lá no sítio... no Rio grande do Norte... novamente aqui... meus pais... nós tudo pequenos na época...

ENTREVISTADORA: todos os filhos? um... dois... três... quatro... cinco... seis... sete... oito... nove... dez...

ENTREVISTADA: dez? tá todo mundo... é... essa aí é eu com o Marcos... lá em Goiânia... essa o foi a formatura do Amilton... na () agrícola...

ENTREVISTADORA: aqui o Marcos... acho que o Marcos terminou junto com a Elaine... com a minha irmã...

ENTREVISTADA: aí é na época que o....

ENTREVISTADORA: a Zuleide... a Cris...

ENTREVISTADA: é... a Cris namorando com o Otávio na época...

ENTREVISTADORA: e eles namoraram? meu Deus... ((risos))

ENTREVISTADA: namoraram... olha aí... isso aí foi no dia do aniversário dela... eu vinha da escola... eu saía da escola com o Marcos...

ENTREVISTADORA: e eles namoraram muito tempo?

ENTREVISTADA: namoraram um pouco de tempo... aí no dia da minha formatura lá... isso aí são fotos lá em. Araguatins...

ENTREVISTADORA: que linda... a senhora... ()...

ENTREVISTADA: e a minha irmã que morava comigo... aqui sempre morou gente... isso aí foi lá em Ceres... os meninos pequeninhos...

ENTREVISTADORA: e esse? bonito... né?

ENTREVISTADA: aqui é um sobrinho... lá de Natal... fez direito...

ENTREVISTADORA: pronto...

ENTREVISTADA: pois é... tem poucas fotos... a gente não tirava tanto... né? se fosse hoje... não tinha mais era... () era foto demais... essa aqui é porque eu tirei pra organizar... eu digo... "vou botar só as fotos antigas num canto..." aí não botei ainda... porque a correria de quem trabalha... não é brincadeira... mas foi bom... você viu ao menos um pouquinho...

ENTREVISTADORA: gente... eu adorei me achar numa foto dessas... cabelo... Jesus... ((risos))

ENTREVISTADA: ôô:: Jesus bom... né?

ENTREVISTADORA: gente... a foto de sete de setembro ainda... né? e a gente achava bom... () passa muito rápido... eu devia ter alí... () nem lembro direito... pois tá bom... vamos parar por hoje... pra não lhe cansar tanto...

ENTREVISTADA: pois é... já viu até as fotos...

ENTREVISTADORA: e aí outro dia a gente marcar pra conversar mais...

ENTREVISTADA: bom demais... a hora que quiser a gente bate papo aí... as ordens... venha sempre... na hora que quiser vir...

ENTREVISTADORA: já fico muito feliz da senhora me emprestar suas memórias... confiar elas a mim... muito obrigada...

ENTREVISTADA: imagina... sem problemas...
((despedidas))

TRANSCRIÇÃO 4 – Diná Aparecida

ENTREVISTADORA: Bem, decidi pesquisar memórias... memórias de professoras... e o meu objetivo inicial é ouvir as minhas professoras... professoras da escola aonde eu estudei a minha educação básica inteira e que é uma escola que praticamente formou todos os filhos de Araguatins... era uma escola central... era a maior escola... e aí eu tô tentando fazer um recorte... de entrevistadas... e tenho desejo de entrevistar individualmente a senhora... a professora (Clélia)... a professora Ana já vai me receber lá em Araguaína a semana que vêm... Ana... mãe do Marquinhos Eticam... que foi minha professora... aí depois fiquei pensando que seria interessante também... se eu conseguir entrevistar a professora Guiomar que já está bem velhinha... não sei nem se eu consigo uma entrevista com ela... tenho pensado em depois entrevistar não só as professoras... seria importante entrevistar as coordenadoras... entrevistar alguns ex-alunos... porque um objetivo latente é construir uma memória da educação daquela década... porque eu tô pensando/ vou trabalhar com a década de oitenta e noventa... eu me formo em noventa já no ensino médio... mas eu ingresso na escola na década de oitenta... aí eu tô tentando ainda/ a senhora é minha primeira entrevistada e:: a partir da nossa conversa também eu vou pensar outras coisas... outras pessoas... na verdade a senhora é a minha iluminação primeira... e o objetivo então é isso... registrar... pra gente construir uma/tentar... né? de certa forma construir uma história não formal da educação em Araguatins... e também registrar o seu percurso de professora ... de formadora... então eu pensei algumas perguntas iniciais... e não precisa/ e a senhora fique à vontade pra contar o que senhora quiser a partir delas ... o que elas lhe rememoraram a senhora pode ir dizendo... o objetivo é que a senhora me conte sobre: a sua formação enquanto mulher... a sua decisão de formação enquanto professora... e a suas experiências da prática pedagógica... e vamos tentar fazer uma relação com o hoje... a gente não precisa esgotar tudo hoje... né? eu não sei da sua disponibilidade... mas aí não precisa ser exaustivos ... quando quiser parar... a gente para... quando as suas memórias forem pra a tese... eles vão com um codinome... pra respeitar a identidade de cada um... e a minha função não é subjugar o trabalho de ninguém... mas:: mostrar como se fazia... a ideia não é dizer se tá certo ou tá errado... se fez certo se fez errado... é como se fazia... e de que forma isso contribuiu naquele tempo para aquelas pessoas... para nós alunos... então a ideia é essa tá bom? ... a mim a senhora já conhece né... o programa de doutorado que eu faço parte na UFT... é em Letras... em Ensino De Língua e Literatura... a universidade hoje tem o desejo muito grande de ter o professor da educação básica na pós-graduação... porque eles descobriram que é o professor da educação básica que melhor pode teorizar construir e significar o conhecimento... e fazer ele chegar de volta na escola... então a universidade está muito aberta para os professores na pós-graduação... e eu estou lá ... sou orientanda da professora Luiza Helena... ela faz parte/ pesquisa semiótica... que vai trabalhar com sentindo do discurso... sentido das coisas como isso ... significa e dá sentido... e como nós construímos sentidos pra tudo que vivemos... e:: que vai ser a minha teoria de análise... e... a pós-graduação... já tem... acho que essa é a... eu não me recordo qual é a turma doutorado... mas a UFT em Araguaína já tem mestrado... doutorado... tem o profissional... que é só pra os profissionais da educação básica mesmo... e tem o acadêmico... eu fiz o mestrado profissional... hoje eu estou no Doutorado acadêmico... tá bom? Bom eu preciso de dados como o seu nome completo a senhora já até me passou... a sua formação... sua idade.. o tempo de exercício da docência... a instituição aonde a Senhora se formou... e o tempo de aposentadoria...

ENTREVISTADA: Diná Aparecida da Silva Parente, Pedagoga,

ENTREVISTADORA: tem o Magistério?

ENTREVISTADA: não... eu tenho aquele antigo:: técnico em magistério em Tocantinópolis que eu fiz... (...) formação que tinha um programa do governo do estado de Goiás ainda... a gente ficava no internato... eu fiz o complemento do primeiro pro segundo... e depois eu fiz... (...) curto lá também... então é:: chamado técnico de magistério na época... né? na década de oitenta... hoje tá um dia bem louquinho mas...

ENTREVISTADORA: tem nada não... esqueça... a caixa...

ENTREVISTADA: era técnico em Magistério... no centro de formação de Tocantinópolis... é comecei/ eu já/ antes de entrar no centro formação... é:: lá no município de Caiçara... lá perto de Macaúba... era nem município... era do município perto de Araguatins né... tinha uma professora por nome de... Sueli Martins... Sueli resolveu ir pra Minas Gerais... e ela foi a minha procura... pra eu pudesse assumir lá no povoado... a substituição dela... ela mesma que me procurou... eu falei... "não mas eu tenho 17 (dezessete) anos eu não posso ir"... ai ela falou assim... " mas nós vamos na secretaria de educação... e a gente resolve lá com o prefeito com a secretária"... com a secretária? é com a Secretária... pra mim que era a Oneide na época... aí eu vim e eles liberam... tanto é eu trabalhei/eu entrei no mês de setembro... em setembro eu já fazia dezoito anos... entrei no cadastro a substituição da Sueli...

ENTREVISTADORA: setembro de que ano professora?

ENTREVISTADA: setenta e:: 78 (setenta e oito)... por ai... aí a Sueli foi embora e ai eu fiquei de Setembro até dezembro... trabalhando com o nome da Sueli... aí na época aparecia Mobral... que a Lia Martins e a Isaura... coordenava as aulas... e foi onde eu pude conhecer essas meninas ... ai eu fiquei trabalhando todos os dias nas turmas multisseriada na hora ... na primeira experiência já iniciando multisseriada e a noite trabalhava na antiga mobral... então quando terminou... ai eu/ alguém falou que tinha esse curso em Tocantinópolis... e eu fui sozinha pra lá... quando mamãe percebeu... eu já tava lá... me informando como é que eu poderia entrar... já com a pouca experiência na regência né... a aí ela a falou assim " ah mais ainda tem dezoito anos... você é muito nova... a gente não recebe gente muito novo... ai eu falei " não... mas eu não vou dar trabalho pra vocês" ...

ENTREVISTADORA: (nesse) centro de formação?

ENTREVISTADA: é em Tocantinópolis... eu fui pra Tocantinópolis... de lá mesmo eu fui me informar... como é que eu chegava pra me matricular... ser uma aluna... ai ela falou assim " a mais muito novo a gente não gosta de receber"... falei "eu não vou dar trabalho eu quero estudar"... até que fim essa diretora/ me aceitou... aí eu fui... fiquei um ano internada... concluí o ensino FUNDAMENTAL... concluí o fundamental... e quando terminou já ingressei... no ensino/técnico magistério... nesse internato... lá no centro de formação... eram oito horas por dia... a gente ficava no internato... não pagava nada era só dedicação exclusiva... então lá eu fiquei dois anos em formação... concluindo o ensino fundamental e partindo pra o ensino médio... quando terminou... eu voltei pra Araguatins... então eu já pra sede né... aqui pra Araguatins... eu fui assumir já no Leônidas Duarte... já foi a minha vida que eu entrei lá em oitenta e um (1981) no Leônidas Duarte... assumindo turmas já na segunda série... e a Oneide... como diretora do Jardim de Infância... chamava Lobato Miranda... ela disse " ah Diná"... mandou me chamar "fiquei sabendo do seu trabalho... tem uma turminha de três... quatro anos... os meninos tão precisando... vamos pegar uma experiência"... ai eu fiquei... falei " vamos"... aí eu assumir e me apaixonei por essa crianças... e a Oneide muito dinâmica né?... ai eu trabalhei

nesse jardim de infância parece que foi dois anos em paralelo com Leônidas Duarte... ai por fim... a diretora Irenildes na época era diretora Madalena... me deu que foi que deu oportunidade foi vendo o meu trabalho foi me dando oportunidade... eu fui crescendo no próprio Leônidas... eu fui crescendo... com os olhares da coordenação... com os olhares da direção da escola... e ali eu pude assumir na minha longa história do Leônidas eu pude assumir quase todos os cargos dentro do Leônidas... então eu fiquei muito tempo na regência... depois a Edinalva... Dinalva que era diretora... trabalhava na paróquia... e dava aula de português no Leônidas... e ela já foi embora mais o esposo... o Nivaldo pra Palmas... e... ai a Dejanira me chamou... tinha essa vaga... que:: pra assumir da Edinalva ... eu falei assim " professora se eu tiver dificuldade trabalhar com o português a senhora me ajudar? ela falou assim " ajudo... na hora que você tiver necessidade/dificuldade eu te ajudo"... ai eu falei " tá "... eu assumo... então o desafio que vinha pra mim... eu encarava... não tinha medo... a muito jovem né... ai eu falei "vou" e aí assumi o português na época... parece que era em oitenta quarto/oitenta e cinco (1984/1985)... assumi... e as dúvidas que eu tinha levava lá na secretaria... eu: "professora me ajuda ai"... ela dava umas dicas ali... pra um:: um olhar pra mim panturrava ali e o resto eu deslanchava ai eu fui... como eu já até pontuei pra você... ai eu/ justo/ que eu me colocava... eu me despertando a mim mesma... eu vi um autor... era o Pascoal que era base pra mim... aí eu colocava uma química aqui... eu não ficava só com um livro... eu abria cinco livros aqui na minha frente... sozinha... que eu não tinha por onde buscar né... eu abria os livros aqui... eu olhava o conteúdo sistematizado... aí eu olhava que um autor falava... olha pra outro... olhava outro... finalizava ali... aí naquele tempo não tinha essa gama de informação tecnológica... nós não tínhamos... aí eu pegava aquela da melhor compreensão... e fechava... as vezes... pra sala dois livros eu pontuava um e falava que o autor tinha as referências... mas... eu apontava mais um... e tinha o livro didático na época... e foi ali que foi deslanchando... o meu desejo por trabalhar com letras com o português... e fui... e pra mim/ e passei a ter facilidade naquele ali... e ai foi ao longo da minha história... quando Dejanira precisou... ela já tava doente... que ela trabalhava como magistério na época né... ((inaudível))... são coisinhas didática... e ela não gostava muito assim... ela era mais assim... leiga... ela dizia assim " eu acho que combina contigo... era pra trabalhar com estágio com manuseio de trabalhar com letras com (signo) e tal... eu acho que combina contigo"... aí vamo trocar ? falei " vamos"... ai eu fui trabalhar... com as disciplinas Estágio Supervisionado do Magistério... que foi experiência maravilhosa... ai deixei o ponto fixo...

ai quando surgiu o vestibular aqui... pra fazer na UNITINS... aí eu fui assumindo... assumi a direção da escola... eu muito atarefada com a direção... e tinha primeiro pra Pedagogia... ((inaudível))... e teve o vestibular... e eu não consegui a nota suficiente pra entrar lá tinha poucos alunos... poucas vagas... e eu não consegui entrar... aí eu fiquei aborrecida... e o Nemésio me incentivava ... surgiu outra oportunidade depois de seis meses... outro vestibular... aí eu disse:" agora que eu vou entrar"... de novo Pedagogia... mas na verdade... meu coração... era pra fazer letras... eu não queria Pedagogia... com essa oportunidade que tinha aqui na época... fazer um curso superior... não poderia dispensar né... aí nos juntamos... um grupinho de quinze professoras... pagamos professores de Português... pagamos outro de Letras particular... era professor Rezende do IFTO... e o Osmar...meu cunhado...Matemática... e o resto eu me formava/ia sozinha... classifiquei... no vestibular ... uma das primeiras notas... fui bem classificada... entrei no curso... não era o que eu queria... Pedagogia... mas sempre me identifiquei... porque a minha vida foi trabalhar com o ensino fundamental... com experiência no ensino médio... e Magistério em Estágio Supervisionado... mas eu fui me identificando... natural pra mim...

ENTREVISTADORA: seu desejo era qual curso?

ENTREVISTADA: Letras... pra mim... eu custei aceitar que tava fazendo Pedagogia... mas é o que tinha na época... eu não poderia perder... e::: se eu perdesse eu não poderia mais ter essa oportunidade de concorrer... porque o primeiro eu não passei... fiz o vestibular e não passei... mas no segundo já classifiquei bem... então... () não podia perder... aí depois me apaixonei... pelo curso... me identifiquei... normal... coisinhas bem pedagógicas... Psicologia Educacional Infantil... fui me identificando com a minha prática... porque na verdade... o quê que nós não tínhamos... nós não tínhamos teoria... o que nós tínhamos era o quê? o que nós tínhamos era prática... porque a prática nossa era vasta... o que o professor encantava conosco - porque era voltado pra professor que tivesse na rede... né? de trabalho...- então o que ele encantava com aquelas turmas daqui... aquelas turmas que eles pegavam em Tocantinópolis... era... em outro lugar... é que lá tava tudo teórico e para nós não... quando ele falava um texto... nós já testava na prática com ele... como é que o autor fala isso se na prática nós não conseguimos fazer então?... pra ele... era uma turma que/ ele disse que o trabalho acadêmico dele era lá voltado aqui pra Araguatins ...eles () São Paulo... um casal... dois casais... vinham de São Paulo pra dar aula... então... eles se encantaram com a turma de Araguatins ... o Bico né?... a experiência nossa era vasta pra eles... até então eles não tinham trabalhado com pessoas com experiência... autodidatas e com turmas que tavam vendo só a teoria e que iam ainda para a prática... e nós não... então... foi bom assim... porque a gente tava na prática e autodidatas... sozinhos... porque na verdade tudo o que eu construí foi buscando sozinha... e às vezes quando eu me deparava com dificuldade era a Dejanira que eu buscava... e a Marly Fontineli... aquela que trabalhou na diretoria... a Marly era um segundo plano pra mim... () quando eu lia e ficava mal compreendido pra mim... aí eu ia buscar olhares das duas... né? olhava a Djanira... olhava da Marly... aí eu tirava minha conclusão... então...

ENTREVISTADORA: vocês iam e vinham todo dia pra Tocantinópolis?

ENTREVISTADA: não... ficava no internato... eu fiquei dois anos... depois eu voltei e fiz um cursinho de alfabetização?

ENTREVISTADORA: pedagogia?

ENTREVISTADA: não... a pedagogia era aqui... foi num polo aqui mesmo... () a nossa formação foi aqui...

ENTREVISTADORA: a senhora lembra o ano?

ENTREVISTADA: parece que eu me formei foi em dois mil... não sei se foi onze ou foi/]

ENTREVISTADORA:] a minha turma é de dois mil... entramos em mil novecentos e noventa e nove e formamos em dois mil e quatro...

ENTREVISTADA: acho que é dois mil e dois... éhh:: a de vocês foi antes da minha... então... foi a minha experiência longa... e passei pelas funções/ olha... a gente tá na regência... sala de aula... mas na hora que você vai ver... assumir coordenação... assumir direção... gente... todo professor deveria passar por todas as funções dentro da escola... porque é diferente... você sai de uma regência e você pegar uma direção...

ENTREVISTADORA: e como era a escola naquele tempo... professora? a infraestrutura... a organização...

ENTREVISTADA: olha... era tudo difícil... mas tinha aprendizagem... eu alfabetizei no tempo do flanelógrafo ainda... que hoje se falar é uma gozação... mas eu alfabetizei com o flanelógrafo... eu... quando nós éramos uma turma de alfabetizadores no Leônidas ... então a turma chegava no final do ano... outubro... eu tinha quatro alunos que não tava ainda aprendendo ler... eu ficava... meu Deus... como é que eu vou finalizar? chegando já final do ano... tem quatro alunos que não desenvolveu... de repente... desenvolvia dentro de uma semana porque a criança tem ((inaudível)) rápido... e outras vezes tinha um ou dois que não conseguia... mas no geral era um ou dois que não conseguia... mas naquele tempo que eu era ainda muito jovem... eu dava aula era sentada no chão... cruzava as pernas... ficava o período tido sentada com eles no chão... () então era muito dinâmica... hoje se for fazer isso eu não consigo ter a mesma dinâmica não... porque se for pra sentar no chão e cruzar as pernas... eu teria dificuldade... aquele tempo era todo diferente... e os alunos aprendiam longe da tecnologia ... nós não tínhamos... ((inaudível))

ENTREVISTADORA: a senhora consegue descrever a escola?

ENTREVISTADA: boa... pra mim era muito bom... a gente/ tínhamos merenda... na época... a coordenação tinha os cargos dentro da escola... direção...

ENTREVISTADORA: já era construída?

ENTREVISTADA: já era construída... nós não tínhamos um ventilador dentro da sala de aula... climatização zero... mas... não sei o porquê... assim... mas hoje... os alunos têm de tudo... as vezes... mas deixa a desejar... tantos projetos ... na nossa época não... era quatro horas...quatro horas...quatro horas batida com o aluno em sala... projeto não tinha... tinha as datas comemorativas que fazia... mas não através de projeto como hoje... no novo PPP... mas na época não... ((inaudível)) e tinha aprendizagem... no velório estava até recordando lá com a Ana Célia... ((inaudível)) tinha dois alunos que eu alfabetizei lá... ensinei a escrever lá... o Ednam lá na Macaúba ... eu alfabetizei o Ednam seu primo...ensinei escrever... a Carlene...o Ednan... o Wiston Gomes... então são alunos que foi pegar na mãozinha ... os alunos que não conseguiam ... o Ednam faltava pouco rasgar o caderno ... até hoje ele lembra de tanto que pegava na mão dele ... então era luta ...a gente não esquece... como ele não esquece... a gente não esquece... foi luta pra conseguir fazer o Ednam escrever sem rasgar o caderno... e aprendi... eu guardava todos os/ fazia os... comprava lápis... e quebrava no meio... fazia a ponta... o aluno que não tinha eu dava... ((risos)) eu carregava uma bolsa cheia de lápis quebrado... de borracha... () pra não mostrar pra eles que eles não iam me enrolar... eles não tinham lápis... mas não iam me enrolar... e o caderno tinha que tá cem por cento de organização... ()...

ENTREVISTADORA: as turmas cheias...

ENTREVISTADA: ()... então eu passei essa mensagem de organização pros meus alunos... eles sabiam... porque eu desde o início... desde a pré-escola eu já trabalhava essa questão da organização... então a minha vida foi... desde o início... um autodidata...

ENTREVISTADORA: como era que a senhora gostava de arrumar a sala pras aulas?

ENTREVISTADA: eu fazia duas coisas... ()... à moda antiga.. a fileira... as vezes eu fazia círculo... ou as vezes chão... eu sentava muito no chão com os pequenos... né? os grandes... ()... quando tava meio difícil... as vezes eu fazia uma técnica de bater palmas... então quando eu

fazia uma técnica... "vamos bater palmas?" era pra eles baterem e silenciar... entendeu? batia todo mundo junto tá tá tá...era uma técnica ()... pra ver se eu tentava concentrar... então a dinâmica era essa... nós não tínhamos uma sala de vídeo para levar... não tinha calculadora... nós não tínhamos nada... nada... nada... nada a não ser o lápis... o caderno...

ENTREVISTADORA: tudo era centrado no professor?

ENTREVISTADA: tudo... tudo...

ENTREVISTADORA: e eles correspondiam?

ENTREVISTADA: correspondiam... tanto é que... eu conseguia no final... quarenta alunos... eu tinha dois... um... dois... que talvez agora passaria... mas naquela época se não soubesse ler frases... já não iria

ENTREVISTADORA: como a senhora fazia pra ensinar eles a ler?

ENTREVISTADA: flanelógrafo... você conhece o flanelógrafo? a gente aprendeu confeccionar no curso... aquela cartolina que dobra... né? aí eu começava... eu botava uma sílaba aqui... por exemplo... vou trabalhar éh:: vaca... eu ia trabalhar todas as sílabas ()... aí eu colocava o 'va' e o 'ca' lá na frente... aí a medida que eu ia aproximando eles iam falando... então eu movimentava... vaca... vaca.. aí quando eu juntava as duas... VACA... então eu ensinava com esse método... com o flanelógrafo... eu trabalhava todas as vogais... todas as sílabas... aí eu trabalhava a formação de palavras no flanelógrafo...

ENTREVISTADORA: e o que a senhora lia com eles? pra eles... como que a senhora trabalhava leitura com eles?

ENTREVISTADA: leitura? eu levava... na cartolina... antiga... nós tínhamos cartolina na escola... então eu trabalhava e depois eu colocava... a Consola desenhava bem na escola...e a Consola desenhava por exemplo...a vaca...a Consola desenhava e eu formava aqueles vários desenhos...ela fazia o desenho e eu trabalhava a sílaba lá...a vaca é bonita...a vaca é malhada... aí eu criava os textos com ele na cartolina... aí eu não sou boa de desenho... mas aí a Consola... como a professora era bem solidária com a outra... aí a Consola me fazia e nós trabalhava... e eu desenvolvia... ()... eu aproveitava todo calendário... aqueles calendários que ainda hoje tem... eu recortava aqueles calendários... eu recortava o desenho... recortava todinho aquele desenho... recortava pra eu trabalhar... aquele tipo de desenho tinha dois ou três galhos ... e trabalhava Matemática ... ela é feia ... ela é bonita ... ela é verde...quanto galhos tem? Tem três... e trabalhava duas coisas ao mesmo tempo?

ENTREVISTADORA: não tinha biblioteca na escola?

ENTREVISTADA: não...

ENTREVISTADORA: tinha livros pra leitura?

ENTREVISTADA: não... era só o livro didático singelo... quando esquecia eu buscava emprestado... Humberto tinha...guardava...eu buscava para que eles não me enganassem né? (risos)

ENTREVISTADORA: e o que a senhora achava do livro didático?

ENTREVISTADA: olha... eu nunca fui muito presa... mas era um complemento... era um norte... então era um norte... sistematiza o conteúdo... era um norte...eu nunca...eu acho que não deve ser banido... na época a gente usava muito livro... éhh:: o livro... e esses complementos que eu fazia com cartolina... folhinhas... calendários que eu recortava toda aquelas folhinhas... ()... milho... feijão... pedra... tudo eu levava... fava... mas eu já levava dentro da bolsa mesmo... porque nem lugar onde guardar na escola não tinha... tinha só um quadro de madeira... mas eu levava minha bolsa todo dia... pra ter um suporte pra poder ajudar... tentar melhorar minhas aulas... né?

ENTREVISTADORA: e as atividades de escrita?

ENTREVISTADA: de escrita... era copiando do quadro... era copia... copia...

ENTREVISTADORA: mas eles escreviam histórias? eles criavam histórias? livros?

ENTREVISTADA: criavam... mas oralmente... tinha livro de historinha... eu fiz um cursinho em Tocantinópolis que eu aprendi muito lá... então a gente começou a desenvolver historinhas... de contar histórias pra eles... ah:: também gostavam da antiga Branca de Neve... o lobo mal... eles ficavam parados achando que aquilo era verídico... né? então... já tinha... da lenda... já tinha... não hoje que você mostra na tela...naquele tempo não tinha...tinha... era só a fala mesmo do professor... o professor fazia tudo...o que desse certo ou errado... era ele... e ele... não tinha ninguém... a gente não tinha essa vigilância de coordenação... era questão de responsabilidade dele mesmo... eu sempre encarei com muita responsabilidade... muito jovem eu entrei... mas toda vida eu encarei a minha formação... a minha busca... até quando eu casei... eu tive sorte de ter o meu esposo Nemésio... não me podasse... não limitasse a minha busca... né? as vezes eu não queria nem sair... colocava o livro na minha perna...((inaudível))

ENTREVISTADORA: e o que a senhora gostava de ler?

ENTREVISTADA: eu gostava de ler jornais... aquilo que me ajudava na sala de aula... na escola... se eu pegasse um jornal... com notícia boa... lá tem muitas dicazinha... aquelas caça-palavras... eu trabalhava muito... anúncio... quando a turma já tava mais adiantada... () então aquilo ali eu já trabalhava leitura... aí eu recortava tudinho... eu pedia jornais... eu sempre pedia... () eu recortava vários anúncios diferentes pra descansar do livro... porque o livro é cansativo... então o que eu completava? era com jornal...

ENTREVISTADORA: e fora da escola? o que a senhora lia? a senhora lia?

ENTREVISTADA: qualquer livro que tivesse pra mim... a Bíblia... eu li Ela toda...Sse tivesse romance...eu lia Sabrina...o que tivesse eu lia... ainda mais se falasse em amor... aqueles casos de amor...eu lia escondido da minha mãe (risos)

ENTREVISTADORA: () ... e a senhora encontrava onde esses livros?

ENTREVISTADA: não sei... só sei que eu achava esses livros...

ENTREVISTADORA: e lia escondida?

ENTREVISTADA: lia escondido... aí depois eu ganhei meu avô me deu um livrinho de um cachorrinho bonitinho... aí eu comecei a ler... eu gostava... eu sempre gostei de ler... até hoje eu fico buscando livro... eu leio...troco com a Dorinha...ela gosta de ler nè? A Dorinha...a gente troca livros...

ENTREVISTADORA: hoje? que livros vocês trocam?

ENTREVISTADA: todo tipo... () deixa eu pegar aqui pra te mostrar... esse aqui... () tô lendo outro que tá no meu quarto... a gente troca...

ENTREVISTADORA: ()... Marta Medeiros... eu não conheço...
(inaudível pela simultaneidade de vozes)

ENTREVISTADA: ela é ótima...aí eu troco com ela... não é sequenciado...você lê um...lê outro...

ENTREVISTADORA: ah:: a professora Dorinha... né?

ENTREVISTADA: é... a gente troca muita leitura... né? tô lendo um aqui... como trabalhar a paciência... né? aí fala muito da questão das idades... que a gente tem essa impaciência...que não é bom... e eu tô lendo esse livro... ()...

ENTREVISTADORA: a senhora pertence a dois tempos de escola... né? um tempo do primeiro trabalho o aposento e depois permanece...né?

ENTREVISTADA: permaneço... eu aposentei em 2010 (dois mil e dez)...ou não... treze... que eu aposentei... mas eu continuo assim... bastante dinâmica... talvez se eu fosse para a sala de aula hoje teria bastante dificuldade com esse ritmo que as crianças de hoje estão... as crianças tudo... ()... a dificuldade dos alunos... com uso de celular em sala de aula... o professor tá lá falando... falando e eles tão aqui acessando outras coisas...então eu não sei ...eu não vivi a era do celular na sala de aula

ENTREVISTADORA: e como tem sido ser aposentada?

ENTREVISTADA: ah:: eu tô achando bom... né? () eu gosto... eu gosto da minha vida de aposentada...eu tenho tempo para mim() eu faço meu horário... uma coisa que eu sinto da aposentadoria... é o lado humano dos colegas... das confraternizações... das risadas... da preocupação... do contexto com o meu dia a dia... e aquele laço a gente cria muito forte com um e outro... então quando eu saí... eu tava na diretoria... me apeguei muito com a Edineide porque a gente trabalhamos oito horas por dia... a gente tinha trabalho em campo juntas... voltava juntas... ali juntas... eu senti muita falta da Edineide... a questão do colega... do ser humano... dessa questão de compromisso... de horário... não...

ENTREVISTADORA: () as amigas...

ENTREVISTADA: () as amigas... eu vou te falar... o contexto atual de professor... eu quase não conheço... esses novos eu quase não conheço... eu conheço daquela época... que os laços continuam...encontro a Maria dos Santos...hoje nos encontramos ali... aquele grupinho de convivência... a gente quando chega o calor é diferente... mas esse grupo atual agora eu não tenho... a gente se distancia... então as revoluções que tem eu não tô acompanhando... o que eu

mantenho é o meu ritmo de leitura... sem aquele compromisso eu tenho que fechar o livro que tenho que trabalhar isso em regência... eu tenho que fazer hoje uma reunião com o professor... na minha vida de direção... não... eu leio tranquila... ai depois a gente vai troca... eu tenho hoje troca outro com ela... a gente continua na troca de livros... não aguento lê no celular porque me dá sono... é muito pequeno... e eu me canso de computador... então prefiro mesmo lê aqui o livro mesmo... a gente troca... aí tenho... quando eu saio... vejo novos livros... eu compro para ler... assim... eu só sinto falta do calor humano... não por questão de horário...

ENTREVISTADORA: do trabalho em si né?

ENTREVISTADA: não... não... mas me sinto bastante apaixonada quando eu vejo evolução de uma escola... quando a Ana tem um evento eu... ela tem tentado me levar... pra me dar uma aula... não minha filha... não quero mais... não quero mais... olha pra menina já não quero mais ver... eu vou é aborrecer... qualquer coisa vai me irritar... na sala de lá... a gente muito aborrecida né... qualquer coisinha você tá se exaltando... aí o grupo mais novo já é diferente... já tem mais paciência e a gente as vezes/aquela rotina que não muda... a rotina de escola é rotina mesmo... é entrada e saída... isso é rotina... todos os tempos... iniciou o mês...

ENTREVISTADORA: comparando a escola de hoje... com a escola de antigamente... quais são as qualidades... quais são os problemas que a Senhora percebe? o que a senhora vê de/ que mudou pra melhor... o que era bom naquele tempo que deixou de existir hoje...

ENTREVISTADA: olha... pra melhor hoje eu vejo a tecnologia... eu... é: vejo um avanço muito bom... olha o neném da Ana... ()... quatro aninhos... ela tem símbolo... ela já sabe o que é um tudo... ela rola o dedinho... ela procura tal... então a tecnologia... eu... eu vejo um avanço muito bom... as capacitações que o professor hoje tem... a oportunidade da busca maior pra eles enriquecer... só não busca se ele não quiser... só não quiser... mas ele hoje tem uma vasta oportunidade de buscar... tantas coisas boas... tantos projetos bons que tem... hoje que tá aí com esse avanço da robótica ai... com as crianças/então tem tantos avanços... que nossa época não tinha... então eu vejo esse lado bastante favorável... e vejo negativo... que parece na minha época... não tinha tanta hoje droga dentro da escola... a gente conseguia trabalhar melhor... então quando eu já fui saindo... da direção do Leônidas que já fui saindo... já tava começando ter dificuldade... ei na direção... meus professores também... já no início de drogas dentro da escola... os vícios da escola... então a gente tinha o professor Benildo... que tinha vindo de Brasília:...

ENTREVISTADORA: lembro do professor Benildo...

ENTREVISTADA: do Rio Grande do sul né...

ENTREVISTADORA: sim... do (Lassalista) né?

ENTREVISTADA: Lassalista... então aquele Lassalista... foi um diferencial muito grande no colégio Leônidas... como foi/ eram cinco... Lassalista... pense num grupo... otimista e colaborador com os demais... o irmão Walter... quando eu fazia um cartaz pra expor aviso... eu já tinha a novidade de chegar assim "professor... tá correto?... porque ele é um professor formação Letras né? então você coloca um Info... uma colocação ai ele/ levava lá/digo " leva lá pra ele fazer a avaliação"... esperava ele pra ele olhar o aviso se nós podia divulgar... se tava certo ou não... aquelas colocações ali... no pequeno aviso... então... o irmão Benildo... foi muito bom... quando acontecia... ai eu " professor como é que eu devo proceder"... então ele

direcionava... por a vivência maior que ele tinha no trabalho social dele... religioso entendeu principalmente... então ele me ajudou demais... o irmão Benildo... muito.. muito... mesmo dentro da escola... aí já foi o tempo que já saiu do ceio da regência né? foi pra outras funções... pra outro programa... aí já faz tempo... hoje eu vejo o professor com muita dificuldade de lidar... por mais que ele busque... por mais que ele tem é:: palestra... busca... mas tem muita dificuldade de lidar hoje com os jovens... muita... eu vejo os jovens acelerados... e os professores ainda com muita dificuldade... eu não sei como eu seria hoje... eu é:: em regência... não sei...com esse comportamento dos jovens hoje... hoje eles tem muito acesso né? e também pelo lado prejudicial... é... já presenciei jovem fazendo trabalho acadêmico colando... colando...

ENTREVISTADORA: copiando e colando...

ENTREVISTADA: é...

ENTREVISTADORA: não produz...

ENTREVISTADA: não produz... aprendeu colar... ele " tá... cola... tá"... () vai emendando... então ele tem preguiça de ler... preguiça de escrever... que hoje você manda um:: texto aí você ver... cê olhar... tantan... beleza "blz"... então ele já pega esse vício também... então se professor não for muito bem preparado... eu não sei onde fica muito bem a aprendizagem nesse contexto quantos dificuldade não...

ENTREVISTADORA: a senhora falou da formação continuada né?... que política de Formação que curso de formação a senhora teve acesso enquanto docente?

ENTREVISTADA: ahh:: eu tive muito acredita?

ENTREVISTADORA: financiadas pelo governo?

ENTREVISTADA: pelo governo... eu fiz muita curso de formação em Tocantinópolis... quando eu deixei... nós terminamos o curso ensino médio... aí tinha que e passar pra cursinho... todos cursinho que tinha de alfabetização... eu ia... aí teve uma licenciatura curta... inclusive na época quem tinha licenciatura... que hoje não existe mais... era Marly e Cleofan aí depois fui eu... não sei se foi a Euridice... ()... eu fiz Geografia e História... eu pra Tocantinópolis.. eu fiz dois anos lá de licenciatura...

ENTREVISTADORA: licenciatura curta?

ENTREVISTADA: curta... eu fiz... inclusive até o governo tava incentivando a gente ganhava vinte por cento...

ENTREVISTADORA: e quem ministrava essa licenciatura curta?

ENTREVISTADA: era em Tocantinópolis... o professor vinha de fora...

ENTREVISTADORA: mas era financiado pelo governo?

ENTREVISTADA: pelo governo...

ENTREVISTADORA: a senhora lembra o nome do programa de formação?

ENTREVISTADA: não... mas era voltado pra esses cursinhos... mas eu não lembro... mas todos eu fiz foi pelo governo... todos... todos...

ENTREVISTADORA: que interessante...

ENTREVISTADA: e tinha/ hoje eu tenho... tenho vários... vários... vários... tudo pelo governo... tudo... e eram cursinhos ótimos... mas que me davam muita base... que eu fui alfabetizadora... depois eu fui é:: lembro que tinha a professora Vera... que era mulher de um bancário... que ela era formada em Letras... não... formada em geografia e história... ela não gostava de dá nada de formação... ai eu trocava... e eu já formada... já feito cursinhos... é:: licenciatura curta em Geografia e História... ai ela trabalhava... só trabalhava com o Português que era formação dela...olha a contradição aí a Djanira" não Diná... é que ela não gosta... você tem experiência... você não pode trocar... () ... ai eu ficava na Geografia e História que não era na área dela... e eu ficava na área que não a minha...

ENTREVISTADORA: e não tinha problema nenhum...

ENTREVISTADA: não... e eu gostava... de Português né?

ENTREVISTADORA: a senhora tem esses certificados... desses cursos que a senhora fazia de formação?

ENTREVISTADA: se eu/ãh?

ENTREVISTADORA: a senhora ainda tem esses certificados...

ENTREVISTADA: tenho...

ENTREVISTADORA: no outro momento que quero ver... só pra eu ver os programas de formação... que cursos eram né... porque pra mim é importante saber que política de formação tinha naquela época né? qual o impacto delas...que eu ouvi da senhora... elas foram super importante... porque que deixaram de existir né? elas podem ser o ponto de partida pra pensar novas formações... e foram simplesmente abandona das né?

ENTREVISTADA: foi e foi/ hoje já pra escola... ai você se ver o próprio Professor no seu nível te capacitando... ai começa aquela contradição... você quer algo se você instiga maior o limite do conhecimento também tá curto... a formação dentro da escola... a escola se responsabiliza... mas eu aprendi tanto... eu tenho todos cursinhos meus que eu fiz na época em Tocantinópolis... e ainda hoje eu tenho...

ENTREVISTADORA: e a senhora acha que funciona os professores serem formadores deles mesmo... dentro da escola?

ENTREVISTADA: funciona... até certo ponto... se ele for um grande/ instigar quem tá na frente ali... não tem avanço... é limitado... mas eu valorizo os cursinhos... as formações... porque eu....

ENTREVISTADORA: tem sempre um lado positivo né?

ENTREVISTADA: eu sempre encaro com um lado positivo... engraçado naquela época tinha... o tanto que eu fiz... eu iniciei 1981 (oitenta e um)... na regência... eu já tinha cursinho de formação... em oitenta e um eu já tinha... só que não era aqui... era em Tocantinópolis... e era dado no centro de formação...

ENTREVISTADORA: nada era feito/ aqui era regional de Tocantinópolis?

ENTREVISTADA: era.... aqui pertencia Tocantinópolis... quando é:: na história... já pertenceu Araguaína... mas quando eu fui pra sala de aula... o meu contrato... já foi aqui... parece que foi em Araguaína... meu contrato... foi de Araguaína ainda acredita? minha portaria... primeira portaria... foi de Estado de Goiás... e foi um diretor de Araguaína... depois que foi Tocantinópolis...

ENTREVISTADORA: como se fosse a SEDUC hoje... é Araguaína?

ENTREVISTADA: não... a diretoria regional...

ENTREVISTADORA: que era do antigo Goiás?

ENTREVISTADA: é... ela começou em Araguaína... depois que veio pra Tocantinópolis... depois que veio pra Araguatins...

ENTREVISTADORA: aí já era Tocantins?

ENTREVISTADA: é... e eu fazia nossa formações... não era tinha/ dado pela Diretoria... era o Centro de Formação que eles tinham pelo projeto do estado Goiás... eu não porque as coisa morrem né... e era tão bom... tudo era feito lá... pela coordenação... e o centro de formação... tinha diretora tinha tudo... e tudo era feito por lá... eu lembro que eu assumir/ a Dejanira me convidou pra trabalhar na coordenação... aí eu falei a professora:" eu não tenho muita experiência"... aí ela falou assim:" não... mas eu preciso de você... muito responsável e eu preciso"... aí eu deixei a regência... e fui assumir a coordenação pedagógica... que na época nem chamava nem coordenação pedagógica chamava... Inspeção Escolar... que era dado/... imagina... e pra isso você vai fazer um curso em Tocantinópolis... pra você assumir... eu passei uma semana em Tocantinópolis lá ia lá ainda pelo Porto Franco... passei uma semana fazendo esse cursinho lá... lá na... lá no centro de formação... aí foi/ não sei que/a diretoria que organizou... foi executado lá né... eu passei uma semana me preparando pra assumir essa função dentro da escola...

ENTREVISTADORA: não assumia da noite pro dia né... tinha que ter uma preparação...

ENTREVISTADA: não... não... eu tinha que preparar... que era uma nova coisa do módulo né? uma nova função... aí eu passei pra lá...preparando pra poder assumir aqui no Leônidas... a primeira coordenadora pedagógica do Leônidas... então assim... a direção me chamava... e eu nunca foi tímida de dizer assim ((inaudível))... aí eu ia... encarava... eu nunca fui assim de esquiva... não... vai ser mais difícil... que vocês estão acostumado com ritmo né? aí to na regência... você parti pra coordenação pedagógica... ou direção... as coisa mudam... então sempre encarei... assim bastante otimista... então eu fui... que foi as minha diretoras na época Irenildes Madalena... e depois a Dejanira... elas sempre me deram oportunidades... eu sempre encarei todas elas... todas... então assim eu valorizo muito a formação... os cursinhos que hoje

parece q ta tudo diferente né?... mas quer dizer que hoje a aprendizagem a quem... eu não sigo nesse contexto... como é que seria eu na sala de aula? não sei...

ENTREVISTADORA: professora... muito obrigado... já são mais de quarenta minutos de fala... não vou lhe cansar tanto... eu vou precisar vir outras vezes...

ENTREVISTADA: vem eu vou separar os meus...

ENTREVISTADORA: a senhora tiver fotos também... é importante pra mim ter fotos...

ENTREVISTADA: é... vou procurar...

ENTREVISTADORA: da escola... das ações da escola... não sei eu vou poder usar... mas elas vão....

ENTREVISTADA: fotos tão antiga gente... ((inaudível)) foto maternal... vou procurar ela...

ENTREVISTADORA: tá bom... muito obrigada...

ENTREVISTADA: oh meu amor... obrigada viu... por tá relatando a minha vida...

ENTREVISTADORA: aí a gente tem outros momentos... tá só começando... eu tenho que defender daqui dois anos e meio... até lá vou lhe incomodar muitas vezes...

ENTREVISTADA: pode... pode... ()... que você seja feliz na sua conclusão de trabalho...

ENTREVISTADORA: foi... tá sendo... muito obrigado... quem que senhora/eu fui anotando alguns nomes... ()... Solange... Ana Célia... Ana Célia da Pontal... né? do Eucleber...

ENTREVISTADA: é...

ENTREVISTADORA: a professora Valdecy... a Clelia... a Professora Marly, a professora Dorinha...

ENTREVISTADA: a Maria dos Santos...

ENTREVISTADORA: meus Deus... Maria dos Santos... Professora Eliana...

ENTREVISTADA: a Eliana Santana... inclusive quando eu assumi a direção... ela foi vice... naquele tempo tinha vice...

ENTREVISTADORA: muito interessante os percursos... eu nem fui nas minhas perguntas deixei elas aqui... não... é isso mesmo... é perfeito... que na verdade só pra ter um direcionamento né... mais ai a gente foi lembrando de tudo... que bom... aí depois se a senhora lembrar de outro nome... quiser me sugerir... porque a princípio queria fazer só com as professoras de português... mas depois eu vi que não ia... que não era justo só com as professoras de português...

TRANSCRIÇÃO – Ester Vieira Lima

ENTREVISTADA: (...) não nos conhecemos... mas você me escolheu... eu aceitei de todo coração...

ENTREVISTADORA: eu fico no muito feliz... a entrevista ela vai/ eu não fico fazendo perguntinha toda hora... eu vou fazendo as perguntas e na medida do possível... eu viu intervindo... éhh:: pra deixar coisas que me interessam pra senhora falar mais de algumas coisas... se for o caso... mas a entrevista está organizada em três fases da sua vida... a sua vida de estudante... depois a sua vida acadêmica... e depois a sua vida profissional e aposentadoria...

ENTREVISTADA: ((risos))

ENTREVISTADORA: tem muita coisa pra contar? ((risos)) muito bem... então... eu gostaria que a senhora começasse se apresentando... dizendo seu nome completo... a sua idade... o tempo de aposentadoria e onde a senhora mora...

ENTREVISTADA: me chamo Ester Vieira Lima... ééhh:: moro na rua ()... número ()... no setor ()... ultimamente o prefeito mudou pra um tal de loteamento ()... mas nos documentos é ()... nasci em Ananás... me criei lá... nasci aqui e me criei em Ananás... casei e vim embora pra cá... né?

ENTREVISTADORA: voltou pro lugar de nascimento... né?

ENTREVISTADA: isso... mas lá eu consegui o quê? estudei aqui até a quinta série... () pra casar... aí foi só ter parido... ter menino ()... mas tive meus filhos tudo... né? depois que eu tive os filhos... voltei a estudar de novo... porque meu objetivo era ser professora...

ENTREVISTADORA: desde sempre?

ENTREVISTADA: desde a minha infância que eu queria ser professora... eu já dava aula... para os colegas... para os meus irmãos... eu tinha o prazer de dar aula e de andar com os cadernos pra cima e pra baixo... aí casei... aí tinha o prefeito... no tempo o prefeito João de Souza Lima... ele fez um concurso e eu passei... eu só tinha o quinto ano... mas passei... e aí ele arrumou um serviço pra mim... aí eu tive que voltar a estudar... né? consegui terminar o meu ginásio através do supletivo... onde ele/ os professores de São Paulo... de Goiânia... não sei de onde era... que todas as férias eles vinha... porque nós trabalhava... era uma equipe de professores... não era só eu... e aí... nas férias a gente estudava... fazia as provas por correspondência... enviava... e assim terminei meu primeiro grau...

ENTREVISTADORA: tá... mas antes disso tudo eu quero que a senhora me conte... por favor... como a senhora aprendeu a ler...

ENTREVISTADA: como eu aprendi a ler?

ENTREVISTADORA: a senhora lembra?

ENTREVISTADA: rapaz... desde quando eu ne entendi... eu já sabia ler... porque eu fui criada com os meus avós e eles sempre me incentivavam... até doze anos eu morei com eles... aí meus avós morreram... () com minha mãe... aí fui estudando... e tudo o que eu via... que eu tinha curiosidade... eu procurava ler... quando eu não sabia... eu perguntava o (povo)... mas eu queria saber o significado... eu toda vida fui curiosa...

ENTREVISTADORA: sim... a senhora se lembra da sua alfabetização... na escola?

ENTREVISTADA: eu lembro... o tempo que eu alfabetizei era aquele famoso abc...

ENTREVISTADORA: não... quando a senhora foi alfabetizada...

ENTREVISTADA: quando eu fui alfabetizada... era no abc... era sistema silábico... era o sistema silábico... era soletrando... era soletração... né? onde tinha um professor que quando a gente errava... ele vinha com a palmatória na mão...

ENTREVISTADORA: a senhora ainda estudou na palmatória? ()...

ENTREVISTADA: aham...

ENTREVISTADORA: ainda pegou a palmatória?

ENTREVISTADA: ainda/ não peguei não porque eu era inteligente... era considerada a mais inteligente da sala... então eu nunca peguei... mas meus irmãos pegaram muito...

ENTREVISTADORA: que coisa... né?

ENTREVISTADA: mas eu sempre/ eu fico assim... pro lado de leitura... sempre eu fui inteligente... graças a Deus... Deus me deu inteligência...

ENTREVISTADORA: sim... e o quê que a senhora se recorda desse primeiro momento... dessa primeira etapa da sua vida escolar... que a senhora disse que estou em Ananás... né? de primeira a quinta série?

ENTREVISTADA: aham...

ENTREVISTADORA: o que a senhora se lembra desse tempo na escola? como eram os professores? como era a escola? como que vocês foram ensinados? que metodologia eles utilizavam? o quê que a senhora consegue se lembrar desse período de estudante de primeira a quinta série?

ENTREVISTADA: ah... então... eu primeiro estudei em escola municipal... onde tinha um colégio pintado de verde... lembra? que nem hoje... professores... a maioria evangélicos... e a gente estudava... brincava... mas respeitávamos os professores... muito respeito... aí quando eu fiz o terceiro ano... terceira série... aí eu estudei na Escola Batista... onde lá nós tinha a professora (Eldimir)... aí eu fiz... o terceiro ano... o quarto e o quinto... na Escola Batista... lá eu aprendi muito... a gente aprendia em forma de teatro... fazia muita dramatização... fazia aula de canto... e isso me chamava muito atenção... né? aí eu terminei de estudar e depois eu disse... ((inaudível)) eu tinha que me formar... para dar aula... enquanto eu não me formasse eu não sossegava... aí casei... o marido tinha o maior ciúmes... não queria deixar eu estudar...

ENTREVISTADORA: a senhora se casou com quantos anos?

ENTREVISTADA: eu tinha dezessete... mas pra me casar botaram dezoito...

ENTREVISTADORA: aí a senhora se casou/

ENTREVISTADA: aí foi uma parte assim muito terrível assim... porque na época os meus pais tinham separado... aí tava muito pesado... né? assim... o clima dentro de casa... aí au digo "eu vou me casar"... ((inaudível)) eu tive a minha primeira filha com dezoito anos... e pra começar só tive dez filhos...

ENTREVISTADORA: DE::Z FILHOS?

ENTREVISTADA: aham...

ENTREVISTADORA: que mulher corajosa...

ENTREVISTADA: aí eu parei... quando terminei... tive o caçula... aí voltei estudar... aí eu fiz o ginásio... aí eu fiz um supletivo... um segundo grau supletivo... antigo (Lumen)... mas não me deu base pra sala de aula... eu falei "eu não quero... porque não me deu base"... aí voltei estudar seriado no colégio...

ENTREVISTADORA: a senhora se lembra o ano do (Lumen)?

ENTREVISTADA: eu não lembro... eu não me recordo...

ENTREVISTADORA: a senhora fez até a quinta série lá... se casou... aí teve todos os dez filhos e só depois que a senhora voltou a estudar?

ENTREVISTADA: foi...

ENTREVISTADORA: quantos anos sem estudar a senhora passou?

ENTREVISTADA: minha filha... eu passei um bocado de tempo... não me recordo quanto tempo não... eu sei que quando eu tive o meu caçula... foi setenta e um... não... setenta e um não... oitenta e um... foi quando eu voltei a estudar... é oitenta e dois... o meu caçula... mas eu tive... quando eu tive... deixa eu ver aqui... espera aí... em oitenta e seis... oitenta e seis eu tinha terminado o segundo grau... o (Lumen)... em oitenta e seis... foi...

ENTREVISTADORA: e como foi voltar a estudar depois de tanto tempo... e com tantos filhos?

ENTREVISTADA: não foi fácil não...

ENTREVISTADORA: a senhora recebeu ajuda? quem lhe ajudava com os filhos em casa pra senhora conseguir estudar? como é que foi isso?

ENTREVISTADA: eu vou te contar que foi uma tarefa muito difícil... muito difícil... porque a minha mãe não morava perto de mim... aí eu coloquei umas secretarias dentro de casa que só me deu dor de cabeça... aí eu tinha o quê? que despedir as secretárias... aí eu lavava roupa a noite... fazia comida de noite... estudava... corrigia tarefas... porque ao mesmo tempo estudando e fazendo tarefas pros alunos... corrigindo prova... ()... tinha dia que eu comia... tinha dia que eu não comia... não dava tempo... e quando foi em oitenta e seis... eu fiz o concurso do estado... passei... trabalhava no município aqui no setor Brasil... e fui pra lá... me chamaram lá pra os Barros... povoado Barros... aí aqui criaram um sistema intermediário... então eu trabalhava... entrava sete e saía dez... chegava em casa... fazia o almoço... dava pros meninos comer... as vezes não dava tempo eu comer também... aí o povo me chamava sabe como? de boia fria... ()... botava na 'marmitinha' e ()... ia dar aula lá nos Barros... as vezes tinha ônibus... as vezes não tinha... as vezes eu ia de pé...

ENTREVISTADORA: qual é a distância até os Barros? quantos quilômetros é?

ENTREVISTADA: () não sei se é cinco... ou se é seis...

ENTREVISTADORA: a senhora gastava quanto tempo ora chegar lá a pé?

ENTREVISTADA: eu saía de casa onze e quarentena... doze... pegava o coletivo até na Vila Norte... sempre tinha o coletivo pra Vila Norte... aí da Vila Norte eu descia e ia de pé pra lá... eu sei que quando dava uma hora eu tava lá...

ENTREVISTADORA: e o seu esposo? lhe ajudava? lhe apoiava?

ENTREVISTADA: as vezes sim... as vezes não... porque era muito ciumento... e brigava demais... não queria comer... () as vezes não dava tempo de terminar e as meninas terminavam... tinha dia que saía cozido... tinha dias que saía cru... e ele brigava... e o povo dele todinho brigava pra mim não estudar... porque disse que era vaidade... que eu ia só namorar e não sei o quê... aquela coisa... de gente quadrada... eu digo... "mas eu vou estudar e ninguém me empata..."

"ninguém empata de eu estudar... não quero nem saber..." dormi muito as vezes sem comer... ((inaudível)) e cuidava de menino... e cuidava da casa... e da escola... eu sei que Deus me deu forças que eu venci...

ENTREVISTADORA: sim... sim...

ENTREVISTADA: não foi fácil...

ENTREVISTADORA: eu imagino...

ENTREVISTADA: porque... quando eu voltei estudar o segundo grau seriado... porque o (Lumen) não me deu base... aí eu voltei estudar lá no Colégio Guilherme dourado... aí na época a minha menina... a terceira filha... tinha um problema... e ela não falava e eu não sabia como lidar com a menina... porque ela tem problema... e aí eu fui trabalhar na APAE... pra ganhar experiência pra trabalhar com ela... aí eu trabalhava... um horário... no município de manhã... de tarde eu trabalhava na APAE... e estudava a noite... o certo é que... a gente foi levando... com muita luta... mas nada sem sacrifício não presta... ninguém dá valor... eu não queria nem fazer o vestibular quando eu fiz o vestibular... quando eu fiz o vestibular tinha seis anos que eu tinha parado de estudar... que eu tinha terminado o segundo grau...

ENTREVISTADORA: no (Lumen)?

ENTREVISTADA: não... o seriado...

ENTREVISTADORA: lá no Guilherme Dourado... né?

ENTREVISTADA: no Guilherme Dourado... eu fiz o (Lumen)... com dois anos que eu fiz o (Lumen)... aí não me deu base... aí eu fui estudar no Guilherme Dourado...

ENTREVISTADORA: no Guilherme Dourado a senhora fez o básico ou o magistério?

ENTREVISTADA: magistério...

ENTREVISTADORA: magistério... né? sim...

ENTREVISTADA: magistério... onde a minha professora de didática... ()... era muito legal... me deu uma base muito profunda e sempre que eu tinha dúvida... mesmo em sala de aula quando eu tinha dúvida... eu ia até lá e ela me ajudava...

ENTREVISTADORA: como foi essa experiência do magistério então... pra senhora?

ENTREVISTADA: gostei... porque sempre eu já trabalhava... eu trabalhava e estudava... então eu fui estudando e colocando em prática... estudando e colocando em prática... aquela época que professor trabalhava e não tinha preguiça de preparar material... eu fazia figurinhas... fazia letras... fazia quadro (flanelógrafo)... fazia joguinho... fazia bingo... e sempre... meus alunos gostavam... graças a Deus... eu tenho orgulho dos meus alunos... porque quem estudou comigo aprendeu...

ENTREVISTADORA: e a senhora trabalhava com que turmas?

ENTREVISTADA: de primeiro a segundo grau...no município era o primeiro grau... no Estado... que eu trabalhava no Estado... era segundo grau... sempre eu trabalhei município e Estado... e trabalhei pouco tempo... só vinte e nove anos...

ENTREVISTADORA: tem quanto tempo de aposentada já?

ENTREVISTADA: tenho (oito) anos... mas tenho saudades...

ENTREVISTADA: ... sonho dando aula de novo... de vez em quando eu sonho...

ENTREVISTADORA: mais aí/ nessa época do magistério a senhora falou que teve uma professora que inspirou muito... né?

ENTREVISTADA: Meire... a professora Meire...

ENTREVISTADORA: Meire... né? e o quê que/ na professora Meire lhe inspirava tanto? era o modo como ela falava? como ela organizava a (sala)? como ela conduzia?

ENTREVISTADA: tudo... como ela falava.... como ela organizava a sala... a didática que ela usava... a dinâmica...

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADA: né? e a segurança que ela tinha... tudo isso me inspirou... () não é fácil... não é fácil... porque quando eu trabalhava... as salas eram homogêneas... não era só de sete ou de oito anos... era de sete até quatorze... até vinte... ()...

ENTREVISTADORA: era multisseriada... né?

ENTREVISTADA: multisseriada... então você não tinha como escolher... as vezes você trabalhava em uma aula e você tinha que trabalhar... três... quatro atividades... com meninos diferentes...

ENTREVISTADORA: e isso no município?

ENTREVISTADA: município...

ENTREVISTADORA: aí no Estado a senhora já começa lá na APAE... né?

ENTREVISTADA: no Estado eu comecei na APAE/

ENTREVISTADORA: e nos Barros?

ENTREVISTADA: nos Barros... aí eu comecei/ quando eu saí da APAE... eu fui convocada pra fundar o auxílio especial lá na Escola Modelo... e aí eu trabalhei lá como professora... fundadora do ensino especial... e trabalhei como coordenadora de toda a escola... aí de lá eu fui trabalhar no CEM... já com o segundo grau...

ENTREVISTADORA: e antes disso a senhora fez a faculdade/ cursou a graduação? qual que é a sua formação?

ENTREVISTADA: Letras...

ENTREVISTADORA: onde a senhora cursou Letras?

ENTREVISTADA: bem aqui na Unitins...

ENTREVISTADORA: já era Unitins ou era Facila?

ENTREVISTADA: Facila...

ENTREVISTADORA: me conte dessa experiência da Letras e como que a senhora escolhe a Letras? ora se formar... por quê a Letras?

ENTREVISTADA: porque... o meu () seria psicologia... mas na época não tinha... não oferecia... e a minhas colegas... elas fizeram minha inscrição da faculdade... eu falei que não ia fazer... porque o curso que eu queria não tinha... aí elas fizeram... "nós vamos fazer... se você passar... você vai estudar... se não passar... você não estuda..." eu digo... "quais as opções? não tem psicologia..." aí ela disse "qual?" eu disse... "ou história ou Letras... eu prefiro Letras..." aí fizeram Letras... aí quando eu fiz o vestibular... a minha redação foi a segunda melhor escolhida... na época... e aí ()... ela disse... "você vai..." aí ela juntou aquele grupo de professores... e me incentivavam e eu voltei a estudar... aí eu voltei... fiz Letras... então eu passei em segundo lugar na faculdade... no curso de Letras... graças a Deus... eu nunca repeti nenhum ano... aí logo lá no primeiro ano a gente formou grupos de estudo... eu e meus colegas... a gente estudava/ trabalhava no meio de semana... final de semana a gente ia pra casa dos colegas estudar e fazer trabalhos...

ENTREVISTADORA: sim... e q senhora tava com quantos anos quando a senhora entrou na Letras? a senhora se lembra?

ENTREVISTADA: menina... tu sabe que eu nem lembro?

ENTREVISTADORA: e foi logo de imediato... quando a senhora terminou o magistério ou levou muito tempo entre o magistério e a universidade?

ENTREVISTADA: passou seis anos... tava com seis anos que eu tinha parado o magistério...

ENTREVISTADORA: sim... e como foi ir pra universidade... né? porque é um outro ambiente... é um outro lugar... é um outro ritmo... me conte dessa experiência...

ENTREVISTADA: graças a Deus... eu nunca encontrei dificuldade com essas coisas... porque eu sou fácil de adaptar em determinado local... o mais difícil que eu achei era a distância... porque era longe e não tinha ônibus pra o meu bairro onde eu morava... as vezes... eu tinha uma colega que tinha carro... () quando dava sorte dela me trazer eu vinha a pé... quando não dava eu vinha de pé... ou as vezes meu esposo vinha me buscar de bicicleta...

ENTREVISTADORA: sempre como muita luta... né?

ENTREVISTADA: sempre com muita luta... aí eu estudava de manhã... dava aula de tarde e à noite...

ENTREVISTADORA: só tinha Letras pela manhã?

ENTREVISTADA: não... tinha à noite... mas à noite ficava mais difícil pra mim ir... porque eu morava aqui no setor Noroeste... e na época não era bem povoado como está hoje...

ENTREVISTADORA: eu moro aqui no Noroeste...

ENTREVISTADA: pois é... eu moro aqui no Noroeste também... lá é jardim Goiás... mas a gente chama Noroeste... mora em qual rua do Noroeste?

ENTREVISTADORA: na Campos Elísios...

ENTREVISTADA: aham ((afirmação)) eu moro na rua São Pedro...

ENTREVISTADORA: oh... que beleza... e o quê que/ mais... dessa experiência na universidade que a senhora se recorda e que a senhora carrega até hoje... as influências... a relação com os professores... essa relação com a leitura...

ENTREVISTADA: olha... eu gostei de todos os meus professores... mas o que mais me marcou foi a () de prata e a ()... a () de prata dava literatura... e a ()... inglês... eu queria me formar em inglês... mas não consegui... porque eu não tinha paciência... eu terminei a faculdade... aí fazia curso particular... achei um professor que era muito chato... puxava saco pra umas 'dondozinhas' lá... e um dia eu estudei o conteúdo... fiz a prova todinha... a outra colou a prova da minha... ele deu nove pra ela... nove vírgula oito e me deu seis... eu não pisei mais lá... falei... olha... "o dinheiro dela tem o mesmo valor do meu dinheiro... eu não vou jogar meu dinheiro fora por causa de bajulação sua não..."

ENTREVISTADORA: e a senhora tem outras experiências? a senhora sofreu outras formas de preconceitos na universidade ou na escola? na sua vida... falando nisso... né? por que isso é uma forma... é um preconceito... né? quando/ é um preconceito de classe... né?

ENTREVISTADA: a gente não tinha preconceito na faculdade... porque na faculdade não era só eu que era mais de idade... mas tinha também a colega que já tinha o dobro do que eu tinha de idade... né? mas todo mundo era unido... todos se respeitavam... então a gente não tinha nenhum preconceito... tinha alunos daqui de Araguaína... tinha de Babaçulândia... tinha de Nova Olinda... Colinas... então a gente tava num grupo... assim... homogêneo... ()... era heterogêneo... mas se tornava homogêneo... porque todo mundo tinha um objetivo... que era estudar e colocar em prática... e quando a gente tinha dificuldades... a gente ia atrás... dos professores... ia atrás de quem sabia pra ensinar a gente... a gente não carregava dúvida...

ENTREVISTADORA: e os professores eram solidários a vocês com mais idade?

ENTREVISTADA: sim... sim... tem a Fátima Medeiros também... que era minha vizinha também... que ela dava português...

ENTREVISTADORA: entrevistei ela...

ENTREVISTADA: entrevistou ela?

ENTREVISTADORA: entrevistei... ela é uma figura... a Fátima... a Fátima é maravilhosa... né? muito alto astral também... e ela também/

ENTREVISTADA: e a gente logo depois... passou uns tempos... eu comprei um carrinho... aí comecei andar com minhas próprias pernas e pronto... eu ia pra onde eu queria... ainda hoje eu ando... pra onde eu quero... pra onde eu não quero eu não vou... marido tem o dele... eu tenho o meu... vou pra onde eu quero... faço o que eu quero... fiz vários cursos... na área de educação infantil... na área de psicologia... pra trabalhar na área de deficiência... fiz vários cursos... aqui... fora... como trabalhar com crianças que tem disfonia... dislalia... éhh::: que tem autismo... então por isso... por causa desses cursos que eu fiz... eu fui escolhida... por Palmas... pra fundar o centro especial lá na escola Modelo...

ENTREVISTADORA: sim... sim... já já eu quero que a senhora me conte sobre essa experiência...

ENTREVISTADA: e sempre eu gosto do que eu faço...

ENTREVISTADORA: muito legal... antes de a gente falar dessa experiência... da/ com a educação especial... éhh:: eu gostaria que a senhora me dissesse o quê que representa... o que que representou pra senhora... uma mulher já de mais idade... concluir um curso superior... o quê que isso significou pra senhora... e pra sua família... pros seus filhos... como que a senhora vê isso?

ENTREVISTADA: olha... deixa eu te contar um negocinho... um segredo... entre nós duas... por quê que eu fui em busca de formação no ensino especial? porque eu tenho quatro com problemas dentro de casa...

ENTREVISTADORA: quatro filhos especiais?

ENTREVISTADA: eu tenho uma filha... ela tem problema especial... que eu fui trabalhar na APAE por causa dela... ()... ela foi... na hora do parto... aplicar ()... e atingiu o sistema nervoso dela... então ela se tornou especial... ela... só que é um mental leve... não é tão profundo... aí ela foi... arrumou um não sei quem foi... ()... lá vem com problemas também...

ENTREVISTADORA: cortou o vídeo... essa segunda que a senhora falou... cortou o vídeo... não entendi...

ENTREVISTADA: a neta... a filha da que tem problema...

ENTREVISTADORA: ah... sim... e qual é o problema da neta?

ENTREVISTADA: a neta ela tem... dislalia... disfonia... dislexia e estrabismo... e pra mim entender tudo isso... e desmitificar... eu tive que estudar... fazer cursos fora... fazer ()...

ENTREVISTADORA: a senhora quem criou a neta? a senhora que cria a neta também?

ENTREVISTADA: tudinho...

ENTREVISTADORA: ela não se casou? a sua filha?

ENTREVISTADA: não... ela não tem condições de viver sozinha... casar... essas coisas não...

ENTREVISTADORA: e o pai da criança?

ENTREVISTADA: eu sei lá cadê? só foi pra fazer...

ENTREVISTADORA: sim... e os outros dois filhos?

ENTREVISTADA: os outros dois netos... é neto... eu criava o neto mais velho... quando ele tinha quinze anos se envolveu com drogas... tomou super dosagem de drogas e ficou esquizofrênico... a outra irmã dele... não tinha o que fazer... agora entrou em depressão... tem mais de/ tem uns quatro anos... tem dia que ela come... tem dia que não come... tem tempo que ela fala comigo... tem tempo que não fala... leva no médico... compra os remédios... ela não toma... agora resolveu não ir nem consultar... nem tomar remédio... e se oferecer qualquer () ela não recebe... com raiva de mim... tem raiva de mim... tem raiva da mãe... tem raiva do avô... pra começar... mas eu não vou me entristecer com isso não... sabe por quê? porque eu tenho um Deus que me sustenta...

ENTREVISTADORA: muita luta... né? muita força pra dar conta...

ENTREVISTADA: sempre trabalhei também... nunca faltei com os meus trabalhos na igreja... amo ajudar os outros... de vez enquanto eu também dou aula particular... e sempre... graças a Deus a minha mente é jovem...

ENTREVISTADORA: é... porque é muita luta... né? professora... muita luta... tem que ter muita equilíbrio... muito amor... muita fé pra dar conta... lá em casa/ a gente tem deficientes na família... mas são... surdos... né? nem de longe exige tanto cuidado... e já é um desafio... né? imagine...

ENTREVISTADA: é... () elas sabe que tem que tomar banho...mas se eu não mandar... não banha... as roupas... se eu não mandar... ela não troca... ()... mas não dá conta de fazer... assim... como eu sempre coloquei elas pra socializar... pra onde eu vou eu carrego as duas... aí se eu vou comprar as coisas no supermercado... eu vou... levo elas... falo o quê que elas tem que pegar... aí elas pegam... tem uma... a neta... ela pega... vai lá na maquininha ver o preço... não sabe é falar... mas ela vai lá e de vez em quando ela faz nos dedinhos dela... quanto que é... quando ela vê e não sabe... ela vai lá no caixa perguntar... aí eu vou/ se eu/ as vezes entro numa rua/ "mãe... oh:: não pode... não pode..." então ela sabe de todas as coisas... só não fala direito... ()... ela troca o 't' pelo 'd'... o 'd' pelo 'p'... o 's' pelo 'z'... as vezes pelo 'c'... tem dia que ela lê tudo... no outro dia você pode perguntar que ela não sabe de nada mais... aí eu/ toda vez que eu vou lá na escola... o professor tem dúvida lá... me chama... eu vou lá... ajudo... oriento ele... o que ele tem que fazer... qualquer dúvida eles me perguntam... "olha... estou a disposição... se precisar de alguma coisa... até de um treinamento... se precisar... eu já dei treinamentos também..." nessa área de ensino especial...

ENTREVISTADORA: sim... e os seus filhos... dos outros irmãos... ajudam? como é essa relação?

ENTREVISTADA: quando ()... ajudavam... agora todo mundo casou e tem suas casas... mas ainda me ajudam ainda... eu tô aqui na casa da minha filha... ela não tá... tá viajando... mas a neta dela tá me ajudando... a minha neta...

ENTREVISTADORA: sim... sim...

ENTREVISTADA: então... tudo isso eu agradeço a Deus... que tem me dado força... tem me dado coragem... pra mim ir em busca do que eu quero aprender... do que eu quero fazer... ()... muita gente boas também que tem me ajudado... me orgulho de ser professora... de ter ensinado... passar experiência quando as pessoas precisam...

ENTREVISTADORA: sim... sim...

ENTREVISTADA: e a senhora se lembra do seu primeiro dia de aula... como professora?

ENTREVISTADORA: como foi a experiência de ser professora pela primeira vez?

ENTREVISTADA: eu não tive dificuldade não... porque eu sempre interagi... desde menina eu dava aulas pros meus irmãos... pros meus vizinhos... a minha dificuldade era assim... "será que eu vou ter o domínio com essa turma?" minha preocupação era no domínio com a turma... com a dinâmica da turma... não assim com o conteúdo... mas... primeira coisa que eu fiz... eu peguei com eles... conversei... que eu era professora deles... que a gente ia ser amigos... não ia ser aquela professora de pedestal... nós era amigos... qualquer dúvida que eles tivessem... se tivesse algum problema... () ... eles chegasse em mim e conversasse... que eu estava alí pra ajudar...

ENTREVISTADORA: sim... sim...

ENTREVISTADA: né? se algum pai precisasse de mim... podia me procurar que eu tava ali pra ajudar... nunca tive essa dificuldade de domínio de sala... nem de nada... aí quando eu não tinha segurança... eu ia atrás de quem tinha... pra me explicar...

ENTREVISTADORA: sim... sim... e que recursos a senhora tinha? tinha o livro didático?

ENTREVISTADA: tinha... tinha...

ENTREVISTADORA: o quê que a senhora acha? qual a importância do livro didático para a sua prática?

ENTREVISTADA: quando eu não tinha... eu fazia de sucata... de plástico... de papelão... de tudo quanto era coisa... eu aproveitava... sabe aquela professora sucateira? e até hoje eu guardo sucata... tenho muita coisa lá em casa... joguei um bocado no mato... aí a menina disse assim... "mãe... joga isso aí no mato... ninguém não usa mais essas coisas não..." eu digo... "não... mas deixa aí... é meu... é só pra mim olhar e lembrar... do tempo que eu sofri/ do quê que eu já fui na vida... o quê que eu tive..."

ENTREVISTADORA: sim... é uma forma de memória... né professora? da escola do seu tempo... né?

ENTREVISTADA: é...

ENTREVISTADORA: é uma forma de memória...

ENTREVISTADA: lá em eu tenho () livro... "mãe... pra quê esse tanto de livro?" eu digo... "pra mim ler..." na hora que eu tô com vontade de ler... eu pego lá um livro... nas minhas férias sempre eu gosto de ler um livro... dois... na hora que eu tô desocupada... quando eu não leio um livro... eu leio a bíblia...

ENTREVISTADORA: a senhora se considera leitora?

ENTREVISTADA: oi?

ENTREVISTADORA: a senhora se considera leitora? e o quê que a senhora gosta de ler?

ENTREVISTADA: qualquer coisa que me interessa... que me traz informação... e que me enriquece... não gosto de ler qualquer coisa não...

ENTREVISTADORA: gosta da literatura?

ENTREVISTADA: gosto...

ENTREVISTADORA: o quê que a senhora consegue [

ENTREVISTADA: [gosto da literatura... gosto da arte... aliás... quando eu trabalhava no segundo grau... trabalhava com literatura... português... redação e artes... trabalhava festival de artes com meus alunos... lá na escola ()... eu pegava... no final do ano... toda matéria a gente construía... todo o material... final do ano nós fazia o festival... ali eu pegava o quê... juntava a literatura... artes e redação... ()... o texto... a dramatização... né? a coreografia e a música... então eu fazia essa junção... eu juntava tudo... e sempre trabalhava em forma de teatro... dança... música e poesia... todo anos nós fazia os festivais... lá no CEM...

ENTREVISTADORA: como eram os alunos desse tempo de a senhora professora? que imagens a senhora tem desses alunos? como é que a senhora via esses alunos?

ENTREVISTADA: olha... sinceramente... eu tenho orgulho dos meus alunos... porque... todos os que passaram por mim... sempre que eu encontro com eles... "professora... eu me formei em coisa tal... me formei em ciências... me formei em ciências biológicas... me formei () ..." advogados... médicos... aviadores... contador... então meus alunos eu tenho orgulho deles... as vezes eu 'tô' na rua e eu escuto/ () nas costas... no que eu olho... ex alunos... um dia eu ia lá na frente do Regional... aí encontrei com um ex aluno meu... me deu trabalho demais... ele era... afeminado... e a família queria desistir... mas eu disse... "não vai desistir..." aí fui trabalhar com ele... trabalhar com a família dele... aí a família dele voltou a aceitar ele... estudou... hoje ele é formado... né? tem um bom emprego... ()... ele me pegou... me abraçou... me sacudi no meio da rua... eu digo... "menino... tu é louco... menino?" "não professora..." e me beijava... e meu esposo tava do lado... e ele disse... "não... fica aí... agora ela é só minha... não é sua não..." eles fazia meus aniversários em casa... vinha fazer aquela turma de gente... fazia almoço... fazia janta... fazia aquela farra... eu gostava...

ENTREVISTADORA: uma forma de retribuir... né? que eles encontravam... o que a senhora fazia por eles... né?

ENTREVISTADA: é... e a gente era amigos... não tem nenhum aluno que diga assim... "ai... eu não gosto de fulano... não gosto da professora..." que eu não goste dele... não... a gente formava família...

ENTREVISTADORA: e com relação as questões pedagógicas... havia um currículo... professora? vocês participavam da elaboração desses currículos? na definição dos conteúdos... que conteúdos... que conteúdos ensinar... por bimestre... nessa época... quando a senhora

começa a sua carreira docente... existia esse currículo... ou vocês tinham que improvisar e fazer cada um ao seu modo... ou vinha da regional? já tinha uma regional? como é que era isso?

ENTREVISTADA: as vezes vinha da regional... pronto... e as vezes semi pronto... e as vezes a gente tinha que complementar... mas sempre tinha um norteador pra gente nortear...

ENTREVISTADORA: e como vocês faziam pra planejar as aulas? como era o planejamento?

ENTREVISTADA: nós tínhamos um dia pra planejar... eram as atividades...

ENTREVISTADORA: tanto no município quanto no estado...

ENTREVISTADA: sim... a gente tinha o dia... de planejar... e naquele planejamento a gente sempre gostava de interagir com os outros professores... interagir... tirar as dúvidas... né? confeccionar material... ajudar o que tivesse mais dificuldades... e a gente interagia...

ENTREVISTADORA: então já tinha essa rede de colaboração dentro da escola... entre os professores... né? e a coordenação? a direção? dava o suporte pra vocês?

ENTREVISTADA: as vezes... tinha coordenadora que dava... quando elas entendiam alguma coisa... porque as vezes tinha coordenação que não entendia nada de coordenação... a gente que tinha que ensinar pra ela...

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADA: ()... diretora só gosta de cobrar... nunca vê o lado positivo... porque elas não estão a par mesmo... a parte burocrática... né? mas o que se diz pedagógica... eles botam qualquer um... nem todo mundo que tenta ()... quando se pega um professor e joga na direção... ele tem uma noção... mas quando se pega um político lá... que nunca passou nem na sala de aula... não tem nenhum compromisso...

ENTREVISTADORA: sim... sim...()...

ENTREVISTADA: () ... tem muitas coordenadoras boas... ()... criativas...

ENTREVISTADORA: e que recursos vocês tinham na escola? livros? tecnologias? espaço? que favorecia a atuação de vocês no processo de ensinar?

ENTREVISTADA: livros... tinha... espaço... as vezes tinha... as vezes não tinha... a gente as vezes planejava em casa... né? mas... - que mais que você me perguntou mesmo... que eu esqueci agora? -

ENTREVISTADORA: que recursos vocês tinham... né? pra planejar e pra ensinar... se tinha livros... se tinha recursos tecnológicos... como é que era isso... né? ou se era só o livro didático...

ENTREVISTADA: não... tinha o livro didático... mas agora... nos últimos anos que eu trabalhei... já tinha computação... computador pra a gente planejar... pra tirar a dúvida... já tinha... mas no início não tinha não... era só o livro mesmo e quem quisesse que cuidasse de si... éhh::: cada um por si e Depois por todos...

ENTREVISTADORA: qual foi então a importância do livro didático para a senhora? a senhora acha que o livro didático foi essencial pra lhe permitir fazer um trabalho sério na escola?

ENTREVISTADA: nem sempre... porque os livros didáticos... nem sempre... ele vinha a realidade do aluno... então... você tinha que criar sua própria realidade... porque... como é que eu vou ensinar o menino/ hoje em dia já tem... né? aluno que já sabe o que é uma maçã... já sabe o que é uma pera... mas antigamente não existia... pra... então a gente ensinava com o que tinha na região... com o que era do cotidiano do aluno... eu sempre gostei de trabalhar com o cotidiano do aluno... nunca gostei de tá inventando coisa que ele não conhecesse... que não tinha significado pra ele... porque... você trabalhar uma coisa com o aluno... que não tem significação pra ele... que ele não conhece... ele não vai ter nenhum estímulo... tudo, que você vai trabalhar tem que ter alguma significação pro aluno... você tem que ter um objetivo em cima daquilo que você quer trabalhar... o que você quer alcançar... se você não tiver esses objetivos... você não consegue nada...

ENTREVISTADORA: sim... sim... e vocês/ diga professora...

ENTREVISTADA: olha... eu tive um aluno... primeiro ano que eu trabalhei... dava trabalho de demais... era discriminado... os outros alunos discriminavam... porque ele era bem moreninho... aí um dia... uns três dias ele vinha... chorava... chegava e chorava... ele não conseguia aprender a ler... nada... porque os pais dele não sabia ensinar... aí eu perguntei... "meu filho... o quê que foi que você tanto chora?" aí ele disse... "ninguém gosta de mim..." "e o que foi? por que você não consegue acompanhar os outros?" "não... meus pais não sabem ler? eles não são alfabetizado..." eu digo... "tá bom... então vamos fazer o seguinte... eu sou sua amiga... você é meu amigo... a partir de hoje você é meu filho adotivo... qualquer coisa que você precisar... você me procura..." () e eu comecei trabalhar com ele individual... quando os outros iam pro recreio... eu ficava com ele na sala... ora desenvolver... fui desenvolvendo... quando ele já tava bem estimulado... aí eu digo... "agora você já dá conta de andar com suas próprias pernas... agora..." certo que eu trabalhei dois anos com ele... ele já lia tudo... já () com as próprias pernas... e aí ele criou e eu não vi mais ele... quando foi... quatro anos atrás... no ano que foi pra mim aposentar... ele chegou na escola... perguntando... que queria falar com a professora Ester... eu vi ele... ainda era criança ainda... nessa fase... aí ele cresceu... casou... era representante de uma empresa... morava em Gurupi e vinha de vez em quando no trabalho aqui na Araguaína... e queria encontrar comigo... não ia embora se não falasse comigo... porque eu era importante na vida dele... aí a coordenadora foi lá... mesmo... me chamar com medo... porque era um moreninho altão... bem forte... o povo achou que era ((risos)) um pistoleiro... alguma coisa... aí quando eu - eu tava aplicando uma prova... aí pedimos um professor pra ficar lá... - aí quando eu chego lá que eu vi aquela pessoa... "professora... sou eu..." eu digo... "quem é tu... menino? que eu não te conheço mais..." " professora... sou aquele... fulano de tal... sou aquele filho seu... que você disse que me adotou... eu vim aqui só pra te dar um abraço..." gente... eu quase... diante daquele homenzarrão... na minha frente... aquele braço... "meu Deus... do céu..." com tantos anos que eu tinha visto ele... casou... dono de empresa... aí chegou e me deu aquele abraço gostoso... o quanto que é gostoso você ajudar as pessoas... eu acho que é gratificante você poder ajudar alguém... e eu não tenho o que reclamar da minha vida de professora não...

ENTREVISTADORA: e a gente faz isso todos os dias... né? - boa tarde... tem um moço ali atrás...-

ENTREVISTADA: meu esposo...

ENTREVISTADORA: éhh:: olha que coisa... oi esposo...

ESPOSO: oi professora...

ENTREVISTADORA: esposo 'saradão' ainda... bonitão... né dona Ester?

ENTREVISTADA: ééé...

ESPOSO: tá se formando pra ser doutora agora também... né?

ENTREVISTADORA: ééé...

ESPOSO: em nome de Jesus...

ENTREVISTADORA: amém... eu recebo a benção... a dona Ester da conta de luta maior... por quê que eu não dou conta do doutorado... né?

ENTREVISTADA: dá conta...

ENTREVISTADORA: aí professora... é muito bom... eu tenho vinte e um anos de docência já... e eu vivo muito isso... né? eu venho do interior... professora da zona rural... e essa relação que a gente constrói com os nossos alunos é muito importante... porque são relações de afeto... né? então esses alunos voltam pra lhe ver... pra lhe encontrar... pra lhe abraçar... porque foi construído uma relação de afeto... né? e isso é... isso não tem preço... isso é gigante... né?

ENTREVISTADA: pra mim não tem preço...

ENTREVISTADORA: pois é... muito bonito isso... né?

ENTREVISTADA: ele... () e ele era da polícia... né? mas era muito irresponsável e o povo tiraram a farda dele... casou com uma vizinha minha... e ele disse... "professora... e agora eu vou fazer o quê? porque agora eu perdi o salário... porque me tiraram..." eu digo... "agora você vai estudar..." "professora... mas eu não dou conta..." eu digo... "dá..." aí surgiu o curso pra advogado... direito... ele queria fazer direito... aí ele chegou em mim e conversou comigo... queria fazer o curso de direito... mas ele por só... não tinha condições de estudar... de aprender... não tinha livro... não tinha apoio de nada... "você vai lá em casa buscar os livros... e qualquer coisa que você precisar de orientação você vai lá em casa que eu te ajudo..." aí ele foi... arrumei os livros pra ele... quando ele tinha dificuldades ele vinha... eu tirava as dificuldade dele... certo que ele terminou o curso de advogado... esses dias eu encontrei com ele... "professora... deixa eu lhe dar um abraço aqui... não dou conta de passar sem lhe dar um abraço não... você é minha mãe... me fez tudo... fez eu ser gente..." é gratificante... hoje ele é advogado... né? ninguém dava nada por ele... é um senhor agora respeitado... construiu a casa dele... vive bem com a família... pra quê melhor?

ENTREVISTADORA: benção... né?

ENTREVISTADA: pois é...

ENTREVISTADORA: e assim... são muitas vidas... né professora? é só alguns exemplos...

ENTREVISTADA: se eu for te contar tudo o que aconteceu na minha vida... é um romance...

ENTREVISTADORA: ((risos)) aí... mas eu quero que a senhora me conte sobre outra coisa também... que é com relação a formação continuada... existia? programa de formação continuada... tanto no estado... quanto no município? ou sempre que a senhora quis fazer algum curso... a senhora teve que pagar pra estudar?

ENTREVISTADA: não... sempre tinha... e quando tinha eu não perdia a chance de tá aprendendo mais... sempre tinha... grupo de estudos... né? debates... seminários...

ENTREVISTADORA: quem organizava as formações? quem promovia as formações continuadas?

ENTREVISTADA: os órgãos representantes...

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADA: secretarias... delegacias...

ENTREVISTADORA: então... a senhora achava importante e necessária as formações...

ENTREVISTADA: e na época... no meu trajeto... de sala de aula... eu só nunca fui diretora... porque eu não quis... mas tinha tempo que eu tava na sala de aula... tinha tempo que eu tava na secretaria... tinha tempo que eu tava na coordenação... e::: assim ora frente... quando eu estava na coordenação eu ajudava na organização... eu organizava na escola... quando eu estava na secretaria... foi uma época que eu fiz umas cirurgias e aí não pude estar na sala de aula... mas também foi pouco tempo... eu fiquei mais foi na sala de aula mesmo... eu digo... "eu gosto da minha sala de aula..." tanto é que quando eu aposentei eu tava na coordenação... aí quando chegou a aposentadoria... não deixaram eu sair... porque não achava professor pra colocar... não sei o que... sei que eu ainda fiquei três meses ainda trabalhando... de graça ainda... na coordenação... ajudando o coordenador... o coordenador doente... eu fiquei com dó de deixar ele sozinho... fiquei ajudando... mas eu sempre tenho saudades da sala de aula...

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADA: sempre... pra te contar um segredo... até hoje eu tenho... o quê? eu vou fazer oito anos que eu me aposentei... eu nunca aprendi dormir cedo... nunca... porque eu ia pro colégio... eu dava aula de manhã... de tarde e de noite... eu dava aula de manhã e à noite no Estado... à tarde era município... aí eu chegava em casa... as vezes onze e meia... doze... que as aulas eram até dez e meia... né? ()... quando eu tava na sala de aula eu chegava mais cedo... quando eu tava na coordenação eu chegava lá pras doze horas... aí antes eu ia tomar banho... jantar... as vezes ia corrigir alguma coisa... ia estudar... ou as vezes eu ia ()... lá pra duas da madrugada... no outro dia cedo eu tinha que levantar... cinco horas... eu quase não dormia... passava pela vida...

ENTREVISTADORA: sim... professora... e é um hábito que a gente não desaprende assim... porque vinte e nove anos... né professora? acordando e dormindo na mesma hora... pra aprender essa outra forma de viver demora mesmo... né?

ENTREVISTADA: hoje em dia eu não tô na escola... mas aí... meu esposo vai dormir... as vezes eu pego a bíblia e vou ler... as vezes eu pego o celular vou ver meus contatos... minhas amigas... ou vou ouvir uma boa música... ou assistir um bom vídeo... ou ligo a televisão e vou assistir uns programas... mas não consigo dormir antes de duas horas...

ENTREVISTADORA: sim... sim... agora eu quero que a senhora me conte da sua experiência lá na escola Modelo... né? que a senhora foi lá e implantou a educação especial... motivada pela sua própria realidade... né? com os filhos... me conte dessa experiência...

ENTREVISTADA: deixa eu te contar... vou começar lá do começo de novo... eu trabalhei na escola ()... lá nos Barros... trabalhei um ano... um ano e pouco... aí de lá eu fui pra o Jorge Amado... lá no Jorge Amado eu trabalhei com o terceiro ano... aí de lá do Jorge Amado eu fui pra APAE por causa da menina que tinha problema... aí da APAE foi que me convidaram pra ir... () ensino especial... por que? porque eu já tinha feito vários cursos na área... eu trabalhava na APAE com uma sala multigraduada... ou multisseriada... eu trabalhava com primeira... segunda... terceira e quarta série... com os alunos que tinham problemas... ()... cadeirantes... deficiência mental leve... deficiência física... deficiência auditiva... então eu trabalhava com essas quatro coisinhas e graças a Deus... eu tenho alunos da APAE que conseguiu fazer faculdade...

ENTREVISTADORA: que legal... professora...

ENTREVISTADA: pois é... conseguiu fazer faculdade... se formou... tem outro que terminou o segundo grau... trabalha no Dom Orione... então... pra mim... tudo isso são experiências a mais que eu ganhei... () a medida que você ensina... você aprende... e eu aprendia mais do que ensinava... porque eles tem muita coisa boa pra passar pra gente... então aí eu fui escolhida... Palmas me escolheu pra ir pra lá... aí nós chegamos lá... nós fizemos reuniões... éhh:: a gente trabalhava com deficiência auditiva... visual... né? e todo tipo de deficiência... aí como eu já tinha mais experiência... eu estudava e fazia reuniões com as meninas... passava experiências minhas pra elas... ()... e a gente foi desenvolvendo... um trabalho assim que.. foi crescendo... os alunos foi desenvolvendo... foi aprendendo...os pais () confiança na gente que fizemos um bom trabalho... mas aí a diretora resolveu me botar na coordenação... e como ela não tinha quase estudo... toda vez que tinha reunião ela botava eu pra mim ir pra reunião... depois achou que eu tava querendo tomar o lugar dela... aí eu tive que sair de lá... fui lá pro CEM Paulo Freire... mas assim... a gente fazia... gostei demais...

ENTREVISTADORA: sim... e vocês tinham recursos? pra trabalhar... quando vocês implementam a educação especial lá... essa implementação já foi com suporte técnico e de material pela SEDUC?

ENTREVISTADA: sim... já tinha... já tinha... o que não tinha a gente foi atrás... buscou... criou...

ENTREVISTADORA: sim... a escola Modelo hoje é uma referência no atendimento da educação especial... né?

ENTREVISTADA: é...

ENTREVISTADORA: muito interessante esse trabalho... né professora? porque quando a criança deficiente ela ganha o direito da escola regular... é quando começa esse movimento de conscientização da sociedade... da própria família... né? que alguns começam a rejeição na própria família... a família quer esconder... não quer... não entende que ele pode se desenvolver... então esse trabalho que a senhora começa... né? essa rede de atendimento que foi se construindo... aqui em Araguaína... a partir da escola Modelo... é um trabalho extremamente importante... eu conheço lá... eu cheguei a acompanhar... em dois mil e dezessete... em dois mil e dezoito... um pouco do trabalho da escola Modelo como técnica do currículo lá da DREA e

eu fiquei fascinada com esse trabalho que a escola Modelo realiza... né? com a criança deficiente... eu fui professora/

ENTREVISTADA: o atendimento que a gente faz... aquele atendimento especializado... individual... porque a gente tem que dar atenção as prioridades deles...

ENTREVISTADORA: sim... sim...

ENTREVISTADA: em cada área... a coisa que eu achava mais engraçado... ().. conheceu a Thelma mais o Wilson?

ENTREVISTADORA: ()... não... de onde?

ENTREVISTADA: a Thelma... ela mora no Setor Brasil... os dois são cegos... eles começaram a namorar lá...

ENTREVISTADORA: na escola Modelo?

ENTREVISTADA: na escola Modelo... aí tinha os intervalos... aí a gente dava o recreio pra eles... ()... aí um dia eu cheguei pra eles... "vocês tão querendo é casar... é?" "professora... a gente tá só conversando..." " pois bora acordar que tem que estudar... tem que aprender... a ler... como é que vocês vão criar os filhos de vocês?" aí fui incentivando eles... né? certo que eles casaram... um casamento muito bonito... eles já tem dois filhos... ele tá fazendo faculdade... eu acho a que até terminou...

ENTREVISTADORA: Wilson?

ENTREVISTADA: é...

ENTREVISTADORA: eu acho que ele faz na UFT... né?

ENTREVISTADA: é...

ENTREVISTADORA: ele faz letras?

ENTREVISTADA: eu não sei se é Letras que ele faz... eu sei que ele estuda lá... estudava... não sei se ele já terminou...

ENTREVISTADORA: muito legal... né?

ENTREVISTADA: e lá na sala () mental leve... lá tem a menina que morava aqui... a Juliana... ela fez o segundo grau aqui... foi pra São Paulo e lá ela fez faculdade... a mãe dela disse que ela tava querendo fazer mestrado...

ENTREVISTADORA: sim... sim... hoje a universidade ela já tem também esse aparato... né? pra atender o aluno deficiente... ainda não está adequada... ainda não é o ideal e ainda é muito excludente... mas hoje já avançou muito... né? esse ingresso de alunos deficientes na universidade... né? professora... e qual é a grande diferença que a senhora vê... e que semelhanças... talvez a senhora encontra... entre esse trabalho... entre ser professora de alunos com deficiência... de prestar esse atendimento especializado e o aluno regular?

ENTREVISTADA: olha... no aluno regular... no ensino regular... a gente sabe que todos eles são normais... entre aspas... né? só que tem deles que é pior do que os que tem deficiência... mas é aquele aluno que move por conta própria... fala o que ele sente... ele fala o que ele pensa... pelo menos a gente tem aquela comunicação... já no ensino especial não... você tem que dar tudo de si... porque ali você é mãe... você é professora... é psicóloga... é médica... é tudo... quando eu trabalhava lá... tinha um caso de um rapaz que namorou com uma menina... e a época em que os homens não sabiam usar camisinha... e a bichinha era de todo mundo e tava podre de doença... e aí esse menino começou a dar febre... os pais dele não moravam aqui... moravam na fazenda... e ele um dia passou uma semana sem ir na escola... aí eu fui atrás... saber o quê que tinha acontecido... porque que ele não tava vindo... aí disse... "professora... eu não 'tô' aguentando caminhar..." "por quê?" "não... não aguento encostar minha perna uma na outra..." "meu filho... o que foi?" "não... eu não sei... começou a coceira e eu não sei o que foi... eu sei que eu não aguento nem vestir a roupa... nem aguento caminhar..." aí eu falei assim... "você já transou com aquela menina?" "já..." "você usou camisinha?" "usei..." "como você usou?" "eu usei... mas no outro dia eu usava e lavava de novo..." eu digo... "ahh... meu filho... já sei o que foi..." aí falei pra ele..." ele quase morre de vergonha e de chorar... "professora... e agora?" "vou avisar pros seus pais..." "não... professora... não pode não... se eles souber... eles me matam..." "mata não... então nós vamos fazer o seguinte... vou levar você no médico... e lá nós vamos conversar... o médico vai passar o remédio... você vai tomar e vai ficar bom..." aí levei ele no médico... cheguei lá quando eu entrei no quarto do médico... lá ele morrendo de vergonha... notando a mão na cara... ()... já tava pra cair as coisas do coitado... de doença venérea que a bicha passou pra ele... né? deficiente... não tem noção... peguei... chamei ela... conversei bastante com ela... falei... "toma vergonha... você costuma andar com todo mundo... como é que você faz isso com o coitado? você sabe que ele não tem o juízo normal direitinho... você iludiu o rapaz..." ele muito bonitinho... então... você tem que ser o que? na sala... você é professora e psicóloga... lá no ensino especial você é professora... é mãe... é psicóloga... é socióloga... é assistente social... é tudo... então você tem que fazer/ dar de si... as vezes até o que você não tem... tirar de onde não tem pra ajudar eles... porque eles precisam do nosso carinho e da nossa atenção... e eles também tem muito a dar pra a gente... eles são muito carinhosos...

ENTREVISTADORA: sim... são... são muito afetuosos... né?

ENTREVISTADA: sim... são carinhosos... são sinceros... quando eles sentem uma coisas... eles falam... também... ()... um simples olhar que vocês olha pra ele diferente... eles já sabem o quê que é... que você tá dizendo...

ENTREVISTADORA: sim... e o quê que a senhora considera que aprendeu... muito... assim... de mais significativo... com seus alunos? como todos eles... tanto os alunos do ensino especial... quanto os alunos do regular... que grande ensinamento esses alunos deram pra senhora? que a senhora olha assim e diz "isso é um aprendizado que eu tive com os meus alunos e que eu carrego pra vida..."?

ENTREVISTADA: primeiro... o respeito... segundo... a confiança... terceiro... a honestidade... pra mim... isso foi que me ensinou... porque você trabalhar com aluno de diversas classes sociais... diversos níveis... não é fácil... mas de tudo que você ensina... você aprende um pouco... a medida que você ensina... você não ensina... você aprende... você não está ali como professora... mas como aluna... pra aprender.. porque a gente aprende muito mais com os alunos... do que a gente ensina... então... conviver com aluno é uma aprendizagem constante...

e que ela não tem fim... e que você leva ela pro resto da vida... porque o que você aprende... você não esquece...

ENTREVISTADORA: sim... sim... professora e já quase encaminhando pra concluir... prometo... eu sei que a senhora já/ já estou tomando muito o seu tempo... mas o quê que significou pra senhora... ser professora da escola pública por vinte e nove anos... a senhora vê o quanto que isso é importante e o quanto que a senhora contribuiu? a senhora tem clareza dessa importância de ter sido professora da escola pública e o quê que representa a escola pública pra senhora?

ENTREVISTADA: pra mim representa tudo... porque eu estudei em escola pública... trabalhei minha vida inteira em escola pública... porque eu estudei em escola particular Batista... estudei três séries... né? três anos... mas o restante foi só escola pública... tudo o que eu aprendi foi na escola pública... então eu aprendi que a gente tem que valorizar aquilo que você tem... aproveitar as chances e não desperdiçar as chances que você tem... porque as oportunidades vem... e as vezes não voltam mais... pra começar... da minha família... o único que... dos meus irmãos... o único formado sou eu... o único formado... e eu só não fiz doutorado também... porque me aposentaram logo... mas o meu objetivo era fazer mestrado e doutorado...

ENTREVISTADORA: bora fazer? dá tempo ainda...

ENTREVISTADA: mas eu tenho vontade de fazer... mas agora eu 'tô' estudando ainda... eu tenho vontade de fazer direito... mas eu 'tô' fazendo teologia agora... mas quando eu terminar teologia... eu vou fazer direito...

ENTREVISTADORA: sim... e aí eu vou então lhe perguntar... já como última pergunta... talvez... como é que tem sido ser uma professora aposentada? como é que a tem sido ser uma professora aposentada? como é que a senhora tem vivido seus dias? como é que a senhora tá lidando com a aposentadoria?

ENTREVISTADA: as vezes é bom você ficar em casa... você tá vendo tudo o que tá acontecendo... tá com a família... mas as vezes se torna uma prisão... porque você fica ali e não tem pra onde ir... você não tem novas amizades... novos conhecimentos... novas experiências... e eu vou te contar o seguinte... quando eu aposentei eu sofri... passei uma semana muito bem... na segunda semana eu digo... "não aguento ficar em casa mais... eu quero ir pra escola..." porque a gente aprende a conviver com pessoas diferentes... diferentes aprendizagem... diferentes níveis de sociedade... né? e assim... é um meio em que você está crescendo... quando você aposenta... todo mundo te taxa de quê? "ah... ali é aposentado velho... aposentou... não presta mais pra nada..." muitas vezes se torna uma pessoa inválida... é porque muita gente aposenta... "ai porque eu aposentei e não vou fazer mais nada..." eu não vou atrás disso... não vou atrás daquilo..." mas aí é pior... eu aposentei e passei cinco anos sem estudar... mas voltei a estudar... 'tô' fazendo teologia... já tem dois anos... e quando eu terminar não pretendo parar não... ()... mas eu 'tô' estudando...

ENTREVISTADORA: eu digo isso também... ((risos)) e como é que a senhora tem ocupado os seus dias agora? já depois desses oito anos... como é que a senhora organiza os seus dias de aposentada?

ENTREVISTADA: como eu sou evangélica... eu gosto muito de ir pra igreja... frequentar... de participar... e eu não trabalho em escola... mas eu trabalho na igreja... trabalho com crianças...

com adolescentes...com adultos... as vezes eu estou dando aula pra eles... dando ensino... dando palestra... as vezes eu estou coordenando... eu não 'tô' parada totalmente... 'tô' parada da área ()... mas da área da palavra de Deus não... e de vez em quando eu sou chamada pra dar estudos... comentários... pra dar... as vezes palestras... as vezes cursos... ()... e assim não paro não... quando eu não 'tô' fazendo nadinha... as vezes eu vou pra rua... passo o dia todinho na rua... andando...

ENTREVISTADORA: ((risos))

ENTREVISTADA: ()... e as vezes até sem precisão... só pra não ficar dentro de casa... essa tal de pandemia... é um castigo... que eu 'tô' sofrendo agora...

ENTREVISTADORA: todos nós... né? estamos sofrendo...

ENTREVISTADA: ()... mas dentro de casa eu 'tô' fazendo o quê? 'tô' lendo a bíblia... 'tô' fazendo culto com os meus filhos... 'tô' cantando hinos... cuidando da casa... fazendo bolo... aprendi fazer bolo quase todo dia... hoje mesmo fiz um bolo e trouxe pra minha neta aqui... então eu não aguento ficar parada não...

ENTREVISTADORA: muito interessante isso... né professora? porque a senhora passou vinte e nove anos... numa rotina fora de casa... mais fora de casa do quê dentro de casa... e hoje a senhora tem que aprender um modo de ficar dentro de casa... né? é um desafio mesmo... né?

ENTREVISTADA: pois é...

ENTREVISTADORA: é um grande desafio... professora... muito obrigada... se eu voltar/ talvez eu ainda vou lhe incomodar outras vezes... mas... é... tudo o que a senhora me contou já me é muito rico... já vai muito ao encontro da história das outras mulheres professoras que... lutas diferentes... mas muitas lutas... todas nós... né? todas elas... e eu quero muito fazer jus q essa confiança... a essa narrativa tão bonita que é a sua vida... que é a sua experiência docente... né que é essa vida dedicada a ensinar e também aprender... então eu me sinto muito privilegiada... muito feliz de poder ouvir a sua história...

ENTREVISTADA: deixa eu te contar uma... ainda não terminei ainda... uma vez eu propus fazer uma biografia... contar a minha história... aí eu passei um ano escrevendo... fazendo os rascunhos... quando eu fui olhar... já tava com ()... eu digo "não... eu não vou mexer com isso não... vou é/ aí eu/ eu relatei desde o dia que eu nasci... da hora que eu nasci... tava tudo 'relatadinho'... mas eu não tive paciência mais de terminar... mas eu contei a minha vida assim... quase toda... eu escrevi um livro... mas acho que não passou da hora ainda não...

ENTREVISTADORA: passou não... isso que eu vou lhe dizer... continue... isso que eu vou lhe dizer... agora que tá na hora de continuar essa história... né? escrevendo... escreva...

ENTREVISTADA: pois é... ()... do que eu vivi... do que eu aprendi... do que eu ensinei... o que eu gostaria de aprender... porque as vezes não dá tempo... porque a nossa vida é muito curta... mas é Deus que tá no controle... né? eu queira agradecer por você ter me escolhido também... e que Deus possa nos dar oportunidade de mais vezes nos encontrar... ()... e no que você precisar de mim... estou as ordens...

ENTREVISTADORA: amém... eu quero muito lhe ver e lhe dar um abraço... né? de agradecimento...

ENTREVISTADA: a hora que você quiser... você liga pra mim... que aí nós marcamos... e vamos fazer aquela 'baguncinha' em casa...

ENTREVISTADORA: vamos... vamos marcar... eu falei pra Antônia que a gente vai marcar um encontro entre nós... assim que possível... quando tudo isso passar... a gente vai se encontrar...

ENTREVISTADA: pois é... esse ano agora... minha colega me convidou ora fazer mestrado com ela... só que depois entrou esse negócio dessa tal de pandemia aí pronto... desmontelou tudo... mas eu tenho vontade de fazer ainda...

ENTREVISTADORA: pois faça... a UFT tem dois mestrados... tem um que é só para professor...

ENTREVISTADA: eu fiz duas pós graduação... fiz uma com a Luiza... né? na área de leitura e produção de texto e fiz outra na área de matemática... avaliação () matemática... eu lá em casa eu tenho duas pastas cheinhas de certificados... de cursos que eu fiz... que eu participei... de treinamentos...

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADA: se eu fosse botar nas paredes de casa... enchia as paredes tudinho... ((risos))

ENTREVISTADORA: muito estudo... né? muita dedicação... com a formação...

ENTREVISTADA: muito estudo... tenho uma mala cheinha de livros... que eu comprava livros e lia... pegava... ()... um armário cheio de livros... fora umas prateleiras... umas caixas... que eu encaixotei um bocado... queimei um bocado ainda... mas... eu gosto de ler...

ENTREVISTADORA: sim... sim... muito bacana... né? eu sou leitora também... tô aqui rodeada de livros e o carteiro pergunta assim... "a senhora lê tudo isso?" porque ele quase todo dia entrega um livro... né? porque com a tese eu tenho que ler... tenho que ter o livro... né? e aí ele fala... "mas a senhora lê tudo isso?" eu falei... "as vezes eu não consigo ler tudo... mas uma parte de cada livro... eu leio..."

ENTREVISTADA: ()... chama a atenção da gente... né?

ENTREVISTADORA: é porque os livros teóricos... nem tudo interessa... né? interessa uma parte... interessa outra... mas o que eu acho interessante é a curiosidade deles... né?

ENTREVISTADA: as vezes um complementa o outro... né?

ENTREVISTADORA: sim... sim... professora... um grande abraço a todo mundo aí na sua casa...

ENTREVISTADA: o que um autor não ficou claro... o outro já esclarece mais...

ENTREVISTADORA: sim... sim...

ENTREVISTADA: pois é... um abraço pra você também...

ENTREVISTADORA: obrigada... agradeça a sua filha aí... a Karine... é? agradeça a ela pelo suporte... a sua neta... muito obrigada... Deus abençoe vocês sempre e que a gente possa se encontrar em breve...

ENTREVISTADA: ok... tu mora na rua Campos Elísios... e qual a casa ali? perto de onde?

ENTREVISTADORA: eu moro na esquina com a antiga Canta Galo... na (...)... é a última casa da Campos Elísios... com a Canta Galo...

ENTREVISTADA: a última casa?

ENTREVISTADORA: é... a que é uma kitnet... do 'seu' Silas... (...)... é casa de aluguel...

ENTREVISTADA: acho que eu sei onde fica...

ENTREVISTADORA: a senhora sabe o Bar Bora lá... do 'seu' Hélio?

NETA: abaixo da Betel... vó... passa a Bebel... a esquina de baixo... na outra esquina é o Bora lá...

ENTREVISTADA: ah... tá... pois é...

ENTREVISTADORA: eu tô pra cima um pouquinho dele assim... na travessa... né?

ENTREVISTADA: ah... pois eu moro bem na rua São Pedro ali... já chegando nos Murades...

ENTREVISTADORA: aham... ((afirmação)) eu não conheço muito bem todas as ruas assim... mas eu sei me localizar bem... já...

ENTREVISTADA: mas tu sabe onde fica o mercadinho do Cazuza... não sabe?

ENTREVISTADORA: sei...

ENTREVISTADA: aquela mesma rua do cazuza... descendo pra neblina...

ENTREVISTADORA: ah... legal...legal...vai ficar fácil achar...

ENTREVISTADA: ((inaudível))

ENTREVISTADORA: tá bom... tá bom... quando tudo isso passar... nós vamos nos visitar...

ENTREVISTADA: ok...

ENTREVISTADORA: pois um abraço... bom final de domingo... muito obrigada...

ENTREVISTADA: tchau... obrigada também...

ENTREVISTADORA: aí esse vídeo vai pro e-mail da sua menina... viu? vai ficar gravado aí pra vocês... tá bom?

ENTREVISTADA: ok...

ENTREVISTADORA: um abraço....

ENTREVISTADA: outro...

TRANSCRIÇÃO – [Marta Francisca Silva Monteiro Leite](#)

ENTREVISTADORA: ()... eu tenho uma grande paixão pela educação... sobretudo... educação básica e pública... e um grande interesse em registrar as memórias das minhas colegas que vieram antes de mim... e que muitas delas contribuíram com a minha formação... e aí então por isso que eu decido fazer essa tese... né? sobre memórias... a princípio eu começo trabalhar com as minhas ex professoras... lá de Araguatins... mas a partir das entrevistas delas... a gente vai percebendo que o trabalho ele ganha outra dimensão... que é... inclusive... construir uma história não... não tradicional da educação no estado do Tocantins... que são o percurso de vocês... as condições de trabalho... as relações... todas essas questões... né? e é por isso que eu começo então a entrevistar professores aqui de Araguaína... e comecei com a professora Antônio... ela que me indicou o seu nome... eu falei... "eu não conheço todas... né? conheço muito pouco... conheço ()... e indique alguém que a senhora goste... que admira..." ela falou... "ahh... sim... vou indicar a minha amiga... Marta... e aí eu chego até a senhora... a nossa entrevista... ela vai passar... assim... de modo fluído... eu não vou ficar/ vou tentar interromper o mínimo possível... mas... me interessa muito três etapas da sua vida... né? me interessa tudo... mas de que forma foi organizada a entrevista? no primeiro momento nós vamos falar da sua formação como aluna... da sua formação básica... depois ... eu quero saber do seu percurso de formação acadêmica e depois da sua experiência na docência... tá bom?

ENTREVISTADA: tudo bem...

ENTREVISTADORA: e aí para iniciarmos... eu preciso que a senhora me diga o seu nome completo... a sua data de nascimento...

ENTREVISTADA: Marta Francisca Silva Monteiro Leite... oito do dez de mil novecentos e sessenta e três...

ENTREVISTADORA: novinha... tá aí na flor da idade... ((risos))

ENTREVISTADA: novinha... novinha... igual eu falo para as minhas colegas... "é só a embalagem..." () ...

ENTREVISTADORA: é... mas que bom que foi uma energia gasta na formação de tanta gente... né?

ENTREVISTADA: eu digo assim... mas é sem nenhum ranço... digo assim... sem nenhum ranço... fiz e parei... porque tem que parar mesmo... a gente tem família... tem outros projetos... né? ()...

ENTREVISTADORA: então professora... me conte... vamos começar lá pela sua experiência como estudante... né? e me conte como a senhora/ a senhora se recorda de como a senhora aprendeu a ler? onde? com quem? como aprendeu a ler?

ENTREVISTADA: eu comecei em casa... com a minha tia... Maria das Graças Silva... ela tem uma história de vida maravilhosa... não quero fugir da minha pra dela... mas ela nasceu com hidrocefalia... que naquele tempo não tinha diagnóstico... ela ficou nove anos sem andar... depois de nove anos ela passou a andar... só mesmo com fé... remédio casei e etc... né? depois que ela conseguiu andar... depois de nove anos ela foi pra escola... aí fez o antigo magistério... né? o bem mais antigo... o tradicional mesmo... depois ela fez concurso... ((inaudível)) ela conseguiu uma nomeação e trabalhou durante vinte e cinco anos... puxando de uma perna... a cabeça um pouco grande por conta da hidrocefalia que até então ninguém sabia o que era... né? e canhota... né? com as suas deficiências... né? ela venceu seus vinte e cinco anos de sala de aula... então lá na rua... ela () não só a mim... quanto a todos os meninos da rua... e mesmo depois que ela tava na docência... todos os meninos da rua iam lá pra fazer aula particular... () particular... né? com ela... e se ela soubesse de algum aluno... de algum menino que chegou na rua... que não tava matriculado... que não tinha cartilha de ABC... que não tinha caderno... que não tinha uniforme... ela ia atrás e encaminhava pra escola... então tem muitas histórias de ex alunos... de pessoas... da nossa rua que ela encantou com a história que ela () durante vinte e cinco anos... e eu também fui uma dessas... que ela comprou a cartilha de ABC... caderno e lápis... ia mostrando as letras... chamando de um por um... "que letra é essa?" cortava o papelzinho ali redondinho colocava uma letra... pra a gente dizer... só que não tinha palmatória... a minha tia não tinha palmatória não... e assim... quando eu fui pra escola... em mil novecentos e setenta e seis... eu já sabia de um a cinquenta... já conhecia as letras... né? e () também... e aí fomos pra escola que pública... fizemos/ foi no ginásio Gonçalves Dias... no Gonçalves Dias... que eu fiz de primeira a quarta série... depois fui para o ginásio Gonçalves Dias... e do Gonçalves dias fui para um outro...

ENTREVISTADORA: aonde foi isso? aonde era que você morava?

ENTREVISTADA: Caxias... Maranhão...

ENTREVISTADORA: Caxias... Maranhão...

ENTREVISTADA: Caxias... eu sou um dos inúmeros maranhenses que vem pro Tocantins... ((risos))

ENTREVISTADORA: que legal...

ENTREVISTADA: por conta de 'enes' condições... de muita coisa... né?

ENTREVISTADORA: e quando a senhora vai pra escola? - cortou aqui pra mim... a senhora ia falar... mas cortou aqui pra mim... eu lhe interrompi... -

ENTREVISTADA: qual a pergunta?

ENTREVISTADORA: antes de eu começar a fazer a pergunta... a senhora tava falando e eu lhe interrompi... porque travou...

ENTREVISTADA: e eu não lembro mais... foi a questão da escola... né? Gonçalves Dias... e tudo... paramos aí... eu acho... a minha tia... eu fui pra escola já alfabetizada... né? essa minha tia () aposentou depois e ainda é viva... só que por conta do sessenta e sete anos... né? as deficiências que não foram curadas lá atrás... né? ela pesaram um pouco mais por conta da idade... né? hoje já é cadeirantes... e tudo... ela teve problema de uma amnésia... né? por conta da cabeça... né? a água tomou conta e tudo... nós fizemos um tratamento... ela conseguiu perder o líquido... mas como não usou a válvula lá atrás... né? então nesse processo agora as memórias dela acabaram... a gente fala com ela... ela sorri e tudo... e as vezes ela lembra de alguma coisa e comenta... mas muita coisa apagou... mas ela tá bem... () essa questão da memória... e ela não conseguir andar mesmo... ela tá bem... assim... aparentemente ela tá bem...

ENTREVISTADORA: hoje ela não anda mais? voltou a não andar?

ENTREVISTADA: anda não... anda não... e assim... algumas coisas ela esqueceu... por conta da hidrocefalia... mas no geral...

ENTREVISTADORA: lapsos de memória... né?

ENTREVISTADA: é... memória...

ENTREVISTADORA: mas que história incrível... né?

ENTREVISTADA: aí quando eu 'tô' lá... eu converso... " eaí... Maria..." chamo de Maria... "eaí... Maria... vamos cantar aquela musiquinha..." aí ela canta... e na igreja... () ... se você... sabe... lembrar... puxar um pouco da memória... ela lembra... ela participa... mas tem vezes que... na hora que sai dali ela já não lembra mais de nada... né? mas a minha tia pra mim... e pros meus seis irmãos... nossa referente de professora e ela... antes sala de aula... antes de ir pra escola mesmo propriamente dita... Maria das Graças... e assim... na minha rua e no meu bairro... todo mundo... "ahh... a professora Graça... já estudei com ela... ela me deu uma () de ABC... me deu o livro tal..." ela tem um repertório assim muito rico nessa questão de ter levado as pessoas pra escola... alfabetizado em casa e etc...

ENTREVISTADORA: que grande mulher... né? que grande mulher...

ENTREVISTADA: grande mulher... e pra igreja também... ((inaudível)) tudo ela levava a gente... ela que rezava o terço... fazia as novenas... a gente ia com ela e tudo... era a minha terceira mãe... né? porque tinha a minha mãe... a minha avó também que fez essa parte... e minha tia... então... na questão escolar... na questão religiosa... eu agradeço muito a minha tia...

ENTREVISTADORA: que legal... que legal... e quando é que a senhora vai pra escola?

ENTREVISTADA: aí eu fui... primeiro... além dessa... além desse começo em casa com a minha tia... né? da minha rua tem ainda a União Feminina de assistência social... é como se fosse uma ONG hoje... né? nesse tempo era/ se naquele tempo houvesse ONG... diria que lá era uma ONG... é de umas irmãs... uma família de etnia negra... que sempre/ abriram essa união feminina de assistência social formada só por mulheres negras... né? e elas alfabetizaram... abriram essa escola... então lá o quê que tinha? lá era usado pra reunião do presidente do bairro... mas o foco era a alfabetização de crianças e adultos... tanto é que durante o dia... tinha a questão da primeira a quarta série... as séries iniciais e à noite era Mobral... antigo Mobral... minha mãe trabalhou dando aula no Mobral lá também... eu ia com minha mãe pra lá... então ()... se hoje em dia fosse catalogar... eu dizia que era ONG... ainda existe lá... já morreu a dona... depois a filha da dona... mas os netos continuam... a União Feminina de assistência social... então nós fomos pra lá... né? fazer uma parte da cartilha de ABC também... né? e de lá nós fomos pro Gonçalves Dias...

ENTREVISTADORA: que memórias que a senhora tem dessa escola? desse primeiro/ nessa primeira escola?

ENTREVISTADA: nessa primeira... eu lembro daquele pé de tamarindo... gente do céu... na hora que batia o sino... a gente ia pro recreio... cada um pegava um rebolo... uma tábua... qualquer coisa pra derrubar tamarindo... levava sal de casa pra comer com tamarindo... ((risos)) fora o tamarindo também... as janelas... () ... sempre que eu vou lá... tenho até fotos... que eu

fiz uma retrospectiva da minha caminhada... por todos os/ tenho até foto... tenho muitas fotos... mostrei pros meus filhos... aí o tamarindo... a questão daquelas janelas assim... que só existe lá... aquelas janelas... aquele quintal... e à noite... na parte do Mobral... eu lembro que a minha mãe ficava numa sala do Mobral e na outra sala era do supletivo... aí tinha um rádio... eu nunca esqueci aquele rádio... na hora da aula no rádio... não sei se ainda tem o supletivo do rádio a noite... não sei se ainda existe... aí dona Maria Nunes que era professora do supletivo... ela ligava o rádio todo mundo abria aqui o caderno... os adultos... eu ficava lá olhando... "gente... mas que bom... olha o rádio... () um rádio..." a professora com o livro lá aberto e eles ouvindo... eu nunca esqueci aquele rádio... e aquela turma do supletivo... aí na turma de cá... na sala da frente... a minha mãe ficava com o Mobral... aí nós íamos com a mãe à noite... nós ficava lá na sala do Mobral... ficava brincando lá no pátio... tudo... pra voltar com a minha mãe... então aquela escola... aquele pé de Tamarindo... aquele rádio... tudo ali naquela escola ali... toda vez que eu vou em Caxias... eu vou () as pessoas que ainda existem... né? ((inaudível)) as vezes eu até entro... entro lá... a mesa ainda continua a mesma... a janela... sabe? a memória... continua lá... já a segunda escola... a Gonçalves Dias... que eu fiz de primeiro a quarta série... eu vivi um momento ímpar que eu acho que em lugar nenhum não existe não... como esse... igual aconteceu conosco... Gonçalves Dias você entrava... e as duas salas laterais e depois abria pro pátio... né? aquele pátio enorme... aí de um lado do pátio... tinha umas oito ou nove sala de aula e do outro também... aí lá no final... Érica... era a sala que eu estudava... né? a primeira série... quando eu fiz a primeira série... e era duas escolas em uma... tinham duas diretoras... era o Gonçalves Dias... o lado da meia branca e o da meia preta ... eu era o da meia branca... lá era duas escolas... com duas diretoras... só que um lado era meia branca e o outro era meia preta... ninguém se encontrava ()... o nosso recreio era igual o deles... mas na hora do recreio a gente nem falava com eles... eles eram inimigos... na hora de ir pro banheiro... a gente se encontrava no banheiro ((inaudível))... era poucos alunos da meia branca e da meia preta que tinham contato... eram duas escolas... eram pra ser separados... pra ninguém...

ENTREVISTADORA: e por que essa divisão?

ENTREVISTADA: eu não sei... eu já cheguei e já encontrei essa divisão... meia branca e meia preta...era um prédio pra duas escolas Gonçalves Dias... era G1 e G2... Gonçalves Dias 1 e Gonçalves Dias 2... e eu não sei por que eles adotaram... não sei se era questão da ditadura... ou se era questão de ter duas escolas numa só e a gente não poder ter esse contato... no recreio ficava os meia preta pra cá e os meia branca pra lá... poucos se misturavam... até colega minha... vizinha minha...

ENTREVISTADORA: no meia preta eram meninos e meninas e no meia branca?

ENTREVISTADA: também... era uma escola normal... meninos e meninas... diretora... coordenadora... tudo direitinho... era uma escola do lado esquerdo e uma do lado direito...

ENTREVISTADORA: e funcionavam... as duas ofertavam as mesmas séries?

ENTREVISTADA: as duas as mesmas séries... de primeira a quarta série do lado da meia preta... de primeira à quarta série/ [

ENTREVISTADORA: [e quais eram os critérios de matrícula... a senhora lembra?

ENTREVISTADA: o mesmo... como se fossem duas escolas... aí quando você ia se matricular você dizia... "eu quero meu filho na meia preta..." aí você se dirigia a diretora da meia preta... fazia a matrícula... tudo bonitinho... aí você só escolhia... mas era o mesmo regime... era claro essa ideia de que não devia se misturar... e aí algumas vezes... quando... por algum motivo a meia preta saía primeiro... raramente... aí nós da meia branca... passava assim pelo muro... escondido... pela parte que dividia... olhava as carteiras... e as mesas... () ... parece que era outro mundo... era carteira... mesa... quadro... giz... igual o nosso... mas nós tinha a curiosidade de adentrar até a meia preta pra ver como era lá...e eles também... mas só que... acho que a meia branca era mais assim... audacioso... né? pra () lá... chegar lá e ver como era que funcionava...

ENTREVISTADORA: tinha... a senhora percebia se tinha uma divisão de classes? se uma tinha mais alunos de classe média... classe alta... ()...

ENTREVISTADA: não... não... não... até que não...

ENTREVISTADORA: era aleatório?

ENTREVISTADA: aleatório... ((inaudível)) tanto é que quando eu fui pra quinta série... antiga quinta série... eu fui pra escola particular... porque a minha cidade não oferecia escola pública de quinta a oitava série... aí então como já tinha essa segunda opção... todo mundo era misturado mesmo... o Gonçalves Dias era bom... porque era bem centralizado... né? era seguro... e tinha outro... de primeira a quarta série... era longe... ()... morávamos próximos ao Gonçalves Dias íamos pra lá... ()... era carente... tanto que quando nós acabamos... fizemos a quarta série lá no Gonçalves Dias... ficou a pergunta... vamos pra onde agora? não tinha de sexta/ de quinta a oitava... né? e aí... a solução foi uma estratégia que hoje tem... só que de outra forma... mas quando eu vejo hoje falar em bolsa de estudos lembro da gente... aí tinha aquela bolsa de estudos do MEC... que eu não sei como era que funcionava nesse tempo... aí minha avó... que sempre foi guerreira... amarrava aquele cabelo dela assim... vestia aquela saia de sair pra resolver as coisas... quando eu faço isso também... porque eu sou muito a minha avó... me deixei levar muito pelas atitudes dela... "vou já resolver isso aqui... vou já falar ()... e vou pedir uma bolsa pra vocês..." era o vereador Antônio Costa... ((inaudível)) aí ela chegou no 'seu' Antônio Costa e falava com ele... "olha... meus netos vão passar pra quinta série agora... não posso pagar escola... me arruma uma bolsa de estudos..." ()... (não sei qual era o critério que essas pessoas tinham acesso... se essas bolsas vinham do MEC pra essas pessoas...) eu nunca fui atrás... ()... me incomoda isso... aí quando pensa que não... lá vem minha avó... com essas três bolsas... ((inaudível)) e minhas duas irmãs... só que a bolsa era como se fosse assim... uma garantia da bolsa... né? aí a gente pagava... ((inaudível)) aliás... março... abril... maio... lá pra julho vinha o dinheiro da bolsa... esse dinheiro que eu não sei bem qual era o critério... aí como a gente fazia... quitava os meses... de junho até dezembro... ((inaudível)) mas muitas vezes... nós atrasávamos a mensalidade... claro... né? seis filhos... uma mãe viúva... e tanto problema... e aí nós entrávamos na escola e aí era um problema... porque tínhamos que apresentar o carnê... muitas vezes... que a questão faz parte do burlar... faz parte da vida do adolescente... né? e a necessidade então... então muitas vezes eu chegava primeiro e já sabia que não ia entrar... porque não tinha pago a escola... e não tinha chegado a bolsa... né? e aí eu ficava na janela... né? que era só uns janelões assim... ((inaudível)) ainda hoje eu passo lá e vejo janelões... quando eu vou em Caxias é uma volta ao passado... tiro fotos e tudo... aí a minha colega falava assim... "Marta... pega aqui esse carnê..." e me passava pela janela um carnê... tudo amarelinho... né? a pessoa que ficava lá pra barrar nem olhava o nome... né? eu dizia assim... "olha aqui o carnê..." ((inaudível)) tava tudo pago... pago... o carimbo... né? ela via só o carimbo... mês de Março... pagou então entra... muitas vezes eu entrei com o carnê da minha colega... ou de alguma outra colega que tinha pago... eu mostrava o carnê e ela dizia... "entra menina..." aí o meu tava aqui na bolsa sem pagar... né? aí quando o dinheiro da bolsa chegava... eu não sei se junho... as vezes... ((inaudível)) aí o dinheiro vinha não sei pra onde... não sei pra quem... não sei qual era o critério... aí pronto... quitava todinho... aí nós respirava e estudava o ano todinho... isso sem falar que o uniforme também era tudo doado... né? e meu pai morreu eu tava/ eu ia pra quinta série... meu pai morreu de acidente e deixou seis filhos... e aí a irmã dele que também é professora... ((inaudível)) de Caxias... era a professora Luiza Monteiro... ela é demais... ela tem quase/ ela tem oitenta anos... e aí tia Leó tinha onze filhos... olha... e desses onze filhos... acho que uns cinco ou seis tava nessa escola que eu fazia a quinta série... eu fui pra lá por intermédio dela... né? e aí elas iam deixando o uniforme e ia passando por nós... né? então eu usava o uniforme dos meus primos... aí minha mãe ia em Teresina... na casa de minha outra tia que tinha onze filhos também... olha só... tudo com onze... trazia uns kichute... as meias... sabe? as compras... as coisas... a gente/ nós fizemos o fundamental () maior foi assim... os uniformes

que eu usava lá no Gonçalves Dias... no primário... a minha avó falava assim... "esse tecido é mescla..." não sei se ainda existe esse tecido... parece uma viscosa... só que é pesadão... né? era cheio de preguinhas... né? naquele tempo da ditadura era pregas... tinha o cós e tinha as preguinhas... era blusa de () e o bolso aqui... () porque eu era meio branca... né? ((inaudível)) e aí ela conseguia com as irmãs do hospital... ela trabalhava no hospital... naquele tempo o hospital... além de ser particular... as irmãs tomavam de conta... né? as irmãs... ela sempre falava na irmã ()... ((inaudível)) aí quando os vestidos das irmãs já estavam mesmo () trocar de roupa... né? ()... elas davam pra mina avó... a minha mãe desmanchava e fazia uniforme... e nós usamos os quatro anos esses uniformes... ((inaudível)) que eu não sei nesse se esse tecido ainda existe... continuava e não rasgava não... a minha avó passava ali no ferro as preguinhas... quando a gente pulava elástico... ôô mais pular elástico é bom demais... chega a sainha subia... umas das melhores lembranças que eu tenho era quando terminava a aula mais cedo que a gente ficava lá fora pulando elástico... na calçada da escola... a gente levava elástico escondido... nas coisas... pra pular elástico... as vezes até corda... quando a gente atrasava a mãe dizia... "demorou por quê?" a gente dizia... "não mãe..." ela dizia assim... "eu sei que vocês 'tavam' pulando elástico ou pulando corda... ((risos))

ENTREVISTADORA: brincando... olha que coisa boa... eu também brinquei muito de corda e de elástico...

ENTREVISTADA: eu lembro do elástico... eu lembro da corda... aquele pirulito enrolado no papelzinho branco... raramente eu tinha dinheiro pra comprar um pirulito daquele... raramente quando a gente conseguia com um tio meu que raramente vinha por lá... era uma maravilha... comprava aquele pirulito lá da meia preta... era da meia preta... o pirulito era do lado de lá... mas a gente podia comprar... o sorvete de hoje era um sonho... então eu sempre digo... "olha gente... na nossa infância... na nossa (educação) nós fomos muito felizes... apesar de não ter quase nada..." mas tudo o que nós tínhamos... quando nós conseguíamos era um troféu e era com muita luta e tudo... mas... fomos felizes e nós sabíamos que éramos felizes...

ENTREVISTADORA: que coisa boa... e com relação a metodologia e a disciplina nas escolas que a senhora estudou... como era? tinha castigo? como é que era?

ENTREVISTADA: tinha castigo... tinha palmatória... tinha uma professora lá que todo mundo rezava na terceira série... pra na quarta série não ir pra sala da dona Jesus... que além de ela ser muito rígida... na palmatória doía mesmo... caía era com vontade... aí todo ano a gente passava e via os meninos todos chorando... já assim roendo a unha... ((inaudível)) aquela coisa... quando ela chegava na sala todo mundo quietava... ainda bem que eu não fui pra sala da dona Jesus... Deus me livrou dessa... ((risos))

ENTREVISTADORA: a senhora se lembra mais ou menos qual era o ano?

ENTREVISTADA: deixa eu ver... setenta e seis... sete... oito... foi em setenta e nove... que eu comecei em setenta e seis... né? foi em setenta e nove... eu comecei em setenta e seis a primeira série... aí terminei... seis... sete e oito... foi...

ENTREVISTADORA: e era só essa forma de castigo ou eles usavam outras formas de castigo?

ENTREVISTADA: não... era... uma das formas era a questão da palmatória... né? e também quando acabava o recreio... se ficasse alguém lá no recreio... de não tivesse todo mundo na sala e alguém visse .. ia lá pra sala da diretora... a gente ficava só lá de pé... as vezes lá... eles conversando... ()... sem assistir aula... as vezes eles esqueciam do castigo da gente aí diziam... "não... vai pra sala... já tá bom..." mas a gente ficava só em pé ali... não tinha nem punição... boa fazia tarefa... nem nada... ()... se dissesse assim... "fulano foi pra secretaria..." pense... quando a gente voltava de lá... o ruim não era pra secretaria... era voltar de lá e os outros ficarem dizendo assim... "ahh... foi pra secretaria... né? só quer se a santinha... e foi pra secretaria..." uma vez eu fui injustamente... eu nunca esqueci... porque eu tenho o sangue assim... quente... que eu não gosto de injustiça... vivo comprando briga dos outros... tomando partido... quando eu sei que a pessoa tem razão e eu também... essa foi minha marca... no tempo da educação

todinha... fui a cricri nesse sentido... né? injustiça... e aí uma vez eu fui no banheiro... e eu não sei como eu... senti vontade de ir assim quase no final do recreio... era ia ou não ia... quando eu ia saindo... voltando do recreio tava todo mundo na sala... mas eu tive que ir... () aí dona Celeste vinha... que era nossa diretora.. - ainda hoje é viva... sempre visito ela lá em Caxias... - a dona Celeste vinha assim da secretaria... e disse assim... "ei... você... o quê que você faz aí no corredor? ora secretaria agora..." ah... mas eu fiquei ruim... fiquei com depressão... porque eu nunca tinha ido... eu nunca dei motivo... mas nesses dia eu fui... mas aí eu não ia abrir a boca e dizer assim... "eu fui... porque eu senti vontade de ir ao banheiro... e tava no recreio e eu não tive como segurar... né?" eu não tinha esse/ diálogo zero... aí eu fiquei na secretaria... só pensando... quando eu voltar pra sala... porque eu era tida como a cdf... a quietinha... tudo... mas ir de repente pra secretaria... pra eles foi assim um... troféu... "ahh... a Márcia foi pra secretaria... ela só quer ser a tal..." não é que eu queria ser... é que esse é meu perfil... né? e aí eu fui zoada... como dizem os jovens hoje... por muito tempo... né? depois passou... e eu fiquei com raiva da dona Celeste... eu vim falar com a dona Celeste depois que eu tô aqui em Araguaína... ((risos))

ENTREVISTADORA: ficou o trauma... né?

ENTREVISTADA: eu visito ele... ela tem uma loja que vende terço... bíblia... só coisa de igreja... né? um dia eu fui lá e falei... "vixi... vou ter que falar com a dona Celeste... né? já passou tanto tempo e eu vou ter que comprar..." e tava o filho dela que estudou comigo... o João Vicente... né? ((inaudível)) aí e cheguei... falei e abracei... parece que sarou nesse dia... parece que sarou... aí quando eu vou lá agora... entro lá... converso com ela... com o filho dela... e tudo... mas doeu porque eu fui injustamente... mas eu não podia dizer... diálogo zero... né? não tem como...

ENTREVISTADORA: e como era a rotina na sala de aula? de vocês... que tipo de atividades... de metodologia... como era que vocês aprendiam? e como eles ensinavam?

ENTREVISTADA: primeiro tinha a () lá fora... né? lá fora quando chegava tinha uma () pra cantar... as vezes só pra rezar... mas tinha () todo mundo... aí ia pra sala... né? aí tinha a dona Maria das dores e tudo... ()... eu lembro da minha primeira fase assim muito parada... eu lembro da gente chegando... fazendo ali a chamada... indo pro quadro... a gente abria o livro e não tinha muito () não... muita conversa não... quem não trouxesse a atividade era punido e tudo... o que eu lembro de bom mesmo era que... [

ENTREVISTADORA: [tá travando... eu vou fazer assim... eu vou desligar a minha câmera... pra ver/ a senhora tá usando a internet do celular ou é móvel?

ENTREVISTADA: é móvel...

ENTREVISTADORA: mesmo assim... a senhora se incomoda se eu desligar a minha câmera pra ficar mais maneira a internet? a senhora não vai ficar me vendo... mas vai ficar me ouvindo... tá?

ENTREVISTADA: tudo bem... sem problemas...

ENTREVISTADORA: tá... sim... pode continuar... que eu lhe interrompi...

ENTREVISTADA: aí tinha a dona Ione... que era professora... como se fosse educação física... né? na sexta feira... na parte da tarde... tinha uma recreação... né? aí quando a dona Ione vinha com aquelas bolas enormes pra a gente fazer aquela brincadeira que era... ficava todo mundo passava a bola debaixo da perna... passava por baixo da perna... aí o último levava a bola pra frente... tudo... aquela coisa toda... então o momento que eu gostava mais... era quando a aula da dona Ione... não sei se era na sexta... era só bola mesmo... bola... pega... uma brincadeira assim... mas era como se fosse uma recreação... né? uma educação física... alguma coisa... aí um certo dia... eu sei o porquê... além da recreação... a dona Ione trouxe um bocado de refrigerante... pirulito... não era nem comemoração não... aí depois da educação física todo mundo foi tomar refrigerante... que naquele tempo refrigerante... você sabe... né? que era raro... e tudo... aí... eu lembro da dona Ione... a dona Neuza... lá na primeira série... ela marcou

também... meiga... doce e tudo... e levava atividade... ela dava o visto... sempre com sorriso... dona Neuza... ela ainda é viva também... foi minha primeira professora na primeira série... mas no geral era aquela coisa assim mesmo... sentar... fazer... levar pra corrigir... trazer no outro dia...

ENTREVISTADORA: copiar do quadro...

ENTREVISTADA: copiar do quadro... e tabuada em casa pra acertar... aí as aulas... o que mais me chamou atenção foi mais a questão da dona Ione... a dona Neuza... que fazia a mesma coisa... () fazia com uma certa afetividade... tudo... algo mais suave... aí lá na quarta série... a dona Maria Elvina... não sei se era artes que chamava nesse tempo... educação artística... não sei... sempre as sextas feiras ela levava assim... umas tesouras... uns lápis coloridos... a gente levava um caderno de desenho... e aí ela levava as gravuras... a gente recortava e colava... eram diferentes as aulas dela... então essas aulas eu lembro mais assim como se fosse hoje... mas em relação a língua portuguesa... o restante... eu lembro aquela coisa assim mais ficante... que chegava... tinha que fazer... fazer ditado... ia pro quadro e tudo... sabe? tipo uma obrigação... essas que eram assim bem mais... digamos que light... são as que marcaram mais... a gente gostava mais... "ihh... lá vem dona Maria Elvina... ihh... lá vem dona Ione..." a gente ficava tranquilos... "oba... hoje vai ser diferente... hoje a gente vai sair daquela mesmisse..."

ENTREVISTADORA: e o ensino médio... como foi?

ENTREVISTADA: o médio... o médio foi no colégio Castinhense... outra escola particular também... porque quando eu fui pro colégio Castinhense... lá tinha uma outra... Aloísio de Azevedo... só que era muito longe... tinha que atravessar a cidade pra chegar lá... então não tinha como... eram duas irmãs... ir pra lá... nós tínhamos a () de ir pela ponte que era longe... mas era mais seguro ou travessarmos pela canoa... chegava lá e dizia... "ei canoeiro..." ele vinha... você pagava um centavo lá e atravessava pela canoa... se fosse pela canoa... você já saía no fundo da escola... sabe... aí por conta dessa dificuldade... a minha avó dizia... "não... vocês vão pra Castanhese... vocês vão de novo pra particular e eu vou ter que correr atrás da bolsa... e aí foi o mesmo esquema de você ter a bolsa... ir pra lá... e do Colégio Castanhense eu gostei demais... foi maravilhoso..."

ENTREVISTADORA: e qual foi o médio? foi magistério? qual foi o curso que a senhora fez no ensino médio?

ENTREVISTADA: eu fiz... a gente fazia o básico primeiro... né? o científico... né? o básico... depois que ia pro magistério... aí eu fui pro magistério... né? o básico foi bom demais... todo mundo junto... né? que era todo mundo... aquela animação... né? muitos casos... muitas coisas... mas era uma sala animada... bem interessante... quando foi pro magistério... só mulheres... né? pra variar... né? aí no magistério era aquela coisa pesada... tradicionalzona mesmo... nossa professora de currículo era a mesma de didática... que era a mesma de metodologia... um bocado de coisa... numa pessoa altamente... ainda hoje ela... ((risos)) acho que hoje ela tá mais tranquila... altamente que você não podia nem se virar de lado que ela já tava brigando...

ENTREVISTADORA: rigorosa?

ENTREVISTADA: Jesus Pereira... dona Jesus Pereira... rigorosíssima...

ENTREVISTADORA: mas não era a Jesus lá do começo não... né?

ENTREVISTADA: não... não... Jesus Pereira... essa era outra Jesus... essa era Jesus Pereira... e aí ela dava metodologia da ciência... metodologia sociais... só não metodologia da matemática... porque já era a dona Teresinha... que também era dura... ((inaudível)) quando ela conseguia sorrir... ela era suave... mas a Jesus Pereira... era dura o tempo todo... e pegava quatro disciplina lá... a gente não tinha a possibilidade de sair da Jesus... era currículo... didática... metodologia dos estudos sociais e ()... quatro só com a Jesus... Jesus chegava e escrevia... e exigia... a gente copiava e se conversasse a gente chamava a atenção e tudo... uma vez... eu lembro que uma colega minha foi entregar uma atividade pra ela e escreveu a palavra superstição... errada... né? esqueceu o 's' depois do 'r'... ela chamou todo mundo ao quadro pra

escrever a palavra superstição... pra saber quem era que ia escrever correto... todo mundo foi... por conta de uma todo mundo pagou... todo mundo foi pro quadro escrever... escrever... escrever... até escrever certo... isso era o de menos... sempre tinha...

ENTREVISTADORA: e era um tipo de castigo também... né?

ENTREVISTADA: castigo... castigo... a gente já no ensino médio... mas ela era muito bruta e não aceitava um sorriso... uma alegria... acho que ela era fechada... () mal com ela mesmo e a gente pagava o preço... aí nós fazíamos aqueles cadernos de desenhos... porque ela usava aqueles cadernos de desenhos... né? metodologia da ciência... de acordo com o objetivo lá... você tinha que colocar as figuras... os objetivos lá... tinha que ter a margem direitinho... aí durante o ano além das provas e do trabalho tinha que entregar esses trabalhos pra ela... tipo um álbum né... um caderno de ciências ali... ((inaudível)) com as metodologias tudinho... raramente alguém tirava oito... por que você fazia margem... colar figura... colocava em artigo geral... artigo específico... metodologia... aquele monte de coisa... pra poder apresentar pra ela... sendo que eu já fiz aquilo lá na matéria didática... não fui pra sala... (...) era repetidas sabe... uma coisa repetida várias vezes... eu nunca me identifiquei com essa questão de fazer () reta... de pintura de colagem... eu detesto isso... sempre a minha irmã fazia o meu e o dela... (inaudível)... ela que fazia minha irmã... minha irmã fazia margem nos meus caderno de desenho tudinho... pregava minha figuras... ((inaudível))... ai como ela fez magistério junto comigo... minha irmã... ((inaudível))... na faculdade... estamos juntas o tempo todo... essa parte -quando era aquela prova de desenho geométricos... tinha aquele negócio de compasso não tinha aquilo dali-... ai eu trocava fazia receber a prova e não colocava o meu nome... na hora que a minha irmã fazia a dela... eu dava a minha pra ela... eu não sabia pega nem no compasso... acho que ainda hoje eu não sei lidar com compasso...

ENTREVISTADORA: só a afinidades né?

ENTREVISTADA: nós tinha que passar por isso né...

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADA: habilidades eu nunca tive... eu nunca tive (inaudível) mandasse fazer uma redação um texto alguma coisa... eu trabalho só com letras com palavras... mas com desenhos com linha reta... com tudo... não me identifico não... e aí a minha irmã fazia a minha e a dela... e a de Jesus sofria comigo... porque eu sempre fui assim... de conversar muito... de sorrir... sabe? eu não sei assim... sabe... me fechar e fingir que eu 'tô' bem... que eu não 'tô' bem não... ela dizia assim... "Marta... tu sossega... Marta... que parece que tu não sei o quê..." eu... "ôôô professora... desculpa..." e ficava ali quietinha... vontade de sorrir tão grande e não podia... Jesus Pereira... todo mundo lá em Caxias... quem passou pelo magistério... falava assim... "Jesus Pereira ali só Deus mesmo... porque ali..."

ENTREVISTADORA: temida por todos?

ENTREVISTADA: temida por todos... ((inaudível))... lá... lá na minha cidade... vou te contar essa história que eu contava pros meus alunos... né? lá... ou você fazia magistério e ia tentar trabalhar nessas escolas particulares aí... maternal... ganhando uma mixaria... ou você ia esperar um concurso pro município... de alguma forma... ()... ou arrumar uma nomeação pro estado... né? nomeação... né? porque o concurso é de oitenta e oito pra cá... né? ou então você ia casar... ou então você fazia contabilidade... eu falava pros meus alunos... "você ia casar... ia ter filhos e ia morrer de fome... porque contador mesmo... com ensino médio... o quê que faz? o quê que ganha?" ia trabalhar numa loja... tipo uma Paraíba da vida .. né? Paraíba... Pernambucanas...

ENTREVISTADORA: apesar desse contexto e desse destino que parecia já estar determinado... né? socialmente... a senhora tinha perspectiva? () ...

ENTREVISTADA: eu sempre dizia que eu ia sair da minha cidade... que eu não ia casar e ter filhos... que eu não ia ficar no balcão do Paraíba... e que eu ia atrás de uma nomeação ou de um concurso... caso eu fosse magistério... mas eu não ia aceitar aquilo ali... tanto é que nessa questão da vida profissional como pessoal... adolescência e tudo... namorando e tudo... eu...

muitos... como era o costume da época... "vamos casar? vamos ficar aqui..." ... "casar? eu? eu não nasci pra casar sem emprego não... sem tá pronta pro mundo não... ficar sendo () do marido não..." então... as minhas amigas... a maioria que não tiveram coragem... não saíram... que ficou lá... foi essa perspectiva... algumas fizeram curso superior e depois concurso... né? apesar de já estar um pouco mais com a idade avançada... mas... em relação ao tempo que formou... o tempo que realizou isso... né? tanto é que quando eu vou lá eu fico me perguntando... "meu Deus... o quê que foi feito com as meninas... envelhecidas... acabadas..." a qualidade de vida... né? a forma como a vida foi conduzida... né? e aí não teve/ não tem como ficar bem... né? ()... agora não... Caxias de uns dez anos pra cá Caxias tá bem... a questão do empresariado... né? e tudo... é uma cidade alta... cidade baixa... mas fora essa questão do empresariado... o que mudou foi o concurso... né? que realmente apareceram e quando faz chamam, né? eu fiz dois concursos lá em noventa e dois... daí eu voltei pra cá... porque a família Sarney ali era terrível... né? uma marca... de atraso... no Maranhão... e aí não tinha perspectiva... tanto que a maioria das minhas amigas estão... ou em Brasília... tem uma que tá em Florianópolis... que a gente sempre conversa... a maioria saiu... desse ensino médio... e as lá do tempo também lá do fundamental maior... não estão em Caxias...

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADA: () ... as possibilidades mudaram... né? as oportunidades... não muito... né? ainda tem um pouco assim... de vislumbre... uma perspectiva... ()... ((inaudível)) minha irmã veio... depois eu vim... ((inaudível)) eu sempre falo que eu só não trabalhei com presidiário... porque essa minha primeira experiência... lá na cidade de (Aldeias) altas... próximo de Caixas... eu trabalhei com os filhos dos piões... () uma empresa... Costa Pinto... agroindustrial... né? que ela fazia - ela foi reativada... ela faz... - álcool... né? produzia álcool... né? então eles plantavam álcool na cidade de (Aldeias) altas... produzia e levava pra Pernambuco... que era de Pernambuco o dono dessa empresa... né? a Costa Pinto agroindustrial... de manhã e à tarde eu trabalhava com a segunda série... segunda série... de manhã e de tarde trabalhava com os filhos dos piões... ()... eu trabalhava no ginásio com os piões... né? piões e quem mais... né? da cidade... mas a maioria eram as pessoas que trabalhavam na fábrica... aí eu trabalhava a segunda série... de manhã e de tarde... e à noite eu trabalhava de quinta a oitava série... porque eu fiz até o quarto adicional... aí dava essa abertura... né? e aí como também ... a questão de carência de professores e tudo mais... né? aí eu trabalhei lá três anos...

ENTREVISTADORA: qual foi a cidade? cortou aqui...

ENTREVISTADA: eu ficava o final de semana... quando eu ia... Aldeias altas... Maranhão...

ENTREVISTADORA: Aldeias altas... aí a senhora tinha [

ENTREVISTADA: ((inaudível)) oi?

ENTREVISTADORA: pode falar...

ENTREVISTADA: dezenove anos...

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADA: só que antes de ir pra Aldeias altas eu tive uma experiência lá em Caxias... assim... nessas escolas particulares... maternal... jardim um e dois... sabe? particulares assim mesmo...

ENTREVISTADORA: sim... sim...

ENTREVISTADA: ()... reconhecido com carteira foi em Aldeias altas...

ENTREVISTADORA: e quando é que a senhora vai pra graduação? quando é que a senhora vai pra faculdade?

ENTREVISTADA: quando eu vim pra cá... ((inaudível)) eu comecei FACILA e terminei UNITINS... (risos) eu vim pra cá no começo de tudo... comecei FACILA... [

ENTREVISTADORA: [a senhora se lembra quando?

ENTREVISTADA: foi em oitenta e oito... fiz vestibular em oitenta e oito... final de oitenta e sete... né? aí comecei estudar em oitenta e oito...

ENTREVISTADORA: qual foi o curso?

ENTREVISTADA: Letras...

ENTREVISTADORA: ah:: a senhora fez Letras? minha colega de área... que coisa boa...

ENTREVISTADA: fiz Letras... fiz Letras... eu prestei vestibular em dezembro de oitenta e sete... né? eu voltei pra cá em oitenta e sete... né? fiz logo o vestibular e passei ... e cursei de oitenta e oito a noventa e um... eu dizia... eu sempre falo... [

ENTREVISTADORA: e por que Letras?

ENTREVISTADA: ((inaudível)) eu tenho uma facilidade de comunicação... gosto de leitura... gosto de produzir... e também das que tinha... matemática não me identifico... geografia... eu amo geografia... porque é tudo... mas também não queria geografia também... essas exatas... não me interessam não... história... vai ser letras mesmo... ()...

ENTREVISTADORA: e como foi a sua experiência na universidade?

ENTREVISTADA: olha... eu diria... eu sempre digo que eu fiz um curso superior pela metade... eu fiz assim... hoje em dia... como diria o povo... "eu fiz um curso superior torto..." estava no começo de tudo... nós começamos na FACILA que já estava quase morrendo... já no finalzinho tornou-se UNITINS... né? então nós tínhamos muitas disciplinas sem professores... pra você ter uma ideia... no último ano... nós só tivemos três meses de literatura americana... ee:: deixe-me ver qual foi a outra... depois eu lembro... três meses só no último ano... nós passamos o ano todinho sem ter essa disciplina... porque veio alguém pra trabalhar na rádio Anhanguera aqui... né? na rádio... e por ventura... né? pôde dar essa aula pra a gente... tinha habilidade/ tinha formação pra isso... o professor Geraldo... que foi até embora de Araguaína... então... se não fosse o Geraldo acho que a gente tava esperando até não sei quanto tempo... pra concluir essa disciplina... né? porque não tinha quem trabalhasse com ela... foram três meses só de literatura americana... latim... nós tivemos já assim bem no final... aos sábados... foi tudo assim... muito difícil... por isso que eu digo que eu fiz pela metade... ((inaudível)) não ter como a cidade oferecer... né? não tinha como... nós passamos assim... mesmo... na carência de tudo... muitas disciplinas não tivemos... tivemos assim... muito fragmentado... aí depois quando teve aquela/ passou pra UNITINS... né? quando eu terminei acho que já era UNITINS... acho que não... não lembro... tava naquele processo... naquela briga... aquela coisa toda... ((inaudível)) hoje quando eu vejo a UFT e tudo mais... eu digo... "é... realmente... essas pessoas que estão saindo... estão fazendo universidade..." nós fizemos assim... algo que não sabia nem... eu não sei nem conceituar... tava começando... depois abriram pra UNITINS... foi... sabe? foi se estruturando e tudo... nós passamos por esse período... com essas deficiências todinhas... valeu... é válido... né? porque eu sempre fui autodidata... eu corro atrás... eu corria atrás e tentei suprir muitas - como é que diz - carências... né? que a universidade apresentava... mas foi difícil... viu? a minha filha hoje quando ela fala... "mãe... eu... () lá na UFT tá bom e tudo... graças ao meu ensino médio... algumas coisas que eu vejo lá... eu consigo dominar... porque eu vi no ensino médio..." aí eu fico pensando e eu que fiz o superior todo... ((risos)) mas sempre corri atrás... sempre corri atrás... enquanto professora em sala eu nunca deixei... sabe? nunca me acomodei... meus alunos sabem disso... que a professora Marta Monteiro era diferente... ((risos)) eu sei que eu fiz o meu trabalho...

((queda momentânea de conexão))

ENTREVISTADORA: oi... voltei... caiu a minha internet... tá péssima... () vou desligar a câmera de novo... tá? tá... nem sei até onde que a senhora foi... ficou gravado... né? mas enfim... nós estamos falando da sua história...

ENTREVISTADA: ((inaudível)) da dificuldade enquanto FACILA... UNITINS e tudo... () tentei fazer diferente... diferente dentro da atualidade dos meus alunos... sabe?

ENTREVISTADORA: mas pra estudar/ pra cursar o curso superior foi mais tranquilo? a instituição era gratuita? com quem que a senhora morava aqui? como era sua vida nessa época?

ENTREVISTADA: o fato de ser gratuita foi bom... né? embora...

ENTREVISTADA: o fato de ser gratuita foi bom... né? embora () quase tudo... porque tava começando... né? eu morava com a minha mãe... minhas irmãs vieram na frente... oitenta e quatro... depois eu vim... oitenta e seis... oitenta e sete... né? acompanhando o êxodo do Maranhão... eu trabalhava o dia todo... era complicado... era difícil... porque eu trabalhava o dia todo... trabalhei um tempo... já no final do (contrato) no Estado... então... ia pra APAE seis da manhã... pegava o ônibus... né? pra ir pra APAE... ficava o dia todo lá... perto da rodoviária... pro final da Cônego João Lima... aqui em frente a presbiteriana... é complicado... né?

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADA: ficava o dia todo lá... eu lembro que eu só... eu nem tomava banho... eu só... acho que trocava a sandália... () usava um mais confortável e ia pra faculdade... aí quando eu chegava... dez e meia... onze horas... eu tomava banho... comia um lanche e ia estudar... até... às vezes eu ficava até três da manhã... duas da manhã... pra seis horas eu estar na parada de ônibus... aí você imagina... né?

ENTREVISTADORA: e a senhora trabalhava no que nessa época? na APAE?

ENTREVISTADA: eu trabalhei... primeiro eu trabalhei na/ nessa época... na APAE... na APAE...

ENTREVISTADORA: como professora?

ENTREVISTADA: professora auxiliar...

ENTREVISTADORA: e a senhora já tinha família nessa época? esposo? filhos

ENTREVISTADA: não... não... não... eu casei depois... casei em noventa e cinco... já...

ENTREVISTADORA: e o que representa pra senhora ter concluído essa graduação? filha dessa mãe... com tantos irmãos... órfã... de pai... vinda do Maranhão... o que representa

ENTREVISTADA: ah... pra nossa família... pelo geral... isso aí foi um prêmio e tanto... por conta da dificuldade... minha mãe não terminou nem o... acho que o ginásio... né? minha avó também... sabe... acho que ela estudou até a terceira... segunda série... mas como ela dizia... "naquele tempo ()..." a minha avó também... olha... a minha avó ela ((inaudível))... então... uma filha graduada... na verdade foram três... né? tem mais minhas duas irmãs... foi uma grande benção... maravilhoso... tudo de bom assim... tudo de gratificante... ()... família e tudo... eu... pra mim... no momento... tudo fiz... e tudo... ((inaudível)) no momento eu me identifiquei por conta do curso... né? gostava e tudo... mas eu pensava assim... ainda quero mais... tá pouco...

ENTREVISTADORA: que coisa boa...

ENTREVISTADA: eu quero mais ... isso aqui tá pouco... não quero ficar só nisso... aí eu fui pra sala... né? já formei nessas circunstâncias que eu lhe falei... trabalhando... né? aí depois veio um concurso... só que antes do concurso trabalhei de contrato... né? e aí você sabe...

ENTREVISTADORA: foi quanto tempo de contrato?

ENTREVISTADA: acho que... eu fiquei até... eu fiquei oitenta e nove... noventa... noventa e um... na APAE... né? tive uma experiência bem... oitenta e nove foi município... esqueci de te falar... minha pior experiência como professora... eu acho que ainda hoje... uma turma... nós começamos trabalhar no galpão da ()... ()... as máquinas... os homens... toda aquela ferramenta e quatro salinhas... lá... assim... embutida ali... entre as máquinas... os tratores e os homens... a escola Casemiro Ferreira Soares começou assim... eram quatro salas... a diretora Rosário... trabalhei com ela depois ainda... e mais umas quatro professoras... então nós entrávamos pelo mesmo portão que entrava o carro do lixo... o ()... lá fica esse tipo de coisa... né? ainda hoje fica... nós entrávamos também... aí nos apertávamos nas salinhas ali... aí era a primeira... ((inaudível)) no município... oitenta/ final de oitenta e sete... oitenta e oito... aí dali... né? quando chegou um tempo que não tinha como ficar... nós ficávamos lá imprensada... nos colocaram num galpão... ali de frente a ()... pra cá do galpão da Antártica... que era uma casa... eu acho... que seria uma kitnet antes da gente ir pra lá... tinha um portão grande... ((inaudível)) pela estrutura era kitnet... como se fosse kitnet hoje... né? um dos quartos menores era a direção... outro mais apertado seria... os outros menores seriam as turmas... né? na frente era só cascalho...

piçarra e poeira... essa foi ()... marcou muito... e aí eu tinha alunos de sete anos a quinze anos... numa sala... alguns sabiam ler e escrever... outros nunca tinham ido na escola... outros já estavam bem adiantados... outros já estavam bem adiantados... tinha que dá conta... foi a minha pior experiência... assim... porque eu tinha que alfabetizar... eram enes realidades... nunca tinha encontrado uma turma assim... ((inaudível)) segunda série... eram quinze alunos por turma... porque a escola da empresa lá... ()... sabe? era a escola dos filhos dos piões... mas a empresa... sabe? privava pela qualidade... tudo... era no máximo dezoito aluno por sala... não faltava material escolar... não faltava livro... eles tinham três lanches... era uma escola... vip mesmo... tinha de tudo lá... sem falar que... ()... parecia assim um sítio... quando chegava a hora do recreio... que nós íamos pro recreio... ((inaudível)) e traziam manga... milho... tamarindo... ((inaudível)) então ali foi um sonho... ainda hoje eu sonho com aquela escola... ainda hoje eu me vejo... quando eu fui lá eu fui ver a escola... quando eu tive em Aldeias Altas... ()... essa experiência eu diria que foi uma das melhores... ((inaudível))

ENTREVISTADORA: a senhora se lembra da sua primeira aula nessa escola? o quê que a senhora fez no primeiro dia de aula?

ENTREVISTADA: (me) lembro... eu fiquei nervosa... eu fiquei perdida... porque quando a menina foi lá em casa... "ôô Marta... a professora Neide..." eu fui como substituta... depois eu fiquei efetiva... "a professora Neide entrou de licença... ela tá com um problema... ()... e você vai ter que substituí-la..." tava só nós no ginásio... aí eu digo assim... "mas quando?" "hoje a tarde..." eu digo... "vixi Maria... danosse" aí eu fui... quando eu cheguei na sala... aqueles meninos... lá também... a questão da disciplina era boa... né? aí eu comecei a falar... ()... aí ficava aquela questão... professora nova... os alunos... ((inaudível)) aí tinha um aluno chamado Silvano... pense... nunca esqueci do Silvano... ele disse... "ahh... essa aqui é fraquinha... não vai aguentar nós não..." eita... mas aquilo... eu fiquei assim... sabe? foi um pouco traumático... né? () foi indo... até que eu me dei bem com a turma da segunda série... que eu comecei a tarde... em relação... ()... Aldeias Altas... no turno noturno... lá no ginásio... não sei se tem... se em outro local existe isso... porque é o seguinte... como a cidade não tinha professores suficientes... vinham de fora... né? e aí... o prefeito fez uma... ainda hoje tem lá... uma... como se fosse uma... república... né? casa das professoras... ainda hoje tem lá... casa das professoras... aí lá morava mais de vinte professora... nós morávamos ali... algumas trabalhavam no ginásio... outras no município... outras no Estado... outras eram do ginásio... sei que eram vinte professoras... aí tinha a casa... um corredor de quartos... acomodação... aí o prefeito pagava por mês uma ajuda de custo... né? ((inaudível)) e essa ajuda de custo nós dividíamos pra comida... né? ()... aí tinha comida pro mês todo... aí pronto... nós morávamos lá... e nos alimentávamos lá... também... essa Casa das professoras ficou marcado na minha memória... eu tenho foto... eu fui lá... eu fiz uma volta ao começo esses dias... volta ao começo... quando eu tirei as fotos... e fui lá na casa das professoras... que era à noite... né? e de manhã nessa empresa que eu lhe falei... aí de repente viemos pra Araguaína... vou trabalhar na ()... eu digo na ()... porque era junto com as máquinas... e isso ficou marcado em minha mente... aquele aperto... aquela coisa... ((inaudível)) aí fomos pra esse galpão lá em frente o quartel... quase em frente o quartel ali... onde é o/ tem o galpão da Antártica... um pouco antes...

ENTREVISTADORA: o quartel da polícia militar hoje? ali onde é o parque de exposições?

ENTREVISTADA: é... o parque de exposição... é... pra cá do galpão da Antártica... eu não sei o quê que é lá... ainda tá a mesma estrutura... ()... e lá dentro... não mudou muito a estrutura não... nós ficávamos ali () naquelas salas pequenas... a minha ficava do lado do sol... né? ((inaudível)) e na frente era só aquela piçarra... quando vinha um vento, a sala enchia de poeira... ali que começou a escola Casemiro Ferreira Soares... e hoje ela está ali em frente o cemitério... (fui lá pegar um documento) quando fui aposentar... eu senti uma alegria tão grande assim... ((inaudível)) quadra de esportes... né? toda dividida... tudo arrumadinho... toda estrutura excelente... eu digo "éhh... ainda bem que eu não morri sem ver a escola Casemiro... com cara

de escola... com estrutura de escola..." porque quem viu o começo... né? é excelente aquela escola Casemiro Ferreira Soares... primeiro prefeito de Araguaína... o nome do primeiro prefeito...

ENTREVISTADORA: sim... que legal... né?

ENTREVISTADA: eu quase choro de alegria... de ver aquela escola com estrutura de escola...

ENTREVISTADORA: que coisa mais linda...

ENTREVISTADA: aí "cê" falou... depois do Casemiro... eu tava falando... ((inaudível)) na APAE... também... eu saí de lá com uma (tese pessoal minha)... que todo pessoal da educação teria que fazer um estágio na APAE... nessas grades curriculares... tem que passar por lá... porque nesse tempo nem se falava na questão da inclusão... né? nesse tempo da APAE... né? era como se fosse um depósito... mas hoje que tá com essa inclusão... essa realidade... né? acho que aí que deveria realmente... passar por lá... porque hoje quem não passou por lá... ()... tava totalmente perdida... né?

ENTREVISTADORA: sim... sim... outra visão... né?

ENTREVISTADA: outra visão... eu () passado por lá... tanto é que meus alunos da APAE... eu reencontrei no médio... reencontrei lá no Guilherme Dourado na quinta série... ()... o () está lá no Dom Orione... ele trabalha no Dom Orione... ele foi incluído... né? na sociedade... trabalha lá... acho que dos meus alunos da APAE não tem dez... que eu vejo no mercado de trabalho... os que eu vejo por aí não dá dez... eu diria que tá tudo torto... o Antônio Carlos... né? só vi o Antônio Carlos... porque ele é do Campelo... ((inaudível)) ele foi aluno... aquele que fica ali em frente o ()... tocando... depois das seis da tarde... o violão... o Márcio foi meu aluno...

ENTREVISTADORA: acho que eu já vi ele por lá...

ENTREVISTADA: ()... é um que fica tocando depois das seis... tocando violão... música evangélica e pede um dinheirinho... só que o Márcio foi lá no Casemiro... essa escola que eu te falei que era super apertada... agora você imagina... uma escola daquela... um menino cadeirante... igual o Márcio que usa/ só que nesse tempo o Márcio usava mais ferros... muito mais ferros... ele andava e eu não sei como ele conseguia ficar de pé com tanto ferro na perna... e ele já era uma criança de sete... oito anos... né? hoje não... o Márcio anda com uma muleta... parece que normal... ()...

ENTREVISTADORA: sim... sem a mínima infraestrutura... né professora? não tinha a mínima infraestrutura...

ENTREVISTADA: não tinha a mínima... eu tinha aluno de sete a quinze anos... e meus alunos vinham sabe de onde? Tiúba... nesse tempo o Tiúba pra lá... vila Ribeiro era só mato... quando eles chegavam na escola... na parte da tarde... chega o suor descia... a distância... tinha água gelada pra beber? não tinha água gelada pra beber... aí como era. que aquele aluno ia chegar de lá suado... vindo lá do Tiúba... e chegar numa sala lotada... sem ventilador? ()... com quarenta e cinco alunos... ele de sete anos... junto com o de quatorze... com o de treze... nam... era horrível... foi minha pior experiência... marcou... viu?

ENTREVISTADORA: essa escola era municipal... né? então ela era multisseriada?

ENTREVISTADA: é... a ideia era essa... era como se fosse... porque não era nem a primeira série... ()... era alfabetização... mas como é que é uma alfabetização com alunos com necessidades variadas assim?

ENTREVISTADORA: ah... tinha a distorção... idade... série... não é? mas era uma turma de primeira série?

ENTREVISTADA: era uma turma de primeira série...

ENTREVISTADORA: só que a distorção gritante... né?

ENTREVISTADA: gritante... gritante... muitos alunos com idades diferenciados... ()... de tudo... foi meu maior desafio...

ENTREVISTADORA: sim... sim... sim... mas que lhe deixou lições importantes... né professora?

ENTREVISTADA: deixou sim... deixou... ((inaudível)) essa questão de virem de tão longe... chegar cansado... lá do Tiúba... com a sala daquele jeito ali... e não conseguia muita coisa... porque você/ eu sempre dizia "é como quem tá jogando balinha pra ver quem pega a balinha..." os alunos na sala tudo juntos... né? com as suas deficiências... a gente até tenta... mas não consegue...

ENTREVISTADORA: sim... a senhora só tinha deficientes lá também? nessa sua turma?

ENTREVISTADA: não... não... não... nessa do Casemiro eu digo deficiências gerais... sabe?

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADA: ()... os únicos deficientes que eu tive foram deficientes físicos... perceptível... o Márcio... esse do Banco do Brasil...

ENTREVISTADORA: ah... tá...

ENTREVISTADA: mas com certeza... aqueles de quatorze anos... que estavam lá sem saber ler e escrever... eles já haviam passado por outras escolas... com certeza tinha algo ali embutido... né?

ENTREVISTADORA: sim... sim... sem diagnóstico... né?

ENTREVISTADA: sem diagnóstico e também a questão da história de vida ali deles... tinha uns que moravam ()... com a avó... a avó vinha deixar eles na porta da escola... "venho buscar tal horas..." eu sentia que aquela relação com a avó era de escravidão mesmo...

ENTREVISTADORA: sim... sim...

ENTREVISTADA: ela vinha deixar... ((inaudível)) ela não relaxava na sala nenhum minuto... acho que ela já vinha duma história nada interessante... não era interessante aquela relação dela (na) casa... né? a escola que poderia ser um local que ela poderia aprender e ao mesmo tempo soltar um pouco... ela não conseguia soltar... tensa... não conseguia ler e escrever... nem fazer de um a dez... ela não conseguia... o nome dela era Anaíde... a Anaíde me marcou muito... tinha certeza que a Anaíde ela não morava com o pai... nem com mãe... morava com aquela vó que parecia ser sargentona... ((inaudível)) ela nunca conseguiu se abrir não... nem pra mim que tava ali conversando... ela nunca conseguiu se abrir... era sempre com a cabeça baixa... e rabiscando alguma coisa... eu não consegui entrar no mundo da Anaíde... ela foi um dos desafios assim... que eu nunca consegui... entrar no mundo da Anaíde... ()... e ela não tinha... aparentemente... nenhum problema... mental...

ENTREVISTADORA: e ela era frequente? emocional... né? e ela era frequente?

ENTREVISTADA: era frequente... todo dia q avó dela ia deixar e ela já deixava a ameaça... "tal horas venho te buscar... ela já vinha deixar... ()... então... eu espero que futuramente ela tenha se libertado... mas eu acho muito difícil... ()...

ENTREVISTADORA: sim... e aí a senhora sai dessa escola em função do concurso do estado?

ENTREVISTADA: foi... foi... eu saí em função do concurso...

ENTREVISTADORA: e quando a senhora faz o concurso a senhora foi lotada aonde?

ENTREVISTADA: eu fui pra escola Alfredo Nasser...

ENTREVISTADORA: e como foi essa experiência? e lá a senhora permaneceu lá até se aposentar ou não?

ENTREVISTADA: não... eu fiquei na escola Alfredo Nasser/ eu tenho um jeito romântico mesmo de trabalhar... eu apaixonei por aquela escola... ainda hoje eu lembro daquela escola... daqueles pássaros... uma coisa que acompanhou toda a minha história foram os pássaros... e lá que as salas são amplas... grandes... ventiladas... eles vinha fazer ninho assim perto da mesa do professor... tem os alunos... alunos... e os alunos... pássaros que sempre me acompanham... quando eu fui pro () os pássaros me acompanharam... toda escola que eu fui tinha um ninho de passarinho... ((risos) eu digo... "esses pássaros me acompanham..." eu trabalhei até noventa e nove... eu acho... até noventa e nove... aí fui pro Guilherme Dourado...

ENTREVISTADORA: aí a senhora se aposentou no Guilherme Dourado?

ENTREVISTADA: não... não... eu trabalhei no Alfredo Nasser... em noventa e quatro... acho que até noventa e oito... noventa e nove... depois fui fazer uma substituição no Guilherme Dourado... da substituição já fiquei no Guilherme Dourado... a diretora sempre dizia que eu trai ela... eu digo... "não... fui ficando lá e acabei ficando..." a diretora até faleceu... não tem nem dois meses que ela faleceu... ()... e aí... [

ENTREVISTADORA: [como é o nome dela?

ENTREVISTADA: Maria da Glória...

ENTREVISTADORA: a Maria da Glória faleceu?

ENTREVISTADA: faleceu...

ENTREVISTADORA: é aquela do cabelo curtinho... baixinha?

ENTREVISTADA: a do cabelo curtinho que morava. Palmas... com problemas e tudo... ((inaudível)) ela tinha muito problema... né? porque ela era fumante... né? há muito tempo... e aí ela começou... acho que foi uma série de coisas... né? ela faleceu acho que não tem nem dois meses...

ENTREVISTADORA: sim... sim... e como foi toda essa experiência na educação básica e na estadual?

ENTREVISTADA: no começo... foi tranquilo... apesar dos problemas que sempre tem... né? mas eu achei tranquilo... ()... nesse tempo lá tinha aluno demais e tudo... ambiente agradável... as professoras hoje a maioria já aposentou... e aquelas salas enormes... aquela ventilação... então tudo isso eu vejo como positivo... né? ai... tem alguns casos que marcam... né? essa questão das salas cheias... essa questão de a gente não poder aplicar ()... não tem como... né? não tem espaço... não tem televisão... não t tomada... não tem tudo... eu... uma das minhas marcas... eu tenho certeza... que uma das minhas marcas... se você fosse entrevistar um aluno meu ele... ((inaudível)) era a questão de eu sempre sair da escola... eu sempre ir além... eu levava meu 't'... levava minha extensão... eu dava um jeito de conseguir fita cassete... que era difícil naquele tempo... né? e de tentar levar uma coisa que todo mundo tinha... mas que eles também poderiam ter... eu lembro que a primeira vez que eu levei... que eu consegui passar o filme Toy Story... né? o primeiro... número um... no começo... foi difícil... e você sabe que todo meio que você trabalha... quando você é ansiosa... você acaba machucando as pessoas... você acaba sabe? transgredindo ()... eu transgredia... ()... pegava... insistia... "ah... só um horário não vai dar... "eu digo... "vai dar sim..." pega um horário do colega... combinava com o colega... parece que tem assim... uma força que quer que você não faça... que você se acomode... "ahh... não tem 't'... não tem extensão... não tem espaço... ora quê fazer isso?" e eu dizia... "eu vou fazer..." eu dava ()... e conseguia fazer... esse do dia do filme... olha... depois que () o dia dos filmes... eu fazia algumas encenações... algumas peças... algumas coisas assim que não tinha a menor possibilidade de acontecer... que ninguém ia acreditar... aí que meus alunos acreditavam e eu acabava levando... uma das atividades que eu fiz lá no Alfredo Nasser... na raça... que na hora de sair... todo mundo foi na turma e disse "você não vai levar esses alunos..." e eu digo... "vou... porque eu já marquei... me acompanha ()..." e eles iam comigo... essa parte aí... se alguém for me avaliar e colocar que transgredia... eu transgredia mesmo... ((inaudível)) não sei se a câmara registrou... acho que a primeira professora de Araguaína a levar os alunos lá na câmara pra assistir uma sessão... eu trabalhei um texto em sala falando da cidadania... da participação e tudo... mas isso incomodou tanto... que até na hora da saída... da escola pra levar os meninos na câmara... disseram... "você não vai levar os meninos..." eu digo... "eu vou sim... abre o portão aí... 'seu' guarda... aí levei os meninos... um grupo de vinte alunos... ((inaudível)) quer dizer... essa ação foi uma das maiores... assim... em termos de audácia... porque eu saí da escola ()... né? de terno... preto... ((inaudível))... então eu sempre tive essa marca... quem trabalhava comigo... quem foi meu diretor falava... "a Marta e danada... a Marta faz e pronto..." quando eu fui pro Guilherme Dourado... só substituir... o tempo que eu fiquei lá... eu tive o maior apoio da coordenadora Thelma... ela dizia assim... "não... Marta... você não vai pro Alfredo Nasser..."

... você vai ficar é aqui com a gente... porque tu é danada..." a quadrilha do mês de Junho quem fazia era eu... depois da aula eu ensaiava até seis horas da tarde... pegava minha filhinha na escola... ficava me esperando... brincando com os meninos... ensaiando pra quadrilha... ()... então eu sempre tive essa audácia... essa vontade de fazer as coisas... de levar pra eles algo que eles precisam... que faz bem e que não vai () ninguém... vai ser bom pra eles... quem é meu aluno sabe... "ah... a professora Marta aí... ela fazia isso... tudo... a professora Marta quando chegava na sala ela cantava com a gente... ela brinca... ela briga também..." eles falam que eu brigo... mas eu fazia a coisa acontecer... ((inaudível)) e eu contei poucas... poucas vezes alguém conseguiu me barrar... era o certo... o correto... e eles mereciam... eles merecem... eu saí de lá e deixei minha irmã... o mesmo perfil... minha irmã... acho que o ano que vem ela já ()... ()... ENTREVISTADORA: sua irmã trabalha aqui também? é professora?

ENTREVISTADA: trabalha... no Guilherme Dourado... quando eu saí ela ficou lá... acho que ano que vem ela vai se aposentar...

ENTREVISTADORA: quem é?

ENTREVISTADA: Márcia Monteiro... a professora Márcia...

ENTREVISTADORA: ah, sim... aí que legal... a senhora se aposentou quando?

ENTREVISTADA: agora fez um ano... em janeiro...

ENTREVISTADORA: uai... então a gente se viu lá pelo Guilherme Dourado ou pela DREA em algum momento... não?

ENTREVISTADA: não... não... só que eu aposentei... eu aposentei... tava lá no Adolfo... tava no Guilherme mais não... aí em dois mil e três eu saí...

ENTREVISTADORA: não... pois é... eu fui no Adolfo muitas vezes... desde dois mil e dezessete... eu ficava lá no currículo da DREA... né?

ENTREVISTADA: não... eu fui pro Adolfo em dois mil e quatorze...

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADA: aí eu fiquei até aposentar...

ENTREVISTADORA: em dois mil e dezessete...

ENTREVISTADA: sim... aí depois... quando eu saí do Guilherme... eu saí por uma questão... eu fui acompanhar meu cônjuge... pro Bico do papagaio... (dois mil e três) trabalhei até dezembro de dois mil e três no Guilherme... aí meu ex... foi trabalhar lá em São Miguel... né? aí eu fui acompanhar. o cônjuge... né?

ENTREVISTADORA: ele é professor também?

ENTREVISTADA: fui chorando... eu não queria ir... - não... não... ele fez direito... - eu fui chorando de tristeza... que eu não queria deixar o Guilherme Dourado... meus meninos da quadrilha... meus meninos da sexta série... ()... sabe? mas eu tinha que ir... né? tem filho... marido ... tem tudo isso... né? mas lá no Bico também foi uma das minhas melhores experiências... ave Maria... o Bico foi assim... ainda bem que Deus me deu a graça de passar aqueles ()... eu gostava demais de atravessar aquela balsa... seis e vinte da manhã pra ir dar aula... pra trabalhar... em Bela vista...

ENTREVISTADORA: a senhora morava em Imperatriz e dava aula em Bela vista?

ENTREVISTADA: sim... eu morei em Imperatriz... porque quando eu cheguei em dois mil e três... no final de dois mil e três... já grávida de três meses... aí eu fiquei em São Miguel... né? minha remoção foi pra lá... aí eu trabalhei até... acho que junho... porque Julho... meus filhos nasceram em agosto... aí quando eu voltei da licença maternidade... setembro... novembro... ((insudível)) ... aí com dois anos de idade [

ENTREVISTADORA: a senhora teve gêmeos?

ENTREVISTADA: sim... tive gêmeos...

ENTREVISTADORA: que legal... você falou "meus filhos nasceram..." ((risos))

ENTREVISTADA: ((inaudível))

ENTREVISTADORA: e como foi?

ENTREVISTADA: um casal...

ENTREVISTADORA: ah... é um casal... né? e aí então eu fico pensando como foi ser mãe? ser professora? ser mulher? ser esposa? né? tudo isso conciliando com a docência?

ENTREVISTADA: foi... foi difícil... foi complicado...

ENTREVISTADORA: contou com a ajuda de alguém?

ENTREVISTADA: de muita gente... até de aluno... nas () aulas... levava até peixe frito com arroz... pra mim comer quando eu tava com enjoo... eu passava o dia sem me alimentar... porque eu não conseguia por causa do enjoo... e eu tava dando aula e aí eu tava copiando no quadro... ()... lá em São Miguel... aí senti um cheiro assim de peixe frito e aí digo... "eita... aquele peixe frito tá cheiroso..." só comentei e continuei escrevendo... aí quando eu penso que não... chega uma aluna com um arroz... com um peixe frito... um feijãozinho misturado... uma pimentinha... e uma banana... eu digo... "meu Deus do céu... menina... que história é essa?" "não... a senhora falou que achou o peixe cheiroso... eu moro bem aqui no fundo da escola..." ((risos)) eu parei a aula e fui comer o peixe frito... eu passava de semana sem me alimentar... eu perdi muito/ eu vomitava o tempo todo... os meus três filhos... eu enjoava até (na hora de ter neném)... ()... aí em São Miguel foi maravilhoso... foi maravilhoso... eu gostei demais... porque eu tive a oportunidade de trabalhar com pessoas quilombolas... com pessoas lá da comunidade Sete barracas... a dona Raimunda... né? Raimunda quebradeira...

ENTREVISTADORA: que legal...

ENTREVISTADA: essa experiência com os meninos lá do assentamento... foi maravilhosa... uns meninos assim politizados... que (move) as coisas... eles são bem ativos... eu gostei demais... gostei de trabalhar com eles... de conhecer a postura... a realidade deles... eles vinham do assentamento Sete barracas... e tem (uns) lá de perto da ()... né? que eram quilombolas... foi maravilhoso... tanto que eu só fui trabalhar () por conta dos meninos... né? que tavam/ ficava mais próximo de Imperatriz... amei trabalhar em São Miguel... mas aí o que eu pude atuar mesmo... com barriga e tudo... eu lembro que na última/ no último () que eu passei... minha barriga já tava grande... eu subi foi num caminhão lá pra fazer parte lá dos jurados e fiquei lá com a barriga... tenho essas fotos... eu nunca vi... ficou lá em São Miguel... ((inaudível)) aí quando eu voltei da licença maternidade eu fiquei em Bela vista... né? era mais próximo... ((inaudível)) aí foi muito bom... interessante demais trabalhar em um povoado... no povoado eu descobri que o professor existe... professor é uma autoridade... digamos assim... que o professor é bem ()... porque na reunião os pais todos iam... quando eles viam a gente lá no povoado eles diziam "olha o professora Marta... a professora do meu filho..." e tudo... sabe? eu senti que eu fui vista... eu tive visibilidade lá no povoado...

ENTREVISTADORA: que legal...

ENTREVISTADA: enquanto aqui em Araguaína (não tem)... eu senti... "gente... professor existe... professor tem identidade... professor é visto pelos pais..." era isso que eu dizia pros meninos... "aqui a gente... nós temos um lugar..."

ENTREVISTADORA: então a senhora sentiu essa diferença? entre lá e aqui? aqui a senhora não sentia essa visibilidade?

ENTREVISTADA: não... aqui não tem visibilidade... aqui quando cê marca reunião... vai os pais dos melhores alunos... né? aí aqueles problemas não só de doutrina... mas de outros problemas que a gente tem que falar com o pai... o pai não vai... até porque o pai já sabe... muitas vezes o pai trabalha longe... aquela coisa toda... então... lá em São Miguel eles iam em peso... tanto São Miguel como Bela Vista... eles participam... eles conhecem o professor... eles vão... eles cobram da gente... sabe? acompanham... eu senti essa diferença dos pais... lá no Bela Vista foi que eu senti mesmo... mais do que São Miguel... porque no São Miguel era de noite... né? era ensino médio... mas no Bela Vista... que era fundamental e médio... tudo matutino... eu lembro que às vezes quando eu atravessava a balsa... () já falavam comigo... perguntava pelo filho dele... na escola... eu senti muito isso... foi uma ()... tive essa oportunidade de ter... de ver

esse momento... ((inaudível)) concepção de que a gente não é percebido... que não tem essa valorização dessa palavra da família... lá na Bela vista eu tive... eu vivi isso...

ENTREVISTADORA: que legal... né? é uma cidade menor... né? a lógica da vida é outra... existe mais uma relação de proximidade... embora eles () também... né?

ENTREVISTADA: pois é... tem tudo isso... eu lembro que às vezes quando eu ia... às vezes eu fazia questão de ir à pé... eu gosto muito de caminhar... então eu ia da balsa até Bela vista... são cinco quilômetros... né? () cedo... né? eu ia a pé e sempre algum pai me acompanhava... até lá... eu encontrava com algum pai... havia essa troca assim... dentro... fora da escola... né?

ENTREVISTADORA: sim... muito legal... né?

ENTREVISTADA: outra coisa... tudo bem ... problemas sociais existem... lá também já existia alguns... tipo droga... ()... mas nessa questão da família... da participação da família... a () foi bem afetiva...

ENTREVISTADORA: que legal... né? agora eu vou [

ENTREVISTADA: ((inaudível)) [pode falar...

ENTREVISTADORA: não... fale... eu lhe interrompi... desculpa...

ENTREVISTADA: deixe me ver o que era que eu ia falar mesmo... essa questão da visibilidade... e outra coisa... que pras pessoas isso pareciam ser o caos... eu tenho dentro de mim uma coisa muito boa... ((inaudível)) quando o ambiente assim tá tenso... carregado... eu olho assim distante... tento desligar daquele momento ali... sabe? tento filtrar alguma coisa ali naquele momento... era assim que eu fazia... quando nós viemos de Imperatriz... né? bora pegar balsa... seis e vinte tinha que tá em cima da balsa... aí em cima da balsa eu tomava café... eu fazia maquiagem... porque eu sempre andei maquiada... sempre impecável... ((risos)) e eu de olho na carona... quando eu ia de carro... né? não tinha tempo de ir a pé ou então tava avexada... eu tomava café... fazia maquiagem e ficava de olho na carona... moto táxi... alguma coisa... né? pra levar até a escola... aí nesse momento tava todo mundo naquela loucura... "ai... a balsa não vem... agora é o carro do gás..." "porque o carro do gás não vai ninguém... agora o carro do dinheiro... não pode ninguém..." eu ficava ali contemplando aquele rio... sempre que eu/ tenho uma ligação muito forte com rio... com água... com tudo... eita que rio maravilhoso... enquanto eles estão lá se descabelando eu tava namorando o rio... ((risos)) e eu chegava na hora... e as vezes quando eu voltava tarde... e aí coincidia de ter aquele botinho cor de rosa... ai pronto... ai pronto... meu dia tava coroadado... aí eu ficava ali em cima da balsa... curtindo aquele boto e aqueles alunos... "ahh... professora Marta..." mergulhando... eu tenho muita saudades de mergulhar lá no rio... "tchau... professora..." eu digo... "tchau fulano..." bom... já trabalhei... tô indo pra casa... meus filhos estão lá em paz... então... vou curtir esse rio aqui...

ENTREVISTADORA: sim... a travessia então foi sempre uma coisa marcante pra senhora... né?

ENTREVISTADA: marcante... a travessia... tanto que quando eu fui lá no ano atrasado... dois mil e dezoito... quando eu fui lá pegar uma documentação... ((inaudível)) aí eu fiz questão de ir... eu fui naquele barquinho... eu digo... "eu vou buscar meu documento de barquinho e voltar de barquinho..." e curtir o rio ainda... ((risos)) pela ponte...

ENTREVISTADORA: que legal... né?

ENTREVISTADA: eu me refazia... tanto na ida como na vinda... o rio... ()... no meio do caminho tem uma pedra? no meio do caminho tem é uma balsa... e essa balsa pra mim faz a diferença... ((risos)) não é uma pedra não... é uma balsa...

ENTREVISTADORA: muito bom... né? agora... professora... eu quero pensar um pouquinho... quero saber um pouquinho com a senhora... as questões mais técnicas... né? por exemplo... como era/ - e aí a senhora pode fazer uma comparação entre... de quando a senhora iniciou até os dias de hoje... né? - com relação ao currículo... quando a senhora ingressou na educação... né? nessa experiência docente... tinha um currículo? tinha os conteúdos programáticos... das

disciplinas? ou do ano... ou vocês que tinha que elaborar.. e se eram vocês na escola... quem elaborava na escola?

ENTREVISTADA: na escola... na verdade... esses currículos... () já vinham prontos... já vinha aquelas propostas prontas... né?

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADA: nós... nós eu... eu às vezes até ()... mas eu vou readaptar... nós temos uma grande falha... ainda mais você que é de letras... você vai entender... né? porque não tem como eu falar de sintaxe sem eu falar de morfologia antes... né?

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADA: uma coisa caminha com a outra... primeira morfologia depois sintaxe... né? eu sempre dizia assim... "esses técnicos..." - eu falava técnico desculpa aí - "são realmente técnicas porque uma coisa acompanha outra... né?"

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADA: então não dá eu tenho impressão que as pessoas só vão lá... jogando de qualquer jeito... aí quando você chega na escola é que você... né? você é conhecedor... né? quem está na sala... a pessoa que vai executar faz as alterações... então eu sempre... sempre eu... eu... eu sempre apostei na leitura... () ... eu até criei uma frase que alguém já deve ter plagiado... eu também não me importo... "ler é vencer..." costume dizer que quem não lê não vai a lugar nenhum... aí eu... daí eu começava a falar "eu fiz um bom trabalho..." em todo lugar que eu passei a minha bandeira foi a leitura... eu fiz várias projetos várias trabalhos... não sei se tem alguma coisa na escola mas o aluno tem... porque de vez em quando pela rua eles falam... "olha tia aquele livro tal... e tal... pois é..." então eu sinto esse feedback dos alunos... pois é em relação ao currículo [

ENTREVISTADORA: [a senhora se considera a leitora professora?

ENTREVISTADA: considero...

ENTREVISTADORA: a senhora gosta de ler?

ENTREVISTADA: eu me considero... eu me considero leitura mas eu acho que o meu diferencial é que eu sei fazer o aluno gostar de ler... sabe? sei fazer ele chegar na leitura... sabe? eu não chego falando que o livro tal... que é bom... eu consigo comer jeitinho... consegui... consigo fazer eles sem querer querendo chegar lá na leitura em sim...

ENTREVISTADORA: como era que a senhora fazia?

ENTREVISTADA: eu fiz um trabalho com um livro lá no Guilherme Dourado e em outras escolas daquele livro... éhh... deixe-me ver o nome do livro agora do Pedro Bandeira... Descanse em paz meu amor... você conhece esse livro?

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADA: pois é... ()... e aí estava aquele barulho aquela coisa toda aqueles meninos com dificuldades... porque você sabe chega das férias alguns vem sem leitura... né?

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADA: e aí falando de ()... eu digo... "tá bom vamos fazer aqui... quem aceita..." mais ou menos assim... quem descobriu... quem lê o livro... descobriu... entendeu o final aqui vai ter um troféu... né? ((inaudível)) eu lancei a proposta... né? aí trabalhei aquele livro na sala... aí foi no período de agosto... aquele calor... não tinha ar nesse tempo ninguém queria ler e tudo... mas eles conseguiram... e o fragmento eu livro e tudo fiz aquela coisa e eles leram... todos os alunos dessa turma... tem até muitos formados... "mas aquele livro... tia... aquele livro marcou..." e a partir daí eles leram e leram outras né? outros livros... entendeu? é um exemplo assim particular... esse livro já trabalhei outros livros... então... fazer chegar... para querer? porque ler? porque tenho que saber disso? ((inaudível)) eu ia instigando... sabe? a partir da capa... eu sempre dizia pra eles assim... "um livro igual uma fruta... você vai descascar... vai tirar a casca em cima... vai descascando até chegar no miolo... então... ((inaudível)) aí eu fiz atividade revista Veja... ()... Por que que tem aquela revista Veja? por que que tem aquelas

seções? então nós passamos pela revista... através dessas questões que eu fazia para eles... não só dessas como outras... e do livro em sim... porque às vezes os adultos chegam e perguntam o que é edição? o que é editora? quando é um livro adaptado? isso aí ainda tem pessoas que não sabem o que é isso... então eu fazia esse passeio com eles... da capa... da contra-capa até chegar propriamente no livro... a partir daí eles iam sabendo que o livro é complicado... né? tem alguém que é dito... tem alguém... sabe? até chegar na história em sim... então... era por aí a minha metodologia... nas percepções mínimas... ((inaudível)) então eu ia trabalhar leitura fazer você eu vejo que não se perde isso se perde um personagem aquela coisa toda... mas um livro é um conjunto de pessoas que estão ali... sabe? tudo junto para chegar num denominador comum... ((inaudível devido aos ruídos)) isso do sexto ao ensino médio aí a partir daí eu ia instigando... "tia... a senhora não trouxe o livro hoje não?" eu digo... "eu já pegava vamos lá vocês vão escolher os livros.." E aí ele já começa a ler atentamente... olha tia esse aqui é o terceiro exemplar..." as coisas que eu plantei lá atrás... sabe? e foi difícil por que quando você vai plantar... então hoje em dia onde eles chegarem eles vão saber que o livro é esse todo... é tudo isso então a leitura era a minha ()... era não... é...

ENTREVISTADORA: professora a senhora se via apoiada dentro da escola para desenvolver as suas práticas?

ENTREVISTADA: não... era uma briga porque primeiro a escola... - agora tem grades curriculares excelentes... de uns tempos para cá teve aí o MEC... teve aí uns projetos (baseados) não sei porque não sei por quem... a biblioteca de Araguaína... ((inaudível)) aí tem aquela história "vai para a biblioteca ler passa muito tempo lá... reviram os livros..." eu gosto que eles revirem os livros... ()... ele revire mesmo... mexa... escola que eu não vai gostar... tudo... pela cor... alguma coisa... então aluno quieto... chega na biblioteca eu pegar dez livros... dar cada qual para um aluno ler... isso aí não funciona comigo não... eu chego lá do roteiro ele senta lá eu vão lá procurar... porque eu não tenho a capacidade de saber o que eles gostam... de saber o que ele quer... o que eles identificam... né? tudo bem... ((inaudível))... as pessoas não gostam que levem tudo para biblioteca porque são muitos alunos... faz barulho... ()... sabe? é difícil... trabalhar na escola assim... audacioso... complicado... "ah... já bateu sino... daqui que leve esses alunos da biblioteca lá pra sala... vai passar pelo corredor incomodar..." então eu gosto que eles me incomodem... que eles tenham (dinâmica)... que eles venham para escola... ()... eu não acho que ele é aquele ser estático... que eu chegue lá e copie e ele não se levante... ele não se move... ele não questiona... é difícil a minha forma de pensar e de agir diferenciada... ()... enquanto alguns agem assim da forma que não querem nem procurar eles... "deixa para lá esse pessoal são chatos... chego aqui e escrevo... vou embora e acabou..." eu nunca me conformei com isso...

ENTREVISTADORA: e o livro didático professora? a senhora sempre contou com o livro didático? como é que a senhora ver o livro didático?

ENTREVISTADA: eu nunca conto muito com ele... eu contava... usava... claro tudo... né? faz parte... mas eu sempre procuro outros caminhos... livro didático eu usava e tudo... sempre levava jornal... revista... vídeos... alguma coisa... a gente tava no início do livro didático e eu falava... "vamos lá no final lá atrás..." ... "tia... mas a gente nem chegou e a gente já vai lá para o fim?" "é porque lá no fim que tem o texto que me interessa..." depois eu voltava para o começo... então eu usava o livro didático assim...

ENTREVISTADORA: sim... então ele era um suporte importante... né? de qualquer forma ele era um [

ENTREVISTADA: sim... ele era importante... importante... importante... pela questão da elaboração deles mesmo... sabe? as visões deles mesmo é que eu discordava... mas era um suporte importante...

ENTREVISTADORA: sim... sim... por que são realidades diferentes... né? a deles da nossa?

ENTREVISTADA: ((inaudível)) e ninguém vai conseguir nunca fazer um que dê certo... né?

ENTREVISTADORA: sim... sim...

ENTREVISTADA: ((inaudível)) tem aqueles que sabem o que que é um parágrafo... o que é uma vírgula l... tem aqueles que não sabem ler... então na sala você fala assim "vamos ler o texto tal e vamos enumerar os parágrafos" só para você ter uma noção da sala... né? aí eles vão enumeram uns falam que tem 20... ()... essa estratégia de você numerar os parágrafos que você vai vir que ()... né? então... a sintaxe é importante... a morfologia

.. a pontuação... mas tá muito longe de eles perceberem tudo isso... tá complicada... porque sou várias conversões... né? ((inaudível))

ENTREVISTADORA: sim... sim...

ENTREVISTADA: esse () pode ser até um leitor... mas pra ele passar pra um redator é muito difícil... né?

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADA: ()... isso por conta dos () que não foi trabalhado... e algumas teorias que falam "não negócio de pontuação..." tudo... tudo é necessário...

ENTREVISTADORA: sim... claro... é o processo de ()

...

ENTREVISTADA: é o processo... aí na hora da redação se você não souber conduzir isso aí você perde muita coisa...

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADA: porque... ()... não chegar a lugar nenhum... já se fecha... é difícil... eu sempre diz "olha... Marta... trabalhar língua portuguesa eu não quero... eu quero língua portuguesa... porque o conteúdo é mínimo... e tudo... Marta eu quero isso... porque língua portuguesa é muita coisa... " eu digo... " é muita coisa sim... mas a gente tem que acreditar que vai vencer essa muita coisa... e é muita coisa necessária..." ((inaudível))

ENTREVISTADORA: sim... é substancial... né? o aluno compreender a língua portuguesa a própria língua... e é a partir dela que eles vão construir os outros conhecimentos... né?

ENTREVISTADA: e são desafiantes... então Por conta desses desafios muitos professores não querem língua portuguesa não... ((inaudível)) eu sempre briguei outra Bandeira... minha é história ele lê e interpreta... ele escreve geografia... não tem essa de ele dizer que língua portuguesa tem que salvar a pátria... todo mundo serve toda disciplina tem leitura e escrita... né?

ENTREVISTADORA: sim... sim... professora... e com relação a formação continuada... quando que a senhora vem ter acesso a formação continuada? e que tipo de formação continuada foi promovida? como a senhora avalia esse investimento...né? como é que a senhora ver isso com relação à valorização do profissional?

ENTREVISTADA: no começo não tinha... no começo não tinha quando eu comecei noventa e quatro... até... vir Guilherme Dourado não tinha... né? tava aquela correria... "ah esse ano eu peguei o sétimo ano... me dá aí o teu para eu copiar do ano passado... copiava e já entregava e tudo e já ia para sala... né?" aí lá você fazia as suas adaptações... né? aí as formações eram - o que mais marcou em mim em relação à formação continuada foram os PCN... né?

ENTREVISTADORA: sim... eu também...

ENTREVISTADA: os PCN... eram semanas dias aquela coisa toda... foi dos PCN para cá que ficou marcado essa questão da formação continuada... né? aí depois teve aquele outro lá que eu esqueci o nome... como era? GESTAR... era?

ENTREVISTADORA: GESTAR...

ENTREVISTADA: o tempo do GESTAR foi o tempo que eu tava grávida... ()... quase não participei...

ENTREVISTADORA: como a senhora avalia essas formações? assim... a importância delas... se era importante... se dialogavam com a realidade de vocês?

ENTREVISTADA: ((inaudível)) não... de todas as formações que eu tive... que eu gostei... que eu me identifiquei... que foi para valer... foi a lá dos pcns dos primeiros encontros... do pessoal

lá de Belo Horizonte... foi muito bom gostei... em relação à questão da inclusão né tivemos outras que eu também gostei do Rio grande do Norte até... as professoras que vieram ministrar o curso... foi muito bom para a gente perceber a questão da inclusão... tudo... foi uma das melhores... agora as outras que eu tive foram todas mais do mesmo... ()... participava e tudo... mas era aquela coisa ()... parecia uma coisa descontínua... parece que foi feita assim... nas carreiras... na coisa toda.. nós tivemos duas formações (de) Belo Horizonte... as primeiras dos PCN que as professoras vieram de lá... e essas do Rio grande do Norte foram excelentes... eu tiro o chapéu... ((inaudível))... () eu tinha material eu passe pra algumas professoras... mas as outras... não sei se foi a questão de recursos... não sei se foi a questão do país... o que estava vivendo... passando o momento... eu sei que já foram feitas assim pra inglês ver... de qualquer jeito....

ENTREVISTADORA: sim... sim...

ENTREVISTADA: nós íamos... participávamos e tudo... mas não apresentava muito não... até porque... como a gente... nós não tínhamos esse/ ()... pra estudar... pra fazer alguma coisa... parecia que as pessoas usavam aquele momento para () angústias... na sala... aí perdíamos o conteúdo... perdi o sentido da coisa... então quando falava formação... parece que todo mundo levava suas angústias suas mágoas... seus rancores de tudo

... do sistema do governo... vomitando... qualquer texto/ qualquer tema que alguém discutisse lá na hora... alguém lá dava para esse lado... aí ficava aquela coisa enfadonha... eu ia lá para fora beber água... ()... mas é porque o professor precisa só botar coisa para fora... Isso faz parte da relação interpessoal... né? então as formações são voltadas pra isso... né? pra saúde mental... né? ((inaudível)) que professor geralmente ele é professor... ele mãe... como cuidar do lar... ele é tudo junto... né? nesse momento ele tinha... ele usava esses momentos pra isso... mas não era culpa... não era a intenção mas ele tava tão cheio... né? e quando tinha esse espaço... aí depois... teve alguma () no Guilherme Dourado teve um tempo... ()... teve uma que eu achei interessantíssima... né? ((inaudível)) nós íamos discutir sobre essa questão do projeto político pedagógico... né? aí ele falou dessas questões... das dores... das angústias... do professor... do profissional... da mãe... em geral... aí ele pediu que nós nos abraçássemos... e tudo... colocar a mão onde tava doendo... aí todo mundo colocou de uma forma assim meio conduzida... porque ele padre... ()... né? aí na parte da tarde... no outro dia seguinte... a formação foi mais tranquila... ((inaudível))

ENTREVISTADORA: fortalecimento de vínculos... né?

ENTREVISTADA: isso... aí desarmou mais... desarmou as pessoas... aí no final a coisa foi... normal... direitinho... porque falta isso... falta isso... por conta da carga horária... por conta das condições de trabalho... por conta da clientela... por conta da profissão em si que é desafiante... né?

ENTREVISTADORA: sim... sim...

ENTREVISTADA: ((inaudível por simultaneidade de vozes)) ... aí as pessoas adquirem certos problemas de saúde e não sabem... sabe... desligar disso... filtrar... e aí [

ENTREVISTADORA: então... aproveitando essa fala da senhora... como é que a senhora via e ainda vê... essas relações dentro da escola... relações da escola com a DREA... relação da escola com a SEDUC... as interferências políticas... como é que a senhora vê tudo isso... que vivências a senhora tem disso?

ENTREVISTADA: esse foi o pior/ esse/ o pior problema... eu até diria que era a cara do Tocantins... agora eu já dou um desconto... não é só o Tocantins não... é do Brasil todo... mas no Tocantins isso é bem latente... essa questão... na interferência da DREA na questão política... você começa um trabalho aí você não faz... porque no ano que vem já é outro coordenador... já é outro diretor... então se você fez aquele projeto que deu certo... no ano que vem já não vai continuar... porque quem interfere... que mexe com o dominó... não sabe o quê que tá acontecendo lá... né? ()... muda todo o jogo... né? as coisas não andam... esse é o pior

problema... eu diria que na educação tocantinense... o maior entrave é esse... também pela questão da direção... né? que não é/ é indicado... né? tem diretor que ele consegue... né? ajustar as peças de forma que fica harmônica... né? aí o ano que vem já é outro... com outra visão... totalmente política... ditada pelo espaço ali... () fazer politicamente... com a imagem... não tem nada a ver com o pedagógico... aí quem não se alia é o perseguido... é o chato... é o cricri... e alguns as vezes se aliam por medo... ou por necessidade... aí a coisa não anda... e o aluno fica aonde nesse jogo aí... né?

ENTREVISTADORA: sim... sim ...

ENTREVISTADA: olha que eu fiquei (baqueada)... eu saí assim... eu tive uma licença/ até uma licença mesmo médica... por conta disso... por conta de assédio moral na escola... desrespeito... eu sempre fui a professora que eu sempre levei meu aluno/ eu defendia até... questionava mesmo... a questão do aluno... do bem estar... da leitura... do profissional... tanto que quando nós reuníamos... o pessoal dizia... "Marta... fala... Marta... fala... que só é tu que fala..." eu digo... "não... vocês também tão sentindo a mesma dor... falem... se vocês não falarem... vocês não vão se curar... vocês não vai melhorar nunca..." então... ((inaudível)) de enfrentar... de cobrar medidas... de questionar... eu lembro que eu vez eu levei lá pro mural e coloquei assim... um informativo sobre assédio moral... porque o que eles chamam/ o que eles acham... "não... porque eu sou diretor... eu sou o dono da escola... eu posso chegar... e falar..." não... eu tenho que respeitar... eu sou um profissional... você é meu chefe imediato... mas tem um código penal que impede você de fazer isso... né? então eu coloquei lá o cartaz e nas reuniões eu falei... o que vocês chamam... "que fulano é grosso... que fulano é mal educado... eu chamo de assédio moral... se () pra mim... eu vou pra justiça..." eu dizia mesmo... porque se todos tivessem essa postura... era mais respeitado... né? eram respeitados...

ENTREVISTADORA: com certeza... e do quê que a senhora mais sentiu falta como professora? do quê que a senhora a senhora mais sentiu falta como professora? na escola... nesses anos todos?

ENTREVISTADA: foi justamente o apoio ()...

ENTREVISTADORA: ((inaudível))

ENTREVISTADA: () falando? num todo... né? primeiro esse apoio da classe... né? porque tem sempre aqueles que ()... se nós fossemos mais unidos... acho que em todas as questões... né? acho que a gente conseguiria avançar mais... né? sempre deve ter aqueles rótulos... "esse é assim... esse é assado... aquela é a chata... aí a própria diretoria... de acordo com a necessidade de ()... até bota você em uma escola aqui e outra ali sem você nem pedir... né? "não... essa aqui dá problema... vai pra (escola tal) ... não... esse aqui está doente... já não tá dando conta... deixa ele aqui... porque já tá inútil..." a pessoa tá inútil... porque acabou os dias ()... ((inaudível)) tem essa coisa toda... e essa questão de contrato na escola... eu sou a favor e sou contra... sou a favor que tenha concurso... né? e contra... porque eu costumo falar que os contratados são invisíveis... coitados... não podem dizer nada... né? são profissionais excelentes... tempos profissionais excelentes nessa área aí... mas... eles não podem falar nada... né? naquele momento ali ele é invisível... ele não é nem um profissional... ((inaudível)) porque tem o nome de contratado... né? embora ele faça um trabalho excelente... e tudo... mas ele... por um contrato... né? eu espero que um concurso apareça... e essa questão também das decisões em relação ao material pedagógico... e pra tudo... essas decisões não passam pelo professor... o que eu senti mais falta foi isso... ((inaudível))" nossa... eu tô no sexto ano... na sexta série... no sexto ano... com alguma disciplina... algum trabalho... algum projeto disso... () me ouvir primeiro... a gente sempre vai (vivendo) o que alguém traçou ou desenhou pra mim... então eu... ((inaudível)) eu começo pelo professor... começar pelo professor e não o professor seguir uma linha já traçada por alguém que nem esteve lá... isso todos/ em relação a DREA... relação a direção... a coordenação... olha eu fiz uma trabalho excelente... excelente... eu saí da educação de alma lavada... eu tenho até uns vídeos... eu digo... "oh... () você me deu essa oportunidade

de fazer esse trabalho... () dois mil e dezoito... final de dois mil e dezoito... né? e de eu ter feito esse trabalho... porque eu digo assim... é um filho que eu viu parir... é o único filho que eu vou parir vai ser esse projeto aqui..." eu me doeie quase nove meses... porque do meu primeiro dia até o último momento... eu/ assim... eu e outras professoras que estavam junto... quando eu digo eu fica parecendo que eu fiz tudo sozinha... não... mas eu encabecei... eu briguei... eu fui atrás... eu coloquei ânimo nos meninos... nas professoras... em nós todos... porque a turma foi excelentemente... excelente... excelente... foi tão excelente que essa semana uma aluna minha que tá lá em Mato grosso... tá cantando divinamente inglês... bem que só... eu disse a ela que fique por lá... ((inaudível)) "foi a professora Marta que foi quem lhe deu força..." ela riu que só...

ENTREVISTADORA: e qual foi o projeto professora?

ENTREVISTADA: () ... era ()... mas não pôde fazer durante o dia... virou esse ()... existe essa versão... excelente... eu tenho os vídeos... as fotos... os meninos do sexto ano... ao ensino médio...

ENTREVISTADORA: como era o projeto?

ENTREVISTADA: eram músicas... poemas... tudo em língua inglesa... com se fosse o () ... né? só que nós fomos além... sabe? teve música... teve poemas... teve a questão do contexto do poeta lá... do poeta que os alunos do terceiro ano escolheram... um aluno ()... lá do terceiro ano... o Vitor... que tava na UFT... fazendo não sei qual curso que eu não sei recordei ainda... cantou divinamente bem um reggae em inglês... sabe aquela coisa que foi plena? maravilhosa... todos participaram... todos cantaram... todos dançaram... todo mundo ficou assim... sabe? "meu Deus do céu..." mas foi tudo escolha deles... eu só injetei... né? fiz eles acreditarem que a coisa ia dar certo... e eles foram além... e é isso que eles precisam... que injetem... "você vai conseguir... bora... tá aqui a letra... tá aqui o poema..." o César... sabe quem é o César... né? do Inglês... o César... aquele que concorreu lá ao jovem embaixador... e tudo... o César é excelente...

ENTREVISTADORA: ah... sim... sim... sei...

ENTREVISTADORA: aí ele participou... excelente... se você falar com o César ele vai lhe falar também a visão dele de aluno... e aí eu digo... "oh:: senhor... obrigada... eu tenho certeza que esse vai ser meu último trabalho na educação... porque ano que vem eu aposento..." deu tudo certo... foi difícil... eu pari esse filho... quer dizer... nós parimos esse filho... aí a Emily tá lá no Maro grosso... ela só precisa assim mesmo amadurecer e seguir a carreira dela.. ela canta divinamente bem... qualquer música em inglês que ela... é maravilhosa... então você tem... o aluno tem que ter alguém que acredite... que injete... independentemente de ser escola pública... escola particular... eu sempre dizia e digo que boa tarde o boa noite ... ou você me empreste... você vai conseguir... ou você não vai conseguir... somos nós que () a maioria dos alunos... só ver a mãe de manhã... as vezes a noite quando tem pai... pai e mãe né... então () sorriso... atrás de bom dia... você vai vencer é na escola... somos nós independente ... ah mas não sou pai... a é pai e mãe...() não tem outra... eu sempre digo pra eles... vocês passa o maior tempo da escola do que casa... então aqui você tem que ser/ tem que ter né... não só brincar... não só conhecer as meninas e tudo... ((inaudível)) melhor de vocês aqui... buscar / aqui que vocês vão conseguir tudo... e falar dos professores gente vamos () vamos sorri vamos tocar nele... vamos tocar nele... as vezes ele não recebe bem um abraço em casa... então você toca assim... não tia sai... ele ta agredido por dentro né... eu como trabalhei na ((inaudível)) de ir assistir m na casa de aluno ((inaudível)) do sexto ano ((inaudível)) se drogando... ((inaudível)) a minha () experiência termo de só de sócio... econômica e sócio... foi no caic gente.. eu já fiquei na sala com a diretora... eu a diretora e um aluno aqui... segurando o aluno conversando ((inaudível)) e o outro tava la fora querendo matar((inaudível)) ia entra e ia matar o que tava na sala comigo... sabe... () no final da pior fase... porque melhorou foi muito... depois que passou ser... integral né... até porque reduziu né? pela metade((inaudível)) que ia ficar o dia todo lá... porque essa

questão do integral é outra mentira né não existei isso .. como é que é uma escola integral que não tem nada um((inaudível)) pra tomar banho depois do almoço... um lugar pra repousar... ficar o dia todo... () questionei até o ((inaudível)) que foi o idealizador... né... da escola de tempo integral lá em Palmas... eu tive numa formação lá com ele... cheguei... falei com ele assim mesmo... cara a cara...

ENTREVISTADORA: quem?

ENTREVISTADA: e falei que realmente a ideia é excelente... Leandro filho ... o idealizador das escola ((inaudível)) MEC ai... porque é pra frente... não sei se ele ainda ta no MEC ainda... ai falei Leandro... excelente... é ... excelente... ((inaudível)) mas a minha escola antes da () integral tortamente.. . falei pra ele.. tortamente falando... a realidade nossa é essa... essa... essa... essa e essa... ai falou ele falou assim... realmente... eu tô muito lá no MEC ((inaudível)) eu sei que o negócio não vai funcionar né... quer dizer () o que você () dignidade você almoço também né... a comida do () aqui é excelente... comida excelente... você se alimenta com almoço maravilhoso... você vai recostar a cabeça... até uma hora da tarde... você assistir aula... com sono... ()... sem tomar um banho... isso é horrível... por isso que eles não ficam... primeiro porque algumas são babás... são domésticas... tem que ficar o dia todo na escola... ()... um banho... ((inaudível)) lá a escola integral lá... fiz uma formação uma vez lá... de inglês também... a primeira... acho que/ não sei se tem outra...

ENTREVISTADORA: não... ainda não...

ENTREVISTADA: espaço reduzido... né? pois é... reduzidíssimo aquele espaço... eu procurei assim um banheiro... procurei assim um local assim na sombra... depois do almoço e eu não vi... quer dizer... tem coisa na educação que são/ que vem pra massacrar... né? sendo francamente assim mesmo... falando como mãe... como professora e tudo... é terrível... mas tem muita coisa boa... tem muito aluno que chega lá sem auto estima... que não sorri... que não fala... que não brinca... () chega lá conversa... abre um leque de oportunidade... de esperança... a maioria desses meus alunos aí tudo letrado... tudo com letras... eu digo... " vocês todos foram fazer letras? eu quero saber se isso foi interferência minha..." ((risos)) "cês fizeram letras tudinho... eu quero saber se isso foi interferência minha..." ((inaudível)) tem o André... sabe quem é o André? lá da UFT... o assessor do reitor... o André... () cerimonial?

ENTREVISTADORA: sim... conheço...

ENTREVISTADA: André foi aluno meu... André marcou demais a minha vida e eu sei que eu marquei demais a vida do André...

ENTREVISTADORA: que legal...

ENTREVISTADA: o André é meu primeiro filho... filho aluno... é ele e a Zildene... a irmã dele... uma vez eu tive em uma situação... quando nem () homofobia ainda... eu entrei na sala do diretor e falei assim... "ele vai ficar aqui sim... ele não vai ser transferido... se ele tem um jeito afeminado... mas ele merece ficar aqui... eu conheço o André... ele é excelente em tudo... ele vai ficar aqui... se ele sair daqui eu denuncio..." eu era assim... sabe? () demais... quando pensava que não eu tava brigando por um aluno na sala do diretor... na época ele tava () ser questionador... ninguém enrolava o André não... se alguém falasse alguma coisa ele ia em cima... ele sempre foi/ teve esse perfil... né? por isso que eu me identifiquei com ele também... aí ele abaixou a cabeça... eu sempre fui de brigar pelo meu aluno mesmo... (seja qual fosse as questões...) aí ela queria usar esse lado dele ser assim... assim meninão... brincalhão... pra tirar... porque incomodava a pessoa... enfrentava... como enfrenta até hoje... né? aí eu comprei a briga do André e de outros mais... eu entrei na educação... como eu te falei... por falta de opção... né? entrei por falta de opção... entrei de gaiata no navio... gostei muito do navio e não deixei ele afundar não... ((risos)) ((inaudível)) eu deixei assim... né? () ... tô aposentada... mas acredita que eu não fui na escola ainda? eu não fui lá ainda... vejo os alunos na rua... converso no Whatsapp... alguma coisa assim... mas eu não fui na escola... agora quando passar a pandemia eu vou ... porque eu sei que eu vou sair assim/ vou passar a tarde todinha lá conversando com

meus meninos... meus meninos... que eu falo é meus meninos... claro que eu aposentei... é muito bom cuidar dos meus filhos... meus filhos teve que ficar em casa... mas eu peguei assim o bicho do ranram... sabe? pela educação... pelos meninos... quero tá junto e tudo... pensar que não já tô lá no sexto... oitavo ano e tudo... eles ... "professora Marta..." tem um que tá em Goiânia... que gosta muito de língua inglesa... ()... ele canta muito bem... então de certa forma... q professora Marta Monteiro ainda tá ainda... [

ENTREVISTADORA: mantém as ações... né?

ENTREVISTADA: ()... esses meninos... aí quando eu falei com a (Noêmia)... eu disse... "ei (Noêmia).. me diz uma coisa...como é que tá aí no Mato Grosso... como é que tá o neném? como é que tá a faculdade? você tá estudando? olha... você vai/ continua a faculdade e tudo..." olha... quem tá falando aqui é a professora Marta e a mãe Marta... ela disse assim... "tá bom... professora... não vou deixar a faculdade não..." é até porque eu conheço as mães... as histórias de vida... né? e tudo... e que não tem assim... não teve essa formação... ((inaudível)) "olha... a formatura é sua... olha... é pra você tá bem na frente sentada..." ... "tá bom... tia..." eu vou continuar..." ((inaudível)) eu acho que essa ideia antiga que a gente vê nos livros... do magistério... na década de sessenta... de quarenta... de cinquenta... aquela professora... sempre... ainda hoje... na televisão... quando tem uma professora... ela tá de cabelo preso... né? a roupa... a pior que tem é a da professora... né? aquela imagem... daquela professora... cabelo... você pode olhar que ela tá assim... filme também... isso daí tem que ser quebrado... porque a professora pode ser alto astral também... maquiada e tudo... agora aquela da professora mãe... dócil... essa daí continua... tem que ter essa afetividade... né? tem que ter...

ENTREVISTADORA: eu acho importante... eu acho também importante... e eu já lhe explorei muito... né ? vou caminhar aqui pra uma possível conclusão... né? mas no seu tempo... é só para a senhora saber que já eu lhe libero... e então como é que a senhora... como é que a senhora vê a escola pública hoje? a senhora vê que teve mudanças... avanços... retrocessos... e quais são essas mudanças e retrocessos que a senhora mais percebe?

ENTREVISTADORA: não... teve muitas mudanças... muitos avanços... eu sempre falo que... eu vim ter livro didático/ quero dizer... eu não tive livro didático...

ENTREVISTADA: como aluna... né?

ENTREVISTADORA: como aluna... não tive livro didático... merenda... não tive merenda... não tive esse aparato que tem hoje... né? essa questão do investimento é necessário... é muito bom... né? bibliotecas e tudo... então... esse avanço foi muito bom... o aluno ter como pesquisar... né? ter como estudar... tem que ter alimento... e tudo... né? essa parte foi muito boa... a tecnologia nem se fala... ()... hoje o aluno ele pode passar o dia na escola que ele tem o que fazer... né? se ele quiser aproveitar aquele espaço pra crescer... ele cresce... né? vai pro laboratório de informática... pra biblioteca e tudo... se ele for um autodidata ele vai longe... eu não tinha como ir e eu fui... eu lembro que quando eu fazia o primeiro ano do ensino básico... ensino básico que chamava... eu estudava com uma colega... de Fátima... era doméstica na casa de um professor... o professor Joaquim... da UEMA... lá em Caxias... e aí como o professor Joaquim trabalhava na UEMA... tinha muito papel... né? muito chamequinho... muita coisa lá na casa dele... ela pegava chamequinho dele lá e grampeava... ela/ como ela trabalhava na casa de um professor de inglês e ele deu todo o material pra ela... o professor da UEMA... ele comprou o material didático pra ela... aí eu pegava o livro de inglês da Fátima... e eu copiava... e fazia grampeado pra mim... era meu livro de inglês... assim... com a minha cara... né? eu copiava a atividade... porque eu não tinha livro... ()... na época eu não tinha livro... eu estudei totalmente sem livro... a vida toda sem livro... assim... ensino médio... ()... o fundamental também... mas aí no ensino médio eu senti mais... eu copiava a matéria... eu sempre ()... aí eu copiava e tudo... aí quando foi agora... depois de aposentado... eu fui na casa da minha comadre aí tinha um desse mesminho do primeiro ano... aí eu digo... "esse aqui é meu... vou levar lá pra casa... esse livro aqui me traumatizou a vida toda... porque eu não tinha ele... agora eu vou ter

esse livro... aí eu trouxe ele... então hoje... a escola pública hoje... o que tá mesmo/ não só a pública... é essa questão da família... né? afastou muito... né? tem tudo e não tem nada... né? falta... tá faltando o que? família e escola... tá faltando esse encontro... esse acompanhamento... ((inaudível)) quer dizer... ele tem tudo... uniforme quando não tem q escola dá... ele tem um livro didático... ele tem o lanche... mas tá faltando alguma coisa... não tá? eu acho que é esse encontro... esse muro tem que tão mais baixo...

ENTREVISTADA: diante de tanto avanço... né? aparente avanço... né?

ENTREVISTADORA: ((inaudível)) ... a família também fica com ciúmes... não desse avanço... ((inaudível)) a questão de informações e tudo mais... né? mas aí o professor vê lá... ()... e o aluno assim e assado... a mãe vem descobrir que ele tem um problema... digamos que mental... ()... né? quem diagnosticou? a escola... né? a professora percebeu... né? que ele não consegue escrever... audição ou alguma coisa assim... e a família... né? então eu acho que a escola tinha que/ não sei... qual seria a forma... mas tinha que ter esse encontro... né? e essa questão da política também... administrativa... né? essa coisa aí... desse... você começar uma coisa e não terminar... dar continuidade é difícil... né? muito difícil...

ENTREVISTADA: sim... professora... e o que significou ou significa pra senhora... ter sido professora de escola pública? o quê que isso significa na sua história? como pessoa... como profissional... o quê que isso representa? qual a importância disso?

ENTREVISTADORA: eu... embora eu tenha trabalhado nas duas realidades... mas eu acho que a pública pra mim foi/ a questão da... dos desafios... os desafios me fazem crescer... né? meu maior desafio foi na pública... né? eu te falei anteriormente... várias histórias... né? os desafios me fizeram crescer como profissional... e eu sei que eu fiz eles crescerem também... eles perceberem esse mundo a fora... né? toda escola tem ()... e eu transformei esse desafio em algo positivo... posso não ter conseguido ()... né? mas eu acredito que esse desafio da pública pra mim... me tornou uma pessoa melhor...

ENTREVISTADORA: que bom... né? e como é que tá sendo/ e como é que tá a vida de aposentada? como é que a senhora tá se vendo hoje como aposentada? e como é que a senhora tá encarando esse momento da vida? lidando com esse momento... do quê que a senhora sente falta?

ENTREVISTADA: eu... no momento... estou me redescobrando... né? () de aposentada... e aí eu estou descobrindo a questão da desvalorização... que a gente fala em sala o tempo todo... né? eu tô percebendo agora... depois de aposentada... porque eu descobri que eu tenho um PASEP... que durante a vida toda... enquanto profissional... foi depositado em um banco... e pra mim receber eu tenho que ir pra justiça... eu descobri que eu fiz um caixa um... caixa dois... caixa três... caixa quatro... pra eu receber... eu não sei nem se eu vou ter essa vida pra mim receber ainda... eu estava lá... batalhando... lutando... fazendo/ tentando fazer o dia a dia se tornar mais/ se tornar possível... né? mas o desafio... ((inaudível)) aí depois quando você aposenta... que você sai da rotina... que você vai ver... que você depositou tanto em alguém... que você não sabe nem quem é.. aí você tem que lutar pela progressão... pelo PASEP... você tem que fazer - como eu estou fazendo há um ano... né? - a sua revisão/ o check up... né? da saúde... o quê que sobrou da educação... então... aí vai... alguns sonhos que você tenha pra realizar... as vezes você não realiza... por conta da saúde... da alimentação e da saúde... né? porque você... nesse longo tem... você se desgasta... né? psicologicamente... fisicamente... e tudo... eu não tô conseguindo mais ler muito... eu começo a leitura e tenho que parar... amanhã talvez eu leia mais uns dois parágrafos por conta do problema que eu tive... né? adquirido no percurso da história... né? e tudo... então... essa minha relação com o livro ()... né? o meu sonho de escrever meu livro vai ser bem lentinho por conta das minhas limitações... não tô reclamando... ((inaudível)) trágico... né? uma das coisas que ficam... que a gente perde... né? eu acredito que o que eu perdi foi por uma boa causa... né? os gritos... com os meninos... aquela coisa toda... mas eu tava acreditando... né? ((inaudível)) o dia que eu não acreditar... eu não vou sair antes...

porque eu não quero perder a aposentadoria... mas eu... quando eu chego na escola... que eu vejo ali... "agora vamos... agora tenho algumas coisas pra resolver... tô aqui é pra resolver... vamos lá..." nunca deixei o desânimo ()... claro que vem o desânimo... a tristeza... sabe? as vezes eu desanimava mais com o administrativo... aquela coisa toda... essas picuinhas... as perseguições... quando veem que você consegue ir além... alguma coisa parece que pega no seu pé... eu digo... "não tô nem aí... vamo lá... vamo lá... vamo fazer isso aqui e a coisa vai..." aí eu tive também contato com a questão/ com esses alunos... surdo mudo... que eu lhe falei... né? a questão da inclusão... eu achei que eu passei nos departamentos ()... e eu trabalhei também com a questão do () também... então... eu te falei a questão do desafio... né? me fez... uma pessoa/ ... () um desafio... se Deus me deu essa oportunidade... colocou essas realidades.. é porque ele sabia que eu tinha que dar o meu melhor... acreditar e tinha que sair dali melhor... né? aí hoje quando passou tudo... né? valeu a pena... ((inaudível)) aí de novo... mas vou lutar pelo que eu descobri agora... que eu tive que eu nem sabia que eu tinha... que vai ter que ser uma outra luta... ((inaudível)) burocracia... questão ()... mas tá tudo protocolado... ()... em todo caso... se eu falecer antes... meu esposo recebe... né? espero que sim... porque a última nossa progressão foi em dois mil e catorze e nós estamos em dois mil e vinte... olha só... né? que coisa... você... em dois mil e quatorze/ dois mil e vinte... você se aposentou... então... eu digo... "é uma audácia... é uma missão mesmo..." você está ali... você já ganha pouco... quando sai você já não recebe... a valorização... então... quem foi escolhido pra tá ali naquele palco - eu chamo de palco... - ((inaudível)) eu chamo de palco... eu me arrumava... eu sempre fui muito vaidosa... passava batom e tudo... "mulher... pra onde tu vai assim?" "vou pro meu palco... eu não sei o que vai acontecer hoje... né? que ato... o quê que vai acontecer... qual será o ato de hoje... então eu tenho que ir bem... tenho que estar banhada... de tenho que tá bem... ir sorridente... porque lá... só Deus sabe... né?" ((inaudível)) lilás... "oi tia ... seu batom é bonito..." e eu digo ... "é mesmo?" e seu dia já começa... né? também sabem de estratégia pra você chegar naquele aluno... teve um tempo no () que eu trabalhei rap... trabalhei hip hop... eles diziam... "tia... a senhora gosta?" eu digo... "ué... porque que eu não vou gostar? são músicas lindas..." porque o aluno tá sentindo que... o que ele é... o que ele pensa... o que ele gosta tá totalmente.../" igual eu falei... que um tempo atrás você só copiava e tudo... pois então... quanto mais eles virem você... que você usa batom... que você gosta de hip hop... que você lê uma revista Carinho/ Carícia... ele vê que você faz parte do mundo dele... que você é igual a ele... entendeu? (no meu tempo) era assim... você chegava... copiava... dona De Jesus era a professora... não tinha isso... () de outro planeta... você tinha que obedecer... agora... com a maturidade assim... tudo... aí a coisa vai facilitando... né? aprendizagem... ((inaudível)) toda essa afetividade...

ENTREVISTADORA: sim... sim... e que perdas pesam/ e que perdas a senhora atribui por ser professora... por se dedicar tanto a educação?

ENTREVISTADA: não... essa perda eu não tive tanto... porque como eu sempre dizia... eu vim fazer quarenta horas agora quando eu tive... ()... eu vim fazer quarenta horas pra eu poder aposentar com quarenta horas... né? tem que ter cinco ou seis () de quarenta horas... ()... eu ficava na escola só um horário... outro era pra ficar em casa... porque eu falei assim... "um dia meus filhos não crescer... e vão perguntar assim... mãe... eu fiz aquela tarefa do terceiro ano da quarta série e a senhora não tava comigo..." por conta disso eu () horas... as minhas colegas falavam assim... "comadre... mais tu é dondoca...só faz vinte horas... só vem de manhã ou só vem à tarde..." eu digo... "é porque eu tenho uma família lá também... esse é o ficar o dia todo aquele homem cobra depois eu não vou ter como responder..." ((inaudível)) perdi assim... na qualidade... né? porque você chega cansada... nos últimos anos estava com dor de cabeça... né? por causa da ()... eu sempre... sabe? me políciei nesse sentido... ()... da família por conta da escola...

ENTREVISTADORA: sim... sim...

ENTREVISTADA: ((inaudível)) mas eu não tenho assim... essa perda assim... em dizer... "ahh... a família e tudo..." sempre tentava deixar tudo em ordem... sempre viajava em julho... férias é viagem... então uma viagem era nossa... nós sempre viajávamos... eu sempre tive um pé na família um pé na escola... às vezes... fazia ainda na escola ()... então essa perca que todo mundo fala... "ah... ficar na escola não ver os filhos crescerem... ((inaudível)) eu sempre quis participar de tudo... eu tive uma perda clássica... que eu não vou dizer que foi da escola... da educação... mas disso dizem... né? que toda professora é separada... eu não atribuo...

ENTREVISTADA: eu também sou separada... ((risos)) separei também...

ENTREVISTADORA: meu colega diz assim... "ah Marta... tu separou porque tu é professora... ()..." mas ele é muito gaiato... eu digo... "não tem nada a ver... nada a ver..." nessa parte eu falo brincando eu não atribuo... sabe? são são questões mesmo de acontecer e tudo mais...

((inaudível por simultaneidade de vozes))

ENTREVISTADA: ahh... são das relações... né professora? a a gente como mulher pesa muito sobre nós socialmente... né? que quando um casamento acaba parece que a culpa da gente... né? e não se trata disso a culpa não é nossa... se trata de culpa... né? se trata de responsabilidade... se trata de escolhas né?

ENTREVISTADORA: pois é... escolhas... e no meu caso foi muito de ()... foi questão de escolha dele... a minha era continuar com a família como estou... então... a banda passou...

ENTREVISTADA: sim... sim... verdade... agora é tratar de ficar bem e ser feliz... porque a gente precisa dar conta de existir sozinha e existir bem... né?

ENTREVISTADA: agora nesse primeiro momento... nesse primeiro momento... eu ia viajar em abril e voltar em junho... eu digo... "é o meu primeiro estágio de estar realmente aposentada..." porque eu ia passar uns quatro ou três meses fora de todo mundo aqui viajando... aí veio a pandemia né? aí não pode... porque esse primeiro ano... realmente... o primeiro ano de aposentadoria vou me adaptar como é que é a nova vida... e vou fazer meu check-up... porque não quero viajar com problemas de saúde... né?

ENTREVISTADORA: e a quanto tempo a senhora tá separada professora? isso não é nem para entrevista... é só um paralelo...

ENTREVISTADA: eu separei dois mil e quatro... eu digo que tem quinze anos... ((inaudível)) então eu enfrentei educação... gravidez e separação... tudo num pacote só... ((risos))

ENTREVISTADORA: separou-se grávida? que difícil... né?

ENTREVISTADA: ()... o rio... aquele rio ali me acalmava... porque () a gravidez...

ENTREVISTADORA: e a senhora arrumou outro companheiro já?

ENTREVISTADA: não... não... até por que? [

ENTREVISTADORA: é bom ter liberdade... né? de novo.

ENTREVISTADA: () tava com dois anos e sete meses... aí depois que eu me refiz... né? porque na separação você perde... muita coisa... aí depois que eu me refiz... que eu me olhei no espelho... que eu me achei linda... que eu tô tão tranquila nessa casa com meus meninos... eu não tenho mais intenção de colocar mais ninguém aqui pra me incomodar não...

ENTREVISTADORA: éhh... tá certa...

ENTREVISTADA: a gente se apodera de nós mesmas... né?

ENTREVISTADORA: eu tô nesse processo... eu tô nesse processo... é importante a gente se olhar... se orgulhar da gente... se gostar... né? acho que é importante... professora Marta... MUITO obrigada... a gente vai se falando se a senhora tiver disponibilidade de ir falando... fico muito honrada...

ENTREVISTADA: ((inaudível))

ENTREVISTADORA: quero... quero...

ENTREVISTADA: ()... eu fui na União Feminina... eu fui na Costa Pinto... Aldeias altas... todos os lugares que eu trabalhei... eu só não tenho fotos só na Aldeia... mas eu fiz assim...

ENTREVISTADORA: ahh:: se a senhora puder mandar uma de cada pra mim... a senhora só vai só pondo a legenda pra mim indicar... porque para mim é uma alegria... assim... eu fico muito emocionada... a professora Antônia me mandou umas fotos da escola dela... eu fiquei tão emocionada... porque assim só a gente entende né? assim... a gente que tem essa vida... que constrói a vida ali... né? é um outro sentido... que a gente constrói pra essas imagens... né? muito afetivo... né? uma construção muito afetiva... né? e aí... eu vou lhe incomodar outras vezes... pelo WhatsApp... ou pra a gente se falar... não... tudo bem... sem problemas... sem problemas... eu falei com a professora Antônia que depois a gente vai se reunir pra tomar um café... uma cerveja... ela disse... "eu prefiro a cerveja..." ((risos))

ENTREVISTADA: eu também... ((risos))

ENTREVISTADORA: pois a gente vai se encontrar... eu fico assim... muito honrada... eu espero fazer jus... a ideia não é julgar... mas apenas contar... e a partir dessas histórias de vocês... construir uma outra história... que é a história da educação... né? desse Estado... e esse percurso tão grandioso que vocês têm... vão ser a alma da minha tese e eu quero fazer muito jus a isso... a confiança... ao carinho... a prontidão com que vocês têm me atendido... eu me sinto muito... muito honrada e tenho uma gratidão imensa por vocês... tá bom?

ENTREVISTADA: ((inaudível)) eu aproveitei... fui pegar a documentação... e tirei as fotos... e fiz o meu de volta ao começo...

ENTREVISTADORA: que legal... que legal... pois então tá bom... então tá...

ENTREVISTADA: se eu pudesse eu faria de novo...

ENTREVISTADORA: eu fiquei preocupada... porque cortou muito as falas... sabe? a internet não ajudou... não sei se depois... depois eu vou ver o vídeo e aí se tiver comprometido... aí a gente vê de novo outro momento pra a gente ver o quê que tem que refazer... tá bom?

ENTREVISTADA: tudo bem... sem problemas... estou disponível... e quando você for na UFT e ver o André... diga que a professora Marta Monteiro que ele vai me descrever direitinho...

ENTREVISTADORA: falo sim... muito obrigada... fica com Deus... muita força... muita luz... se você lembrar de alguma coisa e quiser contar... pode mandar pelo WhatsApp... quiser conversar outras coisas tô aqui... tá bom?

ENTREVISTADA: tudo bem... o meu sobrinho trabalha lá em Augustinópolis...

ENTREVISTADORA: quem é?

ENTREVISTADA: meu primo... o () do TRE... do cartório do TRE...

ENTREVISTADORA: talvez a minha irmã o conheça... ela é assistente social e trabalhou com pessoal da justiça... trabalho ainda né?

ENTREVISTADA: ((inaudível)) home office... por conta do Corona aí... ((inaudível))

ENTREVISTADORA: ele é casado com a Brenda?

ENTREVISTADA: não... não é casado não... ele tá namorando ()... eu tô torcendo que ele já case com ela... ele tem trinta e três anos... eu tô torcendo aqui fazendo minhas orações para ele casar...

ENTREVISTADORA: coisa boa né?

ENTREVISTADA: ()... nessas cidades assim sozinho... solteiro... tá na hora de você casar para não ficar nesse negócio de transferência...

ENTREVISTADORA: pois é...

ENTREVISTADA: ((inaudível)) gostei demais de lá também...

ENTREVISTADORA: quando a pandemia passar a gente vai planejar um encontro... ()...

ENTREVISTADA: um dos meus sonhos de aposentado é subir o Morro do Estrondo lá em Axixá...

ENTREVISTADORA: Ah... pois tem que realizar... tá fácil demais esse...

ENTREVISTADA: um esporte selvagem assim radical... ()... é um lado meu assim também... então tá bom... qualquer coisa nós estamos aqui... tá?

ENTREVISTADORA: muito obrigada... fique com Deus... saúde e paz para você...

ENTREVISTADA: obrigada... pra você também...

ENTREVISTADORA: beijo minha querida... obrigada...

ENTREVISTADA: obrigada...

Transcrição- Nama Mendes Brito

E: Érica

N: Nama

E: A senhora fica bem à vontade, eu não vou ficar fazendo pergunta toda hora, a partir da história eu vou me encaixando e tentando organizar aqui a minha entrevista a partir do que você for me contando. A entrevista tá organizada em três momentos: a primeira, é o seu processo de estudante na formação básica, desde quando aprendeu a ler, né... E depois, a sua formação acadêmica, depois a docência e a aposentadoria. Então, quero fazer esse percurso com a senhora hoje, tá bom?

N: Tá bom.

E: Pra iniciar, há alguma dúvida?

N: Não.

E: Depois de transcrita a entrevista, eu vou lhe mandar, você vai ler. Se tiver alguma coisa que você “ ah, não, isso aqui eu quero tirar. Eu falei, mas eu não quero que conste, não quero que apareça.” E eu vou fazer isso, o que você desejar, e vou publicar o que você me autorizar. Nesse momento, eu não tenho como assinar o termo, mas depois eu vou precisar desse termo assinado, me autorizando a usar sua entrevista como dado da minha tese, tá bom?

N: Tá bom.

E: Para começar, eu gostaria que a senhora me dissesse o nome da senhora completo, a data de nascimento, quanto tempo atuou na docência e em que ano se aposentou.

N: Nama Mendes Brito, zero um, zero três de mil novecentos e sessenta e oito (01/03/1968), tenho... Aposentei em novembro de 2018.

E: Ah, foi recente...

N: Foi.

E: A formação da senhora é qual, professora?

N: Letras, português inglês.

E: Nós não nos vimos não? Na DREA, em algum momento? Eu entrei pra DREA em agosto de 2017, eu trabalhei na parte de currículo lá.

N: Em 2018, quando eu estava organizando os papéis, eu fui muito na DREA. Pode ter visto, a gente pode ter se visto.

E: É, tanta gente. Porque eu vim de Araguatins, todo mundo era novidade, até eu gravar era mais difícil, né? Enfim. Então professora, pra gente começar, eu gostaria de saber se a senhora tem na sua memória o momento que a senhora aprendeu a ler, como a senhora aprendeu a ler? E quem lhe ensinou a ler?

N: Assim, quando eu fui pra escola eu já tinha sido basicamente alfabetizada em casa, minha mãe me ensinou o ABC, lembra daquela cartilha do ABC? Antiga... Então, eu fui pra escola com seis anos. Até não podia naquele tempo, mas aí minha mãe tinha uma amiga ali no estadual, aí ela me colocou, me matriculou, disse que era para ser ouvinte. Mas aí disse que eu me saí muito bem, já me matriculou e eu fiz a primeira série naquele tempo, mas quando eu fui, eu já sabia praticamente as letras tudo, o bê-à-bá. E quando eu tava na segunda série, a minha professora veio conversar com minha mãe pra eu fazer as provas da terceira série, se eu passasse, eu iria para a quarta série, se eu não passasse, eu iria pra terceira série de qualquer jeito, né...Aí, minha mãe não concordou ((risos)), não deixou eu fazer as provas.

E: Sim, uma forma de promoção, né? Promovia o aluno, né?

N: Isso. Ela disse que eu dava conta.

E: Eu ainda me lembro do ABC.

N: Pois é, eu e meus dois irmãos, minha mãe ensinou a gente em casa. Aí, quando foi pra escola já sabia.

E: Muito legal, né...E onde a senhora estudou, professora?

N: No estadual...Como é o nome hoje? Era Escola Estadual de Araguaína, eu fiz da primeira a oitava série lá.

E: Sim, e como foi essa experiência? Que memórias a senhora tem dessa época da escola, desde a alfabetização? Como eram os professores? A disciplina? A rotina?

N: Eu lembro que chegava na escola, tinha que formar fila pra cantar o hino Nacional. Depois que a gente ia pra sala. Eu gostava de estudar, gostava muito e tenho boas memórias. Só uma vez que eu não gostei muito, que eu tirei 10 na prova e a professora colocou 1 no boletim, era aquela disciplina de OSPB, aí tive que fazer recuperação. Mas, foi um...como é que se diz?...Eu lembro até hoje, eu nunca tinha ficado de recuperação na vida. Eu e minha mãe levamos a prova, mas a professora disse que não, que não podia mudar. E naquele tempo, pros professores os alunos raramente tinham razão, né...Mas, a época foi boa, eu gostei muito. Aí, eu gostava de estudar, eu lembro assim, que naquela época que eu ia pra lá, aquela Ademar Vicente Ferreira aqui não era asfaltada, pensa pra ir quando chovia! ((risos)) Chegava lá com salto de lama, mas foi uma época boa!

Aí o ensino médio eu fiz aqui, era integrado, eu fiz em dois anos, né. Não quis fazer na escola com três anos, aí fiz em dois anos. Dois anos também foi bom, só não gostava de Química e física...

E: Eu quero voltar ainda lá nos anos iniciais, essa época a senhora ainda pegou a palmatória? Alguma forma de castigo? Como que era organizada, como que era a relação da escola, professores e aluno?

N: Olha, isso eu nunca vi, questão de punição lá na escola. Lá não tinha palmatória nessa época, aqui na escola não.

E: Humm...

N: Pelo menos na minha escola não tinha.

E: Mas a escola era muito rígida? Como ela tratava essas questões com os alunos?

N: Não, era rígida, né. Que naquele tempo a gente não podia responder o professor, o professor sempre tinha razão. Naquele tempo a gente realmente estudava, escutava o professor, obedecia. Então, não tinha muito essa questão de desobediência na sala de aula, de bagunça.

E: Humm...

N: Todo mundo respeitava, o professor era como o segundo pai, né?

E: Uhum..

N: Aí, eu não lembro, assim, dessa questão de desobediência, de alguém responder o professor. Na minha época, não tinha não.

E: E como a senhora se sentia quando tava na escola?

N: Eu achava bom, a única coisa que eu não gostava era quando a professora colocava em dupla pra ler a atividade do livro. Eu sempre li muito rápido. Aí, enquanto a pessoa lia uma vez eu lia cinco vezes. Ficava lá, lia e relia..((risos)). Mas eu gostava de fazer as atividades, eu gostava de estudar, nunca faltei na escola, todo o dia eu tava lá.

E: Aí, a senhora começou a me contar do ensino médio... Seu ensino médio foi magistério?

N: Não, não. Foi normal, eu nunca na minha vida imaginei que eu ia ser professora. Quando eu entrei no ensino médio eu queria fazer ciência da computação. Tava começando a surgir naquele tempo, foi em 84, 85, né? Aí, meu pai tava arrumando pra eu ir pra fora, já tinha arrumado que eu ia pra São Luís ,parece... Aí, veio a a faculdade pra cá, a FACILA. Aí não, decidiu que vamos ficar aqui. Aí, era história, matemática, geografia e letras. Aí, como eu gostava muito de inglês, eu me identifiquei muito com inglês...Então, vai ser letras.

E: Legal! Mas antes de ir para essa parte, eu quero saber se a senhora teve dificuldade pra frequentar a escola, né. Porque historicamente aqui na região norte, nós temos essa realidade de alunos de baixa renda, uns que tiveram acesso e outros não, né?Aí, eu quero saber da senhora se foi tranquilo ou se a senhora encontrou dificuldades e que dificuldades foram essas?

N: Não, sempre foi tranquilo, minha mãe sempre fez questão da gente ir pra escola, ter o estudo. Ela disse que ela não tinha, então ela queria dar pra gente. Então, nunca tive dificuldade para ir pra escola, nenhum problema, nadinha.

E: Sim, sim. E se a senhora pudesse resumir esse período da educação básica. O que representou esse período da educação básica pra sua vida? Ele te motivou a continuar os estudos? A senhora pensou em fazer ciência da computação, né? A escola trabalhava isso nos alunos ou já era uma coisa sua mesmo?

N: Não, foi uma expectativa minha. A escola não incentivou nesse ponto de escolher o curso não. Foi uma expectativa minha, porque começou a surgir os computadores naquele tempo, né...aí eu comecei a me interessar. Aí, foi uma expectativa minha, que era uma coisa que eu gostava e eu também queria desenvolver , mas não deu certo.

E: Sim, então, a senhora estava me contando que foi pra FACILA, né?

N: Isso...

E: Uhum... E como foi a escolha entre história e letras, por exemplo? Qual foi o critério?

N: Eu coloquei letras primeira opção e história segunda opção. Que eu também gostava de história, mas gostava mais do inglês.

E: Então fez letras pelo inglês...

N: Fiz letras pelo inglês.

E: E como foi a sua experiência na universidade?

N: A universidade eu comecei muito novinha, eu terminei com 15 anos, então tem o quê?... Eu faço aniversário em março e aí eu completei 16, né. Naquele tempo, quem começou a fazer a faculdade FACILA, era muito os professores que já estavam perto de aposentar. Então na minha turma eu era a caçulinha. Aí na minha turma já tinha professoras com 20 anos, 15 anos, 25 anos de experiência de sala de aula, já tinha vivência de vida. Então eu era a caçulinha, não tinha vivido praticamente nada ainda. Então foi uma aprendizagem, tanto do sentido da escola quanto do sentido da vida, né? Aprender com elas. Aí, teve uma época que eu estudei um semestre em Goiânia, mas aí esse semestre ficou perdido lá e o ano ficou perdido aqui. Tanto que era pra eu terminar a faculdade em 88 e eu terminei em 89. Quando eu voltei, eu fiquei em outra turma, mas era a mesma coisa, eu era a caçulinha. Essa, era as mulheres casadas, separadas, as que já tinham sido traídas... E aí, menina, uma aprendizagem só também. ((risos)) Elas: “ vai ouvindo aí pra aprender” ((risos))

E: ((risos)) E o que do curso de letras, da relação com essas mulheres a senhora disse que foi muito importante, mas e a relação com os professores? Que relação esses professores tinham com vocês? Era uma relação mais amistosa, motivadora, ou era uma relação difícil? Tinha professores mais solidários aos alunos, que ajudavam os alunos a fazerem outros estudos? Como era essa relação?

N: Não, era assim, a relação que eu tinha era assim, eram vários professores, né? Tinha os professores que eram mais amigos dos alunos. Tinha aqueles que só iam lá dar a matéria deles e pronto, não se importava muito em conversar. Tinha os que eram muito amigos, outros que tinham recém chegado na cidade. Então, era assim, uns muito amigos e outros que só iam lá dar as aulas deles.

E: Oi, eu desliguei a minha imagem pra ver se melhora a internet.

N: Tá bom, mas aqui o sinal tá bom, não tá falhando não.

E: Será se é a minha?

N: É, porque aqui o sinal tá bom, não falhou nenhuma vez.

E: Oh, não tô vendo, sua imagem tá aparecendo bem deformada pra mim, tá cortando.

N: Pois é, aqui tá tudo normal, tô te ouvindo normal.

E: Tá, vamos tentar seguir, né. Se comprometer a gente para porque eu preciso do áudio. Então, foi uma boa experiência a graduação?

N: Foi, foi uma boa experiência.

E: Quais outras coisas que a senhora destaca dessa experiência, quais oportunidades a senhora teve na graduação?

N: Da graduação foi a experiência de tá num mundo novo, da faculdade, de tá vivendo com pessoas diferentes das que eu acostumava viver. Porque adolescente vai conversar com pessoas adultas na aula, praticamente todo dia, de segunda a sexta. Aí foi experiência de vida, nos dois sentidos, do escolar e o da vida mesmo, né.

E: E a senhora sempre contou com o apoio da família? De quem da família a senhora recebia mais apoio para estudar?

N: Da minha mãe.

E: Sim...

N: Meu pai apoiava, mas não era muito não. Minha mãe que sempre apoiou. Ela sempre quis que a gente estudasse.

E: Ainda num tempo em que a mulher ainda encontrava resistência, né. Pra estudar...A senhora estudava de manhã ou à noite? Durante o dia ou à noite?

N: Eu sempre estudei de manhã.

E: Humm, era mais tranquilo, né, então...

N: Era mais tranquilo, nunca estudei à noite.

E: Porque tem esse preconceito da mulher estudar à noite, né? Ainda tem mais isso...

N: É...E eu era muito nova, né?

E: Sim, sim, sim...E o que representa pra senhora e o que representou para a sua família, a senhora ter cursado um curso superior?

N: Não, minha mãe gostou, meu irmão do meio é formado também, só meu irmão mais novo que nunca gostou de estudar. Mas, assim, foi normal...não teve nada demais não.

E: Uhum. E qual foi a importância pra sua vida hoje? Como a senhora olha pra sua formação e vê essa formação? Já conseguiu imaginar a sua vida sem essa oportunidade, e avaliar a sua vida sem essa formação?

N: Não, essa formação a gente tem que agradecer porque foi através dela que eu consegui um emprego, consegui minhas coisas, é...ter a oportunidade de prestar um concurso. Ter a oportunidade de trabalhar, de comprar as minhas coisas, né. Aí então, a gente olha por esse lado, porque foi esse emprego que me proporcionou tudo que eu tenho hoje. Esse curso.

E: E quando foi e como foi a sua primeira experiência na docência?

N: Minha primeira experiência na docência, foi ensinar a filha de uma amiga minha. Dar aula particular. Aí, depois, que ainda estava na faculdade teve a mulher que trabalha no sindicato, a Rose...

E: A Rose Franca?...

N: Não, não...Gente como é que chama? O nome? Roseli? Não lembro... Ela me pediu pra substituir ela lá no Benjamim, pra dar umas aulas, né? Aí ela disse depois pra eu substituir, acho que foi uns seis meses que eu substituí. Aí depois ela voltou, eu sei que eu dei umas aulas pra ela lá. Aí, depois, quando eu tava no último ano da faculdade, teve uma professora que pediu pra eu substituir ela no colégio estadual. Peguei umas aulas lá pra substituir à noite e eu trabalhei um ano substituindo ela. Aí foi realmente a minha primeira experiência.

E: E como foi essa experiência? Como a senhora se lembra dessa experiência?

N: Inexperiência ((risos)) tava terminando a faculdade, foi no último ano da faculdade, não sabia nada da sala de aula porque o estágio não prepara a gente pra sala de aula, né? Você aprende na prática mesmo, no estágio não prepara, não. E como era à noite, era até mais tranquilo os alunos. Aí você imagina, eu com 20 anos pegando aula à noite...

E: Quais foram as dificuldades?

N: A dificuldade foi no manejo da sala de aula. A questão não era o conteúdo, porque o conteúdo de inglês eu sabia, mas a questão foi o manejo da sala de aula. De dar aula mesmo, de preparar com os alunos, essa foi a dificuldade.

E: E como você se sentia diante dessas dificuldades?

N: Eu sentia nervosa, ficava nervosa ((risos)). Aí, ia correndo atrás pra ver o que eu ia fazer, ficava procurando coisas pra apresentar, dar, elaborar atividades.

E: E aí interrompeu essa experiência?

N: Aí, em 89 eu terminei a faculdade. Aí, lá tinha Helena, ela era coordenadora lá no estadual. Aí, terminei a faculdade em dezembro de 89. A gente formou...Aí, quando foi em janeiro de 1990 eu tava na rua, aí encontrei com D. Helena, aí ela: “Que que cê tá fazendo?”, aí eu falei: “Nada, terminei a faculdade e tô vendo o que eu vou fazer”, aí ela disse: “Não, então vai lá no Santa Cruz que tem uma vaga para professor de inglês”, aí eu fui e peguei as aulas, fiquei lá 8 anos.

E: No Santa Cruz?

N: No Santa Cruz.

E: E Quando que a senhora ingressa na rede estadual?

N: Na rede estadual, eu peguei em 91, eu arrumei um contrato, trabalhei um ano na APAE. Na APAE eu trabalhei com uma turma com pessoas com autismo e síndrome de down. A gente começou lá na do São Miguel e depois veio para a da rodoviária que já tinha inaugurado. Aí, quando foi em 92 eu fiz o concurso do Avelino. Aí a gente fez, e quando foi em fevereiro de

93...ah não, foi em 92 que eu trabalhei na APAE, foi um ano, eu tô mentindo não foi em 91 não, foi em 92. Aí, em 92 eu fiz o concurso e em fevereiro de 93 eu tomei posse, que eu fiz pra inglês, o concurso. Aí eu tomei posse, só que eu não podia tomar posse na APAE, eu tinha que sair de lá. Aí eu fui na DREA pra vê. Tinha toda aula de inglês só que em escolas muito longe, muito afastada, pra ir a pé ou de ônibus, eu não quis. Aí eu peguei no Castelo Branco, as 40 horas lá. Aí, tinha inglês, parece que eu peguei umas quatro turmas só. Aí, peguei redação, naquele tempo tinha aquele curso de contabilidade, esses trem, aí peguei redação oficial, peguei português, peguei uma salada de frutas, né. Mas aí era mais perto de casa, dava pra ir e voltar.

E: A senhora trabalhou quanto tempo lá no Castelo Branco?

N: No Castelo Branco, 1 ano. Porque quando chegou no final do ano chegou a notícia de que o governo tinha comprado o prédio do integrado. Aí, eu lembro que eu fiquei praticamente uma manhã todinha lá na DREA pra falar com Josefa, que na época ela era a delegada de ensino, pra pedir a remoção pra cá. Porque o prédio do integrado não dá nem 5 minutos da minha casa. Aí, era pra ser Centro de Ensino Médio, né? Aí, foi em fevereiro de 94 a gente começou aqui que é no Paulo Freire. Aí, no Paulo Freire eu fiquei até aposentar.

E: Que beleza, né? E em que turmas a senhora trabalhava lá?

N: Quando começou no Paulo Freire, tinha contabilidade, magistério, administração e tinha o ensino médio normal. Eu trabalhei em todas as turmas.

E: Sempre ensino médio?

N: Só ensino médio. Começou só com ensino médio. Aí, a gente trabalhou, eu trabalhei com redação, inglês, umas turmas de português. Era o que tinha.

E: Como era organizado o currículo nessa época? Vocês já recebiam as ementas, os conteúdos programáticos ou vocês mesmo que tinham que elaborar?

N: Não, como era início da escola, né? Tudo a gente tinha que correr atrás. Tudo a gente correu atrás. Aí, era de manhã, de tarde e de noite. Eu pegava menos de manhã e pegava mais a tarde e a noite porque eu ainda tava no Santa Cruz.

E: E como que vocês organizavam então esse currículo? Se reuniam? Faziam um planejamento? A coordenação ajudava?

N: A gente reunia, Tinha uma colega que tinha experiência em trabalhar em escritório de contabilidade. Aí, ela ajudou na construção, para elaborar o currículo para administração e contabilidade. Aí, tinha outras que já tinham experiência com o magistério e foi reunindo pra montar os currículos.

E: Olha que coisa interessante, né? Montava o curso e proposta pedagógica, vocês que tinham que elaborar, né?

N: Aham. Naquele tempo, 94, não tinha muito essa questão de proposta pedagógica, né. Igual hoje que manda tudo, a gente que tinha que correr atrás.

E: E depois de fazer o planejamento das ementas, como era o planejamento das aulas, dia-a-dia, eram planejamentos individuais?

N: Não, o planejamento das aulas eram individuais. Tinha a reunião no início das aulas para montar o conteúdo programático. Mas o planejamento das aulas, o que você ia fazer na sua aula, era individual.

E: E a coordenação ajudava, apoiava, dava conta de dar esse suporte?

N: Aham, dava conta, dava suporte pra gente.

E: E que recursos vocês tinham, porque era uma escola pensada pra cursos técnicos, então a gente espera que ela fosse montada pra isso, ela tinha essa infraestrutura? Como era?

N: A gente não tinha, não. ((risos)) Você tinha que correr atrás de tudo. Tinha só o mimeógrafo pra rodar as atividades. Se você quisesse um som, era você que levava, você que tinha que correr atrás.

E: Eu ainda lembro do mimeógrafo, fiz muito calo no dedo.

N: ((risos)) Às vezes, tinha alguém pra rodar pra você, outras vezes a gente é que tinha que rodar e tinha que escrever lá no stencil, eu tinha uma maquina de datilografia, aí ficava catando lá pra datilografar.

E: E esse era o único recurso que vocês tinham?

N: Era.

E: Tinham livros paradidáticos?

N: Não, na minha época não tinha.

E: E como era a rotina na sala de aula?

N: A gente rodava as atividades, escrevia no quadro, fazia apostila, às vezes fazia apostila pro aluno tirar xerox, tinha uma xerox em frente a escola.

E: E os alunos pagavam essas cópias?

N: Pagavam, tiravam.

E: Todos podiam pagar por essas cópias? Como era?

N: Assim, nem todos, né. Principalmente, à noite, tinha muita gente que não trabalhava, mais baixa renda, né. Aí, copiava. Porque tinha mais turmas à noite do que pela manhã. Eram 20 salas de aula, mais ou menos 20 salas, as 20 eram lotadas à noite. Aí, depois que foi vindo as questões dos livros, montou a sala de informática, montou a biblioteca. Aí, foi se estruturando aos poucos, né. Mas no início era só a gente e a coragem mesmo.

E: E como vocês se sentiam nesse fazer tão desassistido?

N: Era bom porque no início os professores eram muito amigos, muito companheiros, foi muito tempo. Depois, assim, que foi saindo um, foi saindo o outro, e aí foi se distanciando mais. Os primeiros anos eram muito unidos. Então, pra você ter ideia, o meu grupo, a gente saía de segunda a segunda, pra comer pizza, pra comer espetinho, pra beber, pra tudo. Até conta no barzinho a gente tinha. ((risos)) Então aquilo se transmitia na escola, a gente gostava de ir pra escola, a escola era um lugar muito bom, muito agradável pra nós. Aí depois foi mudando diretor, foi saindo gente, aí a gente foi desgostando da escola. Às vezes você não tinha nem aula, mas tava passando e entrava na escola pra conversar. Aí, depois que foi mudando o diretor, aí já implicava com um, implicava com outro. Aí a gente foi desgostando um pouquinho.

E: Essas trocas eram por questões políticas ou tinha uma seleção? Como é que funcionava?

N: Não, questões políticas. Você sabe que todo diretor de escola é política, né?

E: Sim, até hoje, né?

N: Até hoje. Assim, nos últimos 2, 3 anos eu estava indo a escola por obrigação, não tava indo porque eu gostava. Eu tava indo por obrigação. Só aguardando mesmo aposentar. ((risos))

E: Por que? Desidentificou com a escola?

N: Foi.

E: O que mais afetou essa relação de afastamento seu com a escola?

N: A questão de mudança de diretor que ia fazer coisas que a gente não gostava, a questão de mudança de professor também, a questão do aluno sempre ter razão, você não tinha razão. Então, o aluno sempre tava certo, você nunca tava certa. Você não podia, de uns tempos pra cá, você não pode mostrar a realidade das notas, você tem que maquiá. Porque se você mostrar a realidade, quem é ruim é você, não o aluno. Aí, isso vai desgastando a gente, vai te colocando pra baixo.

E: Sentia que perdeu a autonomia...

N: Isso, porque você não podia mostrar a realidade. Até hoje, você não pode mostrar a realidade das suas notas. No dia que saía as notas lá, saía todo mundo da DREA pra conversar com o professor, porque o errado é o professor.

E: Só eu que nunca fiz isso, que sou contra oprimir o professor...((risos))

N: ((risos))

E: Quando eu cheguei pra cá, foi difícil, professora. Eu tive muitos embates, porque eu também sou professora, não é porque eu tô na DREA por um função, que eu vou me esquecer da sala de aula, né? Pra senhora ter uma ideia, a primeira vez que eu cheguei no Adolfo, os professores de linguagem me receberam de costas na sala, eles estavam sentados na bancada e lá mesmo ficaram. Não quiseram nem receber a técnica. Eu achei aquilo tão estranho, mas compreendi e comecei a conversar com eles, contar a minha história pra eles, qual era o meu objetivo ali, levei propostas de atividades, me ofereci, falei de projetos com eles e aí foi virando um, foi

virando outro, e virando outro. E hoje, o Adolfo...no ano passado, eu passei o ano todo ministrando formação continuada pra eles porque eles me convidaram, me contrataram pra fazer, porque eu já tinha saído da DREA para o doutorado, né. E aí, é obvio que eu negocieei preços mais amenos, eu não podia fazer de graça porque eu tenho que me sustentar. E aí, a convite deles, né... eu fui entendendo aquilo tudo, porque a DREA sempre teve essa relação muito dura com os professores, e aí, pra eles eu ia ser só mais uma que ia chegar lá e ia botar defeito em tudo. Eu falei: “isso eu jamais faço.” E dentro da DREA eu criei um alvoroço, assim, ou eu vou pra escola pra ajudar o professor...

N: Espera aí, só um momento, a mãe tá me chamando.

E: Mãe tem prioridade, mãe.

N: ((risos))

(Nama atende a mãe)

E: E aí eu aproveito pra te falar disso, né? Dessa relação de formação, a formação do currículo é uma relação mais formativa, de suporte pedagógico, né. E aí, eu aproveito pra te perguntar sobre a formação, vocês tinha desde sempre, desde o começo? Porque vieram esses cursos, magistério, contabilidade, né? Vocês tiveram formação continuada ou isso veio depois? E como foram as suas experiências com a formação?

N: Não, essa questão de formação só veio bem depois, que começou essa tal de formação continuada. Mas as formações que a gente tinha não adiantava nada. Porque quando começou as reuniões era o quê, ler um texto de Paulo Freire, ir lá na frente apresentar e pronto. Ninguém trazia sugestões de como você realmente trabalhar na sala de aula. Então, basicamente todas as formações eram isso, né? Dividia a sala em grupos, botava pra ler um texto, aí, ia apresentar o texto lá na frente e pronto.

E: E quem promovia essas formações? Onde eram e como eram essas formações?

N: As formações eram na escola, no início, né...E geralmente era o pessoal da DREA que ia, do currículo.

E; Uhum, e isso mudou ao longo do tempo?

N: Assim, as últimas que a gente teve foi mais específica, principalmente com a questão de inglês, que chegou o “*Tocantins English Project*”, foi um ótimo programa para os professores de inglês, né..Depois dessa formação ficou muito melhor, porque tem a Aplitins – Associação dos professores de inglês do Tocantins, né. Então ficou fazendo muita formação pra gente. Aí, realmente ficou melhor pra nós, os professores de inglês. Aí, sempre tinha um curso, uma formação lá pra gente ir. A última que eu participei, vei a Michele, uma professora lá da DREA.

E: Uhum. Aí, então, você consegue avaliar que houve uma mudança na qualidade dessas formações?

N: Pra inglês, sim.

E: E pras outras áreas?

N: Pras outras eu não sei muito, mas tinha também, lá, específico. Pra linguagens, pra ciências da natureza, pra humanas...Começou a dividir, né. Não era mais todo mundo junto. Mas assim, se foi melhor eu não lembro não, pra eles, né... Na minha melhorou bastante.

E: Uhum, sim, com parcerias, inclusive, né?

N: É...

E: Ok. E as suas experiências foram muitas, suas práticas, né...De todas essas experiências, qual que a senhora se lembra de ter sido exitosa e qual delas a senhora não teve um resultado tão feliz, mas que rendeu aprendizagens ou que lhe fez avaliar a sua prática de alguma forma?

N: Práticas? Deixa eu lembrar de alguma aqui...Experiência em sala de aula... Questão de música, os alunos gostavam muito de música. Então, você trabalhar com música sempre era exitoso, eles gostavam. O que os alunos não gostavam muito, era questão do “speak” de falar, sempre que era de falar a atividade não fluía. Eles não gostavam, eles falavam: “ professora eu não sei falar nem em português, pra que que eu vou falar inglês?”. Agora quando era questão de apresentar uma música, cantar, aí eles gostavam. Questão de música sempre fazia sucesso. Jogos também, fazia brincadeiras, bingo, gincana... Essas sempre davam certo e eram boas. Mas quando tocava de falar, criar um diálogo, era um fracasso.

E: E por que a senhora acha que eles se sentiam assim, diante dessa aprendizagem da língua inglesa?

N: Porque o inglês que eles começavam a ver lá na quinta serie, sexto ano agora, é como se diz...Antes os professores não tinham uma formação específica pra dar aula de inglês, então, qualquer pessoa podia dar aula de inglês e dava aula de qualquer jeito. E aquilo ia inibindo o aluno, ia tirando dele aquele gostar do inglês, né. Porque o aluno que chegava do fundamenta, que chegava no primeiro ano e gostava de inglês é porque ele tinham bons professores. Aqueles que pegavam professores que não trabalhavam bem, chegavam no primeiro ano sem gostar. A questão era essa. Aí, a partir do “*Tocantins English Project*” que teve parceria com a embaixada americana, aí melhorou. Porque todos os professores do estado participaram, que eram de inglês, tiveram a formação, aí nisso melhorou. Mas sempre tem aqueles que não gostam.

E: Sim. E vocês tinham material na escola pra trabalhar com língua inglesa?

N: Não, a gente que procurava e montava apostilas. Aí...tem o quê? Eu não lembro qual foi o ano que teve o livro de inglês que a gente tinha que escolher...De uns cinco, seis anos pra cá que veio o livro de inglês pra usar em sala de aula.

E: Livro didático, né?

N: É, livro didático. Antes montava apostila pra eles tirarem a xerox.

E: Sim, e os alunos que pagavam a xerox?

N: Pagavam a xerox. Era o jeito, escrever do quadro já era ruim, escrever no quadro eles reclamavam muito e ficava muita coisa também, aí eles tiravam xerox.

E: Sim, sim. É uma falha na política educacional, não é uma falha nossa. Nós como professores, tenta pensar modos de facilitar, de permitir a eles mais acesso ao conhecimento, né.

N: É, aí eu montava as apostilas pro primeiro, segundo e terceiro ano.

E: Aham. Nesse percurso todo a senhora não mencionou, não sei se por não ter, mas na verdade a nossa história é com a mãe mesmo. Mas a senhora só mencionou seu pai lá no comecinho, a sua família é a senhora, seu pai, sua mãe...

N: É, dois irmãos e uma adotiva.

E: Casou-se? Teve filhos?

N: Não, não...

E: A gente não tem essa obrigação, né. ((risos)) Eu não tenho. Quando o povo me pergunta se eu tenho filho, eu: “ não tenho essa obrigação!” ((risos))

N: ((risos)) Não, eu não casei não. É eu, minha mãe, meus dois irmãos, a Talita que é adotiva e meu pai. Só que meu pai vai fazer vinte anos agora em agosto que ele faleceu.

E: Aham. Lá em casa nó temos também dois adotivos, uma benção. Mas, voltando aqui, se a senhora fosse resumir, não precisa ser breve, pode dizer da forma como a senhora quiser. O que a senhora considera que aprendeu com os alunos? Ou o que de mais importante a senhora ensinou pra eles?

N: O que eu aprendi, depende da época, né. Com os alunos mais antigos, eu aprendi o companheirismo, eles eram muito companheiros da gente. Aqueles do início, dos dez primeiros anos na escola, eles eram muito companheiros. Tanto é, que onde você vê um, até hoje eles falam com você. Eles vão lá te abraçar, faz questão. E nos últimos anos, tem alunos que atravessam a rua pra não falar com você. Então, né, é egoísmo essa nova geração. Porque eles não se importam muito com quem tá lá na frente, pra eles, tanto faz. E aqueles mais velhos se importavam com a gente, eram amigos, conversavam com a gente, chamavam a gente pra chácara, pras festinhas deles. Na sala de aula também ele participavam de tudo. Essa geração de hoje, eu considero egoísta. Ela só tem o mundinho dela alí, tá no celular e pronto. Não interessa os outros.

E: E a senhora atribui isso ao quê? Qual que a senhora acha que é o motivo disso?

N: Dos alunos de hoje? É a família desestruturada. A mãe e o pai, ou só a mãe ou só o pai, ou a avó, faz todas as vontades das crianças hoje. Você vê menino de dois anos dominar o pai hoje em dia, aí você imagina um adolescente desses. Aí o pai faz tudo, a vontade, tem aquela culpa de não estar presente o dia todo, aí quer dar tudo que o filho quer. Igual , já teve caso lá na escola da orientadora chamar a mãe, que ela precisava tirar o celular da filha que tava atrapalhando, aí, chorava a mãe e chorava a filha, pra filha não ficar sem o celular. Aí, tinha outra que chegava, que não sabia o que fazia porque o filho ficava à noite todinha no celular. Era só tirar o celular. Então, era uns trem que tá muito eu , né, tudo eu.

E: Sim. A senhora gosta de ler, professora? Se considera uma leitora?

N: Sim, aham.

E: O que a senhora gosta de ler?

N: Eu lia praticamente de tudo, né. Eu comecei a ler, eu acho que eu tinha doze, treze anos...Eu tinha um vizinho aqui, e eu era amiga das meninas, aí, eles tinham uma coleção de José de Alencar e Machado de Assis, a fase romântica. Aí, foram os primeiros livros que eu li. Li tudinho. E eu leio muito rápido, né. Aí, eu comecei a ler, tudo que caía na minha mão, eu lia. Eu comecei a ler aqueles romances, Sabrina, Júlia, Bianca...Aí, vai passando de uma coisa pra outra, cada fase um estilo, um tipo de literatura.

E: Eu lembro. Pra mim era uma leitura proibida. Minha mãe lia esses romances de folhetim, chamadas literatura cor de rosa, Bianca, Júlia, todas essas, Sabrina. E ela dizia...A gente morava perto das fazendas, das chácaras com os outros irmãos, né. Então, ela trocava com a comadre dela, aí ela falava assim, leva lá pra sua tia mas não leia, isso aqui, criança não pode ler. Aí você imagina o que eu fazia debaixo da árvore no caminho, né? Eu parava e lia. Então, eu lia clandestinamente. Mas você precisou ler clandestinamente ou era autorizado pela sua mãe, eles não se importavam?

N: No início deixavam, depois, tinha uma época que proibiram. ((risos))

E: Por quê?

N: Eles falaram que eu tava lendo demais, tava muito incutida. ((risos)) Que eu lia demais, não queria saber de nada, só de ler.

E: Não era um mal negocio não, né? ((risos))

N: Não. ((risos))

E: Professora, e o que ficou pra senhora... a gente já tá encaminhando pra encerrar, eu sei que eu não posso lhe explorar muito. Não por falta de curiosidade mas pra encerrar esse momento aqui. Mas pra senhora, o que significa, o que significou ser professora de escola pública? O que isso representa pra senhora? Que importância tem isso?

N: Ah, foi muito importante porque eu aprendi a trabalhar, a me virar na escola pública, aprendi a dar valor, aprendi me conhecer melhor também, saber do que eu era capaz de fazer e aprendi que a gente pode fazer tudo. Que a gente é capaz. Você se vira com o que você tem. Você pensa que não vai conseguir, mas você dá conta, você vai atrás. Dá um jeito pra fazer o que tem que fazer.

E: E se aposentar, como tem sido isso? Se aposentou com quantos anos de idade e docência?

N: Foi com 28 anos de docência, aí eu usei só os 25 anos do estado, né. Aposentei certinho com 50 anos mesmo. Já tinha o tempo certinho antes, mas preferi esperar a idade. Aí fevereiro de 2018 eu completei os 25 anos de estado, né, que eu tomei posse. Aí em março, quando eu completei 50 anos eu comecei a dar entrada nos papéis que precisou, os 25 anos de frequência. Eu tinha que tirar xerox de tudo. Aí, só teve um lado ruim né, porque em 2015 eu apresentei problemas nos rins, aí fiquei fazendo tratamento, tinha muita pedra, aí quando foi em abril de

2018 eu fiquei muito ruim. Aí eu tive que ir pra Palmas pra fazer hemodiálise. Aí, foi isso, aposentei, fiquei sem trabalhar mas to tendo que fazer hemodiálise 3 vezes por semana.

E: A senhora faz hemodiálise em Palmas ainda?

N: Não, não. A clínica aqui não tava abrindo, aí pra ficar aqui em Araguaína tinha que ficar internada no Regional. Aí, o médico falou assim: “ não, você tem plano de saúde, você tem um irmão que mora lá, então vai pra lá.” Aí, eu fiquei um ano e dois meses até abrir a clínica aqui.

E: Aí , agora faz aqui...

N: Já fez um ano que eu voltei de Palmas.

E: que beleza, né?

N: Não, tá em casa é ótimo. Não é que meu irmão e minha cunhada me trataram mal, mas...a casa da gente é a casa da gente, né.

E: Eu vi que a senhora mora com sua mãe, e tem esse cuidado ainda. Certamente ela é uma pessoa idosa e estar perto dela é muito importante, né?

N: Também tem esse lado, que ela tava sozinha aqui. Tem meu irmão, mas homem não é a mesma coisa, né. Tem dia que ele passa dois dias, três dias sem ligar...

E: Aí hoje, ela mora com a senhora e a filha adotiva?

N: Não, a Talita já tá casada, tem três filhos.

E: Ah, então ela é sua filha adotiva?

N: É..((risos))

E: Ah, então se perguntar se você é mãe, você: “sou, sou mãe,ué”.

N: ((risos))

E: Você não pode responder como eu, eu digo: “ ah, eu não tenho obrigação”. Mas você teve filho, uai, filho e netos.

N: É, como se diz, é mais a mamãe.

E: E fora esse cuidado como a saúde, como é que tem sido a aposentadoria? Como você gere o seu tempo, o que você consegue fazer? E do que você sente falta, né?

N: Eu não sinto falta de dar aula, mexer com diário. Eu sinto falta da convivência com os colegas. Assim, de ir pra escola, conversar e viver junto com os colegas. Mas de dar aula, corrigir prova, de tá em sala de aula, eu não sinto falta não. No inicio, você sente muita falta da convivência junto dos colegas. Agora é em casa direito, só saio pra ir na clínica. Porque com a pandemia. Mas antes da pandemia eu saía com uma amiga minha, a gente saía todo sábado pra chácara. Quando saía o pagamento a gente ia bater perna na Cônego, Aí saía à noite pra comer

um espetinho, uma pizza. Agora, por enquanto é só em casa. Às vezes eu saio pra levar mamãe em algum lugar, que ela diz que é mais cuidadosa do que eu, aí, ela entra eu fico esperando no carro. Ela não deixa eu ir.

E: É porque você é do grupo de risco, né? Tem que ter esse cuidado mesmo, não é exagero, não. Eu tenho baixa imunidade e fico morrendo de medo, é apavorante. Mas vai passar, já tem vacinas em fase três, e em breve vamos nós duas juntas comer esse espetinho. Vamos combinar com a Antônia, a Marta, vamos nos reunir e comer um espetinho e tomar uma cerveja bem gelada. ((risos))

N: Tá bom. ((risos))

e: Nana, querida, muito Obrigada!

N: Eu fiquei 3 meses sem televisão, porque a minha queimou, agora eu já acostumei. Agora eu raramente lembro de ligar a televisão.

E: Né bom? Eu quase não assisto TV. Você tem Netflix?

N: Tenho.

E: Vou te mandar uns filmes que eu assisti, que eu achei interessante. Você tem preguiça de ler em espanhol, de assistir em espanhol?

N: Não.

E: Eu sei uns legais em espanhol, pra hoje, pra esses dias, você assistiu “Senhora da Van”, ele é longo...Vou te mandar pelo whatsapp, uma gracinha. E pra você assistir é fantástico, não tem coisa melhor...(continua as conversas sobre series, filmes e jogos)

N: Nana, querida, eu vou encerrar porque você também tem outras coisas pra fazer. Muito Obrigada, eu me sinto privilegiada de escutar a sua historia e de você confiar a sua história a mim, eu espero fazer jus a ela e é muito bom a gente ver a trajetória de uma mulher tão forte e corajosa, que se dedicou a educar os filhos dos outros, a colaborar com o desenvolvimento da sociedade pela educação. Isso é fabuloso! Então, eu me sinto privilegiada, fico muito agradecida, e a gente vai nos falando. Eu geralmente mando um texto, e quanto transcrever a entrevista, eu também vou te mandar pra você ler.

N: Tá bom, então.

E: Tá bom. Muito Obrigada por enquanto, um beijo, se cuide e fique bem.

N: Você também.

E: Amém. Dá um abraço na sua mãe por mim.

N: Tá bom

E: Se você lembrar e quiser contar mais alguma coisa você pode me mandar um whatsapp.

N: Tá bom, se você quiser perguntar mais alguma coisa também.

E: Tá bom, um beijo.

TRANSCRIÇÃO 1 – Solange Rodrigues das Silva

ENTREVISTADORA: Você é a gestora do Leônidas?

ENTREVISTADA: porque na verdade... em dois mil e quinze... éhh:: eu estava secretária... né? e aí tiraram/ houve uma mudança de direção... eu disse... "não... eu não entrei... me colocaram... assim... ()" ... "Solange... toma de conta enquanto a gente nomeia um diretor..." enquanto secretária... (eu fiquei respondendo)... aí... rapidinho eles encontraram uma forma de me dar uma portaria pra ficar definitiva como diretora... embora eu não quisesse... porque assim... eu não gosto... eu gosto de secretaria... eu gosto de mexer com papel... eu gosto de... ((inaudível)) ((risos)) ... aí quando foi no final de dois mil e quinze... eu... através de um documento... eu solicitei... o afastamento... e que se a secretaria se interessasse em me manter na secretaria da escola eu estaria a disposição... mas direção eu não queria... por que? justamente por essa questão dessa interferência política... então assim... eu sou um pouco... eu sou um pouco nervosa e teimosa... ali... existem coisas... Érica... que a gente que está dentro do processo... a gente conhece/ não é melhor do que os outros não... mas a gente conhece muito bem... né? e assim... tem coisas que eu não concordo... não concordo e justifico por que não concordo... porque eu acho que o que mais importante dentro desse processo são os alunos... é o que tá dando certo no processo... então se você tá lá... você tá participando... você tá vendo qual o caminho que dá certo... por que é que eu vou mudar por um caminho que eu percebo que não vai ter resultado...

ENTREVISTADORA: Ronaldo Dimas me deixou ficar um mês em Araguaína... por quê? porque ele queria uma pessoa política... e eu não era uma pessoa dele... não era de lá... e cuidei do pedagógico... em um mês... a gente fez um trabalho pedagógico dentro daquela regional... extremamente importante... o quê que ele viu? essa menina bem aí do interior... vem aqui bagunçar... fortalecer coisas que a gente não precisa... e essas relações ()... eles dividiram as escolas... () fizeram essa dança das cadeiras... aí a gente não concorda com isso... nunca que eu ia concordar...

ENTREVISTADA: essa questão dessa interferência política eu disse não... eu não vou brigar com o sistema... eu não vou brigar com os líderes... né? porque assim... não que eu não tenha o meu espaço enquanto cidadã... mas eu não sou burra a ponto de não perceber que eu não tenho essa voz... né? que vai resolver... ()... "tá aqui... te entregando... porque eu não vou dar conta de fazer o que vocês querem... da forma que vocês querem... tá aqui... eu vou ficar só na secretaria..." ((inaudível)) na época o () 'tava' na direção... na gestão lá da diretoria... e ele conversou comigo e me pediu... ()... não gosto mesmo é de secretaria... mas tá bom...

ENTREVISTADORA: Sol... primeiro a gente vai começar por você... depois... através de você a gente vai chegando na escola... é bem livre... a ideia é que você comece dizendo seu nome completo... data de nascimento... formação e ano de ingresso na educação...

ENTREVISTADA: bom... Solange Rodrigues da Silva... eu tenho cinquenta e um anos... né? sou de 27 de setembro de 1968... a minha formação... fiz o ensino médio... né? magistério... na época... aqui nessa escola... né? e fiz pedagogia... inclusive depois de alguns anos já concluído o médio... ee:: assim tivemos a possibilidade... na época a gente determinou ou decidiu fazer o magistério... porque... eu vou dizer assim... que era uma opção... até então a gente não sabia ()... então a gente fazia o magistério... ee:: depois fizemos o/ eu fiz pedagogia... né? ee:: fizemos na Unitins... naqueles encontros de férias... porque a gente já trabalhava então tinha que fazer no período de férias... e o interessante é que logo que - eu já trabalhava... era concursada... ensino médio - e aí logo que eu terminei o superior... pedagogia... antes mesmo de eu terminar houve um concurso pra superior... e eu já fiz o concurso... quando saiu o resultado faltava uma disciplina pra a gente fechar, mas assim... foi tempo suficiente pra fechar e já terminando o curso e já entrar na/ como ensino superior... né? na formação... depois eu fiz... pós graduação... eu fiz inspeção escolar... eu fiz gestão... eu fiz metodologia e fiz supervisão... então eu tenho essas três pós... MUITA vontade de fazer um mestrado e um doutorado... mas... como faltava pouco tempo pra eu aposentar e tem aquele período de carência né... então assim não que não seja importante pra minha vida pessoal... mas em termo de remuneração profissional... ia demorar um pouco né... ? então eu preferi/ vou terminar agora né... 'tô' com processo de aposentadoria vou terminar depois eu vejo se que se eu ainda tenho essa disposição né pra fazer.../ eu ingressei no/na vida pública em outubro de 86 ... 86? ... 96... 2006... 2016... não... ingressei em 96 não 86 mesmo... e aí eu/ na época era prolabore né... então assim era contrato... minha mãe era diretora de escola então assim ... eu gostava muito e vir pra cá e eu já acompanhava ela né? eu vinha e naquele tempo a gente tinha liberdade pra isso e eu ficava... e ela ficava ajudando eu tomei gosto pela coisa... aí logo que eu completei a idade... eu consegui um contato... e depois eu já fui nomeada a secretária da escola e foi assim que tudo começou... eu fiquei alguns anos na secretaria ... aí depois desses anos de secretaria tipo algumas funções ainda dentro da educação né que eu... trabalhei na secretaria eu já fui regente sala de ensino fundamental das séries iniciais... ensino fundamental das séries finais... hoje né... que a gente/ (que) na nomenclatura é essa... regência no ensino médio... e inspetora né... na diretoria regional... trabalhei na inspeção também na secretaria de educação em Palmas né...? na época...

ENTREVISTADORA: Então, você trabalhou em Palmas...

ENTREVISTADA: eu passei oito meses né... trabalhando lá... quando eu cheguei eu fui pra Inspeção... na época/ inclusive os certificados eles eram registrados na Secretaria de Educação... e eu fiquei por conta chamada de autenticação de certificados autenticação de diplomas... aí eu fiquei lá por oito meses depois retornei/ coordenação pedagógica... éhh... trabalhei também nos Pioneiros Mirins na época a Shirley né... Shirley Madalena nossa saudosa Shirley Madalena ela pegou a coordenação... e ela/ coordenação assim do programa né... e ela me convidou pra assumir a coordenação pedagógica eu na época fique assim " gente mas eu vou trabalhar nos pioneiros"... porque as pessoas tinham uma visão equivocada do programa né... porque inclusive assim/ eu que tive acesso eu posso falar... era um programa... um programa que tinha proposta interessantíssima considerando as problemáticas que a gente percebe dentro do sistema de educação... então lá a gente tinha possibilidade de trabalhar essas problemáticas... que é leitura... que é escrita... que é a dificuldade de matemática nas operações... então assim... a gente conseguia fazer esse trabalho ... e além disso a gente conseguia trabalhar essas questões social... que é um/ no meu ponto de vista é o eixo... é a ponta da meada pra gente conseguir

resolver esses problemas que identificava... tanto dentro das escolas... famílias... e sociedade né?... e essa é a minha história... depois eu retornei pra secretaria né... também trabalhei na/um ano... por um ano na direção da escola... éhh:: na Diretoria Regional... trabalhei no... é... Recursos Humanos... trabalhei no pedagógico... no ensino pedagógico... e retornei aqui pra escola... Supervisão... Orientação... não... tenho um histórico de funções de experiência em várias funções né...

ENTREVISTADORA: quantos anos de Leônidas?

ENTREVISTADA: menina... Leônidas... eu calculei assim uns 70% (setenta por cento) da minha história de/ é profissional foi aqui... porque eu fiquei e depois retornei então assim só depois que voltei... são seis anos... cinco ... eu devo ter uns dezoito anos de Leônidas né... várias funções ... secretaria... direção... coordenação e regência...

ENTREVISTADORA: você estudou aqui?

ENTREVISTADA: estudei aqui terminei o meu ensino médio aqui fiz... primeiro grau na Escola Paroquial né... na época chamada... primeiro grau né? fiz meu primeiro grau na Escola Paroquial São Vicente Ferrer... o meu Ginásio no Ginásio Nossa Senhora da Paz que também funcionava na escola paroquial... e o ensino médio foi aqui no Colégio Leônidas...

ENTREVISTADORA: que já foi magistério né?

ENTREVISTADA: Magistério ...

ENTREVISTADORA: Lembra o ano em que concluiu?

ENTREVISTADA: aí Érica.... teria que dar uma olhada porque é tanta coisa...

ENTREVISTADORA: mas aí você já começou na docência só depois do magistério ou antes do Magistério?

ENTREVISTADA: olha... quando eu terminei o Magistério eu já trabalhava ...eu trabalhava... só que eu trabalhava na secretaria... era administrativo... depois que eu terminei que eu fiz o concurso né... concurso do Estado... aí eu trabalhei na regência...

ENTREVISTADORA: é que tem dois concursos né?

ENTREVISTADA: não/ sim tem dois do fundamental é do/ aliás do ensino médio e do superior só que assim teve aquela mudança ... eu não tenho dois... mas eu tenho dois mas eu fui concursada... é eu fui concursada no ensino porque eu só tinha o ensino médio... depois quando eu terminei o superior eu fiz o concurso.... eu não sou é... progredida... eu sou concursada

ENTREVISTADORA: aah:: entendi... tinha um concurso não tomou posse e no outro você progrediu

ENTREVISTADA: isso aquelas pessoas que não fazem concurso na área de formação eles são progredida né... no meu caso não ... eu sou concursada ... eu só não fiz/ sou progredida com o ... a pós... porque aí são três pós mas consideram pra progressão só uma pós...

ENTREVISTADORA: e o quê que você se lembra do Leônidas como aluna e depois como professora ... se você for comparar Leônidas do seu tempo de aluna e depois o Leônidas do tempo de você professora que diferenças (tinha).

ENTREVISTADA: é engraçado Érica que a gente sentava aqui esses dias... eu sou/ estou a coordenadora ou a secretária de escola... que eu não me conformo em ficar presa na secretaria mexendo com papel... então lá/ hoje você vai na secretaria eu estou com todas as documentações em dia ... todo trabalho que eu preciso fazer está em dias diárias em dias ... livro em dia ... de ata... éhh:: os documentos do pessoal tudo assinado os relatórios que eu preciso fazer... tudo né... então assim/ mas eu fico / eu me envolvo com os projetos do professores por quê? por causa desse contatos com os alunos né... agora mesmo eu estou desenvolvendo um projeto ... vai ser amanhã ... se você tiver aqui... inclusive vou te convidar pra vir amanhã à noite assistir... você vai 'tá' ai a noite?

ENTREVISTADORA: eu 'tô' a noite...

ENTREVISTADA: vem a noite que a gente vai fazer um encerramento de ano... então eu... pego os meninos das salas... vamos fazer um coral... vamos cantar... vamos falar poesias aí... então 'tamo' com essa programação... é uma organização da secretaria ... então assim... eu gosto... aí é aonde eu quero chegar ... eu acho assim muito interessante essa relação de professor/alunos... funcionários e alunos ... e ele faz essa ligação por que? na época em que eu estudava... que eu era aluna... eu gostava daquela íntimo entre os colegas... aquela oportunidade que a gente tinha de fazer momentos de encontro... né? até na hora de estudar... na hora de fazer algum trabalho... na hora de fazer um passeio... aquela socialização entre os colegas... e funcionários... né? a gente parece que tinha assim... uma intimidade muito grande com a equipe... gostava de todo mundo... não tinha essas críticas... essas grosserias que a gente vê na mídia... as vezes até... coisas assim... bem fortes e violentas... né? então assim... não tinha... tinha problemas sim... mas não era lá essas coisas... esse toque afetivo... hoje aqui no Leônidas... no meu ponto de vista nos temos um diferencial... aqui... nós tratamos os meninos com um tom de maternidade... ah a gente fica tratando menino como se fosse Filho? não... mas a gente mantém uma relação muito tranquila... é tanto que os meninos chegar eles sabe... abraça... a gente tenta recuperar de alguma coisa... a gente tenta....

ENTREVISTADORA: acolhe né...

ENTREVISTADA: é acolhe... a gente tenta ajudar resolver as vezes até problemas familiares ... que a gente fica preocupado ... então existe essa preocupação ... e essa minha ligação... essa minha vontade de fazer essas coisas ... esses projetos ... justamente ... porque eu me recordo... e eu achava interessante ... eu achava gostoso... e eu percebo que eles parece que tão precisando disso sabe?... eles chegam perto de você ... eles te pedem assim... pelo amor de Deus... me dá carinho... me dá atenção... não sei como você consegue ver nos olhos deles sabe? assim aquela vontade eles abraçam eles quer sentir abraço né? antes desse projeto a secretária/ eu enquanto secretária da escola eu elaborei um outro projeto chama Correio na Escola... então eu tinha uma geladeira velha lá no depósito ... eu peguei a geladeira vir aqui no final da semana encapei a geladeira... depois vou te mostrar... coloquei o nome correio... fiz a caixinha do carteiro... fiz a roupa... botei o nome tudo direitinho... montei o projeto entreguei pra as professoras de letras de linguagem... pra elas através do projeto elas estarem trabalhando essa questão da escrita... da leitura... e ao mesmo tempo a gente trabalhar essa relação entre os meninos... essa relação entre funcionários e alunos... alunos/funcionários... éhh... entre pais e filhos... porque eu divulguei na reunião... pedi para os pais que trouxessem cartinhas porque (inaudível) carteiro

entregar... então assim todo dia eles/a agente ia na sala e entregava as cartinhas... eles escrevia pra os seus colegas da sala... escreviam pros seus colegas... a gente ressaltava bem... "não pode ficar escrevendo bobeira... porque se a gente pegar... a gente vai ter que chamar e conversar..." o objetivo não é esse... o objetivo era criar essa intimidade... né? valorizar essa questão da amizade... do carinho... e também... mais um ponto que a gente resgatou... né? o projeto... resgatar e informar... né? pros alunos... como que acontecia essa questão da correspondência... e aí eu fui na sala... conversando com os alunos... porque aí eu fui na sala... fazer uma pesquisa... né? conversando com eles... eu perguntei... "deixa eu perguntar pra vocês... vocês sabem como era que acontecia a entrega das cartas?" ... "nam... tia... eu nunca vi isso..." eles não sabem... por que? porque nós adultos... nós não mantemos essa cultura... então os meninos hoje eles não sabem... "vocês sabem o que é remetente?" ... "ãhm? remetente... tia?" porque eles colocam só... de... para... né? "vocês sabem o que é destinatário?" aí eles falam... "destinatário é de destino..." aí eu digo "pois e..." aí eu aproveitei e comecei... aí eu falando pra eles... "pois é... antigamente... a gente colocava as cartas no correio e ia entregar..." o que eu quero dizer com isso é que eu não acho que a tecnologia não seja boa... é boa... mas ao mesmo tempo ela compromete algumas relações... ela compromete informações... ela compromete uma história cultura... né? então... não é que você vai ficar presa no tempo... mas você precisa (tá o tempo todo lembrando)... né? fazendo... sabe? aí eu fiquei assim... "gente do céu... eles não sabem..." mas você precisa ver... teve pais que trouxeram cartas lindas pra entregar pros filhos... eles traziam bombom... entrega pro meu filho... eu dizia... "oh... pai... falem pros filhos de vocês que vocês amam ele... que ele é especial... que você tá feliz com o sucesso... professores... falem pros meninos... oh... você está ótimo... ou se não tá você fala... oh... você pode melhorar... você tem potencial..." então assim... vamos estimular os meninos... vamos trabalhar autoestima deles ... então assim... montei esse projeto... secretaria... o quê que secretaria tem a ver com isso... né?

ENTREVISTADORA: ((risos)) tudo...

ENTREVISTADA: aí assim... ainda a secretaria... eu tenho/ inclusive tá lá preso na minha parede... eu fiz uma... tipo... uma sapateira... só que com envelopes pra colocar as cartas... então as cartas dos meninos/ os cartões... fiz cartões pra todos os alunos... coloquei destinatário... coloquei remetente... a turma deles e entrego todos os dias... dos aniversariantes dos dias... todos os dias... você acredita que tem alunos que ele não sabe que é aniversário... por que? a criança levanta em casa... o pai... ele não tem assim... assim... o bom senso de dizer "filho... parabéns..." pelo menos isso... não tem que comprar presente... dá um abraço e diz... "parabéns..." a criança ela não sabe que é aniversário dela... aí eu chego na sala... "Maria de Lourdes... veio hoje professora? Maria de Lourdes... vem aqui... amor... deixa a tia te dar um abraço..." "por quê... tia?" eu digo... "amor... hoje é seu aniversário..." aí eu pego e entrego o cartão pra ela... abraço... né? e beijo e digo... "oh... que Deus lhe abençoe... desejo felicidades pra ela..." aí os meninos aproveitam e cantam os parabéns...

ENTREVISTADORA: você percebe que isso acontece com os mais pobres ou tanto faz?Independe?

ENTREVISTADA: tanto faz... éhh:: eu acho que é próprio do ser humano... mas... a maioria é naqueles da classe menos favorecida mesmo... sabe? então assim... existe essa deficiência... isso pra mim fortaleceu esse ponto de vista que é essa questão social... essa questão social... responsabilidade social que a escola tem... infelizmente às vezes as pessoas falam... "ah... a escola agora vai fazer o papel da família?" deveria não ser... mas... se... as famílias não tem essa maturidade... não tem essa importância... não dá valor... não tem essa formação... essa clareza... () e eu digo com toda sinceridade... hoje... no meu ponto de vista... na minha leitura de vida...

hoje o problema social... alunos problema na escola ou na sociedade... o problema não é dele... a culpa não é dele... a culpa é dos pais... então assim... eu procuro manter esse projeto... os meninos... e engraçado... que eles já ficam esperando... tem uns que já ficam esperando... ((inaudível)) aí assim... os funcionários também... [

ENTREVISTADORA: [aderiram ao projeto?

ENTREVISTADA: aderiram... mas teve alguns momentos que eu achei meio/ deveriam ter aproveitado com mais intensidade... né? assim... inclusive eu acho que talvez tenha sido um pouco de ciúmes... porque partiu da secretaria ... mas isso sou eu que estou falando. um outro detalhe que eu fiz questão de fortalecer nesse projeto... 'tô' falando pra você vê assim... a relação... um outro detalhe... os corredores da escola... eu nomeei todos eles com nomes de ruas... então... foram nomes dos ex diretores... tinha Rua professora Nair Duarte... Tinha Rua professora Dejanira... tinha Rua professora... então assim... como não deu pra pegar todos os ex-diretores... eu peguei alguns diretores... ()... então teve a professora Nair Duarte... então foi assim... sabe? eu fui pegando o nome dos diretores...

ENTREVISTADORA: até hoje é assim que vocês chamam?

ENTREVISTADA: os corredores... sim... aí teve a reforma... tiraram minhas plaquinhas das ruas... ()... aí assim arrancaram já... mas assim é muito bacana a disputa dos alunos pra ser o carteiro... então... eles gostaram... eu percebi um interesse muito grande... deveriam ter aproveitado mais já que eles gostaram e trabalhar aquilo que... né? então assim... a minha função de secretaria... eu não a tenho só como secretaria... ()... eu gosto de organizar festa de confraternização pra que a gente consiga ter uma intimidade... ver se a gente quebra um pouco aqueles (climas) que vão surgindo... toda instituição... então assim... quando eu vejo que a coisa tá muito... "gente... vamos fazer alguma coisa assim..." aí eu faço questão... gosto de arrumar o ambiente... bem bacana... né? assim... não sou boa... não só a melhor... eu 'tô' falando assim... a minha linha de trabalho... a minha linha enquanto profissional... porque na minha cabeça... na minha cabeça... o local que a gente trabalha é uma segunda casa... se a gente não procurar ter uma boa relação... ter momentos gostosos pra a gente chegar com vontade... você pode perguntar qualquer funcionário... diz assim... " a Solange vai aposentar... eita... e agora?" ... "Solange... tu não vai dar conta de ficar longe da escola..." eu venho sábado... eu venho domingo pra cá... eu preciso fazer um serviço... ()... tenho que entregar segunda feira... pra mim é questão de honra... terminar de fazer pra entregar na data... às vezes não dou conta... mas eu procuro... eu acho bom... talvez porque eu goste do que eu faço e gosto do lugar... né? então assim... eu gosto... hoje... eu quero fazer hoje... eu quero manter um clima como a gente tinha antigamente... por que? antigamente... a gente tinha mais tranquilidade dentro da escola... mesmo a gente pulando o muro... fugindo... matando aula... eu fugi... era um matar aula sem maldade... a gente tinha a responsabilidade de fazer as atividades... de estudar pras provas... né? então assim... eu procuro/ sinto falta disso aí eu fico "meu Deus... podia ter..." só que os meninos não conhecem... não conhecem...

ENTREVISTADORA: ... fazer atividade de leitura e escrita... essa preocupação com a afetividade... você acha que vem de onde?

ENTREVISTADA: ah... menina... eu acho que é questão familiar... né? então assim... como lá em casa era só eu... a Sueli e a mãe... a mãe separou cedo e nós ficamos... só que assim... a falta do meu pai não comprometeu esse valor de afeto não... porque a mãe... eu... a Sueli e a mãe nós éramos mãe e filhas... nós éramos amigas... confidentes... nós éramos colegas de trabalho... nós

fomos colegas de trabalho... então assim... a gente tinha tudo isso... e eu sou muito tranquila... agora... se me perguntar se eu não brigo... eu brigo... sou brigona... sou zangada... inclusive a mãe diz assim... "minha filha... as coisas não é do jeito que você quer... você tem que ter mais calma..." eu melhorei bastante... mas eu sou zangada... não sou de engolir desaforo... não sou de ficar calada com aquilo que eu vejo que está errado... eu não consigo... assim... claro que eu não vou na porrada... mas eu falo... "oh gente... eu não concordo com isso.. com isso e com isso..." eu gosto de me posicionar... porque eu acho que se eu não me posicionar a coisa vai acontecer lá na frente... "olha... se eu tivesse falado talvez não teria acontecido... né?" então assim... é assim... de subordinada ao chefe... eu gosto de questionar...

ENTREVISTADORA: Esse interesse por atividades de leitura e escrita... de onde você acha que é?

ENTREVISTADA: eu acho que é da questão hereditária... viu? da minha mãe... da minha mãe... dessa questão familiar... acredito também que um pouco da minha formação enquanto aluna do magistério... que eu tive algumas professoras muito boas... né? professora Cidinha era uma pessoa que ela sempre... ela trabalha essa questão... acho que por causa do tom dela... então assim... a gente tinha... né? essa impressão de que a coisa 'tava' sempre bem... sempre tranquila... valorizar as coisas mais simples que fazem efeito... né? a questão do emocional... também... então assim... a minha família... vem de uma família pobre... então nós éramos... nós não somos ricos... mas pelo menos a gente tinha um pouco mais... mas a gente tinha isso... familiar... meus avós... eu lembro... eu era criança... mas a gente tinha muito isso... sabe? reunir... natal... questão religiosa... de frequentar igreja... questão de/ essa rezas... antigamente tinha muito... meu vô ele era fazendeiro e gostava de fazer aquelas rezas na fazenda dele... e chamava todo mundo... os vizinhos... então assim... quando a gente para pra pensar... tem muito essa coisa... parece que é uma pontinha que foi... sabe?

ENTREVISTADORA: e hoje você acha que tem mais material? antes... no seu tempo de aluna... também de professora... vocês tinham recursos pra trabalhar leitura e escrita? que recursos eram esses? de onde esses recursos?

ENTREVISTADA: Érica... antigamente quando eu estudava... e até no meu início de profissão... eu falava esses dias... "gente... antigamente os recursos eram poucos..." praticamente não tinha... não tinha esse dinheiro todo que a escola recebe hoje... era através de caixa escolar... eu lembro que minha mãe era diretora da escola... às vezes lá em casa era uma confusão... a gente dizia... "mãe... a senhora tem que parar de ficar pegando do seu dinheiro pra ficar comprando as coisas lá pra escola..." ela tirava... ela comprava... porque não tinha... ela tinha que esperar o dinheiro do caixa escolar... e nem sempre as pessoas tinham condições... então... () então assim... recebia o material... que na época era do Goiás... então a distância era maior... até chegar as coisas aqui era complicado... material... equipamentos... essas coisas tudo vinha da secretaria... lanche... todo o material do lanche também vinha da secretaria... da Secretaria da Educação... na verdade era Diretoria... né? da Delegacia... que na época era Tocantinópolis... então até a comida... o material pra fazer o lanche vinha de lá... éhh:: mas embora sendo assim... a impressão que eu tenho é que parece que as coisas funcionavam melhor... parece que tinha mais responsabilidade... hoje se tem muito dinheiro... muita condição e parece que não está sendo aproveitada da forma que deveria... se dá muito material... aqui no Leônidas... não sei se é porque que eu trabalho aqui... aqui no Leônidas não falta material pra todos os projetos... é muita coisa... sabe? então assim... o lanche... também é um lanche razoavelmente... () do valor ser... a per capita por aluno ser pequena... eu acho que... assim... ((inaudível)) então assim... existe essa diferença... hoje o material é mais... no entanto o

resultado não seja tão bom como era antigamente... acho que vai da questão da responsabilidade e do acompanhamento da família... essa questão social... aí volta lá pra questão social... da cultura das famílias... que não aproveitam disso... pra ter mais sucesso... né? mais oportunidades...

ENTREVISTADORA: e a infraestrutura da escola... você acha que mudou?

ENTREVISTADA: olha... eu considero boa... não considero ótima... considero boa... agora... éhh:: poderia melhorar... não? poderia melhorar... porque a gente poderia ter outras opções... né?

ENTREVISTADORA: essa frente aqui é a frente desde o princípio?

ENTREVISTADA: é a original... é...

ENTREVISTADORA: essa última sala que não tinha... né? foi ampliada?

ENTREVISTADA: não... essa sala aqui... tu lembra que essa sala... aporta dela era virada pro corredor de lá? lá era um corredor... aí transformaram numa sala... você lembra que aquelas duas portas eram viradas pro corredor de lá? tinha um corredor... o mesmo corredor que tem/ era virado pra lá... aí fecharam as duas portas do fundo... abriram ora o pátio e a outra abriram pra cá... e fizeram duas salas lá... que é o financeiro e um depósito... e depois veio a construção do auditório... a construção da sala de informática... e aquelas outras salas também vieram depois... né? a quadra... a princípio... no primeiro momento... a base dela foi construída pelo centro cívico...

ENTREVISTADORA: eu lembro que ela era só o baldrame...

ENTREVISTADA: só o baldrame... só o muro... foi o centro cívico que começou... na época era o Job Carvalho... aí depois aproveitaram o espaço... deram uma reorganizada... e fizeram o restante da quadra...

ENTREVISTADORA: só aqui tinha o ensino médio?

ENTREVISTADA: tinha... só aqui... tinha... aqui funcionava ensino fundamental de primeira a quarta série... ensino fundamental da primeira a oitava série... e o ensino médio... Contabilidade e Magistério... aí depois veio também o Normal... né?

ENTREVISTADORA: tu lembra do primeiro forte...? primeiro fraco? lembra qual era o critério? (...)

ENTREVISTADA: na época... eu não tenho uma lembrança bee::m assim... específica... mas assim... eles colocavam o primeiro fraco... que eram os alunos que nunca tinham ido numa escola... né? e aquele primeiro forte... aqueles que já tinha umas noções... né? não tinha aquela pesquisa depois que iniciavam as aulas não... eles pegavam assim...

ENTREVISTADORA: quem tá entrando entra no primeiro fraco...

ENTREVISTADA: éhh:: quem já tem alguma noção entra no primeiro forte. .

ENTREVISTADORA: mas essa era uma política do estado ou era uma política daqui?

ENTREVISTADA: Érica... eu não recordo se tinha algum documento que normatizava ou se era uma questão de organização da escola... por que na época eu não lembro se tinha alguma estrutura que fazia essas... sabe? eu não lembro... não recordo... como que funcionava... só sei que existia... aí foi acabando... muita mudança... né? mudou muito... muito mesmo...

ENTREVISTADORA: das professoras que você teve... qual que você mais lembra e por que que você mais lembra?

ENTREVISTADA: então... da professora do magistério mesmo... () talvez porque trabalhávamos as metodologias... né? as didáticas... né? então assim... eu acho que no fundo no fundo eu já gostava daquilo... ((risos)) a professora Cidinha eu tenho uma recordação muito forte dela e do professor (Ézio)... o (Ézio) era professor de matemática ele... então... eu tenho uma lembrança dele por que? por que o (Ézio)... Matemática as pessoas sempre tinham dificuldade... né? e aí um dia ele fez uma prova e todo mundo tirou nota baixa... e todo mundo na sala reclamando... mas ninguém falava nada pra ele... e eu... igual já falei no início... que eu nunca fui de ficar calada... eu vim na direção reclamar do (Ézio)... "não estamos entendendo... ninguém tá tirando nota... porque ninguém tá entendendo nada e tá todo mundo reclamando..." e fui lá defender a turma... eu sei que a diretora chamou... ()... chamou o doutor (Ézio)... o professor (Ézio)... ele era médico também... e falou pra ele... falou... me chamaram... me deram uma advertência... porque foram na sala e os colegas não assumiram o que tinham falado... da dificuldade... todo mundo ficou calado... e eu fiquei sozinha... e fiquei zangada com esses meninos... esses colegas... sei que me deram uma advertência...

ENTREVISTADORA: meu Deus... tem isso no teu histórico? ((risos))

ENTREVISTADA: te::m... me deram uma advertência... porque eu estava mentindo... eu estava falando que os meninos não estavam aprendendo... () ... só que... de contra partida... depois o professor (Ézio)... ele me chamou e conversou e disse... "eu sei que não foi só você... eu sei que todos estavam falando"... inclusive me deu um presente que até hoje eu tenho ele... o livro do pequeno príncipe... assinado com dedicatória e tudo... sabe? até hoje eu tenho ele... assim... nós ficamos super amigos...

ENTREVISTADORA: ele era de onde? Era daqui?

ENTREVISTADA: não... eu acho que ele era até parente da professora Cidinha... é... patente da professora Cidinha... inclusive ele teve aqui tempos atrás... acho que uns dois... três anos atrás... veio aqui na escola me ver... me dá um abraço... sabe? ele... eu acho que ele é de Minas... ((inaudível)) tem essa passagem... né? essas duas pessoas ficaram... marcaram minha vida... de aluna... ((risos))

ENTREVISTADORA: coisa boa... tem muita gente que não lembra... assim... né? mas... eu vou lembrar dos mais recentes... né? mas eu lembro assim que o Leônidas era A escola... né? tinha a paróquia... e tinha o Leônidas... depois era o Osvaldo ...

ENTREVISTADA: aqui no Leônidas... pra fazer matrícula... você tinha que vir cedo... aqui era umas filas... enormes... pra fazer matrícula...

ENTREVISTADORA: eu não fiz o Magistério porque não tinha vagas... minha paixão era o Magistério...

ENTREVISTADA: era cheio... hoje você coloca trinta alunos... trinta e cinco alunos na sala... a sala tá cheia... antigamente eram quarenta adultos... eu não sei também se é o modelo das carteiras... eu acho que esse modelo de carteira enche um pouco a sala... antigamente não... antigamente eram quarenta alunos e a turma/ a sala era do mesmo tamanho...

ENTREVISTADORA: e como que se organizavam? que formato que se organizavam? filas?

ENTREVISTADA: filas... filas... as vezes um professor ou outro fazia uma dinâmica de trabalho... né? colocava em círculo...

ENTREVISTADORA: e cabia quarenta?

ENTREVISTADA: cabia...

ENTREVISTADORA: e a sala não aumentou?

ENTREVISTADA: não aumentou... por isso que eu acho que a questão do modelo... né? porque hoje são mesas e cadeiras... né? antigamente eram carteiras... ()...

ENTREVISTADORA: eram menores mesmo...

ENTREVISTADA: era... era...

ENTREVISTADORA: ótimo... () não vou tomar mais o seu tempo... a gente vai conversar outras vezes...

ENTREVISTADA: eu espero ter ajudado em alguma coisa... é muita coisa... trinta e quatro anos de história... né?

ENTREVISTADORA: com certeza... mas aí a gente vai conversando... () depois eu quero vir... de repente a gente marca uma hora pra a gente também andar pela escola... () que Lembranças você tem nesses espaços... né? talvez com a Sueli... vamos ver se a gente dobra a Sueli...

ENTREVISTADA: pode ser... mas eu acho difícil... ((inaudível)) eu acho que eu sou mais apegada a escola do que ela... ela tá cansada... cansou... né? eu sou muito enérgica... eu acho que quando eu nasci... eu acho que eu era hiperativa ... só que na época o povo não identificava... por que não pode...

ENTREVISTADORA: ai Sol... obrigada por hoje...

Conversas via WhatsApp - [10:05, 01/03/2023] Solange Rodrigues:

54 anos

Aposentada a 4 anos

Falar dessa experiência de aposentadoria é manifestar um turbilhão de sentimentos: alegria, realização, emoção, conquista, dever cumprido, tristeza, vazio, preocupação, solidão.etc,etc etc. Mas porque essa mistura de sentimentos bons e ruins? Porque na verdade a aposentadoria é mais uma peça na construção de nossa história de vida, como todas as outras situações que vivemos, existe essa onda de contentamento e descontentamento.

Para mim, em especial, está sendo uma experiência de aprendizado e adaptação, ainda não me acostumei com o fato de ficar em casa ou na rua o dia todo, kkkk.

A princípio eu não queria me aposentar, gostaria de ter continuado (gostava do que fazia e de onde trabalhava). Porém, devido aos projetos de mudanças na previdência, fiquei com medo das percas.

Aposentei e hoje busco, ocupar meu tempo com atividades, que me façam bem, feliz e me permitam produzir endorfina kkk.

Atualmente, viajo sempre que possível, promovo festas retrô, com amigos da mesma faixa etária, que aliás tem sido um sucesso e surpreendentemente, tem me preenchido e feito muita gente feliz kkk. Além disso, muitas vezes sou convidada a contribuir e organizar eventos pedagógicos e comemorativos no colégio, onde trabalhava (Col.Est.Leonidas G. Duarte). Faço artesanatos, costuro minhas saídas de praia, faço bolos, tortas, saladas, outros (até vendo.kkk), toco meu violão, aprendendo um pouquinho mais a cada dia .Enfim, me reinventando a cada dia nessa nova realidade e procurando manter minha felicidade e satisfação de viver. ❤️

[10:06, 01/03/2023] Solange Rodrigues: Mandei um jornal, agora você ler e passa na peneira. Kkkk 🤔

TRANSCRIÇÃO 5 – Valdeci Ribeiro de Souza

Data de nascimento: 25/12/1.953. No município de Araguatins (na época Go). Mãe: Maria Francisca de Sousa. Pai: Adão Ribeiro de Sales. 03 anos de vida meus mudaram para o Pará , um lugar chamado gama, devido um córrego o qual recebia esse mesmo nome. Em 1964 ,viemos para Araguatins, pois meus pais eram analfabetos e desejavam que seus que seus filhos estudasse.

Terminei o antigo primário em 1 970. Em 1.971, fui pra Goiânia, com uma família e fiz o antigo ginásio.(num Colégio particular, chamado Cruzeiro do Sul). Em 1.977, terminei o ensino médio no colégio Rui Barbosa. Cheia de sonhos pra fazer psicologia, mas no final de 1.978 teve que retornar para Araguatins, pra cuidar da minha mãe que estava doente. Deixando para trás meus sonhos. Mas. Valeu apenas, cuidei dela por 04 anos com muito amor e carinho. Casei em 1.984, com 31 anos. Com Paulene souza Pimentel. Tenho 2 filhos maravilhosos e 3 lindos e adoráveis netos. Minha família, justifica a razão do meu viver.

ENTREVISTADORA: () ... então vamos lá... eu quero que a senhora me diga o seu nome completo... sua data de nascimento... e a gente pode começar falando de como a senhora começou a ser professora... em que ano... em que escola... se já tinha formação ou não...

ENTREVISTADA: certo... bom... meu nome é Maria Valdecy Ribeiro de Sousa... e eu comecei trabalhar como professora em mil novecentos e setenta e nove... 1979] recém chegada de Goiânia... formada apenas com o Ensino Médio... no curso de Contabilidade... procurei ingressar em outros serviços... mas não foi possível... aí terminei indo pra sala de aula... mas acredito que o meu lugar realmente era a sala de aula... pois meu sonho era fazer psicologia... quando eu vim de Goiânia... cheguei aqui no dia trinta e um de outubro de, setenta e oito... com intenção de voltar pra fazer vestibular em janeiro... de Psicologia... que era o meu sonho... trabalhar em orfanato... ou então uma escolinha... em coisa pra crianças... né? ou então de velhinhos... mas aí vim pra cá... minha mãe doente... comecei a assumir a responsabilidade da casa... minha mãe... meu pai... sou filha de Araguatins... não aqui da cidade... mas do município que antigamente era chamado () santo Hilário... sabe... nasci por aquelas bandas de lá... e aí minha mãe doente... eu chorava dia e noite... querendo voltar pra fazer meu vestibular de psicologia que era meu sonho... mas não foi possível voltar... não tinha como deixar minha mãe... né? aí fiquei... comecei trabalhar... ainda na época do colégio que era Darcy Marinho...lá no Osvaldo Franco... no curso intermediário... a diretora era Irenildes... ela me convidou...

ENTREVISTADORA: o Osvaldo Franco chamava Darcy Marinho?

ENTREVISTADA: não... o Osvaldo Franco era Osvaldo Franco... e como eles tavam construindo uma escola... aí era estadual... o Osvaldo Franco era estadual... aí eles criaram uma escola municipal chamada Darcy Marinho... que ficava no intervalo das dez e meia até não sei que horas... e à noite... eu trabalhava nesse colégio municipal... aí foi muito bom pra mim... porque eu descobri... já que eu não pude fazer psicologia... mas eu tive contato direto com o ser humano... com crianças... com pessoas... e isso me fez realmente realizada... gostei de ser professora... o meu sonho tornou-se realidade em termos assim... que ao mesmo tempo como professora... eu poderia ser também uma psicóloga dos meus alunos... trabalhando eles... da maneira como fosse melhor... não só nos conteúdos... mas também pra que eles pudessem aprender a viver... ser gente... se comportar...

ENTREVISTADORA: e a senhora começou a trabalhar com que turmas? A senhora lembra?

ENTREVISTADA: foi um desafio muito interessante pra mim... quando eu fui convidada pra trabalhar... só tinha vaga pra educação física masculina e Inglês... Inglês eu infelizmente não tinha domínio nenhum... e aí como eu precisava... assumi educação física masculina... mais ou menos três... quatro meses... logo logo surgiu Geografia... História...

ENTREVISTADORA: tinha essa diferença de educação física masculina?

ENTREVISTADA: tinha... tinha a turma masculina e tinha a turma feminina...é... era... tinha... aí eu trabalhava... corria... acho que era Deus que me carregava... eu lembro que uma vez nos fizemos uma corrida lá do Osvaldo Franco antes naquela ponte de Taquari... passamos correndo pela porta... do que é um hospital hoje em dia... até chegar no Osvaldo Franco... eu não sei quem me carregou... mas eu corri com esses meninos...

ENTREVISTADORA: e quanto tempo a senhora trabalhou educação física?

ENTREVISTADA: aí... eu acho/ ah depois disso eu continuei trabalhando educação física... mas com o sexo feminino... mas Geografia e História... Geografia e História...as naquele tempo tinha também um tal de... OSPB... Educação Moral e Cívica... tinha também a Programa de Saúde... parece que o nome era esse... programa de saúde... não tenho certeza... sei que a gente trabalhava sobre câncer... isso... tal... lembro até que o doutor João era meu aluno na época... na sétima série... doutor João Antunes... foi meu aluno na sétima série... lembro direitinho... hoje é médico... né? e:: um grande médico...

ENTREVISTADORA: mas aí nessa época a senhora só tinha o ensino médio?

ENTREVISTADA: eu só tinha o ensino médio... Contabilidade... no começo... Contabilidade... mas aí logo veio/ naquela época tinha um... como se fosse um supletivo... mas era chamado projeto (LUME)... o projeto (LUME) que a gente fazia o Magistério... daí eu aproveitei várias disciplinas do ensino médio de Contabilidade... eu só fui pros/ pras disciplinas de Psicologia... de Filosofia... Didática... essas coisas... do (LUME)... eu fiz duas vezes... a primeira etapa que eu fiz... passei em umas disciplinas... fiquei devendo outra... aí eu fiz novamente... passei... recebi o diploma direitinho... de professora normalista... e como eu já trabalhava com Psicologia e Filosofia... foi muito bom pra mim... certo?

ENTREVISTADORA: e aí depois da Educação Física... desse começo... aí a senhora ficou trabalhando com que turmas e em que disciplinas?

ENTREVISTADA: eu/ sempre eu trabalhei/ naquela época chamava ginásio... o pessoal já mais adulto... que não é como hoje... né? tinha o nono ano... é criança... geralmente... já era criança já ... rapaz... adulto... e geralmente no Ensino Médio também... sabe... minha filha? então... eu trabalhava e eu gostava muito... eu me sentia melhor trabalhar com adultos... no ginásio... do que com crianças...

ENTREVISTADORA: como eles eram? como alunos... eram disciplinados? curiosos?

ENTREVISTADA: eles participavam... mas um pouco muito acanhados... porque naquela época os professores passavam muita coisa... questionário e decorar... e eu cheguei com uma certa inovação... eu não dava questionário... a gente passava conteúdo no quarto... a gente explicava... fazia trabalho em grupo... eles apresentavam e a gente discutia o assunto... tanto é que umas colegas minhas diziam assim pra mim... que eu não nasci pra concertar a educação... que desse jeito o quê que eu ia fazer... se os alunos eram acostumados a decorar... eu dizia... " eu não quero que vocês decorem... porque vocês vão ficar parecendo aqueles animais que usa aquelas viseiras... que não pode olhar de lado... é só na frente... só naquilo que tá bitolado pelo professor..." então minha linha de trabalho foi assim...

ENTREVISTADORA: e de onde a senhora traz essa experiência? do estudo em grupo... do debate...

ENTREVISTADA: () ... foi assim que fizeram comigo... lá... o ginásio lá... eu já fiz o ginásio lá... eu fiz aqui a 5ª () em Goiânia... eu fui pra lá em setenta e um (71) ... os professores trabalhavam com a gente assim... nem todos os professores... mas a maioria trabalhava assim... e eu tinha... e ainda tenho... as pessoas que me conhece... tenho muita vergonha de falar em público... eu não sei nem como é que estou falando aqui sem tremer tanto... então... eu não queria que meus alunos ficassem como eu... eu queria que meus alunos soubesse falar em público... debatesse... dessem a opinião deles... eles dessem a opinião contrária a mim...

questionasse... fosse além daquilo que está no livro... daquilo que eu falava... porque eu via que aquilo era muito importante... quando eu estudei... () ... o quanto que eu sofria... pra fazer uma apresentação...

ENTREVISTADORA: e de onde a senhora acha que veio isso? esse medo de falar? era de casa? era da própria escola? ser menina? era diferente? a menina tinha mesmo que calar?

ENTREVISTADA: não... não é por que seja menina tinha que calar... eu acho que isso veio da condição financeira... a gente pobre... a minha mãe sempre dizia assim... "minha filha... cê tem que estudar..." porque ela não estudou... ela não sabia ler nem escrever ... nem ela nem meu pai... então o sonho deles era que a gente estudasse... "porque minha filha é pobre... minha filha é feia... minha filha é preta..." minha mãe dizia essas coisas assim pra gente... aí eu acho que isso foi enraizando né ... você foi....quando eu fui pra Goiânia... eu fui morar nas casas alheia...

ENTREVISTADORA: que é uma história de muitas pessoas... né?

ENTREVISTADA: e lá eu sofri muito... e as vezes as senhoras diziam pra mim... que eu tinha que ficar na lama de onde eu tinha vindo... ((pausa prolongada))
(chorou muito)

ENTREVISTADORA: mas a senhora superou tudo isso... né? olha que história que a senhora tem construído... que exemplo...

ENTREVISTADA: ééh:: superei... acho que externamente... no meu interior eu vejo que eu sofro muito por isso ainda... ééh:: também quando eu... fazia a quarta série primário aqui em Araguatins... chega uma professora bonita... de Belém... eu achava ela linda... mas ela não me considerava assim como... como gente... eu acredito que não...

ENTREVISTADORA: a senhora acha por causa da cor? ou porque era pobre?

ENTREVISTADA: não... não sei... não... eu não sei o porquê... eu não sei... só sei que ela fazia () assim... aqui() antigamente né... aí sentava a Maria dos Santos/Souza Santos... uma Júlia chamada... Júlia que namorava não sei quem... ()... e eu sentava bem no meio... mas o fato de falar loira não significa/ eu acho que não significa tinha esse preconceito não... eu acho que não... e assim eu sentava de frente ... entre as duas... que eu era bem magrinha... e ela vinha e tomava a lição naquele livro infância Brasileira... ela tomava a lição da Maria dos Santos... da Júlia... e pedia uma leitura... aí as minha colega dizia assim: "a Valdecy não sabe ler"... ela disse : "essa menina 'véia' não sabe ler"...

ENTREVISTADORA: sem nunca ter lhe ouvido?

ENTREVISTADA: nunca ter me ouvido...então isso...

ENTREVISTADORA: foi construindo essa timidez esse medo de falar...

ENTREVISTADA: é porque o Pai e a minha Mãe falar isso... isso... não me:: Talvez não atinja né... mas essa mais assim... "essa menina 'véia' não sabe ler"... é demais... foi demais pra mim... tanto é que nesse ano eu fiquei reprovada... na quarta série... aí hoje eu tento:: aí quando eu vim pra sala de aula trabalhar como uma professora... eu lembrava de tudo isso... e eu não queria... que os meus alunos sofresse o que eu sofri... eu queria dar o melhor pra eles... pra que sentisse

gente... pessoas capazes... de serem alguém amanhã... sabe? então era esse o meu sonho... eu sempre dizia/ eu contava a minha história pra os meus alunos...contava minha história... " olha não quero que vocês fiquem como eu"... porque eu dou aula pra vocês... falo aqui/ porquê era assim Érica... eu dava aula no Leônidas... em todas as turmas... se () faltava professor... colocava duas turmas no auditório... aí a Valdecy sofria... não dava conta de falar pra/ se todos os meus alunos já não tinha coragem de falar... com todos ao mesmo tempo... assim eu ficava::

ENTREVISTADORA: virava um público né?

ENTREVISTADA: é virava um público... virava um público... até porque lá tinha aquele negócio alto... né? do pedestal... e você ficava em cima... todos os meus alunos eu tinha uma maior de dificuldade... quando juntava duas turmas juntos... eu tinha maior dificuldade... então/mas apesar de tudo isso... eu hoje vejo que eu perdi muita coisa:: que eu poderia ter sido:: ter conquistado algo mais... se não fosse essa minha timidez...

ENTREVISTADORA: mas eu acho que:: é um sentimento da senhora né? mas avaliando eu... que tive o privilégio de ser sua aluna... avaliando a profissional... e ouvindo as suas colegas que ouvi a professora Eliana agora pouco né?... a admiração... o respeito... a inspiração... perguntei pra ela assim:" e tinha alguém que lhe inspirava?... "a professora Valdecy"... então eu penso que a senhora cumpriu mais do que a senhora imagina o seu papel né?

ENTREVISTADA: ééh... ééh... quanto isso... eu:: eu tenho a minha consciência limpa né... que eu dei o melhor de mim pra os meus alunos... eu lembro uma época... já tava quase perto de aposentar:: eu fui convidada pra ser diretora do Leônidas três vezes... e eu não aceitei nenhuma.. por que? porque eu tinha medo de falar em público... eu não falava em público então... aí a última vez a Maria Luiza já era a diretora regional... eu resolvi dizer "sim" ... passar por cima disso... disse sim... mas graças a Deus... a portaria chegou logo... () ... acho que queria que chegasse logo de imediato... né? após três dias... eu não dei conta mais... assim ainda não tinha chegado nada... e eu fui pensando... fui pensando... aí eu digo... "não quero não..." fui lá na diretoria e falei... "olha Maria Luiza..." ... "não... a portaria chegou... eu digo... "não vou assinar não... eu não quero mais não... não quero por isso... por isso e por isso... mas a minha principal razão... eu não quero... porque eu tenho certeza que eu sou muito mais útil à comunidade araguanense... e Leônidas... na sala de aula... o meu lugar é a sala de aula..." e foi a melhor coisa que eu fiz... quando eu estava na sala de aula... eu estava realizada... e realizada mesmo... os meus alunos... pra mim... sempre quando um falhava... falava alguma coisa... fazia alguma coisa de errado... que e a gente achava que era errado... eu digo... "olha... eu não admito ninguém faça nada e critique fulano de tal por isso... por isso e por isso... porque pra mim... todos vocês são meus filhos... e eu não admito que vocês façam isso com seu irmão..." e quando eu chamava a atenção duramente... eu digo... "eu tô fazendo isso... porque eu não vou passar a mão na sua cabecinha... igualzinho eu faço na minha casa... com meus filhos... fez errado... eu não passo a mão na cabeça deles..."

ENTREVISTADORA: e eles eram obedientes? eram disciplinados?

ENTREVISTADA: eram disciplinados... eram... as vezes tinha alguns que eram meio assim...

ENTREVISTADORA: a senhora vê muita diferença com relação aos alunos de antigamente... com os de hoje? porque a gente ouve muito isso... "ah... antigamente..." que diferença a senhora vê... e a que a senhora atribuí elas?

ENTREVISTADA: olha... essa diferença eu acredito que... a primeira coisa... nem sempre... né? mas a primeira coisa... o entrosamento da família... dos pais... com os alunos contribui muito... a contribuição dos pais... tá ali... porque se a criança é acostumada receber um "não" em casa... explicado... provavelmente lá na escola... quando o professor diz um "não" pra ele... ele não vai ficar tão frustrado... ele não vai ficar tão decepcionado com aquele não... entendido? então eu creio que seja isso... e hoje em dia tá muito diferente... essas crianças são muito rebeldes... faz tudo o que quer... claro que naquele tempo também a gente tinha... problemas sérios... tinha também... mas a gente dava um jeito de superar... outra coisa também que eu sempre carreguei pra sala de aula... que o professor não é santo... a gente erra também... e quando eu errava... que depois eu percebia o meu erro... eu me retratava diante da minha turma... digo... "olha... aconteceu isso e isso... assim e assim... e quero pedir desculpas pra vocês ou pra você... porque eu deveria ter falado aqui... mas não da forma como eu falei..." porque machuca as pessoas... não é o que ela fala... é como ela fala... então... sempre procurei... do jeitinho que eu tratava os meus filhos em casa... falava demais isso pros meus filhos... eu falava isso pra eles também... porque quando a gente se retrata... eu lembro de uma vez... eu tinha um problema sério com um determinado aluno... eu cheguei na direção... disse que tinham que escolher... ou eu ou o aluno... a direção terminou escolhendo eu... três dias depois eu estava arrasada... eu estava arrasada... porque não era isso que eu queria... aí eu pedi pra direção procurar os pais... a direção procurou... os pais vieram... veio com o aluno... eu me retratei diante deles... dos pais... do aluno e da direção... aí a diretora falou assim... "como é que você vai fazer na sala de aula? 'cê' não disse pra turma que se você/ se ele ficasse na sala de aula você sairia..." eu digo... "não... isso aí eu tiro de café com leite... deixa isso aí comigo... só me dá um tempo..." aí eu fui na sala de aula... avisei pros alunos... contei direitinho... pedi desculpas... tal tal tal tal..." no outro dia o rapaz chegou... aula normal...

ENTREVISTADORA: a punição naquela época era expulsão?

ENTREVISTADA: era expulsão... às vezes... expulsão... advertência... né? dependendo da situação... era expulsão... mas era raro isso acontecer... era raro...

ENTREVISTADORA: tinha palmatória nesse tempo?

ENTREVISTADA: não... não... nem eu estudei com a palmatória... eu comecei estudar muito tarde...

ENTREVISTADORA: e como era que vocês/ qual era o método de avaliação... de aprendizagem dos alunos? a senhora avaliava oral... né? que a senhora falou... fazia essas atividades... como era que a senhora avaliava...

ENTREVISTADA: o desempenho dos alunos... a dedicação dele... a maneira de se expressar... as vezes ele falava... não falava aquilo que estava querendo que falasse ali... mas ele dava a opinião dele dentro daquele assunto... e isso/ eu geralmente colocava/ tinha os pontinhos... positivo... negativo... mais... mais... um 'menozinho'... mais ou menos... e aí eu ia indo... sabe? é... e além disso tinha as avaliações... geralmente escrita... ()... debates... mas avaliações escritas sempre tinha... só que não ficava só ali naquela avaliação... () tirou cinco na avaliação... tinha duas... três avaliações... né? uma valendo dois... outra três... outra quatro... contanto que sobrasse dois pontos ou três pontos pra essa participação geral do aluno... entendido? porque você tirava seis... mas no decorrer... quem sabe você conseguia uns dois pontos a mais... se estipulasse... a avaliação vale oito... e dois ponto a participação do aluno... aí você olhava... cada um tinha sua fichinha de "anotaçãozinha"... () um desses/não tem quinze dias... joguei

fora o caderno que tinha essas anotações dos alunos ... então fazia isso... a Érica tirou seis na avaliação dela... valia oito... torou seis...agora vou olha a ficha de participação dela... que ela tem lá... tem um e meio a mais... tem meio... tem um... tem dois que era o máximo. então ia com o oito dela...

ENTREVISTADORA: sim... bom:: e a senhora me disse que quando a senhora trabalhava... tinha o ensino médio né? e quando a senhora faz o ensino superior? onde... em que condições...

ENTREVISTADA: eu só tinha o ensino médio...ah:: o ensino superior... já praticamente... vim fazer já quase no final já... da minha() como professora... foi quando veio...

ENTREVISTADORA: o regime especial... da UNITINS?

ENTREVISTADA: éh:: que veio...da UNITINS... que veio a UNITINS... veio a primeira vez... que foi uma turma q inclusive o Danilo fez... que não sei o que foi... se foi... dois mil... não sei quanto que foi não... dois mil () parece... foi... sei que veio aquela turma... e eu... fiz a inscrição/ eu vou fazer vestibular não... eu já tava lutando pra aposentar...

ENTREVISTADORA: tem quanto tempo que a senhora tá aposentada?

ENTREVISTADA: vai fazer onze anos agora... de aposentada... aí eu digo:" já tô aposentando mesmo"... porque naquele tempo tinha::... eu nunca tirei licença Premium pra contar pra aposentadoria... e tinha aquela:: o pioneiros... que contava como dois anos... então fazendo isso... já tava quase me aposentando... mexer com isso não...() fiz vestibular não... aí quando veio a segunda etapa... eu digo:" não... eu vou fazer"... aí fiz a inscrição... " ah... fazer também não"... não fiz... quando veio a segunda vez/a terceira vez... que veio história... matemática... português... não sei o que mais... ai eu fiz pra história... aí eu passei...

ENTREVISTADORA: foi o mesmo tempo que eu... então a senhora entrou dois mil... a seleção foi... foi em noventa e nove... e entrou em dois mil... formou em dois mil e quatro (2004)...

ENTREVISTADA: foi em dois mil e quatro... exatamente... dois anos... a frente/depois do pessoal da turma única... da pedagogia... que era turma única...

ENTREVISTADORA: pois nós nos formamos juntas né...

ENTREVISTADA: formamos juntas... então... foi... lá no CEM... você fez?

ENTREVISTADORA: Letras...

ENTREVISTADA: humrrum... e eu fiz História... pois é foi já que eu fiz já... dois mil e quatro... quando foi em dois e nove... eu me aposentei...

ENTREVISTADORA: mas... o quê que agregou pra senhora... como pessoa e profissional... ter feito um curso superior...

ENTREVISTADA: como pessoa... eu acredito que foi até mais... do que profissional... porque quase não deu mais tempo:: pra eu aplicar... mais... foi muito bom... porque veio só fortalece mais aquilo que eu pensava a respeito de quê que era ser Professora... como que era um professor... sabe? principalmente história... pra que eu pudesse ouvir mais os meus alunos... que agente podia tá fazendo história... fazer uma avaliação... a parti de uma gravura a parti de

uma imagem... tanto é que meu:: o artigo meu TCC foi encima exatamente isso a história através de imagem... meu TCC foi isso... meu artigo foi encima disso... sabe? que eu estagiei... eu preparei... com bastante carinho realmente meu artigo foi muito bom... foi sobre isso aí... então eu sempre gostei... leiga... pegava folha de revista... tal... e levava pra sala de aula pra os meus alunos... pra gente () história sobre isso... quando eu entrei na faculdade... que eu vi essa possibilidade com mais segurança... foi legal demais pra os meus alunos... pra mim como profissional foi muito bom sabe? pra gente trabalhar isso... dessa forma... sem saber o quê que eu tava fazendo de uma certa forma... né? assim... não tinha uma teoria... vazia assim pra mim... que na:: empiricamente... né?

achava o que achava interessante eu... aí eu levava imagem... aí... isso aqui... o que vocês então vendo... o que diz isso aí?... eu lembro uma vez... eu levei texto... eu levava muito texto... aqui tem muito revista joguei um bocado no mato ainda tem muita revista... aquele Mundo Jovem? a escola... não tem a escola... uma revista chamada escola também... tinha uma outra revista também:: que é meio religiosa... não sei o nome dela não... mundo cristã... não sei... tinha também... levava muito isso pra sala de aula...

ENTREVISTADORA: buscava outros suportes... né? e tinha o livro didático?

ENTREVISTADA: exatamente... tinha... tinha... sempre tinha... de História sempre tinha... não lembro qual ... não lembro...

ENTREVISTADORA: a senhora lembra dos primeiros livros que usou de História?

ENTREVISTADA: não... eu não lembro...

ENTREVISTADORA: e/ mas a senhora acha que era importante ter o livro didático? auxiliava... ou não?

ENTREVISTADA: auxiliava... mas a gente:: não era muito interessante... porque o aluno ficava muito preso só naquilo... e eu não gostava que o aluno ficasse preso só naquilo... gostava que ele buscasse algo...

ENTREVISTADORA: mas eles tinham onde buscar... tinha biblioteca... (qual recursos que vocês tinham lá)?

ENTREVISTADA: biblioteca sempre teve... sempre tinha biblioteca... pobre mais tinha... mais tinha... e principalmente quando... agora... agora... ((inaudível)) tinha biblioteca boa... tinha computador ...você ia atrás... tem uma vez que eu levei uma revista... falando não sei o que... falando sobre clima... aí eu estava/ tinha uma aluna que tava assim tão:: tão baixa... nesse dia... aí falando sobre clima... situação climática... mas como ele tava tão pra baixo... eu não sei o porquê... quê que aconteceu que... eu falei... por exemplo "fulano de tal hoje... seu clima hoje tá assim pouco... pra baixo"... ele disse assim "é professora a senhora acertou... meu clima não tá assim tão bom... mesmo não..." então daí surgiu uma aula que você precisava de ver... parti do estado do aluno... surgiu uma aula muito interessante sobre isso... então eu aproveitava a situação que estava na sala de aula pra gente explorar... eu não ficava só muito... muito preso no livro... mas era necessário que tivesse... porque muitas crianças não tinha em casa né? coisa pra ler né? então o livro pode ajudar pra ele ler...

ENTREVISTADORA: lá no começo... sobretudo né? a senhora falou que começou em mil...

ENTREVISTADA: em setenta e nove... exatamente...

ENTREVISTADORA: em setenta e nove... fico imaginando que recursos que se tinha em setenta e nove né... além do livro didático

ENTREVISTADA: é e principalmente nesse ano/ nós começamos em fevereiro de setenta e nove... que a escola era emprestada... Osvaldo Franco... em oitenta e um... aliás... em agosto de setenta e nove nós mudamos pro Leônidas... já sendo Leônidas só que escola municipal...

ENTREVISTADORA: Leônidas foi municipal?

ENTREVISTADA: Leônidas foi municipal... a diretora nessa época foi a Raimundinha Reis... aí nós quando/ aí continuava o Leônidas senso escola primário... diretora Raimundinha Reis... e o ginásio... se eu não me engano... era a Irenildes...

ENTREVISTADORA: eram duas diretoras?

ENTREVISTADA: era porquê... o ginásio da () ... que nós botamos pra lá como da ()...

ENTREVISTADORA: ah tá... as duas escolas no mesmo prédio...

ENTREVISTADA: exatamente... e:: escola municipal Darcy marinho... e:: Leônidas Gonçalves do arte... estadual mais primário... aí em oitenta e um... houve essa unificação...

ENTREVISTADORA: virou tudo Leônidas? aí a senhora ficou lá?

ENTREVISTADA: tudo Leônidas... Escola Estadual Leônidas Gonçalves Duarte... fiquei lá... até setenta/dois mil e nove...

ENTREVISTADORA: se aposentou lá?

ENTREVISTADA: aposentei lá...e nessa época quando os políticos... fizeram a lei pra criar Leônidas Gonçalves Duarte... como colégio estadual... os professores que já estavam... os funcionários que estavam lá... passaram juntamente com a mesma lei... para o estado...

ENTREVISTADORA: para o estado... então a senhora era concursada do município?

ENTREVISTADA: não... contratada do município... era contratada... mas... tudo/naquela época... tudo foi direitinho... carteira assinada direitinho... depois mandado pra Goiânia... () já votou direitinho... como professor estatutária direitinho de Leônidas Gonçalves do arte... e aí eu... que deu depois quando criou o estado do Tocantins... quando criou o estado do Tocantins... o nosso governador Siqueira Campos... achou por lei que todos os funcionários que não era concursado... no Goiás... passava a ser ... da previdência... aí nós passamos pra contribuir pra o INSS não mais pra o IGEPREV... a gente ficou pagando algum tempo pra o IGEPREV... na época era pago... que era Goiás... ficou algum pouquinho tempo... ai votou a contribuir para... (botaram) INSS...

ENTREVISTADORA: a então senhora foi efetivada sem concurso?

ENTREVISTADA: efetivada sem concurso... eu ... Diná... Shirley... muitos professores... muitos funcionários... só que quando chegou a hora da gente aposentar... cadê? não podia ser aposentado como:: professor do Tocantins... e sim como contribuição do INSS... aí o salário... aí primeiro foi Maria da Cruz ficou desse jeito... depois eu... aí o SINTET..." mudando de assunto né"?... aí o SINTET intervém... aí cria lá umas três cláusula... a parti de agora... eles iam lutar... pra o que era:: de Goiás... que passou:: pro INSS... eles iam lutar... pra eles quando fossem aposentar... aposentar... pelo IGEPREV...sem perda salarial nenhuma... aí a terceira cláusula já era para nós... quem já estava aposentada pelo INSS... voltar para o IGEPREV.... aí eu já estava doente já... em 2016... a Maria da Cruz esteve aqui... os colegas... aí falei ... eu não sei mexer em computador... para olhar... aí falei para minha nora... ela olhou direitinho.... a Dorinha preencheu para mim... que nem assinar eu dava conta... isso foi mandado em maio de 2016... quando foi janeiro de 2017 eu voltei pra o IGPREV... e não sei o mais:: e que nós que já estávamos aposentados... eles iam lutar também... pra voltar pro IGEPREV... isso é trabalhado... trabalhado... trabalhado... trabalhado... e realmente os próximos que estava aguardando o documento... já saiu o documento como IGEPREV... os próximos que fosse aposentar... que foi a Diná... a Shirley... muitos outros... conseguira já aposentar pelo IGEPREV... aí hoje eu sou aposentada... recebo pelo IGEPREV...

ENTREVISTADORA: recebeu o retroativo?

ENTREVISTADA: não... dizendo eles que tão lutando... () ... é... é injusto... mas... como o povo diz () eu recebo... desde dois mil e dezessete que eu recebo direitinho... como professora normalmente... um salário bom... bom não... mas... em vista do que tava... éh... porque quando eu aposentei eu recebo dois mil e quinhentos... sabe quando que chegou? mil e onze reais pra mim... em dois mil e nove... mil e onze... eu quase morri... os meninos fazendo faculdade ainda... eu... não entrou a minha progressão... eu não tinha cinco anos de curso superior ainda... mas aí graças a Deus as coisas voltaram ao normal...

ENTREVISTADORA: aí hoje a senhora tá aposentada como nível superior?

ENTREVISTADA: como nível superior... direitinho... graças a Deus...

ENTREVISTADORA: éhh:: eu não me lembro o ano... mas au lembro que a senhora me deu aula lá no final do ensino fundamental e do ensino médio... né?

ENTREVISTADA: foi mesmo?

ENTREVISTADORA: foi... mas foi pouco assim... porque eu fazia contabilidade... e me parece que a senhora dava aula no magistério... né? a senhora deu aula no magistério...

ENTREVISTADA: é... eu trabalhava mais no Magistério... com Contabilidade... talvez eu trabalhava História... Geografia...

ENTREVISTADORA: trabalhava História... Geografia... eu lembro mais da história... como professora de História... e a minha curiosidade/ porque assim... se a gente não conta e não escreve... essas memórias se perdem... né? e o Leônidas é uma escola que formou praticamente todos os filhos de Araguatins...

ENTREVISTADA: sim...

ENTREVISTADORA: o Osvaldo não tinha o ensino médio... né? veio ter o ensino médio um tempo desse... né?

ENTREVISTADA: tinha não...

ENTREVISTADORA: veio ter o ensino médio um tempo desse... né? então o Leônidas... quem não teve que sair... como a senhora e muitos outros... né? foi trabalhar... nas casas alheias... ser domésticos... maltratados... né? ... eu já me sinto privilegiada... porque eu já tinha o ensino médio aqui... né? por isso o interesse em registrar... em compreender... como era o trabalho de vocês... como vocês se formaram... e quais eram as dificuldades de vocês... como que eram as relações com os colegas... isso tudo é importante... até mesmo pra a gente compreender que tipo de escola a gente tem hoje... né?

ENTREVISTADA: é... graças a Deus... a gente tinha um bom relacionamento/ os colegas... eles eram bem assim... ajudavam uns aos outros... eu lembro que quando eu comecei... eu não fiz magistério... eu não sabia preparar aula... eu não sabia planejar aula... eu não sabia o quê que era um planejamento... então eu lembro que a finada Dejanira... MEU DEUS... ela ia lá pra minha casa... me ensinar como era que fazia... planejar... preparar as aulas... ela me ensinou muito... muito... muito mesmo... eu lembro a Tânia... assim que eu comecei trabalhar... a Tânia... filha da dona Lindalva Duarte... Tânia Duarte... ela trabalhava também... matemática... irmã da Taís... eu lembro que ela me ajudava também... muito... muito... muito... ela falou pra mim uma vez... a respeito... me dando um conselho... a respeito... Tânia me ajudou muito... () a Consola... a finada Maria Luzia... era a esposa do 'seu' ()... a mãe da Lucy... que trabalha na diretoria hoje em dia... ()

ENTREVISTADORA: eram todas mulheres? a quê que a senhora atribui isso? ao fato de as mulheres serem professoras... a maioria...

ENTREVISTADA: a maioria eram mulheres... a maioria eram mulheres... : eu acho que isso ainda é um ranço antigo... né? que a profissão talvez mais acessível pras mulheres... os homens ficavam talvez por conta de comércio... de roça... talvez... eu não sei exatamente... mas eu acho que talvez era mais isso... questão cultural... que a gente foi herdando... acredito que tenha sido isso... no meu tempo mesmo... eu não lembro de quais professores homens... eu não lembro... muito pouco... já ma:is bem na frente... eu lembro do professor Adercy.. quem mais? ... o Beto... foi depois que ele foi meu aluno... que ele se tornou professor... tá entendendo? ultimamente a gente já tem muito professor... mas naquela época eram poucos professores... era... só mulheres...

ENTREVISTADORA: e os salários... você se lembra de quanto ganhava no começo? e como fazia pra receber? era aqui... né?

ENTREVISTADA: eu não lembro... quando a gente trabalhava pelo município... não tinha dificuldade nenhuma... era aqui mesmo... eu não lembro... na época era o João de Deus... o prefeito... ele nunca atrasou o pagamento... na época nunca atrasou o pagamento... () era na conta... era cheque... não lembro... no Goiás era cheque... geralmente a diretora... talvez... parece que ia em Tocantinópolis... que a nossa delegacia era lá... a nossa diretora ia e trazia o cheque... () e era o cheque... a gente assinava o cheque... () ia no banco e descontava... já tinha o (BEG)... quando eu cheguei em setenta e um já tinha o (BAG)... Bradesco? tinha Bradesco... aí logo logo surgiu o (BEG)... quando eu vim tinha Bradesco... é... quando eu cheguei em setenta e um tinha Bradesco... era ali perto da casa do ()... e hoje eu não sei o quê que é ali...

quando funcionou a delegacia de ensino a primeira vez foi ali... ali que era o Bradesco antigamente... depois ele veio aqui pra aquela esquina ali... e o (BAG) naquela esquina onde é academia ali... é academia ali ainda... é? onde era a ()... perto do Elias Borges...

ENTREVISTADORA: é uma academia... do marido da Evalda... se concentrava naquela rua ali o comércio... né? ()

ENTREVISTADA: pois é... ali era o (BAG)... é... concentrava ali... a Floriano Peixoto... ()

ENTREVISTADORA: então... a senhora atuou a vida inteira na escola pública... a senhora tem consciência disso? Como a senhora vê a escola pública? Qual o sentimento que a senhora tem diante da escola pública? A escola pública é importante? Ela faz o papel dela?

ENTREVISTADA: não... eu não discordo... eu concordo que a escola pública... quando ela é bem... quando seus docentes ou a administração () realmente... () ... e quando nós temos professores realmente responsável... que tenha consciência da sua obrigação como educador... que não seja só um professor... mas que ele seja também educador... então a escola pública é muito importante na vida do estudante... ele dá oportunidade... isso se o professor... educador... trabalhar em cima disso... agora se o professor se deixar levar por essas coisas que o governo faz... o desincentivo.. ele não incentiva tanto... as falácias por aí...que o professor é incapaz... e se o professor se deixar levar... aí então a escola pública termina ficando lá embaixo... mas... escola particular não significa sinônimo de aprendizado verdadeiro... e a escola pública... claro que também não é sempre... assim como a escola particular... nem todas significam realmente ensino de qualidade... a escola pública também não... mas se nós tivermos realmente educadores capazes... que tenha consciência do seu papel de educador... a escola pública vai muito além... sabe? digo isso... meus filhos... todos dois estudaram em escola pública... começaram estudar com sete anos... porque eu fiz questão deles só brincarem até sete anos... quando iam completar sete anos botei em escola pública... fizeram... e nunca ficaram reprovado... bonitinho... bacaninha... foram pro instituto também... fizeram... primeiro vestibular... não tinham nem terminado as provas finais... no instituto... meu mais velho... no primeiro vestibular pra arquitetura... passou na federal... passou na federal... trabalha na SEDUC... tem o escritório particular dele e trabalha na SEDUC... o outro também... da mesma forma... prestou vestibular pra engenharia ambiental... na federal também... passou... então eu não vejo a escola pública tão desqualificada... ou sem qualidade... as vezes nós podemos ter alguns profissionais não tão responsáveis... pode ser que seja isso... () mas isso são as consequências do salário... consequência daquilo... daquilo outro... e a gente as vezes termina se revoltando e deixando as coisas... essa politicagem... esses pacotes que o governo faz... termina chegando na escola elaborado... quando eu trabalhava eu dizia que parecia que quem fez esse pacote nunca trabalhou na educação e chega querendo descer de goela abaixo no educador que tem consciência... que sabe o quê que é sala de aula... aí se você tem consciência e responsabilidade... só põe na boca mas não desce goela abaixo... você... na sua sala de aula... faz o serviço bem feito pra que tenha sucesso... agora se você já tá cansado de tanta coisa... mete de goela abaixo... passa os alunos sem saber de nada... porque é isso que o governo quer... então vou fazer isso... e não é esse nosso papel de educador... não é esse...

ENTREVISTADORA: tem alguém... alguma história... algum acontecimento que a senhora tenha vivido na escola que lhe marcou e lhe marca até hoje? que a senhora conta como exemplo... que serve como inspiração pra senhora ou que seja motivo de orgulho... tem algum acontecimento que a senhora queira me contar?

ENTREVISTADA: é muitas coisas... embora assim... no momento eu não consigo distinguir... mas eu sempre... foquei no meu trabalho... além de conteúdo... eu sempre foquei que os alunos aprendessem a ser gente... eu lembro uma vez... a Mariana ()... a Mariana do Edésio... ela fazia a quinta série... naquela época... chamava quinta série ainda... eu não sei quantos aninho ela tinha... talvez uns dez anos... ela hoje é médica... em Goiânia faz residência em Goiânia... eu cheguei pra dar aula de história... aí eu cheguei dei bom dia... fizemos nossa oraçãozinha... sempre fazia oraçãozinha com eles... eu lembro um dia desse... mudando um pouquinho... a minha colega mandou uma musiquinha... " alô bom dia como vai você"... ah eu lembrei dos meus alunos na sala de aula... cantava muito essa musiquinha com eles... aí eu cheguei fiz essa atividade... aí não sei o que foi... ela olhou pra mim assim e disse... " professora a senhora é muito gaiata"... porque menino eu sou gaita? " professora... porque a senhora não só professora... a senhora também e educadora... a senhora ensina a gente... não é só o conteúdo de história... ensina conteúdo pra vida da gente"... eu achei tão bonitinho ela falar isso... achei muito interessante... no outro dia... não sei se eu tenho esse cartãozinho também... outro dia eu encontrei... eu já tava aposentada quando a aluna mandou um cartãozinho dos professores pra mim... ela falou exatamente isso também... que nas nossas aulas... ela não aprendia só história... ela aprendia também a viver... que me preocupava muito... em ensinar o aluno a viver a vida lá fora... como que era... achei bonitinho... principalmente na aula de história... os princípios... são os valores... né... eu me preocupava muito com isso... eu acho talvez pelo fato... ter as vezes aqui acolá sentida desvalorizada por alguém... e aí eu... jamais... eu tinha essa grande preocupação... de não reproduzir isso... sempre reproduzir coisas boas na vida dos meu alunos... que sonhassem... que eles tivesse chance de chegar até lá... e isso eu tenho muito orgulho... que olho assim ao meu redor... vejo você... vejo a Bernadete... vejo a ()... vejo Eliana... vejo tantos alunos:: tantos alunos não... tantos profissionais... com tanta responsabilidade... com tanta competência... que passaram pelas minha mãos... com a minha contribuição...

ENTREVISTADORA: e depois que a senhora se aposentou... qual foi... impactou... a senhora teve dificuldade de lidar com a aposentadoria... o quê que senhora senti falta com relação ao trabalho?

ENTREVISTADA: hum sim... isso eu sei falar direitinho... o que eu sinto falta... é da minha sala de aula... do convívio com meus alunos... é... assim... porque era uma troca de aprendizado... eu aprendia tanto com eles... eles aprendia comigo... sabe... então era uma aconchego muito gostoso a sala de aula... as vezes a relação com os colegas agente lembra... mas não é tão... marcante... até porque quando aposentei... praticamente só tinha gente nova na escola... não nova de idade... além de idade... nova que chegou esses dias na escola... não tinha raiz mais com a gente... tá entendendo? então não tinha muito esse elo... poucos... ficaram pouco... Dorinha... () na diretoria...poucos... Diná tava em outra escola... então eu lembro quando aposentei... tinha pouquinho... tivesse umas cinco colegas... de trabalho... era pouco... agora meus alunos... eles fizeram muita falta pra mim...

ENTREVISTADORA: e hoje a Senhora... que forma que a senhora usa seu tempo de aposentada?

ENTREVISTADA: agora:: sinceramente... sou muito acomodada... é isso que eu digo... eu sou muito acomodada... eu não me preocupo... ah tô perdendo tempo... acha as vezes até pecado... eu digo assim... em me preocupar de fazer outras coisas... eu não me cansei ainda de tá aposentada... eu não me cansei... de jeito nenhum... não tem hora pra nada... acordo/ todo/ assim que aposentei... na hora que a sirene tocava lá... eu digo" oh meu Deus... graças a Deus eu não preciso ir pra escola... não preciso ir pra escola..." então... eu passei a cozinhar melhor... pra

mim... passei a fazer as minhas dietinhas... bonitinhas... como bastante saudável... porque nas salas de aula não tem como... você chega correndo... come engolindo... aí volta de novo... né? e aí... eu aproveito meu tempo pra isso... pra ler... ler ultimamente... não tô lendo...

ENTREVISTADORA: a senhora gosta de ler? o quê que a senhora lê?

ENTREVISTADA: adoro... eu leio muito romance... histórias... gosto muito... gosto de ler... tudo que aparece na minha frente...

ENTREVISTADORA: qual romance a senhora gosta de ler? esse romance da literatura ou esses best-sellers... esses novos romances?

ENTREVISTADA: esses novos romances... mas da literatura também eu gosto... gosto muito de ler Augusto Cury... gosto muito de ler... a Clarisse Lispector também gosto de ler... e assim eu leio muito... agora ultimamente não tô lendo nada... porque infelizmente a minha cirurgia no meu olho não me permite... eu tô aqui como quem tá cheio de lágrimas... não sei se você percebe... mas pra mim parece que tá molhado... cheio de lágrimas... não sei se você percebe... fica todo molhado... escorrendo ... leio mal a bíblia... e olha lá... um pouquinho por dia... palavras cruzadas adoro muito... caça palavras... joguinho no celular as minhas (noras) bota pra mim... não uso muito porque minha vista está muito ruim

ENTREVISTADORA: você chegou a usar tecnologia nas suas aulas de história?

ENTREVISTADA: o que fez eu fugir e me aposentar mais rápido... meu amor... a tecnologia... porque eu num acompanhei a tecnologia... eu num falei que eu sou bastante acomodada... me acomodei e deixei passar... aí o diário já tava se tornando eletrônico... eu tinha que ficar pedindo alguém pra me ajudar... eu tinha computador em casa... mandei para o s meus meninos ... aí depois compraram outro lá... mandaram de volta para mim... aí vinha as pessoas aqui pra casa... pra me ajudar... e isso foi se tornando um fardo pra mim...

ENTREVISTADORA: teve dificuldade... né?

ENTREVISTADA: a dificuldade... da tecnologia... agora quando eu estagiei com as minhas imagens... aí eu trabalhei muito... mas sempre tinha uma pessoa pra fazer... pra mim direitinho... pra passar... no retroprojeto pras crianças... trabalhei bonitinho... mas sempre tinha que ter uma pessoa ali... me orientando... me ajudando... fazendo praticamente pra mim... e eu só por conta de explicar... aí hoje mesmo... meus filhos falam muito... "mamãe... a senhora precisa perder esse medo... mamãe pega o celular aqui e vai pesquisando..." ... "menino... eu tenho medo... eu tenho medo..." então eu tenho muito medo do desconhecido... tanto é que eu fiz um propósito de não te perguntar o quê que cê queria... eu deixei chegar... porque se eu fosse te perguntar... eu iria ficar preocupada... então deixa... vou ver o quê que ela tá querendo comigo... e controlei... não me preocupei... deixa ver o que vai acontecer... eu tenho muito medo... a minha nora faz um curso lá em Palmas... () aí todo dia de noite ela ()... aí anteontem o cara falou uns quinze minutinhos... live... é? live... aí o cara falou... o quê que cê precisa? aí na minha (cabeça) eu digo... "eu tenho medo... eu preciso ser mais corajosa... eu preciso vencer esse medo do desconhecido..." eu fazia leitura na igreja... não faço mais... porque eu morro de medo de errar... eu não assisto nem missa... quando me dá uma leitura... antes de chegar minha hora eu tô me tremendo e depois tô muito mais... então eu não vou ler... pra quê? pra passar mal? mas eu preciso superar isso... eu achou que eu hoje aqui... eu tô tirando até de letra... porque eu tô dando

conta... porque outra vez... eu tremia tanto... mas eu fiz um propósito... eu vou vencer... eu não vou perguntar... deixa chegar... eu vou enfrentar...

ENTREVISTADORA: pois a gente vai ter outras vezes... espero... poder contar com a senhora outras vezes... porque a gente já tem quase uma hora... não vou lhe cansar mais... e a memória é assim... um dia ela dá uma coisa pra a gente... outro dia ela dá outra... eu vou transcrever essa nossa conversa de hoje... vou mandar pra senhora ler... depois a senhora vai assinar um documento me autorizando publicar... o objetivo não é avaliar se a senhora foi boa ou não... é registrar sua memória... é registrar a memória das minhas professoras... essas mulheres... professoras... aqui no extremo norte... que era um lugar muito inacessível... longe... difícil... né?

ENTREVISTADA: e agora... outra coisa que me inspirou muito também... na sala de aula... lembrei de uma professora que eu tive na sexta série em Goiânia... (Lezia)... o nome dela era (Lezia)... que pena que eu não tenho aquele caderninho mais que ela escreveu pra mim... era uma moça morena... alta... assim como você... muito bonita... ela era de Morrinhos... ela trabalhava em Goiânia... e:: ela era uma professora extraordinária... muito legal... me inspirava muito nela... na minha sala de aula... eu me inspirava muito nela... ela dava toda essa oportunidade... pra a gente... falar... expressar... ser o que você é... não ter medo... porque o aluno precisava disso e daquilo... e andava sempre muito bem arrumada... cê acredita que eu fiz o ginásio em escola particular em Goiânia? porque... a mulher que eu fui morar com ela... ela me colocou numa escola particular... não sei o porquê... e aí com o passar do tempo... um ano... acho que um ano... ela resolveu me pagar salário... ela pagava a escola... aí depois ela disse que eu não estava sendo muito interessante... que eu tava... digamos preguiçosa... aí ela passou a me dar um salário e eu pagar a escola pra eles... aí eu comecei... eu lembro que naquela época era conquista não sei o quê... será que era Cruzeiro? acho que era Cruzeiro... Cruzeiro... e eu estudei na escola particular o ginásio todinho...

ENTREVISTADORA: a senhora lembra da escola?

ENTREVISTADA: era Colégio Cruzeiro do Sul... era numa pracinha... no setor sul... na rua oitenta e cinco... perto da casa onde a gente morava... a gente morava no setor sul... não lembro o nome da rua...

ENTREVISTADORA: era parente da senhora?

ENTREVISTADA: não...

ENTREVISTADORA: e como é que a senhora foi parar lá?

ENTREVISTADA: ela é filha aqui de Araguatins... e a minha mãe era muito amiga da mãe dela... () e ela tinha uma irmã muito legal... minha professora também... muito boa... professora do primário... e o sonho da mamãe era a gente estudar... e ela não queria nem saber... queria que a gente estudasse... aí surgiu essa oportunidade... ela queria por que queria que eu fosse... eu não tava muito a fim de ir... porque eu não queria sair de casa... né? era uma menina doente... até meus catorze anos eu sofria asma... só que eu já tinha dezessete anos nessa época... graças a Deus eu não tinha mais asma nessa época... mas dos dois meses até meus catorze anos eu sofria asma... e aí eu fui... com ela... eu não queria ir... eu digo... "eu vou..." aí lá eu passei um pouquinho baixo... mas eu pensava nisso aí... se eu voltasse - aqui tinha o ginásio o ginásio... era do padre João... o que construiu o Dom Orione... a maternidade em Araguaína... o padre João... era o ginásio Santa Paz... nessa época... - meus pais não podiam pagar... depois que eu tava lá que eu comecei estudar que eu vi que era bom... eu digo... "eu vou passar por cima de

tudo isso e eu vou estudar... " eu fiquei lá até Junho de setenta e quatro... quatro anos de ginásio... né? aí em Junho ela veio... me devolveu pra minha mãe... falando aquilo que eu te falei... né? sumde algumas pessoas... pra eu voltar pra eu continuar... pra terminar meu ginásio... e aqui minha mãe fez uma vaquinha... já que Joaquim ia também... fez uma vaquinha e me levou de novo... aí lá eu tentei trabalhar no comércio... mas aí salário pagava escola.. ajudava na despesa que morava... aí eu fiquei sabendo que tinha uma senhora que tava precisando de uma pessoa... pra trabalhar na casa dela... que a mulher que eu tava na casa dela ...me levou lá pra essa senhora... me levou lá... aí lá eu soube o que é ser gente... aí lá eu trabalhava... na casa... mas a mulher e o dono da casa me respeitava como gente... como pessoa... eram jovens... não jovem... eu acho que ela já tinha mais de trinta anos... não lembro... mas até hoje a gente tem contato... o menino dela eu conheci esses dias lá em Palmas... reconheci... fiquei sabendo que ela é urologista... e aí eu procurei saber ele ficou sabendo e mandou me chamar lá na sala dele... aí foi bom demais... essa família... minha segunda mãe... a casa grande... ela me liga ... disse que o marido dela já morreu tem três anos... fiquei sabendo agora... mas agora mesmo no natal ela me ligou... ela não tem WhatsApp... só telefone fixo... é alguma coisa... e aí quando eu fui pra essa casa... a minha vida mudou completamente... lá eu terminei o ginásio... fiz contabilidade... eles que incentivaram eu fazer..]

ENTREVISTADORA:] não tinham filhos?

ENTREVISTADA: tinham filho... depois que eu estava lá teve outro... teve mais uma filha... me incentivaram fazer Psicologia... aí ela dizia assim... "Maurício... a Dene tem que fazer direito..." ele dizia... "tu já viu gente direita fazer direito... Vilma? só faz Direito quem é torto..." ((risos)) ... ele era engenheiro civil... trabalhava na (SIPLAM)... mas muito bons comigo... muito bons... eu não sabia o que era salão... ela me levava no salão... tudo... um final de semana era meu em casa e outro final de semana eu podia ir pra onde eu quiser... então... lá era outra vida... lá eles ne incentivaram fazer esse vestibular pra psicologia...estavam arrumando emprego pra mim na (LBA)... mas foi a época que eu voltei pra cá e eu não voltei mais pra lá... voltei só pra... fui lá uma vez passear... eu já tava sendo professora... fui lá fazer um cursinho de quinze dias aí fui lá na casa deles... mas aí é isso aí... sabe? a vida da gente é isso...

ENTREVISTADORA: eu sou muito grata de a senhora partilhar ela comigo...

ENTREVISTADA: e aí essa professora (Lezia) marcou muito... muito bem arrumada... tanto é que você vê... eu sempre ia pra escola parecendo burro de frente... e aí também quando essa professora saiu ia outra professora... a bichinha ia mal arrumada... só de tênis... as roupinhas simples... botaram pra correr essa professora... eu sempre tinha esses dois mundos na minha mente... como professora.. eu tenho que ir bem arrumada... porque o professor feio... mal arrumado... conteúdo chato na frente dos alunos... pelo amor de Deus... tem que ter pelo menos uma coisa assim... um atrativo... () ontem uma colega veio aqui e trouxe um brinco pra mim... porque eu fiz aniversário agora dia vinte e cinco... aí ela disse assim... "professora eu trouxe... mas a senhora nem usa mais..." eu digo... "é minha filha... eu quase não uso... eu me emperiquitava pra ir pra sala de aula... não vou mais pra sala de aula... aí eu não me emperiquito mais..." era colar... era anel... era brinco... era tudo... cabelo e unha duas vezes na semana... que eu fazia... era impecável... porque eu achava que os meus alunos mereciam eu ir bonita... eu não aguentava ver um professor mal arrumado diante dos alunos... eu acho até um desrespeito ir de qualquer jeito... não... pelo amor de Deus... tem que ir bonitinho... arrumadinho... não precisa ir com roupa de marca... mas vai bonitinho...

ENTREVISTADORA: muito obrigada... a gente vai encerrar por hoje... mas querendo ficar mais... mas eu não vou explorar mais... até porque tenho um compromisso com o Chico ainda hoje... () a gente tem um projeto juntos...

ENTREVISTADA: pois é... minha filha... eu peço desculpas se por acaso não tiver assim... bacana... mas...]

ENTREVISTADORA: foi lindo...

ENTREVISTADA: assim... eu fico agradecida... sou muito grata... você me procurar pra a gente falar alguma coisa... sabe?

ENTREVISTADORA: a gratidão é minha... a professora Eliana falou... "vamos juntar todo mundo..." eu disse... "meu desejo... juntar tudo no Leônidas um dia..."

ENTREVISTADA: ah... a Eliana é uma amiga que vou te contar... viu? só que é aquela amiga que a gente quase não se encontra... mas é amiga... ()

ENTREVISTADORA: e ela tem esse mesmo amor pela senhora... pois muito obrigada... de verdade... olha... a gente conversou uma hora e nove minutos... e aí eu vou transcrever... mostrar pra senhora... tudo o que eu precisava ouvir... tudo importante pra mim... e aí eu quero ter outras oportunidades... de continuar lhe ouvindo...

ANEXO - NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE TEXTOS ORAIS

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	saímos com o e dizia assim olha vai custar tanto... (mas os daqui) não há problema...
Truncamento	/	sim ahn é... mas tem ge/ tem... cara que às vezes vai num restaurante é bacana né?
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	bom mas eu acho que ginástica em () deve solucionar esse problema né?
Entonação	maiúsculas	já que o ginásio vai TANta coisa boa...acho que não custa pôr uma banheira térmica ali
Alongamento de vogal e consoante (como s, r)	Poden::do muito sua::ve	acho bacana à beça a pantalona viu? né? calça com a boca bem larga... bem cintura::da entende?
Silabação	-	CAMpos... espetaculares não tinha deserto... mas uma COIsa assim fan-TÁs-ti-ca um negócio
Interrogação	?	e quanto a frutas verduras assim o que vocês preferem?
Qualquer pausa	...	leva todo o período de aula... só... subindo e descendo escada
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	aqui vai melhor assim... bom... eu te digo o seguinte... ((pigarro)) tu acharias que:: todas as nossas aulas...
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	- -	também a comida vinha:: - era muita gente, né? muitos atletas - e a comida vinha de São Paulo
Superposição simultânea de vozes	[Ligando linhas	é difícil de explicar assim [porque tu queres ver uma coisa
Citações literais ou leitura de textos durante a gravação	“ ”	um cara... me atacou... “que que eu faço pra tirar a barriga?” eu digo pára de tomar chope...

Fonte: Normas adotadas pelo Projeto NURC/RJ

OBSERVAÇÕES

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (UPF, UFRGS, etc.)
2. Fáticos: ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá.
3. Números: por extenso
4. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)
5. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh::... (alongamento e pausa)

Não se utilizam sinais de pausa típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.